

LIVRO 1 – Questões objetivas
Português - Frente 1 - Capítulo 1

► A questão 34 toma por base duas passagens do livro *A linguagem harmônica da Bossa Nova*, do docente e pesquisador da Unesp José Estevam Gava.

MOMENTO BOSSA NOVA

Nos anos 1940, o samba-canção já era uma alternativa para o samba tradicional, batucado, quadrado. Em sua gênese foram empregados recursos correntes na música erudita europeia e na música popular norte-americana. Já era algo mais sofisticado, praticado por compositores e arranjadores com maior preparo musical e sempre de ouvido aberto para as soluções propostas pela música estrangeira. O jazz, por exemplo, mais tarde permitiria fusões interessantes como o "samba-jazz" e o "samba moderno", com arranjos grandiosos e com base nos instrumentos de sopro. Mas, em termos de poesia e expressividade, o samba-canção tendia a manter seu caráter escuro, sombrio, com muitos elementos que lembravam a atmosfera tensa e pessimista do tango argentino e do bolero, gêneros latinos por excelência.

O samba-canção esteve desde logo ambientado em Copacabana, lugar de vida noturna intensa, boates enfumaçadas, mulheres adultas e fatais envoltas num clima de pecado e traição, enquanto a Bossa Nova ambientou-se mais para o Sul, em Ipanema, além de tornar-se representativa de um público mais jovem, amante do sol e da praia. Nesse ambiente solar, a mulher passou a ser a garota da praia, a namorada. Deu-se um descanso às imagens de "amante proibida e vingativa, com uma navalha na liga. E as letras da Bossa Nova não tinham nada de enfumaçado. Eram uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema" (Castro, 1999, p. 59).

A Bossa Nova levou aos extremos a tendência intimista de cantar sobre temas do cotidiano, sem muita complicação poética. Em vez da negatividade do samba-canção, explorou ao máximo a positividade expressiva e um otimismo sem precedentes. Esse foi o grande traço distintivo entre a Bossa Nova e o samba-canção. O otimismo diante do amor trouxe consigo imagens de paz e estabilidade possibilitadas por relacionamentos amorosos felizes e amores correspondidos, sem as cores patológicas e dramáticas que tanto marcavam os sambas-canções. Mesmo a dor, quando ocorria, era encarada como um estágio passageiro, deixando de assumir o antigo caráter terminal.

Em plenos anos 1950, quando nas rádios predominava o derramamento vocal e sentimental, Tom Jobim já buscava um retratamento expressivo pautado por um discurso poético/musical mais sereno, mais em tom de conversa do que de súplica. Se os mais jovens identificavam-se com essas coisas novas, os mais velhos e tradicionalistas viam-nas com estranheza, sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica.

José Estevam Gava. *A linguagem harmônica da Bossa Nova*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

34 Unesp 2011 ... sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica. Nesta passagem, a sequência não obstante a poderla ser substituída, sem prejuízo do sentido, por:

- (a) em função da.
- (b) apesar da.
- (c) graças à.
- (d) por causa da.
- (e) em relação à.

► A questão 35 toma por base um fragmento do livro *Comunicação e folclore*, de Luiz Beltrão (1918-1986).

O BUMBA-MEU-BOI

Entre os autos populares conhecidos e praticados no Brasil – pastorel, fandango, chegada, reisado, congada, etc. – aquele em que melhor o povo exprime a sua crítica, aquele que tem maior conteúdo jornalístico, é, realmente, o bumba-meu-boi, ou simplesmente boi.

Para Renato Almeida, é o "bailado mais notável do Brasil, o folguedo brasileiro de maior significação estética e social". Luís da Câmara Cascudo, por seu turno, observou a sua superioridade porque "enquanto os outros autos cristalizaram, imóveis, no elenco de outrora, o bumba-meu-boi é sempre atual, incluindo soluções modernas, figuras de agora, vocabulário, sensação, percepção contemporânea. Na época da escravidão mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo. Chibateava a cupidiez, a materialidade, o sensualismo de doutores, padres, delegados, fazendo-os cantar versinhos que eram confissões estertóricas. O capitão-do-mato, predador de escravos, assombro dos moleques, faz-sono dos negrinhas, vai 'caçar' os negros que fugiram, depois da morte do Boi, e em vez de trazê-los é trazido amarrado, humilhado, tremendo de medo. O valentão mestiço, capoeira, apanha pancada e é mais mofo que todos os mofinos. Imaginem a alegria negra, vendo e ouvindo essa sublimação aberta, franca, na porta da casa-grande de engenho ou no terreiro da fazenda, nos pátios das vilas, diante do adro da igreja! A figura dos padres, os padres do interior, vinha arrastada com a violência de um ajuste de contas. O doutor, o curioso, metido a entender de tudo, o delegado autoritário, valente com a patrulha e covarde sem ela, toda a galeria perpassa, expondo suas mazelas, vícios, manias, cacoetes, olhada por uma assistência onde estavam muitas vítimas dos personagens reais, ali subalternizados pela virulência do desabafo.

Como algumas outras manifestações folclóricas, o bumba-meu-boi utiliza uma forma antiga, tradicional; entretanto, fá-la revestir-se de novos aspectos, atualiza o entrecho, recompõe a trama. Daí "o interesse do tipo solidário que desperta nas camadas populares", como o assinala Edison Carneiro. Interesse que só pode manter-se porque o que no auto se apresenta não reflete apenas situações do passado, "mas porque têm importância para o futuro". Com efeito, tendo por tema central a morte e a ressurreição do boi, "cerca-se de episódios acessórios, não essenciais, muito desligados da ação principal, que variam de região para região... em cada lugar, novos personagens são enxertados, aparentemente sem outro objetivo senão o de prolongar e variar a brincadeira". Contudo, dentre esses personagens, os que representam as classes superiores são caricaturados, cobrindo-se de ridículo, o que torna "o folguedo, em si mesmo, uma reivindicação".

Sélvio Romero recolheu os versos de um bumba-meu-boi, através dos quais se constata a intenção caricaturesca nos personagens do folguedo. Como o Padre, que recita:

*Não sou padre, não sou nada
 "Quem me ver estar dançando
 Não julgue que estou louco;
 Secular sou como os outros".*

Ou como o Capitão-do-Mato que, dando com o negro Fidélis, vai prendê-lo:

*"CAPITÃO – Eu te atiro, negro
 Eu te amarro, ladrao,
 Eu te acabo, cão."*

Mas, ao contrário, quem vai sobre o Capitão e o amarra é o Fidélis:

CORO – Capitão de campo
Veja que o mundo virou
Foi ao mato pegar negro
Mas o negro lhe amarrou.

CAPITÃO – Sou valente afamado
Como eu não pode haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.

Luiz Beltrão. *Concepção e folclore*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

35 Unesp 2011 O capitão-do-mato, predador de escravos, assombra dos moleques, faz-sono dos negrinhos, vai “caçar” os negros que fugiram [...]

Nesta passagem, levando-se em conta o contexto, a função sintática e o significado, verifica-se que faz-sono é:

- (a) substantivo. (d) advérbio.
(b) adjetiva. (e) interjeição.
(c) verbo.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 36.

Crescia naturalmente
Fazendo estripulia,
Malino e muito arguta,
Gostava de zombaria.
A cabeça duma escrava
Quase arrebentei um dia.

E tudo isso porque
Um doce me havia negado,
De cinza no tacho cheio
Inda joguei um punhado,
Daí porque a alcunha
De “Menino Endiabrado”.

Prudêncio era um menino
Da casa, que agora falo.
Botava suas mãos no chão
Pra poder depois montá-lo:
Com um chicote na mão
Fazia dele um cavalo.

Vinícius Nazário. *Memórias pitagoras de Brás Cubas em cordel*.

36 Unifesp 2011 A versão modificada, adaptada à oralidade – como usualmente se dá na produção da literatura de cordel – apresenta termos semelhantes aos do texto original de Machado de Assis, que podem ser identificados em todas as palavras da alternativa:

- (a) malino, botava, inda, pra.
(b) estripulia, malino, inda, pra.
(c) estripulia, zombaria, inda, daí.
(d) zombaria, botava, inda, pra.
(e) malino, botava, zombaria, daí.

37 UTF-PR 2011 Nossa geração tem um papel fundamental: o de criar as estruturas **sobre as quais** se assentará nosso novo modelo de sociedade.

Veja online, 03 nov. 2009.

A alternativa que apresenta uma substituição adequada para a locução em negrito é:

- (a) nas quais.
(b) das quais.
(c) pelo que.
(d) para que.
(e) com as que.

► Texto para a questão 38.

COMPETIÇÃO E INDIVIDUALISMO EXCESSIVOS AMEAÇAM SAÚDE DOS TRABALHADORES

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta facetas como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades.

Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e Índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

²A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais”. Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

¹Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade.

³Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. ⁴Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: ⁵qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária.

“Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. ⁶A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Disponível em: <www.datadatasade.com.br>. (adapt.)

38 Uerj 2011 Na coesão textual, os pronomes podem ser empregados para fazer a ligação entre o que está sendo dito e o que foi enunciado anteriormente.

O pronome destacado que estabelece ligação com uma parte anterior do texto está na seguinte passagem:

- (a) “A configuração do mundo do trabalho é **cada** vez mais volátil” (ref. 2).
(b) “**Outra** grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores,” (ref. 3).
(c) “Trata-se de um cenário em que **todos** perdem,” (ref. 4).
(d) “[...] qual o tipo de desenvolvimento que **nós**, como cidadãos, queremos ter?” (ref. 5).

39 Ufac 2011 A alternativa em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

- (a) Dos quadris – ciático.
(b) De veias – venoso.
(c) De garganta – gutural.
(d) De chuva – plúmbeo.
(e) De prata – argênteo.

► Texto para a questão 25.

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: – O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: – Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisadas cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Viço, 15 jan. 2011.

25 Fuvest 2012 No trecho "dotadas da prerrogativa ou de competência", a presença de artigo antes do primeiro substantivo e a sua ausência antes do segundo fazem que o sentido de cada um desses substantivos seja, respectivamente:

- (a) figurado e próprio.
- (b) abstrato e concreto.
- (c) específico e genérico.
- (d) técnico e comum.
- (e) lato e estrito.

► Texto para a questão 26.

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior. *Evolução política do Brasil*. (Adapt.).

26 Fuvest 2012 O pronome "ela" da frase "Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções", refere-se a:

- (a) "desmedida ambição".
- (b) "Casa de Avis".
- (c) "esta burguesia".
- (d) "ameaça castelhana".
- (e) "Rainha Leonor Teles".

► Instrução: A questão 27 toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

UMA CAMPANHA ALEGRE, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder.. O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num numar de risos.*

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País..

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis..

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador..

*E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num chouto** tão triunfante!*

Eça de Queirós. *Obras*. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].

* Pala: bola.

** Chouto: troto maldoso.

27 Unesp 2012 Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

- (a) *Há muitos anos que a política em Portugal apresenta..*
- (b) *Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder..*
- (c) *... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar..*
- (d) *.. são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos..*
- (e) *.. aos quatro cantos de uma sala..*

► Instrução: A questão 28 toma por base um artigo de Don Tapscott (1947-).

O FIM DO MARKETING

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tornando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

[..]

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do

desenvolvimento do produto. Produtos estão se tomando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos.

[...]

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de "preço", à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

[...]

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou marketplace) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou marketspace). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a marketface – a interface entre o marketplace e o marketspace.

[...]

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram "mensagens" unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a "opinião pública" online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

Don Tapscott. *O livro do revolucionário*. INFO, São Paulo, Editora Abril, jan. 2011, p. 22.

28 Unesp 2012 São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a "opinião pública" online.

Nesta passagem do penúltimo parágrafo do texto, o autor repete por três vezes o pronome eles, para referir-se enfaticamente aos:

- (a) proprietários de lojas.
- (b) veículos de comunicação.
- (c) profissionais de relações públicas.
- (d) consumidores online.
- (e) fabricantes dos produtos.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 29.

CHOVE CHUVA, CHOVE SEM PARAR

O óbvio, o esperado. Nos últimos dias, o comentário que teimou e bateu ponto em qualquer canto de Curitiba, principalmente nos botecos, foi um só:

–Mas que chuarada, né?

De olho no nível das águas do pequeno riacho que passa junto à mansão da Vila Piroquinha, Natureza Morta procurou o lado bom de tanta chuva ininterrupta.

Concluiu que, pelo excesso de uso, dispositivo sempre operante, o tempo fez a alegria do pessoal que conserta limpador de para-brisa. Desse pessoal e, nem tanto, de quem vende guarda-chuva. Afinal, do jeito que a coisa andava, agravada pelo frio, a freguesia – de maneira compulsória – praticamente desapareceu das ruas.

Goanta de Fone, 02 ago. 2011.

- 29 Unifesp 2012** As expressões no texto utilizadas como equivalentes são:
- (a) óbvio e comentário (ambas no 1º parágrafo).
 - (b) teimou e bateu ponto (ambas no 1º parágrafo).
 - (c) sem parar (no título) e ininterrupta (no 3º parágrafo).
 - (d) chuarada (no 2º parágrafo) e águas (no 3º parágrafo).
 - (e) pelo excesso de uso e de maneira compulsória (ambas no 4º parágrafo).

► Instrução: As questões 30 e 31 baseiam-se no texto a seguir.

O crack vicia para sempre na primeira vez em que seus componentes químicos inundam o cérebro do usuário. A pessoa passa a roubar e matar, se preciso, para satisfazer as demandas psíquicas e físicas impostas pela abstinência. Famílias inteiras são tragadas pelas assustadoras crises dos viciados, _____ fúria desfaz os laços domésticos mais estáveis, renega as normas básicas da convivência social e anula mesmo a educação mais primorosa.

_____ isso, as autoridades em Brasília sentem-se modernas e libertárias ao atender a anseios dos organizadores das "marchas da maconha". Tudo a favor da liberdade de expressão, mas sem esquecer que as drogas leves são a porta de entrada para o crack e sua trágica rota sem volta.

Uga, 22 jun. 2011. (Adapt.)

- 30 Unifesp 2012** As lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, por:
- (a) de que a – Sobre
 - (b) que a – Para
 - (c) cuja – Enquanto
 - (d) em que a – Com
 - (e) onde a – Após

- 31 Unifesp 2012** Na passagem – ... e anula mesmo a educação mais primorosa. – o termo em destaque pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por:
- (a) provavelmente.
 - (b) até.
 - (c) propriamente.
 - (d) deveras.
 - (e) eventualmente.

► Texto para as questões 32 e 33.

A MINHA MÃE FALAVA SÉRIO!

– Isso aqui é um ¹chiqueiro! Não acredito que você trocou nossa casa superacolhedora, limplíssima e sempre arrumadíssima por essa ²poçilga. Fala sério, Maria de Lourdes! – exasperou-se minha mãe, mãos na cintura, a última vez que veio me visitar.

Eu nunca encontro palavras para dizer nessas horas. Durante seus ataques, prefiro me recolher ao mais puro silêncio de consentimento.

Estou há sete meses dividindo com a Helô e a Benê um ³ridiculamente pequeno apartamento.

Bem disse minha mãe, nada cabe no apartamento. Nada mesmo!⁴ Sinceramente, eu e as meninas mal cabemos no ⁵apartamento, como chamamos ⁶carinhosamente nosso lar-microlar.

Para piorar, a Helô é superbagueira, eu sou a megabagueira e a Benê é hiperbagueira. Benê, aliás, tem um outro probleminha que é ⁷bem chatinho: vive com o namorado antipático para cima e para baixo. Outro dia ⁸o sem graça me viu de calcinha e sutiã antes de uma festa. Quer mico maior que esse? Morri de vergonha. Ele morreu de rir. ⁹Palhaço!

¹⁰Morar longe de casa não tem sido exatamente o paraíso que eu imaginava, mas dias melhores virão. Serei efetivada no meu estágio (oba!), vou ganhar um salário decente e acho que logo, logo estarei pronta para alugar o meu próprio cantinho. Decidi: amo as meninas, mas quero, preciso morar sozinha. Pelo bem da nossa amizade.

Para dar uma ideia do ¹¹caos que é nossa convivência, outro dia cheguei em casa e vi repousando no chão da microssala, repetindo, no chão da microssala, vários, de novo, vários objetos. Foi difícil desviar deles. Primeiro, passei raspando por um CD do Nando Reis, depois, quase pisei na caixa do CD do Nando com um disco de funk dentro, na caixa do DVD de Sex and the City, numa lixa de unha, num papel de bala, num ventiladorzinho portátil, num tênis amarelo imundo, num pedaço de papel com um número de telefone anotado e em entupidos sacos de roupa suja.

– A gente precisa comprar uma máquina de lavar roupa para essa casa! Ou tomar vergonha na cara e lavar a roupa! A gente não pode achar normal esses sacos estarem no meio da sala há uma semana! – reclamei, antes de dizer boa-noite para as minhas amigas.

– Não cabe máquina de lavar aqui no apartamento – disseram-me as duas ¹²calmamente.

A casa estava um horror.

Nós três somos terríveis juntas.

A Helô, então, é sem noção. É capaz de deixar durante dias uma maçã comida sobre a pia da cozinha.

Isso porque a lixeirinha fica ao lado da torneira.

Andando irritada, pisei forte e ouvi um nítido e crocante “crééc”.

– Quanto farelo, gente! Quem foi que comeu biscoito sem pratinho embaixo? Cadê o aspiradorzinho que a minha mãe deu pra gente?

As duas começaram a rir.

Permaneci séria, ¹³eu estava muito brava, muito brava.

– Malu! Desestressa! – disse Helô.

– Comemos sem pratinho, sim, depois a gente limpa – completou Benê.

– Depois quando?

– Depois...

– Que biscoito foi? De polvilho? – eu quis saber.

– Arrã – fizeram as duas, sapecas.

– Tem ainda? – Rendi-me à gula e à bagunça.

Comi o último do pacote e acabei rindo com elas. Eu até gosto de bagunça. Sempre gostei.

Mas o apê estava tão bagunçado que tinha ultrapassado até o meu nível permitido de bagunça.

– Pô, gente, assim não dá! A gente precisa tomar vergonha na cara. Nossa casa está uma ¹⁴zona!

Thalita Rebouças. Fala sério, professor! Rio de Janeiro: Rocco, 2006. (Adapt.).

32 UEM 2012 Os vocábulos que se utilizam para fazer referência a seres, lugares, eventos podem não apenas nomeá-los, mas também demonstrar o que se pensa sobre eles. Assinale o que for correto a respeito dos vocábulos utilizados no texto.

- 01 Ao afirmar que o apartamento onde a filha mora é um “chiqueiro” (ref. 1), a mãe da narradora personagem Malu emprega uma metáfora, utilizando o conhecimento extralinguístico que se tem de um curral de porcos.
- 02 Um recurso utilizado pela autora do texto consiste em utilizar substantivos com função de adjetivo, como em “pocilga” (ref. 2), “o sem graça” (ref. 8), “Palhaço” (ref. 9).
- 04 Ao afirmar que “Morar longe de casa não tem sido exatamente o paraíso que eu imaginava” (ref. 10), a narradora personagem Malu utiliza o vocábulo “paraíso” no sentido de lugar ideal, de felicidade.
- 08 Os vocábulos “caos” (ref. 11) e “zona” (ref. 14) são utilizados pela narradora personagem Malu com sentidos semelhantes.
- 16 Ao empregar o vocábulo “apartamento” (ref. 5), a narradora personagem Malu cria um novo vocábulo por meio da proximidade dos significados dos vocábulos “aperto” e “apartamento”.

33 UEM 2012 Assinale o que for correto a respeito do uso dos advérbios no texto.

- 01 Na expressão “Fala sério” (ref. 2), o adjetivo funciona como advérbio mesmo sem a adição do sufixo *-mente*.
- 02 Os advérbios “ridiculamente” (ref. 3), “Sinceramente” (ref. 4), “carinhosamente” (ref. 6) e “calmamente” (ref. 12) são formados pelo acréscimo do sufixo *-mente* à forma feminina de adjetivos.
- 04 No trecho “eu estava muito brava, muito brava” (ref. 13), a autora utiliza-se de dois recursos para indicar quão brava estava a personagem Malu: advérbio intensificador e repetição.
- 08 Em “Morar longe de casa não tem sido **exatamente** o paraíso que eu imaginava” (ref. 10), o advérbio em negrito é utilizado para especificar uma circunstância de lugar.
- 16 Em “**bem** chatinho” (ref. 7), o advérbio em negrito indica circunstância de modo.

► A questão **34** toma por base duas passagens do livro *A linguagem harmônica da Bossa Nova*, do docente e pesquisador da Unesp José Estevam Gava.

► Instrução: A questão **16** toma por base um poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Montreal.

JESUS PANTOCRATOR

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Montreal, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquele face austera, aquele olhar treveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina.

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos de Santo Stefano Rotondo;
Este do mundo antigo espedaçado assoma.

Este não redimiui; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente os três coroas de Roma.

Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.

Pantocrátor: que tudo sabe, que governa tudo.
Bizantina: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.
Fresco: o mesmo que afresco, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.
Santo Stefano Rotondo: Igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (Stefano, em italiano), mártir do Cristianismo.
Anátema: reprovação anárgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

FIGURA DE CRISTO PANTOCRÁTOR



Catedral de Monreale, Itália.

16 Unesp 2013 O pronome demonstrativo este, empregado no início dos versos de números 9, 11 e 12, faz referência:

- (a) ao peito enorme do Pantocrátor.
- (b) a Santo Estêvão.
- (c) ao próprio eu lírico.
- (d) à figura de Jesus Pantocrátor.
- (e) a Satanás, o mestre das trevas.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **17**.

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está "condenado" a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à "interpretação": tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não verbal) e significação. Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o "império do verbal" em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

Eni Orlandi. As formas do silêncio, 1997.

17 Unesp 2013 Na oração do 4º parágrafo – [...] para que lhe seja atribuído sentido. –, o pronome "lhe" substitui a expressão:

- (a) um recobrimento.
- (b) uma redução.
- (c) linguagem e significação.
- (d) qualquer matéria significativa.
- (e) o silêncio.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **18**.

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossas batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na senhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradávels moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Joaquim Manuel de Macedo, A Moreninha, 1857.

18 Unesp 2013 Assinale a alternativa em que a eliminação do pronome em destaque implica, contextualmente, mudança do sujeito do verbo.

- (a) Ali vê-se um ataviado dandy [...].
- (b) [...] aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos [...].
- (c) O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo [...].
- (d) [...] mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente [...].
- (e) [...] daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala [...].

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **19**.

_____ dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um hacker invadiu e tomou conta de seu e-mail e – além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados

bancários – passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro.

Quando ela escreveu para seu endereço de e-mail pedindo ao hacker ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R\$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do e-mail porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

Golias, dezembro de 2011. (Adapt.).

19 Unifesp 2013 Assinale a alternativa em que, na reescrita do trecho, houve alteração da classe gramatical da palavra em destaque.

- (a) .. mas sua *identidade* virtual.
a = mas sua *identificação* virtual.
- (b) .. que desativou o processo de verificação de senha..
a = .. o qual desativou o processo de verificação de senha..
- (c) Só que não levaram *sua* carteira..
= Só que não levaram a carteira dela..
- (d) .. a jornalista *britânica* Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada.
a = a *britânica* Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada.
- (e) .. e ter acesso a seus dados *bancários*..
a = ... e ter acesso a seus dados do banco..

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **20**.

Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para outdoor, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: "Beba leite de cabra em pó!". Como todos rísem, o autor da frase emendou: "Beba leite em pó de cabra!".

Pior a emenda do que o soneto.

Riada de Barros Carne. Morfossintaxe, 1986. (Adapt.).

20 Unifesp 2013 Considere as seguintes passagens do texto:

–[...] é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

–Como todos rísem, o autor da frase emendou [...].

As conjunções destacadas expressam, respectivamente, relação de:

- (a) alternância e conformidade.
(b) conclusão e proporção.
(c) concessão e causa.
(d) explicação e comparação.
(e) adição e consequência.

21 UFG 2013 Leia o texto a seguir.

[...] No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Dal a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fassando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem trêguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

Alcides Azevedo. *Quartopó*. Rio de Janeiro: Otto Fierro, 1979. p. 44-5.

No trecho, as escolhas lexicais caracterizam as personagens como

- (a) transgressoras, conforme relata o trecho "as crianças não se davam ao trabalho de ir lá, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos".
- (b) seres inquietos, conforme indicam os sentidos produzidos pelos pares de valor semântico opositivo "abrir e fechar" e "entrar e sair".
- (c) contempladoras da natureza, conforme sugere a menção às aves em "grasnar de marrecos" e "cantar de galos".
- (d) animais, conforme demonstra a descrição das ações em "suspendendo o cabelo para o alto do casco" e "esfregam com força as ventas".
- (e) indiferentes, conforme mostra a avaliação de seu comportamento em "uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água".

O TRAPICHE

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alcerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros.

Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.

Jorge Amado. Capôtes do Anjo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 25.

Leia o trecho a seguir.

"Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico."

Sobre esses períodos, é correto afirmar que

- (a) o adjetivo **nostálgico** autoriza o leitor a inferir que todos os marinheiros eram nostálgicos.
- (b) as ações expressas pelas formas verbais **atracaram**, **trabalharam** e **cantou** nunca foram realizadas, ideia marcada linguisticamente pela palavra **não**.
- (c) as ações expressas pelas formas verbais **atracaram**, **trabalharam** e **cantou** já foram realizadas um dia, ideia marcada linguisticamente pela palavra **mais**.
- (d) a oração **que iam partir carregados** autoriza o leitor a inferir que todos os veleiros partiriam carregados.

23 UEA 2013 Considere as preposições destacadas de uma das estrofes do poema "Imigração", de Raul Bopp.

Virão barões assinalados e arruinados,
prostitutas jovens e de boas maneiras,
para casarem com filhos de fazendeiros de São Paulo.

Essas preposições estabelecem, respectivamente, entre as palavras, as ideias de

- (a) qualidade, finalidade e associação.
- (b) posse, consequência e conformidade.
- (c) qualidade, comparação e simultaneidade.
- (d) sucessão, finalidade e associação.
- (e) posse, comparação e simultaneidade.

LIXO É PROBLEMA DIRETAMENTE LIGADO À RIQUEZA E AO CONSUMO

Mais da metade da produção mundial de lixo urbano pertence aos cidadãos dos países desenvolvidos. A cada ano, 2,5 bilhões de fraldas são descartadas pelos britânicos, 30 milhões de câmeras fotográficas descartáveis vão para os lixos japoneses e 183 milhões de lâminas de barbear, 350 milhões de latas de spray e 2,7 bilhões de pilhas e baterias são destinadas aos lixões norte-americanos.

A organização indiana Centre for Science and Environment (CSE), que levantou esses dados, chegou à conclusão de que os países ricos são melhores produtores de lixo do que propriamente de bens de consumo. Os números também revelam uma faceta do sistema produtivo moderno: quanto mais abastada, mais lixo a nação produz.

O ambientalista Alan Thein Durning, diretor da Norwest Environment Watch, uma ONG norte-americana, associou o consumo crescente das nações ricas aos principais problemas ambientais do planeta. Durning dividiu o mundo em três grupos de consumo, de acordo com o impacto ambiental produzido por cada um. No topo da pirâmide, segundo o autor, está 1,1 bilhão de pessoas que andam de carro e avião, abusam dos produtos descartáveis e consomem muita comida embalada e processada. No meio, situa-se a maior parcela da população, com 3,3 bilhões de pessoas, que anda de ônibus ou bicicleta, vive de um consumo frugal e se alimenta de produtos e grãos produzidos localmente. Por fim, 1,1 bilhão de indivíduos que andam a pé e não têm acesso às condições mínimas para manter a própria saúde e vivem com uma dieta irrisória de grãos e sem água potável. Além da quantidade, a qualidade do lixo também pode identificar o grau de riqueza de seu produtor. O papel descartado, por exemplo, poderia ser um fiel indicador de desenvolvimento econômico de uma nação, segundo dados publicados pelo periódico britânico *The Economist*. Nos países de baixa renda, o papel responde por apenas 2% do lixo; nos de renda média, o percentual sobe para 14%; e nas nações ricas, os índices chegam a impressionantes 31%, quase um terço da montanha de lixo.

Para o engenheiro sanitário Paulo Roberto Moraes, da UFBA, "interesses poderosos não deixaram que o Brasil tivesse até hoje uma política nacional de tratamento de resíduos sólidos. Os projetos de lei que abordaram a questão não foram adiante", lamenta o engenheiro, para quem são necessárias mudanças educacionais e culturais em todos os níveis a fim de que o Brasil evolua nessa questão.

www.uesolve.com.br (Adapt.)

Assinale a alternativa em que o termo em destaque pode ser substituído, corretamente, pelo termo entre parênteses, preservando-se o sentido original do texto.

- (a) [...] abusam dos produtos descartáveis e consomem muita comida embalada e **processada**. (calórica)
- (b) [...] e vivem com uma dieta **irrisória de** grãos e sem água potável. (restrita a)
- (c) [...] que mantêm um consumo **frugal** e se alimenta de produtos e grãos produzidos localmente. (moderado)
- (d) [...] quanto mais **abastada**, mais lixo a nação produz. (desinformada)
- (e) Os números também revelam uma **faceta** do sistema produtivo moderno [...]. (incógnita)

9 Unesp 2014 Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

O período em destaque apresenta muitos ecos (coincidências de sons de finais de palavras). Uma das formas de evitá-los e tornar a sequência mais fluente seria colocar "conduzir", "tal", "quantidade produzida" em lugar de, respectivamente,

- (a) *direcionar, esse, produção.*
- (b) *decifrar, esse, solução.*
- (c) *direcionar, interesse, produção.*
- (d) *conseguiram, que, opção.*
- (e) *decifrar, interesse, maximizará.*

► A questão **10** aborda um poema de Raul de Leoni (1895-1926).

A alma das cousas somos nós..

*Dentro do eterno giro universal
Das cousas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual
Nada mais, na verdade,*

05 *Nunca mais se repete exatamente...*

*Sim, as cousas são sempre as mesmas na corrente
Que no-las leva e traz, num círculo fatal;
O que varia é o espírito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,
10 Que sempre as vive diferentemente,
E, assim, a vida é sempre inédita, afinal..*

*Estado de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e trêmulos, nuances
Suscetíveis, sutis, que fogem no líris*

15 *Da sensibilidade furta-cor...
E a nossa alma é a expressão fugitiva das cousas
E a vida somos nós, que sempre somos outros!...
Homem inquieto e vão que não repousa!
Para e escuta:*

20 *Se as cousas têm espírito, nós somos
Esse espírito efêmero das cousas,
Volúvel e diverso,
Variando, instante a instante, intimamente,
E eternamente,*

25 *Dentro da indiferença do Universal!...*

(Luzmeletreiro, 1965.)

10 Unesp 2014 Indique o verso em que ocorre um adjetivo antes e outro depois de um substantivo:

- (a) *O que varia é o espírito que as sente*
- (b) *Mas, se nesse vaivém tudo parece igual*
- (c) *Tons esquivos e trêmulos, nuances*
- (d) *Homem inquieto e vão que não repousa!*
- (e) *Dentro do eterno giro universal*

11 Unesp 2014



(<http://educacao.uol.com.br>. Adaptado.)

Para que a fala do pescador seja coerente, as lacunas do primeiro balão devem ser preenchidas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, com:

- (a) bocona – homão – rapazão.
- (b) bocão – homenzão – rapagão.
- (c) bocarra – homenzão – rapazão.
- (d) bocão – homenzarrão – rapazão.
- (e) bocarra – homenzarrão – rapagão.

► Leia o texto para responder às questões **12, 13 e 14**.

POETAS E TIPOGRAFOS

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe recebeu exercícios físicos, para "canalizar a tensão". João Cabral seguiu o conselho. Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal "ginástica poética", como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, "Editores Artesanais Brasileiros", de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos subscritores (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Léo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto "Com o Vaqueiro Mariano" (1952), de Guimarães Rosa. E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas vale.

(Rita Castro, Folha de S.Paulo, 17/08/2013. Adaptado.)

12 Unifesp 2014 Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça.

O trecho pode ser reescrito, sem prejuízo de sentido ao texto, por:

- Por ser vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico com crônica dor de cabeça.
- Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, como sentia dor de cabeça crônica, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico.
- Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico, mas era vítima de uma crônica dor de cabeça.
- Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, tão logo senti uma crônica dor de cabeça, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico.
- Embora fosse vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico sentindo crônica dor de cabeça.

13 Unifesp 2014 Na oração – como a chamava – (1.º parágrafo), o pronome retoma:

- ginástica poética.
- ave rara e fascinante.
- crônica dor de cabeça.
- prensa manual.
- tensão.

14 Unifesp 2014 Assinale a alternativa em que se analisa corretamente o fato linguístico do texto.

- No trecho – enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto – (2.º parágrafo), o pronome em destaque refere-se ao poeta João Cabral de Melo Neto.
- No trecho – O resto, dá ao autor. – (3.º parágrafo), a vírgula está indevidamente empregada, pois não se separam termos imediatos, no caso, sujeito e verbo da oração.
- No trecho – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho – (3.º parágrafo), o diminutivo do substantivo em destaque carrega-o de conotação afetiva.
- No trecho – João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas valeu. – (5.º parágrafo), o verbo valer está flexionado, concordando com a expressão João Cabral.
- No trecho – Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão – (1.º parágrafo), a expressão em destaque indica circunstância de conformidade.

► Leia o poema para responder à questão 15.

O NADA QUE É

*Um canavial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.*

*Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar*

*que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.*

*Ante um canavial a medida
métrica é de todo esquecida,*

*porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato*

*que dá esse efeito singular:
de um nada prenhe como o mar.*

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e de nada*, 1988)

15 Unifesp 2014 No título do poema – *O nada que é* –, ocorre a substantivação do pronome *nada*. Esse processo de formação de palavras também se verifica em:

- A poesia de João Cabral tem um **quê** de despoetização.
- Poema **algum** de João Cabral escapa de seu processo rigoroso de composição.
- Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral expressa o homem como **coisa**.
- A poética de João Cabral assume traços do Barroco **gongórico**.
- A arquitetura do poema em João Cabral define-lhe o processo de criação.

► Texto para a questão 1.

*Tomando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga
um casal de velinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho,
e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas
palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns
5 cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos,
a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma
boa roça.*

— Mas chegará, homem? perguntou a velha.

— Há de se espichar bem, mulher!

10 *Uma voz os interrompeu:*

— Por este preço dou eu conta da roça!

— Ah! É nhô Jão!

*Conheciam os velinhos o capanga, a quem tinham por ho-
mem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais
15 hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o
roçado.*

*Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram
entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no
afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de
20 velinhos e foi-se deixando-os embaçados.*

José de Alencar, *Til*.

* moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

1 Fuvest 2015 Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- Em “alcançou o capanga um casal de velinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- O verbo sublinhado no trecho “que seguiram diante dele o mesmo caminho” (L. 2) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas. (d) I e II, apenas.
(b) II, apenas. (e) I, II e III.
(c) III, apenas.

► A questão 2 toma por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926-2012).

A GENTE HONÓRIO COTA

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade – de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento – então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa – o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pemalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajazado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(Ópera dos mortos, 1970.)

2 Unesp 2015 Analisando o último período do terceiro parágrafo, verifica-se que a palavra "feito" é empregada como

- (a) advérbio. (d) adjetivo.
(b) verbo. (e) conjunção.
(c) substantivo.

► A questão 3 aborda um texto de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

CORRIDA – PROVA 1 500 METROS RASOS

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um sprint nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://hoiemo-de-corrida.fcd.com.br/>)

3 Unesp 2015 Observando as seguintes passagens do texto apresentado, marque a alternativa em que as duas palavras em negrito são utilizadas como advérbios:

- (a) "não correr o risco de ser surpreendido".
(b) "finge possuir energias que realmente não tem".
(c) "deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente".
(d) "nunca levar a cabeça para trás".
(e) "forte no restante da prova, sempre procurando dosar".

► Leia o texto para responder às questões 4 e 5.

VOCÊ CONSEGUIRIA FICAR 99 DIAS SEM O FACEBOOK?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma "olhadinha" no Facebook. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio Facebook. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no Facebook e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33.º dia, no 66.º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do Facebook gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em "atividades emocionalmente mais realizadoras".

(<http://aclogofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

4 Unesp 2015 Examine as passagens do primeiro parágrafo do texto:

- "Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio"
- "O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social."

A utilização dos artigos destacados justifica-se em razão

- (a) da generalização, no primeiro caso, com a introdução de informação conhecida, e da especificação, no segundo, com informação nova.
- (b) de informações novas, nas duas ocorrências, motivo pelo qual são introduzidas de forma mais generalizada.
- (c) de informações conhecidas, nas duas ocorrências, sendo possível a troca dos artigos nos enunciados, pois isso não alteraria o sentido do texto.
- (d) da retomada de informações que podem ser facilmente depreendidas pelo contexto, sendo ambas equivalentes semanticamente.
- (e) da introdução de uma informação nova, no primeiro caso, e da retomada de uma informação já conhecida, no segundo.

► Considere os enunciados a seguir para responder à questão 5.

- [...] ficar 99 dias sem dar nem uma "olhadinha" no Facebook. (1.º parágrafo)
- [...] que poderiam ser utilizadas em "atividades emocionalmente mais realizadoras". (4.º parágrafo)

5 Unifesp 2015 Analisando-se o emprego e a estrutura das palavras "olhadinha" e "emocionalmente", é correto afirmar que os sufixos nelas presentes indicam, respectivamente, sentido de

- modo e consequência.
- morosidade e intensidade.
- intensidade e causa.
- afeto e tempo.
- rapidez e modo.

► Leia o texto para responder à questão 6.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?"; a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vi envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passionnal". Cherchez la femme. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.*

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaçaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio.

* Cherchez la femme. Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. A confissão de Júlio, 2011.)

6 Unifesp 2015 Observe as passagens do texto:

- "Decerto que não me acreditam." (2ª parágrafo)
- "E um herói com seus laivos de mistério" (5ª parágrafo)
- "nada já nos fará oscilar." (6ª parágrafo)

No contexto em que estão empregados, os termos em destaque significam, respectivamente,

- eventualmente – características – mudar.
- imperiosamente – tipos – descobrir.
- ocasionalmente – vestígios – transformar.
- possivelmente – marcas – afastar.
- certamente – indícios – variar.

► Para responder à questão 7, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

Texto 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Wilda Pivan. <http://entertainmentao.com.br>)

Texto 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronald Bessane. <http://entertainmentao.com.br>)

Texto 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de "sagacidade". Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcelo Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

7 Unifesp 2015 Examine os enunciados:

- "Vamos para a rua protestar." (Texto 1)
- "Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes" (Texto 3)

O termo "para", em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- movimento e comparação.
- movimento e finalidade.
- conformidade e finalidade.
- tempo e comparação.
- modo e conformidade.

► Leia o trecho do conto "O mandarim", de Eça de Queirós, para responder à questão 8.

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a araz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as

magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da Ilustração Francesa. Tomou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmado sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o sublime Sr. Teodoro, cheguei a ser o celeste Sr. Teodoro; então, desvairada, a Gazeta das Locais chamou-me o extraceleste Sr. Teodoro! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

Eça de Queirós. O mandante, s.l.l)

8 Unifesp 2015 Assinale a alternativa que apresenta uma correta análise de passagem do texto.

- (a) Em "e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos" (1^o parágrafo), o termo em destaque pode ser substituído por "mesmo", sem prejuízo de sentido ao texto.
- (b) Em "derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão" (1^o parágrafo), o advérbio em destaque recupera a expressão "versos eróticos de Catulo".
- (c) Em "era logo ao outro dia uma carta em que a criatura" (3^o parágrafo), a expressão em destaque pode ser substituída, de acordo com a norma-padrão, por "cuja".
- (d) Em "olhando-a enfastiado das janelas da galeria" (2^o parágrafo), o pronome em destaque recupera o substantivo "Lisboa".
- (e) Em "que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce" (1^o parágrafo), a locução conjuntiva em destaque estabelece relação de tempo entre as orações.

▶ Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à questão 1.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traír sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, e a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Pano não esquecer*, 1999.)

¹facinora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acusado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

1 Unifesp 2016 Em "Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto" (1^o parágrafo), o termo em destaque constitui

- (a) um pronome.
- (b) uma conjunção.
- (c) um advérbio.
- (d) um artigo.
- (e) uma preposição.

► Texto para a questão 1.

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afincos e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do "escrever bem", o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schneiderman, *Dostoiévski Poesia*.

1 Fuvest 2017 O prefixo presente na palavra "transpostos" tem o mesmo sentido do prefixo que ocorre em

- (a) ultrapassado. (c) infracolocado. (e) introvertido.
(b) retrocedido. (d) percorrido.

► Texto para a questão 1.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar.

5 *Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.*

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior

15 *é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.*

Arnold Hauser, *Teoria da arte*. Adaptado.

1 Fuvest 2018 No trecho "Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna" (L. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- (a) realmente; portanto.
(b) invariavelmente; ainda.
(c) com efeito; todavia.
(d) com segurança; também.
(e) possivelmente; até.

► Textos para a questão 2.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseqüentemente, que sai quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim. Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa; a minha esperteza é que a amofina. Eu então respondo: "Se eu fosse preguiçosa não sei o que seria da senhora, meu pai e meus irmãos, sem uma empregada em casa".

Hidena Morley, *Minha vida de menina*.

2 Fuvest 2018 Nos dois textos, obtém-se ênfase por meio do emprego de um mesmo recurso expressivo, como se pode verificar nos seguintes trechos:

- (a) "Este último capítulo é todo de negativas" / "Eu não penso assim".
(b) "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento" / "Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos".
(c) "Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto" / "Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim".
(d) "qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra" / "Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa".
(e) "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria" / "Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz".

► Leia o excerto do "Sermão do bom ladrão", de Antônio Vieira (1608-1697), para responder às questões 3 e 4.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?". Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

[Essencial, 2011.]

3 Unesp 2018 "Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome." (1ª parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de

- (a) condição.
- (b) causa.
- (c) proporção.
- (d) consequência.
- (e) finalidade.

4 Unesp 2018 "[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...]" (3ª parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- (a) um artigo, um pronome e um pronome.
- (b) uma preposição, um artigo e um pronome.
- (c) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- (d) um pronome, uma preposição e um artigo.
- (e) uma preposição, um artigo e uma preposição.

5 Unicamp 2018



(Bruno Fonseca, Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/museumazzaropi/>. Acessado em 31/08/2017.)

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como "ontem", "hoje" e "amanhã"

- (a) mudam de sentido dependendo de quem fala.
- (b) adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- (c) deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- (d) evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

► Leia o soneto "Aquele triste e leda madrugada", do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão 6.

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

Soneto, 2001.

6 Unesp 2018 O pronome "Ela", que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- (a) "piedade".
- (b) "mágoa".
- (c) "saudade".
- (d) "claridade".
- (e) "madrugada".

► Leia um trecho do artigo "Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo", do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder às questões 7 e 8.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de "temporal". É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o "agora", o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo "clássico". A expressão "clássico" é usada em contraste com "quântico", a área da Física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

Folha de S. Paulo, 07.06.1998.

7 **Unifesp 2018** "Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no **seu** passado e no **seu** futuro." (2ª parágrafo) Os pronomes destacados no texto referem-se a

- (a) "separação".
- (b) "presente".
- (c) "caso".
- (d) "tempo".
- (e) "período".

8 **Unifesp 2018** Em "[Einstein] mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, **embora** esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia." (4ª parágrafo), a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- (a) visto que.
- (b) a menos que.
- (c) ainda que.
- (d) a fim de que.
- (e) desde que.

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 1

- 34. B
- 35. A
- 36. A
- 37. A
- 38. B
- 39. D
- 25. C
- 26. C
- 27. C
- 28. D
- 29. C
- 30. C
- 31. B
- 32. 13
- 33. 07
- 16. D
- 17. D
- 18. A
- 19. D
- 20. C
- 21. D
- 22. C
- 23. A
- 24. C
- 9. A
- 10. E
- 11. A e E
- 12. B
- 13. D
- 14. C
- 15. A
- 1. D
- 2. E
- 3. C
- 4. E
- 5. E
- 6. E
- 7. B
- 8. E

► Texto para a questão 52.

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Oswaldo Lorenzi. Dialética das relações sociais. Estudos Avançados, n. 50, 2004.

52 **Fuvest 2011** As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de anterioridade e contiguidade são:

- (a) "persistente" e "alteridade".
- (b) "discriminados" e "hierarquização".
- (c) "preconceituosos" e "cooperação".
- (d) "subordinados" e "diversidade".
- (e) "identidade" e "segregados".

► Texto para a questão 53.

**COMPETIÇÃO E INDIVIDUALISMO EXCESSIVOS AMEAÇAM
SAÚDE DOS TRABALHADORES**

[...]

Fim da especialização

²*"A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil", disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente especializados. "As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais." Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.*

[...]

Disponível em: <www.diariodosauda.com.br>. (Adapt.).

53 **Uerj 2011 (Adapt.)** Dentre as palavras usadas no texto para descrever o novo regime de trabalho, uma delas implica uma contradição nos próprios termos, ou seja, uma palavra cuja composição contém elementos que se opõem.

A palavra formada por elementos que sugerem sentidos opostos é:

- (a) polivalentes.
- (b) multifuncional.
- (c) ultraespecialização.
- (d) multiespecialização.

54 **Inspet 2011 (Adapt.)** Leia o texto a seguir.

A VOLTA DO CADERNO RABUGENTO

Não sei se vocês se lembram de quando lhes falei, acho que no ano passado, num caderninho rabugento que eu mantenho. Aliás, é um caderninho para anotações diversas, mas as únicas que consigo entender algum tempo depois são as rabugentas, pois as outras se convertem em hieróglifos indecifráveis [...], assim que fecho o caderno. Claro, é o reacionarismo próprio da idade, pois, afinal, as línguas são vivas e, se não mudassem, ainda estaríamos falando latim. Mas, por outro lado, se alguém não resistir, a confusão acaba por instalar-se e, tenho certeza, a língua se empobrece, perde recursos expressivos, torna-se cada vez menos precisa.

[...]

E devo confessar que fico com medo de que certas práticas deixem de ser modismo e virem novas regras, bem ao gosto dos decorebas. É o que acontece com o, com perdão da má palavra, anacolutismo que grassa entre os falantes brasileiros do português. Vejam bem, nada contra o anacoluto, que tem nome de origem grega e tudo, e pode ser uma figura de sintaxe de uso legítimo. O anacoluto ocorre, se não me trai mais uma vez a vil memória, quando um elemento da oração fica meio pendurado, sem função sintática. Há um anacoluto, por exemplo, na frase "A democracia, ela é a nossa opção". Para que é esse "ela" aí?

[...]

Finalmente, para não perder o costume, faço mais um réquiem para o finado "cujo". Tenho a certeza de que, entre os muito jovens, a palavra é desconhecida e não deverá ter mais uso, dentro de talvez uma década. A gente até se acostuma a ouvir falar em espécies em extinção, mas, não sei por que, palavras em extinção me comovem mais, vai ver que é porque vivo delas. E não é consolo imaginar que o cujo e eu vamos nos defuntabilizar juntos.

João Ubaldo Ribeiro. O Estado de S. Paulo, 18 jul. 2010.

No processo de formação das palavras, os sufixos desempenham importante papel na produção dos efeitos de sentido. Identifique, dentre as palavras extraídas do texto, aquela em que o sufixo não tem sentido pejorativo.

- (a) reacionarismo
- (b) modismo
- (c) decorebas
- (d) anacolutismo
- (e) defuntabilizar

► Texto para a questão 49.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçou-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo. O avô

49 Fuvest 2012 Destes comentários sobre os trechos sublinhados, o único que está correto é:

- (a) "tragava dois dedos de parati" (L. 2 e 3): expressão típica da variedade linguística predominante no discurso do narrador.
- (b) "pra cortar a friagem" (L. 3): essa expressão está entre aspas, no texto, para indicar que se trata do uso do discurso indireto livre.
- (c) "patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos" (L. 8): assume o sentido de "registravam oficialmente".
- (d) "posto que em detrimento das suas forças físicas" (L. 19 e 20): equivale, quanto ao sentido, a "desde que em favor".
- (e) "tomava-se [...] imprevidente" (L. 10 e 11) e "resignando-se [...] às imposições do sol" (L. 13): trata-se do mesmo prefixo, apresentando, portanto, idêntico sentido.

► Instrução: A questão 50 toma por base um artigo de Don Tapscott (1947-).

O FIM DO MARKETING

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tomando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

[...]

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tornando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos.

[...]

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de "preço", à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

[...]

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou marketplace) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou marketspace). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a marketface – a interface entre o marketplace e o marketspace.

[...]

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram "mensagens" unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a "opinião pública" online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

Don Tapscott. O fim do marketing. INFO, São Paulo, Editora Abril, jan. 2011, p. 22.

50 Unesp 2012 Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

O termo *marqueteiro*, presente nesta frase, foi formado em português por influência do inglês e tem como uma de suas acepções usuais:

- (a) consumidor de mercado.
- (b) construtor de marquises de lojas.
- (c) investidor do mercado financeiro.
- (d) profissional de *marketing*.
- (e) empresário de supermercado.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 51.

CHOVE CHUVA, CHOVE SEM PARAR

O óbvio, o esperado. Nos últimos dias, o comentário que teimou e bateu ponto em qualquer canto de Curitiba, principalmente nos botecos, foi um só:

– Mas que chuarada, né?

De olho no nível das águas do pequeno riacho que passa junto à mansão da Vila Piroquinha, Natureza Morta procurou o lado bom de tanta chuva ininterrupta.

Concluiu que, pelo excesso de uso, dispositivo sempre operante, o tempo fez a alegria do pessoal que conserta limpador de para-brisa. Desse pessoal e, nem tanto, de quem vende guarda-chuva. Afinal, do jeito que a coisa andava, agravada pelo frio, a freguesia – de maneira compulsória – praticamente desapareceu das ruas.

Gazeta do Povo, 02 ago. 2011.

51 Unifesp 2012 Analise as afirmações, com base na frase – *Mas que chuarada, né?*

- I. O termo *chuarada*, conforme o sufixo que o compõe, indica chuva em grande quantidade, da mesma forma como ocorre com os substantivos *papelada* e *criançada*.
- II. No contexto, o termo *Mas* deve ser entendido como um marcador de oralidade, sem valor adversativo.
- III. A frase não é, de fato, uma pergunta, pois traz a constatação de uma situação vivida. Portanto, funciona com valor fático, principalmente.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) III, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

48 Unifesp 2013 Examine a tira.



Folha de S.Paulo, 26 dez. 2011.

O efeito de humor na situação apresentada decorre do fato de a personagem, no segundo quadrinho, considerar que "carinho" e "caro" sejam vocábulos:

- (a) derivados de um mesmo verbo.
- (b) híbridos.
- (c) derivados de vocábulos distintos.
- (d) cognatos.
- (e) formados por composição.

► Texto para a questão 45.

A civilização "pós-moderna" culminou em um progresso inegável, que não foi percebido antecipadamente, em sua inteireza. Ao mesmo tempo, sob o "mau uso" da ciência, da tecnologia e da capacidade de invenção nos precipitou na miséria moral inexorável. Os que condenam a ciência, a tecnologia e a invenção criativa por essa miséria ignoram os desafios que explodiram com o capitalismo monopolista de sua terceira fase.

Em páginas secas premonitórias, E. Mandel* apontara tais riscos. O "livre jogo do mercado" (que não é e nunca foi "livre") rasgou o ventre das vítimas: milhões de seres humanos nos países ricos e uma carrada maior de milhões nos países pobres. O centro acabou fabricando a sua periferia instriseca e apossou-se, como não sucedeu nem sob o regime colonial direto, das outras periferias externas, que abrangem quase todo o "resto do mundo".

Florestan Fernandes, *Folha de S.Paulo*, 27/12/1993.

(*) Ernest Ezra Mandel (1923-1995): economista e militante político belga.

- 45 Fvest 2014** No trecho “nos precipitou na miséria moral inexorável” (L. 4), a palavra sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por
- inelutável.
 - inexequível.
 - inoldivável.
 - inominável.
 - impensável.

► Texto para a questão 46.

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que o “homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher [...] todos os gozos e todos os proventos que resultam de Saber e Poder... [...]

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que [...] estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da erudição. Um desses moços [...] reduziu a teoria de Jacinto [...] a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Soborna, foi louvada pela mocidade positiva a Equação Metafísica de Jacinto.

Eça de Queirós, A cidade e as serras.

- 46 Fvest 2014** Sobre o elemento estrutural “oni”, que forma as palavras do texto “onipotente” e “onisciente”, só **NÃO** é correto afirmar:
- Equivale, quanto ao sentido, ao pronome “todos(as)”, usado de forma reiterada no texto.
 - Possui sentido contraditório em relação ao advérbio “quase”, antecedente.
 - Trata-se do prefixo “oni”, que tem o mesmo sentido em ambas as palavras.
 - Entra na formação de outras palavras da língua portuguesa, como “onipresente” e “onívoro”.
 - Deve ser entendido em sentido próprio, em “onipotente”, e, em sentido figurado, em “onisciente”.

► Leia o texto para responder à questão 47.

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano.

Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso.

Graças a tal fundo de juvenildade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. A literatura brasileira através dos textos, 2004. Adaptada.)

- 47 Unifesp 2014** Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:
- prematuramente e autobiográfico.
 - juvenildade e timidez.
 - geração e byroniano.
 - saudade e infantil.
 - reflexo e imaginários.

► Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão 39.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)

- 39 Unesp 2017** As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são
- “desvirtua” e “transforma”.
 - “evite” e “isolamento”.
 - “desfigura” e “ameaça”.
 - “desconhecido” e “insegurança”.
 - “subverte” e “dilacera”.

40 Unicamp 2017



Disponível em: <<https://www.facebook.com/SignosNordestinos/?fref=ts>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

- Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que "coisar" é
- (a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo "coisa".
 - (b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo "coisa" no verbo "coisar".
 - (c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
 - (d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo "coisa" em verbo "coisar", reiterando um esquecimento.

► Leia um trecho do artigo "Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo", do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão 26.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de "temporal". É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o "agora", o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo "clássico". A expressão "clássico" é usada em contraste com "quântico", a área da Física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

Folha de S. Paulo, 07.06.1998.

- 26 Unifesp 2018** O processo de formação de palavras verificado em "estrutural" (2º parágrafo) também está presente em
- (a) "futuro" (1º parágrafo).
 - (b) "portanto" (2º parágrafo).
 - (c) "momento" (3º parágrafo).
 - (d) "plasticidade" (4º parágrafo).
 - (e) "origem" (3º parágrafo).

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 2

- 52. C
- 53. D
- 54. E
- 49. B
- 50. D
- 51. E
- 48. D
- 45. A
- 46. E
- 47. B
- 39. D
- 40. C
- 26. C

LIVRO 1 – Questões objetivas

Português - Frente 1 – Capítulo 3

- A questão 60 toma por base o seguinte fragmento do diálogo Fedro, de Platão (427-347 a.C.).

FEDRO

SÓCRATES: – Vamos então refletir sobre o que há pouco estávamos discutindo; examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o que seja recitar ou escrever mal.

FEDRO: – Isso mesmo.

SÓCRATES: – Pois bem: não é necessário que o orador esteja bem instruído e realmente informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

FEDRO: – A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal – pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

SÓCRATES: – Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir no que ela significa. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

FEDRO: – Tens razão.

SÓCRATES: – Examinemos, pois, essa afirmação.

FEDRO: – Sim.

SÓCRATES: – Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum de nós sabe o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: "Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas".

FEDRO: – Isso seria ridículo, querido Sócrates.

SÓCRATES: – Um momento. Ridículo seria se eu tratasse seriamente de persuadir-te a que escrevesse um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitíssimo prático comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para vários outros misteres.

FEDRO: – Isso seria ainda ridículo.

SÓCRATES: – Um amigo que se mostra ridículo não é preferível ao que se revela como perigoso e nocivo?

FEDRO: – Não há dúvida.

SÓCRATES: – Quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho, – nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

FEDRO: – Não pode ser muito bom fruto.

SÓCRATES: – Mas vejamos, meu caro: não nos teremos excedido em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: “que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém – dirá ela – que ignore a verdade a aprender a falar. Mas quem ouve o meu conselho tratará de adquirir primeiro esses conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições a posse da verdade de nada servirá para engendrar a persuasão”.

FEDRO: – E não teria ela razão dizendo isso?

SÓCRATES: – Reconheço que sim, se os argumentos usuais provarem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é isso, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônico declara: “não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa”.

Platão. Diálogos. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

60 Unesp 2011 ... para quem quer tomar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal ...

Neste trecho da tradução da segunda fala de Fedro, observa-se uma frase com estruturas oracionais recorrentes, e por isso plena de termos repetidos, sendo notável, a este respeito, a retomada do demonstrativo **o** e do pronome relativo **que** em *o que de fato é justo, o que parece justo, os que decidem, o que é bom ou belo, o que parece tal*. Em todos esses contextos, o relativo **que** exerce a mesma função sintática nas orações de que faz parte. Indique-a.

- (a) Sujeito.
- (b) Predicativo do sujeito.
- (c) Adjunto adnominal.
- (d) Objeto direto.
- (e) Objeto indireto.

► Texto para questão 61.

Nos últimos três anos foram assassinadas mais de 140 mil pessoas no Brasil. Uma média de 47 mil pessoas por ano. Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes. São 25 assassinatos ao ano por cada 100 mil pessoas, índice considerado de violência epidêmica, segundo organismos internacionais. Se os assassinatos com armas de fogo são uma face da violência vivida na nossa sociedade, ela não é a única. Logo atrás, em termos de

letalidade, estão os acidentes fatais de trânsito, com cerca de 33 mil mortos em 2002 e 35 mil mortes por ano em 2004 e 2005. Isto, sem falar nos acidentados não fatais socorridos pelo Sistema Único de Saúde, que multiplicam muitas vezes os números aqui apresentados e representam um custo que o IPEA estima em R\$ 5,3 bilhões para o ano de 2002. A lista da violência alonga-se incrivelmente. Sobre as mulheres, os negros, os índios, os gays, sobre os mendigos na rua, sobre os movimentos sociais etc. Uma discussão num botequim de periferia pode terminar em morte.

61 Unifesp 2011 No período “Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes”, as palavras sublinhadas referem-se, respectivamente:

- (a) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- (b) à palavra *mortes* e tem a função de sujeito; à palavra *polícia* e tem a função de sujeito.
- (c) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *polícia* e tem a função de objeto.
- (d) à palavra *parcela* e tem a função de objeto; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.
- (e) à palavra *parcela* e tem a função de sujeito; à palavra *ação* e tem a função de sujeito.

62 Ufam 2011 Assinale a opção verdadeira quanto ao sujeito da oração principal do seguinte período: “Há momentos na vida que as pessoas jamais conseguem esquecer”.

- (a) composto
- (b) oculto
- (c) indeterminado
- (d) inexistente
- (e) simples

63 UFRJ 2011 Pode-se classificar como simples o sujeito da seguinte oração.

- (a) A vida e a morte caminham juntas.
- (b) Dizem que faz bem praticar esportes.
- (c) Fala-se mal de muitos candidatos.
- (d) Choverá nos próximos dias.
- (e) Um galo sozinho não tece uma manhã. (João Cabral de Melo Neto).

► Instrução: A questão 58 toma por base um artigo de Don Tapscott (1947-).

O fim do marketing

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tornando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

[...]

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tomando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos.

[...]

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

[...]

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou marketplace) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou marketspace). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a marketface – a interface entre o marketplace e o marketspace.

[...]

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

Don Tapscott. O fim do marketing. INFO, São Paulo, Editora Abril, jan. 2011, p. 22.

58 Unesp 2012 Nós criamos **produtos**; fixamos **preços**; definimos **os locais** onde vendê-los; e fazemos **anúncios**. Nós controlamos **a mensagem**. Nas orações que compõem os dois períodos transcritos, os termos destacados exercem a função de:

- (a) sujeito.
- (b) objeto direto.
- (c) objeto indireto.
- (d) predicativo do sujeito.
- (e) predicativo do objeto.

59 Insper 2012



Journal do Brasil, 1 abr. 1990.

O que motivou o apito do juiz foi:

- (a) a necessidade de empregar a ênclise para seguir a norma-padrão.
- (b) o uso de um objeto direto no lugar de um objeto indireto.
- (c) a opção pelo pronome pessoal oblíquo “o” em vez de “a”.
- (d) a obrigatoriedade da mesóclise nessa construção linguística.
- (e) a transgressão às regras de concordância nominal relacionadas ao pronome.

► Texto para a questão 56.

A essência da teoria democrática é a supressão de qualquer imposição de classe, fundada no postulado ou na crença de que os conflitos e problemas humanos — econômicos, políticos, ou sociais — são solucionáveis pela educação, isto é, pela cooperação voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública terá de ser formada à luz dos melhores conhecimentos existentes e, assim, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais deverá se fazer a mais ampla, a mais vigorosa, a mais livre, e a difusão desses conhecimentos, a mais completa, a mais imparcial e em termos que os tornem acessíveis a todos.

Artista Tebello, Educação é um direito. (adapt.)

56 Fuvest 2013 Dos seguintes comentários linguísticos sobre diferentes trechos do texto, o único correto é:

- (a) Os prefixos das palavras "Imposição" e "Imparcial" têm o mesmo sentido.
- (b) As palavras "postulado" e "crença" foram usadas no texto como sinônimas.
- (c) A norma-padrão condena o uso de "essa", no trecho "essa opinião", pois, nesse caso, o correto seria usar "esta".
- (d) A vírgula empregada no trecho "e a difusão desses conhecimentos, a mais completa" indica que, aí, ocorre a elipse de um verbo.
- (e) O pronome sublinhado em "que os tornem" tem como referente o substantivo "termos".

57 UFRN 2013 Leia o texto a seguir.

O TRAPICHE

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alcerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíam inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do calç do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do calç.

João Amado. *Capitães do Areal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 25.

Para fazer uma leitura proficiente do fragmento, é necessário que o leitor, entre outros procedimentos, recupere as relações sintático-semânticas ali estabelecidas.

Assim, os sujeitos dos quatro últimos períodos do fragmento, considerando-se a ordem de ocorrência, são:

- (a) "um marinheiro nostálgico", "a areia", "os negros musculosos" e "o imenso casarão".
- (b) "uma canção", "a areia", "os negros musculosos" e "um marinheiro nostálgico".
- (c) "um marinheiro nostálgico", "a areia", "o imenso casarão", "o imenso casarão".
- (d) "uma canção", "a areia", "o imenso casarão" e "um marinheiro nostálgico".

► A questão 52 toma por base uma crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A INVASÃO

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibemética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibemética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)

52 Unesp 2016 Os termos "o uso do papel" e "um manual de instrução" (1^a parágrafo) se identificam sintaticamente por exercerem nas respectivas orações a função de

- (a) objeto direto.
- (b) predicativo do sujeito.
- (c) objeto indireto.
- (d) complemento nominal.
- (e) sujeito.

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão 32.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só: o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?", e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a

contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um cademinho e anotou qualquer coisa. *Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.*

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trançou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano"; ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas é aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim,

32 Unifesp 2018 O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz do personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- (a) "Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o 'pois não' melodioso de d. Anita, durante o dia." (3ª parágrafo)
- (b) "E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem." (2ª parágrafo)
Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe.
- (c) "Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância." (3ª parágrafo)
- (d) "Trançou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: 'Desculpe, é engano', ou ficava mudo, sem desligar." (4ª parágrafo)
- (e) "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" (5ª parágrafo)

¹*arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopéia *Enéida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Enéias).

LIVRO 1
GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 3

60. A
61. A
62. D
63. E
64. C
58. B
59. B
56. D
57. A
52. E
32. B

LIVRO 1 - Questões objetivas
Português - Frente 1 – Capítulo 4

► Texto para a questão 73.

COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, ²passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; ³já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, ⁴lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços ⁵que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.

Nesse instante assomava à porta um parente nosso, o Revdº Padre Carlos Peixoto de Alencar, já assustado com o choro que ouvira ao entrar – ⁶Vendo-nos a todos naquele estado de aflição, ainda mais perturbou-se:

– Que aconteceu? Alguma desgraça? Perguntou arrebatadamente.

As senhoras, escondendo o rosto no lenço para ocultar do Padre Carlos o pranto e evitar seus remoques, não proferiram palavra. Tomei eu a mim responder:

⁷– Foi o pai de Amanda que morreu! Disse, mostrando-lhe o livro aberto.

Compreendeu o Padre Carlos e soltou uma gargalhada, como ele as sabia dar, verdadeira gargalhada homérica, que mais parecia uma salva de sinos a repicarem do que riso humano. E após esta, outra e outra, que era ele inesgotável, quando ria de abundância de coração, com o gênio prazenteiro de que a natureza o dotara.

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária [o romance] que é entre todas a de minha predileção?

¹Não me animo a resolver esta questão psicológica, ⁵mas creio que ninguém contestará a influência das primeiras impressões.

José de Alencar. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

Vocabulário:

remoque: zombaria, caçoada

73 Uerj 2011 [...] que rompiam-lhes o seio. (ref. 8).

O vocábulo sublinhado faz referência a uma palavra já enunciada no texto. Essa palavra a que se refere o vocábulo lhes é:

- (a) soluços.
- (b) páginas.
- (c) senhoras.
- (d) momentos.

► Texto para a questão 74.

POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL

O problema da identidade nacional ²coloca-se de forma incisiva e recorrente aos intelectuais da América Latina antes mesmo da constituição de suas nações independentes. Qual o caráter dessa população de brancos ¹⁰colonizados, vivendo em meio a negros ¹¹boçais e índios ¹²indolentes? Questionavam-se nossos pensadores, informados pelas teorias sociobiológicas e racistas vigentes no século XIX. Ou ¹³quais as características dessas civilizações miscigenadas, crioulizadas, híbridas, transculturais, ¹³que se estabeleceram nos trópicos? ¹⁶Vêm se perguntando teóricos das mais diversas correntes culturalistas desde o início do século passado até dias correntes (Abdala Júnior, 2004).

³No Brasil, a discussão sobre a identidade nacional tomou-se, talvez, mais recorrente do que nos seus vizinhos latino-americanos; ⁴em primeiro lugar, ²⁰pelo tamanho continental do país e o processo histórico de sua ocupação, ¹⁴que envolveu não apenas o colonizador português, mas também diversas etnias indígenas e africanas, ⁶afora outros migrantes europeus e asiáticos, ⁷além dos fortes fluxos migratórios internos; ⁵em segundo lugar, ²¹pela pobreza, ou mesmo inexistência, de um campo intelectual no Brasil colonial, imperial e republicano até, no mínimo, os anos 30, o que sempre dificultou reflexões críticas e independentes no país, bem como sua sistematização e permanência. É vastamente conhecida a proibição da metrópole portuguesa no que diz respeito à criação de instituições de ensino – seja qual for o nível – de editoras, de jornais, ¹⁹enfim, de toda instituição produtora de bens simbólicos na sua colônia americana. As coisas só começam a mudar, e muito lentamente, com a vinda de D. João VI e toda sua corte, em 1808, para tomar um impulso considerável para a época no período de D. Pedro II – impulso motivado pela preocupação do Imperador em estabelecer alguns elementos iniciais de nacionalidade.

São exemplos desse melhoramento da vida intelectual e artística e de constituição mínima do campo cultural no século XIX: a vinda da Missão Artística Francesa, as bolsas de estudos concedidas aos artistas, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Imperial de Belas-Artes, da Biblioteca e do Museu Nacional, entre outros.

O período da velha Primeira República não facilita este processo constitutivo. Diante de um excipiente mercado de bens simbólicos, ¹⁷sobressai, em todo esse período, a forte dependência de nossos artistas

e pensadores em relação aos aparelhos estatais (raramente ligados a questões culturais), configurada nas sinecuras, ou seja, em cargos no funcionalismo público ¹⁵que permitem sua sobrevivência material.

A situação se diversifica a partir do período getulista, com a construção institucional na área da cultura, o fortalecimento de indústrias culturais – como a cinematográfica, a radiofônica, a editorial e a jornalística – e com o surgimento das primeiras universidades, permitindo alguma independência aos nossos produtores simbólicos.

De todo modo, na sociedade brasileira, em que, historicamente, a representação política é pouco firme, essa debilidade marca a identidade de seus intelectuais e artistas. Para Marilena Chauí (1986), esses oscilam entre a posição de “ilustrados”, donos da opinião pública, ou de “Vanguarda Revolucionária” e educadora do povo. Contudo, há, em ambas, a opção pelo poder e pela tutela estatais.

O que se propõe neste ensaio é discutir as políticas federais de cultura, tendo como recorte temático a discussão acerca da identidade, da diversidade e da diferença. O recorte temporal privilegiará aqueles momentos de nossa história republicana nos quais, ⁸se não há políticas culturais claramente definidas, ¹⁸se percebe um forte investimento (político, simbólico e financeiro) no setor: o período Vargas, o regime militar e os governos FHC e Lula.

⁹Por política cultural, se entendem não apenas as ações concretas, mas também, a partir de uma concepção mais estratégica, “o confronto de ideias, as lutas institucionais e as relações de poder na produção e circulação de significados simbólicos.” (McGuigan, 1996, p. 1). Nesse sentido, elas são criativas e propositivas, ao produzirem discursos, e detentoras de poder simbólico atuante no campo cultural.

Alexandre Barbalho. “Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença”. In: Antônio Albino Canelas Rubim e Alexandre Barbalho (Orgs.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUEBA, 2007. (Coleção CULT). (Adapt.).

74 UFBA 2011 São verdadeiras as proposições sobre os termos transcritos:

- 01 “colonizados” (ref. 10), “boçais” (ref. 11) e “indolentes” (ref. 12) são adjetivos que desqualificam as origens da sociedade brasileira.
- 02 “que” (ref. 13), “que” (ref. 14) e “que” (ref. 15) têm a mesma função nos contextos linguísticos em que se inserem.
- 04 “Vêm se perguntando” (ref. 16), “sobressai” (ref. 17) e “se percebe” (ref. 18) identificam-se quanto à posição na sentença e à função que apresentam no período.
- 08 “No Brasil” (ref. 3), “enfim” (ref. 19) e “Por política cultural” (ref. 9) exercem a mesma função em seus respectivos contextos.
- 16 “pelo” (ref. 20) e “pela” (ref. 21) exercem funções distintas nos contextos em que se inserem.
- 32 “se” (ref. 8) e “se” (ref. 18) desempenham, no contexto, o mesmo papel morfosintático.

► Instrução: A questão **70** toma por base um poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

JESUS PANTOCRÁTOR

*Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquele face austera, aquele olhar troveja.*

*Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina.*

*Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos de Santo Stefano Rotondo;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...*

*Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.*

Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.

Pantocrátor: que tudo rege, que governa tudo.

Bizantina: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

Fresco: o mesmo que *a fresco*, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

Santo Stefano Rotondo: Igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (Stefano, em italiano), mártir do Cristianismo.

Anátema: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

FIGURA DE CRISTO PANTOCRÁTOR



Catedral de Monreale, Itália.

70 Unesp 2013 *À árida pupila a doce, a benfazeja/lágrima falta.*

A inversão das posições usuais dos termos da oração, provocada pela necessidade de completar o número de sílabas e obedecer às posições dos acentos tônicos nos versos, por vezes dificulta a percepção das relações sintáticas entre esses termos. É o caso da oração destacada, que ocupa o sexto e parte do sétimo versos. Em discurso não versificado, essa oração apresentaria usualmente a seguinte disposição de termos:

- (a) A doce, a benfazeja lágrima falta à árida pupila.
- (b) A doce, a benfazeja pupila falta à árida lágrima.
- (c) Falta a lágrima a doce, a benfazeja à árida pupila.
- (d) Falta à pupila a árida, a doce, a benfazeja lágrima.
- (e) À pupila doce a lágrima, a árida, a benfazeja falta.

71 Ufam 2013 Assinale a opção que **não** se refere de modo correto ao seguinte período:

Construíram-se máquinas que memorizam e calculam bilhões de vezes mais rápido que o homem.

- (a) Há um adjetivo empregado como advérbio.
- (b) Há duas orações coordenadas entre si.
- (c) A primeira oração está na voz passiva.
- (d) O pronome relativo **que** exerce a função de sujeito.
- (e) O vocábulo **máquinas** exerce a função de objeto direto.

72 Udesc 2013 Leia o texto a seguir.

- 1 *É certo que Fräulein tinha esclarecido muito o que viera fazer na casa deles, porém dona Laura que tinha percebido tudo com a explicação de Felsberto, agora não compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que Fräulein estava fazendo na casa dela!*
- 5 *Fräulein esperou um segundo. Nada tinham para lhe falar aqueles dois. Cumprimentou e saiu. Subiu pro quarto. Fechou-se. Tirou o casaco. O pensamento forte imobilizou-a. Comprimiu o selo com a mão, ao mesmo tempo que amarfanhava-lhe a cara uma dor vigorosa, incompreendida assim! Mas foi um minuto apenas, dominou-se. Tinha que despir-se. Continuou se despindo. E Carlos?... Minuto apenas. Varreu o carinho. Prendeu com atenção os cabelos. Lavou o rosto. Se deitou. Um momento no escuro, os olhos lnda pestanejaram pensativos. Não tinha nada com isso: haviam de lhe pagar os oito contos. Mas agora tinha que dormir, dormiu.*

Mário de Andrade. *Amor, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 57.

Assinale a alternativa **incorreta** com relação ao texto.

- (a) No período "haviam de lhe pagar os oito contos" (linhas 13 e 14) há dois complementos verbais: objeto direto e objeto indireto.
- (b) A expressão destacada em "Subiu **pro quarto**" (linha 6) é, sintaticamente, um adjunto adverbial de lugar.
- (c) O vocábulo *que* em "É certo **que** Fráulein tinha esclarecido muito o **que** viera fazer na casa deles, porém dona Laura **que** tinha" (linhas 1 e 2) morfologicamente, na sequência, é conjunção integrante, pronome relativo e pronome relativo.
- (d) Na oração "que despir-se" (linha 10) em relação à colocação pronominal ocorre ênclise. Pode-se usar a próclise, mantendo-se o sentido original do texto e a correção gramatical.
- (e) Em "Prendeu **com atenção** os cabelos" (linha 11), morfologicamente o segmento destacado é uma locução prepositiva e equivale a atenciosamente.

▶ Leia o texto para responder à questão 68.

O melro veio com efeito às três horas. Luísa estava na sala, ao plano.

– Está ali o sujeito do costume – foi dizer Juliana.

Luísa voltou-se corada, escandalizada da expressão:

– Ah! meu primo Basílio? Mande entrar.

E chamando-a:

– Ouça, se vier o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre.

Era o primo! O sujeito, as suas visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia chela, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu à cozinha, devagar, – lograda.

– Temos grande novidade, Sr.^a Joana! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Basílio.

E com um risinho:

– É o Basílio! Ora o Basílio! Sai-nos primo à última hora! O diabo tem graça!

– Então que havia de o homem ser se não parente? – observou Joana.

Juliana não respondeu. Quis saber se estava o ferro pronto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se à janela, esperando. O céu baixo e pardo pesava, carregado de eletricidade; às vezes uma aragem súbita e fina punha nas folhagens dos quintais um arrepio trêmulo.

– É o primo! – refletia ela. – Esó vem então quando o marido se vai.

Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai; e é roupa-branca e mais roupa-branca, e roupa novo, e tipóia para o passeio, e suspiros e olheiras! Boa bêbeda! Tudo fica na família!

Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito "para ver e para escutar". E o ferro estava pronto?

Mas a campainha, embalxo, tocou.

(Eça de Queirós. *O primo Basílio*, 1993.)

68 Unifesp 2014

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

O trecho do texto reescrito sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical encontra-se em:

- (a) [...] engelhou-se tal como uma vela para a qual faltasse o vento. (7º parágrafo).
- (b) E sentou-se na janela enquanto esperava. (13º parágrafo).
- (c) Os olhos luziam para Juliana. (15º parágrafo).
- (d) – Ah! meu primo Basílio? Mande-lhe entrar. (4º parágrafo).
- (e) – Ouça, caso vêm o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre. (6º parágrafo).

▶ Leia o texto para responder à questão 69.



Pegamos os nossos 24.253 km de fronteiras e os esticamos em uma linha reta. Assim, fica possível entender o que acontece em cada canto desse Brasilão: _____ invasões de terra, _____ de drogas e cenários de tirar o fôlego.

(<http://super.abril.com.br>. Adaptado.)

69 Unifesp 2014 As lacunas do texto são preenchidas, correta e respectivamente, por:

- (a) acontece – tráfico. (d) há – tráfico.
- (b) existe – tráfico. (e) ocorre – tráfico.
- (c) se vê – tráfico.

▶ Texto para a questão 65.

Tomando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu João Fera que destinavam eles uns

5 *cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.*

— Mas chegará, homem? perguntou a velha.

— Há de se espichar bem, mulher!

10 *Uma voz os interrompeu:*

— Por este preço dou eu conta da roça!

— Ah! É nhô João!

Conheciam os velinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais

15 *hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado.*

Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de

20 *velinhos e foi-se deixando-os embasbacados.*

José de Alencar, *TL*

*moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

65 Fuvest 2015 Considerada no contexto, a palavra sublinhada no trecho "mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada" (L. 17-18) expressa ideia de

- (a) tempo. (d) modo.
- (b) qualidade. (e) negação.
- (c) intensidade.

66 Unifesp 2015 Analise a capa de um folder de uma campanha de trânsito.



Explicitando-se os complementos dos verbos em "Eu cuido, eu respeito", obtém-se, em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa:

- (a) Eu cuido dela, eu lhe respeito.
- (b) Eu lhe cuido e respeito.
- (c) Eu cuido e respeito-a.
- (d) Eu cuido dela, eu a respeito.
- (e) Eu a cuido, eu respeito-lhe.

► Leia o texto para responder à questão 67.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquel e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enflm a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinel Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: "Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?"; a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vi envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passiona". Cherchez la femme. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.*

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio.

* Cherchez la femme: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. A confissão de Ulicio, 2011.)

67 Unifesp 2015 Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. Novo gramática do português contemporâneo, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- (a) "Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes."
- (b) "Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem."
- (c) "As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados"
- (d) "Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer."
- (e) "Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses."

► Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à questão 62.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traír sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida Intelta, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarke Lispector. *Povo não esperar*, 1999.)

¹**fadnora:** diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²**Mineirinho:** apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

62 Unifesp 2016 "Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem." (4º parágrafo) Os termos "a esse" e "nos" constituem, respectivamente,

- (a) objeto indireto e objeto direto.
- (b) objeto indireto e objeto indireto.
- (c) objeto direto preposicionado e objeto direto.
- (d) objeto direto preposicionado e objeto indireto.
- (e) objeto direto e objeto indireto.

► Leia o trecho do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis (1839-1908), para responder à questão 34.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repletia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de

contrabando, apenas comprado no vaiongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" – ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugitivos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: *Uma antiguidade*, 1998.)

34 Unesp 2018 "Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse." (4º parágrafo)

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- (a) objeto direto, representado pelo vocábulo "dinheiro", e objeto indireto, representado pelo vocábulo "quem".
- (b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo "lho".
- (c) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo "quem".
- (d) objeto direto, representado pelo vocábulo "dinheiro", e objeto indireto, representado pelo vocábulo "lho".
- (e) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo "lho".

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão 35.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não sala casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telegrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melódico de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insista: "como é?"; e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos". Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou

qualquer coisa. *Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calma, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegada Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetas dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.*

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano"; ou ficava muda, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano?" Não é não, o chefe está à espera? "Tão cedo não? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "E hoje é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje?" "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas é aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos?" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas sala desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu salsse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 histórias, 2016.

¹ *arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopéia Enéida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Enéias).

35 Unifesp 2018 "Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano" (3ª parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- (a) uma preposição, uma preposição e um artigo.
- (b) um pronome, uma preposição e um artigo.
- (c) um artigo, um artigo e um pronome.
- (d) uma preposição, um artigo, um artigo.
- (e) um pronome, uma preposição e um pronome.

► Para responder à questão 36, leia o trecho da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866 -1909), em que se narram eventos referentes a uma das expedições militares enviadas pelo governo federal para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores sediados em Canudos.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficava, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pomenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estridulo dos gritos desafogados e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordable, terrível...

[...]

Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os muare da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que vovlera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamemente, na hora da catástrofe, da tibeza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de "meia-volta, alto!". As notas das cometas, convulsivas, emitidas pelos cometeiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga. Naquela desordem só havia uma determinação possível: "debandar!"

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caltem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cometas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

Os sertões, 2016.

36 Unifesp 2018 Em "Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica." (4ª parágrafo), o termo destacado é um

- (a) verbo transitivo direto e indireto.
- (b) verbo intransitivo.
- (c) verbo transitivo indireto.
- (d) verbo de ligação.
- (e) verbo transitivo direto.

► Para responder à questão 37, leia o trecho do livro *Abolição*, da historiadora brasileira Emília Motti da Costa.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativeiro. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder de persuasão. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos. De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado – representantes de Deus na Terra –, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência os senhores.

Não é difícil imaginar os efeitos dessas ideias. Elas permitiam às classes dominantes escravizar os negros sem problemas de consciência. Os poucos indivíduos que no Período Colonial, fugindo à regra, questionaram o tráfico de escravos e lançaram dúvidas sobre a legitimidade da escravidão, foram expulsos da Colônia e o tráfico de escravos continuou sem impedimentos. Apenas os próprios escravos questionavam a legitimidade da instituição, manifestando seu protesto por meio de fugas e insurreições. Encontravam, no entanto, pouca simpatia por parte dos homens livres e enfrentavam violenta repressão.

Abolição, 2010.

37 Unifesp 2018 "De acordo com essa teoria, não cabia aos homens **modificar a ordem social!**" (1ª parágrafo)

O trecho destacado exerce a função sintática de

- (a) objeto indireto.
- (b) objeto direto.
- (c) adjunto adnominal.
- (d) sujeito.
- (e) adjunto adverbial.

► Leia um trecho do artigo "Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo", do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão de 38.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de "temporal". É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o "agora", o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo "clássico". A expressão "clássico" é usada em contraste com "quântico", a área da Física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.

[...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

Folha de S. Paulo, 07.06.1996.

38 Unifesp 2018 "Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que **a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo**, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia." (4ª parágrafo)

Ao se converter o trecho destacado para a voz passiva, o verbo "influencia" assume a seguinte forma:

- (a) é influenciada.
- (b) foi influenciada.
- (c) era influenciada.
- (d) seria influenciada.
- (e) será influenciada.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 4

- 73. C
- 74. 07
- 70. A
- 71. C
- 72. E
- 68. A
- 69. D
- 65. A
- 66. D
- 67. B
- 62. C
- 34. B
- 35. A
- 36. B
- 37. D
- 38. A

► Texto para a questão 78.

TARDE CINZENTA

A ¹³tarde de inverno é perfeita. O tempo nublado acinzentava tudo. Mesmo os mais ¹¹empedernidos cultores da agitação, do barulho, das cores, hoje se rendem a uma certa passividade e melancolia. Os espíritos ¹²ensimesmados reinam; os ativos pagam tributo à reflexão. Sem o sol, que provoca a ¹rudeza dos contrastes, ²tudo é sutil, tudo é suave.

Tardes assim nos reconciliam com o efêmero. ¹⁸Longe das ³certezas substanciais, ficamos flutuando entre as ⁴névoas da dúvida. A superficialidade, que aparentemente plenifica, dissolve-se; acabamos ancorados no porto das insatisfações. E, ao invés de nos perenizarmos como singularidade, desejamos subsumir na névoa... como a ¹⁴montanha e a tarde.

A vida sempre para numa tarde assim. É como se tudo congelasse. Moléculas, músculos, máquinas e espíritos interrompem seu ⁵furor produtivo ¹⁹e se rendem, estáticos, à ⁶magia da tarde cinzenta.

²⁰Numa tarde assim, não há senão uma coisa a fazer: contemplar. O espírito, carregando consigo um corpo por vezes contrariado, ⁷acquiesce e divaga; ⁸torna-se receptivo a tudo: aos mínimos sons, ²⁴às réstias de luz que atravessam a névoa, ao lento e pesado progresso que tudo conduz para o fim do dia, para o mergulho nas brumas da noite.

²⁵As narinas absorvem com prazer um odor que parece carregado de umidade; a pele sente o toque enérgico do frio. O langor impõe-se e comanda esse estar-no-mundo como que suspenso por um tênue fio ²¹que nos liga, timidamente, à vida ativa.

Nas tardes cinzentas, o coração balança entre a paz e a inquietação, ²³porque a calma e o silêncio inquietam. ⁹O azáfama anestesia; ¹⁰o não fazer deixa o espírito alerta – como um nervo exposto a qualquer acontecer.

Não há jamais nada de espetacular nas ¹⁵tardes cinzentas, a não ser o espetáculo da própria tarde. E este é grandiosamente simples: ar friorento, claridade difusa que se perde no cinza, contemplação, inatividade e o contraditório do espírito aguçado e acuado por esse acontecer minimalista da vida.

Na tarde fria e cinzenta, corpos se rendem ao aconchego de ¹⁶roupas macias ou de braços macios em abraços suaves. Somente olhares e corações conservam o fogo das paixões. As vozes agudas e imperativas transformam-se em sons baixos, quase guturais, que muitas vezes convertem-se em sussurros, como temendo quebrar a magia da tarde.

Não nos iludamos com as aparências: não há necessariamente tristeza nas tardes cinzentas. Mas também não existe aquela alegria inconstante dos dias cálidos e dourados pelo sol. ²²Existe, sim, um equilíbrio perfeito, numa equidistância entre o tédio e a euforia, fazendo-nos caminhar sobre um ¹⁷tênue fio distendido entre o amargor e a satisfação, entre o entusiasmo e o tédio. Tudo isso, porém, só se mostra aqui e ali, em meio à bruma difusa, ao cinza que permeia tudo.

Uma simples tarde cinzenta pode parar o mundo, pode deter a vida. Somente por um instante. Mas talvez apenas nos corações sensíveis.

J. Carino. Disponível em: <<http://www.almacarioca.net/tarde-cinzenta-j-carino/>>. Acesso em: 23 ago. 2010. (Adapt.).

- 78** Cesgranrio 2011 O trecho em que a(s) vírgula(s) separa(m) um termo sintaticamente diferente dos demais destacados é:
- (a) “Longe das certezas substanciais,” (ref. 18).
 - (b) “[...] e se rendem, estáticos,” (ref. 19).
 - (c) “Numa tarde assim,” (ref. 20).
 - (d) “[...] que nos liga, timidamente, à vida ativa,” (ref. 21).
 - (e) “Existe, sim,” (ref. 22).

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 77.

O Romualdo tinha nascido, talvez, para os mais altos destinos; mas como os pais se esqueceram de mandar educá-lo, e ele mal sabia ler e escrever, o mais que arranhou foi ser soldado do exército, e, depois de obtida a sua baixa, contínuo de secretária.

Releva dizer que o Romualdo só deixou crescer as barbas depois de contínuo; se as usasse quando era soldado e guerreava no Paraguai, chegaria a capitão pelo menos.

Mas que contínuo! Alto, gordo, ereto, com aquelas opulentas sulças brancas a emoldurar-lhe a cara, sem bigodes, mais parecia um magistrado, cuja figura estava ao pintar para presidir a um júri sensacional, e essa ilusão só se desfazia quando ele falava, porque o Romualdo, benza-o Deus! por mais que compusesse a sua fisionomia austera e veneranda, tinha o estilo e a prosápia do "povo da lira". Calado era um juiz; falando, um capadócio.

Arthur Azevedo. As Barbas do Romualdo, em: <www.releituras.com.br/aaazevedo_barbas.asp>.

77 Unifesp 2012 Assinale a alternativa em que a reescrita do trecho altera o sentido do texto.

- (a) ... e, depois de obtida a sua baixa, contínuo de secretária. = ... e, depois de obtida a sua dispensa, contínuo de secretária.
- (b) Releva dizer que o Romualdo só deixou crescer as barbas... = Convém ressaltar que o Romualdo só deixou crescer as barbas...
- (c) ... com aquelas opulentas sulças brancas a emoldurar-lhe a cara... = ... com aquelas opulentas sulças brancas a emoldurar a sua cara...
- (d) ... e essa ilusão só se desfazia quando ele falava... = ... e essa ilusão se desfazia quando só ele falava...
- (e) ... por mais que compusesse a sua fisionomia austera e veneranda... = ... embora compusesse a sua fisionomia austera e veneranda...

76 Ufam 2013 Assinale a opção de que consta frase com dois apostos, sendo o primeiro explicativo e o segundo enumerativo:

- (a) *Sagarana*, livro escrito por Guimarães Rosa, contém histórias de um imaginário sertão mineiro.
- (b) Fernando Pessoa, o maior poeta português, lançou em vida um único livro: *Mensagem*.
- (c) Código universal, os idiomas, embora se diferenciem bastante, servem para que os seus usuários se comuniquem.
- (d) Conan Doyle, genial escritor inglês, criou Sherlock Holmes, o mais famoso dos detetives na ficção.
- (e) Máquinas, vocês substituirão os homens no futuro, esse tempo que será totalmente automático?

► A questão 75 toma por base uma passagem do artigo *Os operários da música livre*, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos torrents, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação on-line – tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas majors, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuíam a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção – o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa "produção máxima" é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

"Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo", opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. "Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados mainstream", continua.

"Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de business. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular."

(Galvão, março de 2013. Adaptada.)

75 Unesp 2014 No primeiro parágrafo, o termo *tudo*, por sua relação sintática e semântica com a sequência que o precede, representa

- (a) uma forte redundância devida a um lapso do escritor.
- (b) a negação do que foi dito pelos termos antes enumerados.
- (c) uma circunstância de tempo acrescentada à enumeração.
- (d) o elemento que encerra uma enumeração, resumindo-a.
- (e) toda a engrenagem tradicional do mercado musical.

► A questão 73 aborda um poema do português Eugénio de Castro (1869-1944).

MAos

*Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.*

*Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...*

*Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma bafa escura.*

*Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!*

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(Óbss poéticas, 1968.)

73 Unesp 2016 Na última estrofe do poema, os termos "Afilhadas do luar", "mãos de rainha" e "Mãos que sois um perpétuo amanhecer" funcionam, no período de que fazem parte, como

- (a) orações intercaladas. (d) vocativos.
(b) apostos. (e) complementos nominais.
(c) adjuntos adverbiais.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 5

78. B
77. D
76. B
75. D
73. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

Português - Frente 1 – Capítulo 8

► Texto para a questão 81.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

10 — Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo **multo**...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

15 — Então já sabe até demais.

*No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.*

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*.

81 Fivest 2011 Das seguintes afirmações acerca de diferentes elementos linguísticos do texto, a única correta é:

- (a) A expressão sublinhada em "para curar a gente a bordo" (L. 11) deve ser entendida como pronome de tratamento de uso informal.
(b) A fórmula de tratamento (L. 12) com que o barbeiro se dirige ao marujo mantém o tom cerimonioso do início do diálogo.
(c) O destaque gráfico da palavra "multo" (L. 12) produz um efeito de sentido que é reforçado pelas reticências.
(d) O pronome possessivo usado nos trechos "saiu o nosso homem" (L. 16) e "lanceta do nosso homem" (L. 27) configura o chamado plural de modéstia.
(e) A palavra "fortuna", tal como foi empregada na (L. 16), pode ser substituída por "bens", sem prejuízo para o sentido.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 8

81. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

Português - Frente 1 – Capítulo 18

► Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder à questão **83**.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

83 Unifesp 2014 Nesse soneto, são comuns as inversões, como se vê no verso – *Quanto pode dos anos o progresso!* – que, em ordem direta, assume a seguinte redação:

- (a) O progresso quanto pode dos anos!
- (b) Pode quanto dos anos o progresso!
- (c) Quanto o progresso dos anos pode!
- (d) Pode quanto o progresso dos anos!
- (e) Quanto dos anos o progresso pode!

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 18

83. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

Português – Frente 2 – Capítulo 1

75 Fuvest 2017



Percival, Cavaleiro da Távola Redonda na lenda arturiana, invocando Deus e o mensageiro. Chrétien de Troyes, *Le Conte du Graal*, início do século XII (BnF).

Esta imagem integra o manuscrito de uma das mais notáveis obras da cultura medieval. A alternativa que melhor caracteriza o documento é:

- (a) Fábula que enuncia o ideal eclesiástico, mescla a aventura cavaleiresca, o amor romântico e as aspirações religiosas que simbolizaram o espírito das cruzadas.
- (b) Poema inacabado que narra a viagem de formação de um cavaleiro e a busca do cálice sagrado; sua composição mistura elementos pagãos e cristãos.
- (c) Cordel muito popular, elaborado com base nos épicos celtas e lendas bretãs, divulgado para a conversão de fiéis durante a expansão do Cristianismo pelo Oriente.
- (d) Peça teatral que serviu para fortalecer o espírito nacionalista da Inglaterra, unindo a figura de um governante invencível a um símbolo cristão.
- (e) Romance que condensa vários textos, empregado pela Igreja para encorajar a aristocracia a assumir uma função idealizada na luta contra os inimigos de Deus.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 1

75. B

LIVRO 1 –
Questões objetivas
Português – Frente 2 – Capítulo 2

► Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões **54** e **55**.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: "Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida".

(Luís Vaz de Camões. Sonetos, 2001.)

- 54** Unifesp 2016 De acordo com a história narrada pelo soneto,
- Labão engana Jacob, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel.
 - Labão aceita ceder Lia a Jacob, se este lhe entregar Raquel.
 - Labão obriga Jacob a trabalhar mais sete anos para obter o amor de Lia.
 - Jacob descumpre o acordo feito com Labão, negando-lhe a filha Raquel.
 - Jacob morre antes de completar os sete anos de trabalho, não obtendo o amor de Raquel.

- 55** Unifesp 2016 Do ponto de vista formal, o tipo de verso e o esquema de rimas que caracterizam este soneto camoniano são, respectivamente,
- dodecassílabo e ABAB ABAB ABC ABC.
 - decassílabo e ABAB ABAB CDC DCD.
 - heptassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
 - decassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
 - dodecassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.

► Para responder às questões de **77** a **80**, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa¹ começou a dançar, dizendo

Frade: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;

Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huhal!

Diabo: Que é isso, padre? Quem vai lá?

Frade: Deo gratias²! Sou cortesão.

Diabo: Danças também o tordão³?

Frade: Por que não? Vê como sei.

*Diabo: Pois entrai, eu tanger⁴
e faremos um serão.*

E essa dama, porventura?

*Frade: Por minha a tenho eu,
e sempre a tive de meu.*

*Diabo: Fizeste bem, que é lindura!
Não vos punham lá censura
no vosso convento santo?*

Frade: E eles fazem outro tanto!

*Diabo: Que preciosa clausura⁵!
Entrai, padre reverendo!*

Frade: Para onde levais gente?

*Diabo: Para aquele fogo ardente
que não temestes vivendo.*

*Frade: Juro a Deus que não te entendo!
E este hábito⁶ não me val⁷?*

*Diabo: Gentil padre mundana⁸,
a Belzebu vos encomendo!*

Frade: Corpo de Deus consagrado!

*Pela fé de Jesus Cristo,
que eu não posso entender isto!*

Eu hei de ser condenado?

Um padre tão namorado

e tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

que eu estou maravilhado!

*Diabo: Não façamos mais detença⁹
embarcai e partiremos;
tomareis um par de remos.*

Frade: Não ficou isso na avença¹⁰.

Diabo: Pois dada está já a sentença!

Frade: Por Deus! Essa seria ela?

Não vai em tal caravela

minha senhora Florença?

Como? Por ser namorado

e folgar c'uma mulher?

Se há um frade de perder,

com tanto salmo rezado?!

Diabo: Ora estás bem arranjado!

Frade: Mas estás tu bem servido.

*Diabo: Devoto padre e marido,
havel de ser cá pingado¹¹ ..*

(Auto da Barca do Inferno, 2007.)

1. *baixa*: dança popular no século XVI.

2. *Deo gratias*: graças a Deus.

3. *tordão*: outra dança popular no século XVI.

4. *tanger*: fazer soar um instrumento.

5. *clausura*: convento.

6. *hábito*: traje religioso.

7. *val*: vale.

8. *mundana*: mundano.

9. *detença*: demora.

10. *avença*: acordo.

11. *ser pingado*: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorria no inferno).

77 Unesp 2017 No excerto, o escritor satiriza, sobretudo,

- (a) a compra do perdão para os pecados cometidos.
- (b) a preocupação do clero com a riqueza material.
- (c) o dismantelamento da hierarquia eclesiástica.
- (d) a concessão do perdão a almas pecadoras.
- (e) o relaxamento dos costumes do clero.

78 Unesp 2017

Veja também em:

Interpretação do texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 2

No excerto, o traço mais característico do diabo é

- (a) o autoritarismo, visível no seguinte trecho: "Não façamos mais detença".
- (b) a curiosidade, visível no seguinte trecho: "Danças também o tordão?".
- (c) a ironia, visível no seguinte trecho: "Que preciosa clausura!".
- (d) a ingenuidade, visível no seguinte trecho: "Fizeste bem, que é lindura!".
- (e) o sarcasmo, visível no seguinte trecho: "Pois dada está já a sentença!".

79 Unesp 2017

Veja também em:

Interpretação do texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 9

Com a fala "E eles fazem outro tanto!", o frade sugere que seus companheiros de convento

- (a) consideravam-se santos.
- (b) estavam preocupados com a própria salvação.
- (c) estranhavam seu modo de agir.
- (d) comportavam-se de modo questionável.
- (e) repreendiam-no com frequência.

80 Unesp 2017 Assinale a alternativa cuja máxima está em conformidade com o excerto e com a proposta do teatro de Gil Vicente.

- (a) "O riso é abundante na boca dos tolos."
- (b) "A religião é o ópio do povo."
- (c) "Pelo riso, corrigem-se os costumes."
- (d) "De boas intenções, o Inferno está cheio."
- (e) "O homem é o único animal que ri dos outros."

47 Unicamp 2018

*Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois com ele tal alma está liada.*

*Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim como a alma minha se conforma,*

*Está no pensamento como ideia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.*

(Luís de Camões, *Líricas: redondilhas e sonetos*, Rio de Janeiro: Ediouro / São Paulo: Publifolha, 1997, p. 85.)

Um dos aspectos mais importantes da lírica de Camões é a retomada renascentista de ideias do filósofo grego Platão.

Considerando o soneto citado, pode-se dizer que o chamado "neoplatonismo" camoniano

- (a) é afirmado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a união entre amador e pessoa amada resulta em uma alma única e perfeita.
- (b) é confirmado nos dois últimos tercetos, uma vez que a beleza e a pureza reúnem-se finalmente na matéria simples que deseja.
- (c) é negado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a consequência da união entre amador e coisa amada é a ausência de desejo.
- (d) é contrariado nos dois últimos tercetos, uma vez que a pureza e a beleza mantêm-se em harmonia na sua condição de ideia.

► Leia o soneto "Aquele triste e leda madrugada", do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão **48**.

*Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.*

*Ela só, quando amena e marchetada
sala, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.*

*Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.*

*Ela viu as palavras magoadas
que puderam tomar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.*

Sonetas, 2001.

- 48 Unifesp 2018** A imagem das lágrimas a formarem um "largo rio" (3ª estrofe) produz um efeito expressivo que se classifica como
- (a) paradoxo.
 - (b) pleonasma.
 - (c) personificação.
 - (d) hipérbole.
 - (e) eufemismo.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 2

- 77. E
- 78. C
- 79. D
- 80. C
- 47. A
- 48. D
- 54. A
- 55. D

LIVRO 1 - Questões objetivas

Português – Frente 2 – Capítulo 3

- Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder às questões 70 e 71.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

- 70 Unifesp 2014** São recursos expressivos e tema presentes no soneto, respectivamente,
- (a) metáforas e a ideia da imutabilidade das pessoas e dos lugares.
 - (b) antíteses e o abalo emocional vivido pelo eu lírico.
 - (c) sinestésias e a superação pelo eu lírico de seus maiores problemas.
 - (d) paradoxos e a certeza de um presente melhor para o eu lírico que o passado.
 - (e) hipérbolos e a força interior que faz o eu lírico superar seus males.

- 71 Unifesp 2014** No soneto, o eu lírico expressa-se de forma
- (a) introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
 - (b) racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
 - (c) contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
 - (d) eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.
 - (e) reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.

- Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder à questão 72.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

72 Unifesp 2014 Nesse soneto, são comuns as inversões, como se vê no verso – *Quanto pode dos anos o progresso!* – que, em ordem direta, assume a seguinte redação:

- (a) O progresso quanto pode dos anos!
- (b) Pode quanto dos anos o progresso!
- (c) Quanto o progresso dos anos pode!
- (d) Pode quanto o progresso dos anos!
- (e) Quanto dos anos o progresso pode!

► Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder às questões **66** e **67**.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos coméis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos coméis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapulas se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e

engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comerem, sendo como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe; e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira Escorial, 2011.)

- 66 Unifesp 2016** No sermão, Vieira critica
- (a) a preguiça desmesurada dos miseráveis.
 - (b) a falta de ambição dos miseráveis.
 - (c) a ganância excessiva dos poderosos.
 - (d) o excesso de humildade dos miseráveis.
 - (e) o excesso de valdade dos poderosos.

67 Unifesp 2016 Condizente com o teor do sermão está o conteúdo do seguinte provérbio:

- (a) “A tolerância é a virtude do fraco.”
- (b) “O homem é o lobo do homem.”
- (c) “Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão.”
- (d) “A fome é a companheira do homem ocioso.”
- (e) “Quem tem ofício, não morre de fome.”

68 Unifesp 2016 Assinale a alternativa na qual se pode detectar nos versos do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) uma ruptura com a convenção arcádica do *locus amoenus* (“lugar aprazível”).

- (a) “Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?”
- (b) “O ledão passarinho que gorjela
Da alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpentela:”
- (c) “Se é doce no recente, ameno Estio
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,
E, lambendo as arelas e os verdores,
Mole e quezoso deslizar-se o rio;”
- (d) “A loira Filis na estação das flores,
Comigo passou por este prado
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado
As Graças, os Prazeres e os Amores.”
- (e) “Já sobre o coche de ébano estrelado,
Deu meio giro a Noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!”

69 Unifesp 2016



(Pedro Américo. Frustrados espartejados, 1893. Museu Mariano Protopópulo, Juiz de Fora.)

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- (a) Barroco.
- (b) Arcadismo.
- (c) Naturalismo.
- (d) Realismo.
- (e) Romantismo.

► Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões de **89** e **90**.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assim negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: "Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida".

(Luís Vaz de Camões. Sonetos, 2001.)

89 Unifesp 2016 De acordo com a história narrada pelo soneto,

- Labão engana Jacob, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel.
- Labão aceita ceder Lia a Jacob, se este lhe entregar Raquel.
- Labão obriga Jacob a trabalhar mais sete anos para obter o amor de Lia.
- Jacob descumpra o acordo feito com Labão, negando-lhe a filha Raquel.
- Jacob morre antes de completar os sete anos de trabalho, não obtendo o amor de Raquel.

90 Unifesp 2016 Do ponto de vista formal, o tipo de verso e o esquema de rimas que caracterizam este soneto camoniano são, respectivamente,

- dodecassílabo e ABAB ABAB ABC ABC.
- decassílabo e ABAB ABAB CDC DCD.
- heptassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- decassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- dodecassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.

► Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder às questões **59** e **60**.

*Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.*

*Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.*

*Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.*

*Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.*

(Domício Proença Filho (org.). A poesia dos Inconfidentes, 1996.)

59 Unesp 2017 O tom predominante no soneto é de

- resignação.
- nostalgia.
- apatia.
- ingenuidade.
- inquietação.

60 Unesp 2017 No soneto, o menino e a avezinha, mencionados na primeira estrofe, são comparados, respectivamente,

- ao eu lírico e a Lise.
- a Lise e ao eu lírico.
- ao desatino e ao eu lírico.
- ao desatino e à liberdade.
- a Lise e à liberdade.

► Leia o soneto "A uma dama dormindo junto a uma fonte", do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões de **61** a **64**.

*A margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.*

*Mas como dorme Sílvia, não vestia
O céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio entre as flores,
Calava o mar, e rio não se ouvia.*

*Não dão o parabém à nova Aurora
Flores canoras, pássaros fragrantos,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.*

*Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.*

Poesias escolhidas, 2010.

61 Unifesp 2017 Mais recorrente na poesia arcádica, verifica-se neste soneto barroco o recurso, sobretudo, ao seguinte lema latino:

- "locus horrendus" ("lugar horrível").
- "locus amoenus" ("lugar aprazível").
- "memento mori" ("lembra-te da morte").
- "inutilia truncai" ("corta o inútil").
- "carpe diem" ("aproveite o dia").

62 Unifesp 2017 No soneto, a seguinte expressão é empregada pelo eu lírico em lugar de sua musa Sílvia:

- "Flores canoras, pássaros fragrantos".
- "A margem de uma fonte, que corria".
- "O céu seus horizontes de mil cores".
- "A bela ocasião das minhas dores".
- "Aves cheirosas, flores ressonantes".

63 Unifesp 2017

Veja também em:

Interpretação do texto • Livro único • Frente única • Capítulo 13

A sinestesia consiste em transferir percepções de um sentido para as de outro, resultando em cruzamento de sensações.

Cecla Cunha. Gramática essencial, 2013.

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- (a) "Flores canoras, pássaros fragrantes," (3ª estrofe)
- (b) "À margem de uma fonte, que corria," (1ª estrofe)
- (c) "Porém abrindo Sílvia os dois diamantes," (4ª estrofe)
- (d) "Dominava o silêncio entre as flores," (2ª estrofe)
- (e) "O céu seus horizontes de mil cores," (2ª estrofe)

64 Unifesp 2017

Veja também em:

Português • Livro 1 • Frente 1 • Capítulo 3

Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- (a) "Não dão o parabém à nova Aurora/Flores canoras, pássaros fragrantes" → A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantes.
- (b) "Calava o mar, e rio não se ouvia" → O mar se calava e não ouvia o rio.
- (c) "não vestia/O céu seus horizontes de mil cores" → O céu não vestia seus horizontes de mil cores.
- (d) "Tudo a Sílvia festeja, tudo adora" → A Sílvia festeja tudo, adora tudo.
- (e) "A bela ocasião das minhas dores/Dormindo estava ao despertar do dia" → Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

65 Unifesp 2017 Predomina neste movimento uma tônica mais cosmopolita, intimamente ligada às modas literárias da Europa, desejando pertencer ao mesmo passado cultural e seguir os mesmos modelos, o que permitiu incorporar os produtos intelectuais da colônia inculta ao universo das formas superiores de expressão. Ao lado disso, tal movimento continuou os esboços particularistas que vinham do passado local, dando importância relevante tanto ao índio e ao contato de culturas, quanto à descrição da natureza, mesmo que fosse em termos clássicos.

Antonio Candido. *Introdução à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.

Tal comentário refere-se ao seguinte movimento literário brasileiro:

- (a) Romantismo.
- (b) Classicismo.
- (c) Naturalismo.
- (d) Barroco.
- (e) Arcadismo.

► Leia o excerto do "Sermão do bom ladrão", de Antônio Vieira (1608-1697), para responder às questões de 56 a 58.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?". Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito,

os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não val nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011)

56 Unesp 2018 No primeiro parágrafo, Antônio Vieira caracteriza a resposta do pirata a Alexandre Magno como

- (a) servil.
- (b) hesitante.
- (c) dissimulada.
- (d) enigmática.
- (e) ousada.

57 Unesp 2018 No segundo parágrafo, Antônio Vieira torna explícito seu descontentamento com

- (a) os oradores evangélicos.
- (b) o Imperador Nero.
- (c) os príncipes católicos.
- (d) o filósofo Sêneca.
- (e) a doutrina estoica.

58 Unesp 2018 Assinale a alternativa cuja citação se aproxima tematicamente do "Sermão do bom ladrão" de Antônio Vieira.

- (a) "Rouba um prego, e serás enforcado como um malfetor; rouba um reino, e tornar-te-ás duque." (Chuang-Tzu, filósofo chinês, 369-286 a.C.)
- (b) "Que o ladrão e a ladra tenham a mão cortada; esta será a recompensa pelo que fizeram e a punição da parte de Deus; pois Deus é poderoso e sábio." (Alcorão, livro sagrado islâmico, século VII)
- (c) "Dizem que tudo o que é roubado tem mais valor." (Tirso de Molina, dramaturgo espanhol, 1584-1648)
- (d) "O dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; aquele que se persegue é o instrumento da escravidão." (Rousseau, filósofo francês, 1712-1778)
- (e) "Para quem vive segundo os verdadeiros princípios, a grande riqueza seria viver serenamente com pouco: o que é pouco nunca é escasso." (Lucrécio, poeta latino, 98-55 a.C.)

- 89. A
- 90. D
- 56. E
- 57. A
- 58. A
- 59. E
- 60. B
- 61. B
- 62. D
- 63. A
- 64. C
- 65. E
- 66. C
- 67. B
- 68. E
- 69. B
- 70. B
- 71. E
- 72. C

► Texto para a questão 95.

AUTO DE SÃO LOURENÇO

*Coisa muito boa é uma grande bebedeira,
ficar vomitando cauim.*

*Isso é que deve ser bem amado,
isso realmente! Afirmamos
que isso é que deve ser festejado.*

.....
*Enraivecê-se, trucidar gente,
comer um ao outro, prender tapuias,
a mancebia, o desejo sensual,
a alcovitice, a prostituição
– não quero que ninguém os deixe.*

José de Anchieta. Teatro. Eduardo de Almeida Navarro, traduzido do tupi. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 08.

95 UPE 2011 Considerando-se estes excertos no contexto da peça a que pertencem – *Auto de São Lourenço* – analise as afirmações a seguir.

- I. Neles, o demônio Gauixará, com o intuito de destruir a aldeia, valoriza os costumes indígenas.
- II. Neles, o demônio Gauixará é adepto aos costumes modernos.
- III. Neles, Anchieta tenta preservar a cultura indígena.
- IV. Neles, Anchieta procura dominar o Índio ideologicamente, aproximando os costumes indígenas de forças do mal, desvalorizando seus costumes em prol dos costumes portugueses.
- V. Neles, Anchieta faz uma homenagem à tradição indígena através da encenação do *Auto de São Lourenço*.

Somente está correto o que se afirma em:

- (a) I e V.
- (b) II e IV.
- (c) III e V.
- (d) II e V.
- (e) I e IV.

94 Ufam 2013 Marque a opção que **não** se relaciona, direta ou indiretamente, ao período em que aconteceu a chamada literatura dos viajantes e dos jesuítas.

- (a) As obras dessa fase refletem certos aspectos da realidade brasileira, evidenciando traços de uma consciência nacional.
- (b) As concepções medievais perdem espaço para os novos conceitos e valores fundados no ideário renascentista.
- (c) Esse ciclo da Literatura Brasileira correspondeu ao momento inicial da colonização de nosso país.
- (d) Os textos corresponderam à necessidade de informações que confirmassem a viabilidade econômica da empresa colonial.
- (e) Viveu-se um período de delírio e espírito aventureiro, com a "descoberta" de novas terras e povos tidos como exóticos.

► Texto para a questão 77.

CAPÍTULO LXXI – O SENÃO DO LIVRO

Começo a arrepende-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

77 Fuvest 2014 Um leitor que tivesse as mesmas inclinações que as atribuídas, pelo narrador, ao leitor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* teria maior probabilidade de impacientar-se, também, com a leitura da obra

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) *Viagens na minha terra*.
- (c) *O cortiço*.
- (d) *A cidade e as serras*.
- (e) *Capitães da areia*.

76 Unicamp 2015 Muito me pesa, leitor amigo, se outra coisa esperavas das minhas *Viagens*, se te falta, sem o querer, a promessa que julgaste ver nesse título, mas que eu não fiz decerto. Querias talvez que te contasse, marco a marco, as léguas das estradas?

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 218.

No trecho acima, o narrador garrettiano admite que traiu as expectativas do leitor. Tal fato deveu-se

- (a) à descrição pormenorizada da natureza e dos monumentos históricos das cidades portuguesas.
- (b) ao caráter linear do relato ficcional, que se fixou nos detalhes do percurso realizado durante a viagem a Santarém.
- (c) ao caráter digressivo do relato ficcional, que mesclou vários gêneros textuais.
- (d) às posições políticas assumidas pelo narrador, que propõe uma visão conservadora da história de Portugal.

75 Unicamp 2016 [...] plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, *macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarolas de lcaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a que hoje vivemos. Andai, ganha-pães, andai: reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprai, vendei, agiotai. – No fim de tudo isto, o que lucrrou a espécie humana? Que há mais umas poucas dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.77.)

*Macadamizar: pavimentar.

Formou Deus o homem, e o pôs num paraíso de delícias; tomou a formá-lo a sociedade, e o pôs num inferno de tolices.

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.190.)

Vários discursos organizam a estrutura narrativa do romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Isso permite afirmar que a visão de mundo dessa narrativa

- (a) compartilha exclusivamente dos valores éticos dos ricos e é demagógica com a miséria social, marca inconfundível do romance de Garrett.
- (b) relativiza posições dogmáticas sobre a vida social, cultural e política, permitindo vários ângulos de observação.
- (c) denuncia as condições sociais injustas dos pobres da sociedade, o que indica o caráter panfletário do romance de Garrett.
- (d) divide o mundo entre ricos e pobres e não leva em consideração que uma vida justa depende da riqueza produzida na sociedade.

74 Unicamp 2017 Sabe-se que *Coração, cabeça e estômago* é uma obra atípica na produção ficcional de Camilo Castelo Branco. Em relação a essa obra, assinale a alternativa em que todas as características listadas são corretas.

- (a) Inclusão da edição do livro como parte do jogo narrativo; sátira da poesia e das motivações espirituais; caracterização do herói como alguém incapaz de amar.
- (b) Paródia da vida romântica e natural; espiritualização das necessidades do corpo; transformação do herói ao longo da narrativa.
- (c) Descrição da formação do indivíduo; caricatura dos valores e sentimentos românticos; impossibilidade de adaptação do herói à vida social.
- (d) Caricatura das questões relacionadas ao espírito e à posição social; elogio irônico das motivações fisiológicas; ridicularização do herói.

73 Unesp 2018 A poesia dos antigos era a da posse, a dos novos é a da saudade (e anseio); aquela se ergue, firme, no chão do presente; esta oscila entre recordação e pressentimento. O ideal grego era a concórdia e o equilíbrio perfeitos de todas as forças; a harmonia natural. Os novos, porém, adquiriram a consciência da fragmentação interna que torna impossível este ideal; por isso, a sua poesia aspira a reconciliar os dois mundos em que se sentem divididos, o espiritual e o sensível, fundindo-os de um modo indissolúvel. Os antigos solucionam a sua tarefa, chegando à perfeição; os novos só pela aproximação podem satisfazer o seu anseio do infinito.

(August Schlegel apud Anatal Rosenfeld. *Textos/Contexto*, 1996. Adaptado.)

Os "novos" a que se refere o escritor alemão August Schlegel são os poetas

- (a) clássicos.
- (b) árcades.
- (c) modernistas.
- (d) românticos.
- (e) naturalistas.

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 4

- 95. B
- 94. A
- 77. B
- 76. C
- 75. B
- 74. D
- 73. D

LIVRO 1 - Questões objetivas

Português – Frente 2 – Capítulo 5

► Leia o texto para responder à questão 79.

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do "mal" byroniano.

Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso.

Graças a tal fundo de juvenildade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.)

79 Unifesp 2014 Os versos de Casimiro de Abreu que se aproximam da ideia de saudade, tal como descrita por Massaud Moisés, encontram-se em:

- (a) *Minh'alma é triste como a flor que morre / Pendida à beira do riacho ingrato; / Nem beijos dá-lhe a viração que corre, / Nem doce canto o sabiá do matol*
- (b) *Oh! não me chames coração de gelo! / Bem vês: traí-me no fatal segredo. / Se de ti fujo é que te adoro e muito, / És bela – eu moço; tens amor, eu – medol...*
- (c) *Tu, ontem, / Na dança / Que cansa, / Voavas / Cós faces / Em rosas / Formosas / De vivo, / Lasivo / Carmim; / Na valsa / Tão falsa, / Comias, / Fugias, / Ardente, / Contente, / Tranquila, / Serena, / Sem pena / De mim!*
- (d) *Naqueles tempos ditosos / Ia colher as pitangas, / Trepava a tirar as mangas, / Brincava à beira do mar, / Rezava às Ave-Marias, / Achava o céu sempre lindo, / Adormecia sorrindo / E despertava a cantar!*
- (e) *Se eu soubesse que no mundo / Existia um coração, / Que só por mim palpitasse / De amor em tema expansão; / Do peito calara as mágoas, / Bem feliz eu era então!*

78 Unifesp 2018 A veia humorística do poeta romântico Álvares de Azevedo (1831-1852) está exemplificada nos versos:

- (a) *Feliz daquele que no livro d'alma
Não tem folhas escritas
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lágrimas malditas!*
- (b) *Coração, por que tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!*
- (c) *E eu amo as flores e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
E o céu azul e o manto nebuloso
Do céu da minha terra!*
- (d) *Quando falo contigo, no meu peito
Esquece-me esta dor que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d'alma:
E eu ousa ainda murmurar teu nome!*
- (e) *Quando, à noite, no leito perfumado
Lânguida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da ilusão por que te orvalhas
Pranto de amor as pálpebras divinas?*

LIVRO 1

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 5

- 79. D
- 78. B

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 98.

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Còs velinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

Chico Buarque. *Geni e o zepelim*.

98 Unifesp 2011 Indique a alternativa que apresenta a função sintática do verso *De tudo que é nego torto*.

- (a) Adjunto adverbial de modo.
- (b) Objeto indireto.
- (c) Predicativo do sujeito.
- (d) Adjunto adnominal.
- (e) Complemento nominal.

► Texto para a questão 99.

(A) *As filmagens de Tropa de Elite 2 mostram a força da verossimilhança na roteirização de uma troca de tiros.*

(B) *Cena de tiroteio.*

(C) *Helicópteros sobrevoam o morro Dona Marta, em Botafogo, zona sul do Rio. Policiais militares, com fuzis calibre 762, trocam tiros com traficantes na rua de acesso à favela. Os moradores se escondem, assustados. Corta. A cena que marcou o início das filmagens de Tropa de Elite 2, em fevereiro, pôs os habitantes da região em pânico, crédulos de que se tratava de operação policial genuína. De quebra, mostrou a força da verossimilhança exigida na criação das sequências de tiroteio no cinema.*

Marcelo Lyra. *Revista Língua Portuguesa*, nº 54, abr. 2010, p. 36.

99 Unemat 2011 Sobre a palavra *Corta* usada no texto, é incorreto afirmar que:

- (a) é um verbo flexionado no modo imperativo.
- (b) é o núcleo de uma frase nominal que marca a função apelativa da linguagem.
- (c) é um sinônimo da palavra *para*.
- (d) é, gramaticalmente, diferente de *pare*.
- (e) é um jargão próprio da linguagem do cinema e da televisão.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 97.

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Còs velinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

Chico Buarque. *Geni e o zepelim*.

97 Unifesp 2011 Indique a alternativa que apresenta a função sintática do verso *De tudo que é nego torto*.

- (a) Adjunto adverbial de modo.
- (b) Objeto indireto.
- (c) Predicativo do sujeito.
- (d) Adjunto adnominal.
- (e) Complemento nominal.

► Texto para a questão 98.

(A) As filmagens de Tropa de Elite 2 mostram a força da verossimilhança na roteirização de uma troca de tiros.

(B) Cena de tiroteio.

(C) Helicópteros sobrevoam o morro Dona Marta, em Botafogo, zona sul do Rio. Policiais militares, com fuzis calibre 762, trocam tiros com traficantes na rua de acesso à favela. Os moradores se escondem, assustados. Corta. A cena que marcou o início das filmagens de Tropa de Elite 2, em fevereiro, pôs os habitantes da região em pânico, crédulos de que se tratava de operação policial genuína. De quebra, mostrou a força da verossimilhança exigida na criação das sequências de tiroteio no cinema.

Marcelo Lyra. Revista Língua Portuguesa, nº 54, abr. 2010, p. 36.

98 Unemat 2011 Sobre a palavra *Corta* usada no texto, é incorreto afirmar que:

- (a) é um verbo flexionado no modo imperativo.
- (b) é o núcleo de uma frase nominal que marca a função apelativa da linguagem.
- (c) é um sinônimo da palavra *para*.
- (d) é, gramaticalmente, diferente de *pare*.
- (e) é um jargão próprio da linguagem do cinema e da televisão.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 6

- 98. E
- 99. B
- 97. E
- 98. B

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 1 - Capítulo 7

103 Unimontes 2013 Assinale o contexto em que a palavra "se" foi usada com valor semântico de condição, introduzindo, pois, uma oração subordinada adverbial condicional.

- (a) "Sendo intuição e audácia, ele melhora se misturado com alguma prudência e sabedoria, para que o bolo não desande."
- (b) "Na treva da ignorância nasce o atraso, de suas raízes se alimenta a pobreza em todos os sentidos..."
- (c) "Precisamos ter cuidados pelos que nos governam: se nas relações pessoais amar é cuidar, na vida do país cuidar é nutrir não só o corpo e fortalecer condições materiais de vida, mas iluminar a mente."
- (d) "Parece utopia, aceito isso. Mas batalharei, com muitos outros, para que ela se transforme na nossa mais fundamental realidade: simples assim."

► Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão 96.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibiessa das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

- 96** Unifesp 2017 Em "A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos" (3º parágrafo), o pronome destacado refere-se a
- (a) "Europa".
 - (b) "Rússia e os países balcânicos".
 - (c) "Espanha e Portugal".
 - (d) "territórios-ponte".
 - (e) "mundos".

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 7

103. A
96. B

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 1 - Capítulo 8

- 108** Unifesp 2011 Leia o texto.

Dimitria cursava a oitava série no colégio e desapareceu durante as férias de julho de 2008. Segundo a polícia, a garota avisou que iria viajar em companhia do caseiro, mas nunca mais foi vista. [...] De acordo com a polícia, [o caseiro] Silva disse que matou a menina porque era apaixonado por ela, mas ela não o correspondia.

Folha de S.Paulo, 16 ago. 2010.

No texto, há um erro gramatical. O tipo de erro e a versão que o corrige estão, respectivamente, em:

- (a) uso de conectivo – Silva disse no depoimento o qual matou a menina [...].
- (b) uso de pronome – [...] porque era apaixonado por ela, mas ela não correspondia.
- (c) uso de conectivo – [...] iria viajar em companhia do caseiro, porém nunca mais foi vista.
- (d) uso de adjetivo – [...] porque era obcecado por ela, mas ela não o correspondia.
- (e) uso de verbo – Dimitria frequentava a oitava série no colégio [...].

- Texto para a questão 109.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; irritadiços todos como feridas; os inspetores a cada passo precisavam intervir em conflitos; as importunações andavam em busca das suscetibilidades; as suscetibilidades a procurar a sarna das importunações. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos. Viam Rômulo passar, lançavam-lhe o apelido: mestre-cucal

Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?

[...]

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho. Em geral procurava reconhecer algum dos impertinentes e o marcava para a vindita. Vindita inexorável.

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre-cucal! Via-se apregoado por vozes fantásticas, salidas da terra; mestre-cucal! Por vozes do espaço rouquenhadas ou esganiçadas. Sentava-se acabrunhado, vendo-se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantíase.

Raul Pompeia. O Alneu.

- 109** Unifesp 2011 Tendo em vista a função sintática da palavra grifada no fragmento "Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade", assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce a mesma função.
- (a) Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.
 - (b) Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro.
 - (c) Via-se apregoado por vozes fantásticas, salidas da terra.
 - (d) Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva.
 - (e) Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos.

► Instrução: A questão **106** toma por base fragmentos de um livro do búlgaro Tzvetan Todorov (1939-), linguista e teórico da literatura.

A LITERATURA EM PERIGO

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduza a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. Como já o disse, essa ideia não é estranha a uma boa parte do próprio mundo do ensino; mas é necessário passar das ideias à ação. Num relatório estabelecido pela Associação dos Professores de Letras, podemos ler: “O estudo de Letras implica o estudo do homem, sua relação consigo mesmo e com o mundo, e sua relação com os outros.” Mais exatamente, o estudo da obra remete a círculos concêntricos cada vez mais amplos: o dos outros escritos do mesmo autor, o da literatura nacional, o da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, nos é efetivamente dado pela própria existência humana. Todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão.

O que devemos fazer para desdobrar o sentido de uma obra e revelar o pensamento do artista? Todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos. [...]

[...]

[...] Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquela que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender com esses mesmos professores do que com os manuais

preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das ideias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos.

Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário, o qual não serviria mais unicamente à reprodução dos professores de Letras, podemos facilmente chegar a um acordo sobre o espírito que o deve conduzir: é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. “É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura”

escrevia Paul Bénichou. A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor.

Tzvetan Todorov. *A literatura em perigo*. 2 ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, pp. 89-94.

106 Unesp 2012 Considerando que o pronome *o*, usado na sequência que *o deve conduzir*, tem valor anafórico, isto é, faz referência a um termo já enunciado no último parágrafo, identifique esse termo.

- (a) Ensino literário.
- (b) Professores de Letras.
- (c) Acordo.
- (d) Espírito.
- (e) Grande diálogo.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 8

- 108. B
- 109. E
- 106. A

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 1 - Capítulo 9

115 Ufam 2011 Assinale a opção na qual a oração coordenada tem um sentido explicativo.

- (a) Os alunos não vieram nem deram satisfação.
- (b) Não fiz a revisão do meu carro, portanto não poderei viajar com ele.
- (c) Apesar de ter bastante dinheiro, não paga seus compromissos.
- (d) Estudei Direito por conveniência, que não por vocação.
- (e) Deixe em paz meu coração, que ele tem sofrido muito.

► Texto para a questão **116**.

A GALINHA REVINDICATIVA

Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado. O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem, tivera muitas galinhas em sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias.

– Ainda bem que você está satisfeito, disse a galinha. E tem razão de estar, pois é galo. Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso. Todo dia pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos, isso é vida? Mas agora a coisa vai mudar. Pode estar certo de que vou levar uma vida de galo, livre e feliz. Há já seis meses que não choco e há uma semana que não ponho ovo. A patroa, se quiser, que arranje outra para esses ofícios. Comigo, não, violão!

O velho galo ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e que cada ser tem sua função específica na vida, quando a cozinheira, sorrateiramente, passou a mão no pescoço da doidivanas e saiu com ela espermeando, dizendo bem alto: "A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela". Moral: um trabalho por jornada mantém a faca afiada.

Milôr Fernandes. *Fóbulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1997. p. 22 (Adapt.).

116 UCB 2011 A partir da análise da estrutura linguística e literária do texto anterior, julgue os itens a seguir, assinalando (V) para os verdadeiros e (F) para os falsos.

- () No primeiro período do texto, o sujeito é composto e o período é composto por coordenação.
- () Embora o texto apresente um diálogo hipotético entre o galo e a galinha, não há marcas de discurso direto relacionadas ao galo.
- () O narrador é do tipo observador, o que é verificado a partir do uso dos verbos na 3ª pessoa.
- () A utilização das aspas indica a fala da cozinheira e pode ser substituída por parágrafo e travessão, sem que haja alteração de sentido.
- () No último parágrafo do texto, o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por vírgula, sem perda semântica.

117 Unemat 2011 A conjunção, do ponto de vista semântico, estabelece relações de vários sentidos entre as orações que liga. Relacione as duas colunas de acordo com as relações estabelecidas pelas conjunções destacadas nas frases.

Coluna I

- A) Relação de adição.
- B) Relação de oposição.
- C) Relação de alternância.
- D) Relação de causa.
- E) Relação de consequência.

Coluna II

- 1) Não veio à escola **nem** justificou a falta. ()
- 2) **Ou** compra um carro, **ou** anda a pé. ()
- 3) Estamos cansados **porque** andamos bastante na mata. ()
- 4) O solo é seco, **mas** conseguimos uma boa safra este ano. ()
- 5) Havia tanta gente no Sambódromo, **que** não dava para caminhar. ()

Assinale a alternativa correta.

- (a) A, B, D, E, C.
- (b) B, D, A, E, C.
- (c) A, C, D, B, E.
- (d) D, C, E, B, D.
- (e) A, D, C, B, E.

► Texto para a questão 118.

DOAR LIVROS VIRA PENA ALTERNATIVA

Em Presidente Venceslau, no oeste do Estado de São Paulo, uma nova modalidade de pena alternativa vem chamando a atenção da opinião pública. Agora, todo aquele que se envolver em crimes leves no município pode optar pela doação de livros infantis, beneficiando 4 mil alunos das 16 escolas da cidade. A pena, idealizada pelo juiz Silas Silva Santos, titular da 1ª Vara Judicial do Fórum de Presidente Venceslau, substitui outras medidas, como a prestação de serviços comunitários e a doação de cestas básicas. Santos explica que a adesão a esse tipo de pena desperta grande interesse nos envolvidos, pois não acarreta registro de antecedentes criminais. No entanto, essa pena alternativa só é aplicável a pessoas acusadas de crimes leves, como desacato e calúnia, por exemplo, e condenadas a até 2 anos de prisão. O objetivo, afirma Santos, é formar bibliotecas municipais.

Revista Língua Portuguesa, nº 60, out. 2010.

118 Unemat 2011 "No entanto, essa pena alternativa só é aplicável a pessoas acusadas de crimes leves, como desacato e calúnia, por exemplo, e condenadas a até 2 anos de prisão".

Esse enunciado não terá prejuízo de sentido, no texto, se substituir o "no entanto" em negrito por:

- (a) portanto.
- (b) logo.
- (c) visto que.
- (d) porque.
- (e) entretanto.

119 Unemat 2011 Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, mas saíram de lá sãos e salvos.

Sobre esse enunciado é correto afirmar.

- (a) A conjunção "mas" indica uma relação de consequência entre a primeira e a segunda orações.
- (b) A expressão "lá" refere-se ao local do acidente.
- (c) A expressão "do INSS" tem a função sintática de complemento nominal.
- (d) Depreende-se do enunciado que o pronto-socorro do INSS é visto como um lugar seguro.
- (e) O efeito de humor e o tom satírico desse enunciado são provocados pelo uso da conjunção "mas".

120 UFRR 2011 No fragmento "O Vaticano, no entanto, é historicamente contra o uso de qualquer tipo de contracepção," o termo "no entanto" esclarece uma ideia de:

- (a) oposição.
- (b) concessão.
- (c) finalidade.
- (d) causa.
- (e) consequência.

► Texto para a questão 121.

[...]

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entram. Lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns 3 tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até 6 o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um...

[...]

Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: Afrânio Coutinho (Org.). *Obra completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 562.

121 UFRN 2011 No texto:

- o termo "o" nas expressões "o tomam da essa, e o levantam, e o descem" (linhas 6 e 7), retoma a palavra "cadáver" (linha 2).
- a ausência de conjunção, marcadamente no primeiro período, não compromete o seu conteúdo semântico.
- os verbos empregados no texto sugerem que a cena descrita caracteriza-se pela ausência de ações por parte dos envolvidos no evento do velório.
- o uso da linguagem informal por parte do autor é adequado à cena apresentada, pois ressalta a solenidade característica do ritual fúnebre.

FLOR ANÔNIMA

Manhã clara. A alma de Martinha é que acordou escura. Tinha ido na véspera a um casamento; e, ao tomar para casa, com a tia que mora com ela, não podia encobrir a tristeza que lhe dera a alegria dos outros e particularmente dos noivos.

Martinha ia nos seus... Nascera há muitos anos. Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família. O pai não cabia em si de contente.

- Há de ser linda!
- Há de ser boal
- Há de ser condessa!

– Há de ser rainha! Essas e outras profecias iam ocorrendo aos parentes e amigos da casa.

Lá vão... Aqui pega a alma escura de Martinha. Lá vão quarenta e três anos – ou quarenta e cinco, segundo a tia; Martinha, porém, afirma que são quarenta e três. Adotemos este número. Para ti, moça de vinte anos, a diferença é nada; mas deixa-te ir aos quarenta, nas mesmas circunstâncias que ela, e verás se não te cerceias uns dois anos. E depois nada obsta que marches um pouco para trás. Quarenta e três, quarenta e dois, fazem tão pouca diferença...

Naturalmente a leitora espera que o marido de Martinha apareça, depois de ter lido os jornais ou enxugado do banho. Mas é que não há marido, nem nada. Martinha é solteira, e daí vem a alma escura desta bela manhã clara e fresca, posterior à noite de bodas.

Só, tão só, provavelmente só até a morte; e Martinha morrerá tarde, porque é robusta como um trabalhador e sã como um pero. Não teve mais que a tia velha. Pai e mãe morreram, e cedo.

A culpa dessa solidão a quem pertence? Ao destino ou a ela? Martinha crê, às vezes, que ao destino; às vezes, acusa-se a si própria. Nós podemos descobrir a verdade, indo com ela abrir a gaveta, a caixa, e na caixa a bolsa de veludo verde e velha, em que estão guardadas todas as suas lembranças amorosas. Agora que assistira ao casamento da outra, teve ideia de inventariar o passado. Contudo hesitou:

– Não, para que ver isto? É pior: deixemos recordações aborrecidas.

<www.dominipublico.gov.br>. (Adapt.).

114 Unifesp 2012 Assinale a alternativa em que se reescreve o trecho – *É pior: deixemos recordações aborrecidas.* – mantendo-se o sentido do texto.

- É pior. Convém deixarmos recordações aborrecidas.
- É pior que deixemos recordações aborrecidas.
- É pior, quando deixamos recordações aborrecidas.
- É pior. É possível deixarmos recordações aborrecidas.
- É pior, porque deixamos recordações aborrecidas.

113 UEL 2013 Leia o texto a seguir.



O gordo é o novo fumante.

Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito contra gordos.

De um lado, o que há por trás é uma positiva discussão sobre saúde. Por outro, algo de podre: o nascimento de uma nova eugenia.

Super Interessante, 306 ed., jul. 2012. (Adapt.).

Analise o período "Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito contra gordos" e assinale a alternativa correta.

- A segunda oração apresenta a elipse do termo "peso", portanto a ideia expressa em relação à primeira oração é de oposição.
- Há um período composto no qual a segunda oração apresenta a ideia de adição em relação à primeira.
- O período apresenta uso inadequado dos elementos coordenados "nunca" e "nem" presentes nas duas orações.
- Os termos "nunca" e "nem", apesar de estarem em orações diferentes, possuem o mesmo valor semântico indicativo de tempo.
- Para expressar valor aditivo, na segunda oração, é necessário o emprego da conjunção "e" junto à conjunção "nem".

► Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão **113**.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus,

que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

113 Unifesp 2016 "Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens" (1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo "para" estabelece relação de

- (a) consequência. (d) finalidade.
- (b) conformidade. (e) causa.
- (c) proporção.

► Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à questão **114**.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu." Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Povo não esquecer*, 1999.)

¹facinora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acusado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

114 Unifesp 2016 "O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro." (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- (a) consequência. (d) causa.
(b) conclusão. (e) finalidade.
(c) alternância.

► Texto para a questão **82**.

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,

vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:

este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;

este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;

este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público.

Itabira é apenas uma fotografia na parede.

Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.

82 Fuvest 2016 Na última estrofe, a expressão que justifica o uso da conjunção sublinhada no verso "Mas como dói!" é:

- (a) "Hoje". (d) "fotografia".
(b) "funcionário público". (e) "parede".
(c) "apenas".

► Leia a fábula "A raposa e o lenhador", do escritor grego Esopo (620 a.C.? - 564 a.C.?), para responder à questão **105**.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: "Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras."

Fábulas completas, 2013.

105 Unifesp 2017 Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras.

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- (a) causa.
(b) conclusão.
(c) proporção.
(d) consequência.
(e) comparação.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 9

115. E
116. V; V; V; V; F
117. C
118. E
119. E
120. A
121. B
114. A
113. B (UEL 2013)
113. D (Unifesp 2016)
114. D
82. A
105. A

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 1 - Capítulo 10

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **133**.

*Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da **Shindô-Renmel** na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar "impiedosamente", na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Osvaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.*

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da Shindô-Renmei, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um "paraiso racial". Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

Matinas Suzuki Jr. Folha de S. Paulo, 20 abr. 2006. (Adapt.).

Shindô-Renmei foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

133 Unifesp 2011 No texto, as orações [...] que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da Shindô-Renmei na cidade [...] e [...] que encontrasse pela frente [...] são exemplos, respectivamente, de oração subordinada adjetiva explicativa e subordinada adjetiva restritiva, porque:

- (a) a primeira limita o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda explica o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- (b) a pausa, antes e depois da primeira oração, revela seu caráter de restrição e precisão do sentido do termo antecedente, tal como se dá com a segunda oração.
- (c) na primeira, a oração é indispensável para precisar o sentido da anterior, enquanto, na segunda, a oração pode ser eliminada.
- (d) a primeira explica o sentido do termo antecedente (a população de Osvaldo Cruz), enquanto a segunda limita o sentido do termo antecedente (qualquer japonês).
- (e) o sentido do termo "qualquer japonês", explicado na segunda oração, é determinante para a compreensão da primeira.

134 Ufac 2011 Para responder à questão a seguir, leia os fragmentos retirados da reportagem "Cientistas criam árvore artificial contra aquecimento global", publicada no site da BBC, disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/07/090708arvoressinteticasebc.shtml>.

Um grupo de cientistas da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, anunciou ter criado árvores artificiais que podem ajudar no combate ao aquecimento global, já que absorvem CO₂ da atmosfera quase mil vezes mais rapidamente do que árvores de verdade.

[...] Embora alguns ambientalistas critiquem os métodos de enterrar dióxido de carbono, Lackner afirma que o uso de suas árvores daria ao mundo tempo para encontrar alternativas melhores, como, por exemplo, o desenvolvimento de energias "limpas", que não produzem gases.

[...] De acordo com Klaus Lackner, cada uma dessas árvores artificiais poderia absorver uma tonelada de dióxido de carbono por dia, tirando da atmosfera CO₂ equivalente ao produzido por 20 carros.

[...] "O mundo produz cerca de 70 milhões de carros por ano, quer dizer, a produção de unidades neste patamar é certamente possível e também existe espaço suficiente no mundo para instalar as máquinas", disse [...]

A oração "que podem ajudar no combate ao aquecimento global" deve ser classificada como:

- (a) oração coordenada sindética aditiva.
- (b) oração coordenada assindética.
- (c) oração subordinada substantiva.
- (d) oração subordinada adjetiva.
- (e) oração subordinada adverbial.

► Texto para a questão 135.

⁵Com o advento da internet, criam-se novos mecanismos para quem busca ser uma celebridade ou tomar-se, pelo menos, conhecido. Um exemplo disso é a utilização das redes sociais – o Facebook, Twitter e o Orkut, entre outros – pelos aspirantes a famosos, que desejam alcançar os seus quinze minutos de fama – previstos por Andy Warhol em 1960 –, por meio da utilização dessas ferramentas. ¹²Essas redes, que surgiram prioritariamente como um agente para a integração social, criam um ambiente propício para o exibicionismo e o voyeurismo (prática que consiste no prazer a partir da observação de outras pessoas), onde ser contemplado é o que importa.

Sobre essa prática, Paula Sibília, professora do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comenta que a rede tem proporcionado uma espécie de democratização na busca pelo estrelato. ⁹A internet oferece um outdoor com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um pode ser visto como tem direito. As opções são inumeráveis e não cessam de se multiplicar: blogs, fotologs, Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, YouTube e um longo etcétera.

O temor da chamada “invasão de privacidade”, segundo a professora, dá espaço para o quase oposto: o aparecer, ser visto, contemplado e admirado. Para ela, o exibicionismo na rede ocorre a partir da necessidade que as pessoas têm de serem vistas, e como uma forma de confirmação de que existem e estão vivas. ⁸As pessoas mostram-se como um personagem, saciando a voracidade e a curiosidade de outras. “Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se ‘evadido’ do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. ⁶O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais, é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. ²Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias.”

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=59&id=751&tipo=0>>. Acesso em: 12 set. 2010. (Adapt.).

135 UFU 2011 A internet oferece um outdoor com espaço para todos: nessas vitrines mais populares, qualquer um pode ser visto como tem direito. (ref. 9)

Assinale a única alternativa, que substitui os dois-pontos sem alteração das relações de sentido.

- (a) apesar de
- (b) entretanto
- (c) embora
- (d) pois

► Texto para a questão 136.

1 Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de 10 liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

20 Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

25 Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e 30 planejar o município.

35 As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os “obstáculos” que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

40 Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

45 Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

50 A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor.

A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

Amélia Safatir. <<http://terramagazine.terra.com.br>>. 15 jul. 2009. (Adapt.).

136 ITA 2011 Assinale a opção em que o termo grifado NÃO indica a circunstância mencionada entre parênteses.

- (a) [...] pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. (Causa) (linhas 5 e 6).
- (b) Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. (Tempo) (linha 24).
- (c) [...] apesar de ser a saída mais utilizada pela população [...]. (Concessão) (linhas 26 e 27).
- (d) Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, [...]. (Tempo) (linha 58 e 59).
- (e) [...] porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso. (Causa) (linhas 62 e 63).

137 UFMT 2011 Leia as orações a seguir.

- I. Salmos **quando** a festa acabou.
 - II. **Embora** a situação esteja ruim, alimentamos esperanças.
 - III. As leis existem **para que** sejam respeitadas.
 - IV. **Já que** não pode ir ao cinema, foi à casa do amigo.
- As conjunções subordinativas em destaque classificam-se, respectivamente, em:

- (a) final; causal; comparativa; concessiva.
- (b) consecutiva; condicional; final; proporcional.
- (c) temporal; concessiva; final; causal.
- (d) final; concessiva; temporal; causal.
- (e) concessiva; temporal; final; condicional.

138 Uenp 2011

MAL SECRETO

*Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração no rosto se estampasse;*

*Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse.*

*Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!*

*Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

Raimundo Correia.

Assinale a alternativa que classifica sintaticamente a oração destacada na última estrofe: "cuja ventura única consiste".

- (a) Oração coordenada sindética explicativa
- (b) Oração subordinada adverbial comparativa
- (c) Oração coordenada sindética alternativa
- (d) Oração subordinada adjetiva restritiva
- (e) Oração subordinada substantiva objetiva direta

131 Uerj 2012 (Adapt.) Leia o texto a seguir.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

[...]

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las.

Graciliano Ramos. Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2002.

O fragmento *Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água* poderia ser reescrito com a inserção de um conectivo no início do trecho sublinhado. Esse conectivo, que garantiria o mesmo sentido básico do fragmento, está indicado em:

- (a) porque
- (b) embora
- (c) contudo
- (d) portanto

132 UFF 2012 "Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras". Nesse período, a oração em destaque estabelece, com a principal, relação de:

- (a) contrariedade.
- (b) temporalidade.
- (c) finalidade.
- (d) alternância.
- (e) negação.

128 UEA 2013 Quando rememora sua juventude, período em que estava morando em Manaus, Arminto comenta como era o seu dia a dia:

*Arranjei um serviço no empório de um português, estudava de manhã, almoçava no mercado, e passava a tarde carregando caixas e atendendo fregueses. **Mesmo com um ordenado míúdo, avisei a Estiliano que estava pagando o aluguel do quarto.***

No trecho em destaque tem-se a ideia de concessão, que também está presente em:

- (a) Não esqueci o que ela me disse logo depois do enterro de Amando [...].
- (b) A única saída era vender o palácio branco, minha última propriedade valiosa.
- (c) O cemitério de Vila Bela é um matagal só, ela disse.
- (d) Sei que Amando e meu avô tinham inimigos.
- (e) Aprendeu a gostar dele, apesar da baixazeza.

MAIS E MELHORES MÉDICOS

O governo federal anunciou que vai aumentar em 15% a oferta de vagas por cursos de medicina. Pela proposta do Ministério da Educação, do segundo semestre deste ano, até 2014 serão abertos mais 2.500 postos. Preveem-se 2.000 em universidades federais e 500 em instituições particulares. A administração Dilma Rousseff alega que a medida é necessária para atender a áreas em que há carência de profissionais. Os médicos, por meio de seu Conselho Federal (CFM), protestam. A categoria afirma que o país já conta com excesso de profissionais.

Os dois lados têm alguns argumentos e muitos interesses. É verdade que o Brasil está com um problema sério de distribuição de médicos. Eles estão concentrados nas cidades grandes do Sudeste e do Sul. Há falta crônica em algumas regiões do Nordeste e do Norte. A questão é que não basta formar mais gente para garantir que essas áreas sejam contempladas. Os jovens profissionais não se fixam onde são necessários porque, apesar dos bons salários oferecidos por várias prefeituras, as condições de trabalho são precárias. Sem medidas adicionais para resolver isso, o mais provável é que os recém-formados se apinhem nas metrópoles. O governo federal, porém, prefere a saída populista de apenas abrir mais vagas. No cômputo geral, ao contrário do que apregoa o CFM, o país precisa de mais médicos. Atualmente, o Brasil conta com 1,8 profissional para cada grupo de mil habitantes. Nações desenvolvidas têm bem mais do que isso. Nos EUA, eles são 2,4 por mil; no Reino Unido, 2,7; na Suécia, 3,3. Com o envelhecimento da população, por aqui a demanda ainda vai crescer.

Os médicos, porém, não querem a abertura de vagas por dois motivos. O primeiro, justificável, é a preocupação com a qualidade dos cursos. O segundo é o receio com o aumento da concorrência. Há várias formas de lidar com a questão da qualidade. Ampliar e aperfeiçoar os programas de residência, onde o jovem profissional de fato aprende, é a mais óbvia. Criar um exame de habilitação, nos moldes do que existe para bacharéis em Direito se tornarem advogados, é outra a considerar.

Já o problema da concorrência tende a ser mitigado se o governo conseguir fazer com que Estados e prefeituras criem as condições adequadas para que o médico se fixe onde ele é mais necessário. A carência de profissionais se mostra especialmente grave nos rincões do país, mas também ocorre nas escalas de hospitais públicos das maiores e mais ricas cidades.

Folha de S. Paulo, Opinião – Editoriais, 9 jun. 2012. (Adapt.).

No trecho "O governo federal, **porém**, prefere a saída populista de apenas abrir mais vagas.", do segundo parágrafo, há uma ideia de **contraste** que se relaciona diretamente ao fato de que:

- (a) os médicos recém-formados se apinharão nas grandes metrópoles.
- (b) o Brasil conta apenas com 1,8 médico para cada grupo de mil habitantes.
- (c) a formação de mais médicos não garante que áreas carentes sejam contempladas.
- (d) os jovens médicos não se fixam onde são necessários, devido a condições precárias.

BOLSA FAMÍLIA: INCLUSÃO SOCIAL?

A pobreza, a ignorância, a fome e a exclusão tomam a vida humana insustentável.

Aqui neste *Jornal do Brasil*, edição de 7 de outubro, foi publicado o texto "Bolsa Família: muito recurso e pouca cidadania", deste autor, através do qual foi feita uma criteriosa análise desse programa e os bilhões de reais direcionados para o mesmo. Mostrei que o melhor caminho não é o assistencialismo e, sim, investimentos para que, através de emprego, saúde e educação, entre outros, haja inclusão social.

Quando li o texto "Mais de 40% dos beneficiários do Bolsa Família são miseráveis", publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (6 do corrente), igualmente com números do Ministério do Desenvolvimento Social - MDS, vi que os mesmos confirmaram e ampliaram as minhas conclusões feitas há dois meses. O citado texto diz que, "entre os 12,7 milhões de famílias beneficiárias do Bolsa Família, ainda restam 5,3 milhões (42%) de miseráveis no programa." "[...] Para acabar essa situação de extrema pobreza, o valor de R\$ 68 referente ao benefício básico teria que dobrar – R\$ 138 – o que geraria uma despesa extra da ordem de R\$ 8 bilhões".

Não obstante os R\$ 67,25 bilhões (sem reajuste) injetados no Bolsa Família, quase metade dos beneficiários continua na miséria, o que prova de forma inconteste que o assistencialismo não é a solução para a erradicação da pobreza.

Humberto Viana Guimarães. "A pobreza, a ignorância, a fome e a exclusão tomam a vida humana insustentável". *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12 dez. 2010. Disponível em: <www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2010/12/12/exemplo-de-inclusao-social-2/>. Acesso em: 13 ago. 12. (Adapt.).

"**Não obstante os R\$ 67,25 bilhões (sem reajuste) injetados no Bolsa Família, quase metade dos beneficiários continua na miséria...**" (linhas 18 e 19).

O trecho destacado pode ser substituído por

- (a) Por causa dos
- (b) Devido aos
- (c) Apesar dos
- (d) A exemplo dos

► A questão 127 focaliza uma passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

ÁGUA-MÃE

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele **back**¹, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

– Joca, você aqui não paga.

Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo **center-forward**² que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o

até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.

(Água-Mãe, 1974.)

¹ Back: Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

² Center-forward: Centroavante.

127 Unesp 2014 Quando entrava no cinema era reconhecido.

A língua portuguesa aceita muitas variações na ordem dos termos na oração e no período, desde que não causem a desestruturação sintática e a perturbação ou quebra do sentido. Assinale a alternativa em que a reordenação dos elementos não altera a estrutura do período em destaque e mantém o mesmo sentido.

- (a) Quando era no reconhecido cinema entrava.
- (b) Era reconhecido quando entrava no cinema.
- (c) Entrava quando no cinema era reconhecido.
- (d) Quando era reconhecido entrava no cinema.
- (e) Entrava reconhecido quando era no cinema.

► Texto para a questão **125**.

O trecho a seguir foi retirado da apresentação da obra *Pioneiras da ciência no Brasil*. O livro traz biografias de cientistas brasileiras que iniciaram suas carreiras nos anos 1930 e 1940.

Cabe uma reflexão sobre a divisão dos papéis masculino e feminino dentro da família, para tentar melhor entender por que a presença feminina no mundo científico mantém-se minoritária. Constatou-se que, no Brasil, ainda cabem às mulheres, fortemente, as responsabilidades domésticas e de socialização das crianças, além dos cuidados com os velhos. Assim, ainda que dividindo o espaço doméstico com companheiros, as mulheres têm, na maioria dos lares, maior necessidade de articular os papéis familiares e profissionais. A ideia de que conciliar vida profissional e familiar representa uma dificuldade é reforçada pela análise da população ocupada feminina com curso superior, feita por estudiosos, que constata que cerca de 46% dessas mulheres vivem em domicílios sem crianças. Como as cientistas são pessoas com diplomas superiores, elas estão compreendidas nesse universo. Por outro lado, talvez a sociedade brasileira ainda mantenha uma visão estereotipada – calcada num modelo masculino tradicional – do que seja um profissional da ciência. E certamente faltam às mulheres modelos positivos, as grandes cientistas que lograram conciliar sucesso profissional com vida pessoal realizada. Para quebrar os estereótipos femininos, para que novas gerações possam se mirar em novos modelos, é necessário resgatar do esquecimento figuras femininas que, inadvertida ou deliberadamente, permaneceram ocultas na história da ciência em nosso país.

(Adaptado de Hildete P. de Melo e Lígia Rodrigues, *Pioneiras da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: SBPC, 2006, p. 3-4.)

125 Unicamp 2015 Indique a alternativa correta. No texto,

- (a) a informação numérica indica a desproporção entre o número de homens e o de mulheres presentes no mundo da ciência.
- (b) o último período tem a finalidade de justificar a publicação do livro *Pioneiras da ciência no Brasil*, estabelecendo os objetivos da obra.
- (c) a visão estereotipada de mulher cientista é exemplificada pelos modelos positivos das pioneiras brasileiras na ciência, tema da obra.
- (d) as informações sobre o envolvimento das mulheres nos afazeres domésticos não constituem argumentos importantes para justificar a obra.

► A questão **126** toma por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926-2012).

A GENTE HONÓRIO COTA

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajés, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade – de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento – então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa – o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descamado, como uma ave peralta de grande porte. Sendo assim tão descumal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajaezado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(Ópera dos mortos, 1970.)

126 Unesp 2015 No início do segundo parágrafo, por ter na frase a mesma função sintática que o vocábulo “vagaroso” com relação a “passo”, a oração “de quem não tem pressa” é considerada

- (a) coordenada sindética. (d) coordenada assindética.
- (b) subordinada substantiva. (e) subordinada adverbial.
- (c) subordinada adjetiva.

► Para responder à questão **119**, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

FIGURA O ANÚNCIO EM UM JORNAL QUE O AMIGO ME MANDOU, E ESTÁ ASSIM REDIGIDO:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos. calçada e ferada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.

Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoado, 2012)

119 Unesp 2017 "Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó." (2^a parágrafo)

Em relação ao período do qual faz parte, a oração destacada exprime ideia de

- (a) comparação.
- (b) concessão.
- (c) consequência.
- (d) conclusão.
- (e) causa.

► Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão **120**.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantém como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

120 Unifesp 2017 Em "Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, **não obstante**, mantém como um patrimônio necessário." (3^o parágrafo), a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- (a) contudo.
- (b) além disso.
- (c) assim sendo.
- (d) portanto.
- (e) ainda bem.

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão 85.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melódico de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?"; e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um cademinho e anotou qualquer coisa. Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se inco-modado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedo? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco.

Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor... " Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 histórias, 2016.

¹ *arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopéia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

85 Unifesp 2018 "Deliberou deitar-se, **embora a noite apenas começasse.**" (4ª parágrafo)

Em relação à oração anterior, a oração destacada exprime ideia de

- (a) causa.
- (b) condição.
- (c) concessão.
- (d) consequência.
- (e) conclusão.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 10

- 133. D
- 134. D
- 135. D
- 136. D
- 137. C
- 138. D
- 131. A
- 132. B
- 128. E
- 129. C
- 130. C
- 127. B
- 125. B
- 126. C
- 119. C
- 120. E
- 85. C

146 Ufac 2011 (Adapt.) Assinale a alternativa correta segundo a norma-padrão da língua portuguesa, quanto à regência verbal:

- (a) Os brasileiros desobedecem o código de trânsito.
- (b) Crianças corriam e pulavam-se no jardim.
- (c) Ontem assisti a um ótimo filme.
- (d) Os impostos devem ser pagos a Prefeitura.
- (e) Os vencedores se confraternizaram com os organizadores do evento.

147 Ucdsal 2011 Analise a charge para responder à questão a seguir.



A regência verbal está incorreta na frase – *Mas não fica sem assistir o novo reality show.*

Assinale a alternativa correta em relação à regência e ao uso ou não da crase.

- (a) A vítima prefere assistir ao novo *reality show* do que tomar seu remédio.
- (b) A vítima prefere assistir à intrigas do novo *reality show* à tomar o remédio.
- (c) A vítima prefere assistir as intrigas do novo *reality show* a tomar o remédio.
- (d) A vítima prefere assistir às eliminações do novo *reality show* do que tomar o remédio.
- (e) A vítima prefere assistir às brigas do novo *reality show* a tomar o remédio.

148 UFRR 2011 Analise as orações a seguir.

- I. Muitas pessoas preferem a prática esportiva à vida sedentária.
- II. Não podendo mais lutar, o guerreiro preferiu morrer do que viver.
- III. Prefiro correr de que levantar peso.
- IV. *Os historiadores preferem a figura histórica de araque à figura real do estadista ou seja lá o que foi Pedro II.*
- V. Alguns artistas preferem mais cinema que teatro.

Stanislaw Ponte Preta.

Quanto à regência do verbo PREFERIR, está(ão) correta(s):

- (a) apenas II, III e IV
- (b) apenas I e IV
- (c) apenas I
- (d) apenas III e V
- (e) apenas II e III

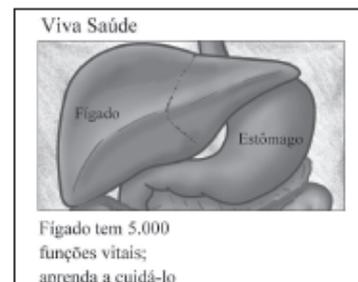
149 UEPG 2011 Charge.



Como foi empregada uma linguagem coloquial, o verbo “gostar”, no primeiro balão, não está sendo regido adequadamente pela preposição, já que se trata de um verbo transitivo indireto. Assinale o que for correto, no que se refere aos períodos cujos verbos exigem o mesmo complemento que o verbo “gostar”.

- 01 O rapaz esqueceu seu boné na sala.
- 02 O time necessita de um patrocinador para o próximo campeonato.
- 04 Desde o dia do seu nascimento as crianças precisam de muita atenção.
- 08 Ontem assistimos a um clássico do cinema americano.
- 16 Eu a encontrei na casa de um amigo.

145 Unifesp 2012 Observe a imagem veiculada na internet.



UOL, 19 maio 2011.

O texto verbal contém uma passagem em desacordo com a norma-padrão da língua portuguesa. Corriga-se essa inadequação com a substituição de:

- (a) tem por têm.
- (b) vitais por vital.
- (c) aprenda por aprende.
- (d) a por à.
- (e) cuidá-lo por cuidar dele.

► Texto para a questão 142.

VIVENDO, E...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. [...]

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. [...]

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e ... Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando – mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

Luis F. Veríssimo, Comédias para se ler na escola.

142 Fuvest 2013 Considere as seguintes substituições propostas para diferentes trechos do texto:

- I. "o número a que chegasse" (L. 11) = o número a que alcançasse.
- II. "Lembro o orgulho" (L. 14) = Recordo-me do orgulho.
- III. "coisas que deixamos de fazer" (L. 22) = coisas que nos descartamos.
- IV. "não há mais bondes" (L. 24) = não existe mais bondes.

A correção gramatical está preservada apenas no que foi proposto em:

- (a) I. (c) III. (e) I, III e IV.
(b) II. (d) II e IV.

143 UEA 2013 O bagre é um peixe de grande porte e é necessário manter, ao longo do ano, bons estoques desse pescado **de** que **dependem** muitas populações e mercados.

No trecho transcrito, observa-se que a preposição *de* foi empregada para atender à regência do verbo *dependem*.

De acordo com a norma-padrão, também está corretamente empregada a preposição destacada em:

- (a) O parecer, *de* que acreditam muitos pesquisadores, aponta que uma associação de causas é a responsável pelas alterações ambientais.
- (b) O uso de dinamites nas construções de barragens, *a* que aludem alguns pescadores, seria um dos fatores para a diminuição dos peixes.
- (c) Os estados do Pará, Amapá, Amazonas e Rondônia são aqueles *a* que o bagre apresenta grande valor comercial.

- (d) A relação entre peixes e hábitat, *de* que interferem os ciclos de cheias e vazantes, caracteriza a dinâmica hidrológica da região.
- (e) As regiões, *com* que esses peixes chegam durante a migração, são as mais elevadas dos países vizinhos.

144 Udesc 2013 Leia o texto a seguir.

- 1 *É certo que Fräulein tinha esclarecido muito o que viera fazer na casa deles, porém dona Laura que tinha percebido tudo com a explicação de Felisberto, agora não compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que Fräulein estava fazendo na casa dela!*
- 5 *Fräulein esperou um segundo. Nada tinham para lhe falar aqueles dois. Cumprimentou e saiu. Subiu pro quarto. Fechou-se. Tirou o casaco. O pensamento forte imobilizou-a. Comprimiu o seio com a mão, ao mesmo tempo que amarfanhava-lhe a cara uma dor vigorosa, incompreendida assim! Mas foi um minuto apenas,*
- 10 *dominou-se. Tinha que despir-se. Continuou se despindo. E Carlos?... Minuto apenas. Varreu o carinho. Prendeu com atenção os cabelos. Lavou o rosto. Se deitou. Um momento no escuro, os olhos inda pestanejavam pensativos. Não tinha nada com isso: haviam de lhe pagar os oito contos. Mas agora tinha que dormir, dormiu.*

Mário de Andrade. Amar, verbo intransitivo. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 57.

Assinale a alternativa que contém a oração que apresenta a mesma regência verbal que em "havam de lhe pagar os oito contos" (linhas 13 e 14).

- (a) Aquele dirigente do clube visava ao cargo de técnico do seu time.
- (b) Encontrei-a em casa.
- (c) Desobedeceu às regras impostas pelo dirigente do time.
- (d) Chegamos cedo ao local das provas.
- (e) A vítima perdeu o crime ao agressor.

142 Fuvest 2016 Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:

- (a) "Assim mesmo morrera negro, morrera pobre": havia morrido negro, havia morrido pobre.
- (b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara": Omolu dizia, no entanto, que não fora.
- (c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina": mas tão pouco sabiam da vacina.
- (d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...]": não lhe esqueçam.
- (e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...]": numa noite em que os atabaques

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 11

146. C
147. E
148. B
149. 07
145. E
142. (FUVEST 2013) B
143. B
144. E
142. (FUVEST 2016) E

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 1 - Capítulo 12

153. Ufam 2011 Assinale a opção em que o emprego ou a ausência do acento indicativo de crase tomou o enunciado incorreto.

- (a) Ao retornar a terra onde nasceu, seus olhos se encheram de lágrimas.
- (b) Nosso amigo, por ser muito vaidoso, só se veste à Pierre Cardin.
- (c) Fui a Fortaleza no mês passado, para tomar banhos de mar.
- (d) Fui à fortaleza assistir ao treinamento dos militares.
- (e) No campeonato sub-20, à equipe da Argentina venceu a do Brasil.

► Texto para a questão 154.



154. Unifor 2011 Assim como em "... de 25 de abril a 8 de maio...", a ausência da crase está correta em:

- (a) Dirigiu-se a senhora para tratar do assunto.
- (b) Ele mora a distância de 2 quilômetros da escola.
- (c) O médico deu a doença uma acepção popular.
- (d) Os turistas chegaram a cidade antes do combinado.
- (e) Os sócios do hotel estão a contemplar a natureza.

151. Uern 2013 Leia a tirinha a seguir.



Angeli, Wood & Stock – Em algum lugar do passado. Porto Alegre: L & PM, 2008.

No primeiro quadro, na fala do filho, há o uso do acento grave, indicador de um caso especial de crase na Língua Portuguesa (da proposição "a" com o artigo feminino "a(s)" ou com o pronome demonstrativo "aquela(s)"): "... você nunca vai às reuniões de pais". Das alternativas a seguir, a única alternativa em que não há incorreção quanto ao uso do acento grave é:

- (a) "você vai a todas às reuniões de pais."
- (b) "você tem aversão aquela professora?"
- (c) "você não vai atender a minhas súplicas?"
- (d) "você é o único pai que não comparece as reuniões."

152. Unimontes 2013 Considere o trecho: "Educação que pode consumir bem mais do que 7% do PIB sem quebrar coisa alguma, exceto a nossa miséria nascida da ignorância; nossas escolhas erradas nascidas da desinformação; nossa má qualidade de vida; e a falta de visão quanto àquilo que temos direito de receber ou de conquistar, com a plena consciência que nasce da educação".

Em relação à ocorrência do sinal indicativo de crase no termo em destaque, pode-se afirmar:

- (a) O termo antecedente é regido pela preposição "a", e houve contração dessa preposição com o artigo feminino "a".
- (b) Ocorre crase nas locuções conjuntivas formadas por substantivo feminino expresso ou elíptico.
- (c) Ocorre crase nas locuções prepositivas formadas por substantivo feminino expresso ou elíptico.
- (d) O termo antecedente é regido pela preposição "a", e houve a contração dessa preposição com a vogal "a" do pronome demonstrativo "aquilo".



(Bill Watterson. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Harold, 2007. Adaptado.)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da tira.

- (a) Por que – à – a – porquê (d) Por quê – à – à – porque
(b) Porquê – a – a – por que (e) Por quê – a – a – porque
(c) Por que – à – à – porque

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 12

153. A
154. E
151. C
152.(Unimontes 2013) D
152. (Unifesp 2016) D

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 5

► Texto para as questões 161 e 162.

*Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.*

*A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.*

*Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.*

*Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!*

Gregório de Matos. Poesias selecionadas. 3 ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 141.

161 UEL 2011 No que diz respeito à relação entre o eu lírico e a Bahia, considere as afirmativas a seguir.

- I. Na primeira estrofe, o eu lírico identifica-se com a Bahia, pois ambos sofrem a perda de um antigo estado.
- II. Na primeira estrofe, a Bahia aparece personificada, fato confirmado no momento em que ela e o eu lírico se olham.
- III. Na terceira estrofe, constata-se que a Bahia não está isenta da culpa pela perda de seu antigo estado.
- IV. Na quarta estrofe, o eu lírico conclui que a lamentável situação da Bahia está em conformidade com a vontade divina.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
(b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
(c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
(d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
(e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

162 UEL 2011 A partir da leitura do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O poema faz parte da produção de Gregório de Matos caracterizada pelo cunho satírico, visto que ridiculariza vícios e imperfeições e assume um tom de censura.
- II. As figuras do desconsolado poeta, da triste Bahia e do sagaz Brichote são imagens poéticas utilizadas para expressar a existência de um triângulo amoroso.
- III. O poema apresenta a degradação da Bahia e do eu lírico, em virtude do sistema de trocas imposto à colônia, o qual privilegiava os comerciantes estrangeiros.
- IV. Os versos "Que em tua larga barra tem entrado" e "Deste em dar tanto açúcar excelente" conferem ao poema um tom erótico, pois, simbolicamente, sugerem a ideia de solicitação ao prazer.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

163 Uepa 2011 Como poeta satírico, Gregório de Matos Guerra denunciou a ação da metrópole que, atuando sobre os recursos naturais da colônia, a impedia de usufruir livremente de suas próprias riquezas. Tal política muitas vezes acarretou consequências adversas à vida socioeconômica colonial. Marque a alternativa em que os versos confirmam essa afirmação.

- (a) *Perca quanto ganhar nas mercancias;
e em que perca o alheio, esteja mudo.*
- (b) *Ande sempre na caça e montaria;
Dê nova locução, novo epíteto;
E diga-o sem propósito à porfia*
- (c) *Atrás um negro, um cego, um mameluco,
Três lotes de rapazes gritadores:
É a procissão de cinza em Pernambuco.*
- (d) *Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.*
- (e) *Só sei que deste Adão de Massapé,
Procedem os fidalgos desta terra.*

► Texto para a questão 164.

*Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:
Dizei-me por vida vossa
em que fundais o ditame
de exaltar os que aqui vêm,
e abater os que aqui nascem?*

*Se o fazeis pelo interesse
de que os estranhos vos gabem,
isso os paisanos fariam
com conhecidas vantagens.
E suposto que os louvores
em boca própria não valem,
se tem força esta sentença,
mor força terá a verdade.*

*O certo é, pátria minha,
que fostes terra de alarves,
e inda os ressábios vos duram
desse tempo e dessa idade.
Haverá duzentos anos,
nem tantos podem contar-se,
que éreis uma aldeia pobre
e hoje sois rica cidade.*

*Então vos pisavam Índios,
e vos habitavam cafres,
hoje chispais fidalguias,
arrojando personagens.*

Nota: entenda-se 'Bahia' como cidade.

Gregório de Matos.

Vocabulário:

Alarves: que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante; que ou o que é tolo, parvo, estúpido.

Ressábios: sabor; gosto que se tem depois.

Cafres: indivíduo de raça negra.

164 UFF 2011 Todas as afirmativas sobre a construção estética ou a produção textual do poema de Gregório de Matos estão adequadas, exceto uma. Assinale-a.

- (a) Existem antíteses, características de textos no período Barroco.
- (b) Há uma personificação, pois a Bahia, ser inanimado, é tratada como ser vivo.
- (c) A ausência de métrica aproxima o poema do Modernismo.
- (d) O eu lírico usa o vocativo, transformando a Bahia em sua interlocutora.
- (e) Há diferença de tratamento para os habitantes locais e os estrangeiros.

158 Uepa 2013 Leia o texto a seguir.

*A boca para cravo é pequenina,
Pequenina sim é, será rubi,
Rubi não tem a cor tão peregrina,
Tão peregrina cor eu a não vi:
Vi a boca, julguei-a por divina,
Divina não será, eu não o cri:
Mas creio, que não quer a vossa boca
Por rubi, nem por cravo fazer troca.*

*Ver o aljófar nevado que desata
A aurora sobre a gala do rosal,
Ver em rasgos de nácar tecer prata,
E pérolas em conchas de coral,
Ver diamantes em golpes de escarlata,
Em pingos de rubi puro cristal,
E ver os vossos dentes de marfim,
Por entre os belos lábios de carmim.*

Entendido como produção estética, o Barroco circulou numa extensa rede de trocas chegando às terras colonizadas como valor estético exportado pelas metrópoles europeias. Conquistadora dos espaços geográficos, a Europa também emprestará ao Brasil os contornos da linguagem literária cultista, por influência de Gôngora, presente nas estrofes acima. Nelas, o cultismo consiste no(a):

- (a) rima regular, sinal de uma ruptura com a linguagem fácil da poesia barroca.
- (b) exagero descritivo, na ornamentação excessiva do rosto feminino, descrito em cores e formas abundantes.
- (c) jogo de conceitos e raciocínios antagônicos que finalmente convergem para uma síntese.
- (d) apelo à descrição clara e objetiva do mundo valorizando assim a contenção da subjetividade do artista.
- (e) aproveitamento de temas medievais da tradição cristã, como o conflito entre os gozos físicos e as penitências, em favor da salvação da alma.

159 Uepa 2013 Leia o texto a seguir.

Sobre Gregório de Matos:

Pelo seu gênio maléfico e satírico com que deixara Portugal, pelo seu desapego da terra, onde se encontrava deslocado e contrafeito, e a qual não cuidou de afeiçoar-se, achou-se naturalmente mal e contrariado nesta, e em oposição com ela. Mais de trinta anos de Portugal lhe tornaram insuportável a mesquinha vida da sua mesquinha Bahia.

Veríssimo, 1998, p.101

Gregório de Matos Guerra desconstruiu valores e crenças da Bahia do século XVII e isto lhe causou certo mal estar junto ao espaço social da época, como afirma o texto de José Veríssimo. O poeta sentia-se

desconfortável com a indiferença que lhe fora dispensada pelo povo baiano e este estado de alma por muitas vezes foi evidenciado em seus poemas. Com base no texto de Veríssimo (1998) e nesta afirmação, marque a alternativa que melhor evidencie o descontentamento do poeta:

- (a) *Tristes sucessos, casos lastimosos,
Desgraças nunca vistas, nem faladas,
São, ó Bahia! Vésperas choradas
De outros que estão por vir mais
estranhosos.*
- (b) *Sou um herege, um asnote, mau cristão,
pior ministro,
mal entendido entre todos,
de nenhum bem entendido.
Tudo consiste em ventura,
que eu sei de muitos delitos
mais graves que os meus alguns,
porém todos sem castigo.*
- (c) *Ide donde meu amor
apesar desta distância
não há perdido constância
nem demitido o rigor:
antes é tão superior*
- (d) *Que és terra homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje, Deus, por sua Igreja.*
- (e) *Que atropelando a justiça
Só com virtude postiça,
Se premie o delinquente,
Castigando o inocente
Por um leve pensamento:
Anjo Bento.*

160 UFPR 2013 Considere o soneto a seguir, de Gregório de Matos:

DESCREVE COM GALHARDA PROPRIEDADE O LABIRINTO

CONFUSO DE SUAS DESCONFIANÇAS

*Ó caos confuso, labirinto horrendo,
Onde não topo luz, nem fio achando;
Lugar de glória, aonde estou penando;
Casa da morte, aonde estou vivendo!*

*Oh voz sem distinção, Babel tremendo;
Pesada fantasia, sono brando;
Onde o mesmo que toco, estou sonhando;
Onde o próprio que escuto, não o entendo;*

*Sempre és certeza, nunca desengano;
E a ambas pretensões com igualdade,
No bem te não penetro, nem no dano.*

*És ciúme martírio da vontade;
Verdadeiro tormento para engano;
E cega presunção para verdade.*

Gregório de Matos. Poemas escolhidos. José Miguel Wisnik (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 219.

Vocabulário:

Babel: bíblico, torre inacabada por castigo divino; quando de sua construção os homens viram seus idiomas se confundirem, gerando o desentendimento que os obrigou a se dispersarem. Por extensão, desentendimento, confusão.

O soneto transcrito apresenta características recorrentes da poesia de Gregório de Matos e do período literário em que ele o escreveu, o Barroco. Acerca desse soneto, é correto afirmar:

- (a) O poema descreve um labirinto e, de modo semelhante à imagem descrita, utiliza uma linguagem em que a ideia central só se apresenta no fim do texto.
- (b) O poema se apropria de duas imagens, Babel e labirinto, com a intenção de tematizar um sentimento conturbado: a presunção.
- (c) O poema se estrutura como um soneto típico, em que a ideia central está apresentada no primeiro quarteto.
- (d) As figuras de linguagem utilizadas associam ideias contrárias, o que se contrapõe às imagens do labirinto e de Babel.
- (e) O poema apresenta nos quartetos duas imagens concretas, dissociadas das abstrações apresentadas nos tercetos.

► Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder às questões **159** e **160**.

A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir

e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

159 Unifesp 2016 No sermão, Vieira critica

- (a) a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- (b) a falta de ambição dos miseráveis.
- (c) a ganância excessiva dos poderosos.
- (d) o excesso de humildade dos miseráveis.
- (e) o excesso de vaidade dos poderosos.

160 Unifesp 2016 Condizente com o teor do sermão está o conteúdo do seguinte provérbio:

- (a) "A tolerância é a virtude do fraco."
- (b) "O homem é o lobo do homem."
- (c) "Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão."
- (d) "A fome é a companheira do homem ocioso."
- (e) "Quem tem ofício, não morre de fome."

► Leia o soneto "A uma dama dormindo junto a uma fonte", do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões de **154** a **157**.

*À margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.*

*Mas como dorme Sílvia, não vestia
O céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio entre as flores,
Calava o mar, e rio não se ouvia.*

*Não dão o parabém à nova Aurora
Flores canoras, pássaros fragrantés,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.*

*Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.*

154 Unifesp 2017 Mais recorrente na poesia arcádica, verifica-se neste soneto barroco o recurso, sobretudo, ao seguinte lema latino:

- (a) *"locus horrendus"* ("lugar horrível").
- (b) *"locus amoenus"* ("lugar aprazível").
- (c) *"memento mori"* ("lembra-te da morte").
- (d) *"inutilia truncat"* ("corta o inútil").
- (e) *"carpe diem"* ("aproveite o dia").

155 Unifesp 2017 No soneto, a seguinte expressão é empregada pelo eu lírico em lugar de sua musa Sílvia:

- (a) "Flores canoras, pássaros fragrantés".
- (b) "À margem de uma fonte, que corria".
- (c) "O céu seus horizontes de mil cores".
- (d) "A bela ocasião das minhas dores".
- (e) "Aves cheirosas, flores ressonantes".

156 Unifesp 2017

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 13

A sinestesia consiste em transferir percepções de um sentido para as de outro, resultando um cruzamento de sensações.

Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013.

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- (a) "Flores canoras, pássaros fragrantés," (3ª estrofe)
- (b) "À margem de uma fonte, que corria," (1ª estrofe)
- (c) "Porém abrindo Sílvia os dois diamantes," (4ª estrofe)
- (d) "Dominava o silêncio entre as flores," (2ª estrofe)
- (e) "O céu seus horizontes de mil cores," (2ª estrofe)

157 Unifesp 2017

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 3

Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- (a) "Não dão o parabém à nova Aurora/Flores canoras, pássaros fragrantés" → A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantés.
- (b) "Calava o mar, e rio não se ouvia" → O mar se calava e não ouvia o rio.
- (c) "não vestia/O céu seus horizontes de mil cores" → O céu não vestia seus horizontes de mil cores.
- (d) "Tudo a Sílvia festeja, tudo adora" → A Sílvia festeja tudo, adora tudo.
- (e) "A bela ocasião das minhas dores/Dormindo estava ao despertar do dia" → Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 5

- 161. D
- 162. B
- 163. D
- 164. C
- 158. B
- 159. (Uepa 2013) B
- 160. (UFPR 2013) A
- 159. (Unifesp 2016) C
- 160. (Unifesp 2016) B

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 6

173 Uepa 2011 Na produção dos poetas árcades, o eu nem sempre acha-se integrado ao meio ambiente que o cerca, desfazendo a unidade com a natureza teoricamente desejável. Leia os versos a seguir e assinale aqueles em que Cláudio Manuel da Costa, ao refletir sobre a relação do eu com a natureza, demonstra isso.

- (a) *Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos.*
- (b) *Onde estou, este sítio desconheço.
Quem fez tão diferente aquele prado?*
- (c) *Nise, Nise, onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira;*
- (d) *Sonha em tormento d'água, o que abrasado
Na sede ardente está; [...]*
- (e) *Junto desta corrente contemplando
Na triste falta estou de um bem, que adoro;*

174 Uepa 2011 O meio ambiente desempenha muitos papéis na produção poética árcade. Assinale a opção em que Bocage o utiliza para criar a atmosfera do *locus horrendus*.

- (a) *Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza e sem brandura,*
- (b) *Amargosas, mortais desconfianças,
Deixai-me sossegar alguns momentos:*
- (c) *Ah! Cego eu cria, ah! Misero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:*
- (d) *Olha, Marília, a flauta dos pastores.
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre as flores?*
- (e) *Deu meio giro a noite escura e feia.
Que profundo silêncio me rodeia,
Neste deserto bosque, à luz vedado.*

175 UPE 2011 Sobre as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, analise as proposições a seguir e conclua.

- () Há bucolismo no texto, tendo em vista pertencer ao Arcadismo.
- () Todos os versos são brancos, ou seja, não dispõem de rimas.
- () Trata-se de uma sátira endereçada ao governador da época, Luís da Cunha Meneses, criticando os desmandos administrativos e a corrupção praticados por este na capitania de Minas Gerais.
- () Trata-se de um poema lírico-amoroso em que o pastor declara o seu amor de forma tão enfática que o conjunto dos versos pode ser entendido como um convite de casamento.
- () Constitui-se em um poema elaborado por meio de uma linguagem totalmente rebuscada que remete à estética barroca.

171 UFSM 2012 A beleza da forma física feminina constituiu assunto predileto da poesia arcádica brasileira. Leia as seguintes estrofes da Lira 27 de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga:

*Vou retratar a Marília,
a Marília, meus amores;
porém como? Se não vejo
quem me empreste as finas cores:
dar-mas a terra não pode;
não, que a sua cor mimosa
vence o lírio, vence a rosa,
o jasmim e as outras flores.
Ah! Socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traz-me as tintas do céu.
[...]
Entremos, Amor, entremos,*

*Entremos na mesma esfera;
venha Palas, venha Juno,
venha a deusa de Citera.
Porém, não, que se Marília
no certame antigo entrasse,
bem que a Páris não peitasse,
a todas as três vencera.
Vai-te, Amor, em vão socorres
ao mais grato empenho meu:
para formar-lhe o retrato
não bastam tintas o céu.*

Vocabulário:

Certame: disputa.

Juno: deusa da mitologia romana, esposa de Júpiter.

Palas: deusa da mitologia romana, presidia a guerra.

Deusa de Citera: Afrodite, deusa do amor.

Páris: príncipe troiano, responsável por escolher a deusa mais bela do Olimpo.

Com respeito ao texto referido, todas as afirmativas estão corretas, exceto:

- (a) Na lira 27, Dirceu exalta a beleza de Marília e, para fazer isso, recorre à personagens da Antiguidade Clássica.
- (b) Os versos dessa lira são regulares, formados por sete sílabas métricas.
- (c) Com a alusão à tentativa de trazer as "tintas do céu" para pintar o retrato de Marília, o eu lírico sugere que a beleza dela atinge a esfera do divino, do sublime, transcendendo a beleza encontrada no mundo terreno.

- (d) Há uma equivalência de sentido entre os quatro últimos versos da primeira estrofe e os quatro últimos versos da segunda estrofe.
- (e) O eu lírico tem como interlocutor o Amor, isto é, a divindade da mitologia clássica que rege o sentimento amoroso.

172 UFSM 2012 O Arcadismo volta aos princípios clássicos greco-romanos e renascentistas. Nesse sentido, a estética arcádica cria e segue um grupo de preceitos herdados do Classicismo. Assinale o trecho poético de *Marília de Dirceu* que corresponde ao preceito sublinhado.

- (a) "Verás em cima da espaçosa mesa/altos volumes de enredados feitos;/ver-me-ás folhear os grandes livros,/e decidir os pleitos" – *Fugere urbem*.
- (b) "Enquanto pasta alegre o manso gado,/minha bela Marília, nos sentemos/à sombra deste cedro levantado/Um pouco meditemos/na regular beleza,/que em tudo quanto vive nos descobre/a sábia Natureza." – *Locus amoenus*.
- (c) "Se não tivermos lãs e peles finas,/podem mui bem cobrir as carnes nossas/as peles dos cordeiros malcurtidas,/e os panos feitos com as lãs mais grossas./Mas ao menos será o teu vestido/por mãos de amor, por minhas mãos cosido." – *Inutilia truncat*.
- (d) "Pela Ninfa, que jaz vertida em Louro/o grande Deus Apolo não delira?/Jove, mudado em Touro/e já mudado em velha não suspira?/Seguir aos Deuses nunca foi desdouro./Graças, ó Nise bela,/graças à minha Estrela!" – *Carpe diem*.
- (e) "Quando apareces/Na madrugada/Mal-embrulhada/Na larga roupa/E desgrenhada/Sem fita, ou flor;/Ah! que então brilha/A natureza/Então se mostra/Tua beleza/Inda maior." – *Aurea mediocritas*.

170 UEMG 2013 A Lira XIV, reproduzida a seguir, foi extraída da obra *Marília de Dirceu*, publicada em 1792; já a canção *Tempos Modernos* pertence ao álbum homônimo, lançado em 1982.

LIRA XIV – PARTE I

[...]
*Ornemos nossas testas com as flores.
E façamos de feno um brando leito,
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,*

*Gozemos do prazer de são Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.*

TEMPOS MODERNOS (LULU SANTOS)

[...]
*Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo
Que volte amor
Vamos viver tudo
Que há pra viver
Vamos nos permitir...*

Por meio de uma leitura comparativa entre os dois textos, é correto afirmar que:

- apesar de o tempo ser sempre o mesmo em todas as épocas, na modernidade ele parece passar mais rápido; daí a urgência do amor, presente na canção contemporânea de Lulu Santos, mas ausente na lira de Gonzaga, do século XVIII.
- embora os textos tratem do mesmo tema, eles se diferem quanto à abordagem adotada. Na lira de Gonzaga, prevalece a idealização amorosa e a relação com a natureza; na canção de Lulu Santos, por sua vez, prevalece a relação entre amor e tempo.
- ambos os textos apontam para a necessidade de se viver o tempo presente, decorrente da brevidade da existência; na lira de Gonzaga, o amor é tratado de forma idealizada, ao passo que, na canção de Lulu Santos, ele é essencialmente carnal.
- embora escritos em épocas distintas, os textos tratam do mesmo tema e utilizam a mesma estratégia: o eu-poético tenta persuadir a amada a gozar os amores no momento presente, com base no argumento da fugacidade do tempo e da impossibilidade de se recuperá-lo.

► Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder às questões **168** e **169**.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(*Obras*, 1996.)

168 Unifesp 2014 São recursos expressivos e tema presentes no soneto, respectivamente,

- metáforas e a ideia da imutabilidade das pessoas e dos lugares.
- antíteses e o abalo emocional vivido pelo eu lírico.
- sinestésias e a superação pelo eu lírico de seus maiores problemas.
- paradoxos e a certeza de um presente melhor para o eu lírico que o passado.
- hipérbolos e a força interior que faz o eu lírico superar seus males.

169 Unifesp 2014 No soneto, o eu lírico expressa-se de forma

- introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
- racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
- contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
- eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.
- reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.

► Texto para as questões **98** e **99**.

*Tomando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga
um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho,
e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas
palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns
5 cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimen-
tos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma
boa roça.*

— Mas chegará, homem? perguntou a velha.

— Há de se espichar bem, mulher!

10 Uma voz os interrompeu:

— Por este preço dou eu conta da roça!

— Ah! É nhô Jão!

*Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por ho-
mem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais
15 hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o
roçado.*

*Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram
entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no
afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de
20 velhinhos e foi-se deixando-os embasbacados.*

José de Alencar, *Til*.

*moquirão: mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

98 Fuvest 2015 As práticas de Jão Fera que permitem ao narrador classificá-lo como "capanga" assemelham-se, sobretudo, às da personagem citadina do

- valentão Chico-Juca, nas *Memórias de um sargento de milícias*.
- malandro Prudêncio, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- arrivista Miranda, em *O cortiço*.
- agregado Zé Fernandes, em *A cidade e as serras*.
- soldado amarelo, em *Vidas secas*.

99 Fuvest 2015 Considerada no contexto histórico-social figurado no romance *Til*, a brusca reação de Jão Fera, narrada no final do excerto, explica-se

- pela ambição ou ganância que, no período, caracterizava os homens livres não proprietários.
- por sua condição de membro da Guarda Nacional, que lhe interditava o trabalho na lavoura.
- pela indolência atribuída ao indígena, da qual era herdeiro o "bugre".
- pelo estigma que a escravidão fazia recair sobre o trabalho braçal.
- pela ojeriza ao labor agrícola, inerente a sua condição de homem letrado.

97 Unesp 2016 *Ultrapassando o nível modesto dos predecessores e demonstrando capacidade narrativa bem mais definida, a obra romanesca deste autor é bastante ambiciosa. A partir de certa altura, este autor pretendeu abranger com ela, sistematicamente, os diversos aspectos do país no tempo e no espaço, por meio de narrativas sobre os costumes urbanos, sobre as regiões, sobre o índio. Para pôr em prática esse projeto, quis forjar um estilo novo, adequado aos temas e baseado numa linguagem que, sem perder a correção gramatical, se aproximasse da maneira brasileira de falar. Ao fazer isso, estava tocando o nó do problema (caro aos românticos) da Independência estética em relação a Portugal. Com efeito, caberia aos escritores não apenas focalizar a realidade brasileira, privilegiando as diferenças patentes na natureza e na população, mas elaborar a expressão que correspondesse à diferenciação linguística que nos ia distinguindo cada vez mais dos portugueses, numa grande aventura dentro da mesma língua.*

(Antonio Candido. *O romantismo no Brasil*, 2002. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- (a) Raul Pompela.
- (b) Manuel Antônio de Almeida.
- (c) José de Alencar.
- (d) Machado de Assis.
- (e) Aluísio Azevedo.

171 Unifesp 2016 Assinale a alternativa na qual se pode detectar nos versos do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) uma ruptura com a convenção arcádica do *locus amoenus* ("lugar aprazível").

- (a) "Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?"
- (b) "O ledão passarinho que gorjeia
Da alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia:"
- (c) "Se é doce no recente, ameno Estio
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio;"
- (d) "A loira Filis na estação das flores,
Comigo passeou por este prado
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado
As Graças, os Prazeres e os Amores."
- (e) "Já sobre o coche de ébano estrelado,
Deu meio giro a Noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!"

172 Unifesp 2016



(Pedro Américo. *Traidores espartejado*, 1893. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.)

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- (a) Barroco.
- (b) Arcadismo.
- (c) Naturalismo.
- (d) Realismo.
- (e) Romantismo.

► Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder às questões **170** e **171**.

*Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.*

*Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.*

*Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.*

*Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.*

(Domício Pimenta Filho (org.). *A poesia dos incógnitos*, 1996.)

170 Unesp 2017 O tom predominante no soneto é de

- (a) resignação.
- (b) nostalgia.
- (c) apatia.
- (d) ingenuidade.
- (e) inquietude.

171 Unesp 2017 No soneto, o menino e a avezinha, mencionados na primeira estrofe, são comparados, respectivamente,

- (a) ao eu lírico e a Lise.
- (b) a Lise e ao eu lírico.
- (c) ao desatino e ao eu lírico.
- (d) ao desatino e à liberdade.
- (e) a Lise e à liberdade.

172 Unifesp 2017 *Predomina neste movimento uma tônica mais cosmopolita, intimamente ligada às modas literárias da Europa, desejando pertencer ao mesmo passado cultural e seguir os mesmos modelos, o que permitiu incorporar os produtos intelectuais da colônia inculta ao universo das formas superiores de expressão. Ao lado disso, tal movimento continuou os esboços particularistas que vinham do passado local, dando importância relevante tanto ao Índio e ao contato de culturas, quanto à descrição da natureza, mesmo que fosse em termos clássicos.*

(Antonio Candido. *Introdução à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

Tal comentário refere-se ao seguinte movimento literário brasileiro:

- (a) Romantismo.
- (b) Classicismo.
- (c) Naturalismo.
- (d) Barroco.
- (e) Arcadismo.

► Texto para as questões 94 e 95.

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, temos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, Iracema

- 94 Fuvest 2017** Atente para as seguintes afirmações, extraídas e adaptadas de um estudo do crítico Augusto Meyer sobre José de Alencar:
- I. "Nesta obra, assim como nos 'poemas americanos' dos nossos poetas, palpita um sentimento sincero de *distância poética e exotismo*, de coisa notável por estranha para nós, embora a rotulemos como *nativa*."
 - II. "Mais do que diante de um relato, estamos diante de um poema, cujo conteúdo se concentra a cada passo na magia do ritmo e na graça da imagem."
 - III. "O tema do bom selvagem foi, neste caso, aproveitado para um romance histórico, que reproduz o enredo típico das narrativas de capa e espada, oriundas da novela de cavalaria."

É compatível com o trecho de *Iracema* aqui reproduzido, considerado no contexto dessa obra, o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) III, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

- 95 Fuvest 2017** No texto, corresponde a uma das convenções com que o Indianismo construiu suas representações do indígena
- (a) o emprego de sugestões de cunho mitológico compatíveis com o contexto.
 - (b) a caracterização da mulher como um ser dócil e desprovido de vontade própria.
 - (c) a ênfase na efemeridade da vida humana sob os trópicos.
 - (d) o uso de vocabulário primitivo e singelo, de extração oral-popular.
 - (e) a supressão de interdições morais relativas às práticas eróticas.

96 Unifesp 2017 Caracterizou-o sempre um sincero amor pelas coisas de sua terra, pela sua gente, e se existe obra que possa ser chamada de brasileira, é a dele. Se seus assuntos eram o homem e a terra do Brasil, apanhados no Norte, no Sul, no Centro, a forma por que os explorava era também brasileira, pela sintaxe que empregava e pelos modismos que introduzia. O Brasil do campo e o das cidades está presente em sua

obra, assim como o homem da sociedade, o homem da rua e o trabalhador rural. Abarcou os aspectos mais variados da nossa sensibilidade e da nossa formação, constituindo sua obra um painel a que nada falta, inclusive o índio, que nela tem participação considerável.

José Paulo Paes e Massaud Moisés (orgs). Pequeno dicionário de literatura brasileira, 1980. Adaptado.

Tal comentário refere-se ao escritor

- (a) Machado de Assis.
- (b) Manuel Antônio de Almeida.
- (c) José de Alencar.
- (d) Aluísio Azevedo.
- (e) Guimarães Rosa.

98 Unesp 2018 De fato, este romance constitui um dos poucos romances cômicos do romantismo nacional, afastando-se dos traços idealizantes que caracterizam boa parte das obras "sérias" dos autores de então. O modo pelo qual este romance pinta a sociedade, representado-a a partir de um ângulo abertamente cômico e satírico, também era relativamente novo nas letras brasileiras do século XIX.

(Mamede Mustafa Jarouche, "Galho sem melancolia", 2003. Adaptado.)

O comentário refere-se ao romance

- (a) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- (b) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- (c) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.
- (d) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- (e) *Iracema*, de José de Alencar.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 6

- 173. B
- 174. E
- 175. F; V; V; F; F
- 171. (UFMS 2012) D
- 172. (UFMS 2012) B
- 170. (UEMG 2013) D
- 168. B
- 169. E
- 98. A
- 99. D
- 97. C
- 171. (Unifesp 2016) E
- 172. (Unifesp 2016) B
- 170. (Unesp 2017) A
- 171. (Unesp 2017) B
- 172. (Unifesp 2017) E
- 94. C
- 95. A
- 96. C
- 93. B

190 Unifesp 2011 Considere as seguintes afirmações.

- I. O texto é um exemplo de poesia carregada de dramaticidade, própria de um poeta condor, que mostra conhecer bem as lições do "mestre" Victor Hugo.
- II. Trata-se de um poema típico da terceira fase romântica, voltado para auditórios numerosos, em que se destacam a preocupação social e o tom hiperbólico.
- III. É possível reconhecer nesse fragmento de um longo poema de teor abolicionista o gosto romântico por uma poesia de recursos sonoros.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) I e II, apenas.
- (e) I, II e III.

191 ITA 2011 Acerca da protagonista do romance *Iracema*, de José Alencar, pode-se dizer que:

- I. é uma heroína romântica, tanto por sua proximidade com a natureza, quanto por agir em nome do amor, a ponto de romper com a sua própria tribo e se entregar a Martim.
- II. é uma personagem integrada à natureza, mas que se corrompe moralmente depois que se apaixona por um homem branco civilizado e se entrega a ele.
- III. possui grande beleza física, descrita com elementos da natureza, o que faz da personagem uma representação do Brasil pré-colonizado.

Está(ão) correta(s):

- (a) apenas I.
- (b) apenas I e II.
- (c) apenas I e III.
- (d) apenas II e III.
- (e) todas.

192 Ufsc 2011 *O cristão repeliu do seio a virgem Indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver, e enche sua alma com o nome e a veneração de seu Deus: – Cristo!...*

Cristo!... Volta a serenidade ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, ele sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chama. Assim quando a criança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltam as faúlhas inflamadas que lhe queimam as faces. [...] Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente. A Juruti, que divaga pela floresta, ouve o temo arrulho do companheiro; bate as asas, e voa a conchegar-se ao tépido ninho. Assim a virgem do sertão aninhou-se nos braços do guerreiro. Quando veio a manhã, ainda achou Iracema ali debruçada qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro ralo do sol, em suas faces incendiadas nutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor. [...] As águas do rio banharam o corpo casto da recente esposa. Tupá já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras.

José de Alencar. *Novena*. São Paulo: Nórdica, 1993. pp. 39-41.

A partir da leitura do texto anterior e do romance *Iracema*, e considerando o contexto do Romantismo brasileiro, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

- 01 Ao seduzir e possuir Iracema, Martim está consciente dos seus atos, e isso constitui tração tanto aos seus valores cristãos quanto à hospitalidade de Araquém. Quebra-se aqui, portanto, uma importante característica do Romantismo, a idealização do herói, que jamais comete ações vis.
- 02 Em *Iracema*, os elementos humanos e naturais não se mesclam. Nas descrições que faz de Iracema, por exemplo, Alencar evita compará-la a seres da natureza, pois isso seria contrário ao princípio romântico de valorização de uma natureza pura, não contaminada pela presença humana.
- 04 A adjetivação abundante ("ardente chama"; "intenso fogo"; "tépido ninho"; "vivos rubores") é uma importante característica da prosa romântica, que será mais tarde evitada por escritores realistas.
- 08 Ao entregar-se a Martim, Iracema deixa de ser virgem e, portanto, não poderia mais ser a guardiã do segredo da Jurema; ainda assim continua a sé-lo, só deixando de preparar e servir a bebida quando Caubi descobre sua gravidez e a expulsa da tribo.
- 16 Entre as várias manifestações do nacionalismo romântico presentes em *Iracema*, está o desejo de mostrar o povo brasileiro como híbrido, constituído pela fusão das raças negra, indígena e branca.
- 32 Além de *Indianista*, *Iracema* é também um romance histórico; serve assim duplamente ao projeto nacionalista da literatura romântica brasileira.

193 UPE 2011 Em relação às características que fazem do romance *Senhora* de José de Alencar um precursor do romance realista, assinale V para Verdadeiro e F para Falso nas afirmativas a seguir.

- () A linguagem metafórica e a concepção idealizada do amor.
- () A crítica à futilidade dos comportamentos e fragilidade dos valores burgueses, oriundos do capitalismo brasileiro emergente na época.
- () O amor como único meio de redimir todos os males.
- () O temor da realização amorosa.
- () O casamento por interesse, a independência feminina e a ausência social a qualquer preço.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- (a) F; V; F; F; V.
- (b) V; F; F; F; V.
- (c) F; F; V; F; V.
- (d) F; V; V; V; F.
- (e) F; V; F; V; V.

► Leia o texto para a questão 194.

A ESCRAVIDÃO

*Se é Deus quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.*

*Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrinco assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!*

Tobias Barreto.

194 UFTM 2011 Considerando a temática abordada no poema, é correto afirmar que ele se enquadra no movimento romântico:

- (a) condoreiro, a exemplo de Castro Alves que, com o poema "Navio Negreiro", aborda a questão da escravidão no Brasil.
- (b) indianista, a exemplo de Gonçalves Dias que, com o poema *I-Juca Pirama*, analisa a condição dos excluídos socialmente.
- (c) ultrarromântico, a exemplo de Fagundes Varela que, com o poema "Cântico do Calvário", mostra o sofrimento do negro no Brasil.
- (d) condoreiro, a exemplo de Castro Alves que, com o poema "Vozes d'África", exalta a força e a simpatia dos negros africanos.
- (e) ultrarromântico, a exemplo de Casimiro de Abreu que, com o poema "Meus oito anos", recorda a escravidão que conheceu na infância.

188 Unifesp 2012 Leia o poema de Almeida Garrett.

SEUS OLHOS

*Seus olhos – se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou –
Não tinham luz de brilhar,
Era chama de queimar;
E o fogo que a ateou*

*Vivaz, eterno, divino,
Como facho do Destino.*

*Divino, eterno! – e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tão fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda alma senti...
Nem ficou mais de meu ser,
Senão a cinza em que ardi.*

Da leitura do poema, depreende-se que se trata de obra do:

- (a) Barroco, no qual se identifica o escapismo psicológico.
- (b) Arcadismo, no qual se identifica a contenção do sentimento.
- (c) Romantismo, no qual se identifica a idealização da mulher.
- (d) Realismo, no qual se identifica o pessimismo extremo.
- (e) Modernismo, no qual se identifica a busca pela liberdade.

189 UFPE 2012 Considere as afirmações a seguir a respeito da produção literária brasileira que prosperou na primeira metade do século XIX.

- () No Brasil, o Romantismo desenvolveu-se após a Independência. Na Europa, com o ressuscitar do passado, o nativismo explorou figuras e cenas medievais; em nosso país, com o indianismo romaneando as origens nacionais, o mundo indígena foi enfocado com heróis baseados em personagens e ações reais.
- () José de Alencar, na prosa, criou uma galeria de heróis indígenas que se submetiam voluntariamente ao colonizador. Por exemplo, em *O Guarani*, Peri é escravo de Ceci e converte-se ao cristianismo, sendo batizado. Em *Iracema*, a personagem título se submete ao branco Martim, entrega que implica sacrifício e abandono de sua tribo de origem.
- () Em *Ubirajara*, narrativa que enfoca uma fase anterior à colonização, Alencar despertou para a falsidade da idílica submissão dos colonizados aos colonizadores, escrevendo: "Foi depois da colonização que os portugueses, assaltando os índios como a feras e caçando-os a dente de cão, ensinaram-lhe a traição que eles não conheciam".
- () Gonçalves Dias, que representa o Indianismo na poesia, já nos *Primeiros Cantos*, tem a consciência do destino atroz que aguardava os tupis com a conquista portuguesa. Na fala do xamã, as predições são assustadoras: "Manitós já fugiram da Taba/ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!".

- () Gonçalves Dias lamentou a sorte do Novo Mundo, com sua gente vencida e suas terras profanadas. Além do mais, o escritor maranhense, diferentemente de Alencar, dá voz ao nativo: "Chame-lhe progresso, quem do extermínio secular se ufana/ Eu, modesto cantor do povo extinto/Chorarei os vastíssimos sepulcros".

► Texto para a questão **185**.

V – O SAMBA

À direita do terreiro, adumbra-se na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. [...]

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada comida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que espemeiam no cangote das mães, ou se enrolam nas salas das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. [...]

José de Alencar, TL

Adumbra-se delinea-se, esboça-se.

185 Fuvest 2013 Considerada no contexto histórico a que se refere TL, a deservoltura com que os escravos, no excerto, se entregam à dança é representativa do fato de que:

- (a) a escravidão, no Brasil, tal como ocorreu na América do Norte e no Caribe, foi branda.
- (b) se permitia a eles, em ocasiões especiais e sob vigilância, que festejassem a seu modo.
- (c) teve início nas fazendas de café o sincretismo das culturas negra e branca, que viria a caracterizar a cultura brasileira.
- (d) o narrador entendia que o samba de terreiro era, em realidade, um ritual umbandista disfarçado.
- (e) foi a generalização, entre eles, do alcoolismo, que tornou antieconômica a exploração da mão de obra escrava nos cafezais paulistas.

186 Fuvest 2013 Em *Viagens na minha terra*, assim como em:

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*, embora se situem ambas as obras no Romantismo, criticam-se os exageros de idealização e de expressão que ocorrem nessa escola literária.
- (b) *A cidade e as serras*, a preferência pelo mundo rural português tem como contraponto a ojeriza às cidades estrangeiras – Paris, em particular.
- (c) *Vidas secas*, os discursos dos intelectuais são vistos como "a prosa vil da nação", ao passo que a sabedoria popular "procede da síntese transcendente, superior e inspirada pelas grandes e eternas verdades".
- (d) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a prática da divagação e da digressão exerce sobre todos os valores uma ação dissolvente, que culmina, em ambos os casos, em puro nihilismo.

- (e) O cortiço, manifestam-se, respectivamente, tanto o antibrasileirismo do escritor português quanto o antilusitanismo do seu par brasileiro, assim como o absolutismo do primeiro e o liberalismo do segundo.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 187.

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passelo, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha novó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que vela para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batêis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturada empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*, 1997.

187 **Unifesp 2013** Levando em conta o contexto em que floresceu a literatura romântica, as informações textuais refletem, com:

- (a) ufanismo, uma vida social de bem-aventurança.
(b) desprezo, a cultura de uma sociedade poderosa.
(c) entusiasmo, uma sociedade frívola e hipócrita.
(d) nostalgia, os valores de uma sociedade decadente.
(e) amenidade, uma visão otimista da realidade social.

► Texto para a questão 183.

CAPÍTULO LXXI – O SENÃO DO LIVRO

Começo a arrepende-me deste livro. Não que ele me cansa; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

183 **Fuvest 2014** Um leitor que tivesse as mesmas inclinações que as atribuídas, pelo narrador, ao leitor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* teria maior probabilidade de impacientar-se, também, com a leitura da obra

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*.
(b) *Viagens na minha terra*.
(c) *O cortiço*.
(d) *A cidade e as serras*.
(e) *Capitães da areia*.

► Leia o texto para responder à questão 184.

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do "mal" byroniano.

Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitam a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso.

Graças a tal fundo de juvenildade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

(Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.)

184 **Unifesp 2014** Os versos de Casimiro de Abreu que se aproximam da ideia de saudade, tal como descrita por Massaud Moisés, encontram-se em:

- (a) *Minh'alma é triste como a flor que morre / Pendida à beira do riacho ingrato; / Nem beijos dá-lhe a viração que corre, / Nem doce canto o sabid' do mato!*
(b) *Oh! não me chames coração de gelo! / Bem vê: traí-me no fatal segredo. / Se de ti fujo é que te adoro e muito, / És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...*
(c) *Tu, ontem, / Na dança / Que cansa, / Voavas / Cotas faces / Em rosas / Formosas / De vivo, / Lascivo / Carmim; / Na valsa / Tão falsa, / Contas, / Fugas, / Ardente, / Contento, / Tranquila, / Serena, / Sem pena / De mim!*
(d) *Naqueles tempos ditosos / Ia colher as pitangas, / Trepava a tirar as mangas, / Brincava à beira do mar; / Rezava às Ave-Marias, / Achava o céu sempre lindo, / Adormecia sorrindo / E despertava a cantar!*
(e) *Se eu soubesse que no mundo / Existia um coração, / Que só por mim palpitate / De amor em terna expansão; / Do peito calara as mágoas, / Bem feliz eu era então!*

► Texto para as questões 180 e 181.

Tomando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu João Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão, com que pretendiam abrir uma boa roça.*

— Mas chegará, homem? perguntou a velha.

— Há de se espichar bem, mulher!

10 Uma voz os interrompeu:

— Por este preço dou eu conta da roça!

— Ah! É nhô João!

15 Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado.

Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-os embasbacados.

José de Alencar, *TL*.

* **moquirão** – mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

180 Fuvest 2015 As práticas de João Fera que permitem ao narrador classificá-lo como “capanga” assemelham-se, sobretudo, às da personagem citadina do

- (a) valentão Chico-Juca, nas *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) malandro Prudêncio, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- (c) arrivista Miranda, em *O cortiço*.
- (d) agregado Zé Fernandes, em *A cidade e as serras*.
- (e) soldado amarelo, em *Vidas secas*.

181 Fuvest 2015 Considerada no contexto histórico-social figurado no romance *Til*, a brusca reação de João Fera, narrada no final do excerto, explica-se

- (a) pela ambição ou ganância que, no período, caracterizava os homens livres não proprietários.
- (b) por sua condição de membro da Guarda Nacional, que lhe interditava o trabalho na lavoura.
- (c) pela indolência atribuída ao indígena, da qual era herdeiro o “bugre”.
- (d) pelo estigma que a escravidão fazia recair sobre o trabalho braçal.
- (e) pela ojeriza ao labor agrícola, inerente a sua condição de homem letrado.

182 Unicamp 2015 *Muito me pesa, leitor amigo, se outra coisa esperavas das minhas Viagens, se te falta, sem o querer, a promessa que julgaste ver nesse título, mas que eu não fiz decerto. Quentas talvez que te contasse, marco a marco, as léguas das estradas?*

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 218.

No trecho acima, o narrador garrettiano admite que traiu as expectativas do leitor. Tal fato deveu-se

- (a) à descrição pormenorizada da natureza e dos monumentos históricos das cidades portuguesas.
- (b) ao caráter linear do relato ficcional, que se fixou nos detalhes do percurso realizado durante a viagem a Santarém.
- (c) ao caráter digressivo do relato ficcional, que mesclou vários gêneros textuais.
- (d) às posições políticas assumidas pelo narrador, que propõe uma visão conservadora da história de Portugal.

185 Unesp 2016 *Ultrapassando o nível modesto dos predecessores e demonstrando capacidade narrativa bem mais definida, a obra romanesca deste autor é bastante ambiciosa. A partir de certa altura, este autor pretendeu abranger com ela, sistematicamente, os diversos aspectos do país no tempo e no espaço, por meio de narrativas sobre os costumes urbanos, sobre as regiões, sobre o índio. Para pôr em prática esse projeto, quis forjar um estilo novo, adequado aos temas e baseado numa linguagem que, sem perder a correção gramatical, se aproximasse da maneira brasileira de falar. Ao fazer isso, estava tocando o nó do problema (caro aos românticos) da independência estética em relação a Portugal. Com efeito, caberia aos escritores não apenas focalizar a realidade brasileira, privilegiando as diferenças patentes na natureza e na população, mas elaborar a expressão que correspondesse à diferenciação lingüística que nos ia distinguindo cada vez mais dos portugueses, numa grande aventura dentro da mesma língua.*

(Antonio Candido, *O desenvolvimento no Brasil*, 2002. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- (a) Raul Pompeia.
- (b) Manuel Antônio de Almeida.
- (c) José de Alencar.
- (d) Machado de Assis.
- (e) Aluísio Azevedo.

186 Unicamp 2016 [...] *plantai batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, *macadamizai estradas, fazei caminhos de ferro, construí passarelas de lãcaro, para andar a qual mais depressa, estas horas contadas de uma vida toda material, maçuda e grossa como tendes feito esta que Deus nos deu tão diferente do que a que hoje vivemos. Andai, ganharpães, andai: reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. – No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?*

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.77.)

***Macadamizar**: pavimentar.

Formou Deus o homem, e o pôs num paraíso de delícias; tornou a formá-lo a sociedade, e o pôs num inferno de tolices.

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.190.)

Vários discursos organizam a estrutura narrativa do romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Isso permite afirmar que a visão de mundo dessa narrativa

- (a) compartilha exclusivamente dos valores éticos dos ricos e é demagógica com a miséria social, marca inconfundível do romance de Garrett.
- (b) relativiza posições dogmáticas sobre a vida social, cultural e política, permitindo vários ângulos de observação.
- (c) denuncia as condições sociais injustas dos pobres da sociedade, o que indica o caráter panfletário do romance de Garrett.
- (d) divide o mundo entre ricos e pobres e não leva em consideração que uma vida justa depende da riqueza produzida na sociedade.

► Texto para as questões 187 e 188.

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araújo o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se languê ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'álma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela ser-

pente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, *Iracema*.

137 Fuvest 2017 Atente para as seguintes afirmações, extraídas e adaptadas de um estudo do crítico Augusto Meyer sobre José de Alencar:

- I. "Nesta obra, assim como nos 'poemas americanos' dos nossos poetas, palpita um sentimento sincero de *distância poética e exotismo*, de coisa notável por estranha para nós, embora a rotulemos como *nativa*."
- II. "Mais do que diante de um relato, estamos diante de um poema, cujo conteúdo se concentra a cada passo na magia do ritmo e na graça da imagem."
- III. "O tema do bom selvagem foi, neste caso, aproveitado para um romance histórico, que reproduz o enredo típico das narrativas de capa e espada, oriundas da novela de cavalaria."

É compatível com o trecho de *Iracema* aqui reproduzido, considerado no contexto dessa obra, o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) III, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

138 Fuvest 2017 No texto, corresponde a uma das convenções com que o Indianismo construiu suas representações do indígena

- (a) o emprego de sugestões de cunho mitológico compatíveis com o contexto.
- (b) a caracterização da mulher como um ser dócil e desprovido de vontade própria.
- (c) a ênfase na efemeridade da vida humana sob os trópicos.
- (d) o uso de vocabulário primitivo e singelo, de extração oral-popular.
- (e) a supressão de interdições morais relativas às práticas eróticas.

139 Unicamp 2017 Sabe-se que *Coração, cabeça e estômago* é uma obra atípica na produção ficcional de Camilo Castelo Branco. Em relação a essa obra, assinale a alternativa em que todas as características listadas são corretas.

- (a) Inclusão da edição do livro como parte do jogo narrativo; sátira da poesia e das motivações espirituais; caracterização do herói como alguém incapaz de amar.
- (b) Paródia da vida romântica e natural; espiritualização das necessidades do corpo; transformação do herói ao longo da narrativa.
- (c) Descrição da formação do indivíduo; caricatura dos valores e sentimentos românticos; impossibilidade de adaptação do herói à vida social.
- (d) Caricatura das questões relacionadas ao espírito e à posição social; elogio irônico das motivações fisiológicas; ridicularização do herói.

190 Unifesp 2017 Caracterizou-o sempre um sincero amor pelas coisas de sua terra, pela sua gente, e se existe obra que possa ser chamada de brasileira, é a dele. Se seus assuntos eram o homem e a terra do Brasil, apanhados no Norte, no Sul, no Centro, a forma por que os explorava era também brasileira, pela sintaxe que empregava e pelos modismos que introduzia. O Brasil do campo e o das cidades está presente em sua

obra, assim como o homem da sociedade, o homem da rua e o trabalhador rural. Abarcou os aspectos mais variados da nossa sensibilidade e da nossa formação, constituindo sua obra um painel a que nada falta, inclusive o Índio, que nela tem participação considerável.

José Paulo Paes e Massaud Moisés (orgs.). Pequeno dicionário de Alencar. São Paulo: Ática, 1980. Adaptado.

Tal comentário refere-se ao escritor

- (a) Machado de Assis.
- (b) Manuel Antônio de Almeida.
- (c) José de Alencar.
- (d) Aluísio Azevedo.
- (e) Guimarães Rosa.

► Textos para a questão 100.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseqüentemente, que saí quite com a vida. E imaginará mal porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim. Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa; a minha esperteza é que a amofina. Eu então respondo: "Se eu fosse preguiçosa não sei o que seria da senhora, meu pai e meus irmãos, sem uma empregada em casa".

Helena Morley, *Minha vida de menina*.

100 Fuvest 2018 São características dos narradores Brás Cubas e Helena, respectivamente,

- (a) malícia e ingenuidade.
- (b) solidariedade e egoísmo.
- (c) apatia e determinação.
- (d) rebeldia e conformismo.
- (e) otimismo e pessimismo.

► Lela o trecho do conto "Pal contra mãe", de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões 101 e 102.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos sendo por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginal uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deixava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" – ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugitivos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

101 Unesp 2018 A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,

- (a) pelo saudosismo.
- (b) pela indignação.
- (c) pelo entusiasmo.
- (d) pela ironia.
- (e) pela indiferença.

102 Unesp 2018 Em "o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói" (3º parágrafo), a "ação" a que se refere o narrador diz respeito

- (a) à emancipação dos escravos.
- (b) às repreensões verbais feitas aos escravos.
- (c) aos castigos físicos aplicados aos escravos.
- (d) à fuga dos escravos.
- (e) ao contrabando de escravos.

103 Unicamp 2018 A fim de dar exemplos de sua teoria da "alma exterior", o narrador-personagem do conto "O espelho", de Machado de Assis, refere-se a uma senhora conhecida sua "que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano".

E, questionado sobre a identidade dessa mulher, afirma: "Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião..." Considerando o contexto dessa frase no conto, pode-se dizer que ela constitui

- (a) uma crítica à noção de alma exterior como resultante da influência do mal.
- (b) uma consideração cômica que ressalta o nome inusitado da senhora.
- (c) uma condenação do comportamento moral da senhora em questão.
- (d) uma ironia com a inconstância dos valores sociais associados à alma exterior.

104 Unifesp 2018 Talvez o aspecto mais evidente da novidade retórica e formal na composição dessa obra seja justamente a metalinguagem ou a autorreflexividade da narrativa, quer dizer, o narrador "explica" constantemente para o leitor o andamento e o modo pelo qual vai contando suas histórias. Essa autorreflexividade tem um importante efeito de quebra da ilusão realista, pois lembra sempre o leitor de que ele está lendo um livro e que este, embora narre a respeito da vida de personagens, é apenas um livro, ou seja, um artifício, um artefato inventado.

Pode-se dizer também que a reflexão do narrador, além de revelar a poética que preside a composição de sua narrativa, revela também a exigência dessa poética de contar com um novo tipo de leitor: o narrador como que pretende um leitor participante, ativo e não passivo.

Valentim Fadiol. Um detento escravizado, 2008. (Adapt.).

Tal comentário aplica-se à obra

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- (b) *O Ateneu*, de Raul Pompéia.
- (c) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.
- (d) *Iracema*, de José de Alencar.
- (e) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 7

- 190. E (Unifesp 2011)
- 191. E
- 192. 36
- 193. A
- 194. A
- 188. B (Unifesp 2012)
- 189. D (UFPE 2012)
- 185. B (Fuvest 2013)
- 186. A (Fuvest 2013)
- 187. E (Unifesp 2013)
- 183. B
- 184. D
- 180. A
- 181. D
- 182. C
- 185. C (Unifesp 2016)
- 186. B (Unicamp 2016)
- 187. C (Fuvest 2017)
- 188. A (Fuvest 2017)
- 189. D (Unicamp 2017)
- 190. C (Unifesp 2017)
- 100. C
- 101. D
- 102. C
- 103. D
- 104. E

LIVRO 2 - Questões objetivas
Português - Frente 2 - Capítulo 8

► Texto para as questões 200 e 201.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

5 *O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.*

— *Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?*

— *Sim, eu também sangro...*

10 — *Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.*

— *Homem, eu da cirurgia não entendo muito...*

— *Pois já não disse que sabe também sangrar?*

— *Sim...*

15 — *Então já sabe até demais.*

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua

20 *conta.*

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser

25 *estimado.*

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*.

200 Fuvest 2011 Neste trecho, em que narra uma cena relacionada ao tráfico de escravos, o narrador não emite julgamento direto sobre essa prática. Ao adotar tal procedimento, o narrador:

- revela-se cúmplice do mercado negreiro, pois fica subentendido que o considera justo e irrepreensível.
- antecipa os métodos do Realismo-Naturalismo, o qual, em nome da objetividade, também abolirá os julgamentos de ordem social, política e moral.
- prefigura a poesia abolicionista de Castro Alves, que irá empregá-lo para melhor expor à execução pública o horror da escravidão.
- contribui para que se constitua a atmosfera de ausência de culpa que caracteriza a obra.
- mostra-se consciente de que a responsabilidade pelo comércio de escravos cabia, principalmente, aos próprios africanos, e não ao tráfico negreiro.

201 Fuvest 2011 Assim como faz o barbeiro, nesse trecho de *Memórias de um sargento de milícias*, também a personagem José Dias, de *Dom Casmurro*, irá se passar por médico (homeopata), para obter meios de subsistência. Essa correlação indica que

- estamos diante de uma linha de continuidade temática entre o romance de Manuel Antônio de Almeida e o romance machadiano da maturidade.
- agregados transgrediam com bastante desenvoltura princípios morais básicos, razão pela qual eram proibidos de conviver com a rígida família patriarcal do Império.
- os protagonistas desses romances decalcam um mesmo modelo literário: o do pícaro, herói do romance picaresco espanhol.

Está correto o que se afirma em:

- I, apenas.
- II, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II e III.

► Texto para as questões de 134 a 137.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhava-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluisio Azevedo, *O cortiço*.

134 Fuvest 2015 Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a

- exaltação patriótica da mistura de raças.
- necessidade de autodefinição nacional.
- aversão ao cientificismo.
- recusa dos modelos literários estrangeiros.
- idealização das relações amorosas.

135 Fuvest 2015 Entre as características atribuídas, no texto, à natureza brasileira, sintetizada em Rita Baiana, aquela que corresponde, de modo mais completo, ao teor das transformações que o contato com essa mesma natureza provocará em Jerônimo é a que se expressa em:

- “era o calor vermelho das sestas da fazenda”.
- “era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta”.
- “era o veneno e era o açúcar gostoso”.
- “era a cobra verde e traiçoeira”.
- “[era] a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele”.

136 Fuvest 2015 O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseiam-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só **NÃO** se encontra a

- representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
- exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
- figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
- ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
- focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

137 Fuvest 2015 Para entender as impressões de Jerônimo diante da natureza brasileira, é preciso ter como pressuposto que há

- um contraste entre a experiência prévia da personagem e sua vivência da diversidade biológica do país em que agora se encontra.
- uma continuidade na experiência de vida da personagem, posto que a diversidade biológica aqui e em seu local de origem são muito semelhantes.
- uma ampliação no universo de conhecimento da personagem, que já tinha vivência de diversidade biológica semelhante, mas a expande aqui.
- um equívoco na forma como a personagem percebe e vivencia a diversidade biológica local, que não comporta os organismos que ele julga ver.
- um estreitamento na experiência de vida do personagem, que vem de um local com maior diversidade de ambientes e de organismos.

► Texto para a questão 131.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.*

10 *Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.*

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

15 *— Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?*

Aluisio Azevedo, *O cortiço*.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

131 Fuvest 2018 Uma característica do Naturalismo presente no texto é:

- forte apelo aos sentidos.
- idealização do espaço.
- exaltação da natureza.
- realce de aspectos raciais.
- ênfase nas individualidades.

132 Unicamp 2018 *Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa [...].*

À noite e aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume, quando ele, recolhendo-se fatigado do serviço, deixava-se ficar estendido numa preguiçosa, junto à mesa da sala de jantar e ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito.

(Aluisio de Azevedo, *O cortiço*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1963, p. 22.)

Levando em conta o excerto, bem como o texto integral do romance, é correto afirmar que

- o grosseiro rumor, a sexualidade desregrada e a exalação forte que provinham do cortiço decorriam, segundo Miranda, do abandono daquela população pelo governo.
- os termos "grosseiro rumor", "animais", "bestas no coito", que fazem referência aos moradores do cortiço, funcionam como metáforas da vida pulsante dos seus habitantes.
- o nivelamento sociológico na obra *O Cortiço* se dá não somente entre os moradores da habitação coletiva e o seu senhorio, mas também entre eles e o vizinho Miranda.
- a presença portuguesa, exemplificada nas personagens João Romão e Miranda, não é relevante para o desenvolvimento da narrativa nem para a compreensão do sentido da obra.

133 Unifesp 2018 *Nesta obra, eu quis estudar temperamentos e não caracteres. Escolhi personagens soberanamente dominadas pelos nervos e pelo sangue, desprovidas de livre-arbítrio, arrastadas a cada ato de suas vidas pelas fatalidades da própria carne. Começa-se a compreender que o meu objetivo foi acima de tudo um objetivo científico.*

Émile Zola apud Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. (Adapt.)

Depreendem-se dessas considerações do escritor francês Émile Zola, a respeito de uma de suas obras, preceitos que orientam a corrente literária

- romântica.
- árcade.
- naturalista.
- simbolista.
- barroca.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 8

- 200. D
- 201. A
- 134. B
- 135. C
- 136. E
- 137. A
- 131. A
- 132. B
- 133. C

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 9

► As questões de 145 a 147 abordam um poema de Raul de Leoni (1895-1926).

A ALMA DAS COUSAS SOMOS NÓS...

*Dentro do eterno giro universal
Das coisas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual
Nada mais, na verdade,*

05 *Nunca mais se repete exatamente...*

*Sim, as coisas são sempre as mesmas na corrente
Que no-las leva e traz, num círculo fatal;
O que varia é o espírito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,*

10 *Que sempre as vive diferentemente,
E, assim, a vida é sempre inédita, afinal...*

*Estado de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e trêmulos, nuanças
Suscetíveis, sutis, que fogem no Íris*

15 *Da sensibilidade furta-cor...*

*E a nossa alma é a expressão fugitiva das coisas
E a vida somos nós, que sempre somos outros!...
Homem inquieto e vão que não repousas!
Para e escuta:*

20 *Se as coisas têm espírito, nós somos*

*Esse espírito efêmero das coisas,
Volúvel e diverso,
Variando, instante a instante, intimamente,
E eternamente,*

25 *Dentro da indiferença do Universo!...*

(Luz mediterrânea, 1965.)

145 Unesp 2014 Uma leitura atenta do poema permite concluir que seu título representa

- (a) a negação dos argumentos defendidos pelo eu lírico.
- (b) a confirmação do estado de alma disfórico do eu lírico.
- (c) a síntese das ideias desenvolvidas pelo eu lírico.
- (d) o reconhecimento da supremacia do homem no mundo.
- (e) uma afirmação prévia da incapacidade do homem.

146 Unesp 2014 Considerando o eixo temático do poema e o modo como é desenvolvido, verifica-se que nele se faz uma reflexão de fundo

- (a) estético.
- (b) político.
- (c) religioso.
- (d) filosófico.
- (e) científico.

147 Unesp 2014 Embora pareça constituído de versos livres modernistas, o poema em questão ainda segue a versificação medida, combinando versos de diferentes extensões, com predomínio dos de doze e dez sílabas métricas. Assinale a alternativa que indica, na primeira estrofe, pela ordem em que surgem, os versos de dez sílabas métricas, denominados *decassílabos*.

- (a) 1 e 5.
- (b) 3 e 4.
- (c) 1, 2 e 3.
- (d) 2 e 3.
- (e) 1, 3 e 5.

144 Unifesp 2015 Leia o soneto de Cruz e Sousa.

SILÊNCIOS

*Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;*

*Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.*

*Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...*

*Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!*

(Cruz e Sousa. Broquéis, Fankis, Últimos Sonetos, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- (a) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- (b) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.
- (c) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- (d) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- (e) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.

► As questões de 139 a 142 abordam um poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

Mãos

*Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.*

*Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...*

*Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.*

*Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!*

*Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.*

(*Obras poéticas*, 1968.)

139 Unesp 2016 A musicalidade, as reiteraões, as aliteraões e a profusão de imagens e metáforas são algumas características formais do poema, que apontam para sua filiação ao movimento

- (a) romântico.
- (b) modernista.
- (c) parnasiano.
- (d) simbolista.
- (e) neoclássico.

140 Unesp 2016 Verifica-se certa liberdade métrica na construção do poema. Na primeira estrofe, tal liberdade comprova-se pela

- (a) construção do hendecassílabo fora dos rígidos modelos clássicos.
- (b) variedade do verso decassílabo e do verso alexandrino.
- (c) presença de um verso com número menor de sílabas que os alexandrinos.
- (d) desobediência aos padrões de pontuação tradicionais do decassílabo.
- (e) presença de dois versos com número maior de sílabas que os alexandrinos.

141 Unesp 2016 Indique o verso cuja imagem significa "trazer sofrimentos, padecimentos".

- (a) "O vosso gesto é como um balouçar de palma,"
- (b) "Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,"
- (c) "Duas velas à flor duma baía escura."
- (d) "Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,"
- (e) "Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,"

142 Unesp 2016 "Alegrai, como dois netinhos, o viver / Da minha alma, velha avó entrevadinha."

Considerados em seu contexto, tais versos

- (a) reforçam o modo negativo como o eu lírico enxerga a si mesmo.
- (b) evidenciam o ressentimento do eu lírico contra os familiares.
- (c) assinalam uma reaproximação do eu lírico com a própria família.
- (d) atestam o esforço do eu lírico de se afastar da imagem obsessiva das mãos.
- (e) reafirmam o otimismo manifestado pelo eu lírico ao longo do poema.

143 Unifesp 2016 O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.)

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- (a) "É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda."
- (b) "Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme."
- (c) "Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado."
- (d) "Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado."
- (e) "Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turbulos das aras..."

138 Unesp 2017 Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

A referida "atenuação da subjetividade e do sentimentalismo" está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

- (a) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.
- (b) Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.

- (c) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.
- (d) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –
- (e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 9

145. C
146. D
147. A
144. E
139. D
140. E
141. B
142. A
143. E
138. B

LIVRO 2 – Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 10

159 Unifesp 2015 É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: "Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior)."

(Alfredo Bosi. História concisa da literatura brasileira, 1994. Adaptado.)

O excerto trata da obra

- (a) O cortiço, de Aluísio de Azevedo.
(b) Vidas secas, de Graciliano Ramos.
(c) Os sertões, de Euclides da Cunha.
(d) Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa.
(e) Capitães da areia, de Jorge Amado.

- Leia um trecho do "Manifesto do Surrealismo", publicado por André Breton em 1924, para responder à questão 157.

Surrealismo: Automatismo psíquico por meio do qual alguém se propõe a exprimir o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

O Surrealismo assenta-se na crença da realidade superior de certas formas de associação, negligenciadas até aqui, na onipotência do sonho, no jogo desinteressado do pensamento.

(Apud Gilberto Mendonça Teles. Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro, 1992. Adaptado.)

- 157 Unesp 2016** Tendo em vista as considerações de André Breton, assinale a alternativa cujos versos revelam influência do Surrealismo.

- (a) *O mar soprava sinos
os sinos secavam as flores
as flores eram cabeças de santos.
Minha memória cheia de palavras
meus pensamentos procurando fantasmas
meus pesadelos atrasados de muitas noites.*
(João Cabral de Melo Neto, "Noturno", em *Pedra do sono*.)
- (b) *Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoe.
Comprida história que não acaba mais.*
(Carlos Drummond de Andrade, "Infância", em *Alguma poesia*.)
- (c) *Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.*
(Manuel Bandeira, "Momento num café", em *Estrela do manhã*.)
- (d) *Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.*
(Carlos Drummond de Andrade, "Elegia 1938", em *Sentimento do mundo*.)
- (e) *– Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quanto mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.*
(João Cabral de Melo Neto, "O retirante chega à Zona da Mata", em *Morte e vida severina*.)

158 Unicamp 2016 Quanto ao conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, é correto afirmar que:

- (a) O narrador adere à perspectiva de dona Inácia, fazendo com que o leitor enxergue a história guiado pela ótica dessa personagem e se torne cúmplice dos valores éticos apresentados no conto.
- (b) O modo como o narrador caracteriza o contexto histórico no conto permite concluir que *Negrinha* é escrava de dona Inácia e, portanto, está fadada a uma vida de humilhações.
- (c) A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que caracteriza um modo irônico de apresentação.
- (d) O narrador apresenta as falas e pensamentos das personagens de modo objetivo; assim, o leitor fica dispensado de elaborar um juízo crítico sobre as relações de poder entre as personagens.

156 Unesp 2017 Trata-se de uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma visão romântica da natureza. Seu autor recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopeia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular.

(Roberto Ventura. "Introdução". In: Silvano Santiago (org.). *Interpretes do Brasil*, vol 1, 2000. Adaptado.)

Tal comentário crítico aplica-se à obra

- (a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- (b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (c) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- (d) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (e) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

148 Unesp 2018 Na Europa, os artistas continuam a explorar caminhos traçados pelos primeiros pintores abstratos. Mas a abstração desses artistas não é geométrica: sua pintura não representa nenhuma realidade, tampouco procura reproduzir formas precisas. Cada artista inventa sua própria linguagem. Cores, formas e luz são exploradas, desenvolvidas e invadem as telas. Traços vivos e dinâmicos... Para cada um, uma abstração, um lirismo.

(Christian Demilly. *Arte em movimentos e outros contextos do século XX*, 2016. Adaptado.)

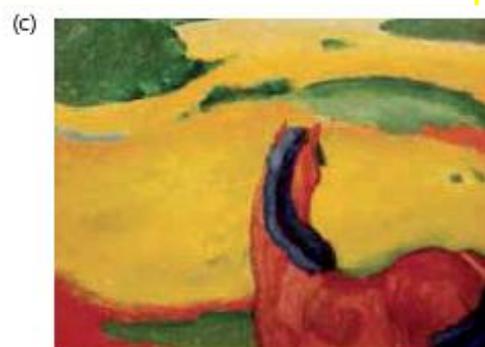
O comentário do historiador Christian Demilly aplica-se à obra reproduzida em:



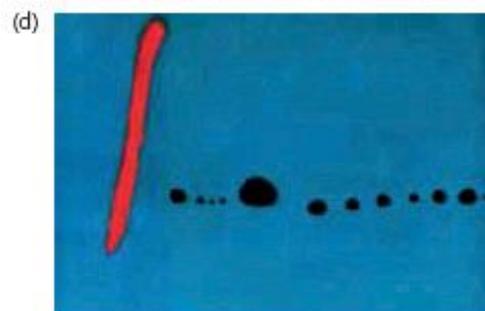
(Tom Wesselmann, *Natureza-morta*, 1962.)



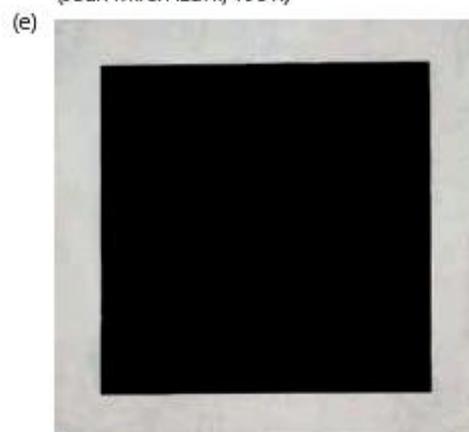
(Sonia Delaunay. *Ritmo*, 1938.)



(Franz Marc. *Cavalo numa paisagem*, 1910.)



(Joan Miró. *Azul II*, 1961.)



(Kazimir Malevich. *Quadrado negro*, 1923.)

154 Unifesp 2018 *O Surrealismo buscou a comunicação com o irracional e o ilógico, deliberadamente desorientando e reorientando a consciência por meio do inconsciente.*

Rona Bradley, *Surrealismo*, 2001.

Verifica-se a influência do Surrealismo nos seguintes versos:

- (a) Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
– É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

Manuel Bandeira, "Pensão familiar".

- (b) A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia pouca flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.

Carlos Drummond de Andrade, "Ereção Mariana".

- (c) Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade, "No meio do caminho".

- (d) E nas bicicletas que eram poemas
chegavam meus amigos alucinados.
Sentados em desordem aparente,
ei-los a engolir regularmente seus relógios
enquanto o hierofante armado cavaleiro
movia inutilmente seu único braço.

João Cabral de Melo Neto, "Dentro da pedra da memória".

- (e) – Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina.

João Cabral de Melo Neto, "Morte e vida severina".

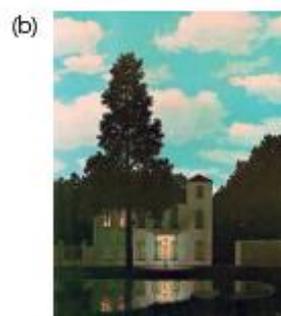
155 Unifesp 2018 *Tal vanguarda rompeu radicalmente com a ideia de arte como imitação da natureza, prevalecente na pintura europeia desde a Renascença. Seus principais adeptos abandonaram as noções tradicionais de perspectiva, tentando representar solidez e volume numa superfície bidimensional, sem converter pela ilusão a tela plana num espaço pictórico tridimensional. Múltiplos aspectos do objeto eram figurados simultaneamente; as formas visíveis eram analisadas e transformadas em planos geométricos, que eram recompostos segundo vários pontos de vista simultâneos. Tal vanguarda era e dizia ser realista, mas tratava-se de um realismo conceitual, e não óptico.*

Ian Chilvers (org). *Dicionário Oxford de arte*, 2007. (Adapt.).

Uma pintura representativa da vanguarda à qual o texto se refere está reproduzida em:



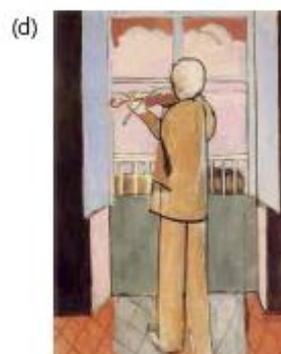
Edvard Munch, *O grito*, 1893.



René Magritte, *Império das Luzes*, 1954.



Pablo Picasso, *As senhoritas de Aignov*, 1907.



Henri Matisse, *Voluntário à janela*, 1917.



Roy Lichtenstein, *Luminárias vermelhas*, 1950.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 10

- 159. C
- 157. A
- 158. C
- 156. D
- 148. D
- 149. D
- 150. C
- 151. A
- 152. D
- 153. E
- 154. D
- 155. C

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 11

162 Unifesp 2015 Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

*Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.*

(As múltiplas faces de Fernando Pessoa, 1995.)

O tema tratado no poema é a

- (a) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.
- (b) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
- (c) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.
- (d) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
- (e) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.

164 Unesp 2017 *Carpe diem*: Esse conhecido lema, extraído das Odes do poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.), sintetiza expressivamente o seguinte motivo: saber aproveitar tudo o que se apresenta de positivo (mesmo que pouco) e transitório.

(Renzo Tosi. Dicionário de sentenças latinas e gregas, 2010. Adaptado.)

Das estrofes extraídas da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935), aquela em que tal motivo se manifesta mais explicitamente é:

- (a) Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

- (b) Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
- (c) Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.
- (d) Tão cedo passa tudo quanto passal
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
- (e) Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

161 Unifesp 2017 Leia um trecho do "Manifesto do Futurismo" publicado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) no ano de 1909.

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações glotonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbanetes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucincam os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

Apud Gilberto Mendonça Tedes.
Vanguarda europeia e modernismo brasileiro, 1992. Adaptado.

Em consonância com este preceito do Futurismo estão os seguintes versos, extraídos da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935):

- (a) Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para
[longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
[olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
- (b) Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.
E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

- (c) Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.
Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em
[nada,
Pagãos inocentes da decadência.
- (d) Levando a bordo El-Rei dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
- (e) Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 11

162. A
160. D
161. E

LIVRO 2 - Questões objetivas

Português - Frente 2 - Capítulo 14

► Texto para a questão 203.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo. O cartipa

203 Fuvest 2012 O papel desempenhado pela personagem Ritinha (Rita Baiana), no processo sintetizado no excerto, assemelha-se ao da personagem:

- (a) Iracema, do romance homônimo, na medida em que ambas simbolizam o poder de sedução da terra brasileira sobre o português que aqui chegava.
- (b) Vidinha, de *Memórias de um sargento de milícias*, tendo em vista que uma e outra constituem fatores decisivos para o desencaminhamento de personagens masculinas anteriormente bem orientadas.
- (c) Capitu, de *Dom Casmurro*, a qual, como a baiana, também lança mão de seus encantos femininos para obter ascensão social.
- (d) Joaninha, de *Acidade e as serras*, pois ambas representam a simplicidade natural das mulheres do campo, em oposição à beleza artificial das mulheres das cidades.
- (e) Dora, de *Capitães da areia*, na medida em que ambas são responsáveis diretas pela regeneração física e moral de seus respectivos pares amorosos.

LIVRO 2

GABARITO – PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 14

203. A

LIVRO 3 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 13

211 ESPM 2011 Assinale a frase que apresente o melhor uso das vírgulas.

- (a) Com o desenvolvimento econômico a participação dos serviços sofisticados, aumenta e, em consequência, a participação da indústria de transformação cai.
- (b) Com o desenvolvimento econômico, a participação dos serviços sofisticados aumenta, e em consequência, a participação da indústria de transformação cai.
- (c) Com o desenvolvimento econômico, a participação dos serviços sofisticados aumenta, e, em consequência, a participação da indústria de transformação cai.
- (d) Com o desenvolvimento econômico, a participação dos serviços sofisticados aumenta, e, em consequência a participação da indústria de transformação cai.
- (e) Com o desenvolvimento econômico, a participação dos serviços sofisticados aumenta e em consequência, a participação da indústria de transformação, cai.

► Instrução: Para responder à questão **209**, leia o trecho do conto de Machado de Assis.

FLOR ANÔNIMA

Manhã clara. A alma de Martinha é que acordou escura. Tinha ido na véspera a um casamento; e, ao tornar para casa, com a tia que mora com ela, não podia encobrir a tristeza que lhe dera a alegria dos outros e particularmente dos noivos.

Martinha ia nos seus... Nascera há muitos anos. Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família. O pai não cabia em si de contente.

- Há de ser linda!
- Há de ser boa!
- Há de ser condessa!

– Há de ser rainha! Essas e outras profecias iam ocorrendo aos parentes e amigos da casa.

Lá vão... Aqui pega a alma escura de Martinha. Lá vão quarenta e três anos – ou quarenta e cinco, segundo a tia; Martinha, porém, afirma que são quarenta e três. Adotemos este número. Para ti, moça de vinte anos, a diferença é nada; mas deixa-te ir aos quarenta, nas mesmas circunstâncias que ela, e verás se não te cerceias uns dois anos. E depois nada obsta que marches um pouco para trás. Quarenta e três, quarenta e dois, fazem tão pouca diferença...

Naturalmente a leitora espera que o marido de Martinha apareça, depois de ter lido os jornais ou enxugado do banho. Mas é que não há marido, nem nada. Martinha é solteira, e daí vem a alma escura desta bela manhã clara e fresca, posterior à noite de bodas.

Só, tão só, provavelmente só até a morte; e Martinha morrerá tarde, porque é robusta como um trabalhador e sã como um pero. Não teve mais que a tia velha. Pai e mãe morreram, e cedo.

A culpa dessa solidão a quem pertence? Ao destino ou a ela? Martinha crê, às vezes, que ao destino; às vezes, acusa-se a si própria. Nós podemos descobrir a verdade, indo com ela abrir a gaveta, a caixa, e na caixa a bolsa de veludo verde e velha, em que estão guardadas todas as suas lembranças amorosas. Agora que assistira ao casamento da outra, teve ideia de inventariar o passado. Contudo hesitou:

– Não, para que ver isto? É pior: deixemos recordações aborrecidas.
<www.dominiopublico.gov.br>. (Adapt.)

209 Unifesp 2012 Analise as afirmações.

- I. Em – *Martinha ia nos seus...* – a suspensão do pensamento, marcada pelo emprego das reticências, se dá em função das projeções que o narrador passa a fazer sobre a idade da personagem.
- II. Na oração – *Pai e mãe morreram, e cedo.* – o termo em destaque está empregado com valor adverbial, estabelecendo relação de tempo.
- III. A frase inicial do penúltimo parágrafo do texto, em discurso direto da personagem Martinha, assumiria a seguinte redação: *A culpa desta solidão a quem pertence? Ao destino ou a mim? Eu creio, às vezes, que ao destino; às vezes, acuso-me a mim própria.*

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) III, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

MATO, GROSSO ATÉ QUANDO?

Em agosto de 2005, quando os astronautas do ônibus espacial Discovery retornaram à Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta, facilmente observado do espaço. [...]

O Brasil destaca-se nesse cenário tanto por ter a maior floresta tropical do mundo quanto por ser líder mundial em desmatamento. O agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária são as causas desse processo. Entre os estados, o Mato Grosso responde por quase 50% do desmatamento anual na Amazônia brasileira. A julgar pelo que ocorre no presente, as projeções apontam para um cenário ambientalmente catastrófico para esse estado, que chegará a 2020 com menos de 23% da sua cobertura florestal original.

Gência/Heje, vol. 42, no 248, maio de 2008. (Adapt.)

210 Unifesp 2012 O título do texto é sugestivo, porque:

- (a) ironiza o nome composto de um estado brasileiro para mostrar que ele conta com 50% de sua cobertura florestal original.
- (b) recupera o nome composto de um estado brasileiro para reforçar a ideia de se preservar a maior reserva da floresta tropical.
- (c) explora o nome composto de um estado brasileiro para mostrar que nele se desenvolvem negócios lucrativos.
- (d) desconstrói o nome composto de um estado brasileiro para sugerir o alto nível de desmatamento nele presente.
- (e) emprega em sentido figurado o nome de um estado brasileiro, para sugerir que nele o desmatamento está em vias de retrocesso.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **206**.

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está "condenado" a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à "interpretação": tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não verbal) e significação. Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o "império do verbal" em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

Est. Oriundi. As formas do silêncio, 1997.

206 Unifesp 2013 No segundo parágrafo do texto, empregam-se as aspas no termo "condenado" para:

- atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.
- reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.
- marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.
- ênfaticamente-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.
- destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

207 UEPB 2013 Leia o texto a seguir.

E SE...

... A ÁGUA POTÁVEL ACABAR?

1 As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia, chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

15 A vida nas metrópoles será mais difícil. Só a grande São Paulo consome atualmente 80,5 bilhões de litros por mês. A água que abastece a região virá de Santos, uma das grandes cidades do litoral que passarão a investir em dessalinização. O problema é que para obter 1 litro de água dessalinizada são necessários 4 litros de água do mar, a um custo de até US\$ 0,90 o m³, segundo a International Desalination Association. Só São Paulo gastaria quase R\$ 140 milhões em dessalinização por mês. Como resultado, a água custaria muito mais do que os R\$ 3 por m³ de hoje.

Mas há quem não concorde com esse cenário caótico. "A água só acaba se você acabar com o ciclo dela", diz Antônio Félix Domingues, da Agência Nacional de Águas [...].

Rafael Soeiro. In: Revista Superintendente. São Paulo: Abril. Edição 305, junho/2012, p. 42.

No enunciado "A água só acaba se você acabar com o ciclo dela" (linhas 22 e 23), as aspas foram usadas para:

- constatar uma forma de diálogo no texto, enfatizando de modo implícito o discurso do outro.
- identificar o discurso alheio reproduzido de forma indireta no texto.
- indeterminar a fala de um outro que não quer se comprometer com a declaração.
- marcar a dimensão discursiva e interativa da linguagem pela inserção da fala do outro.
- chamar a atenção do leitor para os subentendidos contidos na mensagem.

208 UFT 2013 Leia o texto a seguir.

NINGUÉM MORA ONDE NÃO MORA NINGUÉM

1 Nas grandes cidades, pessoas que não têm onde morar são contraditoriamente chamadas de "moradores" de rua. É um eufemismo que acoberta o quadro da injustiça social típica das sociedades em fase de capitalismo selvagem, aquele no qual a eliminação do outro é a regra. Que tantos e cada vez mais vivam nas ruas é uma prova de que o famoso instinto gregário do ser humano se esfacela, ou assume formas cada vez mais enganadoras, porquanto mais voláteis em uma sociedade que é, ao mesmo tempo, de massas e de indivíduos que não têm a menor noção do que significa o outro.

5 O aumento das relações virtuais em detrimento das relações "atuais" é a própria perversão das massas marcadas pela anulação física individual em nome de um eu abstrato, sustentado apenas como imagem, como avatar, e que tem como correspondente um outro reduzido à sua mera abstração. Há, certamente, exceções para a regra da distância com que o eu mede o outro.

15 Dizem as pesquisas que o número de pessoas vivendo sem teto cresceu nos últimos anos por causa do desemprego. E são milhares. Motivos além do desemprego podem confundir quanto ao sentido (e o sem sentido) da complexa experiência vivida por essas pessoas. Afinal, pode-se encontrar entre os que vivem nas ruas até mesmo quem não se sente em situação de injustiça social.

20 A população das ruas das grandes cidades é composta de habitantes (ou desabitantes) provisórios ou não, que estão ali por motivos diversos. Muitas vezes são afetivos. Não é raro encontrar ricas histórias de vida entre as pessoas sem morada, desde aquele que renunciou à vida burguesa por considerá-la insuportável, até quem, por meio de inesperadas leituras filosóficas, criou um significado para o ato de "habitar" a transitoriedade, ou seja, "desabitar" intransitivamente e estar assim, na mera existência.

25 Que não habitar uma casa possa significar uma experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base racional e afetiva tantos entregam as forças. Renunciar, desistir, jogar a toalha, permitir-se a impotência como o Bartleby, de Melville, ou o fracasso, como um dia

afirmou J. L. Borges, pode ser o único modo de viver em um mundo marcado pela melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e metafísicos.

O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo dessa
40 possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade mais profunda de nossos tempos. É a forma mais terrível do mal, a da banalização que se estabelece na vida humana como força lógica. Como um "deixar acontecer", ao qual damos o nome de "abandono", esse ato de exílio, de ostracismo, de curiosa rejeição sem ação. A mendicância
45 das pessoas é apenas a verdade íntima do capitalismo como mendicância da própria política deixada a esmo em nome de antipolíticos interesses pessoais. A mendicância é a imagem social das escolas, dos hospitais públicos, do salário mínimo.

"Moradores de rua" são a figura mais perfeita do abandono que
50 está no imo da devoração capitalista. Convive-se com eles nos bairros elegantes das cidades grandes como se fossem um estorvo ou, para quem pensa de um modo mais humanitário, como um problema social a ser resolvido filantropicamente. Alguns moram em lugares específicos, têm sua "própria" esquina, carregam objetos de
55 uso aonde quer que vão; outros perambulam a esmo, desaparecendo da vista de quem tem onde morar. São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de suportar sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam
60 o mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, fazem sexo. A condição humana é o que se divide por paredes ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de nudez e exposição da vida íntima.

Ninguém "mora na rua"; antes, quem está na rua não mora.
65 Quem está fora dos básicos direitos constitucionais está excluído da sociedade. E, muito mais além da Constituição, está excluído pelo próprio status com que é medido. O status de "morador de rua" é apenas um modo de incluir os excluídos na ordem do discurso acobertadora do fascismo prático de cada dia, oculto sob o véu da
70 autista sensibilidade burguesa. Se o princípio de autoconservação a qualquer custo é a base da ação de indivíduos unidos na massa, está imediatamente perdida a dimensão do outro sem a qual não podemos dizer que haja ética ou política. Mesmo sob o status de morador de rua, o mendigo da nossa esquina é a prova do fracasso
75 de todos os sistemas. Se as estatísticas não mudarem comprovando que a tendência da exceção pode ser a regra, talvez a democracia de teto e paredes não sirva mais a ninguém em breve. Só que às avessas.

Márcio Tiburti. "Ninguém mora onde não mora ninguém". Cult. São Paulo, n. 155, mar. 2011.
Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-nao-moram-ninguem/>.
Acesso em: 06 fev. 2012. (Adapt.).

Quanto às normas gramaticais relacionadas ao uso dos sinais de pontuação, assinale a alternativa incorreta:

- (a) Na linha 15, "certamente" foi separado por vírgulas, não porque esse uso seria obrigatório, mas para realçar o advérbio.
- (b) Na linha 60, foram empregados dois pontos para marcar uma suspensão do discurso a que segue uma enumeração explicativa.
- (c) Em "Ninguém 'mora na rua'; antes, quem está na rua não mora." (l. 64), o ponto e vírgula alonga a pausa, acentuando o sentido adversativo das orações.

- (d) É facultativo o emprego da vírgula após o adjunto adverbial em "Nas grandes cidades, pessoas que não têm onde morar são contraditoriamente chamadas de 'moradores' de rua." (l. 1 e 2).
- (e) Em "Renunciar, desistir, jogar a toalha, permitir-se a impotência [...] ou o fracasso" (l. 34 e 35), as vírgulas foram empregadas para separar elementos que exercem a mesma função sintática e com valor sinonímico.

► Texto para a questão 205.

A civilização "pós-moderna" culminou em um progresso inegável, que não foi percebido antecipadamente, em sua inteireza. Ao mesmo tempo, sob o "mau uso" da ciência, da tecnologia e da capacidade de invenção nos precipitou na miséria moral inexorável. Os que condenam a ciência, a tecnologia e a invenção criativa por essa miséria ignoram os desafios que explodiram com o capitalismo monopolista de sua terceira fase.

Em páginas secas premonitórias, E. Mandel* apontara tais riscos. O "livre jogo do mercado" (que não é e nunca foi "livre") rasgou o ventre das vítimas: milhões de seres humanos nos países ricos e uma carrada maior de milhões nos países pobres. O centro acabou fabricando a sua periferia instríseca e apossou-se, como não sucedeu nem sob o regime colonial direto, das outras periferias externas, que abrangem quase todo o "resto do mundo".

Florestan Fernandes, Folha de S. Paulo, 27/12/1993.

(*) Ernest Edouard Mandel (1923-1995): economista e militante político belga.

205 Fuvest 2014 O emprego de aspas em uma dada expressão pode servir, inclusive, para indicar que ela

- I. foi utilizada pelo autor com algum tipo de restrição;
- II. pertence ao jargão de uma determinada área do conhecimento;
- III. contém sentido pejorativo, não assumido pelo autor.

Considere as seguintes ocorrências de emprego de aspas presentes no texto:

- A. "pós-moderna" (L. 1);
- B. "mau uso" (L. 3);
- C. "livre jogo do mercado" (L. 8);
- D. "livre" (L. 8);
- E. "resto do mundo" (L. 13).

As modalidades I, II e III de uso de aspas, elencadas acima, verificam-se, respectivamente, em

- (a) A, C e E. (d) A, B e E.
- (b) B, C e D. (e) B, D e A.
- (c) C, D e E.

► Leia o texto para responder à questão 204.

VOCE CONSEGUIRIA FICAR 99 DIAS SEM O FACEBOOK?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma "olhadinha" no Facebook. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio Facebook. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no Facebook e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33.º dia, no 66.º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do Facebook gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em "atividades emocionalmente mais realizadoras".

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

Considere os enunciados a seguir.

- [...] ficar 99 dias sem dar nem uma "olhadinha" no Facebook. (1.º parágrafo)
- [...] que poderiam ser utilizadas em "atividades emocionalmente mais realizadoras". (4.º parágrafo)

204 Unifesp 2015 Nos dois trechos, utilizam-se as aspas, respectivamente, para

- (a) enfatizar o discurso direto e marcar uma citação.
- (b) realçar o sentido do substantivo e indicar uma transcrição.
- (c) assinalar a ironia e indicar a fala de uma pessoa.
- (d) marcar o sentido pejorativo e enfatizar o sentido metafórico.
- (e) indicar o sentido metafórico e marcar a fala coloquial.

► A questão 213 focaliza uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSE DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSE DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias* (1833-1844), 2007.)

213 Unifesp 2016 O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- (a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- (b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- (c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- (d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- (e) deve ser interpretado em chave irônica.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 13

211. C
209. E
210. D
206. B
207. D
208. D
205. A
204. B
213. A

LIVRO 3 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 14

► Texto para a questão 221.

O COLOCADOR DE PRONOMES

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática. Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática. E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática. Mártir da gramática, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização.

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogêneos e pai duns acrósticos dado à luz no – Itaocuense, com bastante sucesso. Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da família, vesga, madurota, histérica, manca da perna esquerda e um tanto aluada. Triburtino não era homem de brincadeiras. Esgoelara um vereador oposicionista em plena sessão da Câmara e desde aí, se transformou no tutu da terra. Toda a gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados, nem tufos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distância hierárquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, diálogos de flores – o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrear-se no bolsinho de cima e medição de passos na Rua D'Elba, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal à esquina, com o

Acorda, donzela...

sapecado a medo num velho pinho de empréstimo. Depois, bilhetinho perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhetinho, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências:

Anjo adorado!

Amo-lhe!...

Para abrir o jogo, bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de três dias de sobrececho carregado, mandou chamá-lo à sua presença, com disfarce de pretexto – para umas certidõeszinhas, explicou.

Apesar disso, o moço veio um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha. Não lhe erravam os pressentimentos. Mal o pilhou portas aquém, o coronel trançou o escritório, fechou a carranca e disse:

– A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca-nunca, ouviu? que contra ela se cometa o menor deslize. Parou.

Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhete cor-de-rosa, desdobrou-o.

– É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

– Muito bem! continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estratégica.

– ... é casar! concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e, com lágrimas nos olhos, disse, gaguejante:

– Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

– Nada de frases moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E voltando-se para dentro, gritou:

– Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

– Laurinha quer o coronel dizer...

– Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que ama-lhe. Se amasse a ela deveria dizer amo-te. Dizendo – amo-lhe declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher!...

– Oh, coronel...

– ...ou à preta Luzia, cozinheira. Escolha!

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lágrima a escorrer rumo à asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragédia. Por fim o coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua gramática matrimonial.

– Os pronomes, como sabe, são três: da primeira pessoa – quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa – a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa – de quem se fala, e neste caso Maria do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

Não havia fuga possível.

O escrevente ergueu os olhos e viu do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo acanhada a ponta do avental novo ao alcance do maquiavélico pai. Submeteu-se e abraçou a urucaca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

– Deus vos abençoe, meus filhos!

[...]

Monteiro Lobato. <<http://lasalledf.com.br/cursos/em/literatura/arquivos/pronomes.pdf>>. (Adapt.).

221 UFT 2011 O texto "O colocador de pronomes" conta a história de Aldrovando Cantagalo: um defensor da gramática, especialmente da colocação dos pronomes de acordo com a norma padrão. O excerto acima narra apenas o evento que resultou no casamento de seus pais. Sobre esse evento é correto afirmar que:

- O pai da noiva aproveitou-se do uso inadequado do pronome *lhe* que o escrevente fizera para casar a filha encalhada.
- O motivo real pelo qual o pai da noiva escolheu Maria do Carmo para se casar com o escrevente foi o fato deste ter cometido um erro no uso do pronome.

- O pai da noiva convenceu o escrevente de que o bilhete referia-se à filha mais velha e não à sua mulher ou à cozinheira.
- A argumentação do coronel leva em conta as diferentes variedades da língua portuguesa, em que o uso do pronome *lhe* com o verbo *amar* é condenado.
- O escrevente conhece a norma padrão da língua portuguesa, pois empregou um pronome de terceira pessoa para se referir à segunda pessoa.

222 UFT 2011 Considere as seguintes afirmações acerca do uso dos pronomes na variedade padrão e em outras variedades do português brasileiro:

- Em *Se quiser, eu posso lhe levar em casa*, o pronome *lhe*, principalmente na língua falada, não se refere a ele ou ela, mas sim a você. A mesma lógica pode ser aplicada ao uso que o escrevente fez ao escrever *amo-lhe*.
- O uso dos pronomes na sentença *Eu te vi ontem na rua, te chamei, mas você não escutou* está de acordo com o que a gramática normativa prescreve.
- De acordo com a variedade padrão, os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa *lhe* e *lhes* funcionam como complementos verbais e são próprios do objeto indireto.
- Nas variedades não padrão, é comum encontrarem-se usos que diferem da variedade padrão. Um exemplo disso é o uso dos pronomes pessoais *ele* e *ela* na posição de complemento verbal, como em *Eu conheci ele ontem*.

Das afirmações acima:

- apenas I está correta.
- apenas II está correta.
- apenas II e IV estão corretas.
- apenas I, II e III estão corretas.
- apenas I, III e IV estão corretas.

220 Uern 2013 Leia o poema a seguir.

O MUNDO QUE VENCI DEU-ME AMOR

*O mundo que venci deu-me um amor,
Um troféu perigoso, este cavalo
Carregado de infantes couraçados.
O mundo que venci deu-me um amor
Alado galopando em céus irados,
Por cima de qualquer muro de credo,
Por cima de qualquer fosso de sexo.
O mundo que venci deu-me um amor
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.
Amor que dorme e treme. Que desperta
E toma contra mim, e me devora
E me ruma em cantos de vitória.*

Mário Faustino. *Poesia completa*. *Poesia traduzida*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

Releia o quarto verso do poema (e que também preenche o título, o primeiro e o oitavo versos do texto): "O mundo que venci deu-me amor". Desconsiderando questões poéticas e considerando que algumas palavras foram utilizadas em igual período em verso anterior, assinale a alternativa cujo conteúdo poderia substituir o trecho destacado, sem alteração de sentido e sem ferir a norma-padrão.

- (a) O mundo que venci deu-o-me.
- (b) O mundo que venci me deu-lhe.
- (c) O mundo que venci deu-o a mim.
- (d) O mundo que venci deu-lhe a mim.

► Leia o texto para responder à questão 167.

A SENSÍVEL

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando “sentia” que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. Os melhores contos de Clarice Lispector, 1996.)

167 Unifesp 2014 A alternativa em que o enunciado está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e coerente com o sentido do texto é:

- (a) A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão que era menina passeando pela calçada.
- (b) Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava aonde é que estava, confusa no lugar que caminhava.
- (c) A senhora, quando se dispôs a ir à bordadeira, esperava que esta não lhe recusasse o trabalho solicitado.
- (d) A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer daquilo.
- (e) Era comum de que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.

► Texto para a questão 166.

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega designios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali come água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

166 Fuvest 2015 Dentre estas propostas de substituição para diferentes trechos do texto, a única que **NAO** está correta do ponto de vista da norma-padrão é:

- (a) “Para onde vai ele, (...)?” = Aonde vai ele, (...)?
- (b) “O operário não lhe sobra tempo de perceber” = Ao operário não lhe sobra tempo de perceber.
- (c) “Teria vergonha de chamá-lo meu irmão” = Teria vergonha de chamá-lo de meu irmão.
- (d) “Tenho vergonha e vontade de encará-lo” = Tenho vergonha e vontade de o encarar.
- (e) “quem sabe se um dia o compreenderei” = quem sabe um dia compreenderei-o.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 14

- 167. C
- 166. E
- 221. A
- 222. E
- 220. C

LIVRO 3 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 15

227 Unep 2011 Nem todos os professores tiveram o _____ de participar da festa _____, pois para isso era _____ que morassem perto do colégio e se _____ a ajudar nos preparativos. As palavras que preenchem as lacunas estão respectivamente grafadas de acordo com a norma culta na alternativa:

(a) privilégio, beneficiante, necessário, dispusessem
 (b) privilégio, beneficiante, nessessário, disposessem
 (c) privilégio, beneficente, necessário, dispusessem
 (d) privilégio, beneficiante, nescessário, dispuzessem
 (e) previlégio, beneficente, nescessário, disposessem

228 Unep 2011 Depois de uma _____ que durou várias horas, os senadores, demonstrando bom _____, decidiram que o colega que havia faltado ao _____ do dever deveria ser _____.

As palavras que completam as lacunas da frase anterior estão na alternativa:

- (a) sessão, senso, cumprimento, cassado
 (b) seção, censo, cumprimento, cassado
 (c) cessão, censo, comprimento, caçado
 (d) sessão, senso, comprimento, caçado
 (e) seção, senso, cumprimento, cassado

226 Insper 2012



<http://educacao.uol.com.br/album/tiras_reforma_album.foto?foto=15>

Na imagem, o cartunista brinca com a reforma ortográfica. Com relação ao emprego do hífen, todas as palavras estão de acordo com as novas regras, exceto:

- (a) mega-empresa.
 (b) autorretrato.
 (c) autoajuda.
 (d) micro-ondas.
 (e) anti-inflamatório.

225 Fuvest 2014 Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

**EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ TRABALHAMOS
 COM O MELHOR DA NATUREZA**

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte da natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

www.destakjournal.com.br, 13/05/2013. Adaptado.

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- (a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
 (b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
 (c) explora o caráter polissêmico das palavras.
 (d) mescla as linguagens científica e jornalística.
 (e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

224 Unifesp 2015



Ciência explica _____.
 Testes mostram que _____
 de Leonardo da Vinci está sumindo

(www.uol.com.br, 05.06.2014. Adaptada.)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e com o Novo Acordo Ortográfico, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- (a) porquê – autorretrato.
 (b) por que – auto retrato.
 (c) por quê – autorretrato.
 (d) porque – auto-retrato.
 (e) por que – auto-retrato.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 15

- 227. C**
228. A
226. A
225. C
224. C

LIVRO 3 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 16

► Texto para a questão **242**.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

5 — *O mestrel disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?*

— *Sim, eu também sangro...*

10 — *Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.*

— *Homem, eu da cirurgia não entendo muito...*

— *Pois já não disse que sabe também sangrar?*

— *Sim...*

15 — *Então já sabe até demais.*

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua

20 *conta.*

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser

25 estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lançeta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*.

242 Fuvest 2011 Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

- (a) "era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo".
- (b) "você estava bem bom, se quisesse ir conosco".
- (c) "Pois já não disse que sabe também sangrar?".
- (d) "de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negroiro".
- (e) "logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros".

► As questões **243** e **244** tomam por base uma passagem do romance regionalista *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Lá lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

243 Unesp 2011 No fragmento apresentado, de *Vidas secas*, as formas verbais mais frequentes se enquadram em dois tempos do modo indicativo. Marque a alternativa que indica, pela ordem, o tempo verbal predominante no segundo parágrafo e o que predomina no quinto parágrafo.

- (a) pretérito perfeito – pretérito imperfeito.
- (b) presente – pretérito imperfeito.
- (c) presente – pretérito perfeito.
- (d) futuro do pretérito – presente.
- (e) pretérito imperfeito – pretérito perfeito.

244 Unesp 2011 Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.

A forma verbal queimava, no período acima, apresenta o sentido de:

- (a) ignorava.
- (b) assava.
- (c) destruía.
- (d) marcava.
- (e) prejudicava.

245 Unifesp 2011 [Sem-Pernas] queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava "meu padrinho" e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar.

A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava.

Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de coleto cinzento que fumava um charuto.

Jorge Amado. *Capitães do areia*.

O zigue-zague temporal ligado à vida de Sem-Pernas, empregado no fragmento para a composição da personagem, é construído de maneira muito precisa, por meio da utilização alternada de diversos tempos verbais. Indique a alternativa em que há, respectivamente, um tempo verbal que expressa fatos ocorridos num tempo anterior a outros fatos do passado e um tempo verbal usado para marcar o caráter hipotético de certas ações ou o desejo de que se realizassem.

- (a) **Vivera** na casa de um padreiro [...] – uma mão que o **acarinhasse** [...]
 (b) Em cada canto **estava** um com uma borracha comprida. – **Sofreu** fome.
 (c) Nunca **tivera** família. – A perna coxa se **recusava** a ajudá-lo.
 (d) A princípio **chorou** muito [...] – Mas de dentro dele nunca **desapareceu** a dor daquela hora.
 (e) Ele **quer** um carinho [...] – Um dia **levaram**-no preso.

246 UEL 2011

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE



Laerte. "Piratas do Tietê". Folheto de S. Paulo, 29 ago. 2010.

Passando o texto para a segunda pessoa do singular, sem alteração de sentido, o diálogo correto é:

- (a) Que dirá, senhora, se eu tirasse a barba?
 – Em tua barba reside tua autoridade, tua determinação – em última análise, a essência de vosso poder.
 – Agradeço, senhora.
 – Não é um elogio, caso não o hajais percebido.
- (b) – Que dirias, senhora, se eu tirasse a barba?
 – Em tua barba reside tua autoridade, tua determinação – em última análise, a essência de teu poder.
 – Agradeço, senhora.
 – Não é um elogio, caso não o hajais percebido.
- (c) – Que dirão, senhora, se eu tirasse a barba?
 – Em sua barba reside vossa autoridade, vossa determinação em última análise, a essência de vosso poder.
 – Agradeço, senhora.
 – Não é um elogio, caso não o hajam percebido.
- (d) – Que diz, senhora, se eu tirasse a barba?
 – Em sua barba reside sua autoridade, sua determinação – em última análise, a essência de seu poder.
 – Agradeço, senhora.
 – Não é um elogio, caso não o haja percebido.
- (e) – Que diríeis, senhora, se eu tirasse a barba?
 – Em sua barba reside sua autoridade, sua determinação – em última análise, a essência de seu poder.
 – Agradeço, senhora.
 – Não é um elogio, caso não o hajais percebido.

247 Ufam 2011 Assinale a opção em que o verbo grifado está no futuro do subjuntivo.

- (a) Se o rapaz **acordar** cedo, diga-lhe que me telefone.
 (b) Por **ser** acanhado, falava muito pouco.
 (c) Chegarei de manhãzinha, a fim de **dar** atenção ao amigo.
 (d) Antes de **transmitir** seu recado, penso nas consequências.
 (e) Não adianta **estar** a olhar o envelope; o que está escrito, não se modificará.

248 UFMT 2011 Analise o período a seguir e assinale a alternativa que substitui corretamente a forma verbal em destaque.

Antes de conseguir que, de fato, eles fossem libertos, passou-se meio século. **Houve** outras tentativas, contudo foram vãs.

- (a) Existiu. (d) Haveriam.
 (b) Existiram. (e) Existiria.
 (c) Houveram.

► Texto para a questão 240.

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior. *Evolução política do Brasil*. (Adapt.).

240 Fuvest 2012 No contexto, o verbo "enche" indica:

- (a) habitualidade no passado.
 (b) simultaneidade em relação ao termo "ascensão".
 (c) ideia de atemporalidade.
 (d) presente histórico.
 (e) anterioridade temporal em relação a "reino lusitano".

► Texto para a questão 241.

RECEITA DE MULHER

*As muito feias que me perdoem
 Mas beleza é fundamental. É preciso
 Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
 Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture*
 Em tudo isso (ou então
 Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na
 [República Popular Chinesa].
 Não há meio-termo possível. É preciso
 Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
 Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e
 [que um rosto
 Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro
 [minuto da aurora.
 Velocius de Moraes.*

241 Fuvest 2012 Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- (a) indicativo; expressar verdades universais.
- (b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- (c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- (d) indicativo; relacionar ações habituais.
- (e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

► Texto para a questão **233**.

V – O SAMBA

A direita do terreiro, adumbra-se na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. [...]

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarronada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. [...]

José de Alencar, *TI*

Adumbra-se: delinea-se, esboça-se.

233 Fuvest 2013 Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- I. sujeitos pospostos;
- II. termos que intensificam a ideia de movimento;
- III. verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em:

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) I e II, apenas.
- (e) I, II e III.

► Instrução: A questão **234** toma por base um poema de Luis Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

JESUS PANTOCRÁTOR

*Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquele face austera, aquele olhar troveja.*

*Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina.*

*Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos de Santo Stefano Rotondo;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...*

*Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.*

Luis Delfino. *Rosas negras*, 1938.

Pantocrátor: que tudo rege, que governa tudo.

Bizantina: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e as manifestações culturais desse Império.

Fresco: o mesmo que *afresco*, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

Santo Stefano Rotondo: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (Stefano, em italiano), mártir do Cristianismo.

Antema: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

FIGURA DE CRISTO PANTOCRÁTOR



Catedral de Monreale, Itália.

234 Unesp 2013 A leitura do soneto revela que o poeta seguiu o preceito parnasiano de só fazer rimar em seus versos com palavras pertencentes a classes gramaticais diferentes, como se observa, por exemplo, nas palavras que encerram os quatro versos da primeira quadra, que rimam conforme o esquema ABBA. Consideradas em sua sequência do primeiro ao quarto verso, tais palavras surgem, respectivamente, como:

- (a) adjetivo, verbo, substantivo, adjetivo.
- (b) substantivo, adjetivo, verbo, verbo.
- (c) substantivo, adjetivo, substantivo, advérbio.
- (d) verbo, adjetivo, verbo, adjetivo.
- (e) substantivo, substantivo, verbo, verbo.

► Instrução: A questão **235** toma por base dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

Alexandre Oliva. Software privativo é falta de educação. <<http://revista.espiritalive.org>>.

235 Unesp 2013 [...] cerceia a curiosidade e a criatividade do educando.

A forma verbal cerceia, nesta frase do último parágrafo, significa:

- (a) contamina.
- (b) reforça.
- (c) restringe.
- (d) cerca.
- (e) estimula.

► Instrução: Leia o poema O constante diálogo, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão **236**.

HA TANTOS DIÁLOGOS

Diálogo com o ser amado

- o semelhante
- o diferente
- o indiferente
- o oposto
- o adversário
- o surdo-mudo
- o possesso
- o irracional
- o vegetal
- o mineral
- o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Carlos Drummond de Andrade. *Discurso de primavera e alguns sambas*, 1977.

236 Unifesp 2013

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

Nesses versos da última estrofe do poema, o sentido com que se emprega o imperativo afirmativo e a circunstância expressa pelas expressões "no silêncio" e "com o silêncio" são, respectivamente:

- (a) sugestão e modo.
- (b) sarcasmo e consequência.
- (c) advertência e lugar.
- (d) orientação e causa.
- (e) ordem e movimento.

237 UEG 2013 Leia o texto a seguir:

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-as paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha campinada [...].

Lima Barreto. *Triste fim de Polcarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, p. 175.

Com relação ao tempo narrativo, nota-se que a utilização do pretérito imperfeito:

- (a) aproxima o material narrado do universo contemporâneo do leitor.
- (b) confere ao texto um caráter dual, que oscila entre o lírico e o metafórico.
- (c) faz com que o tempo da narrativa se distancie, até certo ponto, do tempo do leitor.
- (d) torna o texto mais denso de significação, na medida em que institui lacunas temporais.

238 Uem 2013 Leia o texto a seguir.

ASTROTEOLOGIA: BREVE INTRODUÇÃO

Nós, humanos, somos seres limitados. Criativos e inovadores, conseguimos ampliar em muito a nossa compreensão do mundo por meio da aplicação diligente da razão e, complementarmente, das artes.

Isso porque, se a ciência e as artes têm algo em comum, é justamente a tentativa de estender nossa visão de mundo, de ampliar as fronteiras do conhecimento, revelando aspectos inusitados do real. Um teorema e um poema são reflexões do possível, seja o concreto ou o onírico. A imaginação lança mão de todos os recursos à sua disposição para dar sentido à existência.

Talvez seja por isso que o teólogo americano Reinhold Niebuhr escreveu que "o homem é o seu maior problema". Nossas filosofias, ciências e religiões são tentativas de compreender a existência apesar de nossa miopia, isto é, de nossas limitações sobre o que vemos e entendemos.

Nessa busca, não é coincidência que a crença religiosa funcione como uma bússola para tantas pessoas. Como explicar a origem do Universo? Ou da vida? Ou por que temos uma mente capaz de refletir sobre essas questões complexas?

Tais questões são, hoje, parte da pesquisa científica de ponta. Vivemos numa época peculiar, em que o que antes era província exclusiva da religião faz parte do discurso rotineiro da ciência. Porém, por não termos ainda respostas, essas questões continuam nos assombrando.

Talvez um dos dilemas da humanidade seja a angústia de poder contemplar o divino sem vê-lo. Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade; mas, tirando a ficção e a fé, não temos como transcender nossa realidade carnal, os limites temporais e espaciais. Ou será que temos?

Considerando que a ciência moderna tem apenas quatro séculos (marcando seu início com Kepler e Galileu), e percebendo o quanto já fizemos em tão curto prazo, imagine o que nos espera em mil anos?

Ou 10 mil anos, se, claro, não nos destruímos antes disso. A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas, a ponto de podermos modificar o que comemos e mesmo alcançar curas diversas.

Extrapolando a expansão tecnológica para o futuro, alguns afirmam que, em algumas décadas, chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas. Caso essas previsões se concretizem – e, a meu ver, já estão ocorrendo –, seremos [...] uma nova espécie, além do humano.

Agora imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência. Só que o fizeram, digamos, 1 milhão de anos antes de nós, o que em termos cósmicos não é nada.

Essas criaturas teriam se transformado completamente ao se hibridizar com máquinas. Seriam, talvez, apenas informação, existindo em campos energéticos no espaço.

Teriam o poder de criar vida, escolhendo suas propriedades. Poderiam, por exemplo, ter nos criado, ou a alguns de nossos antepassados, como parte de um experimento. Poderiam, por exemplo, estar nos observando, como nós observamos animais no zoológico ou no laboratório. Essas entidades imateriais, mas existentes, seriam nossos criadores. Seriam eles deuses, mesmo se não sobrenaturais?

Marcelo Gleiser. *Astroteologia: breve introdução*. Folha de S.Paulo, 25 nov. 2012. Ciência.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/1190348-astroteologia-breve-introducao.shtml>.

(Adapt.)

A compreensão dos mecanismos gramaticais presentes em um texto é primordial para uma (re)construção pertinente do sentido sugerido pelo seu autor. Dentre as categorias gramaticais que mais contribuem na revelação de informação implícita estão os mecanismos de atribuição de tempo e modo verbais. A predominância de uso do tempo futuro do pretérito nos dois últimos parágrafos do texto revela, sobre o conteúdo apresentado em tal trecho, o(a):

- (a) valor atemporal do que é afirmado.
- (b) indicação de certeza dos fatos exibidos.
- (c) valor hipotético das informações apresentadas.
- (d) ideia de temporalidade futura dos eventos descritos.

239 UFRN 2013 Leia o texto a seguir.

O TRAPICHE

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alcerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.

Jorge Amado. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 25.

Em relação aos tempos verbais presentes no fragmento, o narrador emprega:

- (a) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da narração, para simular a presença do leitor na realidade degradante do trapiche.
- (b) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos narrativos, para construir uma imagem decadente do trapiche.
- (c) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da descrição, para relatar o processo contínuo, do passado até o presente, de invasão da areia no trapiche.
- (d) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos descritivos, para construir duas imagens do trapiche contrastantes entre si.

► Texto para a questão 231.

REVELAÇÃO DO SUBÚRBIO

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a
vidraça do carro*]

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite come o subúrbio e logo o devolve,

ele reage, luta, se esforça,

até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais

e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*, 1940.

(*) **carro**: vagão ferroviário para passageiros.

231 Fuvest 2014 Considerados no contexto, dentre os mais de dez verbos no presente, empregados no poema, exprimem ideia, respectivamente, de habitualidade e continuidade

- (a) "gosto" e "repontam".
- (b) "condensa" e "esforça".
- (c) "vou" e "existe".
- (d) "têm" e "devolve".
- (e) "reage" e "luta".

► A questão 232 focaliza uma passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

ÁGUA-MÃE

Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasmava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele **back**¹, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:

— Joca, você aqui não paga.

Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo **center-forward**² que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfiou com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.

(*Água-Mãe*, 1974.)

¹ **Back**: Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

² **Center-forward**: Centroavante.

232 Unesp 2014 No primeiro parágrafo, predominam verbos empregados no

- (a) pretérito perfeito do modo indicativo.
- (b) pretérito imperfeito do modo indicativo.
- (c) presente do modo indicativo.
- (d) presente do modo subjuntivo.
- (e) pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo.

► Para responder à questão 230, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

O AZULÃO E OS TICO-TICOS

Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
o seus trilos de harmonia,
5 cada vez mais se enflorava.

Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.

- 10 Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos
- 15 numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: "Azulão,
olha, dize-me a razão

por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia

- 20 desses garotos joviais,
tu continuas gorgendo
e cada vez canta mais?"

Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:
"Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...
este dom que Deus me deu!

- Quando, há pouco, eu descantava,
30 pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,
- 35 bravos! Bravos... muito bem!

Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
40 (irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?"

*Nota do editor: Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a "Águia de Haia" um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

(Poemas escolhidos, s/d.)

230 Unesp 2015 Na fala do papagaio, dos versos de números 16 a 22, uma das formas verbais não apresenta, como deveria, flexão correspondente à mesma pessoa gramatical das demais.

Trata-se de

- (a) continuas.
- (b) dize.
- (c) canta.
- (d) recebes.
- (e) estás.

► Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à questão **234**.

O TABULEIRO DE XADREZ PERSA

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado shakhmat. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado "Morte ao rei" é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64^o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

*1 quintilhão: 1 000 000 000 000 000 000: 10¹⁸. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

234 Unifesp 2016 O trecho "era um homem modesto, disse ao xá" (2^o parágrafo) foi construído em discurso indireto. Ao se adaptar tal trecho para o discurso direto, o verbo "era" assume a seguinte forma:

- (a) serei. (d) fosse.
- (b) fui. (e) sou.
- (c) seria.

► Texto para a questão **238**.

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, temos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, *Iracema*.

238 Fuvest 2017

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Capítulo 1

É correto afirmar que, no texto, o narrador

- (a) prioriza a ordem direta da frase, como se pode verificar nos dois primeiros parágrafos do texto.
- (b) usa o verbo "correr" (2^o parágrafo) com a mesma acepção que se verifica na frase "Travam das armas os rápidos guerreiros, e correm ao campo" (também extraída do romance *Iracema*).
- (c) recorre à adjetivação de caráter objetivo para tornar a cena mais real.
- (d) emprega, a partir do segundo parágrafo, o presente do indicativo, visando dar maior vivacidade aos fatos narrados, aproximando-os do leitor.
- (e) atribui, nos trechos "aqui lhe sorri" e "lhe entram n'alma", valor possessivo ao pronome "lhe".

► Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão **239**.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

239 Unesp 2017 O trecho "As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe." (2º parágrafo) foi construído na voz passiva. Ao se adaptar tal trecho para a voz ativa, a locução verbal "foram substituídas" assume a seguinte forma:

- (a) substituí.
- (b) substituíram.
- (c) substituiriam.
- (d) substituiu.
- (e) substituem.

► Leia a fábula "A raposa e o lenhador", do escritor grego Esopo (620 a.C.?–564 a.C.?), para responder à questão **240**.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: "Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras."

(*Fábulas completas*, 2013.)

240 Unifesp 2017 Os trechos "Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana" e "vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa" foram construídos em discurso indireto. Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo "entrasse" e a locução verbal "tinha visto" assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- (a) "entrai" e "vira".
- (b) "entrou" e "viu".
- (c) "entre" e "vira".
- (d) "entre" e "viu".
- (e) "entrai" e "viu".

► Leia o trecho do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões **171** e **172**.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" – ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugitivos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

171 Unesp 2018 O leitor é figura recorrente e fundamental na prosa machadiana. Verifica-se a inclusão do leitor na narrativa no seguinte trecho:

- (a) "Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres." (1ª parágrafo)
- (b) "A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade." (3ª parágrafo)
- (c) "Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas." (1ª parágrafo)
- (d) "O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave." (2ª parágrafo)
- (e) "Quando não vinha a quantia, vinha promessa: 'gratificar-se-á generosamente' – ou 'receberá uma boa gratificação'. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa." (4ª parágrafo)

172 Unesp 2018 Em "Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o **acolitasse**." (4ª parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por:

- (a) escondesse.
- (b) incentivasse.
- (c) denunciasse.
- (d) agredisse.
- (e) ignorasse.

► Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real!*, de Slavoj Žižek, para responder à questão 173.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: "Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira." Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: "Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha." Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

(*Bem-vindo ao deserto do real!*, 2003.)

173 Unesp 2018 "Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul [...]."

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- (a) Os amigos receberiam, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- (b) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul é recebida pelos amigos.
- (c) Os amigos deveriam ter recebido, um mês depois, uma carta escrita em tinta azul.
- (d) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul foi recebida pelos amigos.
- (e) Um mês depois, uma carta escrita em tinta azul seria recebida pelos amigos.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 16

- 242. B
- 243. E
- 244. D
- 245. A
- 246. B
- 247. A
- 248. B
- 240. D (Fuvest 2012)
- 241. C
- 233. E
- 234. B (Unesp 2013)
- 235. C
- 236. A
- 237. D
- 238. C
- 239. D
- 231. C
- 232. B
- 230. C
- 234. E (Unifesp 2016)
- 238. D (Fuvest 2017)
- 239. B (Unesp 2017)
- 240. D (Unifesp 2017)
- 171. D
- 172. A
- 173. D

► Instrução: A questão **285** toma por base o texto a seguir.

Amaro lia até tarde, um pouco perturbado por aqueles períodos sonoros, tímidos de desejo; e no silêncio, por vezes, sentia em cima ranger o leito de Amélia; o livro escorregava-lhe das mãos, encostava a cabeça às costas da poltrona, cerrava os olhos, e parecia-lhe vê-la em colete diante do toucador desfazendo as tranças; ou, curvada, despertando as ligas, e o decote da sua camisa entreaberta descobria os dois seios muito brancos.

Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.

Começara então a recomendar-lhe a leitura dos Cânticos a Jesus.

– Verá, é muito bonito, de muita devoção! Disse ele, deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até o meio da face. Queixou-se de insônia, de palpitações.

– E então, gostou dos Cânticos?

– Muito. Orações lindas! respondeu. Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro. Parecia triste – e sem razão, às vezes, o rosto abrasava-se-lhe de sangue.

Eça de Queirós. O crime do padre Amaro.

285 Unifesp 2011 O trecho em que a ação de uma personagem se demonstra impregnada de determinismo biológico e permite associar o romance de Eça de Queirós ao movimento estético denominado Naturalismo é:

- (a) *Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.*
- (b) *Começara então a recomendar-lhe a leitura dos Cânticos a Jesus.*
- (c) *[...] deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.*
- (d) *Queixou-se de insônia, de palpitações.*
- (e) *Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro.*

► Instrução: A questão **286** toma por base o fragmento:

[...] Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!" – ao que eu retorquia: "Cala a boca, besta!" – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemtor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas.

286 Unifesp 2011 É correto afirmar que:

- (a) se trata basicamente de um texto naturalista, fundado no Determinismo.
- (b) o texto revela um juízo crítico do contexto escravista da época.
- (c) o narrador se apresenta bastante sizado e amargo, bem ao gosto machadiano.
- (d) o texto apresenta papéis sociais ambíguos das personagens em foco.
- (e) os comportamentos desumanos do narrador são sutilmente desnudados.

287 UEPB 2011 Sobre *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, é correto afirmar:

- I. Romance cujo enredo traz à tona questões de ordem pessoal (de determinadas personagens) e coletiva (há personagens cujas tensões vividas remetem o leitor para questões de ordem mais geral, centradas num coletivo). As questões problematizadas numa perspectiva coletiva podem ser visualizadas em episódios como aquele em que os moradores do Carapicus e do Cabeça-de-gato se enfrentam e a tensão criada denuncia uma demanda coletiva e não apenas individual.
 - II. Romance cujo enredo aponta, embora timidamente, para a resolução de conflitos coletivos, visando uma melhoria do espaço urbano em que se assentam os cortiços Carapicus e Cabeça-de-gato, principalmente no que diz respeito ao projeto de saneamento básico e do fornecimento de energia elétrica, projetos que davam início à modernização dos centros urbanos do país no final do século XIX.
 - III. Romance cujo enredo problematiza muito mais as questões do Pré-modernismo brasileiro, com a construção de um pensamento sanitaria e de modernização do espaço urbano do Rio de Janeiro do início do século XX, do que a proposta naturalista que insistia nas tensões particulares de suas personagens, demanda da "escola naturalista" cujas narrativas são as melhores representantes, no Brasil, dessa época.
- (a) Apenas III está correta.
 - (b) Apenas II está correta.
 - (c) Apenas I está correta.
 - (d) Apenas I e II estão corretas.
 - (e) Apenas I e III estão corretas.

288 UFBA 2011 *As ciências naturais eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciável e ¹religiosa ³curiosidade do Universo, impelira-o a estudar tudo o que ²divinamente o compõe, desde os insetos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração – porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuinamente budistas. Amo a Natureza (escrevia-me ele em 1882) por si mesma, ⁴toda e individualmente, na graça e na fealdade de cada uma das formas inumeráveis que a enchem; e amo-a ainda como manifestação tangível e múltipla da suprema Unidade, da Realidade intangível, a que cada Religião e cada Filosofia deram um nome diverso e a que eu presto culto sob o nome de VIDA. Em resumo adoro a Vida – de que são igualmente expressões uma rosa e uma chaga, uma constelação e (com horror confesso) o conselheiro Acácio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro – porque tudo é viver, mesmo morrer. Um cadáver rígido no seu esquife vive tanto como uma águia batendo furiosamente o voo. [...].**

Eça de Queiroz. *Correspondência de Fradique Mendes*. In: *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1966. Vol. 2. p. 1.018.

Sobre esse fragmento e a obra de Eça de Queiroz, é correto afirmar:

- 01 O fragmento apresenta um discurso em que narrador ficcional e personagem biografada se manifestam.
- 02 A importância que Fradique atribui às ciências naturais expressa uma das tendências recorrentes no século XIX.
- 04 O narrador, para caracterizar Fradique, apresenta várias situações ilustrativas do modo de pensar e agir da personagem.
- 08 O enunciador, ao fornecer detalhes, acontecimentos e preferências da personagem, utiliza um procedimento narrativo-descritivo característico da estética dominante na época.
- 16 Os termos “religiosa” (ref. 1) e “divinamente” (ref. 2) evidenciam o discurso religioso característico da sociedade portuguesa.
- 32 A substituição do elemento linguístico “do”, em “curiosidade do Universo” (ref. 3), por “pelo” resulta em um outro significado para a frase.
- 64 O fragmento “toda e individualmente” (ref. 4) demonstra que Fradique tem uma compreensão dicotômica, subdividida do universo.

289 Uesc 2011 *Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalhou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no espectador e não no palco.*

Machado de Assis. *A chivrela turca*. *Obras completas*. Vol. 1. Rio de Janeiro: José Aguilar 1962. p. 303.

Com base no fragmento contextualizado na obra, está correto o que se afirma em:

- (a) O narrador abstém-se de opinar sobre o narrado.
- (b) O conto evidencia o tema da volubilidade do amor.
- (c) A relação de Duarte com o major Lopo Alves é pautada pela sinceridade afetiva.
- (d) O major Lopo Alves representa o literato de grande mérito, porém injustiçado pelo público leitor.
- (e) A narrativa apresenta dois dramas: um escrito por Lopo Alves e outro vivenciado como experiência simbólica pelo personagem.

290 UFRN 2011 A sequência a seguir faz parte do roteiro de adaptação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para os quadrinhos. O fragmento textual do “Capítulo VII” que corresponde à sequência a seguir é:



Wellington Siqueira e B. Melado. Página do roteiro de adaptação do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* para os quadrinhos. <http://blogdosquadrinhos.blogspot.com.br/arch/2010-02-01_2010-02-28.html>.

- (a) *Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:*
– Onde estamos?
– Já passamos o Éden.
– Bem; paremos na tenda de Abraão.
– Mas se nós caminhamos para trás! redarguiu motejando a minha cavalgadura. (p. 26)
- (b) *Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com tal arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.*
– Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos. (p. 25)
- (c) *Como ia de olhos fechados, não via o caminho; Lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. (p. 25)*
- (d) *Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e vários animais grandes de neve. (p. 26)*

291 UFRN 2011 Leia o texto a seguir.

Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico, – uma pérola.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 27 ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 40.

A partir dessa passagem, é correto afirmar que:

- (a) Marcela, diferentemente das figuras femininas típicas do Romantismo, tinha uma visão idealizada do amor.
- (b) o narrador do romance faz elogios a Marcela ao afirmar que ela não possui a inocência rústica e que é uma mulher luxuosa.
- (c) a relação entre Marcela e Xavier é um exemplo da visão de amor que predomina no romance.
- (d) Brás Cubas teve grandes dificuldades para conquistar Marcela, uma vez que ela estava apaixonada por Xavier.

292 UFRN 2011 Leia a passagem a seguir.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. 27 ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 176.

Neste capítulo, Brás Cubas faz uma espécie de balanço de sua existência, em que:

- (a) demonstra tristeza por não ter conseguido um saldo positivo em sua vida.
- (b) lamenta suas dificuldades e o fato de não ter tido sucesso em sua vida.
- (c) orgulha-se por não ter deixado filhos para herdarem a infelicidade humana.
- (d) desculpa-se pelo fato de não ter suportado o sofrimento como seus amigos.

► Texto para as questões de **280** a **283**.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo. O cortiço.

280 Fuvest 2012 Considere as seguintes afirmações, relacionadas ao excerto de *O cortiço*:

- I. O sol, que, no texto, se associa fortemente ao Brasil e à "pátria", é um símbolo que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e, em certas passagens, representa o princípio masculino da fertilidade.
- II. A visão do Brasil expressa no texto manifesta a ambiguidade do intelectual brasileiro da época em que a obra foi escrita, o qual acatava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e envergonhava, nela confiava e dela desesperava.
- III. O narrador aceita a visão exótico-romântica de uma natureza (brasileira) poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista.

Aplica-se ao texto o que se afirma em:

- (a) I, somente.
- (b) II, somente.
- (c) II e III, somente.
- (d) I e III, somente.
- (e) I, II e III.

281 Fuvest 2012 Os costumes a que adere Jerônimo em sua transformação, relatada no excerto, têm como referência, na época em que se passa a história, o modo de vida:

- (a) dos degredados portugueses enviados ao Brasil sem a companhia da família.
- (b) dos escravos domésticos, na região urbana da Corte, durante o Segundo Reinado.
- (c) das elites produtoras de café, nas fazendas opulentas do Vale do Paraíba fluminense.
- (d) dos homens livres pobres, particularmente em região urbana.
- (e) dos negros quilombolas, homiziados em refúgios isolados e anárquicos.

282 Fuvest 2012 Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a:

- (a) desvalorização da mestiçagem brasileira.
- (b) promoção da música a emblema da nação.
- (c) desconsideração do valor do trabalho.
- (d) crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
- (e) tendência ao antilusitanismo.

283 Fuvest 2012 No trecho “dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante” (L. 26 a 28), o narrador tem como referência:

- (a) a Chapada dos Guimarães, anteriormente coberta por vegetação de cerrado.
- (b) os desfiladeiros de Itaimbezinho, outrora revestidos por exuberante floresta tropical.
- (c) a Chapada Diamantina, então coberta por florestas de araucárias.
- (d) a Serra do Mar, que abrigava originalmente a densa Mata Atlântica.
- (e) a Serra da Borborema, caracterizada, no passado, pela vegetação da caatinga.

284 Mackenzie 2012 *Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher, para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.*

Machado de Assis. *O Carmuro*.

Considerando o fragmento no contexto do romance, assinale a alternativa correta.

- (a) O narrador onisciente, ao confirmar sua insegurança afetiva, dá pistas ao leitor de que “Capitu”, mesmo adulta, manteve o comportamento ingênuo da infância, tendo na verdade sido vítima da malícia do amigo “Escobar”.
- (b) O narrador protagonista, buscando a cumplicidade do leitor (“e tu concordarás comigo”), afirma sua convicção de que a esposa, já falecida, desde muito jovem já manifestara indícios de um comportamento suspeito.
- (c) A ambiguidade do discurso de “Bento Santiago” converge para a expressão “como a fruta dentro da casca” que pode ser lida tanto como prova da inocência da esposa como, ao contrário, prova de sua culpa.
- (d) Valendo-se de um discurso tendencioso, o advogado “Bento Santiago” evita ressalvas e modalizações na fala, expondo ao leitor inquestionáveis indícios da traição de sua mulher “Capitu”.
- (e) O discurso bíblico citado no início do fragmento revela que o narrador, preocupado em caracterizar o comportamento da esposa infiel, omite informações importantes acerca de si próprio.

► Texto para a questão 271.

V – O SAMBA

À direita do terreiro, adombra-se na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. [...]

E aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d’armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. [...]

José de Alencar, *Til*.

Adombra-se: delimita-se, esboça-se.

271 Fuvest 2013 Ao comentar o romance *Til* e, inclusive, a cena do capítulo “O samba”, aqui reproduzida, Araripe Jr., parente do autor e estudioso de sua obra, observou que esses são provavelmente os textos em que Alencar “mais se quis aproximar dos padrões” de uma “nova escola”, deixando, neles, reconhecível que, “no momento” em que os escreveu, “algum livro novo o impressionara, levando-o pelo estímulo até superfetar a sua verdadeira índole de poeta”. Alguns dos procedimentos estilísticos empregados na cena aqui reproduzida indicam que a “nova escola” e o “livro novo” a que se refere o crítico pertencem ao que historiadores da literatura chamaram de:

Superfetar: exceder, sobrecarregar, acrescentar-se (uma coisa a outra).

- (a) Romantismo-Condoreirismo.
- (b) Idealismo-Determinismo.
- (c) Realismo-Naturalismo.
- (d) Parnasianismo-Simbolismo.
- (e) Positivismo-Impressionismo.

272 Fuvest 2013 Leia o seguinte texto.

O autor pensava estar romaneando o processo brasileiro de guerra e acomodação entre as raças, em conformidade com as teorias racistas da época, mas, na verdade, conduzido pela lógica da ficção, mostrava um processo primitivo de exploração econômica e formação de classes, que se encaminhava de um modo passavelmente bárbaro e desmentia as ilusões do romancista.

Roberto Schwarz. (Adapt.).

Esse texto crítico refere-se ao livro:

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) *Til*.
- (c) *O cortiço*.
- (d) *Vidas secas*.
- (e) *Capitães da areia*.

273 Fuvest 2013 Em quatro das alternativas a seguir, registram-se alguns dos aspectos que, para bem caracterizar o gênero e o estilo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o crítico J. G. Merquior pôs em relevo nessa obra de Machado de Assis. A única alternativa que, invertendo, aliás, o juízo do mencionado crítico, aponta uma característica que não se aplica à obra em questão é:

- (a) ausência praticamente completa de distanciamento enobrecedor na figuração das personagens e de suas ações.
- (b) mistura do sério e do cômico, de que resulta uma abordagem humorística das questões mais cruciais.
- (c) ampla liberdade do texto em relação aos ditames da verossimilhança.
- (d) emprego de uma linguagem que evita chamar a atenção sobre si mesma, apagando-se, assim, por detrás da coisa narrada.
- (e) uso frequente de gêneros intercalados – por exemplo, cartas ou bilhetes, historietas etc. – embutidos no conjunto da obra global.

- 274 Fuvest 2013** Os momentos históricos em que se desenvolvem os enredos de *Viagens na minha terra*, *Memórias de um sargento de milícias* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (quanto a este último, em particular no que se refere a primeira juventude do narrador) são, todos, determinados de modo decisivo por um antecedente histórico comum – menos ou mais imediato, conforme o caso. Trata-se de:
- invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas.
 - turbulência social causada pelas revoltas regenciais.
 - volta de D. Pedro I a Portugal.
 - proclamação da independência do Brasil.
 - antecipação da maioria de D. Pedro II.

- 275 Unifesp 2013** Leia os versos de Cesário Verde.

*Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.*

Disponível em: <www.astommentas.com>.

Em relação à Igreja, o eu lírico assume, nesses versos, uma posição:

- anticlerical.
- submissa.
- evangelizadora.
- saudosista.
- ambígua.

- 276 UFG 2013** Leia o texto a seguir.

[...] *No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.*

Dá a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário, metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, eram um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem trêguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

Aluísio Azevedo. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1979. p. 44-45.

Considerados os papéis sociais das personagens do romance, a frase "era um zunzum crescente" resume um aspecto contextual relevante para a configuração da cena retratada, pois:

- demonstra a plasticidade sonora de um ambiente em que vozes dispersas, sem ressonância, deixam de ser distintas e são condensadas em rumor.
- descreve uma cena típica de um grupo social que reconhece seu discurso como arma de resistência contra a elite dominante da época.
- envolve o leitor em uma atmosfera conflituosa, em que homens e mulheres representam opiniões divergentes diante da realidade imposta.

- convida o leitor para um passeio panorâmico a uma sociedade envolta em sons bucólicos, de referência árcade, que dão um tom singelo ao ambiente.
- revela traços fundamentais na caracterização de uma comunidade centrada em uma atmosfera que inspira suspense e fantasia.

- 277 UFPE 2013** A construção das personagens em *Eça de Queirós* e em Machado de Assis apresenta particularidades que distinguem os dois escritores. Partindo da leitura crítica dos dois textos que se seguem, analise as proposições seguintes.

TEXTO 1

Tinha dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiêr que estivera folheando devagar, estirado na velha Voltaire marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

– Tu não te vais vestir, Luísa?

– Logo.

Ficara sentada à mesa a ler o Diário de Notícias, no seu roupão da manhã de fazenda preta, bordado a sutache, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates. [...]

Eça de Queirós. *O primo Basílio*.

TEXTO 2

CAPITU

– Que é que você tem?

– Eu? Nada.

– Nada, não; você tem alguma coisa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

Machado de Assis. *Dom Cosme*.

- Os dois autores, do século XIX, revelam concepções díspares ao construir suas personagens, pois, enquanto Machado de Assis cria tipos femininos frágeis e sem vida, Eça de Queirós dá-lhes alma.
- Os dois textos explicitam as diferenças sociais existentes entre as duas personagens. A primeira, Luísa, é descrita como uma autêntica burguesa, enquanto a segunda, Capitu, como uma adolescente pobre, cujo único objetivo é alcançar a ascensão social, ainda que para isso precise agir de modo a contrariar a moral vigente.
- O discurso dos narradores revela emoções resultantes das experiências por eles próprios vivenciadas, o que torna ambas as narrativas comprometidas, de tal modo, que o adultério não se confirma, contribuindo para que as histórias não se concluam com a comprovação do triângulo amoroso, pois ambas terminam em aberto.

- () Capitu é uma personagem acerca da qual, "embora não possamos ter a imagem nítida da sua fisionomia, temos uma intuição profunda de seu modo de ser". Por sua vez, Luísa, de acordo com Machado de Assis, "resvala no lodo, sem vontade, sem repulsa, sem consciência".
- () O *Primo Basílio* e *Dom Casmurro* possuem personagens femininas, que, apesar de se integrarem plenamente à classe burguesa, nutrem um profundo respeito à instituição familiar e se caracterizam por serem simplesmente criadas para viverem circunstâncias e acontecimentos, sem que tenham o menor poder de decisão sobre os mesmos.

278 UFRR 2013 José de Nicola, para explicar o Realismo, usa uma citação de Fidelino de Figueiredo, que esclarece sobre esse Estilo de época:

"É de todos os tempos o realismo como é a arte. Ele existiu sempre, porque a imaginação tem necessariamente por bases a observação e a experiência, e porque a arte tem sempre por objeto as realidades da vida".

Fidelino de Figueiredo. Apud: José de Nicola. *Literatura Brasileira – dos origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 284.

Diferente de outras manifestações artísticas, a Literatura trabalha com linguagem verbal como matéria prima. Os Movimentos/Estilos literários são produtos de sociedades e épocas que se distinguem peculiarmente.

Com base nesta informação, analise as proposições a seguir:

- I. o Realismo foi um movimento artístico e cultural que se desenvolveu na segunda metade do século XIX, sua principal característica foi a abordagem de temas sociais e a objetividade da realidade e do ser humano;
- II. o Romantismo possuía um forte caráter ideológico e foi marcado por uma linguagem política, de denúncia dos problemas sociais como a miséria, pobreza, exploração, corrupção entre outros;
- III. os artistas e escritores realistas iam diretamente ao foco da questão, reagindo ao subjetivismo do Romantismo;
- IV. uma das correntes do Realismo foi o Naturalismo, cuja objetividade estava presente, sem o conteúdo ideológico;
- V. os autores românticos romperam com as tradições árcades, apresentaram novas concepções literárias, expressavam suas emoções, desabafo sentimentais, e buscaram a idealização do índio como herói nacional, e suas obras tematizavam o amor, a saudade e a subjetividade.

Estão corretas:

- (a) I – III – IV – V (c) II – V (e) II – III – V
(b) II – III – IV – V (d) I – IV – V

279 UEL 2013 Leia o trecho a seguir.

Luísa, na cama, tinha lido e relido o bilhete de Basílio: Não pudeira – escrevia ele – estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira! Erguera-se de manhã muito cedo para lhe jurar que estava louco, e que punha a sua vida aos pés dela. Compusera aquela prosa na véspera, no Grêmio, às três horas depois de alguns robbers de whist, um bife, dois copos de cerveja e uma leitura preguiçosa da Ilustração. E terminava exclamando: – "Que outros desejem a fortuna, a glória, as honras, eu desejo a ti! Só a ti, minha pomba, porque tu és o único laço que me prende à vida, e se amanhã perdesse o teu amor, juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a esta existência inútil!" – Pedira mais cerveja, e levou a carta para a fechar em casa, num envelope com o seu monograma, porque sempre fazia mais efeito.

Eça de Queirós. *O primo Basílio*. São Paulo: Scipione, 2004, p. 181.

Vocabulário:

Robbers de whist: jogo de cartas

Com base no trecho, considere as afirmativas a seguir.

- I. O trecho deixa claro que o amor de Basílio por Luísa é verdadeiro, sendo os amantes vítimas de uma sociedade preconceituosa, em que as convenções são mais importantes do que os sentimentos.
- II. O trecho mostra o lado passional de Basílio, que prefere morrer a ficar sem o amor de Luísa, funcionando, portanto, como uma antecipação do final trágico experimentado pelo protagonista do romance.
- III. Os pontos de exclamação, no bilhete de Basílio, demonstram seu propósito de intensificar as afirmações românticas e, ao mesmo tempo, denunciam a falsidade presente nos trechos.
- IV. Nesse trecho, o narrador estabelece um contraponto entre o tom romântico do bilhete enviado por Basílio e o lugar e as circunstâncias em que foi escrito, o que é essencial para expor as reais intenções do amante.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
(b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
(c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
(d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
(e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

► Texto para a questão 263.

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que o "homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher [...] todos os gazos e todos os proventos que resultam de Saber e Poder... [...]

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que [...] estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da erudição. Um desses moços [...] reduzira a teoria de Jacinto [...] a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Soborna, foi louvada pela mocidade positiva a Equação Metafísica de Jacinto.

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*.

263 Fuvest 2014 O texto refere-se ao período em que, morando em Paris, Jacinto entusiasmava-se com o progresso técnico e a acumulação de conhecimentos. Considerada do ponto de vista dos valores que se consolidam na parte final do romance, a "forma algébrica" mencionada no texto passaria a ter, como termo conclusivo, não mais "Suma felicidade", mas, sim, Suma

- (a) simplicidade.
(b) abnegação.
(c) virtude.
(d) despreocupação.
(e) servidão.

264 Fuvest 2014 Examine as seguintes afirmações relativas a romances brasileiros do século XIX, nos quais a escravidão aparece e, em seguida, considere os três livros citados:

- I. Tão impregnado mostrava-se o Brasil de escravidão, que até o movimento abolicionista pode servir, a ela, de fachada.
 - II. De modo flagrante, mas sem julgamentos morais ou ênfase especial, indica-se a prática rotineira do tráfico transoceânico de escravos.
 - III. De modo tão pontual quanto incisivo, expõe-se o vínculo entre escravidão e prática de tortura física.
- A. *Memórias de um sargento de milícias*;
B. *Memórias póstumas de Brás Cubas*;
C. *O cortiço*.

As afirmações I, II e III relacionam-se, de modo mais direto, respectivamente, com os romances

- (a) B, A, C.
- (b) C, A, B.
- (c) A, C, B.
- (d) B, C, A.
- (e) A, B, C.

► Texto para a questão 265.

CAPÍTULO LXXI
O SENÃO DO LIVRO

Começo a arrepende-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

265 Fuvest 2014 Nas primeiras versões das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, constava, no final do capítulo LXXI, aqui reproduzido, o seguinte trecho, posteriormente suprimido pelo autor:

[...Heis de cair.] Turvo é o ar que respirais, amadas folhas. O sol que vos alumia, com ser de toda a gente, é um sol opaco e reles, de _____ e _____.

As duas palavras que aparecem no final desse trecho, no lugar dos espaços pontilhados, podem servir para qualificar, de modo figurado, a mescla de tonalidades estilísticas que caracteriza o capítulo e o próprio livro. Preenchem de modo mais adequado as lacunas as palavras

- (a) *ocaso e invernia.*
- (b) *finados e ritual.*
- (c) *senzala e cabaré.*
- (d) *cemitério e carnaval.*
- (e) *eclipse e cerração.*

► Leia o texto para responder às questões de 266 a 270.

O melro veio com efeito às três horas. Luísa estava na sala, ao piano.

– Está ali o sujeito do costume – foi dizer Juliana.

Luísa voltou-se corada, escandalizada da expressão:

– Ah! meu primo Basílio? Mande entrar.

E chamando-a:

– Ouça, se vier o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre.

Era o primo! O sujeito, as suas visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia cheia, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo! Subiu à cozinha, devagar, – lograda.

– Temos grande novidade, Sr.^a Joana! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Basílio.

E com um risinho:

– É o Basílio! Ora o Basílio! Sai-nos primo à última hora! O diabo tem graça!

– Então que havia de o homem ser se não parente? – observou Joana.

Juliana não respondeu. Quis saber se estava o ferro pronto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se à janela, esperando. O céu baixo e pardo pesava, carregado de eletricidade; às vezes uma aragem súbita e fina punha nas folhagens dos quintais um arrepiro trêmulo.

– É o primo! – refletia ela. – E só vem então quando o marido se vai.

Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai; e é roupa-branca e mais roupa-branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras! Boa bêbeda! Tudo fica na família!

Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito "para ver e para escutar". E o ferro estava pronto?

Mas a campainha, embaixo, tocou.

(Esp. de Queirós, O primo Basílio, 1993.)

266 Unifesp 2014 Quando é avisada de que Basílio estava em sua casa, Luísa escandaliza-se com a forma de expressão de sua criada Juliana. A reação de Luísa decorre

- (a) da intimidade que a criada revela ter com o Basílio, o que deixa a patroa enciumada com o comentário.
- (b) da ambiguidade que se pode entrever nas palavras da criada, referindo-se com ironia às frequentes visitas de Basílio à patroa.
- (c) da indiscrição da criada ao referir-se ao rapaz, o qual, apesar do vínculo familiar, não era visita frequente na casa da patroa.
- (d) do comentário malicioso que a criada faz à presença de Basílio, sugerindo à patroa que deveria envolver-se com o rapaz.
- (e) da linguagem descuidada com que a criada se refere a seu primo Basílio, rapaz cortês e de família aristocrática.

267 Unifesp 2014 Observe as passagens do texto:

– Ora, adeus! Era o primo! (7º parágrafo)

– E o ferro estava pronto? (penúltimo parágrafo)

Nessas passagens, é correto afirmar que se expressa o ponto de vista

- (a) do narrador, em terceira pessoa, distanciado, portanto, do ponto de vista de Juliana.
- (b) da personagem Luísa, em discurso indireto, independente da voz do narrador.
- (c) do narrador, em primeira pessoa, próximo, portanto, do ponto de vista de Juliana.
- (d) da personagem Juliana, sendo que sua voz mescla-se à voz do narrador.
- (e) da personagem Juliana, em discurso direto, independente da voz do narrador.

268 Unifesp 2014 Considerando o antepenúltimo parágrafo, nas reflexões de Juliana, está sugerido o que acaba por ser o tema gerador desse romance de Eça de Queirós, a saber:

- (a) o triângulo amoroso, em que Basílio ocupa o lugar de amante.
- (b) o casamento por interesse, mediante a compra do amor de Basílio.
- (c) o casamento por conveniência, no qual Luísa foi lograda.
- (d) o amor impossível, em nome do qual Luísa abandona o marido.
- (e) a vingança, em que Luísa vitima seu amante Basílio.

269 Unifesp 2014 A leitura do antepenúltimo parágrafo permite concluir que as reflexões de Juliana são pautadas

- (a) pela falta de interesse que tem de se ocupar dos afazeres domésticos.
- (b) pela insatisfação de contemplar o bem-estar da família.
- (c) pelo inconformismo com os encontros, que lhe representam mais afazeres.
- (d) pelo descaso que revela ter em relação a Luísa e aos seus familiares.
- (e) pelo ressentimento que experimenta, por não receber a atenção desejada.

270 Unifesp 2014 A leitura do trecho de *O primo Basílio*, em seu conjunto, permite concluir corretamente que essa obra

- (a) retrata a sociedade portuguesa da época de forma romântica e idealizada.
- (b) faz um retrato crítico da sociedade portuguesa da época, exibindo os seus costumes.
- (c) faz explicitamente a defesa das instituições sociais, como a família.
- (d) expõe a sociedade portuguesa da época para recuperar a tradição e os vínculos sociais.
- (e) traz as relações humanas de forma idealista, ainda que recupere a ideologia vigente.

► Texto para a questão **254**.

Capítulo CVII

BILHETE

"Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela."

Capítulo CVIII

QUE SE NÃO ENTENDE

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

254 Fuvest 2015 Atente para o excerto, considerando-o no contexto da obra a que pertence. Nele, figura, primeiramente, o bilhete enviado a Brás Cubas por Virgília, na ocasião em que se torna patente que o marido da dama suspeita de suas relações adúlteras. Segue-se ao bilhete um comentário do narrador (cap. CVIII). Feito isso, considere a afirmação que segue:

No excerto, o narrador frisa aspectos cuja presença se costuma reconhecer no próprio romance machadiano da fase madura, entre eles,

- I. o realce da argúcia, da capacidade de exame acurado das situações e da firmeza de propósito, ainda quando impliquem malignidade;
- II. a relevância da observação das relações interpessoais e dos funcionamentos mentais correspondentes;
- III. a operação consciente dos elementos envolvidos no processo de composição literária: narração, personagens, motivação, trama, intertextualidade, recepção etc.

Está correto o que se indica em

- (a) I, somente.
- (b) II, somente.
- (c) I e II, somente.
- (d) II e III, somente.
- (e) I, II e III.

► Texto para as questões de **255 a 258**.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embamecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhava-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

255 Fuvest 2015 Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto – e na obra a que pertence – a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a

- (a) exaltação patriótica da mistura de raças.
- (b) necessidade de autodefinição nacional.
- (c) aversão ao cientificismo.
- (d) recusa dos modelos literários estrangeiros.
- (e) idealização das relações amorosas.

256 Fuvest 2015 Entre as características atribuídas, no texto, à natureza brasileira, sintetizada em Rita Baiana, aquela que corresponde, de modo mais completo, ao teor das transformações que o contato com essa mesma natureza provocará em Jerônimo é a que se expressa em:

- (a) "era o calor vermelho das sestas da fazenda".
- (b) "era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta".
- (c) "era o veneno e era o açúcar gostoso".
- (d) "era a cobra verde e traiçoeira".
- (e) "[era] a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele".

257 Fuvest 2015 O efeito expressivo do texto – bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura – baseiam-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só **NÃO** se encontra a

- (a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
- (b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
- (c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
- (d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
- (e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.

258 Fuvest 2015 Para entender as impressões de Jerônimo diante da natureza brasileira, é preciso ter como pressuposto que há

- (a) um contraste entre a experiência prévia da personagem e sua vivência da diversidade biológica do país em que agora se encontra.
- (b) uma continuidade na experiência de vida da personagem, posto que a diversidade biológica aqui e em seu local de origem são muito semelhantes.
- (c) uma ampliação no universo de conhecimento da personagem, que já tinha vivência de diversidade biológica semelhante, mas a expande aqui.
- (d) um equívoco na forma como a personagem percebe e vivencia a diversidade biológica local, que não comporta os organismos que ele julga ver.
- (e) um estreitamento na experiência de vida do personagem, que vem de um local com maior diversidade de ambientes e de organismos.

259 Unicamp 2015 Leia o seguinte excerto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um canijo pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 120.

Na passagem citada, a substituição da máxima pascalina de que o homem é um canijo pensante pelo enunciado “o homem é uma errata pensante” significa

- (a) a realização da contabilidade dos erros acumulados na vida porque, em última instância, não há “edição definitiva”.
- (b) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana, levando à celebração de cada instante vivido.
- (c) a tomada de consciência do caráter provisório da existência humana e a percepção de que esta é passível de correção.
- (d) a ausência de sentido em “cada estação da vida”, já que a morte espera o homem em sua “edição definitiva”.

260 Unicamp 2015 Sobre *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, é correto afirmar:

- (a) A descrição do espaço parisiense no romance retrata exclusivamente o submundo de uma metrópole do final do século XIX e revela as contradições do processo de urbanização.
- (b) O romance, cuja primeira edição é de 1901, faz uma apologia da vida urbana e do desenvolvimento técnico que marcaram o final do século XIX nas grandes cidades europeias.
- (c) No romance, Zé Fernandes é uma personagem secundária que ganha importância no desenvolvimento da narrativa, ao apresentar a “seu Príncipe”, Jacinto, a luxuosa Paris.
- (d) No romance, é das rendas provenientes de propriedades agrícolas em Portugal que provém o sustento da cara e refinada vida de Jacinto em Paris.

► Para responder à questão **261**, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Néida Piton. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.filha.uol.com.br>)

- 261 Unifesp 2015** Em relação à questão da facilitação das obras machadianas, a leitura comparativa dos textos deixa claro que eles
- externam uma visão bastante romantizada, o que se pode confirmar com a defesa que 2 faz do alcance do projeto.
 - apresentam posicionamentos diferentes, sendo que 1 expressa sua ideia de contrariedade de forma bastante radical.
 - mantêm alguns pontos de concordância, havendo em 3 uma clara evidência de que se deve coibir essa iniciativa.
 - divergem quanto ao apoio financeiro, defendido claramente em 2, velado em 3 e negado veementemente em 1.
 - expressam o mesmo ponto de vista, o que pode ser confirmado em 3 pela anuência ao apoio do Ministério da Cultura.

262 Unifesp 2015 O crítico Massaud Moisés assinala o filosofismo como uma das características de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, romance que inaugura a produção madura de Machado de Assis. Tal filosofismo pode ser identificado na passagem:

- "Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce 'por pirraça'; e eu tinha apenas seis anos."
- "O fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria."
- "Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela."
- "Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição, é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida."
- "Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos."

257 Fuvest 2016 Nesse livro, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem recorrer à natureza, desdenhava-se a cor local; surgiram afinal homens e mulheres, e não brasileiros (no sentido pitoresco) ou gaúchos, ou nortistas, e, finalmente, mas não menos importante, patenteava-se a influência inglesa em lugar da francesa.

Lúcia Miguel Pereira, *História da Literatura Brasileira – Fases de Risco – de 1870 a 1920*. Adaptado.

O livro a que se refere a autora é

- Memórias de um sargento de milícias*.
- Til*.
- Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- O cortiço*.
- A cidade e as serras*.

Texto para as questões 258 e 259

– Pois, Grilo, agora realmente bem podemos dizer que o sr. D. Jacinto está firme.

O Grilo arredou os óculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como pétalas de uma tulipa:

– Sua Excelência brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquele ressequido galho da Cidade, plantado na Serra, pegara, chupara o húmus do tomão herdado, criara seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casais* em redor o bendiziam.

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*.

*casal: pequena propriedade rústica; pequeno povoado.

258 Fuvest 2016 O teor das imagens empregadas no texto para caracterizar a mudança pela qual passara Jacinto indica que a causa principal dessa transformação foi

- o retorno a sua terra natal.
- a conversão religiosa.
- o trabalho manual na lavoura.
- a mudança da cidade para o campo.
- o banimento das inovações tecnológicas.

259 Fuvest 2016 Tal como se encontra caracterizado no excerto, o destino alcançado pela personagem Jacinto contrasta de modo mais completo com a maneira pela qual culmina a trajetória de vida da personagem

- Leonardo (filho), de *Memórias de um sargento de milícias*.
- Jão Fera, de *Til*.
- Brás Cubas, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- Jerônimo, de *O cortiço*.
- Pedro Bala, de *Capitães da Areia*.

260 Unicamp 2016 [...] pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil réis.

– Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.

– Sim? acudiu ele, dando um bote pra mim.

– Trabalhando, concluí eu. Fez um gesto de desdém; calou-se alguns instantes, depois disse-me positivamente que não queria trabalhar.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 158.)

O trecho citado diz respeito ao encontro entre Brás Cubas e Quincas Borba, no capítulo 49, e, mais precisamente, apanha o momento em que Brás dá uma esmola ao amigo.

Considerando o conjunto do romance, é correto afirmar que essa passagem

- explicita a desigualdade das classes sociais na primeira metade do século XIX e propõe a categoria de trabalho como fator fundamental para a emancipação do pobre.
- indica o ponto de vista da personagem Brás Cubas e propõe a meritocracia como dispositivo pedagógico e moral para a promoção do ser humano no século XIX.
- elabora, por meio do narrador, o preconceito da classe social a que pertence Brás Cubas em relação à classe média do século XIX, na qual se insere Quincas Borba.
- sugere as posições de classe social das personagens machadianas, mediante um narrador que valoriza o trabalho, embora ele mesmo, sendo rico, não trabalhe.

261 Unifesp 2016 O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do "romance que narra a si próprio", apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Emile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa.

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. *Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.*

(Antonio Candido. *Vários escritos*, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- (a) Machado de Assis.
- (b) José de Alencar.
- (c) Manuel Antônio de Almeida.
- (d) Aluísio Azevedo.
- (e) Euclides da Cunha.

► Texto para as questões 260 e 261.

CAPÍTULO LIII

.....

*Virgília é que já se não lembrava da meia dobra;
toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha*

vida, no meu pensamento;

— era o que dizia, e era verdade.

- 5 *Há umas plantas que nascem e crescem depressa;
outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas;
brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco,
era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques.
Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse*
- 10 *crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-
-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo
que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo,
porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único,
— breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de*
- 15 *uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres
que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em
alegria, — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio
de uma paixão sem freio, — vida de agitações, de cóleras, de
desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de*
- 20 *sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo
mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do
resto, que é o fastio e a sadiçade: tal foi o livro daquele
prólogo.*

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

260 Fuvest 2017 Considerado no contexto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o "livro" dos amores de Brás Cubas e Virgília, apresentado no breve capítulo aqui reproduzido, configura uma

- (a) demonstração da tese naturalista que postula o fundamento biológico das relações amorosas.
- (b) versão mais intensa e prolongada da típica sequência de animação e enfado, característica da trajetória de Brás Cubas.
- (c) incorporação, ao romance realista, dos triângulos amorosos, cuja criação se dera durante o período romântico.
- (d) manifestação da liberdade que a condição de defunto-autor dava a Brás Cubas, permitindo-lhe tratar de assuntos proibidos em sua época.
- (e) crítica à devassidão que grassava entre as famílias da elite do Império, em particular, na Corte.

261 Fuvest 2017 No último período do texto, o ritmo que o narrador imprime ao relato de seus amores corresponde sobretudo ao que se encontra expresso em

- (a) "prólogo de uma vida de delícias" (L. 13-14).
- (b) "prazeres que rematavam em dor" (L. 14-15).
- (c) "hipocrisia paciente e sistemática" (L. 16).
- (d) "paixão sem freio" (L. 17).
- (e) "o livro daquele prólogo" (L. 21-22).

262 Unicamp 2017 O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* é considerado um divisor de águas tanto na obra de Machado de Assis quanto na literatura brasileira do século XIX. Indique a alternativa em que todas as características mencionadas podem ser adequadamente atribuídas ao romance em questão.

- (a) Rejeição dos valores românticos, narrativa linear e fluente de um defunto autor, visão pessimista em relação aos problemas sociais.
- (b) Distanciamento do determinismo científico, cultivo do humor e digressões sobre banalidades, visão reformadora das mazelas sociais.
- (c) Abandono das idealizações românticas, uso de técnicas pouco usuais de narrativa, sugestão implícita de contradições sociais.
- (d) Crítica do realismo literário, narração iniciada com a morte do narrador-personagem, tematização de conflitos sociais.

► Leia o trecho do conto "A igreja do Diabo", de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões de 263 a 267.

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula¹ beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repeta ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro², fazei dele um troféu e um lábaro³, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, esperar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgaldada⁴. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a Iliada: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu"... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade⁵. Um casuísta⁶ do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplamente.

Contos: uma ontologia, 1998.

1 cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

2 desdouro: descrédito, desonra.

3 lábaro: estandarte, bandeira.

4 esgaldado: comprido e estreito.

5 venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

6 casuísta: pessoa que pratica o casuismo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

263 Unifesp 2017 "Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos." (1^a parágrafo)

Tal promessa do Diabo constitui, sobretudo, uma inversão da seguinte máxima cristã:

- "Amai-vos uns aos outros."
- "Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra."
- "Não façais da casa do meu Pai casa de comércio."
- "Meu reino não é deste mundo."
- "Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra face."

264 Unifesp 2017

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 4

Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos seguintes trechos:

- "a que podia ser na **boca** de um espírito de negação" (3^a parágrafo) e "sem o **furor** de Aquiles, não haveria a Iliada" (4^a parágrafo).
- "incutia-lhes, a grandes **golpes** de eloquência" (5^a parágrafo) e "**a definição** que ele dava da fraude" (6^a parágrafo).
- "retificar a **noção** que os homens tinham dele" (1^a parágrafo) e "congregar, em suma, as multidões ao **pé** de si" (3^a parágrafo).
- "Sou o vosso verdadeiro **pal**." (2^a parágrafo) e "as **virtudes** aceitas deviam ser substituídas por outras" (4^a parágrafo)
- "uma voz que reboava nas **entranhas** do século" (1^a parágrafo) e "a que se deu aquele nome para arredá-lo do **coração** dos homens" (2^a parágrafo).

265 Unifesp 2017

Veja também em:

Português - Livro 3 - Frente 1 - Capítulo 13

No último parágrafo, o principal recurso retórico mobilizado pelo Diabo em sua argumentação a respeito da venalidade é

- a repetição.
- a interrogação.
- a citação.
- a hesitação.
- a periodização.

266 Unifesp 2017

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 2

As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de repetição e ideia de negação são

- "reabilitadas" (4^a parágrafo) e "infinitas" (4^a parágrafo).
- "desmentir" (1^a parágrafo) e "indiferentes" (3^a parágrafo).
- "deslavada" (3^a parágrafo) e "preconceito" (6^a parágrafo).
- "extraordinária" (1^a parágrafo) e "desdouro" (2^a parágrafo).
- "reboava" (1^a parágrafo) e "perversas" (5^a parágrafo).

267 Unifesp 2017

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 1

"Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento." (4^a parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- um pronome e um artigo.
- uma conjunção e um artigo.
- um artigo e uma preposição.
- um pronome e uma preposição.
- um artigo e uma conjunção.

285. A
286. B
287. C
288. 15
289. E
290. B
291. C
292. C
280. E
281. D
282. C
283. D
284. B
285. A
271. C
272. C
273. D
274. A
275. A
276. A
277. F; F; F; V; F
278. A
279. C
263. E (Fuvest 2014)
264. B (Fuvest 2014)
265. D (Fuvest 2014)
266. B (Unifesp 2014)
267. D (Unifesp 2014)
268. A
269. C
270. B
254. E
255. B
256. C
257. E
258. A
259. C
260. D (Unicamp 2015)
261. B (Unifesp 2015)
262. D (Unifesp 2015)
257. C (Fuvest 2016)
258. D (Fuvest 2016)
259. C (Fuvest 2016)
260. D (Unicamp 2016)
261. A (Unifesp 2017)
260. B (Fuvest 2017)
261. D (Fuvest 2017)
262. C (Unicamp 2017)
263. D (Unifesp 2017)
264. E (Unifesp 2017)
265. B (Unifesp 2017)
266. A (Unifesp 2017)
267. C (Unifesp 2017)

305 UFTM 2011 Considere as informações.

É na convergência de ideais antiromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética [desse movimento literário].

[...]

Seus traços de relevo: o gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os [escritores] do tempo.

Alfredo Bosi. *História concisa da Literatura Brasileira*.

O texto alude aos poetas:

- (a) ultrarromânticos, que romperam com a poesia indianista e ufanista, a exemplo de Álvares de Azevedo.
- (b) realistas, que trataram, em sua obra poética, de temas ligados ao cotidiano, tal como o fez Machado de Assis.
- (c) pamasianos, que, afastando-se dos ideais românticos, buscavam a linguagem isenta de subjetivismo, a exemplo de Olavo Bilac.
- (d) simbolistas, que romperam com o pessimismo romântico e propuseram uma poética espiritualizada, como o fez Cruz e Souza.
- (e) modernistas, que, negando os preceitos da poesia romântica, buscavam uma poética nacional, a exemplo de Mário de Andrade.

304 Unifesp 2013 *Essa poesia não logrou estabelecer-se em Portugal. De origem francesa, suas primeiras manifestações datam de 1866, quando um editor parisiense publica uma coletânea de poemas; em 1871 e 1876, saem outras duas coletâneas. Os poetas desse movimento literário pregam o princípio da Arte pela Arte, isto é, defendem uma arte que não sirva a nada e a ninguém, uma arte inútil, uma arte voltada para si própria. A Arte procuraria a Beleza e a Verdade que existiriam nos seres concretos, e não no sentimento do artista. Por isso, o belo se confundiria com a forma que o reveste, e não com algo que existiria dentro dele. Daí vem que esses poetas sejam formalistas e preguem o cuidado da forma artística como exigência preliminar. Para consegui-lo, defendem uma atitude de impassibilidade diante das coisas: não se emocionar jamais; antes, impessoalizar-se tanto quanto possível pela descrição dos objetos, via de regra inertes ou obedientes aos movimentos próprios da Natureza (o fluxo e refluxo das ondas do mar, o voo dos pássaros, etc.). Esteticistas, anseiam uma arte universalista.*

Em Portugal, tentou-se introduzir esse movimento; certamente, impregnou alguns poetas, exerceu influência, mas não passou de prurido, que pouco alterou o ritmo literário do tempo. Na verdade, o modo fortuito como alguns se deixaram contaminar da nova moda poética revelava apenas veleidade francófila, em decorrência de razões de gosto pessoal ou de grupos restritos: faltou-lhes intuito comum.

Massaud Matsés. *A Literatura portuguesa*, 1999. (Adapt.).

As informações apresentadas no texto referem-se à literatura:

- (a) simbolista, cuja busca pelo Belo implicou a liberdade na expressão dos sentimentos. O texto deixa claro que essa literatura alcançou notável aceitação entre os poetas da época.
- (b) simbolista, cuja preocupação com a expressão do sentimento filia-se à tradição poética do Renascimento. O texto deixa claro que essa literatura teve um desenvolvimento tímido na cena literária portuguesa.

- (c) parnasiana, cuja preocupação com a objetividade a opõe ao subjetivismo romântico. O texto deixa claro que essa literatura não se impôs na cena literária portuguesa.
- (d) parnasiana, cuja liberdade de expressão e cujo compromisso social permitem fundamentar a Arte pela Arte. O texto deixa claro que essa literatura teve pouco espaço na cena literária portuguesa.
- (e) realista, cuja influência da tradição clássica é fundamental para se chegar à perfeição. O texto deixa claro que essa literatura teve uma disseminação irregular na cena literária portuguesa.

317 Unesp 2017 Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

(Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010. Adaptado.)

A referida "atenuação da subjetividade e do sentimentalismo" está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

- (a) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.
- (b) Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.
- (c) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.
- (d) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde. –
- (e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se entemecia.

LIVRO 3 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 10

312 Uesc 2011

*Ahl lilásis de Ângelus harmoniosos,
Neblinas vesperais, crepusculares,
Guslas gementes, bandolins saudosos,
Plangências magoadíssimas dos ares...*

*Serenidades etereais d'incensos,
De salmos evangélicos, sagrados,
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,
Névoas de céus espiritualizados.*

[...]

*É nas horas dos Ângelus, nas horas
Do claro-escuro emocional aéreo,
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras
Ondulações e brumas do Mistério.*

[...]

*Apareces por sonhos neblinantes
Com requintes de graça e nervosismos,
fulgores flavos de festins flamantes,
como a Estrela Polar dos Simbolismos.*

Jogo da Cruz e Sousa. *Braquês. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 90.

Marque V ou F, conforme sejam as afirmativas verdadeiras ou falsas. Os versos de Cruz e Sousa traduzem a estética simbolista, pois apresentam:

- () descrição sintética do mundo imediato.
() uso de recursos estilísticos criando imagens sensoriais.
() enfoque de uma realidade transfigurada pelo transcendente.
() apreensão de um dado da realidade sugestivamente ambígua.
() imagens poéticas que tematizam o amor em sua dimensão física.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a:

- (a) F, V, V, V, F
(b) V, F, F, V, F
(c) V, F, V, V, F
(d) V, F, V, F, F
(e) V, F, V, F, V

► Texto para as questões 310 e 311.

TRISTEZA DO INFINITO

*Anda em mim, soturnamente,
uma tristeza ociosa,
sem objetivo, latente,
vaga, indecisa, medrosa.
Como ave torva e sem rumo,*

*ondula, vagueia, oscila
e sobe em nuvens de fumo
e na minh'alma se asila.*

[...]

Cruz e Sousa. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Editora, s/d.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 9

- 305. C**
304. C
317. B

310 Unifap 2013 (Adapt.) Em relação ao poema de Cruz e Sousa, julgue os itens a seguir.

- 01 O poema explora amplamente os efeitos sonoros.
- 02 A indefinição sentida pelo eu-lírico pode ser comparada à dificuldade que o artista encontra em seu processo de criação de um novo trabalho.
- 04 O eu-lírico sugere que a tristeza é efêmera.
- 08 Toda a conotação presente no texto se dá pela figura de linguagem denominada personificação.
- 16 A expressão "ave torva e sem rumo" possui correspondência direta à "alma" do eu-lírico.

311 Unifap 2013 Em relação ao poema de Cruz e Sousa, julgue os itens a seguir.

- 01 Nos versos: "vaga, indecisa, medrosa" e "Ondula, vagueia, oscila", há a presença da assonância, recurso explorado amplamente pelos simbolistas.
- 02 O eu-lírico, presente no fragmento, faz referência a um sujeito discursivo caracterizado pela primeira pessoa do singular.
- 04 No trecho "Sem objetivo, latente/Vaga, indecisa, medrosa/ Como ave torva e sem rumo/Ondula, vagueia, oscila", podemos aproximar estas sensações com as do público que não tem o costume de visitar exposições de arte contemporânea.
- 08 A sensação de medo e indecisão pode ser associada à produção artística do Impressionismo.
- 16 A visão de mundo apresentada pelo eu-lírico é visivelmente materialista.

309 Unifesp 2015 Leia o soneto de Cruz e Sousa.

SILÊNCIOS

*Largos Silêncios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Balada de consolo e simpatia
Que os sentimentos meus torna cativos;*

*Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lágrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos sugestivos.*

*Ó Silêncios! ó cândidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais límpido cortejo...*

*Eu vos sinto os mistérios insondáveis
Como de estranhos anjos inefáveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!*

(Cruz e Sousa. *Braquês, Fardis, Últimos Sonetos*, 2008.)

A análise do soneto revela como tema e recursos poéticos, respectivamente:

- (a) a religiosidade como forma de superação do sofrimento humano; metáforas e antíteses reforçam o negativismo da desagregação existencial nos versos livres.
- (b) o apelo à subjetividade e à espiritualidade denota a conciliação entre o eu lírico e o mundo; metáforas e sinestias reforçam o sentido de transcendentalidade nos versos de doze sílabas.

- (c) a aura de mistério e de transcendentalidade suaviza o sofrimento do eu lírico; rimas alternadas e sinestias se evidenciam nos versos de redondilha maior.
- (d) o esforço de superação do sofrimento coexiste com o esgotamento das forças do eu lírico; assonâncias e metonímias reforçam os contrastes das rimas alternadas em versos livres.
- (e) a apresentação da condição existencial do eu lírico, marcada pelo sofrimento, em uma abordagem transcendente; assonâncias e aliterações reforçam a sonoridade nos versos decassílabos.

310 Unesp 2016 A musicalidade, as reiterações, as aliterações e a profusão de imagens e metáforas são algumas características formais do poema, que apontam para sua filiação ao movimento

- (a) romântico. (c) parnasiano. (e) neoclássico.
- (b) modernista. (d) simbolista.

311 Unesp 2016 Verifica-se certa liberdade métrica na construção do poema. Na primeira estrofe, tal liberdade comprova-se pela

- (a) construção do hendecassílabo fora dos rígidos modelos clássicos.
- (b) variedade do verso decassílabo e do verso alexandrino.
- (c) presença de um verso com número menor de sílabas que os alexandrinos.
- (d) desobediência aos padrões de pontuação tradicionais do decassílabo.
- (e) presença de dois versos com número maior de sílabas que os alexandrinos.

312 Unesp 2016 Indique o verso cuja imagem significa "trazer sofrimentos, padecimentos".

- (a) "O vosso gesto é como um balouçar de palma,"
- (b) "Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,"
- (c) "Duas velas à flor duma baía escura."
- (d) "Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,"
- (e) "Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,"

313 Unesp 2016 "Alegrai, como dois netinhos, o viver / Da minha alma, velha avó entrevadinha."

Considerados em seu contexto, tais versos

- (a) reforçam o modo negativo como o eu lírico enxerga a si mesmo.
- (b) evidenciam o ressentimento do eu lírico contra os familiares.
- (c) assinalam uma reaproximação do eu lírico com a própria família.
- (d) atestam o esforço do eu lírico de se afastar da imagem obsessiva das mãos.
- (e) reafirmam o otimismo manifestado pelo eu lírico ao longo do poema.

314 Unifesp 2016 O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.)

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- (a) "É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda."
- (b) "Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme."
- (c) "Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado."
- (d) "Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado."
- (e) "Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luaves, de neves, de neblinas!
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras..."

LIVRO 3**GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 10**

312. A – (Uesc 2011)
310. 03 – (Unifap 2013)
311. 05 – (Unifap 2013)
309. E
310. D – (Unesp 2016)
311. E – (Unesp 2016)
312. B – (Unesp 2016)
313. A
314. E

LIVRO 3 - Questões objetivas**PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 11**

319 Uesc 2011 [...] *Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do O Globo. Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrara-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se me tinham feito grossa a pele... De tal maneira é forte o poder de nos iludirmos, que um ano depois cheguei a ter até orgulho da minha posição. Senti-me muito mais que um contínuo qualquer, mesmo mais que um, contínuo de ministro. As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, demitia diretores, julgava juízes e o presidente. Logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o placet desejado do doutor Ricardo.*

Lima Barreto. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 99.

O texto, articulado com a obra, permite considerar correta a alternativa:

- (a) Isaias Caminha revela-se um ser humano desprovido de qualquer vaidade.
- (b) O narrador utiliza, no seu relato, uma linguagem essencialmente objetiva e precisa.
- (c) O narrador atribui tão somente aos outros a não realização de seus projetos de vida.
- (d) O narrador reconhece, na narrativa, a atuação da imprensa de seu tempo como marcada pela ética e pelo compromisso com o social.
- (e) Isaias, através do relato de sua trajetória de vida, mostra o ambiente social como discriminador de pessoas pobres e de negros e mulatos.

► Texto para a questão 320.

⁶*Viajam de bonde silenciosamente. Devia ser quase uma hora, ¹pois o veículo já se enchia do público especial dos domingos.*

²*Eram meninas do povo envolvidas nos seus vestidos empoados com suas fitinhas cor-de-rosa ao cabelo e o leque indispensável; eram as baratas casemiras claras dos ternos, [...] eram as velhas mães, prematuramente envelhecidas com a maternidade frequente, ⁷a acompanhar a escadinha dos filhos, ao lado dos maiores, ainda moços, que fumavam os mais compactos charutos do mercado – era dessa gente que se enchia o bonde e se via pelas calçadas em direção aos jardins, aos teatros em matinê, aos arrabaldes e às praias.*

³*Era enfim o povo, o povo variegado da minha terra. ⁴As napolitanas baixas com seus vestidos de roda e suas africanas, as portuguesas coradas e fortes, caboclas, mulatas e pretas – era tudo sim preto, às vezes todos exemplares em bando, às vezes separados, ⁸que a viagem de bonde me deu a ver.*

E muito me fez meditar o seu semblante alegre, a sua força prolfíca, atestada pela cauda de filhos que arrastavam, a sua despreocupação nas anemias que havia, em nada significando a preocupação de seu verdadeiro estado – ⁵e tudo isso muito me obrigou a pensar sobre o destino daquela gente.

Lima Barreto. "O domingo". *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 589.

320 Uesc 2011 O texto traduz preferência do autor por:

- (a) retratar aspectos marcantes da beleza exótica do cotidiano do interior.
- (b) apresentar características negativas de uma metrópole pós-moderna.
- (c) narrar ações de tipos pouco comuns, idealizados, do mundo contemporâneo.
- (d) descrever cenários naturais da paisagem física local, adversos aos da paisagem humana.
- (e) observar a realidade da vida num centro urbano e, sobretudo, revelar sua preocupação com o homem.

321 UFRN 2011 Leia o fragmento a seguir.

Escrevera nesse bilheteinho, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências:

Anjo adorado!

Amo-lhe!

P...

Montero Lobato. *Negrinho*. São Paulo: Globo, 2008. p. 114.

Neste bilhete, escrito pelo pai da personagem central do conto "O colocador de pronomes", há uma utilização indevida do pronome "lhe", na visão normativa da língua apresentada no conto. Tal equívoco faz com que Aldrovando Cantagalo se considere fruto de um "erro de gramática" e passe a:

- expressar seu horror pelas normas.
- proteger seu estilo individual.
- pregar a reforma da gramática.
- defender a correção linguística.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **317**.

APOSTROFE A CARNE

*Quando eu peço nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.*

*E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!*

*Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,*

*Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!*

Augusto dos Anjos. *Obra completa*, 1994.

317 Unifesp 2013 No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente:

- a visão pessimista de um "eu" cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- o transcendentalismo, uma vez que o "eu" desintegrado objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- a recorrência a ideias deterministas que impulsionam o "eu" a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do "eu".
- o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no "eu", buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

318 UEG 2013 Observe a imagem.



Flávio Braga; Edgar Vasques. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2010. p. 9. (Grandes clássicos em graphic novel).

A partir do século XX, surgem novas linguagens nas artes plásticas, muitas vezes criadas por meio de interseções entre os vários campos da expressão artística.

Considerando-se o enredo de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e a imagem acima, parte do resultado da transposição do romance para o formato de história em quadrinhos, tem-se o retrato do episódio em que se verifica a:

- aprovação, por Adelaide, dos hábitos de Policarpo, revelada pelo conteúdo do pacote e pelos sinais de contentamento em seu rosto.
- falta de entendimento de Adelaide sobre o conteúdo do pacote carregado por Policarpo, representada pela expressão de dúvida em seu rosto.
- indiferença de Adelaide ao ver Policarpo chegar em casa com o pacote, fato representado pela ausência de expressão em seu rosto.
- reprovação, por Adelaide, do conteúdo do pacote carregado por Policarpo, expressa por linhas sobre seu rosto que significam ultraje.

► As questões de **314 a 316** abordam um poema de Raul de Leoni (1895-1926).

A alma das cousas somos nós...

*Dentro do eterno giro universal
Das cousas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual
Nada mais, na verdade,*

05 *Nunca mais se repete exatamente...*

*Sim, as cousas são sempre as mesmas na corrente
Que no-las leva e traz, num círculo fatal;
O que varia é o espírito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,*

10 *Que sempre as vive diferentemente,
E, assim, a vida é sempre inédita, afinal...*

Estado de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e trêmulos, nuances
Suscetíveis, sutis, que fogem no lris

15 Da sensibilidade furta-cor...

E a nossa alma é a expressão fugitiva das cousas
E a vida somos nós, que sempre somos outros!...
Homem inquieto e vão que não repousas!
Para e escuta:

20 Se as cousas têm espírito, nós somos

Esse espírito efêmero das cousas,
Volúvel e diverso,
Variando, instante a instante, intimamente,
E eternamente,

25 Dentro da indiferença do Universo!...

(Luz mediterrânea, 1965.)

314 Unesp 2014

Veja também em:

Português • Livro 3 • Frente 2 • Capítulo 10

Uma leitura atenta do poema permite concluir que seu título representa

- (a) a negação dos argumentos defendidos pelo eu lírico.
- (b) a confirmação do estado de alma disfórico do eu lírico.
- (c) a síntese das ideias desenvolvidas pelo eu lírico.
- (d) o reconhecimento da supremacia do homem no mundo.
- (e) uma afirmação prévia da incapacidade do homem.

315 Unesp 2014

Veja também em:

Português • Livro 3 • Frente 2 • Capítulo 10

Considerando o eixo temático do poema e o modo como é desenvolvido, verifica-se que nele se faz uma reflexão de fundo

- (a) estético. (d) filosófico.
- (b) político. (e) científico.
- (c) religioso.

316 Unesp 2014

Veja também em:

Português • Livro 3 • Frente 2 • Capítulo 10

Embora pareça constituído de versos livres modernistas, o poema em questão ainda segue a versificação medida, combinando versos de diferentes extensões, com predomínio dos de doze e dez sílabas métricas. Assinale a alternativa que indica, na primeira estrofe, pela ordem em que surgem, os versos de dez sílabas métricas, denominados *decassílabos*.

- (a) 1 e 5.
- (b) 3 e 4.
- (c) 1, 2 e 3.
- (d) 2 e 3.
- (e) 1, 3 e 5.

313 Unifesp 2015 É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo. A descrição minuciosa da terra, do homem e da luta situa-o no nível da cultura científica e histórica. Seu autor fez geografia humana e sociologia como um espírito atilado poderia fazê-las no começo do século, em nosso meio intelectual, então avesso à observação demorada e à pesquisa pura. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, diz lucidamente o crítico Antonio Candido: "Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, esta obra assinala um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior)."

(Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 1994. Adaptado.)

O excerto trata da obra

- (a) *O cortiço*, de Aluisio de Azevedo.
- (b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (c) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (d) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.
- (e) *Capitães da areia*, de Jorge Amado.

319 Unicamp 2016 Quanto ao conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, é correto afirmar que:

- (a) O narrador adere à perspectiva de dona Inácia, fazendo com que o leitor enxergue a história guiado pela ótica dessa personagem e se torne cúmplice dos valores éticos apresentados no conto.
- (b) O modo como o narrador caracteriza o contexto histórico no conto permite concluir que Negrinha é escrava de dona Inácia e, portanto, está fadada a uma vida de humilhações.
- (c) A maneira como o narrador comenta as características atribuídas às personagens contrasta com as falas e as ações realizadas por elas, o que caracteriza um modo irônico de apresentação.
- (d) O narrador apresenta as falas e pensamentos das personagens de modo objetivo; assim, o leitor fica dispensado de elaborar um juízo crítico sobre as relações de poder entre as personagens.

329 Unesp 2017 Trata-se de uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma visão romântica da natureza. Seu autor recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopeia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular.

(Roberto Ventura. "Introdução" (tr: Silvano Santiago (org.). *Interpretes do Brasil*, vol 1, 2000. Adaptado.)

Tal comentário crítico aplica-se à obra

- (a) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- (b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (c) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- (d) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (e) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

LIVRO 3

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 11

319. E (Uesc 2011)
320. E
321. D
317. E
318. D
314. C
315. D
316. A
313. C
319. C (Unicamp 2016)
329. D

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 15

327 UEA 2013 Leia o texto Peixes ameaçados na Amazônia, de Aldem Bourscheit.

Um relatório em poder do Ibama, de setembro de 2009, revela declínio nos estoques da dourada (também conhecida por bagre), do filhote e de outras espécies de grandes peixes no rio Madeira. A análise sobre a quantidade de peixes capturada entre abril e agosto de 2009 foi baseada em dados de colônias de pescadores, dos principais portos de desembarque de pescado, de comunidades ribeirinhas e de outros pontos de amostragem no trecho do rio Madeira entre Porto Velho e Guajará Mirim, e parte do rio Mamoré.

O documento não conclui que as obras das usinas de Santo Antônio e de Jirau sejam responsáveis pelo fenômeno, considerando que ele é decorrente de uma associação de causas possíveis, porém pescadores apontam problemas causados pelas explosões de dinamites para a construção das barragens.

Especialistas comentam que o levantamento deixa clara a importância da manutenção da saúde do rio para a sobrevivência de vários peixes e das populações que deles dependem, no Brasil ou nos países vizinhos.

Para o pesquisador em biologia aquática Jansen Zuanon, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), apesar de inconclusivo sobre as causas no declínio da pesca naquele período, o relatório atesta a estreita ligação entre os peixes do Madeira e seus ciclos de cheias e vazantes. "O estudo mostra que esses peixes dependem da dinâmica hidrológica e de indicadores ambientais relacionados à qualidade da água para completar suas migrações ao longo do rio. Isso significa que não só a barragem, mas também as alterações na dinâmica hidrológica do rio, provocadas pelas obras, podem afetar negativamente as populações de grandes bagres e de diversas outras espécies de peixes que habitam aquela bacia."

O bagre é um peixe de grande porte e é necessário manter, ao longo do ano, bons estoques desse pescado de que dependem muitas populações e mercados. A espécie tem grande valor comercial nos estados do Pará, Amapá, Amazonas e Rondônia e em regiões da Colômbia, Bolívia e Peru. Suas crias crescem no estuário amazônico, na região de Belém, e migram até três mil quilômetros rio acima para se reproduzir, desovando em regiões mais elevadas de países vizinhos.

<www.oecc.com.br>. (Adapt.).

No trecho do terceiro parágrafo – o levantamento deixa **clara a importância** da manutenção da saúde do rio, – percebe-se que o adjetivo clara, embora anteposto ao substantivo importância, não deixa de estabelecer com este a concordância nominal.

Partindo dessa informação, atende à norma-padrão, quanto à concordância nominal, a alternativa:

- (a) Deveria ser proibido a construção de barragens sem um estudo prévio dos impactos ambientais na região.
(b) Embora parciais, são fundamentais, para que se organizem políticas públicas de preservação, os estudos sobre os rios.
(c) Para a autora de *Sabores da terra*, é prazerosa o som da fruta se partindo madura e exalando seu perfume.
(d) Incluso no relatório está a análise da quantidade de peixes capturados entre abril e agosto.
(e) Partiram só, apesar da orientação de que se fizessem acompanhar de um guia local, os turistas recém-chegados.

► Leia o poema para responder à questão 326.

MAU DESPERTAR

*Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum*

*Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas*

*Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva*

(Ferreira Guillar. Muitos vozes, 2013.)

326 Unifesp 2015 Assinale a alternativa em que a reescrita dos versos altera o sentido original do texto.

- (a) "Saio do sono como / de uma batalha" → do sono saio como de uma batalha
(b) "travada em / lugar algum" → travada em algum lugar
(c) "se o corpo / tenho / riscado / de hematomas" → se de hematomas tenho o corpo riscado
(d) "ainda escorrem / uns restos de treva" → uns restos de treva escorrem ainda
(e) "Não sei na madrugada / se estou ferido" → não sei se ferido estou na madrugada

LIVRO 4**GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 15**

327. B
326. B

LIVRO 4 - Questões objetivas**PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 17**

► A questão 335 focaliza um trecho do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078 de 11 de setembro de 1990).

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

- I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;
- II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;
- III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;
- IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;
- V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tomem excessivamente onerosas;
- VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;
- VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;
- VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;
- IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.
Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

335 Unesp 2016 Nos trechos "asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações" (inciso II) e "assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados" (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

- (a) apenas a primeira ocorrência está correta.
- (b) apenas a segunda ocorrência está correta.
- (c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.
- (d) as duas ocorrências estão incorretas.
- (e) as duas ocorrências estão corretas.

LIVRO 4**GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 17**

335. E

LIVRO 4 - Questões objetivas**PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 18**

336 PUC-RS 2011 (Adapt.) Se os verbos em destaque no período "Se a propaganda fosse paga, ou dependesse apenas do interesse jornalístico, o poder econômico poderia prevalecer e os candidatos menos conhecidos talvez não tivessem oportunidade de se apresentar ao público" fossem utilizados em outro tempo verbal, o resultado correto seria:

- | | | | |
|-----------|------------|---------|--------|
| (a) é | dependa | poderá | têm |
| (b) é | depende | pode | tenham |
| (c) for | depende | pode | têm |
| (d) seja | dependa | poderia | teriam |
| (e) seria | dependeria | poderá | terão |

337 Uenp 2011 Quando ele me (I) o livro, eu o empresto a você. Se o carro (II) na garagem, eu o guardaria lá.

É preciso que nós (III) estes livros na estante.

O diretor da escola zangou-se quando o professor (IV) na discussão.

Se você (V) o dono desta casa, peça-lhe que me telefone.

As formas verbais que completam as lacunas corretamente são as da alternativa:

- (a) I – trazer II – cabesse III – pomos IV – interviu V – vir
- (b) I – trazer II – coubesse III – ponhamos IV – interveio V – vir
- (c) I – trazer II – caber III – ponhemos IV – interveio V – ver
- (d) I – trazer II – couber III – pomos IV – interveio V – ver
- (e) I – trazer II – couber III – ponhamos IV – interviu V – ver

338 Uenp 2011 (Adapt.) Em dezembro do ano passado, por volta das 3h50, fui alertado por um segurança que haviam quatro pessoas suspeitas em duas motos e um carro, e que ninguém as conheciam. Por se tratar do fim do ano, pedi auxílio ao 190. Fui atendido por uma policial, relatei o fato e pedi providência. Fui informado que logo mandariam uma viatura para averiguação.

Folha de Londrina – trecho de carta de leitor

No trecho apresentado há incorreções gramaticais, segundo a norma-padrão. Assinale a alternativa que indica os tipos de erro.

- (a) Ortografia e concordância nominal
- (b) Concordância verbal e regência verbal
- (c) Acentuação gráfica e colocação pronominal
- (d) Regência verbal e ortografia
- (e) Coesão e acentuação gráfica

331 Unifesp 2013 O Hatha yoga pradipika, *sagrada escritura do hatha yoga, escrita no século 15 da era atual, diz que, antes de nos aventurarmos na prática de austeridade e códigos morais, devemos nos preparar. Autocontrole e disciplina sem preparação adequada _____ criar mais problemas mentais e de personalidade do que paz de espírito. A beleza dessa escritura é que ela resolve o grande problema que todo iniciante enfrenta: dominar a mente.*

Devido _____ abordagem corporal, o hatha yoga ficou conhecido – de modo equivocado – como uma categoria de ioga _____ trabalha apenas as valências físicas (força, flexibilidade, resistência, equilíbrio e outras), quase como ginástica oriental. Isso não é verdade.

Ciência Hoje, julho de 2012. (Adapt.).

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- (a) pode – a essa – aonde.
- (b) podem – a essa – que.
- (c) pode – à essa – o qual.
- (d) podem – essa – com que.
- (e) pode – essa – onde.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **332**.

_____ dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um hacker invadiu e tomou conta de seu e-mail e – além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados bancários – passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro.

Quando ela escreveu para seu endereço de e-mail pedindo ao hacker ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R\$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do e-mail porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

Golhev, dezembro de 2011. (Adapt.).

332 Unifesp 2013 A lacuna do início do texto deve ser corretamente preenchida com:

- (a) A.
- (b) Há cerca de.
- (c) Fazem.
- (d) Acerca de.
- (e) A.

333 UFPE 2013 (Adapt.) Considerando as normas sintáticas da concordância e da regência verbal, conforme a norma-padrão, analise a adequação de construções que aparecem abaixo a partir da afirmação: "Deles veio a revolução quântica, que gerou incontáveis aplicações tecnológicas".

- () Deles veio incontáveis aplicações tecnológicas, geradas pela revolução quântica.
- () Deles veio a revolução quântica, que se devem incontáveis aplicações tecnológicas.
- () Deles veio a revolução quântica, de que resultaram incontáveis aplicações tecnológicas.
- () A revolução quântica, que gerou incontáveis aplicações tecnológicas, veio deles.
- () A revolução quântica, que veio deles, resultou em incontáveis aplicações tecnológicas".

334 UFPE 2013 Tomando como apoio o trecho "devemos aprender a observar os fatos linguísticos, em vez de dizer simplesmente que alguns deles estão errados", também seria correto, do ponto de vista da concordância verbal, dizer:

- () Qual deles está errado?
- () Nenhum deles estão errados.
- () Quais deles estão errados?
- () Alguns de nós estamos errados.
- () Alguns de nós estão errados.

335 UEA 2013 Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

- (a) Existe dados confiáveis sobre o tema fornecidos por diferentes organizações.
- (b) A quantidade e a qualidade do lixo descartado revela o grau de riqueza do consumidor.
- (c) Mudanças educacionais e culturais, segundo o engenheiro da UFBA, deve determinar o caminho para o Brasil evoluir na questão do lixo.
- (d) As nações desenvolvidas mantém o primeiro lugar no ranking dos mais poluidores.
- (e) Os problemas ambientais do planeta vêm se agravando pelo excesso de consumo.

329 Unifesp 2014



(Folha de S.Paulo, 17.08.2013. Adaptado.)

Mantida a norma-padrão da língua portuguesa, a frase que preenche corretamente o segundo balão é:

- (a) Todos os dragões têm isso.
- (b) Sofre disso todos os dragões.
- (c) Todos os dragões o tem.
- (d) Os dragões todos lhe tem.
- (e) Sempre se encontra dragões com isso.

► Leia o texto para responder à questão 330.

POETAS E TIPOGRAFOS

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe recebeu exercícios físicos, para “canalizar a tensão”. João Cabral seguiu o conselho. Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal “ginástica poética”, como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, “Editores Artesanais Brasileiros”, de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos assinantes (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinícius de Moraes, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto “Com o Vaqueiro Mariano” (1952), de Guimarães Rosa. E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas vale.

(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 17/08/2013. Adaptado.)

330 Unifesp 2014 Na passagem – O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, **compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações** –, se a expressão *editor artesanal* for para o plural, a sequência em destaque assume a seguinte redação, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:

- (a) compõem o texto, diagramam-no, produzem as ilustrações.
- (b) compõe o texto, diagramam-o, produzem as ilustrações.
- (c) compõem o texto, diagramam ele, produz as ilustrações.
- (d) compõe o texto, diagrama-no, produz as ilustrações.
- (e) compõem o texto, diagrama-lo, produz as ilustrações.

► Leia o texto para responder à questão 328.

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidéz e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal.

Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.)

328 Unifesp 2015 Assinale a alternativa cujo enunciado atende à norma-padrão da língua portuguesa.

- (a) Durante a leitura do livro, surgiram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.
- (b) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- (c) Durante a leitura do livro, ficou várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- (d) Durante a leitura do livro, houveram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.
- (e) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 18

- 336. B
- 337. B
- 338. B
- 331. B
- 332. B
- 333. F; F; V; V; V
- 334. V; F; V; V; V
- 335. E
- 329. A
- 330. A
- 328. A

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 19

340 Uenp 2011 Em relação à acentuação gráfica das palavras e entendendo que tonicidade natural refere-se a não necessidade do acento gráfico, considere as afirmativas seguintes.

- I. As palavras "polônês" e "propôs" recebem um acento gráfico porque fogem da tonicidade natural da língua, pois as vogais e e o, quando apoiadas em consoantes, em final de palavras tornam suas sílabas átonas, daí a necessidade de acentuá-las para se tornarem tônicas.
- II. As palavras "Alexandria" e "sociedade" não necessitam de acento gráfico porque estão na tonicidade natural da língua, uma vez que as sílabas finais são átonas e conseqüentemente a sílaba tônica será sempre a penúltima.
- III. A palavra "ideia" não necessita de acento gráfico pelo fato de a letra "a" ser átona em final de palavra, assim a sílaba forte torna-se a anterior.
- IV. As palavras "filólogos" e "astrônomos" recebem acento gráfico por serem polissílabas.
- V. As palavras "saber" e "ocidental" não necessitam de acento gráfico pelo fato de as consoantes "r" e "l" puxarem toda a força para a última sílaba, tornando-a tônica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (a) I, III e V.
- (b) I, III e IV.
- (c) III e IV.
- (d) I, II, III e IV.
- (e) I, II, III e V.

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 19

340. E

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 20

► Texto para a questão 342.

SERÁ A FELICIDADE NECESSÁRIA?

Felicidade é uma palavra pesada. Alegria é leve, mas felicidade é pesada. Diante da pergunta "Você é feliz?", dois fardos são lançados às costas do inquirido. O primeiro é procurar uma definição para felicidade, o que equivale a rastrear uma escada que pode ir da simples satisfação de gozar de boa saúde até a conquista da bem-aventurança. O segundo é examinar-se, em busca de uma resposta. ¹Nesse processo, depara-se com armadilhas. ²Caso se tenha ganhado um aumento no emprego no dia anterior, o mundo parecerá belo e justo; caso se esteja com dor de dente, parecerá feio e perverso. [...]

Os pais de hoje costumam dizer que importante é que os filhos sejam felizes. É uma tendência que se impôs ao influxo das teses libertárias dos anos 1960. É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão. O que espero, eis a resposta correta, é que sejam felizes. Ora, felicidade é coisa grandiosa. É esperar, no mínimo, que o filho sinta prazer nas pequenas coisas da vida. Se não for suficiente, que consiga cumprir todos os desejos e ambições que venha a abrigar. ³Se ainda for pouco, que atinja o enlevo místico dos santos. Não dá para preencher caderno de encargos mais cruel para a pobre criança.

"É a felicidade necessária?" é a chamada de capa da última revista New Yorker (22 de março) para um artigo que, assinado por Elizabeth Kolbert, analisa livros recentes sobre o tema. No caso, a ênfase está nas pesquisas sobre felicidade (ou sobre "satisfação", como mais modestamente às vezes são chamadas) e no impacto que exercem, ou deveriam exercer, nas políticas públicas. Um dos livros analisados, de autoria do ex-presidente de Harvard Derek Bok (The Politics of Happiness: What Government Can Learn from the New Research on Well-Being), constata que nos últimos 35 anos o PIB per capita dos americanos aumentou de 17.000 dólares para 27.000, o tamanho médio das casas cresceu 50% e as famílias que possuem computador saltaram de zero para 70% do total. No entanto, ⁴a porcentagem dos que se consideram felizes não se moveu. Conclusão do autor, de lógica irrefutável e alcance revolucionário: se o crescimento econômico não contribui para aumentar a felicidade, "por que trabalhar tanto, arriscando desastres ambientais, para continuar dobrando e redobrando o PIB?"

Outro livro, de autoria de Carol Graham, da Universidade de Maryland (Happiness Around the World: The Paradox of Happy Peasants and Miserable Millionaires), informa que ⁵os nigerianos, com seus 1400 dólares de PIB per capita, atribuem-se grau de felicidade equivalente ao dos japoneses, com PIB per capita 25 vezes maior, e que os habitantes de Bangladesh se consideram duas vezes mais felizes que os da Rússia, quatro vezes mais ricos. Surpresa das surpresas, os afegãos atribuem-se bom nível de felicidade, e a felicidade é maior nas áreas dominadas pelo Talibã. [...]

Roberto Pompeu Toledo. Veja, mar. 2010.

342 UFPel 2011 (Adapt.) Em qual passagem abaixo, a partícula **se** desempenha a mesma função desempenhada em **"Nesse processo, depara-se com armadilhas"** (ref. 1)?

- (a) caso **se** esteja com dor de dente, parecera feio e perverso. (ref. 2)
- (b) **Se** ainda for pouco, que atinja o enlevo místico dos santos. (ref. 3)
- (c) a porcentagem dos que se consideram felizes não **se** moveu. (ref. 4)
- (d) os nigerianos, com seus 1.400 dólares de PIB per capita, atribuem-se grau de felicidade equivalente ao dos japoneses. (ref. 5)

343 Ufam 2011 Assinale a opção na qual o vocábulo **que** não tem função sintática, sendo, portanto, expletivo ou de realce.

- (a) Pode esquentar o almoço, que eu já estou chegando.
- (b) Para resolver o assunto, eu é que fui lá.
- (c) Os aviões voam a tal altura, que é impossível enxergar a paisagem.
- (d) Fitou-me intensamente, com um quê misterioso nos olhos.
- (e) Existem pessoas que não se entregam às emoções.

► Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão 361.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

361 Unifesp 2017 Em "Podemos [...] elevar à perfeição o tipo de civilização **que** representamos" (1^a parágrafo), o termo em destaque exerce a mesma função sintática do trecho destacado em:

- (a) "[...] **todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça** parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem." (1^a parágrafo)
- (b) "**Esse ingresso tardio** deveria repercutir intensamente em seus destinos [...]" (4^a parágrafo)
- (c) "[...] somos ainda hoje **uns desterrados em nossa terra.**" (1^a parágrafo)
- (d) "É significativa, em primeiro lugar, **a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica.**" (3^a parágrafo)
- (e) "Assim, antes de perguntar **até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa** [...]" (2^a parágrafo)

218 Unicamp 2018 *Estrangeirismos* são palavras e expressões de outras línguas usadas correntemente em nosso cotidiano. Sobre o emprego de palavras estrangeiras no português, o linguista Sírio Possenti comenta:

Tomamos alguns verbos do inglês e os adaptamos a nosso sistema verbal exclusivamente segundo regras do português. Se adotarmos start, logo teremos estartar (e todas as suas flexões), pois nossa língua não tem sílabas iniciais como st-, que imediatamente se tornam est-. A forma nunca será startar, nem ostartar ou ustartar, nem estarter ou estartir, nem printer ou printir, nem atacher ou atachir etc., etc., etc.

(Adaptado de Sírio Possenti, "A questão dos estrangeirismos", em Carlos Alberto Faraco, *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p. 173-174.)

As alternativas a seguir reproduzem trechos de um fórum de discussão na internet sobre um jogo eletrônico. Nessa discussão, um jogador queixa-se por não ter conseguido se conectar a uma partida e ter perdido pontos. Escolha a alternativa que contém um exemplo do processo de adaptação de verbos do inglês para o sistema verbal do português, como descreve Sírio Possenti.

- (a) "Aconteceu logo na manhã deste domingo, quando iniciei uma ranked."
- (b) "Ela não deu load e pensei que era um bug no site."
- (c) "Entrei no lolking para ver se a partida estava sendo computada."
- (d) "Nem upei meu personagem de tanto problema no server."

(Adaptado de <http://forums.br.leagueoflegends.com/board/showthread.php?t=187120>. Acessado em 15/07/2017.)

Glossário:

Bug: falha devido ao mau funcionamento em um programa de informática.

Computar: contar, incluir.

Dar load: carregar.

Lolking: site da internet sobre o jogo.

Ranked: partida que dá pontos ao jogador.

Server: servidor; em informática, é um programa ou um computador que fornece serviços a uma rede de computadores.

Upar: subir de nível, recarregar.

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 1 – CAPÍTULO 20

361. E
218. D

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 12

350 UFPE 2012 Fernando Pessoa é considerado o maior poeta do primeiro Modernismo português, pela genial versatilidade de sua criação. Leia o poema a seguir e analise as questões posteriores.

*Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.*

*Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.*

*És feliz porque és assim,
Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.*

Fernando Pessoa. *Obra Poética*.

- () Fernando Pessoa, o ortônimo, escreveu uma poesia diversificada. Além de seu cancionário, dialogou, por exemplo, com a literatura quinhentista, como no caso da obra *Mensagem*; compôs poemas dramáticos, poemas ingleses e quadras ao gosto popular.
- () No poema lido, o olhar do eu lírico se move para as coisas ínfimas, para o pormenor, o que desperta a reflexão filosófica e faz encontrar nessas coisas significados maiores.
- () Tal como em "Tabacaria", do heterônimo Álvaro de Campos, em que o poeta se fixa na rapariga que come chocolate, o poema destacado reflete um momento existencial do eu lírico, em que a atenção se foca na falta de preocupação do gato, que espanta o poeta e lhe inspira inveja.
- () O sujeito do discurso sente inveja do gato porque o animal, seguindo a lei de seu destino, sente prazer em brincar sem ter disso consciência, o que nos permite remeter à filosofia do heterônimo Alberto Caeiro, para quem "a luz do sol vale mais que os pensamentos".
- () Os dois últimos versos do poema encerram um lamento do eu lírico e permite concluir que o gato, ao contrário do poeta, não se vê e está centrado em si; não se conhece, mas sabe o que é, ou seja, um gato.

349 UFPE 2013 Em O ano da morte de Ricardo Reis, Saramago retoma trechos de poemas de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, indo mais além do próprio Fernando Pessoa. A partir da leitura dos fragmentos do romance de Saramago, analise as proposições a seguir.

FRAGMENTO I

*Aos deuses peço só que me concedam
o nada lhes pedir [...]*

FRAGMENTO II

[...] este Tejo que não corre pela minha aldeia, o Tejo que corre pela minha aldeia chama-se Douro, por isso, por não ter o mesmo nome, é que o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.

FRAGMENTO III

[...] não esquecer que todas as cartas de amor são ridículas [...]

FRAGMENTO IV

[...] eu tenho sido cómico às criadas de hotel.

FRAGMENTO V

[...] sempre valeu a pena, seja a alma grande ou pequena, como mais ou menos disse o outro [...]

José Saramago. *O ano da morte de Ricardo Reis*.

- () No primeiro fragmento, Saramago resgata um poema do heterônimo de Fernando Pessoa, protagonista do romance em foco, no qual há uma boa dosagem de fantástico, pois é o relato dos encontros de Fernando Pessoa, já morto, com Ricardo Reis, único dos heterônimos que não tem a biografia concluída por seu criador.
- () "Todas as cartas de amor são ridículas" é um verso de Álvaro de Campos; sendo ele um poeta clássico, epicurista, o sentimento amoroso sempre vai lhe parecer inoportuno e ridículo.
- () No fragmento II, José Saramago retoma, através de um jogo de palavras, um poema de Alberto Caeiro, o qual exalta o rio de sua aldeia, reconhecendo que o Rio Tejo é bonito, mas não mais do que aquele que corre pela sua aldeia.
- () No fragmento IV, as irreverências do heterônimo Álvaro de Campos, engenheiro nauta que cultua a era da mecânica, refletem também o tédio profundo resultante da inadaptação à sociedade contemporânea.
- () O quinto fragmento resgata o poema Mar Português. Nele, Pessoa questiona se valeu a pena o sacrifício da nação portuguesa, para conquistar os mares.

348 Unifesp 2015 Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

(As múltiplas faces de Fernando Pessoa, 1995.)

O tema tratado no poema é a

- (a) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.
- (b) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
- (c) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.
- (d) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
- (e) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.

► Leia um trecho do "Manifesto do Surrealismo", publicado por André Breton em 1924.

Surrealismo: Automatismo psíquico por meio do qual alguém se propõe a exprimir o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral.

O Surrealismo assenta-se na crença da realidade superior de certas formas de associação, negligenciadas até aqui, na onipotência do sonho, no jogo desinteressado do pensamento.

(Apud Gilberto Mendonça Teles. Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro, 1992. Adaptado.)

354 Unesp 2016 Tendo em vista as considerações de André Breton, assinale a alternativa cujos versos revelam influência do Surrealismo.

- (a) *O mar soprava sinos
os sinos secavam as flores
as flores eram cabeças de santos.
Minha memória cheia de palavras
meus pensamentos procurando fantasmas
meus pesadelos atrasados de muitas noites.*
(João Cabral de Melo Neto, "Noturno", em *Pedra do sono*.)
- (b) *Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusó.
Comprida história que não acaba mais.*
(Carlos Drummond de Andrade, "Infância", em *Alguma poesia*.)
- (c) *Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.*
(Manuel Bandeira, "Momento num café", em *Estrela do manhã*.)

- (d) *Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Práticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.*
(Carlos Drummond de Andrade, "Elegia 1938", em *Sentimento do mundo*.)
- (e) *– Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quanto mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.*
(João Cabral de Melo Neto, "O retirante chega à Zona da Mata", em *Morte e vida severina*.)

355 Unesp 2016 Duas fortes motivações convertem-se em molas de composição desta obra:

- a) *por um lado, o desejo de contar e cantar episódios em torno de uma figura lendária que trazia em si os atributos do herói, entendido no senso mais lato possível de um ser entre humano e mítico, que desempenha certos papéis, vai em busca de um bem essencial, arrosta perigos, sofre mudanças extraordinárias, enfim vence ou malogra...;*
- b) *por outro lado, o desejo não menos imperioso de pensar o povo brasileiro, nossa gente, percorrendo as trilhas cruzadas ou superpostas da sua existência selvagem, colonial e moderna, à procura de uma identidade que, de tão plural que é, beira a surpresa e a indeterminação.*

(Alfredo Bossi. *Céu, inferno*, 2003. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à obra:

- (a) *Memórias de um Sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida
- (b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (c) *Macunaima*, de Mário de Andrade
- (d) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (e) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

366 Unesp 2017 *Carpe diem*: Esse conhecido lema, extraído das Odes do poeta latino Horácio (65 a.C.–8 a.C.), sintetiza expressivamente o seguinte motivo: saber aproveitar tudo o que se apresenta de positivo (mesmo que pouco) e transitório.

(Renzo Tosi. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*, 2010. Adaptado.)

Das estrofes extraídas da produção poética de Fernando Pessoa (1888–1935), aquela em que tal motivo se manifesta mais explicitamente é:

- (a) *Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.*
- (b) *Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.*

- (c) Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.
- (d) Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
- (e) Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

367 Unifesp 2017 Leia um trecho do "Manifesto do Futurismo" publicado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) no ano de 1909.

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações glotonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbanetes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinnham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

Apud Gilberto Mendonça Teles.
Vanguarda europeia e modernismo brasileiro, 1992. Adaptado.

Em consonância com este preceito do Futurismo estão os seguintes versos, extraídos da produção poética de Fernando Pessoa (1888-1935):

- (a) Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para
[longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
[olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.
- (b) Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.
E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

- (c) Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.
Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em
[nada,
Pagãos inocentes da decadência.
- (d) Levando a bordo El-Rei dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
- (e) Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 12

350. V; V; V; V; F
349. V; F; V; V; V
348. A
354. A
355. C
366. D
367. E

356 UFTM 2011 Leia os poemas.

I.
[...]
*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada*
[...]

Manuel Bandeira.

II.
*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o Índio
Que pena! Fosse uma manhã de sol
O Índio tinha despido
O português*

Oswald de Andrade.

A ideia comum aos dois textos consiste na:

- (a) contradição entre a língua concebida e a que se realiza nos poemas.
- (b) crítica ao linguajar popular e debochado do povo brasileiro.
- (c) aceitação dos valores da cultura europeia, particularmente a portuguesa.
- (d) proposta de uma língua nacional que esteja próxima da expressão lusíada.
- (e) busca de uma identidade nacional, negando-se a cultura europeia.

► Texto para a questão 357.

*Jardim da pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis amarelo!
resistem.*

E as dalias, rechonchudas, plebeias, dominicais.

*Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
– É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.*

Manuel Bandeira. *Libertinagem*. In: *Estrela do wdo inteiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. pp. 126-127.

357 UPE 2011 Com base no poema anterior, analise as afirmativas a seguir e conclua.

- () O poeta recebeu influência das estéticas parnasiana e simbolista.
- () O elemento humano está ausente, mas se pode perceber a prosopopeia logo no primeiro verso.
- () O poeta está falando de sua vida, pois já morou em pensão.
- () Morfologicamente, "gatinho" e "pensãozinha" têm em comum o sufixo diminutivo, que os apequena, porém, semanticamente, esse sufixo opera em sentido diverso para gato e pensão: para esta, conota o amesquinamento da vida; para aquela, a espontaneidade graciosa das crianças.
- () O poeta faz uma abordagem temática das coisas simples e banais que compõem o cotidiano.

358 Ifsc 2011 O Modernismo brasileiro teve início com a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, em São Paulo. Dentre os excertos e quadros abaixo, assinale aquele(s) que é (são) de autoria de escritores/artistas da primeira fase do Modernismo brasileiro.

01. *Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.*

Manuel Bandeira. "Vou-me embora pra Pasárgada".

02.

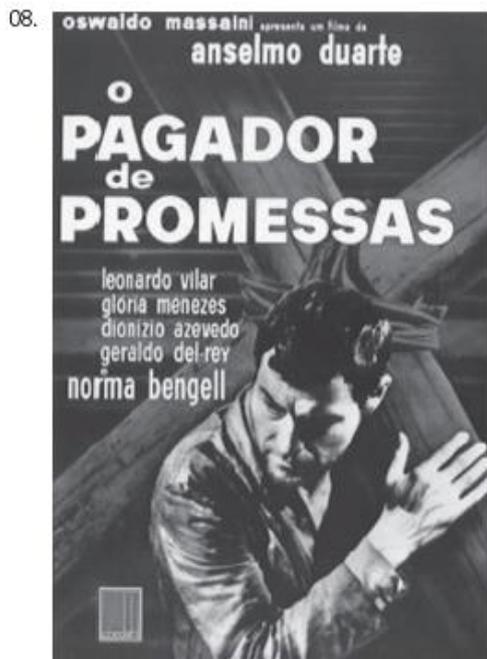


Openthos – Tarsila do Amaral

04. **A DESCOBERTA**

*Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava de Páscoa
Topamos aves
E houvermos vista de terra*

Oswald de Andrade. *A carta de Pero Vaz de Caminha*.



Dias Gomes. *O pagador de promessas*.

16. *Que falta nesta cidade?... Verdade.
Que mais por sua desonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.*

Gregório de Matos Guerra. "Epiograma".

32. *A poesia é incomunicável.
Fique torto no seu canto.
Não ame.*

Carlos Drummond de Andrade. "Segredo".

- 363 UEM 2012** Assinale o que for correto sobre o poema a seguir e sobre seu autor, Manuel Bandeira.

POÉTICA

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo*

*Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis*

*Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.*

*De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante
[exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
[maneiras de agradar às mulheres, etc.*

- Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare*

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

- 01 A lírica de Bandeira, apesar de ter legado à tradição literária brasileira poemas marcantes, como "Poética", constitui apenas uma pequena parte da produção do autor, uma vez que ele se notabilizou como romancista, merecendo destaque obras como *Macunaima* e *Memórias sentimentais de João Miramar*.
- 02 A preocupação com a forma poética revela a principal influência da lírica de Manuel Bandeira: o Parnasianismo e seus mestres, como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.
- 04 A visão poética que o poema defende se adequa àquela que o Modernismo brasileiro apresentou, sobretudo aquele da geração de 1922, da qual Bandeira foi um dos principais nomes.
- 08 Apesar de propor o afastamento de todo "lirismo que não é libertação", Bandeira constrói um poema com métrica regular, o que estabelece um diálogo com modelos poéticos anteriores aos do Modernismo brasileiro.
- 16 Embora Bandeira seja um dos mais expressivos exemplos do Modernismo do Brasil, sua produção inicial foi marcada por forte influência do Simbolismo, tal como pode ser verificado em uma obra como *Cinza das horas*, de 1917.

- 364 UFPE 2012** O sentimento amoroso é um tema inesgotável e tem influenciado muitas das produções artísticas, incluindo a poesia e a canção. Leia os dois textos a seguir e responda aos itens posteriores.

Texto 1

SONETO DA SEPARAÇÃO

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

Vinícius de Moraes.

Texto 2

SONETO

*Por que me descobriste no abandono
Com que tortura me arrancaste um beijo
Por que me incendiaste de desejo
Quando eu estava bem, morta de sono*

*Com que mentira abriste meu segredo
De que romance antigo me roubaste
Com que raio de luz me iluminaste
Quando eu estava bem, morta de medo*

*Por que não me deixaste adormecida
E me indicaste o mar, com que navio
E me deixaste só, com que saída*

*Por que desceste ao meu porão sombrio
Com que direito me ensinaste a vida
Quando eu estava bem, morta de frio*

Chico Buarque de Holanda

- () Tanto Vinicius de Moraes quanto Chico Buarque de Holanda foram letristas e literatos, e ambos estão localizados na segunda fase do Modernismo brasileiro.
- () O soneto de Vinicius de Moraes expressa, de forma suave e equilibrada, uma série de sentimentos dolorosos que estão associados à separação de dois amantes. A voz masculina é flagrante nas marcas linguísticas.
- () A canção de Chico Buarque de Holanda faz uso da forma do soneto e revela uma voz feminina que expressa seu espanto por ter tido seu amor despertado por outra pessoa.
- () No texto 2, o último verso dos dois quartetos e da última estrofe fazem ver que o sujeito poético se escondia, fugindo da vida e de sua expressão máxima, o amor.
- () Como os dois textos permitem concluir, o amor e a vida são uma aventura errante, que não oferece as garantias de um porto seguro.

365 UEM 2012 Assinale o que for correto sobre o Modernismo brasileiro.

- 01 Embora seja possível traçar um quadro contendo as principais características do Modernismo brasileiro, há de se ressaltar que, diferentemente das principais escolas literárias do século XIX, o movimento modernista não exibiu um programa comum a ser seguido pelos escritores. Sua característica unificadora consiste no desejo de liberdade de criação e de expressão.
- 02 O "Manifesto Pau-Brasil", redigido por Oswald de Andrade, define os princípios fundamentais da poesia da primeira geração modernista (1922-1930): espontaneidade, ingenuidade e primitivismo, no sentido de não estar contaminada por regras preestabelecidas do fazer literário. A poesia Pau-Brasil, como a árvore do mesmo nome, pretendia se constituir em produto, ou cultura, de exportação, já que é concebida a partir da união da "cor local" com os meios de expressão de vanguarda.
- 04 O "Prefácio interessantíssimo" apresenta os poemas de *Pauliceia desvairada*, de Mário de Andrade. Publicado em 1922, esse "prefácio" consiste no primeiro texto teórico a surgir no Brasil sobre a arte moderna. Trata-se de um texto que, bem ao gosto da estética modernista, mistura seriedade e divertimento, e aproveita as sugestões da fórmula: lirismo + arte = poesia.
- 08 A segunda fase do Modernismo brasileiro (1930-1945) é ainda mais radical do que a primeira em termos estético-formais. Os escritores intensificam as demandas revolucionárias anteriores, publicando manifestos, como o Antropofágico, de Oswald de Andrade, e romances, como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, caracterizados por uma postura de rompimento com o passado.

- 16 Quanto aos temas do Modernismo, a crítica costuma salientar que, embora os modernistas idealizadores da Semana de Arte Moderna defendessem a liberdade de expressão do artista, a temática por eles abordada, sobretudo na chamada "fase heroica" (1922-1930), gira em torno dos grandes temas da literatura tradicional: eventos importantes, sentimentos sublimes, o belo, conflitos existenciais etc.

361 UNB 2013 Leia o poema a seguir.

BARRICADA



*Todos os passarinhos da Praça da República
Voaram
Todas as estudantes
Morreram de susto
Nos uniformes de azul e branco
As telefonistas tiveram uma síncope de fios
Só as árvores não desertam
Quando a noite luz*

Oswald de Andrade. *Primeiro caderno do livro de poesia Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006, p. 71.

A respeito do poema *Barricada* e da obra de Oswald de Andrade, julgue os itens a seguir.

- () Ao unir verso e desenho, Oswald criou um espaço de interpretação da poesia em que associou matéria lírico-reflexiva a uma forma quase infantil de percepção da realidade.
- () No que se refere a elementos da estruturação linguística e sua relação com elementos discursivos, o contraste semântico estabelecido por meio de formas verbais que indicam movimento e estado garante, no que se refere à praça, uma linha divisória dentro/fora.
- () Na poesia oswaldiana, a falta de pontuação, a predominância do uso de substantivo em detrimento do verbo e a justaposição de imagens confirmam o exercício crítico da linguagem assumido pelo poeta.
- () A poesia de Oswald de Andrade exerceu forte influência na formação do movimento concretista brasileiro, como sugere a produção do poema *Barricada*, cujos versos são entrecortados por imagens.
- () A partir da representação de cenas do cotidiano, Oswald de Andrade construiu um lirismo amoroso fortemente marcado pela idealização de suas companheiras durante a vida.
- () No primeiro verso do poema, a expressão "da Praça da República" é um modificador que estabelece, com o núcleo nominal "passarinhos" e com os núcleos "estudantes" (v.3), "telefonistas" (v.6) e "árvores" (v.7), uma relação de posse, o que explica ter havido eclipse desse sintagma nos demais versos do poema.
- () A simplicidade dos versos do poema *Barricada* é característica contrastante com o restante da produção poética de Oswald de Andrade, em que predominam cortes elípticos.

362 Udesc 2013 Analise as proposições em relação à primeira fase do Modernismo, na literatura brasileira, e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- () Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira são nomes que compõem a primeira fase do Modernismo brasileiro, também denominada "fase heroica ou de ruptura".

- () Os autores dessa fase procuraram exaltar, com um toque pessoal, as formas literárias já consolidadas como Parnasianismo e Simbolismo.
- () Os escritores dessa fase buscavam uma língua livre que permitisse uma aproximação maior entre a linguagem literária e a fala brasileira coloquial.
- () A grande obra, o marco da literatura nacional da primeira fase modernista foi "Grande sertão: veredas" de Guimarães Rosa.
- () Dentre os principais movimentos dessa fase destaca-se o Concretismo, que pretendia ampliar os recursos da comunicação visual sem desmerecer a palavra.

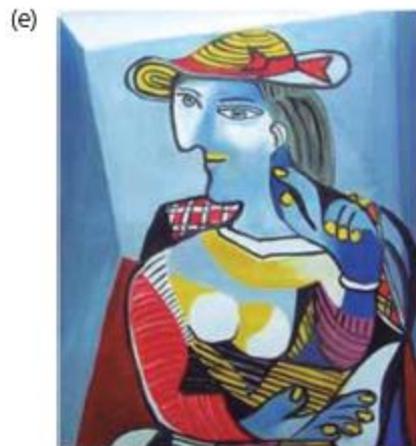
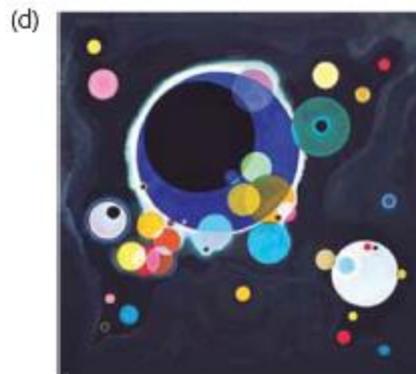
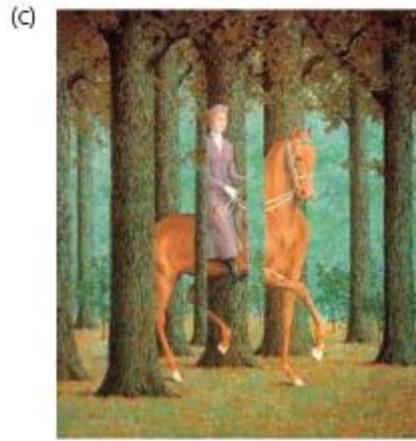
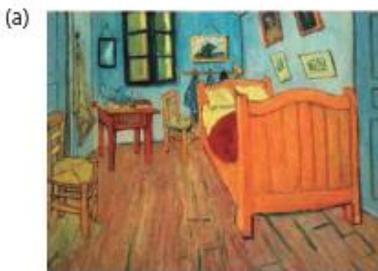
Assinale a alternativa **correta**, de cima para baixo.

- (a) F – F – V – F – V
- (b) F – F – F – V – V
- (c) V – F – V – F – V
- (d) V – V – V – F – F
- (e) V – F – V – F – F

359 Unifesp 2016 O mundo dessa pintura, como o dos sonhos, é ao mesmo tempo familiar e desconhecido: familiar, em razão do estilo minuciosamente realista, que permite ao espectador o reconhecimento de uma figura ou de um objeto pintados; desconhecido, por causa da estranheza dos contextos em que eles aparecem, como num sonho.

(Flora Bradley. Surrealismo, 2001. Adaptado.)

O comentário da historiadora de arte aplica-se à pintura reproduzida em:



360 Unifesp 2016 Uma análise mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos pre-existentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira. A originalidade estrutural deriva, deste modo, do fato de o livro não se basear na mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Esse processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos entrecchos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade.

(Gilda de Mello e Souza. *O tupi e o alaiúte*, 1979. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se ao livro

- (a) *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.
- (b) *Macunaima*, de Mário de Andrade.

- (c) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
 (d) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
 (e) *Iracema*, de José de Alencar.

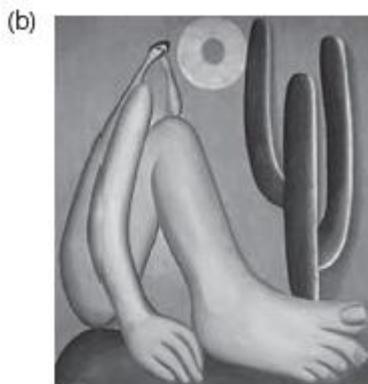
373 Unesp 2017 O quadro não se presta a uma leitura convencional, no sentido de esmiuçar os detalhes da composição em busca de nuances visuais. Na tela, há apenas formas brutas, essenciais, as quais remetem ao estado natural, primitivo. Os contornos inchados das plantas, os pés agigantados das figuras, o seio que atende ao inexorável apelo da gravidade: tudo é raiz. O embasamento que vem do fundo, do passado, daquilo que vegeta no substrato do ser. As cabecinhas, sem faces, servem apenas de contraponto. Estes não são seres pensantes, produtos da cultura e do refinamento. Tampouco são construídos; antes nascem, brotam como plantas, sorvendo a energia vital do sol de limão. À palheta nacionalista de verde planta, amarelo sol e azul e branco céu, a pintora acrescenta o ocre avermelhado de uma pele que mais parece argila. A mensagem é clara: essa é nossa essência brasileira – sol, terra, vegetação. É isto que somos, em cores vivas e sem a intervenção erudita das fórmulas pictóricas tradicionais.

(Rafael Cardoso. *A arte brasileira em 25 quadros*, 2008. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à seguinte obra de Tarsila do Amaral (1886-1973):



(*Antropofagia*, 1929.)



(*Abaporu*, 1928.)



(*A negra*, 1923.)



(*Sol poente*, 1929.)



(*São Paulo*, 1924.)

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 13

356. E
 357. F; F; F; V; V
 358. 07
 363. 20
 364. F; F; V; V; V
 365. 07
 362. E
 359. C
 360. B
 373. A

► A questão 376 toma por base uma passagem do romance regionalista *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do armo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar julzo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrendeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

376 Unesp 2011 Identifique, entre os quatro exemplos extraídos do texto, aqueles que se apresentam em discurso indireto livre:

- I. Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos.
 - II. – Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer.
 - III. Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!
 - IV. Não era preciso barulho não.
- (a) I e II. (d) I, II e III.
(b) II e III. (e) II, III e IV.
(c) III e IV.

► Instrução: A questão 377 toma por base o fragmento:

[Sem-Pernas] queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava "meu padrinho" e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto.

Jorge Amado. *Capitães da Areia*.

377 Unifesp 2011 Considere as afirmações seguintes.

- I. O fragmento do romance, ambientado na cidade de Salvador das primeiras décadas do século passado, aborda a vida de uma criança em situação de absoluta exclusão social e violência, o que destoa do projeto literário e ideológico dos escritores brasileiros que compõem a "Geração de 30".
- II. Valendo-se das conquistas do Modernismo, o romance apresenta linguagem fluente e acessível ao grande público, utilizando-se de um português coloquial, simples, próximo a um modo natural de falar, com o largo emprego da frase curta e econômica.
- III. Sem-Pernas é uma personagem que, embora encarne um tipo social claramente delimitado, o do menino "pobre, abandonado, aleijado e discriminado", adquire alguma profundidade psicológica, à medida que seu passado e suas experiências dolorosas vêm à tona.

Conforme o texto, está correto o que se afirma apenas em:

- (a) I. (c) III. (e) II e III.
(b) II. (d) I e II.

► Texto para a questão 378.

*Venturosa de sonhar-te,
à minha sombra me deito.
(Teu rosto, por toda parte,
mas, amor, só no meu peito!)*

*– Barqueiro, que céu tão leve!
Barqueiro, que mar parado!
Barqueiro, que enigma breve,
o sonho de ter amado!*

*Em barca de nuvens sigo:
e o que vou pagando ao vento
para levar-te comigo
é suspiro e pensamento.*

*– Barqueiro, que doce instante!
Barqueiro, que instante imenso,
não do amado nem do amante:
mas de amar o amor que penso!*

Cecília Meireles. *Cangões. Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972. p. 564.

378 Uesc 2011 A poesia de Cecília Meireles constitui "esboços de quadros metafísicos", o que pode ser comprovado no texto por meio:

- da exaltação do ente amado em sua plenitude de beleza.
- do sofrimento causado pelo distanciamento entre os amantes.
- da nostalgia de um tempo marcado pela experiência concreta do amor.
- de uma atitude reflexiva do sujeito poético a respeito do amor como ideia.
- de versos predominantemente descritivos de uma paisagem estática que reflete o íntimo do sujeito lírico.

► Texto para a questão 379.

Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se. Ia mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados.

Aí o bode se avizinhou e meteu o focinho na água. O menino despenhou-se da ribanceira, escanchou-se no espinhaço dele.

Mergulhou no pelame fofo, escorregou, tentou em vão segurar-se com os calcanhares, foi atirado para a frente, voltou, achou-se montado na garupa do animal, que saltava demais e provavelmente se distanciava do bebedouro. Inclinou-se para um lado, mas, fortemente sacudido, retomou a posição vertical, entrou a dançar desengonçado, as pernas abertas, os braços inúteis. Outra vez impelido para a frente, deu um salto mortal, passou por cima da cabeça do bode, aumentou o rasgão da camisa numa das pontas e estirou-se na areia. Ficou ali estatelado, quietinho, um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura.

[...]

Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doído, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas.

[...]

Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo. Com certeza Fabiano e sinha Vitória iam castigá-lo por causa do acidente. [...]

[...]

Retirou-se. A humilhação atenuou-se pouco a pouco e morreu. Precisava entrar em casa, jantar, dormir. E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.

Subiu a ladeira, chegou-se a casa devagar, entortando as pernas, banzeiro. Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria no lombo de um cavalo brabo e voaria na catinga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de pemeiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. O menino mais velho e Baleia ficariam admirados.

Graciliano Ramos. *Viúvas secas*. 74 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1998. pp. 51-53.

379 UFBA 2011 Sobre o fragmento, contextualizado na obra, é verdadeiro o que se afirma em:

- A narrativa apresenta uma linguagem de carga semântica negativa, ligada à agressividade e à violência praticadas entre as personagens.
- O projeto de autorrealização do menino ocorre no futuro, como compensação da frustração experimentada no presente.
- O menino apresenta um padrão de conduta que se assemelha ao de sinha Vitória, no que se refere às suas atitudes e ações.
- O menino da narrativa necessita de testemunhas, de público: ele quer comprovação de suas façanhas, de sua coragem.
- O sentido inusitado da situação mostrada no fragmento ocorre porque o animal percebe o insucesso da ação praticada pelo menino, enquanto o irmão zomba dele.
- O processo de aprendizagem da criança restringe-se à imitação de animais integrantes do cenário nordestino.

► Texto para a questão 380.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arremendeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do ¹branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como ²negro e nunca arranjar ³carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela.

Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O 4º amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatos de couro cru batendo no chão como cascos.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 58 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1986. pp. 92-94.

380 Ufsc 2011 Considerando a leitura do texto apresentado e do romance *Vidas secas*, bem como o contexto em que a obra foi produzida, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

- 01 Sinha Vitória era mais inteligente que Fabiano, mas enganava-se nas contas, por desconhecer o conceito de juros; assim, a cada vez que Fabiano acertava as contas com o patrão, este precisava explicar-lhe pacientemente porque os resultados diferiam.
- 02 Da mesma forma que José Lins do Rego, Jorge Amado e outros prosadores da segunda fase do Modernismo brasileiro, Graciliano Ramos faz, no romance, uma denúncia de desigualdade social.
- 04 O discurso indireto livre, utilizado no segundo e no quarto parágrafos do texto, visa mostrar ao leitor o que Fabiano pensa, mas que não chega a verbalizar, tal o seu temor pelo patrão.
- 08 Pela oposição entre os instrumentos auxiliares da matemática – o papel e as sementes – Graciliano deixa evidente que, apesar de o patrão e de Fabiano pertencerem a universos culturais diversos, constrói-se entre eles uma relação de igualdade de forças.
- 16 Entre o patrão e Fabiano, em vez de acordo profissional estabelecido em condições de equilíbrio de poder, parece existir uma relação de senhor e escravo, sugerida nos termos “branco”(ref. 1), “negro”(ref. 2), “carta de alforria”(ref. 3) e “amo”(ref. 4).
- 32 A expressão “baixou a pancada” sugere que Fabiano deseja agredir o patrão e o faz na imaginação, mas acaba descarregando sua agressividade contida na mulher, culpando-a pela divergência nas contas.
- 64 No parágrafo final, a imagem de Fabiano deixando a sala é de submissão completa, na qual transparece importante elemento do romance, a animalização, representada aqui pela comparação dos sapatos do vaqueiro a cascos.

► Texto para a questão 381.

[...] Uma tarde surpreendi no oitão da capela [...] Luís Padilha discursando para Marciano e Casimiro Lopes:

– Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros.

Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

– O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

– Qual dono! gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros.

[...] Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

[...] Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

Graciliano Ramos. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1984. pp. 59, 60, 101, 187.

381 UPE 2011 Considerando os fragmentos acima no contexto do romance, analise as afirmativas e conclua.

- () O romance trata dos grandes latifundiários, ou seja, donos de grandes extensões de terras que se enriquecem apropriando-se do trabalho de pessoas pertencentes às camadas mais pobres da sociedade, sem lhes pagarem o que merecem.
- () “[...] vida agreste” e “alma agreste”, a que Paulo Honório se refere, significa que ele tinha esses atributos por residir no Nordeste do país.
- () Paulo Honório conseguiu se apropriar da fazenda São Bernardo, da vida das pessoas que trabalhavam com ele, porém não conseguiu se apropriar da vida de Madalena, sua esposa.
- () A narrativa traz uma das características predominantes na escrita de Graciliano Ramos, que é a elaboração através de períodos breves, obtendo o máximo de efeito com o mínimo de recursos.
- () Paulo Honório, perseguido pelo remorso, utiliza-se da narrativa em terceira pessoa, para contar a sua própria história e, com isso, afastar seus fantasmas.

► Textos para a questão 382.

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta,
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José? [...]*

Carlos Drummond de Andrade. “José”.



Edvard Munch. *O grito*.

382 Ufac 2011 As duas obras de arte, o poema e a tela, embora pertençam, respectivamente, à Literatura e à Pintura, trazem à tona questionamentos semelhantes, como:

- I. A questão das emoções humanas mais profundas frente ao mundo.
- II. A possibilidade de a arte discutir o estar no mundo.
- III. A angústia como sentimento inerente ao ser humano.

Das afirmações anteriores:

- (a) somente a afirmação I está correta.
- (b) somente a afirmação II está correta.
- (c) somente a afirmação III está correta.
- (d) as afirmações I, II e III estão incorretas.
- (e) as afirmações I, II e III estão corretas.

383 Ufac 2011 Carlos Drummond de Andrade é um grande poeta da denominada Segunda Geração do Modernismo, cujas principais características são:

- I. grande preocupação com a renovação da linguagem.
- II. arte pela arte.
- III. produção com forte dimensão social.

Das afirmações anteriores:

- (a) somente a afirmação I está correta.
- (b) somente a afirmação II está correta
- (c) somente a afirmação III está correta
- (d) as afirmações I e III estão corretas.
- (e) as afirmações II e III estão corretas.

► Texto para a questão **384**.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disso.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 64 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 54. (Fragmento).

384 Ufac 2011 A partir da leitura do fragmento acima, e também com base em toda a obra *Vidas secas*, pode-se afirmar que:

- (a) as personagens adultas não são identificadas por nomes.
- (b) o papagaio atrapalhava a caminhada da família.
- (c) a família era composta por seis integrantes: quatro humanos, um papagaio e uma cachorra. Para não morrerem de fome, a família se alimenta do papagaio.
- (d) toda a família é identificada segundo uma classificação por espécie.
- (e) a família decidiu sacrificar o papagaio porque ele era o único identificado apenas pela espécie.

► Texto para a questão **385**.

Um grupo de cientistas da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, anunciou ter criado árvores artificiais que podem ajudar no combate ao aquecimento global, já que absorvem CO₂ da atmosfera quase mil vezes mais rapidamente do que árvores de verdade.

[...] Embora alguns ambientalistas critiquem os métodos de enterrar dióxido de carbono, Lackner afirma que o uso de suas árvores daria ao mundo tempo para encontrar alternativas melhores, como, por exemplo, o desenvolvimento de energias "limpas", que não produzem gases.

[...] De acordo com Klaus Lackner, cada uma dessas árvores artificiais poderia absorver uma tonelada de dióxido de carbono por dia, tirando da atmosfera CO₂ equivalente ao produzido por 20 carros.

[...] "O mundo produz cerca de 70 milhões de carros por ano, quer dizer, a produção de unidades neste patamar é certamente possível e também existe espaço suficiente no mundo para instalar as máquinas", disse [...]

"Cientistas criam árvore artificial contra aquecimento global". Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/07/090708arvoresinteticasebc.shtml>>.

385 Ufac 2011 Pela leitura dos fragmentos dessa reportagem, podemos depreender que o assunto nela tratado refere-se à relação homem e meio ambiente, fato que também faz parte de uma das seguintes obras da Literatura Brasileira:

- (a) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (b) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- (c) *Álbum de família*, de Nelson Rodrigues.
- (d) *José*, de Carlos Drummond de Andrade.
- (e) *Uma galinha*, de Clarice Lispector.

► Texto para a questão **386**.

*– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias [...]
[...]*

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta [...]*

Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/joacabraldemeloneto.html>>.

386 Ufac 2011 Tomando a leitura e a interpretação dos fragmentos anteriores, e também as características da poesia modernista da Geração de 45, da qual João Cabral de Melo Neto é um dos expoentes, podemos dizer que:

- I. a poesia de 45 caracteriza-se pela renovação estética.
- II. o poema "Morte e vida severina" desenvolve temas relacionados ao social, à moral e ao político.
- III. embora o poema "Morte e vida severina" seja um auto de Natal de tradição ibérica, a métrica de seus versos não segue o modelo da tradição.

Das afirmações acima:

- (a) somente a afirmação I está correta.
- (b) somente a afirmação II está correta.
- (c) estão corretas as afirmações II e III.
- (d) as afirmações I e II estão corretas.
- (e) somente a afirmação III está correta.

375 Fuvest 2012 Como não expressa visão populista nem elitista, o livro não idealiza os pobres e rústicos, isto é, não oculta o dano causado pela privação, nem os representa como seres desprovidos de vida interior; ao contrário, o livro trata de realçar, na mente dos desvalidos, o enlace estreito e dramático de limitação intelectual e esforço reflexivo.

Essas afirmações aplicam-se ao modo como, na obra:

- (a) *Auto da barca do inferno*, são representados os judeus, marginalizados na sociedade portuguesa medieval.
- (b) *Memórias de um sargento de milícias*, são figuradas Luisinha e as crias da casa de D. Maria.
- (c) *Dom Casmurro*, são figurados os escravos da casa de D. Glória.
- (d) *A cidade e as serras*, são representados os camponeses de Tormes.
- (e) *Vidas secas*, são figurados Fabiano, sinhá Vitória e os meninos.

► Texto para as questões **370** e **371**.

MORRO DA BABILÔNIA

*À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua geral).*

*Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.*

*Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.*

Carlos Drummond de Andrade. Sentimento do mundo.

370 Fuvest 2013 Leia as seguintes afirmações sobre o poema de Drummond, considerado no contexto do livro a que pertence.

- I. No conjunto formado pelos poemas do livro, a referência ao Morro da Babilônia – feita no título do texto – mais as menções ao Leblon e ao Méier, a Copacabana, a São Cristóvão e ao Mangue, – presentes em outros poemas –, sendo todas, ao mesmo tempo, espaciais e de classe, constituem uma espécie de discreta topografia social do Rio de Janeiro.
- II. Nesse poema, assim como ocorre em outros textos do livro, a atenção à vida presente abre-se também para a dimensão do passado, seja ele dado no registro da história ou da memória.
- III. A menção ao "cavaquinho bem afinado", ao cabo do poema, revela ter sido nesse livro que o poeta finalmente assumiu as canções da música popular brasileira como o modelo definitivo de sua lírica, superando, assim, seu antigo vínculo com a poesia de matriz culta ou erudita.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

371 Fuvest 2013 Guardadas as diferenças que separam as obras a seguir comparadas, as tensões a que remete o poema de Drummond derivam de um conflito de:

- (a) caráter racial, assim como sucede em *A cidade e as serras*.
- (b) grupos linguísticos rivais, de modo semelhante ao que ocorre em *Viagens na minha terra*.
- (c) fundo religioso e doutrinário, como o que agita o enredo de *Til*.
- (d) classes sociais, tal como ocorre em *Capitães da areia*.
- (e) interesses entre agregados e proprietários, como o que tensiona as *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

372 UFPE 2013 Em 2012, Jorge Amado completaria 100 anos de vida. Seus romances podem ser divididos em três vertentes temáticas particulares: os romances proletários; os do ciclo do cacau e as narrativas de crônicas de costumes da Bahia. *Gabriela Cravo e Canela* foi a primeira obra dessa última vertente. Alcançou grande sucesso de público quando, em 1975, foi transformada em telenovela. Leia os dois textos abaixo e responda às alternativas seguintes, referentes à literatura de Jorge Amado.

TEXTO 1

Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facão, na mata virgem. Como se não existissem as pedras, os tocos, os cipós emaranhados. A poeira dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulava. Parecia uma demente perdida nos caminhos. Mas Clemente sabia como ela era deveras e o sabia em cada partícula de seu ser, na ponta dos dedos e na pele do peito. Quando os dois grupos se encontraram, no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas era ainda visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba.

Jorge Amado.

TEXTO 2

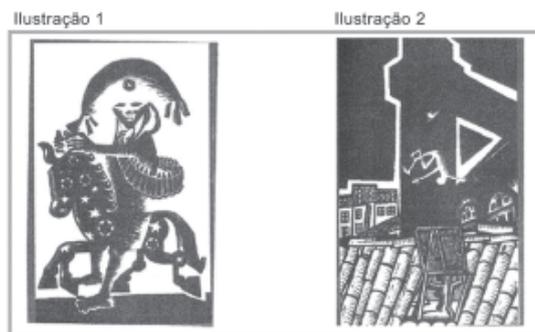
MODINHA PARA GABRIELA

Quando eu vim para esse mundo,
Eu não atinava em nada
Hoje eu sou Gabriela
Gabriela, eh... Meus camarada!
Eu nasci assim, eu cresci assim,
E sou mesmo assim, vou ser sempre assim:
Gabriela, sempre Gabriela!
Quem me batizou, quem me nomeou,
Pouco me importou, é assim que eu sou
Gabriela, sempre Gabriela!
[...]
Eu sou sempre igual não desejo o mal
Amo o natural, etc e tal.
Gabriela, sempre Gabriela!

Dorival Caymmi.

- () No texto de Jorge Amado, em meio à miséria da seca na Bahia, avulta Gabriela, personagem cuja pureza e ingenuidade se mesclavam à sensualidade da mulher brasileira, flagrada pelo olhar de Clemente.
- () Gabriela Cravo e Canela inaugura uma fase da produção literária de Jorge Amado, na qual se inserem também romances como Capitães de Areia e Seara Vermelha.
- () A canção de Caymmi expressa uma sensível leitura do romance de Jorge Amado pelo compositor baiano, em que a personagem que dá título à obra é uma mulher amarga e endurecida pela miséria.
- () A mulher, na figura de Gabriela, é focada por um discurso masculino do narrador do romance, que realça a sensualidade feminina, reforçando a representação da mulher como objeto exótico, que aguça a cobiça masculina.
- () Além de oferecer uma interpretação particular da realidade nacional, o romance de Jorge Amado em foco apresenta uma linguagem original, inventada, repleta de neologismos e arcaísmos.

373 UFRN 2013 Observe as ilustrações abaixo, de autoria do artista plástico Poty, que acompanha algumas edições de Capitães da areia.



Jorge Amado. Capitães da areia. Rio de Janeiro: Record, s.d. p. 61 e 237.

As ilustrações 1 e 2 representam, respectivamente, o desfecho das personagens .

- (a) Volta Seca, que termina por integrar um bando de cangaceiros, e Sem-Pernas, que se suicida numa perseguição policial.
- (b) Querido-de-Deus, que ingressa numa companhia de teatro regional, e Professor, que se transforma no principal mestre de capoeira de Salvador.
- (c) Gato, que vai para Ilhéus se juntar ao grupo de Lampião, e João Grande, que passa a ser considerado o ladrão mais perigoso de Salvador.
- (d) Boa-Vida, que, como pintor, passa a retratar as figuras do Nordeste, e Raimundo, que foi morto numa briga em meio à greve dos doqueiros.

374 UFRN 2013 Leia o fragmento de texto, "O gosto amargo da vida" retirado da obra O Quinze de Rachel de Queiroz.

"Eram duas da tarde"

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

– Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

[...]

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turvou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhes das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

Lentamente, o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho costeando a margem da caatinga.

[...]

367 Fuvest 2014 Em consonância com uma das linhas temáticas principais de **Sentimento do mundo**, o vivo interesse que, no poema, o eu lírico manifesta pela paisagem contemplada prende-se, sobretudo, ao fato de o subúrbio ser

- (a) bucólico.
- (b) popular.
- (c) interiorano.
- (d) saudosista.
- (e) familiar.

368 Fuvest 2014 No poema de Drummond, a presença dos motivos da velocidade, da mecanização, da eletricidade e da metrópole configura-se como

- (a) uma adesão do poeta ao mito do progresso, que atravessa as letras e as artes desde o surgimento da modernidade.
- (b) manifestação do entusiasmo do poeta moderno pela industrialização por que, na época, passava o Brasil.
- (c) marca da influência da estética futurista da Antropofagia na literatura brasileira do período posterior a 1940.
- (d) uma incorporação, sob nova inflexão política e ideológica, de temas característicos das vanguardas que influenciaram o Modernismo antecedente.
- (e) uma crítica do poeta pós-modernista às alterações causadas, na percepção humana, pelo avanço indiscriminado da técnica na vida cotidiana.

369 Fuvest 2014 Segundo o crítico e historiador da literatura Antonio Candido de Mello e Souza, justamente na década que presumivelmente corresponde ao período de elaboração do livro a que pertence o poema, o modo de se conceber o Brasil havia sofrido "alteração marcada de perspectivas".

A leitura do poema de Drummond permite concluir corretamente que, nele, o Brasil não mais era visto como país

- (a) agrícola (fornecedor de matéria-prima), mas como industrial (produtor de manufaturados).
- (b) arcaico (retardatário social e economicamente) mas, sim, percebido como moderno (equiparado aos países mais avançados).
- (c) provinciano (caipira, localista) mas, sim, cosmopolita (aberto aos intercâmbios globais).
- (d) novo (em potência, por realizar-se), mas como subdesenvolvido (marcado por pobreza e atrofia).
- (e) rural (sobretudo camponês), mas como suburbano (ainda desprovido de processos de urbanização).

359 Fuvest 2015 Os seguintes aspectos compositivos considerados pelo narrador do excerto: concentração e economia de meios expressivos, orientação realista e analítica, previsão do papel do leitor na construção do sentido do texto, suprimindo o que, neste, é implícito ou lacunar, podem também caracterizar, principalmente, a obra

- (a) *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett.
- (b) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- (c) *Til*, de José de Alencar.
- (d) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (e) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

► Texto para as questões **360 e 361**.

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega designios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.

360 Fuvest 2015 Atente para as seguintes afirmações relativas ao texto de Drummond, considerado no contexto da obra a que pertence:

- I. A referência inicial aos modos de se representar o operário sugere uma crítica do poeta aos estereótipos presentes na literatura da época em que o texto foi escrito.
- II. O alcance simbólico da figura do operário depende, inclusive, do fato de que, no texto, ele é constituído por tensões que o fazem, ao mesmo tempo, comum e extraordinário, familiar e enigmático, próximo e longínquo etc.
- III. A imagem do operário que anda sobre o mar pode simbolizar a criação prodigiosa de um mundo novo – a "vida futura" –, igualmente anunciado em símbolos como o das "mãos dadas", o da "aurora", o do "sangue redentor", também presentes no livro.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

361 Fuvest 2015 Embora o texto de Drummond e o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, assemelhem-se na sua especial atenção às classes populares, um trecho do texto que **NÃO** poderia, sem perda de coerência formal e ideológica, ser enunciado pelo narrador do livro de Jorge Amado é, sobretudo, o que está em:

- (a) "Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa."
- (b) "Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros (...)."
- (c) "Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando."
- (d) "Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca."
- (e) "Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos."

► Para as questões **362** e **363**, considere o fragmento abaixo, extraído de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

O pequeno sentou-se, acomodou-se nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 57.

362 Unicamp 2015 Uma definição possível de alteridade é "a capacidade de se colocar no lugar do outro". No excerto, o menino mais velho, após ter recebido um cocorote de sinhá Vitória, ao lhe ter feito uma pergunta sobre a palavra "inferno", conta uma história para Baleia. Da leitura desse trecho, podemos concluir que

- (a) o narrador tem êxito na construção da alteridade, ao se colocar no lugar do menino e de Baleia e permitir a relação entre essas duas personagens.
- (b) o vocabulário minguado do menino mais velho o impede de se relacionar com Baleia, o que demonstra que, sem linguagem, não há alteridade entre o homem e o mundo.
- (c) o vocabulário minguado é próprio da infância e não resulta das condições sociais e materiais adversas das personagens.
- (d) a resposta de Baleia reduz o menino mais velho à condição de bicho, privando-o dos atributos necessários para se tornar homem.

363 Unicamp 2015 No romance *Vidas secas*, a alteridade é construída ficcionalmente. Isso porque o narrador

- (a) impõe seu ponto de vista sobre a miséria social das personagens, desconsiderando a luta dessas personagens por uma vida mais digna.
- (b) permite conhecer o ponto de vista de cada uma das personagens e manifesta um juízo crítico sobre o drama da miséria social e econômica.
- (c) relativiza o universo social das personagens, uma vez que elas estão privadas da capacidade de comunicação.
- (d) analisa os dilemas de todas as personagens e propõe, ao final da narrativa, uma solução para o drama da miséria social e econômica.

► Para as questões **364** e **365**, considere os versos abaixo dos poemas "Sentimento do mundo" e "Noturno à janela do apartamento", de Carlos Drummond de Andrade, ambos publicados no livro *Sentimento do mundo*.

*esse amanhecer
mais noite que a noite.*

Carlos Drummond de Andrade. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.12.

*Silencioso cubo de treva:
um salto, e seria a morte.
Mas é apenas, sob o vento,
a integração na noite.*

*Nenhum pensamento de infância,
nem saudade nem vão propósito.
Somente a contemplação
de um mundo enorme e parado.*

*A soma da vida é nula.
Mas a vida tem tal poder:
na escuridão absoluta,
como líquido, circula.*

*Suicídio, riqueza, ciência...
A alma severa se interroga
e logo se cala. E não sabe
se é noite, mar ou distância.*

Triste farol da Ilha Rasa.

Idem, p. 71.

364 Unicamp 2015 Considerando a obra *Sentimento do mundo* em seu conjunto e tendo em vista que os primeiros versos transcritos pertencem ao poema que abre e dá título ao livro de Drummond, e que o segundo poema, citado integralmente, corresponde ao fechamento do volume, é correto afirmar que

- (a) a oposição de base dos poemas reside nas imagens contrapostas de luz e trevas, manifestando o tema do pessimismo acerca da condição humana.
- (b) o percurso figurativo dos poemas é marcado apenas pelas imagens da noite, associadas às ideias de negatividade e de esperança para a humanidade.
- (c) a unidade de sentido do conjunto dos textos poéticos reside na clássica oposição entre luz e trevas, sendo que o percurso figurativo manifesta o tema da maldade.
- (d) as imagens de luz e trevas significam a luta eterna entre o bem e o mal, o que se confirma no verso "Suicídio, riqueza, ciência", que sugere o impasse do eu lírico.

365 Unicamp 2015 A visão de mundo do eu lírico em Drummond é marcada pela ironia e pela dúvida constante, cujo saldo final é negativo e melancólico ("Triste farol da Ilha Rasa"). Tal perspectiva assemelha-se à do

- (a) personagem Leonardo, do romance *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) personagem Carlos, da obra *Viagens na minha terra*.
- (c) narrador do romance *O cortiço*.
- (d) narrador do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- 369 Fuvest 2016** Apesar das diferenças notáveis que existem entre estas obras, um aspecto comum ao texto de **Capitães da Areia**, considerado no contexto do livro, e **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, é
- a consideração conjunta e integrada de questões culturais e conflitos de classe.
 - a reprodução fiel da variante oral-popular da linguagem, como recurso principal na caracterização das personagens.
 - o engajamento nas correntes literárias nacionalistas, que rejeitavam a opção por temas regionais.
 - o emprego do discurso doutrinário, de caráter panfletário e didatizante, próprio do "realismo socialista".
 - o tratamento enfático e conjugado da mestiçagem racial e da desigualdade social.

► Texto para as questões de 370 e 371

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
Esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.

- 370 Fuvest 2016** Tendo em vista que o poema de Drummond contém referências a aspectos geográficos e históricos determinados, considere as seguintes afirmações:
- O poeta é "de ferro" na medida em que é nativo de região caracterizada pela existência de importantes jazidas de minério de ferro, intensamente exploradas.
 - O poeta revela conceber sua identidade como tributária não só de uma geografia, mas também de uma história, que é, igualmente, a da linhagem familiar a que pertence.
 - A ausência de mulheres de que fala o poeta refere-se à ampla predominância de população masculina, na zona de mineração intensiva de que ele é originário.

Está correto o que se afirma em

- I, somente.
- III, somente.
- I e II, somente.
- II e III, somente.
- I, II e III.

- 371 Fuvest 2016** No texto de Drummond, o eu lírico
- considera sua origem itabirana como causadora de deficiências que ele almeja superar.
 - revela-se incapaz de efetivamente comunicar-se, dado o caráter férreo de sua gente.
 - ironiza a si mesmo e satiriza a rusticidade de seu passado semirural mineiro.
 - dirige-se diretamente ao leitor, tornando assim patente o caráter confidencial do poema.
 - critica, em chave modernista, o bucolismo da poesia árcade mineira.

372 Unicamp 2016

MORRO DA BABILÔNIA

*À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua
Geral).*

*Quando houve revolução, os soldados
espalharam no morro,
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.*

*Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.19.)

- No poema "Morro da Babilônia", de Carlos Drummond de Andrade,
- a menção à cidade do Rio de Janeiro é feita de modo indireto, metonimicamente, pela referência ao Morro da Babilônia.
 - o sentimento do mundo é representado pela percepção particular sobre a cidade do Rio de Janeiro, aludida pela metáfora do Morro da Babilônia.
 - o tratamento dado ao Morro da Babilônia assemelha-se ao que é dado a uma pessoa, o que caracteriza a figura de estilo denominada paronomásia.
 - a referência ao Morro da Babilônia produz, no percurso figurativo do poema, um oxímoro: a relação entre terror e gentileza no espaço urbano.

384 Fuvest 2017 Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arrelia. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

— Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Tendo em vista as causas que a provocam, a revolta que vem à consciência de Fabiano, apresentada no texto como ainda contida e genérica, encontrará foco e uma expressão coletiva militante e organizada, em época posterior à publicação de *Vidas secas*, no movimento

- (a) carismático de Juazeiro do Norte, orientado pelo Padre Cícero Romão Batista.
- (b) das Ligas Camponesas, sob a liderança de Francisco Julião.
- (c) do Cangaço, quando chefiado por Virgulino Ferreira da Silva (Lampião).
- (d) messiânico de Canudos, conduzido por Antônio Conselheiro.
- (e) da Coluna Prestes, encabeçado por Luís Carlos Prestes.

► Considere as imagens e o texto para responder às questões 385 e 386.



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / SÃO FRANCISCO DE ASSIS*

*Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.*

*Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.*

*Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Pressente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.*

*Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?*

*Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.*

Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade

*O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de *Como enigma*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

385 Fuvest 2017 Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- (a) I, apenas. (c) II e III, apenas. (e) I, II e III.
(b) II, apenas. (d) I e III, apenas.

386 Fuvest 2017 Um aspecto do poema em que se manifesta a persistência de um valor afirmado também no Modernismo da década de 1920 é o

- (a) destaque dado às características regionais.
(b) uso da variante oral-popular da linguagem.

*Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?*

Essa negra Fulô!

Jorge de Lima, *Poesias Completas*, v.1. Rio de Janeiro/Brasília: J.Aguilar e INL, 1974, p. 121.

*A Sinhá mandou arrebentar-lhe os dentes:
Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga,
avança na branca e me vinga.*

*Exu escangalha ela, amofina ela,
amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,
sou só uma mulher perdida neste mundão.
Neste mundão.*

Louvado seja Oxalá.

Para sempre seja louvado.

Idem, p. 164.

Essas duas cenas de ciúmes concluem dois textos diferentes de Jorge de Lima. A primeira pertence ao conhecido poema modernista "Essa negra Fulô"; a segunda, ao poema "História", de *Poemas Negros* (1947). Em relação a "Essa negra Fulô", o poema "História", especificamente, representa

- (a) a reiteração da denúncia das relações de poder, muito arraigadas no sistema escravocrata, que colocam no mesmo plano violências raciais e sexuais.
(b) a passagem de uma caracterização da mulher negra como sedutora para uma postura solidária em relação à escrava, que explicita as estratégias compensatórias de que se vale para sobreviver.
(c) a permanência de uma visão pitoresca sobre a situação da mulher negra nos engenhos de açúcar, que oculta os mecanismos de poder que garantiam sua exploração.
(d) a superação da visão idílica da vida na senzala, graças a uma postura realista e social, que revela a violência das relações entre senhores e escravos

- (c) elogio do sincretismo religioso.
(d) interesse pelo passado da arte no Brasil.
(e) delineamento do poema em feitiço de oração.

387 Unicamp 2017

*O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro d'ele pulou
nuinha a negra Fulô.*

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

Cadê, cadê teu Sinhô

que Nosso Senhor me mandou?

388 Unicamp 2017 São Francisco botava o dedo nas feridas dos leprosos. Mas é que ele era um santo, fazia milagres, e ela é simplesmente Doralice Leitão Leiria, um ser humano como qualquer outro.

Erico Veríssimo, *Caminhos cruzados*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, p. 77.

*– Queres seguir a política? Então? Procura imitar Bismarck!
Haverá padrão melhor?*

Idem, p. 290.

Os fragmentos acima captam um dos traços principais de *Caminhos cruzados* no que diz respeito à identidade narrativa das personagens.

Considerando o conjunto do romance, tal traço consiste em uma

- (a) percepção de que a necessidade de *status* na vida social e a produção de desejos políticos e religiosos nascem da cópia de um modelo consagrado.
(b) afirmação, por meio do narrador, da necessidade de protagonistas bem construídos para o êxito da narrativa ficcional.
(c) recusa dos modelos bem sucedidos na vida social, pois eles constroem a imaginação artística e moral dos romancistas.
(d) representação literária da condição humana, que não necessita de figuras imaginárias para atribuir sentido à vida religiosa e política.

389 Unifesp 2017 Nesta obra, o autor optou por uma situação narrativa que se define pelo movimento de aproximação e distanciamento da substância sensível da realidade retratada, como forma de solidarizar-se com seus personagens e, ao mesmo tempo, sustentar uma posição crítica rigorosa ante a “desgraça irremediável que os açoita”. Relativiza, assim, a onisciência da terceira pessoa e reconstitui, pela via literária, o hiato entre seu saber de intelectual e a indigência dos retirantes – alteridade que buscou compreender pelo exercício artístico da palavra enxuta e medida. Com a cautela de quem não se permite explicitar significados ou avançar conclusões, o narrador condiciona a narração à expectativa dos personagens, através do uso intensivo do discurso indireto livre, que dá forma à sondagem interior pretendida e singulariza os destinos representados.

Wander Melo Miranda. “Texto introdutório”. In: Silvano Santiago (Org). *Interpretes do Brasil*, v.2, 2000. Adaptado.

Tal comentário aplica-se à obra

- (a) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.
- (b) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- (c) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- (d) *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.
- (e) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

► Para responder às questões de **390 a 392**, leia o poema “Dissolução”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que integra o livro *Claro enigma*, publicado originalmente em 1951.

*Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve¹ ao dia findar,
aceito a noite.*

*E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.*

*Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habitó alguma?*

*E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pouso no ar. Hesitando.*

*E aquele agressivo espírito
que o dia carrega² consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.*

*Vai durar mil anos, ou
extingui-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.*

*Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.*

Claro enigma, 2012.

1 a prazer: causar ou sentir prazer; contentar(-se).
2 carrear: carregar.

390 Unifesp 2017 Constituem termos que reforçam o tom pessimista do poema:

- (a) “noite”, “vazio” e “fim”.
- (b) “dia”, “pele” e “cor”.
- (c) “coisas”, “vácuo” e “imaginação”.
- (d) “lâmpada”, “céu” e “escuridão”.
- (e) “ordem”, “povoações” e “espírito”.

391 Unifesp 2017

Veja também em:

Interpretação de texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 13

Personificação: recurso expressivo que consiste em atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou abstrato.

Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa. Disponível em: <www.infopedia.pt>. Adaptado.

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- (a) “Vazio de quanto amávamos,” (3ª estrofe)
- (b) “E nem destaco minha pele” (4ª estrofe)
- (c) “Esta rosa é definitiva,” (6ª estrofe)
- (d) “Pois que aprouve ao dia findar,” (1ª estrofe)
- (e) “No mundo, perene trânsito,” (7ª estrofe)

392 Unifesp 2017

Veja também em:

Interpretação de texto • Livro Único • Frente Única • Capítulo 11

O pronome “te”, empregado no segundo verso da última estrofe, refere-se a

- (a) “imaginação”.
- (b) “palavra”.
- (c) “rosa”.
- (d) “mundo”.
- (e) “corpo”.

LIVRO 4**GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 14**

376. C
377. E
378. D
379. 26
380. 82
381. V; F; V; V; F
382. E
383. D
384. C (Ufac 2011)
385. A (Ufac 2011)
386. D (Ufac 2011)
375. E
370. B (Fuvest 2013)
371. D (Fuvest 2013)
372. V; F; F; V; F (UFPE 2013)
373. A
374. E
366. B
367. B
368. D
369. D
359. D
360. E
361. D
362. A
363. B
364. A
365. D
369. A (Fuvest 2016)
370. C (Fuvest 2016)
371. D (Fuvest 2016)
372. A (Unicamp 2016)
384. B (Fuvest 2017)
385. E (Fuvest 2017)
386. D (Fuvest 2017)
387. B (Unicamp 2017)
388. A (Unicamp 2017)
389. C (Unicamp 2017)
390. A
391. D

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 402.

*Crescia naturalmente
Fazendo estripulia,
Malino e muito arguto,
Gostava de zombaria.
A cabeça duma escrava
Quase arrebentei um dia.*

LIVRO 4 - Questões objetivas**PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 15**

401 Fuvest 2011 Neste poema:

- (a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
- (b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
- (c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
- (d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
- (e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

► Texto para a questão 403.

*Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade,
para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do
peru. ¹ Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele
doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no,
também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais
cansado. ² Mal podia com o que agora lhe mostravam, na ³ circuntristeza:
o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os cami-
nhões de cascalho, as ⁵ vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas,
o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento
morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiqa, de impedida*

*E tudo isso porque
Um doce me havia negado,
De cinza no tacho cheio
Inda joguei um punhado,
Daí porque a alcunha
De "Menino Endiabrado".*

*Prudência era um menino
Da casa, que agora fala.
Botava suas mãos no chão
Pra poder depois montá-lo:
Com um chicote na mão
Fazia dele um cavalo.*

Vaimesi Nascimento. Memórias póstumas de Brás Cubas em coadela.

*Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerta-
mento – o inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas.*

402 Unifesp 2011 Considere as seguintes afirmações:

- I. Os versos do poema possuem sete sílabas poéticas.
- II. O poema é composto de três sextilhas.
- III. As três estrofes obedecem ao esquema de rimas ABCBDB.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) I e II, apenas.
- (e) I, II e III.

Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos – da parte de nada.

Guardou dentro da pedra.

João Guimarães Rosa. *Primeiras histórias*. 49. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. pp. 52-53.

403 Ufsc 2011 O trecho anterior foi retirado do conto "As margens da alegria". Com base na leitura do texto e do livro *Primeiras histórias*, assim como em dados a respeito do estilo individual do autor e da época em que a obra foi produzida, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

- 01 No trecho apresentado, o menino acaba de saber que haviam matado o peru, e isso tem sobre ele o efeito de uma dolorosa surpresa, pois o faz tomar consciência de que a morte existe.
- 02 No período "Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano" (ref. 1), ocorre aliteração, recurso estilístico fartamente empregado por Guimarães Rosa na obra e que ajuda a conferir ritmo ao texto.
- 04 No trecho da referência dois, Guimarães Rosa faz uma descrição bastante objetiva do ambiente, cujo tom geral contrasta com o estado de espírito em que se encontra o menino.
- 08 A queda da árvore, derrubada pelo trator, constitui para o menino uma segunda experiência de morte, a que ele assiste com frieza, impassível como uma pedra.
- 16 Seguindo os princípios estéticos do Regionalismo, Guimarães Rosa mobiliza nos contos de *Primeiras histórias* um narrador com uma linguagem próxima à fala culta urbana, geograficamente neutra. Os termos regionais e outras inovações linguísticas são reservados às falas das personagens.

- 32 Entre os variadíssimos recursos linguísticos de que Guimarães Rosa se vale estão os neologismos (como circuntristeza, ref. 3), as onomatopeias (como ruh, ref. 4) e o uso inusitado de adjetivos (como em vagas árvores, ref. 5).

404 UPE 2011

MORTE E VIDA SEVERINA

*– Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*

João Cabral de Melo Neto. *Morte e vida Severina: e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 109.

*Emigração e as consequências
A fome é o maior martírio
Que pode haver neste mundo,
Ela provoca delírio*

*E sofrimento profundo
Tira o prazer e a razão
Quem quiser ver a feição
Da cara da mãe da peste,
Na pobreza permaneça,
Seja agregado e padeça
Uma seca no Nordeste*

Patativa do Assaré. *Patativa do Assaré uma voz do Nordeste*. Introd. e seleção Sylvie Debs. São Paulo: Hedra, 2000. p. 93.

ABC DO NORDESTE FLAGELADO

*N – Naquele duro transporte
Sai aquela pobre gente
Aguentando paciente
O rigor da triste sorte
Levando a saudade forte
De seu povo e seu lugar
Sem nem um outro falar
Vão pensando em sua vida
Deixando a terra querida
Para nunca mais voltar*

Patativa do Assaré. *Patativa do Assaré uma voz do Nordeste*. Introd. e seleção Sylvie Debs. São Paulo: Hedra, 2000. p. 125.

Considerando os excertos anteriores no contexto dos poemas a que pertencem, analise as afirmativas a seguir e conclua.

- () O significado do adjetivo "severina", que, no primeiro excerto, é utilizado para nomear uma espécie de "sobrevida", caracterizada pela pobreza e pela degradação, também permeia o segundo e o terceiro excertos.
- () O último excerto trata de pessoas que abandonam sua terra e renegam a sua cultura por vergonha da situação vivida.
- () A inversão da frase "vida e morte" no título do poema ao qual pertence o primeiro excerto, comumente usada pelos falantes de língua portuguesa, sugere que, para os retirantes da seca, a morte sobrepuja a vida.

- () Na construção dos três excertos, os poetas recorrem à mesma figura de construção que é a anáfora.
- () Os três excertos pertencem a poemas cuja forma adotada em sua construção é o soneto.

405 UPE 2011 [...] *Agente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora – o xixixi e o empapar-se da paisagem – as pestanas til-til.*

João Guimarães Rosa. "Partida do audaz navegante". *Primeiras estórias*.

Brejeirinha é a personagem principal de "Partida do audaz navegante", conto de Guimarães Rosa. Sobre essa personagem, analise as proposições e conclua.

- () Brejeirinha constrói, ao longo do conto, a narrativa que dá origem ao título.
- () Brejeirinha não é uma narradora dentro da narrativa, mas, apenas, uma personagem.
- () A descrição que o narrador faz da personagem demonstra suas características infantis e a ternura que ele – o narrador – sente por ela.
- () O seu nome – Brejeirinha – e a palavra "andorinhava", neologismo criado pelo autor, para lhe atribuir as características das ações de uma ave, no sentido de demonstrar que, apesar de ser tão pequena, era rápida e dinâmica, remete, também, à esperteza da personagem.
- () Não é Brejeirinha quem conta história dentro da narrativa, mas, sim, suas irmãs: Pele e Ciganinha.

406 ITA 2011 Considere o poema a seguir.

A CANTIGA

*"Ai cigana, ciganinha,
ciganinha, meu amor".
Quando escutei essa cantiga
era hora do almoço, há muitos anos.
A voz da mulher cantando vinha de uma cozinha,
ai ciganinha, a voz de bambu rachado
continua tinindo, esganiçada, linda,
viaja pra dentro de mim, o meu ouvido cada vez melhor.
Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,
canta mais, canta que eu acho minha mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando boia da panela,
canta que eu acho minha vida.*

Adélia Prado. *Bogagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Acerca desse poema, é incorreto afirmar que:

- (a) a poeta tem consciência de que seu passado é irremediavelmente perdido.
- (b) existe um tom nostálgico, é um saudosismo de raiz romântica.
- (c) cantiga faz com que a poeta reviva uma série de lembranças afetivas.
- (d) predomina o tom confessional e o caráter autobiográfico.
- (e) valoriza os elementos da cultura popular, também uma herança romântica.

398 UFPE 2012 A Semana de Arte Moderna deu início a uma revolução nas artes no Brasil, incluindo a literatura. A partir de então, adotamos os preceitos de vanguarda através de várias correntes que modificaram definitivamente a linguagem literária no nosso país. Considerando esse contexto histórico, analise os itens a seguir.

- () No Modernismo, várias vanguardas se constituíram com ou-sadias formais e temáticas. Na ficção literária, essas tendências exerceram influência, por exemplo, por meio da liberdade de expressão, da incorporação do cotidiano, da linguagem coloquial, da ambiguidade, da paródia, das inovações técnicas, como a escrita automática e o fluxo da consciência.
- () Na primeira fase do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade foi muito versátil, interessando-se por tudo que dissesse respeito ao Brasil. *Macunaima, o herói sem nenhum caráter*, apela para o suporte mitológico da lenda indígena, transfigurada pelo escritor. No entanto, falha no propósito de identificar o herói com o povo brasileiro.
- () Tendo pertencido à geração de 30, Carlos Drummond de Andrade é considerado nosso poeta maior. De linguagem seca e simples, no início chocou o público leitor com seu poema inusitado e sem sentimentalismo, "No Meio do Caminho", onde o anedótico mascara uma reflexão existencial.
- () O romance regionalista de 30 foi muito influenciado pelo "Manifesto Regionalista" de Gilberto Freyre, lançado em 1926, e tinha como principal característica expressar os valores regionais numa linguagem fora dos padrões, no que dava continuidade à vertente aberta por Oswald de Andrade em sua obra romanesca.
- () João Guimarães Rosa e Clarice Lispector foram duas grandes figuras da terceira fase do Modernismo brasileiro. A primeira fazia, em sua prosa, uma espécie de "recriação linguística", para expressar sua leitura mística do sertão. A segunda, por sua vez, introduziu nas letras brasileiras uma prosa de sondagem interior, valendo-se, para tanto, do fluxo da consciência e de metáforas insólitas.

399 UFPE 2012 Os textos a seguir são de escritoras de diferentes épocas e estilos, sendo o primeiro deles um artigo de jornal. Observe as semelhanças e diferenças entre os três, analisando as afirmações que vêm logo após.

TEXTO 1

Não adianta desenhar o meu rosto; ele se mostra diferente a cada dia. O espelho não reproduz o que sinto, mas o que parece que sinto. Driblo a figuração do que é projetado: ora de um jeito; ora de outro. Dessemelhante ao que sou. O tempo interfere na exterioridade. Mas não só; o essencial é interior e nem sempre muda na mesma equivalência epidérmica. A depender do dia, sou uma; a depender da noite, sou outra. Impossível identificar a cronologia da identidade. Não receio as rugas. Receio o que elas podem significar na aparência. Há traços ocultos em um rosto visto a olho nu! Por trás do que se capta, habitam os segredos de cada um. E, de repente, o perfil se perde, as linhas se confundem no emaranhado de "eus". O rosto se multiplica em diversas feições.

Fátima Quintas. "Qual o rosto de hoje?". *Jornal do Commercio/Recife*.

TEXTO 2

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

[...]

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles, "Retrato". In: *Poesia Completa*.

TEXTO 3

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. [...] No fundo, Ana sempre tivera a necessidade de sentir a raiz firme das coisas. [...] Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides da casa lhe haviam transmitido. Sala para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na.

Clarice Lispector "Amor". In: *Laços de Família*.

- () Não são percebidas tendências literárias fortemente marcadas em nenhum deles, apenas estilos e escolhas diferentes. Os textos 1 e 2 estão na primeira pessoa, sendo bastante subjetivos; enquanto o 3 tem narrador onisciente, com voz na terceira pessoa.
- () Pertencendo a gêneros diferentes, respectivamente, (1) jornalístico, (2) poema e (3) conto, os textos têm abordagens particulares do universo feminino. O texto da jornalista aborda o mesmo tema do texto da poetisa: a mutação da própria imagem no espelho.
- () Os versos de Cecília Meireles expressam um tom melancólico, ampliado pela dor da passagem do tempo, que elimina as ilusões, a memória, e modifica a própria imagem do sujeito refletido no espelho. O texto de Fátima Quintas tem um tom descontraído e despreocupado, centrado no hoje.
- () O texto 3 flagra um confronto entre a realidade íntima da personagem e a realidade circundante. De acordo com o trecho, Ana tinha uma vida emocional cotidianamente abafada pelos afazeres de esposa, mãe e dona de casa que era.
- () Clarice Lispector e Cecília Meireles foram contemporâneas, mas seguiram caminhos diversos na literatura. Enquanto grande parte da poesia de Cecília Meireles foi marcada por um Neosimbolismo, a prosa intimista de Clarice Lispector foi vanguardista, transgredindo, muitas vezes, o sentido convencional do gênero narrativo.

► Textos para a questão 400.

TEXTO I
ADORMECIDA

*Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.
'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.*

*De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos – beijá-la.*

*Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...*

*Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!*

*E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...*

*Eu, fitando a cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
'Ó flor! – tu és a virgem das campinas!
'Virgem! – tu és a flor da minha vida!..'*

Castro Alves. *Espumas flutuantes*. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. pp. 124-125.

TEXTO II

*o amor, esse sufoco
agora há pouco era muito,
agora, apenas um sopro
ah, troço de louco,*

*corações trocando rosas,
e socos.*

Paulo Leminski. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 1996. p.119.

400 UFF 2012 Os poemas de Castro Alves e Paulo Leminski exemplificam diferenças entre as estéticas romântica e contemporânea. Nas alternativas a seguir, apresentam-se oposições, em que a primeira afirmativa se refere ao Texto I e a segunda ao Texto II. Assinale a única alternativa inteiramente correta.

- (a) Presença de pontuação excessiva e inadequada./Presença de contenção verbal.
- (b) Emprego de adjetivação abundante./Emprego de expressões cerimoniosas e formais.

- (c) Percepção do amor como desejo e expectativa./Percepção do amor como contradição e incerteza.
- (d) Olhar descrente sobre as relações amorosas./Olhar irônico sobre as relações amorosas.
- (e) Utilização de citações clássicas./Utilização de recursos de humor.

394 UnB 2013 Leia o texto a seguir.

[...]
*uma dança
 de espadas
 esta
 escrita
 delirante*

lâminas cursivas

*a lua
 entre dois
 dragões*

*com uma haste
 de bambu*

*passar
 por entre lianas
 sem desenredá-las*

Haroldo de Campos. "Signância quase céu". *Melhores poemas de Haroldo de Campos*. Seleção de Inês Oseki Dépré. 3 ed. São Paulo: Global, 2000, p. 82.

Tendo como base o trecho apresentado acima, extraído de um poema de Haroldo de Campos, julgue os itens a seguir.

- () Das associações presentes no fragmento do poema, depreende-se que a "escrita delirante", ou seja, a produção de um poema, requer minucioso cuidado.
- () Considerados sob o ponto de vista de propriedades gerais dos infinitivos, os versos "passar/por entre lianas/sem desenredá-las" (v.12-14) conservam analogia com sentenças de texto de gênero instrucional, em que a estrutura "sem desenreda-las" representaria, no nível semântico, uma condição para a realização da ação aí indicada.
- () Os versos "uma dança/de espadas" (v.1-2) antecipam a relação de predicação entre esse termo e o dos versos "esta/escrita/delirante" (v.3-5).
- () No trecho "passar/por entre lianas" (v.12-13), "por" indica movimento, e "entre", a ideia de limite.

395 Uepa 2013 Leia o poema a seguir.

ESPIRAIS

*Este é o próprio respirar da seda
 Ou a arte
 (e a sede)
 de se dar
 sedar-se
 rumo ao Oriente
 Ou um aspirar aos céus
 da forma a conduzir-nos
 – as espirais
 o espírito*

Em *Espiraís*, Max poematiza a leitura do texto literário, tratando-a como um jogo e, ao mesmo tempo, um exercício intelectual pelo qual procuramos compreender como se deu o processo, a fabricação e a arquitetura dos versos. Algo que, de certa maneira, também é exigido do leitor de hipertextos digitais repletos de signos em movimentos e formatos diversos, quase sempre combinando letra e imagem. Daí, da mistura de jogo e exercício árduo, advém o prazer da leitura da poesia moderna. No poema acima, essa ideia está representada:

- (a) pela visualidade do poema, apesar de o título nada dizer a respeito dessa imagem.
- (b) pela ideia de um crescente "... aspirar aos céus/da forma" que o espírito desbrava em espirais de esforço cíclico e crescente da leitura.
- (c) pela defesa do ato de ler como intuição dos significados à despeito da forma, da materialidade do poema.
- (d) pela utilização da linearidade como recurso de aproveitamento significativo dos espaços em branco da página em contraste com o traço, o risco, a imagem da letra.
- (e) pela brincadeira semântica com a palavra sedar-se, utilizada como metáfora do desapego do cuidado formal, da perícia que a criação literária requer.

396 Unimontes 2013 Leia o poema abaixo, do livro *A alma encantadora das ruas: crônicas*, de João do Rio, para responder à questão proposta.

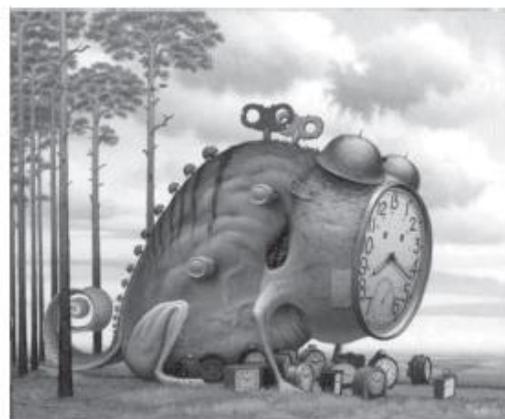
Desta casa me aparto em boa paz boa viagem Deus adiante, a bela cruz atrás eu no meio, altos e montes para mim sejam. Oremos bocas de cães e lobos sejam fechadas, tenham olhos e não me vejam, tenham pernas e não me sigam tenham boca e não me falem, tenham braços e não me peguem, tão guardado me vejam como a Virgem Maria guardou o seu amado filho desde as portas de Belém até Jerusalém. Amém...

(RIO, 2007, p. 71.)

Sobre o poema, é correto afirmar, exceto:

- (a) Parte integrante da obra publicada na primeira metade do século XX, o poema antecipa um dos aspectos do Modernismo, que é a exploração visual da palavra.
- (b) O poema pode ser considerado uma profissão de fé do autor, católico praticante e defensor da fé cristã.
- (c) O poema é o fecho da crônica "Orações", que critica o homem como um animal que acredita – "principalmente no absurdo".
- (d) Há, no poema, uso de imagem alusiva à cultura cristã e católica – recurso de que o autor lança mão para a produção da crônica "Orações".

397 Ufam 2013 Veja a figura a seguir:



<www.google.com.br/search?q>

Por valorizar uma arte liberta da lógica e da razão, a gravura acima se enquadra numa das vanguardas que influenciaram, direta ou indiretamente, o Modernismo brasileiro. Trata-se de:

- (a) Expressionismo (c) Dadaísmo (e) Surrealismo
(b) Futurismo (d) Cubismo

391 Unifesp 2014 Ao comparar o canavial ao mar, a imagem construída pelo eu lírico formaliza-se em

- (a) um eufemismo entre a ideia de metro e a de medida.
(b) um paradoxo entre a ideia de nada e a de imensidão.
(c) uma assimetria entre a ideia de nada e a de anonimato.
(d) uma descontinuidade entre a ideia de mar e a de canavial.
(e) uma contradição entre a ideia de extensão e a de canavial.

392 Unifesp 2014 O poema está organizado em versos de

- (a) oito sílabas poéticas que traduzem a visão de uma poesia de expressão emocional contida.
(b) sete sílabas poéticas que traduzem a visão de uma poesia de equilíbrio entre razão e sentimentalismo.
(c) dez sílabas poéticas que traduzem a visão de uma poesia caracterizada pela falta de emoção.
(d) doze sílabas poéticas que traduzem a visão de uma poesia que prima pela razão, mas sem abrir mão da emoção.
(e) cinco sílabas poéticas que traduzem a visão de uma poesia de expressão sentimental exagerada.

► Leia o texto para responder à questão **393**.

A SENSÍVEL

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando “sentia” que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. *Os melhores contos de Clarice Lispector*, 1996.)

393 Unifesp 2014 A narrativa delinea entre as personagens da senhora e da bordadeira uma relação de

- (a) animosidade, marcada pela recusa afrontosa da segunda em atender ao pedido emergencial da primeira.
(b) cumplicidade, entendida como ajuda entre duas mulheres cujas vidas mostram-se tão distintas.
(c) sujeição, fortalecida naturalmente pelas condições econômicas da primeira, superiores às da segunda.
(d) incompreensão, decorrente do desejo da primeira de que a segunda trabalhasse num dia de domingo.
(e) oposição, determinada pela superioridade social e econômica da primeira e a liberdade da segunda.

► Para responder à questão **388**, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

O AZULÃO E OS TICO-TICOS

*Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
o seus trilos de harmonia,
5 cada vez mais se enflorava.*

*Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.*

- 10 *Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos
15 numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: “Azulão,
olha, diga-me a razão
por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia
20 desses garotos joviais,
tu continuas gorgendo
e cada vez canta mais?”*

*Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:*

*“Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...
este dom que Deus me deu!*

- Quando, há pouco, eu descantava,
30 pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,
35 bravos! Bravos... muito bem!*

*Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
40 (irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?*

* Nota do editor: Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a "Águia de Haia" um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

(*Poemas escolhidos*, s/d)

388 Unesp 2015 Se, nos versos 32 e 33, as palavras "Sabiá" e "capoeirão" fossem pronunciadas "sa-bi-á" e "ca-po-ei-rão", tais versos quebrariam o padrão e o ritmo dos demais, pois passariam a ser

- (a) heptassílabos. (c) eneassílabos. (e) decassílabos.
(b) octossílabos. (d) hexassílabos.

► Leia o poema para responder às questões **389** e **390**.

MAU DESPERTAR

*Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum*

*Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas*

*Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva*

(Ferreira Gullar. *Muitas vozes*, 2013.)

389 Unifesp 2015 A leitura do poema permite inferir que

- (a) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
(b) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.
(c) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
(d) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
(e) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.

390 Unifesp 2015 Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma o seguintes sentidos, respectivamente,

- (a) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
(b) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.
(c) a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
(d) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
(e) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.

224 Unicamp 2016 No conto *Amor*, de Clarice Lispector, a percepção da personagem Ana, em relação ao seu mundo, é alterada de forma significativa pelo seguinte acontecimento:

- (a) os ovos quebrados no embrulho do jornal, que simbolizam a mudança psicológica da protagonista no relato ficcional.
(b) o cego parado no ponto do bonde, que modifica a visão da protagonista em relação aos vínculos familiares.
(c) o estouro do fogão da cozinha, que significa, no percurso narrativo, a ruptura psíquica da protagonista com a opressão da vida matrimonial.
(d) a aparição súbita do gato no Jardim Botânico, que deflagra uma reviravolta afetiva de Ana com o seu amante.

► Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder às questões **225** e **226**.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traçar sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Parando esquecer*, 1999.)

¹**facinora**: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²**Mineirinho**: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

225 Unifesp 2016 O tom predominante no texto é de

- (a) resignação.
- (b) ironia.
- (c) melancolia.
- (d) indignação.
- (e) luto.

226 Unifesp 2016 Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que

- (a) a cronista compartilha com sua cozinheira a dificuldade de conciliar sentimentos contrários em relação à morte de um criminoso.
- (b) a cozinheira se sente incomodada com a pergunta da cronista porque acredita piamente na inocência de Mineirinho.
- (c) a cronista se sente desconfortável com o fato de sua cozinheira mostrar-se dividida em relação à morte de um criminoso.
- (d) a cronista provoca gratuitamente sua cozinheira com a intenção de impor seu ponto de vista sobre a morte de Mineirinho.
- (e) a cronista se mostra perplexa diante da opinião de sua cozinheira de que um criminoso iria para o céu.

► Observe a imagem e leia o texto para responder às questões 423 e 424.



Amoreira Africana.

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvala-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.

[...]

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

[...]

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

Pepetela, *Mayombe*.

423 Fuvest 2017 Considerando-se o excerto no contexto de *Mayombe*, os paralelos que nele são estabelecidos entre aspectos da natureza e da vida humana podem ser interpretados como uma

- (a) reflexão relacionada ao próprio Comandante Sem Medo e a seu dilema característico entre a valorização do indivíduo e o engajamento em um projeto eminentemente coletivo.
- (b) caracterização flagrante da dificuldade de aceder ao plano do raciocínio abstrato, típica da atitude pragmática do militante revolucionário.
- (c) figuração da harmonia que reina no mundo natural, em contraste com as dissensões que caracterizam as relações humanas, notadamente nas zonas urbanizadas.
- (d) representação do juízo do Comissário a respeito da manifesta incapacidade que tem o Comandante Sem Medo de ultrapassar o dogmatismo doutrinário.
- (e) crítica esclarecida à mentalidade animista – que tende a personificar os elementos da natureza – e ao tribalismo, ainda muito difundidos entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

424 Fuvest 2017 Consideradas no âmbito dos valores que são postos em jogo em *Mayombe*, as relações entre a árvore e a floresta, tal como concebidas e expressas no excerto, ensinam a valorização de uma conduta que corresponde à da personagem

- João Romão, de *O cortiço*, observadas as relações que estabelece com a comunidade dos encortiçados.
- Jacinto, de *A cidade e as serras*, tendo em vista suas práticas de beneficência junto aos pobres de Paris.
- Fabiano, de *Vidas secas*, na medida em que ele se integrava na comunidade dos sertanejos, seus iguais e vizinhos.
- Pedro Bala, de *Capitães da Areia*, em especial ao completar sua trajetória de politização.
- Augusto Matraga, do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", de *Sagarana*, na sua fase inicial, quando era o valentão do lugar.

425 Unicamp 2017 "Uma peripécia, uma reviravolta nas circunstâncias, de uma hora para outra transforma uma sequência rotineira de acontecimentos numa história."

Jerome Bruner, *Fabricando histórias. Direito, Artefatos, vídeo*. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 15.

Levando-se em conta a noção acima proposta por Jerome Bruner, qual é a peripécia que ocorre no terceiro ato da peça *Lisbela e o prisioneiro*?

- O disparo de arma de fogo em direção a Frederico Evandro, realizado por Lisbela, e a descoberta posterior de que as balas do revólver eram de festim.
- O encontro furtivo de Lisbela e Leléu na prisão, que torna possível a fuga do casal de amantes e produz o desenlace do drama.
- A fuga de Leléu da prisão, que somente foi possível devido às artimanhas de Lisbela ao pedir que seu pai desse uma corda para o prisioneiro.
- O retorno heroico de Frederico Evandro à prisão, com o intuito de salvar Leléu e assassinar o Tenente Guedes.

426 Unicamp 2017 No conto "Amor", de Clarice Lispector, após ver um cego mascando chicletes, a personagem passa por uma situação que, segundo o narrador, ela própria chama de "crise":

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tomara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas.

Clarice Lispector. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 23.

Essa crise, que transforma a relação da personagem com o mundo e com a família,

- nasce do colapso da vontade de viver da personagem, em razão do doloroso prazer com que passou a ver as coisas.
- revela o conflito vivido pela personagem entre o tipo de vida que havia escolhido e as coisas que passou a desejar.
- constitui, para a personagem, uma alteração no modo de vida que antes a fazia sofrer e do qual agora havia se libertado.
- remete à excitação da personagem por ter conseguido harmonizar sua antiga vida com os novos desejos e sensações.

► Texto para a questão 220.

SARAPALHA

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
 — É um instantinho e passa... É só ter paciência...
 — É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram pr'os infernos!...
- 5 — Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
 — Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maléita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- 10 — O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
 — Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
 — O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça pra ir se fugir com ele"...
- 20 — Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
 — Prima Luísa...
 — Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo!
- 25 Me ajuda a ver...
 — Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
 — Não é mesmo não...
 — Pois então?!
 — Conta o resto da estória!...
- 30 — ..."Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio..."

Guimarães Rosa, *Sagarana*.

220 Fuvest 2018 A novela *Sarapalha* apresenta uma estória dentro de outra, por meio da qual a personagem masculina da narrativa principal (Primo Argemiro) alude a uma mulher da narrativa secundária (a moça levada pelo capeta). O mesmo procedimento ocorre em

- Duelo*, com Cassiano e Silvana.
- Minha gente*, com Ramiro e a filha de Emílio.
- A volta do marido pródigo*, com Lalino e Maria Rita.
- O burrinho pedrês*, com Raymundão e a namorada de Silvino.
- A hora e vez de Augusto Matraga*, com Ovídio e Dionória.

221 Unicamp 2018 "Sapo não pula por boniteza, mas porém por percissão." ("Provérbio caplaui" citado em epígrafe no conto "A hora e a vez de Augusto Matraga", em João Guimarães Rosa, *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p.287.)

Elementos textuais que antecedem a narrativa como, por exemplo, o provérbio citado, funcionam, em alguns autores, como pista para se entender o sentido das ações ficcionais. No excerto acima, as ideias de beleza e necessidade são contrapostas com vistas à produção de um sentido de ordem moral. Considerando-se a jornada heroica de Augusto Matraga, é correto afirmar que a narrativa

- (a) contradiz o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista não é fiel ao seu propósito de mudar os hábitos antigos.
- (b) confirma o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista realiza uma série de ações para corrigir seu caráter e reordenar eticamente sua vida.
- (c) ratifica o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista é seduzido pelos encantos da natureza e pelos prazeres da bebida e do fumo.
- (d) refuta o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista não consegue agir sem as motivações da beleza física e do afeto femininos.

222 Unicamp 2018 O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês. Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (I) e (II) estão presentes:

- (a) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulysses*).
- (b) *Transtrazer* (GR, *Grande sertão: veredas*) e *monoideal* (JJ, *Ulysses*).
- (c) *Rtststr* (JJ, *Ulysses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- (d) *Tattarrattat* (JJ, *Ulysses*) e *inesquecer-se* (GR, *Ave, Palavra*).

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 15

- 401. B
- 402. D
- 403. 35
- 404. V; F; V; F; F
- 405. V; F; V; V; F
- 406. A
- 398. V; F; V; F; V
- 399. V; V; F; V; V
- 400. C
- 394. V; V; V; V
- 395. B
- 396. B
- 397. E
- 391. B
- 392. A
- 393. E
- 388. B
- 389. E
- 390. D
- 224. B
- 225. D
- 226. A
- 423. A
- 424. D
- 425. A
- 426. B
- 220. D
- 221. B
- 222. D

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 16

► Para responder à questão 240, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

O AZULÃO E OS TICO-TICOS

*Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
o seus trilos de harmonia,
5 cada vez mais se enflorava.*

*Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.*

10 *Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos*
15 *numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: "Azulão,
olha, dize-me a razão
por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia*

20 *desses garotos joviais,
tu continuas gorgeardo
e cada vez canta mais?!”*

*Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:
“Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...
este dom que Deus me deu!*

*Quando, há pouco, eu descartava,
30 pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,
35 bravos! Bravos... muito bem!*

*Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
40 (irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?”*

(Poemas escolhidos, s/á)

* **Nota do editor:** Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a “Águia de Haia” um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravos*.

- 240 Unesp 2015** Se, nos versos 32 e 33, as palavras “Sabiá” e “capoeirão” fossem pronunciadas “sa-bi-á” e “ca-po-el-rão”, tais versos quebrariam o padrão e o ritmo dos demais, pois passariam a ser
- (a) heptassílabos.
 - (b) octossílabos.
 - (c) eneassílabos.
 - (d) hexassílabos.
 - (e) decassílabos.

► Leia o poema para responder às questões **241** e **242**.

MAU DESPERTAR

*Saio do sono como
de uma batalha
travada em
lugar algum*

*Não sei na madrugada
se estou ferido
se o corpo
tenho
riscado
de hematomas*

*Zonzo lavo
na pia
os olhos donde
ainda escorrem
uns restos de treva*

(Ferreira Gullar. Muitas vozes, 2013.)

- 241 Unifesp 2015** A leitura do poema permite inferir que
- (a) a noite é problema para o eu lírico, perturbado mais física que mentalmente.
 - (b) o mau despertar acentua as feridas e as dores que perturbam o eu lírico.
 - (c) o eu lírico encontra na noite difícil uma forma de enfrentar seus medos.
 - (d) o despertar do eu lírico apaga as más lembranças da madrugada.
 - (e) o eu lírico atribui o seu mau despertar a uma noite de difícil sono.

- 242 Unifesp 2015** Analisando-se as três estrofes do poema, atribui-se a cada uma os seguintes sentidos, respectivamente,
- (a) a causa do sono conturbado – a possibilidade de recuperação – a ansiedade pela melhora.
 - (b) a renovação ao despertar – a possibilidade de enfrentar o mau sono – a busca por um dia melhor.
 - (c) a lembrança do sono – as consequências do mau sono – a libertação da noite mal dormida.
 - (d) a consciência do despertar – as hipóteses acerca do sono – a tentativa de se restaurar.
 - (e) a expectativa com o despertar – a certeza da noite mal dormida – a certeza de um dia ruim.

237 Unicamp 2016

CEM ANOS DEPOIS

*Vamos passear na floresta
Enquanto D. Pedro não vem.
D. Pedro é um rei filósofo,
Que não faz mal a ninguém.*

*Vamos sair a cavalo,
Pacíficos, desarmados:
A ordem acima de tudo.
Como convém a um soldado.*

*Vamos fazer a República,
Sem barulho, sem litígio,
Sem nenhuma guilhotina,
Sem qualquer barrete frígio.*

*Vamos, com farda de gala,
Proclamar os tempos novos,
Mas cautelosos, furtivos,
Para não acordar o povo.*

(José Paulo Paes, O melhor poeta da minha rua, em Fernando Paixão (sel. e org.), *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 2008, p.43.)

O tom irônico do poema em relação à história do Brasil põe em evidência

- (a) o modo como a democracia surge no Brasil por interferência do Imperador.
- (b) a maneira despótica como os republicanos trataram os símbolos nacionais.
- (c) a postura inconsequente que sempre caracterizou os governantes do Brasil.
- (d) a forma astuciosa como ocorreram os movimentos políticos no Brasil.

238 **Unicamp 2016** Considere que uma das funções da comédia é corrigir os costumes ou criticar os valores de uma sociedade em um período histórico. O cômico em *Lisbela e o prisioneiro* é

- (a) progressista, porque as ações dramáticas das personagens afrontam a ordem policial e familiar e revelam a inconsistência moral dessa ordem.
- (b) liberal, porque visa a restaurar a ordem hierárquica das personagens de classe social superior em um mundo marcado por corrupção moral e religiosa.
- (c) radical, porque Citonho e Lisbela planejam a fuga dos presos, rompendo com o pacto da autoridade policial e com a norma do casamento monogâmico.
- (d) revolucionário, porque Frederico Evandro encarna a figura do justiceiro que desmoraliza a autoridade corrupta e os falsos sentimentos.

239 **Unicamp 2016** Leia o seguinte trecho da obra *Terra Sonâmbulo*, de Mia Couto, extraído do *Sexto caderno de Kindzu*, subtítulo *O regresso a Matimati*.

Lembrei meu pai, sua palavra sempre azeda: agora, somos um povo de mendigos, nem temos onde cair vivos. Era como se ainda escutasse:

– Mas você, meu filho, não se meta a mudar os destinos.

Afinal, eu contrariava suas mandanças. Fossem os naparamas, fosse o filho de Farida: eu não estava a deixar o tempo quieto. Talvez, quem sabe, cumprisse o que sempre fora: sonhador de lembranças, inventor de verdades. Um sonâmbulo passeando entre o fogo. Um sonâmbulo como a terra em que nascera. Ou como aquelas fogueiras por entre as quais eu abria caminho no areal.

(Mia Couto, *Terra Sonâmbulo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 104.)

Na passagem citada, a personagem Kindzu recorda os ensinamentos de seu pai diante do estado desolador em que se encontrava sua terra, assolada pela guerra, e reflete sobre a coerência de suas ações em relação a tais ensinamentos. Levando em consideração o contexto da narrativa do romance de Mia Couto, é correto afirmar que:

- (a) A demanda realizada por Kindzu e que é relatada em seus cadernos funciona como uma forma de fuga para a personagem Muidinga, que se aliena da realidade da guerra pela leitura dos cadernos, indicando de modo inequívoco a função social da literatura.
- (b) A narrativa contida nos cadernos de Kindzu, lida por Muidinga e Tuahir, representa o universo onírico e se contrapõe à realidade objetiva das duas personagens, razão pela qual ambas as narrativas aparecem no livro de modo intercalado, sem, necessariamente, haver uma interseção entre elas.
- (c) Segundo a personagem Kindzu, a sua terra, sonâmbula como ele, seria um lugar da sobreposição entre sonho e realidade, tal como ocorre na narrativa que registra em seus cadernos, em que é impossível o estabelecimento de uma delimitação entre o onírico e o real.
- (d) O sonho, sugerido pelo termo "sonâmbulo", contrapõe-se à realidade da guerra, sugerida pela palavra "fogo"; terra sonâmbula seria, pois, um lugar em que os limites entre realidade e sonho aparecem bem delimitados e no qual as personagens estão condenadas definitivamente à miséria da guerra.

► Observe a imagem e leia o texto para responder às questões 234 e 235.



Amoreira Africana.

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvala-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.

[...]

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

[...]

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

Peçeteia, *Mayombe*.

234 Fuvest 2017 Considerando-se o excerto no contexto de *Mayombe*, os paralelos que nele são estabelecidos entre aspectos da natureza e da vida humana podem ser interpretados como uma

- reflexão relacionada ao próprio Comandante Sem Medo e a seu dilema característico entre a valorização do indivíduo e o engajamento em um projeto eminentemente coletivo.
- caracterização flagrante da dificuldade de aceder ao plano do raciocínio abstrato, típica da atitude pragmática do militante revolucionário.
- figuração da harmonia que reina no mundo natural, em contraste com as dissensões que caracterizam as relações humanas, notadamente nas zonas urbanizadas.
- representação do juízo do Comissário a respeito da manifesta incapacidade que tem o Comandante Sem Medo de ultrapassar o dogmatismo doutrinário.
- crítica esclarecida à mentalidade animista – que tende a personificar os elementos da natureza – e ao tribalismo, ainda muito difundidos entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

235 Fuvest 2017 Consideradas no âmbito dos valores que são postos em jogo em *Mayombe*, as relações entre a árvore e a floresta, tal como concebidas e expressas no excerto, ensejam a valorização de uma conduta que corresponde à da personagem

- João Romão, de *O cortiço*, observadas as relações que estabelece com a comunidade dos encortiçados.
- Jacinto, de *A cidade e as serras*, tendo em vista suas práticas de beneficência junto aos pobres de Paris.
- Fabiano, de *Vidas secas*, na medida em que ele se integrava na comunidade dos sertanejos, seus iguais e vizinhos.
- Pedro Bala, de *Capitães da Areia*, em especial ao completar sua trajetória de politização.
- Augusto Matraga, do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*, na sua fase inicial, quando era o valentão do lugar.

236 Unicamp 2017 “Uma peripécia, uma reviravolta nas circunstâncias, de uma hora para outra transforma uma sequência rotineira de acontecimentos numa história.”

Jerome Bruner, *Fabricando histórias. Diretas, literárias, vias*. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 15.

Levando-se em conta a noção acima proposta por Jerome Bruner, qual é a peripécia que ocorre no terceiro ato da peça *Lisbela e o prisioneiro*?

- O disparo de arma de fogo em direção a Frederico Evandro, realizado por Lisbela, e a descoberta posterior de que as balas do revólver eram de festim.
- O encontro furtivo de Lisbela e Leléu na prisão, que torna possível a fuga do casal de amantes e produz o desenlace do drama.
- A fuga de Leléu da prisão, que somente foi possível devido às artimanhas de Lisbela ao pedir que seu pai desse uma corda para o prisioneiro.
- O retorno heroico de Frederico Evandro à prisão, com o intuito de salvar Leléu e assassinar o Tenente Guedes.

230 Unicamp 2018 Leia, a seguir, um excerto de “Terrorismo Literário”, um manifesto do escritor Ferréz.

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. A literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos.

Cansei de ouvir: — “Mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro”. E nunca cansarei de responder: — “O barato já tá separado há muito tempo, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do de cá mal terminamos o ensino dito básico.”

(Adaptado de Ferréz, “Terrorismo literário”, em Ferréz (Org.), *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 9, 12, 13.)

Ferréz defende sua proposta literária como uma

- descoberta de que é preciso reagir com a palavra para que não haja separação entre a grande cultura nacional e a literatura feita por minorias.
- comprovação de que, sendo as minorias de fato uma maioria, não faz sentido distinguir duas literaturas, uma do centro e outra da periferia.
- manifestação de que a literatura marginal tem seu modo próprio de falar e de contar histórias, já reconhecido pelos estudiosos.
- constatação de que é preciso reagir com a palavra e mostrar-se nesse lugar marginal como literatura feita por minorias que juntas formam uma maioria.

231 Unicamp 2018

“ODORICO

Eu sei. É um movimento subversivo procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma conspiração. Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo.”

[...]

“ODORICO

Pois eu quero que depois o senhor soletre esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA

Conheço não sinhô.

ODORICO

É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na redação dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia...”

(Dias Gomes, *O bem amado*. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 40 e 68.)

A peça de Dias Gomes é uma crítica a um momento histórico e político da sociedade brasileira. Odorico Paraguassu tornou-se um personagem emblemático desse período porque por meio dele

- simbolizou-se a defesa da democracia a qualquer custo. Essa defesa resultou em uma sociedade cindida entre o respeito à lei e o seu uso particular, temas políticos comuns aos países latino-americanos nos anos de 1970.

- (b) representaram-se o atropelo da lei constitucional, a relativização da liberdade de imprensa e a construção de um inimigo interno que justificasse o arbítrio das decisões do executivo, próprios aos Anos de Chumbo.
- (c) explicitaram-se as leis que regiam a vida política e social de uma nação subdesenvolvida da América Latina na década de 1970, marcada pela inércia e pela cumplicidade dos cidadãos com a corrupção sistêmica do país.
- (d) fez-se a defesa da democracia e do respeito irrestrito à lei constitucional para um projeto de nação brasileira da década 1970, que enfrentava o espírito demagógico dos políticos latino-americanos.

► Para responder às questões 232 e 233, leia o trecho do livro *Abolição*, da historiadora brasileira Emília Vioti da Costa.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder de persuasão. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos. De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado – representantes de Deus na Terra –, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência os senhores.

Não é difícil imaginar os efeitos dessas ideias. Elas permitiam às classes dominantes escravizar os negros sem problemas de consciência. Os poucos indivíduos que no Período Colonial, fugindo à regra, questionaram o tráfico de escravos e lançaram dúvidas sobre a legitimidade da escravidão, foram expulsos da Colônia e o tráfico de escravos continuou sem impedimentos. Apenas os próprios escravos questionavam a legitimidade da instituição, manifestando seu protesto por meio de fugas e insurreições. Encontravam, no entanto, pouca simpatia por parte dos homens livres e enfrentavam violenta repressão.

A abolição, 2010.

232 Unifesp 2018 De acordo com a historiadora,

- (a) as classes dominantes valiam-se de argumentos religiosos para legitimar a escravidão.
- (b) os negros não ousavam sequer questionar a legitimidade da escravidão.
- (c) a Igreja assumia uma postura corajosa em defesa dos escravos.
- (d) as ideias defendidas pelas classes dominantes destoavam da ideologia vigente na época.
- (e) os negros que ousavam combater o tráfico de escravos eram expulsos da Colônia.

233 Unifesp 2018 "Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos" (1º parágrafo)

No contexto em que se insere, o termo "vilão" deve ser entendido na seguinte acepção:

- (a) "camponês medieval que trabalhava para um senhor feudal".
- (b) "aquele que é indigno, abjeto, desprezível".
- (c) "aquele que não pertence à nobreza, plebeu".
- (d) "aquele que não tem religião, ateu".
- (e) "aquele que reside em vila".

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 16

- 240. B
- 241. E
- 242. D
- 237. D
- 238. A
- 239. C
- 234. A
- 235. D
- 236. A
- 230. D
- 231. B
- 232. A
- 233. C

LIVRO 4 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 17

421 Unicamp 2016

CEM ANOS DEPOIS

*Vamos passear na floresta
Enquanto D. Pedro não vem.
D. Pedro é um rei filósofo,
Que não faz mal a ninguém.*

*Vamos sair a cavalo,
Pacíficos, desarmados:
A ordem acima de tudo.
Como convém a um soldado.*

*Vamos fazer a República,
Sem barulho, sem litígio,
Sem nenhuma guilhotina,
Sem qualquer barrete frígio.*

*Vamos, com farda de gala,
Proclamar os tempos novos,
Mas cautelosos, furtivos,
Para não acordar o povo.*

(José Paulo Paes, O melhor poeta da minha rua, em Fernando Patvão (sel. e org.), *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 2008, p.43.)

O tom irônico do poema em relação à história do Brasil põe em evidência

- (a) o modo como a democracia surge no Brasil por interferência do Imperador.
- (b) a maneira despótica como os republicanos trataram os símbolos nacionais.
- (c) a postura inconsequente que sempre caracterizou os governantes do Brasil.
- (d) a forma astuciosa como ocorreram os movimentos políticos no Brasil.

422 Unicamp 2016 No conto *Amor*, de Clarice Lispector, a percepção da personagem Ana, em relação ao seu mundo, é alterada de forma significativa pelo seguinte acontecimento:

- (a) os ovos quebrados no embrulho do jornal, que simbolizam a mudança psicológica da protagonista no relato ficcional.
- (b) o cego parado no ponto do bonde, que modifica a visão da protagonista em relação aos vínculos familiares.
- (c) o estouro do fogão da cozinha, que significa, no percurso narrativo, a ruptura psíquica da protagonista com a opressão da vida matrimonial.
- (d) a aparição súbita do gato no Jardim Botânico, que deflagra uma reviravolta afetiva de Ana com o seu amante.

423 Unicamp 2016 Considere que uma das funções da comédia é corrigir os costumes ou criticar os valores de uma sociedade em um período histórico. O cômico em *Lisbela e o prisioneiro* é

- (a) progressista, porque as ações dramáticas das personagens afrontam a ordem policial e familiar e revelam a inconsistência moral dessa ordem.
- (b) liberal, porque visa a restaurar a ordem hierárquica das personagens de classe social superior em um mundo marcado por corrupção moral e religiosa.
- (c) radical, porque Citonho e Lisbela planejam a fuga dos presos, rompendo com o pacto da autoridade policial e com a norma do casamento monogâmico.
- (d) revolucionário, porque Frederico Evandro encarna a figura do justiceiro que desmoraliza a autoridade corrupta e os falsos sentimentos.

424 Unicamp 2016 Leia o seguinte trecho da obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, extraído do *Sexto caderno de Kindzu*, subtítulo *O regresso a Matimati*.

Lembrei meu pai, sua palavra sempre azeda: agora, somos um povo de mendigos, nem temos onde cair vivos. Era como se ainda escutasse:

– Mas você, meu filho, não se meta a mudar os destinos.

Afinal, eu contrariava suas mandanças. Fossem os naparamas, fosse o filho de Farida: eu não estava a deixar o tempo quieto. Talvez, quem sabe, cumprisse o que sempre fora: sonhador de lembranças, inventor de verdades. Um sonâmbulo passeando entre o fogo. Um sonâmbulo como a terra em que nascera. Ou como aquelas fogueiras por entre as quais eu abria caminho no areal.

(Mia Couto, *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015, p. 104.)

Na passagem citada, a personagem Kindzu recorda os ensinamentos de seu pai diante do estado desolador em que se encontrava sua terra, assolada pela guerra, e reflete sobre a coerência de suas ações em relação a tais ensinamentos. Levando em consideração o contexto da narrativa do romance de Mia Couto, é correto afirmar que:

- (a) A demanda realizada por Kindzu e que é relatada em seus cadernos funciona como uma forma de fuga para a personagem Muidinga, que se aliena da realidade da guerra pela leitura dos cadernos, indicando de modo inequívoco a função social da literatura.
- (b) A narrativa contida nos cadernos de Kindzu, lida por Muidinga e Tuahir, representa o universo onírico e se contrapõe à realidade objetiva das duas personagens, razão pela qual ambas as narrativas aparecem no livro de modo intercalado, sem, necessariamente, haver uma interseção entre elas.
- (c) Segundo a personagem Kindzu, a sua terra, sonâmbula como ele, seria um lugar da sobreposição entre sonho e realidade, tal como ocorre na narrativa que registra em seus cadernos, em que é impossível o estabelecimento de uma delimitação entre o onírico e o real.
- (d) O sonho, sugerido pelo termo "sonâmbulo", contrapõe-se à realidade da guerra, sugerida pela palavra "fogo"; terra sonâmbula seria, pois, um lugar em que os limites entre realidade e sonho aparecem bem delimitados e no qual as personagens estão condenadas definitivamente à miséria da guerra.

► Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder às questões 425 e 426.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traçar sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por pre-
cisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos
essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro
dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu
amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo
ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova
casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos
salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde de-
mais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem
acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E
de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro,
e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for pre-
cioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de
um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e
me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em
Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Perto não esquecer*, 1999.)

¹**Facinora**: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade
acentuada.

²**Mineirinho**: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acu-
ado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada
Grajáú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

425 Unifesp 2016 O tom predominante no texto é de

- (a) resignação.
- (b) ironia.
- (c) melancolia.
- (d) indignação.
- (e) luto.

426 Unifesp 2016 Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que

- (a) a cronista compartilha com sua cozinheira a dificuldade de con-
ciliar sentimentos contrários em relação à morte de um crimi-
noso.
- (b) a cozinheira se sente incomodada com a pergunta da cronista
porque acredita piamente na inocência de Mineirinho.
- (c) a cronista se sente desconfortável com o fato de sua cozinheira
mostrar-se dividida em relação à morte de um criminoso.
- (d) a cronista provoca gratuitamente sua cozinheira com a inten-
ção de impor seu ponto de vista sobre a morte de Mineirinho.
- (e) a cronista se mostra perplexa diante da opinião de sua cozinhei-
ra de que um criminoso iria para o céu.

LIVRO 4

GABARITO - PORTUGUÊS – FRENTE 2 – CAPÍTULO 17

- 421. D
- 422. B
- 423. A
- 424. C
- 425. D
- 426. A

LIVRO 1 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 1

60 Fuvest 2011 Considere a seguinte afirmação: *Ambas as obras cri-
ticam a sociedade, mas apenas a segunda milita pela subversão da
hierarquia social nela representada.* Observada a sequência, essa afir-
mação aplica-se a:

- (a) *A cidade e as serras* e *Capitães da areia*.
- (b) *Vidas secas* e *Memórias de um sargento de milícias*.
- (c) *O cortiço* e *Iracema*.
- (d) *Auto da barca do inferno* e *A cidade e as serras*.
- (e) *Iracema* e *Memórias de um sargento de milícias*.

61 Fuvest 2011 Leia o trecho de Machado de Assis sobre *Iracema*, de
José de Alencar, e responda ao que se pede.

*“..... é o ciúme e o valor marcial; a austera sabedoria dos anos;
Iracema o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a
amizade é simbolizada em Entre os indígenas a amizade não era
este sentimento, que à força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da
simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação
recíproca; e são os dois amigos da lenda, votados à mútua
estima e ao mútuo sacrifício.”*

Machado de Assis. *Crítica*.

No trecho, os espaços pontilhados serão corretamente preenchidos,
respectivamente, pelos nomes das seguintes personagens de *Ira-
cema*:

- (a) Caubi, Jacaúna, Araquém, Araquém, Martim.
- (b) Martim, Irapuã, Poti, Caubi, Martim.
- (c) Poti, Araquém, Japi, Martim, Japi
- (d) Araquém, Caubi, Irapuã, Irapuã, Poti.
- (e) Irapuã, Araquém, Poti, Poti, Martim.

► Texto para as questões **62** e **63**.

*A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de
algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situa-
ções, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas
reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma
com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discrimi-
nados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e
dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão ra-
cial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente,
como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e
alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização,
dominação e alienação.*

Octavio Ianni. *Dialética das relações sociais. Estudos Avançados*, n. 50, 2004.

62 Fuvest 2011 Segundo o texto, a questão racial configura-se como
“enigma”, porque:

- (a) é presa de acirrados antagonismos sociais.
- (b) tem origem no preconceito, que é de natureza irracional.
- (c) encobre os interesses de determinados estratos sociais.
- (d) parece ser herança histórica, mas surge na contemporaneidade.
- (e) muda sem cessar, sem que, por isso, seja superada.

63 Fuvest 2011 Conforme o texto, na questão racial, o funcionamento da sociedade dá-se a ver de modo:

- (a) concentrado.
- (b) invertido.
- (c) fantasioso.
- (d) compartimentado.
- (e) latente.

► Texto para a questão **64**.

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravanca nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembrou-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Linsick. Estrangeiros em casa: uma caminhada pelo selva urbano de São Paulo. National Geographic Brasil. (Adapt.).

64 Fuvest 2011 Os interlocutores do diálogo contido no texto compartilham o pressuposto de que:

- (a) cidades são geralmente feias, mas interessantes.
- (b) o empreendedorismo faz de São Paulo uma bonita cidade.
- (c) La Paz é tão feia quanto São Paulo.
- (d) São Paulo é uma cidade feia.
- (e) São Paulo e Bogotá são as cidades mais feias do mundo.

► A questão **65** toma por base o seguinte fragmento do diálogo Fedro, de Platão (427-347 a.C.).

FEDRO

SÓCRATES: – Vamos então refletir sobre o que há pouco estávamos discutindo; examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o que seja recitar ou escrever mal.

FEDRO: – Isso mesmo.

SÓCRATES: – Pois bem: não é necessário que o orador esteja bem instruído e realmente informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

FEDRO: – A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal – pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

SÓCRATES: – Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir no que ela significa. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

FEDRO: – Tens razão.

SÓCRATES: – Examinemos, pois, essa afirmação.

FEDRO: – Sim.

SÓCRATES: – Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum de nós sabe o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: “Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas”...

FEDRO: – Isso seria ridículo, querido Sócrates.

SÓCRATES: – Um momento. Ridículo seria se eu tratasse seriamente de persuadir-te a que escrevesse um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitíssimo prático comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para vários outros misteres.

FEDRO: – Isso seria ainda ridículo.

SÓCRATES: – Um amigo que se mostra ridículo não é preferível ao que se revela como perigoso e nocivo?

FEDRO: – Não há dúvida.

SÓCRATES: – Quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho, – nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

FEDRO: – Não pode ser muito bom fruto.

SÓCRATES: – Mas vejamos, meu caro: não nos teremos excedido em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: “que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém – dirá ela – que ignore a verdade a aprender a falar. Mas quem ouve o meu conselho tratará de adquirir primeiro esses conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições a posse da verdade de nada servirá para engendrar a persuasão”.

FEDRO: – E não teria ela razão dizendo isso?

SÓCRATES: – Reconheço que sim, se os argumentos usuais provarem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é isso, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônio declara: “não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa”.

Platão. Diálogos. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

65 Unesp 2011 Neste fragmento de um diálogo de Platão, as personagens Sócrates e Fedro discutem a respeito da relação entre a arte retórica, isto é, a arte de produzir discursos, e a expressão da verdade por meio de tais discursos. Trata-se de um tema ainda atual. Aponte a única alternativa que expressa um conteúdo não abordado pelas duas personagens no fragmento.

- (a) A produção de bons discursos.
- (b) A formação do orador.
- (c) A natureza da Filosofia.
- (d) O poder persuasivo da oratória.
- (e) A retórica como arte de criar discursos.

► As questões **66** e **67** tomam por base duas passagens do livro *A linguagem harmônica da Bossa Nova*, do docente e pesquisador da Unesp José Estevam Gava.

MOMENTO BOSSA NOVA

Nos anos 1940, o samba-canção já era uma alternativa para o samba tradicional, batucado, quadrado. Em sua gênese foram empregados recursos correntes na música erudita europeia e na música popular norte-americana. Já era algo mais sofisticado, praticado por compositores e arranjadores com maior preparo musical e sempre de ouvido aberto para as soluções propostas pela música estrangeira. O jazz, por exemplo, mais tarde permitiria fusões interessantes como o "samba-jazz" e o "samba moderno", com arranjos grandiosos e com base nos instrumentos de sopro. Mas, em termos de poesia e expressividade, o samba-canção tendia a manter seu caráter escuro, sombrio, com muitos elementos que lembravam a atmosfera tensa e pessimista do tango argentino e do bolero, gêneros latinos por excelência.

O samba-canção esteve desde logo ambientado em Copacabana, lugar de vida noturna intensa, boates enfumaçadas, mulheres adultas e fatais envoltas num clima de pecado e traição, enquanto a Bossa Nova ambientou-se mais para o Sul, em Ipanema, além de tornar-se representativa de um público mais jovem, amante do sol e da praia. Nesse ambiente solar, a mulher passou a ser a garota da praia, a namorada. Deu-se um descanso às imagens de "amante proibida e vingativa, com uma navalha na liga. E as letras da Bossa Nova não tinham nada de enfumaçado. Eram uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema" (Castro, 1999, p. 59).

A Bossa Nova levou aos extremos a tendência intimista de cantar sobre temas do cotidiano, sem muita complicação poética. Em vez da negatividade do samba-canção, explorou ao máximo a positividade expressiva e um otimismo sem precedentes. Esse foi o grande traço distintivo entre a Bossa Nova e o samba-canção. O otimismo diante do amor trouxe consigo imagens de paz e estabilidade possibilitadas por relacionamentos amorosos felizes e amores correspondidos, sem as cores patológicas e dramáticas que tanto marcavam os sambas-canções. Mesmo a dor, quando ocorria, era encarada como um estágio passageiro, deixando de assumir o antigo caráter terminal.

Em plenos anos 1950, quando nas rádios predominava o derramamento vocal e sentimental, Tom Jobim já buscava um retraimento expressivo pautado por um discurso poético/musical mais sereno, mais em tom de conversa do que de súplica. Se os mais jovens identificavam-se com essas coisas novas, os mais velhos e tradicionalistas viam-nas com estranheza, sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica.

José Estevam Gava. *A linguagem harmônica do Bossa Nova*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

66 Unesp 2011 A partir do texto apresentado, aponte a alternativa que não caracteriza a Bossa Nova.

- (a) Ambientada em Ipanema.
- (b) Bem recebida por um público mais jovem.
- (c) Abordagem de temas do cotidiano.
- (d) A dor como o fato dominante da existência.
- (e) Maior sofisticação harmônica e rítmica.

67 Unesp 2011 Segundo o texto, o principal traço distintivo da Bossa Nova com relação ao samba-canção foi:

- (a) a influência do jazz.
- (b) o afastamento do samba tradicional, batucado, quadrado.
- (c) a exploração da positividade expressiva e um otimismo sem precedentes.
- (d) a influência do tango e do bolero sofrida pela Bossa Nova.
- (e) o caráter mais inovador e as virtudes rítmicas do samba-canção.

► A questão **68** toma por base uma passagem do romance regionalista *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezeros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roldas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar julço. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava enalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atravimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

68 Unesp 2011 Lendo atentamente o fragmento de *Vidas secas*, percebe-se que o foco principal é o das transações entre Fabiano e o proprietário da fazenda. Aponte a alternativa que não corresponde ao que é efetivamente exposto pelo texto.

- O proprietário era, na verdade, um benfeitor para Fabiano.
- Fabiano declarava-se "um bruto" ao proprietário.
- O proprietário levava sempre vantagem na partilha do gado.
- Fabiano sabia que era enganado nas contas, mas não conseguia provar.
- Fabiano aceitava a situação e se resignava, por medo de ficar sem trabalho.

► As questões **69** e **70** tomam por base um fragmento do livro *Comunicação e folclore*, de Luiz Beltrão (1918-1986).

O BUMBA-MEU-BOI

Entre os autos populares conhecidos e praticados no Brasil – pastorel, fandango, chegança, reisado, congada, etc. – aquele em que melhor o povo exprime a sua crítica, aquele que tem maior conteúdo jornalístico, é, realmente, o bumba-meu-boi, ou simplesmente boi.

Para Renato Almeida, é o "bailado mais notável do Brasil, o folguedo brasileiro de maior significação estética e social". Luís da Câmara Cascudo, por seu turno, observou a sua superioridade porque "enquanto os outros autos cristalizaram, imóveis, no elenco de outrora, o bumba-meu-boi é sempre atual, incluindo soluções modernas, figuras de agora, vocabulário, sensação, percepção contemporânea. Na época da escravidão mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo. Chibateava a cupidez, a materialidade, o sensualismo de doutores, padres, delegados, fazendo-os cantar versinhos que eram confissões estertóricas. O capitão-do-mato, preador de escravos, assombro dos moleques, faz-sono dos negrinhos, vai 'caçar' os negros que fugiram, depois da morte do Boi, e em vez de trazê-los é trazido amarrado, humilhado, tremendo de medo. O valentão mestiço, capoeira, apanha pancada e é mais mofofo que todos os mofinos. Imaginem a alegria negra, vendo e ouvindo essa sublimação aberta, franca, na porta da casa-grande de engenho ou no terreiro da fazenda, nos pátios das vilas, diante do adro da igreja! A figura dos padres, os padres do interior, vinha arrastada com a violência de um ajuste de contas. O doutor, o curioso, metido a entender de tudo, o delegado autoritário, valente com a patrulha e covarde sem ela, toda a galeria perpassa, expondo suas mazelas, vícios, manias, cacoetes, olhada por uma assistência onde estavam muitas vítimas dos personagens reais, ali subalternizados pela virulência do desabafo.

Como algumas outras manifestações folclóricas, o bumba-meu-boi utiliza uma forma antiga, tradicional; entretanto, fá-la revestir-se de novos aspectos, atualiza o entreccho, recompõe a trama. Dal "o interesse do tipo solidário que desperta nas camadas populares", como o assinala Édison Carneiro. Interesse que só pode manter-se porque o que no auto se apresenta não reflete apenas situações do passado, "mas porque têm importância para o futuro". Com efeito, tendo por tema central a morte e a ressurreição do boi, "cerca-se de episódios acessórios, não essenciais, muito desligados da ação principal, que variam de região para região... em cada lugar, novos personagens são enxertados, aparentemente sem outro objetivo senão o de prolongar e variar a brincadeira". Contudo, dentre esses personagens, os que representam as classes superiores são caricaturados, cobrindo-se de ridículo, o que torna "o folguedo, em si mesmo, uma reivindicação".

Silvio Romero recolheu os versos de um bumba-meu-boi, através dos quais se constata a intenção caricaturesca nos personagens do folguedo. Como o Padre, que recita:

*Não sou padre, não sou nada
"Quem me ver estar dançando
Não julgue que estou louco;
Secular sou como os outros".*

Ou como o Capitão-do-Mato que, dando com o negro Fidélis, vai prendê-lo:

*"CAPITÃO – Eu te atiro, negro
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão."*

Mas, ao contrário, quem vai sobre o Capitão e o amarra é o Fidélis:

*"CORO – Capitão de campo
Veja que o mundo virou
Foi ao mato pegar negro
Mas o negro lhe amarrrou.*

*CAPITÃO – Sou valente afamado
Como eu não pode haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr".*

Luiz Beltrão. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

69 Unesp 2011 O fragmento apresentado focaliza, por meio da opinião do autor e de outros folcloristas mencionados, o bumba-meu-boi, auto popular brasileiro bastante conhecido. A leitura do fragmento, como um todo, deixa claro que o núcleo temático do bumba-meu-boi é sempre

- a perseguição aos escravos que fugiram das fazendas.
- a vingança dos escravos contra o capitão-do-mato.
- a morte e a ressurreição do boi.
- o castigo dos valentões, que acabam se mostrando covardes.
- a crítica aos padres e religiosos em geral pela sensualidade.

70 Unesp 2011 *Chibateava a cupidez, a materialidade, o sensualismo de doutores, padres, delegados, fazendo-os cantar versinhos que eram confissões estertóricas.*

Nesta passagem, Luís da Câmara Cascudo, mencionado pelo autor, explica que, em apresentações do bumba-meu-boi da época da escravidão,

- as pessoas da plateia eram convidadas a participar do bumba-meu-boi para declamar versinhos ridículos.
- o auto era uma forma de fazer as pessoas presentes confessarem estertoricamente os seus pecados.
- havia uma personagem que usava uma chibata para agredir pessoas da plateia, enquanto apontava seus defeitos.
- todos os presentes participavam do auto, improvisando falas e declamações.
- o bumba-meu-boi satirizava em seu enredo personagens que apresentavam os mesmos defeitos de pessoas reais.

► Instrução: A questão **71** toma por base o texto seguinte.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público brasileiro. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma

quase "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados.

Ana Beatriz Barbosa Silva. *Bullying: inventos perigosos nas escolas*, 2010. (Adapt.).

71 Unifesp 2011 Segundo o texto:

- (a) embora a palavra *bullying* ainda não seja muito familiar em nosso país, com o tempo ela se tornará quase natural para nós.
- (b) os comportamentos violentos de garotos e garotas, em contexto escolar, têm recebido a denominação inglesa de *bullying*.
- (c) mesmo ignorado pela maior parte das pessoas, o termo *bullying* designa um fenômeno que está sendo encarado com crescente naturalidade.
- (d) a falta de uma tradução para a palavra inglesa *bullying* provoca dificuldades para qualificar comportamentos violentos na escola.
- (e) somente a metade das manifestações violentas, na escola, qualificadas como *bullying*, apresenta motivações justificáveis.

72 Unifesp 2011 Leia o texto.

O cyberbullying é um problema crescente justamente porque os jovens usam cada vez mais a tecnologia. Ana, 13 anos, já era perseguida na escola – e passou a ser acuada, prisioneira de seus agressores via internet. Hoje, vive com medo e deixou de adicionar "amigos" em seu perfil no Orkut. Além disso, restringiu o acesso ao MSN. Mesmo assim, o tormento continua. As meninas de sua sala enviam mensagens depreciativas, com apelidos maldosos e recados humilhantes, para amigos comuns. Os qualificativos mais leves são "nojenta, nerd e lésbica". Outros textos dizem: "Você deveria parar de falar com aquela piranha" e "A emo já mudou a sua cabeça, hein? Vá pro inferno". Ana, é claro, fica arrasada. "Uso preto, ouço rock e pinto o cabelo. Curto coisas diferentes e falo de outros assuntos. Por isso, não me aceitam."

Beatriz Sautenmann. *Novo Fôlego* (jun. jul. 2010) (Adapt.)

Conforme o texto:

- (a) o desenvolvimento da tecnologia extinguirá o problema do *cyberbullying* entre os jovens.
- (b) apenas os jovens que não frequentam a escola são perseguidos implacavelmente pela internet.
- (c) Ana é vítima do *cyberbullying* porque tem gostos e interesses que seu grupo social não aprecia.
- (d) os qualificativos enviados pelas colegas de sala a amigos comuns levaram Ana a usar preto e pintar o cabelo.
- (e) a restrição do acesso ao MSN e o uso mais limitado do Orkut eliminam, significativamente, problemas de *cyberbullying*.

► Instrução: A questão **73** toma por base o texto a seguir.

Amaro lia até tarde, um pouco perturbado por aqueles períodos sonoros, tímidos de desejo; e no silêncio, por vezes, sentia em cima ranger o leito de Amélia; o livro escorregava-lhe das mãos, encostava a cabeça às costas da poltrona, cerrava os olhos, e parecia-lhe vê-la em colete diante do toucador desfazendo as tranças; ou, curvada, desapertando as ligas, e o decote da sua camisa entreaberta descobria os dois seios muito brancos.

Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir. Começara então a recomendar-lhe a leitura dos *Cânticos* a Jesus.

– Verá, é muito bonito, de muita devoção! Disse ele, deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até o meio da face. Queixou-se de insônia, de palpitações.

– E então, gostou dos *Cânticos*?

– Muito. Orações lindas! respondeu. Durante todo esse dia não erigueu os olhos para Amaro. Parecia triste – e sem razão, às vezes, o rosto abrasava-se-lhe de sangue.

Eça de Queirós. *O crime do padre Amaro*.

73 Unifesp 2011 O texto permite afirmar que:

- (a) o livro de orações que Amaro costumava ler desperta seu amor por Amélia.
- (b) a observação diária de certas ações de Amélia desperta o desejo de Amaro.
- (c) embora Amélia ache lindas as orações do livro, a obra a deixa perturbada.
- (d) o livro que Amaro empresta a Amélia aumenta, aos poucos, sua religiosidade.
- (e) com a leitura do livro, Amélia passa a corresponder aos sentimentos de Amaro.

► Instrução: As questões **74** e **75** tomam por base o fragmento seguinte.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; irritadiços todos como feridas; os inspetores a cada passo precisavam intervir em conflitos; as importunações andavam em busca das suscetibilidades; as suscetibilidades a procurar a sarna das importunações. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos. Viam Rômulo passar, lançavam-lhe o apelido: mestre-cuca!

Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?

[...]

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpulência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho. Em geral procurava reconhecer algum dos impertinentes e o marcava para a vindita. Vindita inexorável.

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre-cuca! Via-se apregoadado por vozes fantásticas, saldas da terra; mestre-cuca! Por vozes do espaço rouquenhadas ou esganiçadas. Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantíase.

Raul Pompeia. *O Ateneu*.

74 Unifesp 2011 Considere as seguintes afirmações.

- I. A alcinha de mestre-cuca, recebida por Rômulo, advinha do fato de ter praticado, anteriormente, a arte culinária.
- II. As agressões e humilhações sofridas por Rômulo eram essencialmente motivadas por sua antipatia.
- III. As reações de Rômulo às provocações dos colegas variavam conforme as circunstâncias.

De acordo com o texto, está correto o que se afirma apenas em:

- (a) I. (c) III. (e) II e III.
(b) II. (d) I e II.

75 Unifesp 2011 Sobre o texto, é correto afirmar:

- (a) A atmosfera tensa presente no cotidiano do colégio era produto, sobretudo, da marcação cerrada dos inspetores, que intervêm nos muitos conflitos.
- (b) Rômulo, devido às provocações que sofre, perde as certezas sobre si mesmo e assume um comportamento que oscila entre a angústia e ataques de fúria.
- (c) Alguns alunos, por serem muito suscetíveis, importunavam outros colegas, puxando-lhes o cabelo ou colocando-lhes apelidos.
- (d) A brutalidade física de Rômulo era a única solução que encontrava para enfrentar a chacota dos alunos mais fortes.
- (e) A unanimidade dos alunos em chamar Rômulo de cozinheiro fazia com que preponderasse sua atitude de entregar-se ao acabrunhamento.

► Texto para a questão 43.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. (Adapt.).

43 Fuvest 2012 De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo:

- (a) inovador. (d) neutro.
(b) restritivo. (e) aleatório.
(c) transigente.

► Texto para a questão 44.

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: – O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: – Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa

ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15 jun. 2011.

44 Fuvest 2012 Tendo em vista o contexto, a palavra do texto que sintetiza o teor da acusação referida na entrevista é:

- (a) "usurpado".
(b) "detalhista".
(c) "fomentar".
(d) "litígios".
(e) "insanidade".

► Texto para a questão 45.

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior. *Evolution política do Brasil*. (Adapt.).

45 Fuvest 2012 Tendo em vista o conjunto de proposições e teses desenvolvidas em *A cidade e as serras*, pode-se concluir que é coerente com o universo ideológico dessa obra o que se afirma em:

- (a) A personalidade não se desenvolve pelo simples acúmulo passivo de experiências, desprovido de empenho radical, nem, tampouco, pela simples erudição ou pelo privilégio.
- (b) A atividade intelectual do indivíduo deve-se fazer acompanhar do labor produtivo do trabalho braçal, sem o que o homem se infelicitava e desvirlizava.
- (c) O sentimento de integração a um mundo finalmente reconciliado, o sujeito só o alcança pela experiência avassaladora da paixão amorosa, vivida como devoção irracional e absoluta a outro ser.
- (d) Elites nacionais autênticas são as que adotam, como norma de sua própria conduta, os usos e costumes do *pais profundo*, constituído pelas populações pobres e distantes dos centros urbanos.
- (e) Uma vida adulta equilibrada e bem desenvolvida em todos os seus aspectos implica a participação do indivíduo na política partidária, nas atividades religiosas e na produção literária.

► Instrução: A questão **46** toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

UMA CAMPANHA ALEGRE, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.*

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que calram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

*E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num chouto** tão triunfante!*

Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].

* Pela: bola.

** Chouto: trote miúdo.

46 Unesp 2012 Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Com esta frase, o cronista afirma que:

- (a) a atividade política está sempre sujeita a acusações descabidas.
- (b) é altamente honroso, em certos casos, demitir-se para evitar males ao estado.
- (c) a defesa de boas ideias frequentemente leva à renúncia.
- (d) os políticos honestos sofrem acusações e perseguições dos desonestos.
- (e) todos os políticos se equivalem pelos desvios da ética.

► Instrução: A questão **47** toma por base um fragmento de uma elegia de Vinicius de Moraes (1913-1980).

ELEGIA NA MORTE DE CLODOALDO PEREIRA DA SILVA MORAES,

POETA E CIDADÃO

*A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.*

De repente não tinha pai.

*No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor tua
[lembração]*

*Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância
Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino
Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna
Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta
De Augusto geralmente procrastinava a tarde.*

*Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho
Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...
Dizíamos: "É-vem meu pai!". Quando a curva
Se acendia de luzes **semoventes**, ah, corríamos
Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes
Mas ser **marralo** em teus braços, sentir por último
Os doces espinhos da tua barba.*

*Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência
Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura
De quem se deixou ser. Teus ombros possantes
Se curvavam como ao peso da enorme poesia
Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos
Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios
Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo
Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras
Mirando o mar). Dize-me, meu pai*

*Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance
Que nunca revelaste a ninguém?*

*Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta
[exausto no último lance da maratona.*

*Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais
Uma palavra dura, um rosar paterno. Entravas a casa humilde
A um gesto do mar. A noite se fechava*

*Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.
Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando o mar
Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios
Buscavam ilhas, outras ilhas... – as imaculadas, inacessíveis
Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar
E trazer – depositar aos pés da amada as joias fulgurantes*

*Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles
Dos mais **provectos**. Muitas vezes te vi, comandante
Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência
De vastos e noturnos oceanos*

Sem jamais.

*Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste
A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar
Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor
Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas
Teu amor inventou. Financiaste uma lancha
Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia*

Para um Brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.
Doze luas voltaste. Tua primogênita – diz-se –
Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas
águas-marinhas.

Vinicius de Moraes. *Antologia poética*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.

Semovente: "Que ou o que anda ou se move por si próprio."

Marralo: "No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar."

Provecto: "Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre."
Delvânio Eletrônico Houaiss

47 Unesp 2012 Compare o conteúdo das frases a seguir com o que o eu poemático afirma no poema.

- I. A notícia da morte do pai chegou por telefone.
- II. O falecimento foi informado pela primogênita.
- III. A morte do pai provocou reminiscências da infância.
- IV. Apesar de não ter sido um bom pai, o filho perdoo e sente saudades.

As frases que correspondem ao que é efetivamente expresso no poema estão contidas apenas em:

- (a) I e II. (d) I, II e III.
(b) I e III. (e) II, III e IV.
(c) I e IV.

48 Unifesp 2012 Leia os versos de Cecília Meireles, extraídos do poema *Epigrama n° 8*.

Encostei-me a ti, sabendo bem que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando cal.

O eu lírico reconhece que a pessoa em quem depôs sua vida representava:

- (a) uma relação incerta, por isso os desenganos vividos seriam inevitáveis.
- (b) um sentimento intenso, por isso tinha certeza de que não sofreria.
- (c) um caso de amor passageiro, por isso se sentia enganado.
- (d) uma angústia inevitável, por isso seria melhor aquele amor.
- (e) uma opção equivocada, por isso sempre teve medo de amar.

49 Unifesp 2012 Todo estudante sabe que atualidade também é questão de vestibular. Para garantir um bom desempenho, fique atento a temas que se repetem durante alguns dias em jornais, sites ou canais de TV. Quando estiver se informando, relacione os acontecimentos aos conteúdos aprendidos em sala de aula. E cuidado especial com meio ambiente, sempre em alta nas provas.

Veja, 18 maio 2011.

A intenção explícita do texto, considerada a interlocução nele definida, é:

- (a) descrever que o próprio vestibular é um tema de atualidade.
- (b) orientar os vestibulandos sobre como estudar atualidade.
- (c) mostrar aos professores que a TV é importante para se ensinar atualidade.
- (d) enfatizar as divergências entre informações da mídia e da escola.
- (e) indicar aos estudantes que meio ambiente é um tema já desgastado.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **50**.

CHOVE CHUVA, CHOVE SEM PARAR

O óbvio, o esperado. Nos últimos dias, o comentário que teimou e bateu ponto em qualquer canto de Curitiba, principalmente nos botecos, foi um só:

– Mas que chuvurada, né?

De olho no nível das águas do pequeno riacho que passa junto à mansão da Vila Piroquinha, Natureza Morta procurou o lado bom de tanta chuva ininterrupta.

Concluiu que, pelo excesso de uso, dispositivo sempre operante, o tempo fez a alegria do pessoal que conserta limpador de para-brisa. Desse pessoal e, nem tanto, de quem vende guarda-chuva. Afinal, do jeito que a coisa andava, agravada pelo frio, a freguesia – de maneira compulsória – praticamente desapareceu das ruas.

Gazeta do Povo, 02 ago. 2011.

50 Unifesp 2012 Em suas considerações, o personagem Natureza Morta conclui que:

- (a) as pessoas gostam de sair às ruas em dias de chuva.
- (b) a chuva em excesso teve o seu lado positivo.
- (c) o lado bom da chuva foi o comentário nos botecos.
- (d) as pessoas ficam alegres em dias chuvosos.
- (e) a chuva muito agradou aos vendedores de guarda-chuva.

51 Unifesp 2012 Observe o esquema.



Acompanhando a ideia de que “um livro puxa outro”, quem leu *As Cidades Invisíveis* deve ter lido:

- (a) *A Ilha do Tesouro*.
- (b) *Odisseia*.
- (c) *Os Maias*.
- (d) *O Homem da Areia*.
- (e) *O Decameron*.

► Instrução: Para responder às questões de **52** a **54**, leia o trecho do conto de Machado de Assis.

FLOR ANÔNIMA

Manhã clara. A alma de Martinha é que acordou escura. Tinha ido na véspera a um casamento; e, ao tornar para casa, com a tia que mora com ela, não podia encobrir a tristeza que lhe dera a alegria dos outros e particularmente dos noivos.

Martinha ia nos seus... Nascera há muitos anos. Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família. O pai não cabia em si de contente.

- *Há de ser linda!*
- *Há de ser boa!*
- *Há de ser condessa!*

– Há de ser rainha! Essas e outras profecias iam ocorrendo aos parentes e amigos da casa.

Lá vão... Aqui pega a alma escura de Martinha. Lá vão quarenta e três anos — ou quarenta e cinco, segundo a tia; Martinha, porém, afirma que são quarenta e três. Adotemos este número. Para ti, moça de vinte anos, a diferença é nada; mas deixa-te ir aos quarenta, nas mesmas circunstâncias que ela, e verás se não te cerceias uns dois anos. E depois nada obsta que marches um pouco para trás. Quarenta e três, quarenta e dois, fazem tão pouca diferença...

Naturalmente a leitora espera que o marido de Martinha apareça, depois de ter lido os jornais ou enxugado do banho. Mas é que não há marido, nem nada. Martinha é solteira, e daí vem a alma escura desta bela manhã clara e fresca, posterior à noite de bodas.

Só, tão só, provavelmente só até a morte; e Martinha morrerá tarde, porque é robusta como um trabalhador e sã como um pero. Não teve mais que a tia velha. Pai e mãe morreram, e cedo.

A culpa dessa solidão a quem pertence? Ao destino ou a ela? Martinha crê, às vezes, que ao destino; às vezes, acusa-se a si própria. Nós podemos descobrir a verdade, indo com ela abrir a gaveta, a caixa, e na caixa a bolsa de veludo verde e velha, em que estão guardadas todas as suas lembranças amorosas. Agora que assistira ao casamento da outra, teve ideia de inventariar o passado. Contudo hesitou:

– Não, para que ver isto? É pior: deixemos recordações aborrecidas.

<www.dominiopublica.gov.br>. (Adapt.)

52 Unifesp 2012 De acordo com o texto, o que levou Martinha a acordar com a alma escura foi:

- (a) a lembrança de estar quase só, pois seu marido se fora, restando apenas sua tia velha.
- (b) a consciência de sua solidão, reforçada pelo evento de que participou no dia anterior.
- (c) a percepção de que já estava com idade avançada e ainda demoraria para morrer.
- (d) a certeza de que não foi e nem seria tão bem-aventurada como previu sua família.
- (e) a possibilidade de que sua vitalidade, ainda que tivesse saúde, fosse abalada.

53 Unifesp 2012 Quando dialoga com sua possível leitora, o narrador enfatiza que:

- (a) a juventude deve ser aproveitada intensamente, para que as mulheres, na velhice, não sofram com os danos do tempo.
- (b) a idade, ainda que passe para todas as mulheres incondicionalmente, preocupa-as mais na sua juventude.
- (c) as moças dão pouca atenção à idade, já que sabem da impossibilidade de fazer com que o tempo pare e as mantenha jovens.
- (d) alguns anos passam despercebidos na juventude, mas são muito representativos mais tarde, na vida, se não houve casamento.
- (e) umas pessoas sofrem mais que outras quando passa a juventude, notadamente se têm mais lembranças amorosas.

54 Unifesp 2012 Na construção da narrativa, o narrador apresenta uma realidade não idealizada, o que é comum à estética literária realista. Isso se configura no texto com:

- (a) a expectativa de Martinha que, ainda velha, nutria esperanças de poder casar-se e ser feliz com seu marido.
- (b) a busca que Martinha faz de suas lembranças amorosas, guardadas na gaveta, na caixa, na bolsa verde e velha.
- (c) a quebra da expectativa da leitora, que esperaria na sequência do conto um companheiro para Martinha.
- (d) a investigação de tempos passados, que Martinha pensa fazer para abandonar a tristeza em que vive.
- (e) as profecias dos parentes e amigos da família que traçaram um mundo de encantos para Martinha.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **55**.

O Romualdo tinha nascido, talvez, para os mais altos destinos; mas como os pais se esqueceram de mandar educá-lo, e ele mal sabia ler e escrever, o mais que arranhou foi ser soldado do exército, e, depois de obtida a sua baixa, contínuo de secretaria.

Releva dizer que o Romualdo só deixou crescer as barbas depois de contínuo; se as usasse quando era soldado e guerreava no Paraguai, chegaria a capitão pelo menos.

Mas que contínuo! Alto, gordo, ereto, com aquelas opulentas sulças brancas a emoldurar-lhe a cara, sem bigodes, mais parecia um magistrado, cuja figura estava ao pintar para presidir a um júri sensacional, e essa ilusão só se desfazia quando ele falava, porque o Romualdo, benza-o Deus! por mais que compusesse a sua fisionomia austera e veneranda, tinha o estilo e a prosápia do “povo da lira”. Calado era um juiz; falando, um capadócio.

Arthur Azevedo. *As Barbas do Romualdo*, em: <www.releituras.com.br/azevedo_barbas.asp>.

55 Unifesp 2012 A construção de sentido no texto assenta-se, sobretudo, na evidente contradição do personagem Romualdo, que:

- (a) fora mal cuidado pelos pais, mas ainda assim subiu na vida.
- (b) era gordo, o que era incompatível com um magistrado.
- (c) tinha aparência física respeitável, mas era ignorante.
- (d) assumiu um cargo importante em que usava a língua do povo.
- (e) fazia serviços simples, opostos a sua elegância verbal.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 56.

MATO, GROSSO ATÉ QUANDO?

Em agosto de 2005, quando os astronautas do ônibus espacial Discovery retornaram à Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta, facilmente observado do espaço. [...]

O Brasil destaca-se nesse cenário tanto por ter a maior floresta tropical do mundo quanto por ser líder mundial em desmatamento. O agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária são as causas desse processo. Entre os estados, o Mato Grosso responde por quase 50% do desmatamento anual na Amazônia brasileira. A julgar pelo que ocorre no presente, as projeções apontam para um cenário ambientalmente catastrófico para esse estado, que chegará a 2020 com menos de 23% da sua cobertura florestal original.

Ciência Hoje, vol. 42, no 248, maio de 2008. (Adapt.).

56 Unifesp 2012 Leia as frases.

- I. Antes de o ônibus espacial Discovery chegar na Terra, a comandante Eileen Collins chamou a atenção para o ritmo acelerado do desmatamento no planeta.
- II. O desmatamento no Brasil ocorre devido o agronegócio, a exploração madeireira irracional e a especulação fundiária.
- III. Segundo as projeções, existem possibilidades de que haja um cenário ambientalmente catastrófico para o estado de Mato Grosso.

Com base nos princípios de regência, está correto o contido em:

- (a) I, apenas. (d) II e III, apenas.
(b) III, apenas. (e) I, II e III.
(c) I e II, apenas.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 57.

Quando a grávida usa crack ou cocaína, o bebê costuma nascer hiperexcitado, irritado, choroso. É sinal de que a droga chegou ao cérebro e pode ter provocado alterações de desenvolvimento. Mas o resultado desse contato precoce só pode ser observado anos depois, quando a criança começar sua vida escolar.

[...]

A grande preocupação em relação ao crack e à cocaína é o desenvolvimento futuro da criança. "As drogas alteram a arquitetura cerebral do feto. Elas mudam a formação de sinapses, conexões e circuitos. Ao final, podem provocar alterações cognitivas que prejudicam a vida social e escolar da criança. Sua capacidade de entender conceitos abstratos e fazer associações pode ser comprometida", diz Ruth Guinsburg, professora de pediatria neonatal da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Época, 20 jun. 2011. (Adapt.).

57 Unifesp 2012 As informações textuais revelam que o consumo do crack ou da cocaína durante a gravidez é preocupante, porque a criança:

- (a) viverá anos depois de forma excitada, irritada e chorosa.
(b) ficará impossibilitada de ter uma vida social e escolar.
(c) terá um cérebro incapaz de realizar sinapses, conexões e circuitos.
(d) poderá ter a sua capacidade de aprendizagem afetada no futuro.
(e) manterá a droga alojada no cérebro, até a chegada da vida escolar.

► Instrução: Leia os versos do poeta Manoel de Barros para responder à questão 58.

1
Descobri aos 13 anos que o que me
dava prazer nas leituras não era a
beleza das frases, mas a doença delas.

2
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu* de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.

Versos extraídos de *O Livro dos Ignorantes*.

*tolo

58 Unifesp 2012 Os versos transcritos em 1 e 2 assinalam que o eu lírico:

- (a) se ressentia das imposições das gramáticas, que comprometem a sua criatividade.
(b) reconhece a necessidade de fazer poesia, lembrando-se de atender ao normativismo.
(c) condena a expressão linguística que materializa textos sem a beleza das frases.
(d) propõe formas alternativas de expressão sem apegar-se ao rigor das normas gramaticais.
(e) busca a doença das palavras como forma de repensá-las e ajustá-las à ideia de belo.

59 UFF 2012



Reprodução da capa do catálogo da exposição "6 bilhões de Outros". MASP, São Paulo, 20 de abril a 10 de julho de 2011.

Vista de cima, a Terra parece uma superfície enorme que pode ser compartilhada. Mas logo que se pisa em "terra firme" nos confrontamos com a rigidez das administrações de cada país e com a realidade que as fronteiras impõem aos homens – símbolo da dificuldade de vivermos juntos. Hoje, a única ação possível é ir em direção ao Outro, entendê-lo. De agora em diante, não podemos ignorar o que nos une e as responsabilidades que nos impõem. Somos mais de 6 bilhões na Terra! E não há desenvolvimento sustentável se não conseguirmos viver juntos. Esta é a razão pela qual eu acredito no projeto 6 bilhões de Outros, e ele me é tão caro. Ele emociona cada um de nós e nos encoraja a agir.

Yann Arthus-Bertrand. Catálogo da Exposição.

A proposta de "ir em direção ao Outro", expressa pelo idealizador da Exposição, associa-se, na obra visual da capa do catálogo, a alguns procedimentos. Assinale a alternativa que identifica adequadamente dois desses procedimentos.

- (a) Diversidade visual dos rostos retratados, indicando diferenças de etnia e procedência; disposição lado a lado das imagens, como forma de propor a aproximação entre as pessoas.
- (b) Mosaico de imagens visuais, indicando diversidades e semelhanças entre os habitantes do planeta; organização fragmentada dos retratos, criando ideias de dispersão e afastamento.
- (c) Diferenças no modo de enquadrar e exibir cada imagem, identificando a diversidade étnica; destaque, em tamanho maior, de algumas imagens, comprovando a desigualdade do tratamento dado a cada personagem retratado.
- (d) Igualdade dos rostos retratados, como forma de mostrar a monotonia da existência humana; disposição lado a lado dos rostos, configurando a humanidade como um grande mosaico étnico.
- (e) Repetição gemada de imagens, para assinalar a diferença étnica e religiosa entre as pessoas; organização das imagens em séries que possibilitam a identificação de rostos conhecidos e famosos.

► Texto para as questões 15 e 16.

VIVENDO, E...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. [...]

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovada, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. [...]

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e ... Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando – mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

Luis F. Veríssimo, Comédias para se ler na escola.

15 Fuvest 2013 A palavra que o cronista omite no título, substituindo-a por reticências, ele a emprega no último parágrafo, na posição marcada com pontilhado. Tendo em vista o contexto, conclui-se que se trata da palavra:

- (a) desanimando.
- (b) crescendo.
- (c) inventando.
- (d) brincando.
- (e) desaprendendo.

16 Fuvest 2013 Um dos contrastes entre passado e presente que caracterizam o desenvolvimento do texto manifesta-se na oposição entre as seguintes expressões:

- (a) "precisão" (L. 3) / "fórmula" (L. 8).
- (b) "muita confusão" (L. 9) / "distância exata" (L. 13).
- (c) "trajetória elíptica" (L. 17) / "mínima margem de erro" (L. 18).
- (d) "puro instinto" (L. 18) / "complicados cálculos" (L. 19).
- (e) "habilidade perdida" (L. 20) / "artes que nos abandonaram" (L. 25).

► Texto para as questões 17 e 18.

A essência da teoria democrática é a supressão de qualquer imposição de classe, fundada no postulado ou na crença de que os conflitos e problemas humanos — econômicos, políticos, ou sociais — são solucionáveis pela educação, isto é, pela cooperação voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública terá de ser formada à luz dos melhores conhecimentos existentes e, assim, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais deverá se fazer a mais ampla, a mais vigorosa, a mais livre, e a difusão desses conhecimentos, a mais completa, a mais imparcial e em termos que os tornem acessíveis a todos.

Anísio Teixeira, Educação é um direito. (Adapt.).

17 Fuvest 2013 De acordo com o texto, a sociedade será democrática quando:

- (a) sua base for a educação sólida do povo, realizada por meio da ampla difusão do conhecimento.
- (b) a parcela do público que detém acesso ao conhecimento científico e político passar a controlar a opinião pública.
- (c) a opinião pública se formar com base tanto no respeito às crenças religiosas de todos quanto no conhecimento científico.
- (d) a desigualdade econômica for eliminada, criando-se, assim, a condição necessária para que o povo seja livremente educado.
- (e) a propriedade dos meios de comunicação e difusão do conhecimento se tornar pública.

18 Fuvest 2013 No trecho "chamadas ciências sociais", o emprego do termo "chamadas" indica que o autor:

- (a) vê, nas "ciências sociais", uma panaceia, não uma análise crítica da sociedade.
- (b) considera utópicos os objetivos dessas ciências.
- (c) prefere a denominação "teoria social" à denominação "ciências sociais".
- (d) discorda dos pressupostos teóricos dessas ciências.
- (e) utiliza com reserva a denominação "ciências sociais".

► Texto para as questões 19 e 20.

ATA

Acredito que o mau tempo haja concorrido para que os sabadoyleanos hoje não estivessem na casa de José Mindlin, em São Paulo, gozando das delícias do cuscuz paulista aqui amavelmente prometido. Depois do almoço, visita aos livros dialogantes, na expressão de Drummond, não sabemos se no rigoroso sistema de vigilância de Plínio Doyle, mas de qualquer forma com as gentilezas das reuniões cariocas. Para o amigo de São Paulo as saudações afetuosas dos ausentes-pretenses, que neste instante todos nos voltamos para o seu palácio, aquele que se iria desvestir dos ares aristocráticos para receber camaradescamente os descamisados da Rua Barão de Jaguaribe.

Guarde, amigo Mindlin, para breve o cuscuz da tradição bandeirante, que hoje nos conformamos com os biscoitos à la Plínio Doyle.

Rio, 20 nov. 1976.

Signatários: Carlos Drummond de Andrade, Gilberto de Mendonça Teles, Plínio Doyle e outros.
Cartas da biblioteca Guita e José Mindlin. (Adapt.).

Sabadoyleanos: frequentadores do sabadoyle, nome dado ao encontro de intelectuais, especialmente escritores, realizado habitualmente aos sábados, na casa do bibliófilo Plínio Doyle, situada no Rio de Janeiro.

19 Fuvest 2013 Da leitura do texto, depreende-se que:

- (a) o anfitrião carioca, embora gentil, é cioso de sua biblioteca.
- (b) o anfitrião paulista recebeu com honrarias os amigos cariocas, que visitaram a sua biblioteca.
- (c) os cariocas não se sentiram à vontade na casa do paulista, a qual, na verdade, era uma mansão.
- (d) os cariocas preferiram ficar no Rio de Janeiro, embora a recepção em São Paulo fosse convidativa.
- (e) o fracasso da visita dos cariocas a São Paulo abalou a amizade dos bibliófilos.

20 Fuvest 2013 As expressões "ares aristocráticos" e "descamisados" relacionam-se, respectivamente,

- (a) aos "sabadoyleanos" e a Plínio Doyle.
- (b) a José Mindlin e a seus amigos cariocas.
- (c) a "gentilezas" e a "camaradescamente".
- (d) aos signatários do documento e aos amigos de São Paulo.
- (e) a "reuniões cariocas" e a "tradição bandeirante".

► Instrução: As questões de 21 a 24 tomam por base um texto de Millôr Fernandes (1924-2012).

OS DONOS DA COMUNICAÇÃO

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas.

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betunalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xifrim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.

21 Unesp 2013 Para Millôr Fernandes, no texto apresentado, os donos da comunicação são:

- (a) produtores de tecnologia de informação e comunicação.
- (b) dirigentes de órgãos governamentais que regem a comunicação no país.
- (c) proprietários de veículos de comunicação em massa.
- (d) apresentadores de telejornais e programas populares de televisão.
- (e) funcionários executivos de empresas de publicidade.

22 Unesp 2013 Millôr Fernandes emprega com conotação irônica o termo inglês *society*, para referir-se a:

- (a) pessoas dedicadas ao desenvolvimento da sociedade.
- (b) pessoas que fazem caridade apenas para aparecer nos jornais.
- (c) sociedades de atores de teatro, cinema e televisão.
- (d) norte-americanos ou ingleses muito importantes, residentes no país.
- (e) indivíduos presunçosos da chamada *alta sociedade*.

23 Unesp 2013 Com a frase *Parece que é a lei*, no segundo parágrafo, o humorista tenta explicar que:

- (a) as pessoas poderosas se unem em sociedades secretas.
- (b) o poder dos donos da comunicação parece ter força de lei.
- (c) parece que a lei não existe no mundo da comunicação.
- (d) o poder dos grandes empresários emana de uma lei que os protege.
- (e) as leis não foram criadas para proteger os cidadãos.

24 Unesp 2013 No último período do texto, a discrepância dos possessivos *teu* e *tua* (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome de tratamento *você* (terceira pessoa do singular) justifica-se como:

- (a) possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.
- (b) um modo de escrever característico da linguagem jornalística.
- (c) emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.
- (d) aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.
- (e) intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.

► Instrução: As questões de 25 a 27 tomam por base um fragmento de uma peça do teatrólogo Guilherme Figueiredo (1915-1997).

A RAPOSA E AS UVAS

(Casa de Xantós, em Samos. Entradas à D, E, e F. Um gongo. Uma mesa. Cadeiras. Um "clismos". Pelo pórtico, ao fundo, vê-se o jardim. Estão em cena Cleia, esposa de Xantós, e Melita, escrava. Melita penteia os cabelos de Cleia.)

MELITA: — (Penteando os cabelos de Cleia.) Então Rodópis contou que Crisipo reuniu os discípulos na praça, apontou para o teu marido e exclamou: "Tens o que não perdeste". Xantós respondeu: "É certo". Crisipo continuou: "Não perdeste chifres". Xantós concordou: "Sim". Crisipo finalizou: "Tens o que não perdeste; não perdeste chifres, logo os tens". (Cleia ri.) Todos riram a valer.

CLEIA: — É engenhoso. É o que eles chamam sofisma. Meu marido vai à praça para ser insultado pelos outros filósofos?

MELITA: — Não; Xantós é extraordinariamente inteligente... No meio do riso geral, disse a Crisipo: "Crisipo, tua mulher te engana, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha!" E aí os discípulos de Crisipo e os de Xantós atiraram-se uns contra os outros...

CLEIA: — Brigaram? (Assentimento de Melita.) Como é que Rodópis soube disto?

MELITA: — Ela estava na praça.

CLEIA: — Vocês, escravas, sabem mais do que se passa em Samos do que nós, mulheres livres...

MELITA: — As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.

CLEIA: — É verdade. Gostarias de ser livre?

MELITA: — Não, Cleia. Tenho conforto aqui, e todos me consideram. É bom ser escrava de um homem ilustre como teu marido. Eu poderia ter sido comprada por algum mercador, ou algum soldado, e no entanto tive a sorte de vir a pertencer a Xantós.

CLEIA: — Achas isto um consolo?

MELITA: — Uma honra. Um filósofo, Cleia!

CLEIA: — Eu preferia que ele fosse menos filósofo e mais marido. Para mim os filósofos são pessoas que se encarregam de aumentar o número dos substantivos abstratos.

MELITA: — Xantós inventa muitos?

CLEIA: — Nem ao menos isto. E aí é que está o trágico: é um filósofo que não aumenta o vocabulário das controvérsias. Já terminaste?

MELITA: — Quase. É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm. Xantós beija os teus cabelos? (Muxoxo de Cleia.) Eu admiro teu marido.

CLEIA: — Por que não dizes logo que o amas? Gostarias bastante se ele me repudiasse, te tornasse livre e se casasse contigo...

MELITA: — Não digas isto... Além do mais, Xantós te ama...

CLEIA: — À sua maneira. Faça parte dos bens dele, como tu, as outras escravas, esta casa...

MELITA: — Sempre que viaja te traz presentes.

CLEIA: — Não é o amor que leva os homens a dar presentes às esposas: é a vaidade; ou o remorso.

MELITA: — Xantós é um homem ilustre.

CLEIA: — É o filósofo da propriedade: "Os homens são desiguais: a cada um toca uma dádiva ou um castigo". É isto democracia grega... É o direito que o povo tem de escolher o seu tirano: é o direito que o tirano tem de determinar: deixo-te pobre; faço-te rico; deixo-te livre; faço-te escravo. É o direito que todos têm de ouvir Xantós dizer que a injustiça é justa, que o sofrimento é alegria, e que este mundo foi organizado de modo a que ele possa beber bom vinho, ter uma bela casa, amar uma bela mulher. Já terminaste?

MELITA: — Um pouco mais, e ainda estarás mais bela para o teu filósofo.

CLEIA: — O meu filósofo... Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...

Guilherme Figueiredo. Um deus dormiu lá em casa, 1964.

25 Unesp 2013 A leitura deste fragmento da peça *A raposa e as uvas* revela que a personagem Cleia:

- (a) aprecia, orgulhosa, Xantós como homem e como filósofo.
- (b) tem bastante orgulho pelas vitórias do marido nos debates.
- (c) manifesta desprezo pelo marido, mas valoriza sua sabedoria.
- (d) demonstra grande admiração pela cultura filosófica de Xantós.
- (e) preferiria que Xantós desse mais atenção a ela que à Filosofia.

26 Unesp 2013 Considerando-se que os papéis desempenhados pela esposa e pela escrava são reveladores do modo como sentem as condições em que vivem, pode-se afirmar que Cleia e Melita encarnam em cena, respectivamente, dois sentimentos distintos:

- (a) insatisfação – felicidade.
- (b) ingenuidade – sabedoria.
- (c) respeito – desprezo.
- (d) admiração – resignação.
- (e) orgulho – euforia.

27 Unesp 2013 Em sua penúltima fala no fragmento, Cleia critica o conceito de "democracia grega", podendo-se perceber, pelo teor de seu discurso, que:

- (a) o marido não lhe passa argumentos para compreender a beleza do conceito.
- (b) a filosofia de Xantós é elevada demais para as pessoas comuns compreenderem.
- (c) não tem informações suficientes para entender o valor da "democracia grega".
- (d) tem muita perspicácia ao perceber e apontar as contradições do conceito.
- (e) é incapaz, como todas as mulheres gregas, de compreender abstrações.

► Instrução: A questão **28** toma por base um poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

JESUS PANTOCRÁTOR

*Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja
De Monreale, feita em mosaico, a divina
Figura de Jesus Pantocrátor: domina
Aquele face austera, aquele olhar treveja.*

*Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
À árida pupila a doce, a benfazeja
Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja
À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina.*

*Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo
Que há nos frescos de Santo Stefano Rotondo;
Este do mundo antigo espedaçado assoma...*

*Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:
Tem o anátema à boca, às duas mãos o raio,
E em vez do espinho à frente as três coroas de Roma.*

Luís Delfino. *Rasas negras*, 1938.

Pantocrátor: que tudo rege, que governa tudo.

Bizantina: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse Império.

Fresco: o mesmo que afresco, pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

Santo Stefano Rotondo: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (Stefano, em italiano), mártir do Cristianismo.

Anátema: reprovção enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

FIGURA DE CRISTO PANTOCRÁTOR



Catedral de Monreale, Itália.

ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

Alexandre Oliva. Software privativo é falta de educação. <<http://revista.espiritalivre.org>>.

28 Unesp 2013 Segundo um dos dogmas da doutrina cristã, Jesus Cristo nos resgatou e nos reconciliou com Deus por meio de seu sacrifício na cruz. Aponte o verso do poema que nega explicitamente esse dogma para a imagem de Cristo Pantocrátor.

- (a) Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.
- (b) Aquela face austera, aquele olhar tropeja.
- (c) Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:
- (d) Figura de Jesus Pantocrátor: domina
- (e) Este do mundo antigo espedaçado assoma...

► Instrução: A questão **29** toma por base dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de software na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações

29 Unesp 2013 No fragmento do artigo apresentado, em todas as referências a software, a palavra "Livre" aparece com inicial maiúscula e a palavra "privativo" com inicial minúscula. Aponte a alternativa que explica essa diferença em função do próprio contexto do artigo.

- (a) Foi seguido o preceito segundo o qual todos os nomes próprios do idioma devem ser escritos sempre com inicial maiúscula.
- (b) A maiúscula foi necessária no contexto para ressaltar o fato de que as palavras "livre" e "privativo" pertencem a classes gramaticais diferentes.
- (c) O autor escreveu a inicial maiúscula na palavra "livre" sem nenhum motivo justificável em função do texto do artigo.
- (d) A inicial maiúscula em "livre" foi empregada como recurso estilístico para enfatizar a grande importância que o autor atribui a tal tipo de software.
- (e) Trata-se de um recurso que o autor utilizou, ao rascunhar o artigo, para localizar a palavra "livre" e depois esqueceu de apagar.

► Instrução: Leia o poema *O constante diálogo*, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões **30** e **31**.

HÁ TANTOS DIÁLOGOS

Diálogo com o ser amado

*o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado*

Diálogo consigo mesmo

*com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro*

*Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.*

Carlos Drummond de Andrade. *Discurso de primavera e algumas sombras*, 1977.

30 Unifesp 2013 O eu lírico, ao mostrar as variedades do diálogo, revela que este:

- (a) é uma forma que, na verdade, dissimula um monólogo.
- (b) é uma realidade inerente à condição humana.
- (c) implica necessariamente um outro, distinto do eu.
- (d) constrói a ideia de que comunicar exige afinidade.
- (e) concebe o presente desprovido das marcas do passado.

31 Unifesp 2013 Na abordagem temática do poema, destaca-se a inserção do discurso:

- (a) da metafísica, marcando-se com imagens que suscitam ideias relacionadas à morte e à fugacidade do tempo.
- (b) da ausência, marcando-se pela tensão existencial conflituosa e pela falta de sentimento entre as pessoas.
- (c) do desalento, expressando-se uma visão pessimista do mundo e das pessoas, decorrente da frustração com a vida.
- (d) da comunicação, estabelecendo-se por meio dela uma reflexão filosófica sobre o fazer poético.
- (e) da autobiografia, evidenciando-se com sutileza aspectos relacionados à vida do poeta em Minas Gerais.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **32**.

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está "condenado" a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à "interpretação": tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não verbal) e significação. Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o "império do verbal" em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

Eni Orlandi. *As formas do silêncio*, 1997.

32 Unifesp 2013 Ao analisar a prevalência da linguagem verbal na comunicação social, a autora enfatiza que:

- (a) a exigência da comunicação implica o fim do silêncio.
- (b) a essência do silêncio se perde, quando ele é traduzido pelas palavras.
- (c) a verdadeira linguagem prescinde do silêncio e das palavras.
- (d) as palavras recuperam satisfatoriamente os sentidos silenciados.
- (e) a comunicação pelo silêncio é, de fato, irrealizável.

► Instrução: Leia o texto para responder às questões de **33** a **35**.

DO CHUCHU AO XIX

A concessionária Orla Rio subiu em 50%, de R\$ 1 para R\$ 1,50, o uso do banheiro público e de 60 para 65 anos o privilégio da gratuidade.

A idade foi elevada com base em lei estadual de 2002, um ano antes de o Estatuto do Idoso (2003) favorecer pessoas "com idade igual ou superior a 60 anos".

Se o mal está feito, os economistas devem agora se preocupar com o choque do preço do uso do banheiro público na meta da inflação.

Em 1977, rimos quando a ditadura culpou o chuchu. Não seria o caso de rir, na democracia, do impacto do xixi no custo de vida?

CartaCapital, 27 jun. 2012.

33 Unifesp 2013 O autor mostra que a concessionária Orla Rio procedeu de forma:

- (a) contrária ao que preceitua o Estatuto do Idoso.
- (b) incoerente em relação à lei estadual de 2002.
- (c) semelhante à da época da ditadura.
- (d) compatível com a atual meta de inflação.
- (e) favorável aos cidadãos mais jovens.

34 Unifesp 2013 No texto, há uma crítica àqueles que:

- (a) deixam de se preocupar com suas demandas pessoais, para se dedicarem a causas públicas irrelevantes.
- (b) desconsideram os interesses coletivos e encontram justificativas pouco plausíveis para as decisões que tomam.
- (c) aumentam os impostos, sem levar em conta os impactos que eles terão para as contas públicas.
- (d) entendem perfeitamente as necessidades sociais sem que, no entanto, lutem por uma sociedade melhor.
- (e) desqualificam as decisões públicas por acreditarem, na maioria das vezes, que estas prejudicam o povo.

35 Unifesp 2013 A relação de sentido entre "ditadura" e "democracia", estabelecida no último parágrafo do texto, também ocorre na seguinte passagem, extraída do jornal *Folha de S.Paulo*, de 11 set. 2012:

- (a) *Alguns fatos empolgavam o país até outro dia. A volta do crescimento econômico, a descoberta do pré-sal, o desvencilhamento dos credores estrangeiros e a criação dos Brics animaram o espírito nacional.*
- (b) *Levantamento feito por esta Folha em todos os Estados do país mostrou que a Lei da Ficha Limpa barrou, até agora, 317 candidatas entre os 15.551 que disputam as prefeituras brasileiras.*
- (c) *"O dinheiro perdeu sua qualidade narrativa, tal como aconteceu com a pintura antes. O dinheiro agora fala sozinho."*
- (d) *A evasão nas graduações em engenharia, assinalam os professores, é alta demais. Só um quinto a um quarto dos ingressantes termina por formar-se – segundo os autores, porque lhes faltam noções básicas de matemática, que deveriam adquirir no ensino médio.*
- (e) *"Até nas flores se encontra a diferença da sorte: umas enfeitam a vida, outras enfeitam a morte." Esse poema se aprendia nas escolas do passado. Hoje, a diferença da sorte atinge até mesmo os partidos políticos, que podem ser resumidos em situação e oposição.*

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 36.

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*, 1997.

36 Unifesp 2013 Considerando os papéis desempenhados pelas personagens no texto, é correto afirmar que:

- (a) o diplomata é oportunista; o velho, conservador; os rapazes usufruem exageradamente os prazeres da vida; e as moças são frívolas.
- (b) o diplomata é astuto; o velho, intimista; os rapazes usufruem a vida dentro de suas possibilidades; e as moças vivem de sonhos.
- (c) o diplomata é perspicaz; o velho, saudosista; os rapazes usufruem prazerosamente a vida; e as moças encantam a todos.
- (d) o diplomata é trapaceiro; o velho, desencantado; os rapazes usufruem a vida de modo fútil; e as moças investem tão-somente na beleza exterior.
- (e) o diplomata é esperto; o velho, avançado; os rapazes usufruem a vida com parcimônia; e as moças vivem de devaneios.

37 Unifesp 2013 Leia o poema *Prece*, de Fernando Pessoa.

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.*

*Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

Fernando Pessoa. *Mensagem*, 1995.

Extraído do livro *Mensagem*, o poema pode ser considerado nacionalista, na medida em que o eu lírico:

- (a) apresenta Portugal como uma nação decadente, que não faz jus ao seu passado de heroísmo e glórias.
- (b) inspira-se no passado de heroísmo do povo português que, no presente, já não acredita na sua história.
- (c) busca reviver o sonho de uma nação grandiosa, cantando um Portugal almejado por seus feitos gloriosos.
- (d) reconhece o desejo de o povo português glorificar seus heróis, o que não foi possível até o seu presente.
- (e) descreve o Portugal de seu tempo como uma nação gloriosa e marcada por histórias de heroísmo.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 38.

_____ dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um hacker invadiu e tomou conta de seu e-mail e – além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados bancários – passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro.

Quando ela escreveu para seu endereço de e-mail pedindo ao hacker ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R\$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do e-mail porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

Goñeu, dezembro de 2011. (Adapt.).

38 Unifesp 2013 As informações do segundo parágrafo permitem concluir que o hacker tentou:

- (a) extorquir a jornalista.
- (b) pedir um donativo à jornalista.
- (c) negociar legalmente com a jornalista.
- (d) eximir-se da culpa pela invasão da conta do e-mail.
- (e) reconhecer seu erro.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 39.

Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para outdoor, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: "Beba leite de cabra em pó!". Como todos riram, o autor da frase emendou: "Beba leite em pó de cabra!".

Pior a emenda do que o soneto.

Flávia de Barros Carone. Morfossintaxe, 1986. (Adapt.).

39 Unifesp 2013 De acordo com o texto, a ordem estrutural diz respeito à macroestrutura da frase e a ordem linear à manifestação concreta, palavra após palavra, dos constituintes da oração. Assinale a alternativa em que, no par de palavras em destaque, em texto de Paulo Cesarino Costa, publicado na *Folha de S.Paulo* de 02.08.2012, há coincidência entre essas duas ordens.

- Exceto pelo fato de que dividirão, com outras dezenas de esportes, as atenções de TVs e rádios, portais de internet, jornais e revistas nos próximos dias numa rara disputa, de onde sairão dois retratos do Brasil.
- Nas paredes do Instituto Moreira Salles, pode-se ver diferentes concepções de fotojornalismo: da beleza pouco comprometida com a veracidade de Jean Manzon à objetividade das imagens de guerra de Luciano Carneiro.
- Num mundo cada vez mais dominado pela reprodução eletrônica e imagética dos acontecimentos, há uma interessante oportunidade de resgatar o momento em que a imagem começou a questionar o poder da palavra.
- A revista *O Cruzeiro* seguia a cartilha da revista norte-americana *Life*, que preconizava "um novo jornalismo, no qual as imagens formam o texto e as palavras ilustram as imagens".
- Serão 11 estrelas na tela, mas os ministros do STF e suas capas negras pouco têm a ver com os 11 amarelinhos de Mano Menezes na busca do ouro olímpico.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **40**.

APÓSTROFE À CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gostol!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

Augusto dos Anjos. *Obra completa*, 1994.

40 Unifesp 2013 No plano formal, o poema é marcado por:

- versos brancos, linguagem obscena, rupturas sintáticas.
- vocabulário seletivo, rimas raras, aliterações.
- vocabulário antilírico, redondilhas, assonâncias.
- assonâncias, versos decassílabos, versos sem rimas.
- versos livres, rimas intercaladas, inversões sintáticas.

41 UFG 2013 Leia o texto a seguir.



Disponível em: <www.matsseriedade.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 out. 2012.

As frases injuntivas na faixa dos manifestantes representam

- o desejo de provocar uma revolução política no país.
- o desrespeito ao Estado Democrático de Direito.
- a reação a um quadro político desfavorável à ordem social.
- a luta pelo direito de voto por meio de eleições diretas para presidente.
- uma crítica à aversão do presidente Collor às manifestações populares.

42 UFPE 2013 Leia o texto a seguir.

CIÊNCIA CARA = BOM INVESTIMENTO

Um mundo sem ciência ambiciosa fica privado de conhecimento novo e das aplicações das descobertas.

Fazer pesquisa é caro, mas vale a pena. Vamos pensar apenas na ciência de base, ou seja, a ciência que não tem o objetivo imediato de ser "útil", via aplicações tecnológicas ou gerando riqueza, cuja meta é investigar a natureza. Quanto um país deve investir nesse tipo de pesquisa?

Quando se discute como equilibrar o orçamento da União, é crucial questionar como os fundos vindos do contribuinte devem ser usados. Afinal, existem necessidades críticas em educação, infraestrutura de transporte, modernização de hospitais, atendimento médico para milhões de necessitados etc.

Num ensaio recente na *New York Review of Books*, uma prestigiosa publicação americana, o prêmio Nobel Steven Weinberg afirma que a solução nunca deve ser tirar dinheiro de áreas necessitadas para financiar pesquisa de base (ou qualquer outra). Por outro lado, o investimento na pesquisa de base deveria ser uma opção óbvia para qualquer país que pretende ter uma posição de liderança internacional.

No início do século 20, físicos lidavam com um modo inteiramente novo de interpretar a natureza. Einstein forçou uma revisão dos conceitos de espaço, tempo e energia. Planck, Bohr, Schrödinger e Heisenberg nunca poderiam ter imaginado que suas ideias revolucionárias sobre a física do átomo efetivamente redefiniram o mundo em que vivemos. Deles veio a revolução quântica, que gerou incontáveis aplicações tecnológicas, incluindo todos os equipamentos digitais, dos computadores aos raios laser, fibras ópticas e tecnologias nucleares.

Em seu ensaio, Weinberg mostra sua preocupação com o futuro da ciência de grande porte, projetos que alcançam bilhões de dólares. Recentemente, o sucessor do Telescópio Espacial Hubble, o Telescópio Espacial James Webb, teve seu orçamento cortado. Após muito drama, o financiamento foi restituído, mas ficou a insegurança. No mundo das partículas, a bola está com a Europa e seu mega-acelerador, o LHC. Cientistas americanos se juntaram ao projeto depois de perceberem a possibilidade de seu acelerador nacional desaparecer.

Na minha opinião, cortar o fomento à pesquisa de base, incluindo projetos bem definidos de alto custo, é inadmissível. Um mundo focado no imediato, no pragmático, pode ser eficiente, mas é extremamente monótono. Imagine um mundo sem as descobertas sensacionais que andam sendo feitas sobre o Cosmo e os mistérios da matéria; um mundo sem estrelas explodindo, sem galáxias colidindo e buracos negros.

Pior, imagine um mundo sem o que ainda não conhecemos e que nunca poderemos descobrir sem nossos instrumentos de exploração. Ademais, perderíamos todas as possíveis aplicações das descobertas.

Uma possibilidade é a de incluir cada vez mais países com fortes economias emergentes, como a China, a Índia e o Brasil, no fomento aos grandes projetos. Esse é um dos argumentos a favor da inclusão do Brasil como país-membro do ESO (Observatório Europeu do Sul), uma discussão que deixo para depois.

Quando vejo as enormes quantias sendo gastas na defesa nacional, eu me pergunto se nossas prioridades estão no lado criativo ou no destrutivo. Quando deixamos de investir no novo, ficamos condenados a só olhar para o velho.

Marcelo Gleiser. *Jornal da Ciência*, 03 set. 2012. (Adapt.)

A ideia central que dá unidade temática ao texto poderia ser expressa nos seguintes termos:

- () Uma ciência que não prioriza a obtenção de prosperidades imediatas tem um grande ônus financeiro, mas representa o empenho dos países que pretendem ganhar a liderança internacional.
- () Na perspectiva de uma ciência ambiciosa, os fundos oriundos dos contribuintes devem ser aplicados para garantir o equilíbrio do orçamento da União.
- () A ciência de base – aquela cujos objetivos transcendem o limite do útil-pragmático – deve constituir uma das metas quando se pensa em inovação científica.
- () Entre os cientistas atuais, existe a preocupação com o destino futuro das pesquisas de grande porte, em razão dos altos custos que elas demandam dos países que as promovem.
- () As vantagens de uma ciência focada no ainda não definido são relevantes e repercutem até mesmo nas possibilidades de aplicação para as descobertas já feitas anteriormente.

► A questão 14 toma por base uma passagem do artigo *Os operários da música livre*, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos torrents, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação on-line – tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas majors, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuía a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção – o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa “produção máxima” é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

“Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo”, opina o baiano Lucas Santana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. “Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados mainstream”, continua.

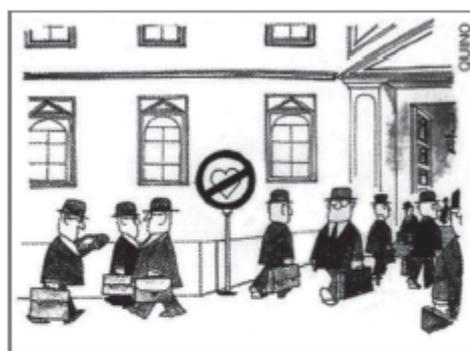
“Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de business. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular.”

(Góñez, março de 2013. Adaptado.)

14 Unesp 2014 Segundo o autor, desde o final do século 20, as novas tecnologias e softwares voltados para a música beneficiaram

- (a) as lojas especializadas na venda de discos de vinil e digitais.
- (b) os distribuidores de discos de vinil no mercado internacional
- (c) as grandes gravadoras e produtoras nacionais de discos.
- (d) as grandes redes de supermercados e shoppings.
- (e) os usuários interessados em compartilhar músicas.

1 Fuvest 2015 Examine a figura.



www.quino.com.ar

Os versos de Carlos Drummond de Andrade que mais adequadamente traduzem a principal mensagem da figura acima são:

- (a) Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?
- (b) As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

- (c) *Um silvo breve. Atenção, siga.*
Dois silvos breves: Pare.
Um silvo breve à noite: Acenda a lanterna.
Um silvo longo: Diminua a marcha.
Um silvo longo e breve: Motoristas a postos.
(A este sinal todos os motoristas tomam lugar nos seus veículos para movimentá-los imediatamente.)
- (d) *proibido passear sentimentos*
ternos ou desesperados
nesse museu do pardo indiferente
- (e) *Sim, meu coração é muito pequeno.*
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.

► As questões de 2 a 4 tomam por base uma passagem de um romance de Autran Dourado (1926-2012).

A GENTE HONÓRIO COTA

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade – de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento – então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa – o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajaezado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(*Ópera dos montes*, 1970.)

- 2 Unesp 2015** No primeiro parágrafo, com a frase “então era parelho mesmo, por igual”, o narrador faz referência ao fato de o coronel
- vestir em certos eventos sociais a calça também de casimira.
 - ser par para qualquer desafio que lhe fizessem.
 - usar também em certas ocasiões o jaquetão de brim.
 - usar roupas iguais às de todos na cidade.
 - demonstrar sua humildade por meio das roupas.

- 3 Unesp 2015** No terceiro parágrafo, a comparação do coronel com uma ave pernalta representa
- um recurso expressivo para ilustrar sua aparência e sua presença física.
 - uma figura de retórica sem grande significado descritivo.
 - uma imagem visual de seu temperamento amável, mas perigoso.
 - uma imagem que busca representar sua impressionante beleza.
 - um modo de chamar atenção para o ambiente rústico em que vivia.

- 4 Unesp 2015** Em seu conjunto, a descrição do coronel sugere uma figura que
- exibe um temperamento tímido e fechado.
 - manifesta desprezo por tudo à sua volta.
 - demonstra humildade em tudo o que fazia.
 - revela nos gestos e comportamento segurança e poder.
 - inspira certo receio aos habitantes da cidade.

► As questões de 5 a 8 focalizam uma passagem de um artigo de Cláudia Vassallo.

ALIADAS OU CONCORRENTES

Alguns números: nos Estados Unidos, 60% dos formados em universidades são mulheres. Metade das europeias que estão no mercado de trabalho passou por universidades. No Japão, as mulheres têm níveis semelhantes de educação, mas deixam o mercado assim que se casam e têm filhos. A tradição joga contra a economia. O governo credita parte da estagnação dos últimos anos à ausência de participação feminina no mercado de trabalho. As brasileiras avançam mais rápido na educação. Atualmente, 12% das mulheres têm diploma universitário – ante 10% dos homens. Metade das garotas de 15 entrevistadas numa pesquisa da OCDE¹ disse pretender fazer carreira em engenharia e ciências – áreas especialmente promissoras.

[...]

Agora, a condição de minoria vai caindo por terra e os padrões de comportamento começam a mudar. Cada vez menos mulheres estão dispostas a abdicar de sua natureza em nome da carreira. Não se trata de mudar a essência do trabalho e das obrigações que homens e mulheres têm de encarar. Não se trata de trabalhar menos ou ter menos ambição. É só uma questão de forma. É muito provável que legisladores e empresas tenham de ser mais flexíveis para abrigar mulheres de talento que não desistiram do papel de mãe. Porque, de fato, essa é a grande e única questão de gênero que importa.

Mais fortalecidas e mais preparadas, as mulheres terão um lugar ao sol nas empresas do jeito que são ou desistirão delas, porque serão capazes de ganhar dinheiro de outra forma. Há 8,3 milhões de empresas lideradas por mulheres nos Estados Unidos – é o tipo de empreendedorismo que mais cresce no país. De acordo com um estudo da EY², o Brasil tem 10,4 milhões de empreendedoras, o maior índice entre as 20 maiores economias. Um número crescente delas tem migrado das grandes empresas para o próprio negócio. Os fatos mostram: as empresas em todo o mundo terão, mais cedo ou mais tarde, de decidir se querem ter metade da população como aliada ou como concorrente.

(*Exame*, outubro de 2013.)

¹ OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

² EY: Organização global com o objetivo de auxiliar seus clientes a fortalecerem seus negócios ao redor do mundo.

- 5 Unesp 2015** Indique a acepção da palavra “estagnação” que melhor se enquadra no contexto do primeiro parágrafo:
- “ausência completa de atividade ou movimento”. (*Dicionário On-line de Português*)
 - “situação em que o produto nacional não cresce à altura do potencial econômico do país”. (*Houaiss*)
 - “falta de movimento, de atividade; inércia, paralisação”. (*Aurélio*)
 - “estado das águas que formam charco”. (*Michaelis*)
 - “estado ou situação daquilo que está estagnado, sem fluir, sem evoluir, sem progredir, sem se mover”. (*Caldas Aulete*)

- 6 Unesp 2015** "Cada vez menos mulheres estão dispostas a abdicar de sua natureza em nome da carreira."
Considerando esse trecho, do segundo parágrafo, marque a alternativa que melhor traduz o conceito apresentado pela autora com a expressão "abdicar de sua natureza":
- (a) recusar qualquer forma de trabalho mal remunerado.
 - (b) renunciar à maternidade por causa do trabalho.
 - (c) deixar de aperfeiçoar-se na profissão.
 - (d) desistir de sua vocação de liderança sobre os homens.
 - (e) abrir mão de suas ambições no empreendedorismo.

- 7 Unesp 2015** Desde o título do artigo, que é retomado no último parágrafo, os argumentos da autora são motivados por um fato não referido de modo ostensivo, ou seja,
- (a) a boa empresária dificilmente conseguirá se tornar uma boa mãe.
 - (b) as mulheres mostram melhor desempenho nas atividades domésticas.
 - (c) as atividades empresariais ainda são dominadas por homens.
 - (d) as empresas fazem grande esforço pela participação de mulheres.
 - (e) o mercado ainda trata as mulheres mais como consumidoras do que empreendedoras.

- 8 Unesp 2015** No último parágrafo, focalizando o mercado de trabalho mundial, a autora sugere que as grandes empresas atuais
- (a) correm o risco de privilegiar o mercado feminino, se começarem a ser lideradas por mulheres.
 - (b) não admitem, em todo o mundo, a liderança de mulheres.
 - (c) precisam muito da liderança de mulheres, pois estas são atualmente mais capacitadas que os homens.
 - (d) não precisam se preocupar com as mulheres, pois o empreendedorismo destas é um fenômeno passageiro.
 - (e) poderão ter de enfrentar no futuro a concorrência de empresas lideradas por mulheres.

► Para responder às questões de **9 a 11**, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

O AZULÃO E OS TICO-TICOS

- Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
o seus trilos de harmonia,*
- 5 *cada vez mais se enflorava.*
- Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.*
- 10 *Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos*
- 15 *numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: "Azulão,
olha, dize-me a razão
por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia*

- 20 *desses garotos joviais,
tu continuas gorgando
e cada vez canta mais?!"*

*Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:
"Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...
este dom que Deus me deu!*

- Quando, há pouco, eu descartava,*
- 30 *pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,*
- 35 *bravos! Bravos... muito bem!*

- Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
40 (irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?"*

* Nota do editor: Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a "Águia de Haia" um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

(Poemas escolhidos, s/d.)

- 9 Unesp 2015** Tomando por base a leitura do poema, verifica-se que o pomar, mencionado na primeira estrofe, é apresentado como
- (a) um ser inteiramente insensível ao canto dos pássaros.
 - (b) morada dos tico-ticos invadida pelo Azulão.
 - (c) mero cenário dos acontecimentos.
 - (d) um ser capaz de ouvir e apreciar o canto do Azulão.
 - (e) recanto de uma floresta selvagem.
- 10 Unesp 2015** Ante as vaias dos tico-ticos e outras aves, o Azulão torna ainda mais perfeita sua canção. Com isso, revela uma atitude de
- (a) autoconfiança.
 - (b) rancor.
 - (c) ingenuidade.
 - (d) ignorância.
 - (e) revolta.

- 11 Unesp 2015** Considerando a nota do editor, que identifica o Sabiá como Rui Barbosa, grande admirador da poesia de Catulo, os tico-ticos representam no poema
- (a) os outros poetas.
 - (b) os adversários de Rui Barbosa.
 - (c) os músicos e cantores.
 - (d) os admiradores de Gonçalves Dias.
 - (e) os críticos do poeta.

► As questões 12 e 13 abordam um texto de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

CORRIDA – PROVA 1 500 METROS RASOS

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um sprint nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa contração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://treino-de-corrida.ficf.com.br>)

► Texto para a questão 1

Seria ingenuidade procurar nos provérbios de qualquer povo uma filosofia coerente, uma arte de viver. É coisa sabida que a cada provérbio, por assim dizer, responde outro, de sentido oposto. A quem preconiza o sábio limite das despesas, porque “vintém poupado, vintém ganhado”, replicará o vizinho farrista, com razão igual: “Da vida nada se leva”. (...) Mais aconselhável procurarmos nos anexins não a sabedoria de um povo, mas sim o espelho de seus costumes peculiares, os sinais de seu ambiente físico e de sua história.

As diferenças na expressão de uma sentença observáveis de uma terra para outra podem divertir o curioso e, às vezes, até instruir o etnógrafo.

Povo marítimo, o português assinala semelhança grande entre pai e filho, lembrando que “filho de peixe, peixinho é”. Já os húngaros, ao formularem a mesma verdade, não pensavam nem em peixe, nem em mar; ao olhar para o seu quintal, notaram que a “maçã não cai longe da árvore”.

Paulo Rónai, *Como aprendi o português e outras aventuras.*

1 Fuvest 2016 Considere as seguintes afirmações sobre os dois provérbios citados no terceiro parágrafo do texto.

- A origem do primeiro, de acordo com o autor, está ligada à história do povo que o usa.
- Em seu sentido literal, o segundo expressa costumes peculiares dos húngaros.
- A observação das diferenças de expressão entre esses provérbios pode, segundo o pensamento do autor, ter interesse etnográfico.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I. (d) I e II.
(b) II. (e) I e III.
(c) III.

► A questão 2 toma por base uma crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A INVASÃO

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S. Paulo, 31.05.2015.)

12 Unesp 2015 Segundo o texto, antes desse tipo de corrida, é muito importante para o atleta

- verificar as condições climáticas para o dia da prova.
- analisar seus resultados em provas de que participou recentemente.
- analisar as características dos principais oponentes.
- planejar o desempenho adequado a cada uma das partes da prova.
- atentar para o modo como os outros atletas farão a largada.

13 Unesp 2015 No terceiro parágrafo, descreve-se uma “artimanha” nessa prova:

- simular falta de confiança em suas condições pessoais.
- largar bem lentamente, para disparar no meio da prova.
- manter regularmente as suas passadas, para não se cansar.
- imprimir grande velocidade, para extenuar um forte oponente.
- fingir que está perdendo terreno, para disparar no momento certo.

2 Unesp 2016 De acordo com o cronista, a ideia que se tinha há alguns anos, de redução de consumo de papel em razão do emprego generalizado de computadores, revelou-se

- (a) plausível.
- (b) improcedente.
- (c) comprovável.
- (d) imponderável.
- (e) procedente.

► As questões de 3 a 5 focalizam um trecho do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078 de 11 de setembro de 1990).

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

- I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;
- II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;
- III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;
- IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;
- V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;
- VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;
- VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;
- VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;
- IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

3 Unesp 2016 A leitura do trecho do Código permite concluir que os direitos básicos do consumidor no Brasil se aplicam

- (a) a produtos ou serviços de qualquer tipo e origem.
- (b) apenas a produtos perecíveis, nacionais ou importados.
- (c) apenas a aparelhos e utensílios produzidos no país.
- (d) somente a produtos importados de países desenvolvidos.
- (e) exclusivamente a serviços prestados por empresas nacionais.

4 Unesp 2016 De acordo com o inciso V,

- (a) assegura-se ao consumidor a revisão de dispositivos contratuais que venham a tornar as prestações muito elevadas.
- (b) toda e qualquer cláusula contratual poderá ser revista a qualquer momento pelo consumidor.
- (c) assegura-se ao fornecedor o direito de cancelar a venda de produtos e serviços, em razão do aumento de seus custos.
- (d) garante-se ao fornecedor dos produtos e serviços, caso julgue necessário, o direito de rever os valores das prestações.
- (e) toda e qualquer cláusula contratual apenas poderá ser revista com o consentimento do fornecedor dos produtos e serviços.

5 Unesp 2016 O artigo 7º esclarece que os direitos previstos no Código

- (a) não permitem que fornecedores internacionais de produtos e serviços sejam penalizados.
- (b) não implicam a perda de outros estipulados em tratados internacionais ou na legislação interna do país.
- (c) perdem o efeito diante de leis ou tratados internacionais sobre consumo.
- (d) podem ser anulados a qualquer tempo por decisão unilateral do governo federal.
- (e) são válidos mesmo que infrinjam os princípios gerais que norteiam o direito.

► Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão 6.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como

pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira, *Essência*, 2011.)

6 Unifesp 2016 O primeiro parágrafo permite identificar o lugar em que o pregador profere seu sermão, a saber,

- (a) o mar.
- (b) o sertão.
- (c) a floresta.
- (d) a aldeia.
- (e) a cidade.

1 Fuvest 2017 Examine este cartaz, cuja finalidade é divulgar uma exposição de obras de Pablo Picasso.



Nas expressões "Mão erudita" e "Olho selvagem", que compõem o texto do anúncio, os adjetivos "erudita" e "selvagem" sugerem que as obras do referido artista conjugam, respectivamente,

- (a) civilização e barbárie.
- (b) requinte e despojamento.
- (c) modernidade e primitivismo.
- (d) liberdade e autoritarismo.
- (e) tradição e transgressão.

► Texto para a questão 2.

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afincos e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transportados, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do "escrever bem", o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schnaiderman, *Dostoiévski: Prosa Poética*.

2 Fuvest 2017 De acordo com o texto, a boa tradução precisa

- (a) evitar a transposição fiel dos conteúdos do texto original.
- (b) desconsiderar as características da linguagem primeira para poder atingir a língua de chegada.

- (c) desviar-se da norma-padrão tanto da língua original quanto da língua de chegada.
- (d) privilegiar a inventividade, ainda que em detrimento das peculiaridades do texto original.
- (e) buscar, na língua de chegada, soluções que correspondam ao texto original.

► Para responder às questões 3 e 4, leia a crônica "Anúncio de João Alves", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

FIGURA O ANÚNCIO EM UM JORNAL QUE O AMIGO ME MANDOU, E ESTÁ ASSIM REDIGIDO:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.

Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soube descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados

da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Foto, amendoim, 2012.)

3 Unesp 2017 O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- (a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- (b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- (c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- (d) empregar o termo "besta" em sentido também metafórico.
- (e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

4 Unesp 2017 Com base no último parágrafo, a principal qualidade atribuída pelo cronista a João Alves é

- (a) a prudência.
- (b) o discernimento.
- (c) a concisão.
- (d) o humor.
- (e) a dedicação.

5 Unicamp 2017 Além de escrever *Dom Quixote das crianças*, Monteiro Lobato também leva o "cavaleiro errante" para o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Lá na varanda Dom Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse a edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré. O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas.

- Isso não passa duma mistificação! – protestou ele. – Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou – espetei aquele lá.
- Isto é inevitável – disse Dona Benta. – Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isto a História não passa de histórias.

(Adaptado de Monteiro Lobato, *O Pica-pau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 18.)

Na cena narrada,

- (a) Dona Benta mostra a Dom Quixote que a história dele não é, de forma alguma, uma mistificação.
- (b) Dona Benta convence Dom Quixote de que as gravuras não refletem a História dos fatos.
- (c) Dona Benta concorda com Dom Quixote e critica o fato de a História ser fruto de interesses.
- (d) Dona Benta opõe-se a Dom Quixote e critica a forma como a história dele é narrada nos livros.

► Leia o excerto do livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* de Jonathan Crary para responder às questões de 6 a 8.

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 13

No fim dos anos 1990, um consórcio espacial russo-europeu anunciou que construiria e lançaria satélites que refletiriam a luz do Sol para a Terra. O esquema previa colocar em órbita uma cadeia de satélites, sincronizados com o Sol, a uma altitude de 1 700 quilômetros, cada um deles equipado com refletores parabólicos retráteis, da espessura de uma folha de papel. Quando completamente abertos, cada satélite-espelho, com duzentos metros de diâmetro, teria a capacidade de iluminar uma área da Terra de 25 quilômetros quadrados, com uma luminosidade quase cem vezes maior do que a da Lua. Em princípio, o projeto visava fornecer iluminação para a exploração industrial de recursos naturais em regiões remotas com longas noites polares, na Sibéria e no leste da Rússia, permitindo atividade ao ar livre, noite e dia. Mas o consórcio acabou expandindo seus planos para a possibilidade de oferecer iluminação noturna a regiões metropolitanas inteiras. Calculando que se reduziriam os custos de energia da iluminação elétrica, o slogan da empresa era "Luz do dia a noite toda".

A oposição ao projeto surgiu de imediato e de diversas frentes. Astrônomos temeram os efeitos nefastos da observação espacial a partir da Terra. Cientistas e ambientalistas apontaram consequências fisiológicas prejudiciais tanto aos animais quanto aos humanos, uma vez que a ausência de alternância regular entre dia e noite interromperia vários padrões metabólicos, inclusive o sono. Associações culturais e humanitárias também protestaram, alegando que o céu noturno é um bem comum ao qual toda a humanidade tem direito, e que desfrutar da escuridão da noite e observar as estrelas é um direito humano básico que nenhuma empresa pode eliminar. De qualquer modo, direito ou privilégio, ele já está sendo violado para mais da metade da população do planeta, em cidades que estão permanentemente envoltas na penumbra da poluição e na intensa iluminação.

Defensores do projeto, todavia, afirmaram que tal tecnologia diminuiria o uso noturno de eletricidade e que a perda da noite e de sua escuridão seria um preço razoável, considerando-se a redução do consumo global de energia. Seja como for, esse empreendimento, ao fim inviável, ilustra o imaginário contemporâneo, para o qual um estado de iluminação contínua é inseparável da ininterrupta operação de troca e circulação globais. Em seus excessos empresariais, o projeto é uma expressão hiperbólica de uma intolerância institucional a tudo que obscureça ou impeça uma situação de visibilidade instrumentalizada e constante.

24/7: capitalismo tardio e os fins do sono, 2014. Adaptado.

6 Unifesp 2017 Em relação ao projeto, a postura do autor é de

- (a) indiferença.
- (b) imparcialidade.
- (c) neutralidade.
- (d) apoio.
- (e) oposição.

7 Unifesp 2017 Considerando as pretensões do projeto, o slogan do consórcio "Luz do dia a noite toda" mostra-se

- (a) absurdo.
- (b) contraditório.
- (c) ambíguo.
- (d) apropriado.
- (e) irônico.

8 Unifesp 2017 Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932-).

"VICTOR VÊ A UVA DA VINHA.
– ESTA UVA É BOA, SR. BRÁULIO!"

"SIM, VICTOR, ESTA UVA É BOA.
– SR. BRÁULIO, VEJA OS BARRIS
DE BOM VINHO!"

ACHO QUE DEVERIAM CONSTRUIR
UM MONUMENTO A ESSES AUTORES
SACRIFICADOS QUE EM VEZ DE
ESCREVEREM COISAS INTELIGENTES
PREFEREM NOS ENSINAR A LER.



Quino. *A pequena filosofia do Mafalda*, 2015.

As frases citadas pela personagem Mafalda no início de sua fala foram extraídas de

- (a) um anúncio publicitário.
- (b) um livro sobre culinária.
- (c) uma peça de teatro.
- (d) uma cartilha escolar.
- (e) um guia turístico.

9 Unifesp 2017 Leia a seguinte sinopse do livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*:

O livro faz um panorama vertiginoso de um mundo cuja lógica não se prende mais a limites de tempo e espaço, funcionando ininterruptamente sob uma lógica para a qual o próprio ser humano é um empecilho. Para o autor, nossa necessidade de repouso e sono é a última fronteira ainda não ultrapassada pela lógica da mercadoria. O capitalismo, no entanto, já se movimenta no sentido de colonizar mais essa esfera da vida e hoje financia extensamente pesquisas científicas que buscam a fórmula para criar o "homem sem sono", capaz de trabalhar e consumir sob a lógica 24/7. Ainda assim, o livro recupera toda uma tradição da cultura ocidental que sempre viu no sono e no sonho possibilidades utópicas. 24/7 é um dos diagnósticos mais agudos do mundo contemporâneo.

Com base na leitura do excerto e da sinopse acima, é correto concluir que os números "24/7", que integram o título do livro, indicam

- (a) valor monetário.
- (b) tempo cronológico.
- (c) marco histórico.
- (d) delimitação espacial.
- (e) código secreto.

► Texto para a questão 1.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar.

- 5 *Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.*

- As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova*
10 *visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior*
15 *é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.*

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptado.

1 Fuvest 2018 De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe

- (a) o reconhecimento de seu significado intrínseco.
- (b) a exclusividade do ponto de vista mais recente.
- (c) a consideração de seu caráter imutável.
- (d) o acúmulo de interpretações anteriores.
- (e) a explicação definitiva de seu sentido.

► Texto para a questão 2.

Voltada para o encanto da vida livre do pequeno núcleo aberto para o campo, a jovem Helena, familiar a todas as classes sociais da-quele âmbito, estava colocada num invejável ponto de observação. [...]

- Sem querer forçar um conflito que, a bem dizer, apenas se esbo*
5 *ça, podemos atribuir parte desta grande versatilidade psicológica da protagonista aos ecos de uma formação britânica, protestante, liberal, ressoando num ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo. Colorindo a apaixonada esfera de in-*
10 *dependência da juventude, reveste-se de acentuado sabor sociológico este caso da menina ruiva que, embora inteiramente identificada com o meio de gente morena que é o seu, o único que conhece e ama, não vacila em o criticar com precisão e finura notáveis, se essa lucidez não traduzisse a coexistência íntima de dois mundos culturais diver-*
15 *gentes, que se contemplam e se julgam no interior de um eu tornado harmonioso pelo equilíbrio mesmo de suas contradições.*

Alexandre Eulálio, "Um que nasceu clássico". In: Helena Morley, *Minha vida de menina*.

2 Fuvest 2018 De acordo com Alexandre Eulálio, a protagonista do romance *Minha vida de menina*

- (a) vivencia um conflito – uma ideia fortalecida por "a bem dizer" (L. 4).
- (b) apresenta certo vínculo com o protestantismo – uma ideia sintetizada por "ecos de uma formação britânica" (L. 6).
- (c) formou-se num meio alheio ao trabalho escravo – um fato referido por "num ambiente de corte ibérico e católico" (L. 7).
- (d) rejeita as influências do meio em que vive – uma característica revelada por "precisão e finura notáveis" (L. 12).
- (e) tem a sua lucidez psicológica abalada pelas ambivalências de sua educação – um traço reiterado por "equilíbrio mesmo de suas contradições" (L. 15).

► Texto para a questão 3.

[...] procurei adivinhar o que se passa na alma dum cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. [...]

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

[...] Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimba.

[...]

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lambertia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

3 Fuvest 2018 A comparação entre os fragmentos, respectivamente, da Carta e de *Vidas secas*, permite afirmar que

- "será que há mesmo" e "acordaria feliz" sugerem dúvida.
- "procurei adivinhar" e "precisava vigiar" significam necessidade.
- "no fundo todos somos" e "andar pelas ribanceiras" indicam lugar.
- "padre Zé Leite pretende" e "Baleia queria dormir" indicam intencionalidade.
- "todos nós desejamos" e "dormiam na esteira" indicam possibilidade.

► Texto para as questões 4 e 5.

OS BENS E O SANGUE
VIII

[...]

Ó filho pobre, e descorçoado*, e finito
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de pez** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

* "descorçoado": assim como "desacoroçoado", é uma variante de uso popular da palavra "desacoroçoado", que significa "desanimado".

** "pez": piche.

4 Fuvest 2018 Considere as seguintes afirmações:

- Os familiares, que falam no poema, ironizam a condição frágil do poeta.
- O passado é uma maldição da qual o poeta, como revela o título do poema, não consegue se desvencilhar.
- O trecho "o fim de tudo que foi grande" remete à ruína das oligarquias, das quais Drummond é tributário.
- A imagem de uma "poesia que se furta e se expande/à maneira de um lago de pez e resíduos letais..." sintetiza o pessimismo dos poemas de *Claro enigma*.

Estão corretas:

- I e II, apenas.
- I, II e III, apenas.
- II e IV, apenas.
- I, III e IV, apenas.
- I, II, III e IV.

5 Fuvest 2018 Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição "para" nos seguintes trechos do poema:

- "ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais".
- "Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras".
- "para o fim de tudo que foi grande".
- "para melhor servir-nos".

A preposição "para" introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- I.
- I e II.
- III.
- III e IV.
- IV.

6 Unesp 2018 Examine a tira *Hagar, o Horrível* do cartunista americano Dik Browne (1917-1989).



(*Hagar, o Horrível*, vol. 1, 2014.)

O ensinamento ministrado por Hagar a seu filho poderia ser expresso do seguinte modo:

- "O estômago que raramente está vazio despreza alimentos vulgares."
- "É impossível para um homem ser enganado por outra pessoa que não seja ele mesmo."
- "Muitos homens querem uma coisa, mas não suas consequências."
- "A fome é a companheira do homem ocioso."
- "Nada é mais útil ao homem do que uma sábia desconfiança."

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder às questões de 7 a 10.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melódico de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?", e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um cademinho e anotou qualquer coisa. Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trançou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se inco modado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "E hoje é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? É aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas é aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? É a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco.

Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao pai, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 histórias, 2016.

¹*arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

- 7 Unifesp 2018** De acordo com a crônica, o filho recebeu o telegrama do pai no dia
- 28 de setembro.
 - 29 de setembro.
 - 2 de outubro.
 - 4 de outubro.
 - 3 de outubro.

- 8 Unifesp 2018** Em relação ao sonho do pai, a reação do filho é de
- desconfiança.
 - apatia.
 - perplexidade.
 - desdém.
 - respeito.

- 9 Unifesp 2018** Depreende-se da crônica que o telegrama demorou a chegar
- porque ficou retido na delegacia de polícia.
 - por conta de um sonho premonitório.
 - porque uma revolta popular estava em curso.
 - por conta da lentidão do serviço dos telégrafos.
 - porque um golpe militar estava em andamento.

- 10 Unifesp 2018**
- "A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. 'O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo' – disse-lhe o chefe." (5^a parágrafo)
 - "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." (5^a parágrafo)

No contexto em que se inserem, as palavras "bonitinho" e "versinhos" exprimem, respectivamente,

- afetividade e antipatia.
- vulgaridade e sarcasmo.
- desprezo e indiferença.
- advertência e modéstia.
- irritação e delicadeza.

LIVRO 1**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 1**

- 60. A
- 61. E
- 62. E
- 63. A
- 64. D
- 65. C
- 66. D
- 67. C
- 68. A
- 69. C
- 70. E
- 71. B
- 72. C
- 73. C
- 74. C
- 75. B
- 43. B
- 44. A
- 45. A
- 46. E
- 47. B
- 48. A
- 49. B
- 50. B
- 51. A
- 52. B
- 53. D
- 54. C
- 55. C
- 56. B
- 57. D
- 58. D
- 59. A
- 15. E
- 16. D
- 17. A
- 18. E
- 19. A
- 20. B
- 21. C
- 22. E
- 23. B
- 24. D
- 25. E
- 26. A
- 27. D
- 28. C
- 29. D
- 30. B
- 31. D
- 32. B
- 33. A
- 34. B
- 35. E
- 36. C
- 37. C
- 38. A
- 39. E
- 40. B

- 1. D (Fuvest 2015)
- 2. E (Unesp 2015)
- 3. C (Unesp 2015)
- 4. E (Unesp 2015)
- 5. E (Unesp 2015)
- 6. E (Unesp 2015)
- 7. B (Unesp 2015)
- 8. E (Unesp 2015)
- 9. A (Unesp 2015)
- 10. E (Unesp 2015)
- 11. A e E (Unesp 2015)
- 12. B (Unesp 2015)
- 13. D (Unesp 2015)
- 1. E (Fuvest 2016)
- 2. B (Unesp 2016)
- 3. A (Unesp 2016)
- 4. A (Unesp 2016)
- 5. B (Unesp 2016)
- 6. E (Unesp 2016)
- 1. E (Fuvest 2017)
- 2. E (Fuvest 2017)
- 3. A (Unesp 2017)
- 4. E (Unesp 2017)
- 5. C (Unicamp 2017)
- 6. E (Unifesp 2017)
- 7. D (Unifesp 2017)
- 8. D (Unifesp 2017)
- 9. B (Unifesp 2017)
- 1. D (Fuvest 2018)
- 2. B (Fuvest 2018)
- 3. D (Fuvest 2018)
- 4. E (Fuvest 2018)
- 5. E (Fuvest 2018)
- 6. E (Unesp 2018)
- 7. C (Unifesp 2018)
- 8. E (Unifesp 2018)
- 9. A (Unifesp 2018)
- 10. D (Unifesp 2018)

LIVRO 1 - Questões objetivas**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 2**

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 95.

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Cóos velinhos sem saúde*

*E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
É por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

Chico Buarque. *Genie o zepelim*.

95 Unifesp 2011 Indique a alternativa que identifica corretamente, de modo respectivo, a métrica e a natureza predominante das rimas.

- (a) Heptassílabos – rima toante.
- (b) Octossílabos – rima toante.
- (c) Hexassílabos – rima consoante.
- (d) Octossílabos – rima consoante.
- (e) Heptassílabos – rima consoante.

► Texto para a questão 96.

O QUE É ESCRITA?

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida cotidiana, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia a dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc. etc.).

Alguém afirmou que “hoje a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita, de fato, se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”. Que a escrita é onipresente em nossa vida já o sabemos. Mas, afinal, “o que é escrita?” Responder a essa questão é uma tarefa difícil porque a atividade de escrita envolve aspectos de natureza variada (linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural).

Como é de nosso conhecimento, há muitos estudos sobre a escrita, sob diversas perspectivas, que nos propiciam diferentes modos de responder a questão em foco. Basta pensarmos, por exemplo, nas investigações existentes, segundo as quais a escrita ao longo do tempo foi e vem-se constituindo como um produto sócio-histórico-cultural, em diferentes suportes (livros, jornais, revistas) e demandando diferentes modos de leitura. Basta pensarmos no modo pelo qual ocorre o processo de aquisição da escrita. Basta pensarmos no modo pelo qual a escrita é concebida como uma atividade cuja realização demanda a ativação de conhecimento e o uso de várias estratégias no curso mesmo da produção do texto. Apesar da complexidade que envolve a questão não é raro, quer em sala de aula, quer em outras situações do dia a dia, nos depararmos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com esse dom e se transformam em escritores renomados)”; “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras da língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor.

Essa pluralidade de resposta nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

Inglêdor: Wilbaço Koch. Vanda Maria Elias. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. pp. 31-32. (Adapt.).

96 Uespi 2011 O texto, para ser globalmente compreendido com sucesso, requer que o reconheçamos como um texto:

- (a) descritivo, com a explicitação dos detalhes de um dado objeto.
- (b) narrativo, com cenários, personagens, eventos, conflitos e desfecho.
- (c) expositivo, com a análise e a síntese de elementos conceituais.
- (d) dissertativo, à volta de uma ideia, argumentos e contra-argumentos.
- (e) instrucional, com apresentação de prescrições e ações ordenadas em sequência.

► Texto para a questão 97.

O pano abre na casa de EURICO ARÁBE, mais conhecido como EURICÃO ENGOLE-COBRA.

[...]

CAROBA – E foi então que o patrão dele disse: “Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euricão...”

EURICÃO – Euricão, não. Meu nome é Eurico.

CAROBA – Sim, é isso mesmo. Seu Eudoro Vicente disse: “Pinhão, você sele o cavalo e vá na minha frente procurar Euriques...”

EURICÃO – Eurico!

CAROBA – “Vá procurar Euríquo...”

EURICÃO – Chame Euricão mesmo.

CAROBA – “Vá procurar Euricão Engole-Cobra...”

EURICÃO – Engole cobra é a mãe! Não lhe dei licença de me chamar de Engole-Cobra, não! Só de Euricão!

CAROBA – “Vá na minha frente procurar Euricão para entregar essa carta a ele.”

EURICÃO – Onde está a carta? Dê cá! Que quererá Eudório Vicente comigo?

PINHÃO – Eu acho que é dinheiro emprestado.

EURICÃO – (Devolvendo a carta.) Hein?

PINHÃO – Toda vez que ele me manda assim na frente, a cavalo, é para isso.

[...]

Arturo Suassuna. *O som e o parca*. (Primeiro Atto). Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

97 UFRN 2011 O texto é, predominantemente:

- (a) explicativo, considerando-se a interação dos personagens marcada pela alternância entre perguntas e respostas.
- (b) descritivo, considerando-se a relação entre os substantivos e os adjetivos, responsável pela caracterização dos personagens.
- (c) injuntivo, considerando-se o uso de verbos no modo imperativo, característico de textos que apresentam instruções de uso.
- (d) dialogal, considerando-se a interação verbal dos personagens e as alternâncias de fala, marcadas pelo uso de travessões.

91 Unifesp 2013 A forma como se dá a construção do texto revela que ele é predominantemente:

- (a) dissertativo, com o objetivo de analisar criticamente o que é um sarau.
- (b) descritivo, com o objetivo de mostrar o sarau como uma festa fútil e sem atrativos.
- (c) narrativo, com o objetivo de contar fatos inusitados ocorridos em um sarau.
- (d) descritivo, com o objetivo de apresentar as características de um sarau.
- (e) dissertativo, com o objetivo de relatar as experiências humanas em um sarau.

► Texto para as questões 92 e 93.

ASTROTEOLOGIA: BREVE INTRODUÇÃO

Nós, humanos, somos seres limitados. Criativos e inovadores, conseguimos ampliar em muito a nossa compreensão do mundo por meio da aplicação diligente da razão e, complementarmente, das artes.

Isso porque, se a ciência e as artes têm algo em comum, é justamente a tentativa de estender nossa visão de mundo, de ampliar as fronteiras do conhecimento, revelando aspectos inusitados do real. Um teorema e um poema são reflexões do possível, seja o concreto ou o onírico. A imaginação lança mão de todos os recursos à sua disposição para dar sentido à existência.

Talvez seja por isso que o teólogo americano Reinhold Niebuhr escreveu que "o homem é o seu maior problema". Nossas filosofias, ciências e religiões são tentativas de compreender a existência apesar de nossa miopia, isto é, de nossas limitações sobre o que vemos e entendemos.

Nessa busca, não é coincidência que a crença religiosa funcione como uma bússola para tantas pessoas. Como explicar a origem do Universo? Ou da vida? Ou por que temos uma mente capaz de refletir sobre essas questões complexas?

Tais questões são, hoje, parte da pesquisa científica de ponta. Vivemos numa época peculiar, em que o que antes era província exclusiva da religião faz parte do discurso rotineiro da ciência. Porém, por não termos ainda respostas, essas questões continuam nos assombrando.

Talvez um dos dilemas da humanidade seja a angústia de poder contemplar o divino sem sê-lo. Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade; mas, tirando a ficção e a fé, não temos como transcender nossa realidade carnal, os limites temporais e espaciais. Ou será que temos?

Considerando que a ciência moderna tem apenas quatro séculos (marcando seu início com Kepler e Galileu), e percebendo o quanto já fizemos em tão curto prazo, imagine o que nos espera em mil anos?

Ou 10 mil anos, se, claro, não nos destruímos antes disso. A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas, a ponto de podermos modificar o que comemos e mesmo alcançar curas diversas.

Extrapolando a expansão tecnológica para o futuro, alguns afirmam que, em algumas décadas, chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas. Caso essas previsões se concretizem – e, a meu ver, já estão ocorrendo –, seremos [...] uma nova espécie, além do humano.

Agora imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência. Só que o fizeram, digamos, 1 milhão de anos antes de nós, o que em termos cósmicos não é nada.

Essas criaturas teriam se transformado completamente ao se hibridizar com máquinas. Seriam, talvez, apenas informação, existindo em campos energéticos no espaço.

Teriam o poder de criar vida, escolhendo suas propriedades. Poderiam, por exemplo, ter nos criado, ou a alguns de nossos antepassados, como parte de um experimento. Poderiam, por exemplo, estar nos observando, como nós observamos animais no zoológico ou no laboratório. Essas entidades imateriais, mas existentes, seriam nossos criadores. Seriam eles deuses, mesmo se não sobrenaturais?

Marcelo Glezer. *Astroteologia: breve introdução*. Folha de S. Paulo, 25 nov. 2012. Ciência. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloglezer/1190348-astroteologia-breve-introducao.shtml>. (Adapt.).

92 Uern 2013 Um texto pode ser definido "como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade socio-comunicativa, semântica e formal". (Costa Val, 2006, p. 03) Assim, os diferentes textos diferenciar-se-ão, essencialmente, pelos objetivos sociocomunicativos que cumprem em determinado contexto, que acarretam, naturalmente, diferenças em sua forma. Considerando suas características, assinale a alternativa que apresenta a finalidade maior do texto.

- (a) Expor, de maneira acessível a um público leigo, as ideias que fundamentam determinada hipótese.
- (b) Explicar, de forma lúcida, como povos alienígenas podem, há muito, ter controle sobre os humanos.
- (c) Argumentar em favor da hipótese de que os humanos passarão por mudanças físicas radicais no futuro.
- (d) Questionar a pertinência das religiões tradicionais, mostrando como a ciência possui respostas mais satisfatórias a questionamentos universais.

93 Uern 2013 De acordo com Marcuschi (2005, p. 25), um texto, independentemente de foco sociocomunicativo central, "é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)". Isso quer dizer que não é porque o objetivo de um texto seja convencer ou explicar, por exemplo, que ele será composto exclusivamente de sequências argumentativas ou expositivas. Com base nesse aspecto, assinale a alternativa que não relaciona corretamente o tipo de sequência e o trecho apresentado.

- (a) Argumentação – "A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas [...]."
- (b) Exposição – "Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade."
- (c) Instrução – "[...] imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência."
- (d) Relato – "[...] alguns afirmam que [...] chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas."

94 UEG 2013 Leia o texto a seguir:

Não era feio o lugar, mas não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranquilo e satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte.

A casa erguia-se sobre um socalco, uma espécie de degrau, formando a subida para a maior altura de uma pequena colina que lhe corria nos fundos. Em frente, por entre os bambus da cerca, olhava uma planície a morrer nas montanhas que se viam ao longe; um regato de águas paradas e sujas cortava-as paralelamente à testada da casa; mais adiante, o trem passava vincando a planície com a fita clara de sua linha campinada [...].

Lima Barreto. *Três réis de Abelardo*. Quaresma. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, p. 175.

No excerto, narração e descrição:

- (a) são elaboradas com a finalidade de conferir mais agilidade e maior dinamismo à trama do romance.

- (b) são elaboradas de modo que uma se sobrepõe à outra, o que faz decair a qualidade estética do texto.
- (c) se configuram para melhor caracterizar a atmosfera pessimista e sombria do espaço da narrativa.
- (d) se entrelaçam para melhor situar o leitor diante dos eventos que compõem o enredo.

► Para responder à questão **89**, leia o fragmento de um texto publicado em 1867 no semanário *Cabrião*.

São Paulo, 10 de março de 1867.

Estamos em plena quaresma.

A população paulista azafama-se a preparar-se para a lavagem geral das consciências nas águas lustrais do confessorário e do jejum.

A cambuquira e o bacalhau afdalgam-se no mercado.*

A carne, mísera condenada pelos santos concílios, fica reduzida aos pouquíssimos dentes acatólicos da população, e desce quase a zero na pauta dos preços.

O que não sobe nem desce na escala dos fatos normais é a vilania, a usura, o egoísmo, a estatística dos crimes e o montão de fatos vergonhosos, perversos, ruins e feios que precedem todas as contrições oficiais do confessorário, e que depois delas continuam com imperturbável regularidade.

É o caso de desejar-se mais obras e menos palavras.

E se não, de que é que serve o jejum, as macerações, o arrependimento, a contrição e quejandas religiosidades?

O que é a religião sem o aperfeiçoamento moral da consciência?

O que vale a perturbação das funções gastronômicas do estômago sem consciência livre, ilustrada, honesta e virtuosa?

Seja como for, o fato é que a quaresma toma as rédeas do governo social, e tudo enristece, e tudo esfria com o exercício de seus místicos preceitos de silêncio e meditação.

De que é que vale a meditação por ofício, a meditação hipócrita e obrigada, que consiste unicamente na aparência?

Pois o que é que constitui a virtude? É a forma ou é o fundo? É a intenção do ato, ou sua feição ostensiva?

Neste sentido, aconselhamos aos bons leitores que comutem sem o menor escrúpulo os jejuns, as confissões e rezas em boas e santas ações, em esmolas aos pobres.

(Angelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. *Cabrião*, 10.03.1867. Adaptado.)

*Cambuquira: Iguaria constituída de brotos de abóbora gulsados, geralmente servida como acompanhamento de assados.

89 Unesp 2014 Pelo seu tema e desenvolvimento argumentativo, o texto pode ser classificado como

- (a) crítico.
- (b) lírico.
- (c) narrativo.
- (d) histórico.
- (e) épico.

► Texto para a questão **84**.

O trecho a seguir foi retirado da apresentação da obra *Pioneiras da ciência no Brasil*. O livro traz biografias de cientistas brasileiras que iniciaram suas carreiras nos anos 1930 e 1940.

Cabe uma reflexão sobre a divisão dos papéis masculino e feminino dentro da família, para tentar melhor entender por que a presença feminina no mundo científico mantém-se minoritária. Consta-se que, no Brasil, ainda cabem às mulheres, fortemente, as responsabilidades domésticas e de socialização das crianças, além dos cuidados com os velhos. Assim, ainda que dividindo o espaço doméstico com companheiros, as mulheres têm, na maioria dos lares, maior necessidade de articular os papéis familiares e profissionais. A ideia de que conciliar vida profissional e familiar representa uma dificuldade é reforçada pela análise da população ocupada feminina com curso superior, feita por estudiosos, que constata que cerca de 46% dessas mulheres vivem em domicílios sem crianças. Como as cientistas são pessoas com diplomas superiores, elas estão compreendidas nesse universo. Por outro lado, talvez a sociedade brasileira ainda mantenha uma visão estereotipada – calcada num modelo masculino tradicional – do que seja um profissional da ciência. E certamente faltam às mulheres modelos positivos, as grandes cientistas que lograram conciliar sucesso profissional com vida pessoal realizada. Para quebrar os estereótipos femininos, para que novas gerações possam se mirar em novos modelos, é necessário resgatar do esquecimento figuras femininas que, inadvertida ou deliberadamente, permaneceram ocultas na história da ciência em nosso país.

(Adaptado de Hildete P. de Melo e Lígia Rodrigues, *Pioneiras da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: SBPC, 2006, p. 3-4.)

84 Unicamp 2015 Releia o período: “Assim, ainda que dividindo o espaço doméstico com companheiros, as mulheres têm, na maioria dos lares, maior necessidade de articular os papéis familiares e profissionais.” A expressão sublinhada

- (a) delimita a amostra de lares em que a mulher precisa articular tarefas profissionais e domésticas.
- (b) restringe o universo das mulheres mencionadas no trecho ao das que se dedicam à vida doméstica.
- (c) informa o local social em que circulavam as mulheres referidas no trecho.
- (d) destaca o fato de que a maioria das mulheres vive com companheiros.

► Leia o texto para responder às questões de **85 a 87**.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro

– um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um "crime passionnal". Cherchez la femme*. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaçaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Viçadas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio.

* Cherchez la femme: Procurem a mulher.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*, 2011.)

85 Unifesp 2015 No texto, o narrador sugere que tinha sido condenado por um crime

- (a) motivado por questões amorosas, sobre o qual não emitiu um posicionamento claro que negasse ou confirmasse a sua culpa.
- (b) marcado pelo mistério, que teve como vítimas o poeta e a mulher, e que contou com uma defesa confusa e permeada de inconsistências.
- (c) ocorrido acidentalmente, fruto da percepção equivocada de que o poeta estaria em um romance proibido com a sua mulher.
- (d) praticado pela esposa do artista, a quem acreditava que deveria recair a pena, mas não dispunha de provas suficientes para poder incriminá-la.
- (e) praticado pelo poeta, de quem tomou a responsabilidade para que este pudesse fugir com a mulher amada, isento de culpa.

86 Unifesp 2015 No primeiro parágrafo, afirma-se: "eu venho fazer enfiar a minha confissão". Tal confissão se materializa textualmente em

- (a) uma narrativa objetiva, com predomínio de verbos nos tempos passado e presente, relacionados a situações conhecidas do narrador.
- (b) uma argumentação confusa, com oscilação dos tempos verbais entre presente, passado e futuro, relacionados a situações da vida do narrador.
- (c) uma narrativa subjetiva, com predomínio de verbos no tempo passado, relacionados a situações das quais participou o narrador.
- (d) uma descrição pessoal, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações que marcaram a existência do narrador.
- (e) uma argumentação racional, com predomínio de verbos no tempo presente, relacionados a situações analisadas pelo narrador.

- 87 Unifesp 2015** Segundo o narrador afirma, a prisão lhe serviria para
- (a) coroar a sua existência de erros e desacertos, impossível de ser recomposta.
 - (b) mostrar a todos que estava sendo injustiçado e que deveriam rever o caso.
 - (c) colocá-lo em equilíbrio com a justiça dos homens e a justiça divina.
 - (d) amenizar os transtornos pessoais que arruinaram a sua existência.
 - (e) reverter a seu favor a simpatia do júri e ter um novo julgamento em breve.

► Leia o trecho do conto "O mandarim", de Eça de Queirós, para responder à questão **88**.

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da Ilustração Francesa. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfasiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmado sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o sublime Sr. Teodoro, cheguei a ser o celeste Sr. Teodoro; então, desvairada, a Gazeta das Locais chamou-me o extraceleste Sr. Teodoro! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós. *O mandarim*, s/d.)

- 88 Unifesp 2015** Ao descrever a sua vida de milionário, o narrador
- (a) sente-se lisonjeado pelo tratamento cerimonioso de que é alvo constante, sobretudo porque as pessoas são honestas em seu proceder.
 - (b) reconhece que as pessoas se aproximam dele com mais respeito e cautela, fato que o deixa desconfortável, por sua natureza humilde.
 - (c) ironiza as relações de interesses decorrentes da sua nova condição social, deixando evidente que as pessoas se humilham perante ele.

- (d) ignora a forma como os mais pobres o interpelam, pois não consegue identificar os contatos sem interesses monetários.
- (e) despreza a falta de veneração à sua pessoa, principalmente pelos mais bem nascidos, que não o veem como pertencente à aristocracia.

► Texto para a questão 82.

A ARMA DA PROPAGANDA

O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo mas minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia a dia de alguma esperança nesses anos de prosperidade econômica. A repressão acabou com o primeiro setor, enquanto a propaganda encarregou-se de, pelo menos, neutralizar gradualmente o segundo. Para alcançar este último objetivo, o governo contou com o grande avanço das telecomunicações no país, após 1964. As facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava a 40%. Por essa época, beneficiada pelo apoio do governo, de quem se transformou em porta-voz, a TV Globo expandiu-se até se tornar rede nacional e alcançar praticamente o controle do setor. A propaganda governamental passou a ter um canal de expressão como nunca existira na história do país. A promoção do "Brasil grande potência" foi realizada a partir da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), criada no governo Costa e Silva, mas que não chegou a ter importância nesse governo. Foi a época do "Ninguém segura este país", da marchinha *Prá Frente, Brasil, que embalou a grande vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970.*

Boris Fausto, *História do Brasil*. Adaptado

82 Fuvest 2016 Nos trechos "acabou com o primeiro setor" (L. 5) e "alcançar praticamente o controle do setor" (L. 14 e 15), a palavra sublinhada refere-se, respectivamente, a

- (a) aliados; população.
- (b) adversários; telecomunicações.
- (c) população; residências urbanas.
- (d) maiorias; classe média.
- (e) repressão; facilidades de crédito.

► Para responder às questões de 83 a 85, leia o seguinte verbete do *Dicionário de comunicação* de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

CRÔNICA

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: "do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos". O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele "pára" sobre os fatos, "fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor". Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(*Dicionário de comunicação*, 1978.)

83 Unesp 2016 Segundo o verbete, uma característica comum à crônica e à reportagem é

- (a) a relação direta com o acontecimento.
- (b) a interpretação do acontecimento.
- (c) a necessidade de noticiar de acordo com a filosofia do jornal.
- (d) o desejo de informar realisticamente sobre o ocorrido.
- (e) o objetivo de questionar as causas sociais dos fatos.

84 Unesp 2016 De acordo com o verbete, o editorial representa sempre

- (a) o julgamento dos leitores.
- (b) a opinião do repórter.
- (c) a crítica a um fato político.
- (d) a resposta a outros veículos de comunicação.
- (e) o ponto de vista da empresa jornalística.

85 Unesp 2016 De acordo com o verbete, o tema de uma crônica se baseia em

- (a) juízos de valor.
- (b) anedotário popular.
- (c) fatos pessoais.
- (d) eventos do cotidiano.
- (e) eventos científicos.

► Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder às questões 86 e 87.

O TABULEIRO DE XADREZ PERSA

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado shakhmat. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado "Morte ao rei" é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com

os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64^2 quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial no presente. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat, não temos o privilégio de saber.

* 1 quintilhão = $1\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000\ 000 = 10^{18}$. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

- (e) "Atualmente, há cerca de 6 bilhões de humanos. Em quarenta anos, se o tempo de duplicação continuar constante, haverá 12 bilhões; em oitenta anos, 24 bilhões; em cento e vinte anos, 48 bilhões... Mas poucos acreditam que a Terra possa suportar tanta gente."

► Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão 88.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos diga. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

88 Unifesp 2016 "Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe" (2º parágrafo)

Reescrito em ordem direta, tal trecho assume a seguinte forma:

- (a) Deus diz que os homens, senão declaradamente a sua plebe, comem não só o seu povo.
(b) Diz Deus que os homens comem não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe.
(c) Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente.
(d) Os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente, diz Deus.
(e) Os homens comem não só o seu povo, diz Deus, senão declaradamente a sua plebe.

86 Unifesp 2016 Por ser um artigo de divulgação científica, o texto apresenta uma linguagem,

- (a) técnica e impessoal.
(b) hermética e mal-humorada.
(c) acessível e divertida.
(d) rebuscada e pretenciosa.
(e) inteligível e pedante.

87 Unifesp 2016 Assinale a alternativa cujo excerto se afasta da lógica exposta pela fábula do tabuleiro de xadrez persa.

- (a) "No presente, o tempo de duplicação da população mundial é de cerca de quarenta anos. A cada quarenta anos haverá o dobro de seres humanos. Como o clérigo inglês Thomas Malthus apontou em 1798, uma população que cresce exponencialmente – Malthus a descreveu como uma progressão geométrica – vai superar qualquer aumento concebível de alimentos."
(b) "No momento, em muitos países o número de pessoas com sintomas de aids está crescendo exponencialmente. O tempo de duplicação é mais ou menos de um ano. Isto é, a cada ano há duas vezes mais casos de aids do que havia no ano anterior. Essa doença já nos cobrou um tributo desastroso em mortes."
(c) "Vamos considerar primeiro o simples caso de uma bactéria que se reproduz dividindo-se em duas. Depois de certo tempo, cada uma das duas bactérias-filhas também se divide. Desde que exista bastante alimento e não haja nenhum veneno no ambiente, a colônia de bactérias vai crescer exponencialmente."
(d) "A população da Terra na época de Jesus consistia talvez em 250 milhões de pessoas. Existem 93 milhões de milhas (150 milhões de quilômetros) da Terra até o Sol. Aproximadamente 40 milhões de pessoas foram mortas na Primeira Guerra Mundial; 60 milhões na Segunda Guerra Mundial. Há 31,7 milhões de segundos num ano (como é bastante fácil verificar)."

► Texto para a questão 75.

A adoção do cardápio indígena introduziu nas cozinhas e zonas de serviço das moradas brasileiras equipamentos desconhecidos no Reino. Instalou nos alpendres roceiros a prensa de espremer mandioca ralada para farinha. Nos inventários paulistas é comum a menção de tal fato. No inventário de Pedro Nunes, por exemplo, efetuado em 1623, fala-se num sítio nas bandas do Ipiranga “com seu alpendre e duas camarinhas no dito alpendre com a prensa no dito sítio” que deveria comprimir nos tipitis toda a massa proveniente do mandiocal também inventariado.

Mas a farinha não exigia somente a prensa – pedia, também, raladores, cochos de lavagem e forno ou fogão. Era normal, então, a casa de fazer farinha, no quintal, ao lado dos telheiros e próxima à cozinha.

Carlos A. C. Lemos, Cozinhas, etc.

75 Fuvest 2017 Traduz corretamente uma relação espacial expressa no texto o que se encontra em:

- (a) A prensa é paralela aos tipitis.
- (b) A casa de fazer farinha é adjacente aos telheiros.
- (c) As duas camarinhas são transversais à cozinha.
- (d) O alpendre é perpendicular às zonas de serviço.
- (e) O mandiocal e o Ipiranga são equidistantes do sítio.

► Para responder à questão 76, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

**FIGURA O ANÚNCIO EM UM JORNAL QUE O AMIGO ME MANDOU,
E ESTÁ ASSIM REDIGIDO:**

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.

Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soube descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fóto, amendoeva, 2012.)

76 Unesp 2017 Na crônica, João Alves é descrito como

- (a) rústico e mesquinho.
- (b) calculista e interesseiro.
- (c) generoso e precipitado.
- (d) sensato e metucioso.
- (e) ingênuo e conformado.

► Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão 77.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)

77 Unesp 2017 O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- (a) a dissertação argumentativa.
- (b) a narração.
- (c) a descrição objetiva.
- (d) a descrição subjetiva.
- (e) a dissertação expositiva.

78 Unikamp 2017

IRONIA AO NATURAL

*É natural,
é bom
e quanto mais melhor,
como os cogumelos
vermelhos,
as rãs azuis
ou o suco de serpente...
É químico,
processado,
é mau,
como a
aspirina,
um perfume
ou o plástico
da válvula
cardíaca
de um coração...*

(João Palma. *Quase poesia quase química*. Sociedade Portuguesa de Química, 2012, p.15. Disponível em: <www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpalva2012.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2016.)

Nesse poema, há

- (a) inversão dos atributos do que seria bom na natureza e do que seria ruim nos processados, de modo a, ironicamente, ressaltar a importância da química.
- (b) comparação entre o lado bom dos produtos naturais e o lado ruim dos produtos processados, de modo a ressaltar, efusivamente, o perigo da química.
- (c) demonstração do lado bom dos produtos naturais e o lado ruim dos produtos processados, sem, contudo, realizar uma crítica em relação à química.
- (d) elogio aos produtos naturais, reforçando-se a ideia de consumirmos mais desses produtos em detrimento de produtos processados com o auxílio da química.

► Leia a fábula "A raposa e o lenhador", do escritor grego Esopo (620 a.C.?-564 a.C.?), para responder à questão **79**.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: "Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras."

Fábulas completas, 2013.

79 Unifesp 2017 A moral mais apropriada para fechar a fábula seria:

- (a) Esta fábula pode ser dita a propósito de homens desventurados que, quando estão em situações embaraçosas, rezam para encontrar uma saída, mas assim que encontram procuram evitá-las.
- (b) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito daqueles homens que nitidamente proclamam ações nobres, mas na prática realizam atos vis.
- (c) Esta fábula mostra que os homens desatentos prestam atenção nas coisas de que esperam tirar proveito, mas permanecem apáticos em relação àquelas que não lhes agradam.
- (d) Assim, alguns homens se entregam a tarefas arriscadas, na esperança de obter ganhos, mas se arruinam antes mesmo de chegar perto do que almejam.
- (e) Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito de um homem frouxo que reclama de ínfimas desgraças, enquanto ela própria suporta, sem dificuldade, desgraças enormes.

► Leia o trecho do conto "Pai contra mãe", de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões de **40** e **41**.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deixava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" – ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Contos: uma antologia, 1998.)

40 Unesp 2018 Embora não participe da ação, o narrador intromete-se de forma explícita na narrativa em:

- (a) "A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca." (1ª parágrafo)
- (b) "Há meio século, os escravos fugiam com frequência." (3º parágrafo)
- (c) "O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões." (2º parágrafo)
- (d) "Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão." (3º parágrafo)
- (e) "Mas não cuidemos de máscaras." (1ª parágrafo)

41 Unesp 2018 No último parágrafo, "pôr ordem à desordem" significa

- (a) estimular os proprietários a tratarem seus escravos com menos rigor.
- (b) conceder aos proprietários de escravos fugidos alguma compensação.
- (c) restituir os escravos fugidos a seus proprietários.
- (d) conceder a liberdade aos escravos fugidos.
- (e) abolir a tortura imposta aos escravos fugidos.

LIVRO 1

**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 2**

- 95. E
- 96. C
- 97. D
- 98. C
- 99. D
- 90. E
- 91. D
- 92. A
- 93. A
- 94. D
- 89. A
- 84. A
- 85. A
- 86. C
- 87. D
- 88. C
- 82. B
- 83. A
- 84. E
- 85. D
- 86. C
- 87. D
- 88. C
- 75. B
- 76. D
- 77. A
- 78. A
- 79. B
- 40. E
- 41. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 3**

► Texto para a questão 103.

"Reconheço", disse o homem, "fui um poluidor implacável. Matei todo tipo de bicho, criei todo tipo de lixo, transformei bom oxigênio em ar irrespirável." E suspirou, contrito, envenenando mais um litro. "Nem sei quanto spray usei, mas aposto meu patrimônio: há um buraco com meu nome na tal camada de ozônio." "Florestas foram arrasadas para me dar calor e notícia. Sem falar nos troncos de lei em que canivetei que amava uma tal de Letícia." "Fui um flagelo sem dó, uma horda de hunos de um só." "Transformei rios em cloacas e cloacas em rios de sujeira, em transbordante nojeira. 'Abaixo o ecossistema' foi, eu quase diria, meu lema." "Fui um Átila irreciclável, um biodesagradável." "Agredi a natureza. Destruí a sua beleza." "Mas, em compensação, em matéria de devastação, de agressão e desatino..." (mostrando suas próprias rugas, sua calvície, sua velhice): "... vejam o que Ela fez com este menino."

Luís Fernando Veríssimo. Jornal Zero Hora, 26 ago. 1990.

103 PUC-RS 2011 Considerando a forma e a função do texto, é correto afirmar que:

- (a) o autor se apoia em uma narrativa subjetiva para apresentar seu ponto de vista.
- (b) se trata de um texto explicativo, que demonstra a extraordinária força da natureza.
- (c) a intenção do autor é contar a história de um ser humano em particular.
- (d) o predomínio da descrição é característico neste tipo de texto.
- (e) o narrador dirige-se a um leitor determinado, por se tratar da reprodução de uma fala.

102 UFG 2013 Leia o texto.

ALIENAÇÃO POLÍTICA DE JOVENS E TENDÊNCIA MUNDIAL

Embora o número de eleitores aptos ao voto facultativo, com 16 e 17 anos de idade, tenha aumentado em relação à última eleição, em 2010, a percepção é que há um desinteresse dos jovens nessa faixa etária em relação à eleição deste ano.

A avaliação é do cientista político Eurico de Lima Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Para ele, essa percepção não é só restrita ao Brasil. "A desmotivação é mundial", disse. "Parece que nós vivemos uma época em que os jovens encontram soluções que já estão dadas", completou.

Figueiredo acredita, no entanto, que principalmente agora, na Europa, haverá um recrudescimento da participação juvenil na tentativa de encontrar soluções para os novos problemas colocados pela crise econômica. "A tradição mostra que são os jovens que mais reagem a situações de crise, inclusive porque eles trazem dentro de si o futuro e reconhecem nas situações críticas do presente o que não deve ser feito e o que precisa ser mudado".

No caso do Brasil, analisou que a última participação forte da juventude na política ocorreu com a geração dos "caras pintadas", que foram às ruas pelo impeachment de Fernando Collor, da Presidência da República (1992). Por isso, reiterou que a desmotivação é uma tendência geral do mundo, que vive uma situação que, "para o jovem, é relativamente confortável".

Segundo o professor de pós-graduação em ciência política da UFF, há uma ideologia espalhada no ar, que se denomina pós-modernismo, onde se cultiva muito o individualismo, em vez das preocupações coletivas e sociais. E isso tudo influencia o comportamento juvenil. "Por isso, não é de se estranhar que haja essa desmotivação", declarou. Vinicius de Sá Machado foge a essa regra. Morador de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, o estudante de 17 anos lamentou ter perdido o prazo para tirar o título de eleitor para poder votar no próximo domingo (7). Ele se definiu motivado. "Os candidatos todos despertam o interesse. Mas muitos prometem e não fazem nada", disse à Agência Brasil. "Eu queria votar para ajudar a minha cidade", acrescentou.

O presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Daniel Iliescu, chamou a atenção para o fato de que, apesar de o número percentual de jovens entre 16 e 18 anos incompletos com inscrição eleitoral não ser tão expressivo, "ano a ano, nas eleições, nunca tantos jovens estiveram aptos a votar".

Por essa razão, definiu como relativo o dado que aponta uma desmotivação dos eleitores de 16 e 17 anos para o pleito deste ano. Destacou que o voto para menores de 18 anos foi um direito conquistado na Constituição de 1988. "É um direito caro para o país e uma forma importante de os jovens entrarem em contato com a cidadania e com seus deveres enquanto cidadãos para opinarem sobre a política em seu país".

A. Gandra. Disponível em: <<http://www.jb.com.br>>. Acesso em: 3 out.2012. (Adapt.).

O texto traz a voz de um estudante que fugiria ao padrão de comportamento político do jovem atual. No entanto, o discurso desse estudante reafirma a tese do desinteresse dessa faixa etária pelas eleições, pois, apesar de:

- (a) dizer que gostaria de votar para ajudar sua cidade, deixou de observar o prazo de inscrição eleitoral.
- (b) morar em São Gonçalo, desconsidera que suas ações políticas tenham consequências para o Rio de Janeiro.
- (c) afirmar que as promessas dos políticos carecem de cumprimento, tem vontade de exercer o direito de voto.
- (d) conhecer a realidade política brasileira, diz que os candidatos são interessantes.
- (e) entender que o voto é uma imposição política, acredita que eleições sejam benéficas ao país.

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 3

- 103. A
- 102. A

110 Ufam 2011 Leia o texto a seguir para responder à questão.

OS DOIS LADRÕES

O primeiro era apenas um Zé, ou Zé Preto. O Zé do velho Lolô chamava de Papai Lolô, embora não fosse seu filho. Nunca se soube quem foram os seus pais, nem se chegou a conhecê-los. Corria a lenda de que aquele Zé havia sido encontrado numa porteira, dentro de um cesto. Outro mistério envolvia o seu achamento: largado nu e solitário, ele no entanto sorria. Como se fosse a criança mais feliz deste mundo. E assim ele cresceu: trabalhando a terra na enxada e no arado, cuidando do gado, fazendo os mandados. Até tornar-se o carreiro de bois, a transportar sacos de feijão e de milho, carradas de areia e de madeira (e gente também) pra todo lado. E como aquele carro de bois cantava nas estradas! Um dia fez-se a desgraça. Alguém das vizinhanças deu falta de uma galinha e cismou que o Zé a havia roubado. Alvorço no povoado. Soldados no seu encaço. Zé foi apanhado na roça em que sempre esteve e levado aos empurrões e pontapés para a delegacia, onde um sargento truculento o aguardava com uma palmatória que devia pesar um bom meio quilo. “Confessa negro” – o interrogatório do sargento era feito ao som das palmadas, que se alternavam de uma mão à outra. As mãos do Zé iam engordando, inchando, estourando. E ele, os olhos se esbugalhando, jurava por tudo quanto era santo que não havia roubado galinha nenhuma. E quanto mais negava, mais apanhava. Tome soco, chute, bordoadas. Quando meu avô chegou para tentar libertá-lo, encontrou-o desmaiado. Zé morreu um ano depois. Jamais se soube se das pancadas ou de desgosto. Ou das duas. O outro era ladrão mesmo. Roubava gado.

Chamava-se Dominginhos, filho do velho Domingos, um fazendeiro endinheirado. Nunca foi apanhado. Quando as denúncias começaram, ele caiu no mundo – o maravilhoso mundo da impunidade. E esta é apenas mais uma história de ladrões cuja moral já se tomou clássica.

Antônio Torres. *Sobre pessoas.*

No trecho “As mãos do Zé iam engordando, inchando, estourando”, observa-se a presença de:

- (a) ambiguidade.
- (b) zeugma.
- (c) eufemismo.
- (d) barbarismo.
- (e) assíndeto.

111 Ufam 2011 Assinale a opção em que ocorre silepse de pessoa:

- (a) A maioria dos eleitores preferiram eleger o candidato da oposição.
- (b) Quando a gente é novo, acha que pode abarcar o mundo com as pernas.
- (c) Ontem, no auditório, estivemos reunidos alguns professores.
- (d) Nesta cidade, o pessoal são mexeriqueiros e intrigantes.
- (e) Deu-me notícias da família Melo; estão todos ótimos.

► Texto para a questão 109.

SOBRE A ORIGEM DA POESIA

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituisse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

[...]

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

[...]

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. ¹ Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.

Arnaldo Antunes. Disponível em: <www.arnaldoantunes.com.br>.

109 Uerj 2012 Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade (ref. 1)

Na frase, o emprego das palavras “oásis” e “deserto” configura uma superposição de figuras de linguagem, recurso frequente em textos artísticos. As figuras de linguagem superpostas na frase são:

- (a) metáfora e antítese.
- (b) ironia e metonímia.
- (c) elipse e comparação.
- (d) personificação e hipérbole.

105 Ufam 2013 Leia os versos abaixo, da autoria do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898):

Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Neles, a figura de linguagem predominante é a:

- (a) assonância
- (b) paronomásia
- (c) hipérbole
- (d) aliteração
- (e) onomatopeia

106 Ufam 2013 Assinale a alternativa que contém enunciado em sentido denotativo:

- (a) As estrelas de telenovelas são muito admiradas pelos brasileiros.
- (b) O desastre de ontem ocasionou a morte de três pessoas.
- (c) Ela acaba de completar quinze rissonhas primaveras.
- (d) Por ser franzino, Wilsinho é sempre o cristo de sua turma.
- (e) Foi o seu olhar demasiado quente que me conquistou.

107 UEL 2013 Leia a tirinha a seguir.

Benett



(Jornal de Londrina, 27 maio 2011. Seção Mosaico.)

Com relação à tirinha, assinale a alternativa correta.

- (a) A reação do paciente revela a falta de entendimento do discurso expresso pelo médico sobre seu estado de saúde.
- (b) A sátira se faz presente, no último quadrinho, ao demonstrar um erro cometido pelo médico.
- (c) Há uma crítica aos médicos que se preocupam mais com a beleza física do que com a saúde.
- (d) O efeito do humor se apoia na polissemia presente na expressão "beleza interior".
- (e) O segundo quadrinho é marcado pelo uso da linguagem denotativa.

108 UEMG 2013 A elipse é um recurso linguístico que consiste na: "supressão de termo que facilmente se subentende. Quando omitimos o termo que anteriormente já fora expresso, no mesmo período, a elipse pode ser chamada de zeugma".

A. HILDEBRANDT. Gramática Ilustrada. 5 ed. São Paulo: Moderna, 1997. p. 461.

Há um exemplo claro de zeugma no verso

- (a) "E de fazer canções como as que fez meu pai".
- (b) "E o meu medo maior é o espelho se quebrar".
- (c) "Um craque da pelota ao me tornar rapaz".
- (d) "Um dia eu me tomei o bambambã da esquina".

► Leia o trecho do conto "O mandarim", de Eça de Queirós, para responder à questão 104.

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da Ilustração Francesa. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado e cortinados de um raro brocado negro onde ondeliam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.

[...]

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitinhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: – ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmado sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar – uns odes votivas, outros o meu monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher – era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o sublime Sr. Teodoro, cheguei a ser o celeste Sr. Teodoro; então, desvairada, a Gazeta das Locais chamou-me o extraceleste Sr. Teodoro! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta – ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre, com nojo.

(Eça de Queirós. O mandarim, s/d.)

104 Unifesp 2015 "Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o sublime Sr. Teodoro, cheguei a ser o celeste Sr. Teodoro; então, desvairada, a Gazeta das Locais chamou-me o extraceleste Sr. Teodoro!"

Nesta passagem do último parágrafo, identifica-se uma

- (a) gradação, por meio da qual o narrador reforça a ideia de bajulação posta em prática pelos jornais portugueses.
- (b) hipérbole, por meio da qual o narrador enfatiza a intensidade de atenção recebida da imprensa portuguesa.
- (c) antítese, por meio da qual o narrador explica as contradições dos jornais portugueses ao tomarem-no como assunto.
- (d) ironia, por meio da qual o narrador refuta o tratamento que lhe dispensavam os jornalistas portugueses.
- (e) redundância, por meio da qual o narrador deixa entrever o modo como as pessoas lhe especulavam a vida.

107 Unicamp 2016 Leia o poema "Mar Português", de Fernando Pessoa.

MAR PORTUGUES

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

(Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpessoa03.html>)

No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

- (a) convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
- (b) apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
- (c) revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
- (d) projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

► Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão **108**.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como não de comer, e como se não de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para

o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

108 Unifesp 2016 Em "Cuidais que só os tapuias se **comem** uns aos outros, muito maior **açougue** é o de cá, muito mais se **comem** os brancos." (1^a parágrafo), os termos em destaque foram empregados, respectivamente, em sentido

- (a) literal, figurado e figurado.
- (b) figurado, figurado e literal.
- (c) literal, literal e figurado.
- (d) figurado, literal e figurado.
- (e) literal, figurado e literal.

► Para responder às questões **105** e **106**, leia a crônica "Anúncio de João Alves", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

FIGURA O ANÚNCIO EM UM JORNAL QUE O AMIGO ME MANDOU,

E ESTÁ ASSIM REDIGIDO:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escuro com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata administrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escuro, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.

Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata administrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque sou-beste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Falo, amendoeiro, 2012.)

105 Unesp 2017 Está empregado em sentido figurado o termo destacado no seguinte trecho:

- (a) "Formulaste depois um **raciocínio**: houve roubo." (3^o parágrafo)
- (b) "Reparo antes de tudo na limpeza de tua **linguagem**." (3^o parágrafo)
- (c) "Reparo antes de tudo na **limpeza** de tua linguagem." (3^o parágrafo)
- (d) "Não disseste que todos os seus **cascos** estavam ferrados;" (4^o parágrafo)
- (e) "Não disseste que todos os seus cascos estavam **ferrados**;" (4^o parágrafo)

106 Unesp 2017 Em "Contudo, não o afirmas em tom **peremptório**: tudo me induz a esse cálculo:"

(5^o parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por:

- (a) incisivo.
- (b) irônico.
- (c) rancoroso.
- (d) constringido.
- (e) hesitante.

▶ Leia o trecho inicial de *Ralzes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder às questões **107** e **108**.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantém como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziram a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibeza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Ralzes do Brasil, 2000.

107 Unifesp 2017 O *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* define "elipse" como "supressão, num enunciado, de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico". Verifica-se a ocorrência desse recurso em:

- (a) "A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos" (3^o parágrafo)
- (b) "Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável" (7^o parágrafo)
- (c) "Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica" (6^o parágrafo)
- (d) "Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu" (4^o parágrafo)
- (e) "o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem" (1^o parágrafo)

108 Unifesp 2017 Em "É dela que resulta largamente a singular **tibeza** das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos." (7^o parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- (a) constância. (d) combinação.
- (b) firmeza. (e) fraqueza.
- (c) estranheza.

► Leia o excerto do "Sermão do bom ladrão", de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão 60.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?". Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

60 Unesp 2018 Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:

- (a) "Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam." (3º parágrafo)
- (b) "Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome." (1º parágrafo)
- (c) "O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres." (1º parágrafo)
- (d) "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?" (1º parágrafo)
- (e) "O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]." (3º parágrafo)

61 Unicamp 2018



(Disponível em <http://www.psychic.com.br/taxonomy/term/4>. Acessado em 02/06/2017.)

No contexto deste grafite, as frases "menos presos políticos" e "mais políticos presos" expressam

- (a) uma relação de contradição, uma vez que indicam sentidos opostos.
- (b) uma relação de consequência, já que a diminuição de um grupo conduz ao aumento de outro.
- (c) uma relação de contraste, pois reivindicam o aumento de um tipo de presos e a redução de outro.
- (d) uma relação de complementaridade, porque remetem a subconjuntos de uma mesma categoria.

LIVRO 1

**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 4**

110. E
111. C
109. A
105. D (Ufam 2013)
106. B (Ufam 2013)
107. D (UEL 2016)
108. A (UEMG 2013)
104. A
107. A (Unicamp 2016)
108. A (Unifesp 2016)
105. C (Unifesp 2017)
106. A (Unesp 2017)
107. C (Unifesp 2017)
108. E (Unifesp 2017)
60. C
61. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 5**

115 UFRN 2011 Os trechos seguintes são as frases iniciais de crônicas de Luis Fernando Verissimo presentes no livro *Comédias para se ler na escola*. Identifique em qual deles há um tratamento metalinguístico.

- (a) *Sou fascinado pela linguagem náutica, embora minha experiência no mar se resume a algumas passagens em transatlânticos, onde a única linguagem técnica que você precisa saber é "a que horas servem o bufê?"*
(¹⁰ "O jargão", p. 67).
- (b) *Esta ideia para um conto de terror é tão terrível que, logo depois de tê-la, me arrependi. Mas já estava tida, não adiantava mais. Você, leitor, no entanto, tem uma escolha. Pode parar aqui, e se poupar, ou ler até o fim e provavelmente nunca mais dormir.*
(¹¹ "Sozinhos", p. 33).
- (c) *Sandrinha nunca esqueceu o seu primeiro dia na redação. Os olhares que recebeu quando se encaminhou para a mesa do editor. De curiosidade. De superioridade. Ou apenas indiferença. Do editor não recebeu olhar nenhum.*
(¹² "A novela", p. 79).
- (d) *Quando a gente aprende a ler, as letras, nos livros, são grandes. Nas cartilhas – pelo menos nas cartilhas do meu tempo – as letras eram enormes. Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e sua barriga ainda maior.*
(¹³ "ABC", p. 113).

114 UFRN 2013 Leia a seguir os trechos de "Consideração do poema", integrante do livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade.

*Uma pedra no meio do caminho
ou apenas um rastro, não importa.
Estes poetas são meus. De todo o orgulho,
de toda a precisão se incorporaram
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maïakovski.*

*São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguei.*

[...]

*Saber que há tudo. E mover-se em meio
a milhões e milhões de formas raras,
secretas, duras. Eis aí meu canto.*

Carlos Drummond de Andrade. *Novo reunião*: 23 livros de poesia. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009. p. 139-140.

Nesses trechos, além da função poética, ocorre predominantemente a função:

- (a) apelativa, percebida na persuasão do texto poético.
(b) expressiva, percebida na ausência da subjetividade do eu lírico.
(c) referencial, percebida na alusão a outros poetas.
(d) metalinguística, percebida na reflexão sobre o fazer poético.

113 Unicamp 2015 O cartaz a seguir foi usado em uma campanha pública para doação de sangue.

Disponível em www.facebook.com/pages/HEMORIO/144978045579742?ref=ts. Acessado em 08/09/2014.

Rolezinho: diminutivo de rolê ou rolé; em linguagem informal, significa "pequeno passeio". Recentemente, tem designado encontros simultâneos de centenas de pessoas em locais como praças, parques públicos e *shopping centers*, organizados via internet.
Anonymous riot: rebelião anônima.

Considerando como os sentidos são produzidos no cartaz e o seu caráter persuasivo, pode-se afirmar que:

- (a) As figuras humanas estilizadas, semelhantes umas às outras, remetem ao grupo homogêneo das pessoas que podem ajudar e ser ajudadas.
- (b) A expressão "rolezinho" remete à meta de se reunir muitas pessoas, em um só dia, para doar sangue.
- (c) O termo "até" indica o limite mínimo de pessoas a serem beneficiadas a partir da ação de um só indivíduo.
- (d) O destaque visual dado à expressão "ROLEZINHO NO HEMORIO" tem a função de enfatizar a participação individual na campanha.

LIVRO 1

**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 5**

- 115. B
- 114. D
- 113. B

LIVRO 1 - Questões objetivas

**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 6**

116 ESPM 2011



A famosa frase em inglês da propaganda da NIKE, num sentido literal, significa "Apenas faça". Num sentido mais amplo, significa "Faça sem perguntar o porquê". A imagem apresentada pode ter várias leituras. Assinale a única descabida.

- (a) Há um flagrante contraste entre um garoto, imagem da pobreza (magro, sem camisa e descalço), e um dos mais famosos ícones de consumo do mundo capitalista.
- (b) A imagem do garoto pode lembrar que nem todos possuem acesso aos bens de consumo da sociedade capitalista.
- (c) O comportamento do garoto poderia ser entendido como atitude de desprezo, de rebeldia ou de irreverência para com aquilo que é símbolo de culto ao esporte ou até de "status" (uso da marca).
- (d) A propaganda, por intenção irônica, mostra um garoto cumprindo em atitude aquilo que a frase ordena em inglês.
- (e) O cachorro, olhando para a cena, simboliza inequivocamente a humanidade animalizada, apenas plateia do conflito pobreza e riqueza.

► Texto para a questão 117.

OTEMPO

1 *Sobram de tudo, com mais legendas, o palacete do barão, ruínas, o sobrado do fisco, onde se cobrava o quinto do rei, e a capela, que foi promessa de mulher-dama, convertida após amealhar ouro e diamantes dos forasteiros que chegavam, sendo que essa mesma*
5 *capela é hoje ninho de morcegos e corujas. Sobram também as velhas casas de beirais e cornijas, mais sobrados, sem portas nem janelas, olhos vazados: fixam o tempo e a eternidade, parados na tarde. Restaram ainda as velhas de muita velhice. Elas pitam os cachimbos, comem as próprias bocas e trazem lembranças do*
10 *passado.*

– Muita coisa a contar, seu moço. Histórias muitas.

Foi chão de mineração, com o braço de rio, a serra, com veios de ouro, o pedregulho solto em cor de ferro ou ferrugem. No tempo bem mais antigo, muitos escravos, nus da cintura para cima e de calças
15 *arregaçadas, mergulhavam as bateias e peneiravam o cascalho. Onda de aventureiros. Alguns estrangeiros. Abriram galerias na serra, que hoje são também moradas de morcegos, a picareta seguia o filão de ouro. Crimes e iniquidades: o alemão de barbas e botas, que apareceu morto e roubado no alpendre da casa; o preto Ludovico,*
20 *que, por suspeita, foi obrigado a tomar dose dupla de pinhão, para expelir o diamante raro. O negro, com licença da palavra, se desfazia em merda e suor, o feitor catando a pedra no chão com a ponta da vara. Dinheiro abundante para gasto e divertimento de todos. O bar, as cartas, a cerveja e as mulheres. Fandangos e bumba-meu-*
25 *-boi. Também as missões de expurgo, quando chegava Frei Nemésio, casando amancebados e purificando menino pagão, os pecados todos condenados em sermão de fogo pelas barbas venerandas de Frei Nemésio, e perdoados enfim com a grande procissão de velas.*

– Senhor Deus, misericórdia.

30 *E a procissão de velas:*
– Misericórdia.

Outras festas havia. Cavalhadas ou justas, por iniciativa do próprio barão, que se apresentava no palanque em ordem de comando e respeito, o cebolão de ouro, com corrente pesada, no
35 *bolso do colete. De todos os crimes, o de maior força foi o desse mesmo barão: viúvo, teve relações de incesto com a filha. Daí o abandono de tudo. O palacete dele em ruínas, coberto pela erva daninha, refúgio de cobras e lagartos.*

– Que fortes são os poderes de Deus.

40 – E diga.

Por maldição do crime e também pelo braço de rio que secou e o veio de ouro que se perdeu, tudo foi entrando em abandono. As levas de homens que se retiravam da noite para o dia. O vazio dos arruados, os armazéns que se fechavam. Havia muito cerrara
45 *as portas o sobrado do fisco para a cobrança do quinto. Menino que se fizesse rapaz, por insinuação de um ou outro rádio de pilhas ou viandante raro que por ali passasse, dava para emigrar ou fugir, ou ficava atoleimado, se escondendo de pessoa estranha, sem saber dar respostas. Bichos. E o mundo se fez silêncio, espaço*
50 *e tempo infinitos, com aquelas velhas casas de olhos vazados, onde ruminavam cabras e carneiros, o telheiro do mercado arriado. Por força de alguma vida, restou, na esquina, a venda de Seu Aniceto, também viveiro de ratos em correria pelas prateleiras, com uma ou outra garrafa empoeirada. Por último começou a parar por ali o*

55 *caminhão do Nozinho, que traz de longe carregamento de minério descoberto em mina nova. Nozinho descobriu, entre as velhas, menina-moça, que quer ir com ele na boleia. O caminhão chega em grande alegria de buzina e rádio aberto, as bandeirinhas coloridas. Todos acorrem, e Nozinho, por ele mesmo, é de muita prosa,*
60 *enquanto salta, escarra no chão e tange com o pé o cachorro magro. Então Seu Aniceto, em nome de todos, talvez, e mais no seu interesse e ainda porque era fim de dezembro, supunha, pediu a Nozinho que lhe trouxesse o tempo marcado. É que estavam perdidos dentro do mundo, sem contagem de dia, mês ou ano, mas*
65 *existindo dia e noite para a orientação de todos:*

– Que dia é hoje, por exemplo?

– Quarta.

Está aí, ninguém sabia.

E Nozinho, na viagem de volta, trouxe o Tempo em forma de
70 *calendário, não com fotografia de mulher nua, como gostava, mas com a estampa de Nossa Senhora das Dores, o coração trespassado por sete setas, que era assim que apreciavam as velhas de muita velhice que comiam as próprias bocas e se arrimavam às paredes.*

Morçira Campos. *Obras completas: contos*. pp. 326–328.

117 Uece 2011 Sobre o advérbio *ali*, no enunciado *Por último começou a parar por ali o caminhão do Nozinho* (linhas 54–55), considere as seguintes afirmações:

- I. O emprego desse termo revela a perspectiva espacial do narrador em relação à narrativa.
- II. A presença desse termo nos assegura que o narrador não é personagem.
- III. Como o *ali*, da linha 47, o *ali* desse enunciado retoma um referente que o leitor vai construindo mentalmente, aproveitando as pistas do texto.

Está correto o que se diz:

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| (a) em I, II e III. | (c) apenas em II e III. |
| (b) apenas em I e II. | (d) apenas em I e III. |

► Texto para a questão 120.

A ARMA DA PROPAGANDA

O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo mas minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia a dia de alguma esperança nesses anos de prosperidade econômica. A repressão acabou com o primeiro setor, enquanto a propaganda encarregou-se de, pelo menos, neutralizar gradualmente o segundo. Para alcançar este último objetivo, o governo contou com o grande avanço das telecomunicações no país, após 1964. As facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava a 40%. Por essa época, beneficiada pelo apoio do governo, de quem se transformou em porta-voz, a TV Globo expandiu-se até se tornar rede nacional e alcançar praticamente o controle do setor. A propaganda governamental passou a ter um canal de expressão como nunca existira na história do país. A promoção do “Brasil grande potência” foi realizada a partir da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), criada no governo Costa e Silva, mas que não chegou a ter importância nesse governo. Foi a época do “Ninguém segura este país”; da marchinha *Prá Frente, Brasil*, que embalou a grande vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970.

Boris Fausto, *História do Brasil*. Adaptado.

120 Fuvest 2016 A frase que expressa uma ideia contida no texto é:

- (a) A marchinha “Prá Frente, Brasil” também contribuiu para o processo de neutralização da grande massa da população.
- (b) A repressão no Governo Médici foi dirigida a um setor que, além de minoritário, era também irrelevante no conjunto da sociedade brasileira.
- (c) O tricampeonato de futebol conquistado pelo Brasil em 1970 ajudou a mascarar inúmeras dificuldades econômicas daquele período.
- (d) Uma característica do governo Médici foi ter conseguido levar a televisão à maioria dos lares brasileiros.
- (e) A TV Globo foi criada para ser um veículo de divulgação das realizações dos governos militares.

► Texto para a questão 121

Seria ingenuidade procurar nos provérbios de qualquer povo uma filosofia coerente, uma arte de viver. É coisa sabida que a cada provérbio, por assim dizer, responde outro, de sentido oposto. A quem preconiza o sábio limite das despesas, porque “vintém poupado, vintém ganhado”, replicará o vizinho farrista, com razão igual: “Da vida nada se leva”. (...) Mais aconselhável procurarmos nos anexins não a sabedoria de um povo, mas sim o espelho de seus costumes peculiares, os sinais de seu ambiente físico e de sua história.

As diferenças na expressão de uma sentença observáveis de uma terra para outra podem divertir o curioso e, às vezes, até instruir o etnógrafo.

Povo marítimo, o português assinala semelhança grande entre pai e filho, lembrando que “filho de peixe, peixinho é”. Já os húngaros, ao formularem a mesma verdade, não pensavam nem em peixe, nem em mar; ao olhar para o seu quintal, notaram que a “maçã não cai longe da árvore”.

Paulo Rónai, *Como aprendi o português e outras aventuras*.

121 Fuvest 2016 No texto, a função argumentativa do provérbio “Da vida nada se leva” é expressar uma filosofia de vida contrária à que está presente em “vintém poupado, vintém ganhado”. Também é contrário a esse último provérbio o ensinamento expresso em:

- (a) Mais vale pão hoje do que galinha amanhã.
- (b) A boa vida é mãe de todos os vícios.
- (c) De grão em grão a galinha enche o papo.
- (d) Devagar se vai ao longe.
- (e) É melhor prevenir do que remediar.

122 Unicamp 2016 Em sua versão benigna, a valorização da malandragem corresponde ao elogio da criatividade adaptativa e da predominância da especificidade das circunstâncias e das relações pessoais sobre a frieza reducionista e generalizante da lei. Em sua versão maximalista e maligna, porém, a valorização da malandragem equivale à negação dos princípios elementares de justiça, como a igualdade perante a lei, e ao descrédito das instituições democráticas.

(Adaptado de Luiz Eduardo Soares, *Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência*, em C. A. Messeder Pereira, *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 23–46.)

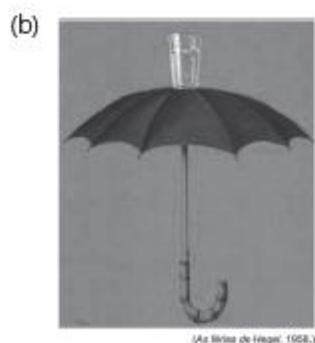
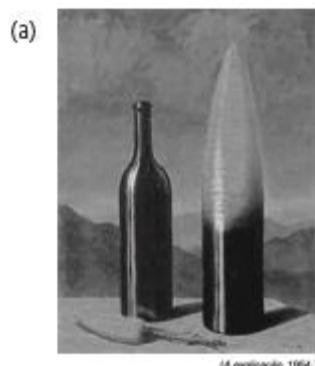
Considerando as posições expressas no texto em relação à valorização da malandragem, é correto afirmar que:

- (a) O verbo "equivaler" relaciona a valorização da malandragem à negação da justiça, da igualdade perante a lei e das instituições democráticas.
- (b) Entre os pares de termos "benigna/maligna" e "maximalista/reducionista" estabelece-se no texto uma relação semântica de equivalência.
- (c) O elogio da malandragem reside na valorização da criatividade adaptativa e da sensibilidade em contraposição à fria aplicação da lei.
- (d) O articulador discursivo "porém" introduz um argumento que se contrapõe à proposta de valorização da malandragem.

122 Unifesp 2017 Nesta obra, o observador é atraído por uma ideia poética: a de um objeto que assume a substância do material em que se sente à vontade.

Marcel Paquet. René Magritte: o pensamento tomado visível, 2000. (Adaptado.)

Tal comentário aplica-se à seguinte obra do pintor belga René Magritte (1898-1967):



(O sedutor, 1963.)



(A cascata, 1961.)

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão **70**.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços."

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?"; e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um cademinho e anotou qualquer coisa. Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone

chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor...". Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu salsse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 histórias, 2016.

¹**arma virumque cano:** "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

70 Unifesp 2018 Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos trechos:

- (a) "As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua." (3ª parágrafo) e "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5ª parágrafo).
- (b) "As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua." (3ª parágrafo) e "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5ª parágrafo).
- (c) "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5ª parágrafo) e "Acordou assustado, com **golpes** na porta." (5ª parágrafo).
- (d) "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5ª parágrafo) e "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5ª parágrafo).
- (e) "[...] a ligação foi dificultosa, havia **besouros** na linha." (3ª parágrafo) e "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5ª parágrafo).

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 6

- 116. E
- 117. A
- 120. A
- 121. A
- 122. A (Unicamp 2016)
- 122. D (Unifesp 2017)
- 70. B

LIVRO 1 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 7

► Texto para a questão **141**.

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Liniker. *Estrangeiros em casa: uma caminhada pelo selva urbana de São Paulo*. National Geographic Brasil. (Adapt.).

141 Fuvest 2011 No terceiro parágrafo do texto, a expressão que indica, de modo mais evidente, o distanciamento social do segundo interlocutor em relação às pessoas a que se refere é:

- (a) "disposição para o trabalho".
- (b) "vibração empreendedora".
- (c) "feição muito particular".
- (d) "saindo para trabalhar".
- (e) "dessa gente".

► A questão **142** toma por base o seguinte fragmento do diálogo *Fedro*, de Platão (427-347 a.C.).

FEDRO

SÓCRATES: – Vamos então refletir sobre o que há pouco estávamos discutindo; examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o que seja recitar ou escrever mal.

FEDRO: – Isso mesmo.

SÓCRATES: – Pois bem: não é necessário que o orador esteja bem instruído e realmente informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

FEDRO: – A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal – pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

SÓCRATES: – Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir no que ela significa. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

FEDRO: – Tens razão.

SÓCRATES: – Examinemos, pois, essa afirmação.

FEDRO: – Sim.

SÓCRATES: – Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum de nós sabe o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: “Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas”..

FEDRO: – Isso seria ridículo, querido Sócrates.

SÓCRATES: – Um momento. Ridículo seria se eu tratasse seriamente de persuadir-te a que escrevesse um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitíssimo prático comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para vários outros mistérios.

FEDRO: – Isso seria ainda ridículo.

SÓCRATES: – Um amigo que se mostra ridículo não é preferível ao que se revela como perigoso e nocivo?

FEDRO: – Não há dúvida.

SÓCRATES: – Quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho, – nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

FEDRO: – Não pode ser muito bom fruto.

SÓCRATES: – Mas vejamos, meu caro: não nos teremos excedido em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: “que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém – dirá ela – que ignore a verdade a aprender a falar. Mas quem ouve o meu conselho tratará de adquirir primeiro esses conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições a posse da verdade de nada servirá para engendrar a persuasão”.

FEDRO: – E não teria ela razão dizendo isso?

SÓCRATES: – Reconheço que sim, se os argumentos usuais provarem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é isso, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônio declara: “não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa”.

Platão. Diálogos. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

142 Unesp 2011 Após uma leitura atenta do fragmento do diálogo Fedro, pode-se perceber que Sócrates combate, fundamentalmente, o argumento dos mestres sofistas, segundo o qual, para fazer bons discursos, é preciso:

- (a) evitar a arte retórica.
- (b) conhecer bem o assunto.
- (c) discernir a verdade do assunto.
- (d) ser capaz de criar aparência de verdade.
- (e) unir a arte retórica à expressão da verdade.

► As questões **143** e **144** tomam por base duas passagens do livro *A linguagem harmônica da Bossa Nova*, do docente e pesquisador da Unesp José Estevam Gava.

MOMENTO BOSSA NOVA

Nos anos 1940, o samba-canção já era uma alternativa para o samba tradicional, batucado, quadrado. Em sua gênese foram empregados recursos correntes na música erudita europeia e na música popular norte-americana. Já era algo mais sofisticado, praticado por compositores e arranjadores com maior preparo musical e sempre de ouvido aberto para as soluções propostas pela música estrangeira. O jazz, por exemplo, mais tarde permitiria fusões interessantes como o “samba-jazz” e o “samba moderno”, com arranjos grandiosos e com base nos instrumentos de sopro. Mas, em termos de poesia e expressividade, o samba-canção tendia a manter seu caráter escuro, sombrio, com muitos elementos que lembravam a atmosfera tensa e pessimista do tango argentino e do bolero, gêneros latinos por excelência.

O samba-canção esteve desde logo ambientado em Copacabana, lugar de vida noturna intensa, boates enfumaçadas, mulheres adultas e fatais envoltas num clima de pecado e traição, enquanto a Bossa Nova ambientou-se mais para o Sul, em Ipanema, além de tornar-se representativa de um público mais jovem, amante do sol e da praia. Nesse ambiente solar, a mulher passou a ser a garota da praia, a namorada. Deu-se um descanso às imagens de “amante proibida e vingativa, com uma navalha na liga. E as letras da Bossa Nova não tinham nada de enfumaçado. Eram uma saga oceânica: a nado, numa prancha ou num barquinho, seus compositores prestaram todas as homenagens possíveis ao mar e ao verão. Esse mar e esse verão eram os de Ipanema” (Castro, 1999, p. 59).

A Bossa Nova levou aos extremos a tendência intimista de cantar sobre temas do cotidiano, sem muita complicação poética. Em vez da negatividade do samba-canção, explorou ao máximo a positividade expressiva e um otimismo sem precedentes. Esse foi o grande traço distintivo entre a Bossa Nova e o samba-canção. O otimismo diante do amor trouxe consigo imagens de paz e estabilidade possibilitadas por relacionamentos amorosos felizes e amores correspondidos, sem as cores patológicas e dramáticas que tanto marcavam os sambas-canções. Mesmo a dor, quando ocorria, era encarada como um estágio passageiro, deixando de assumir o antigo caráter terminal.

Em plenos anos 1950, quando nas rádios predominava o derramamento vocal e sentimental, Tom Jobim já buscava um retraimento expressivo pautado por um discurso poético/musical mais sereno, mais em tom de conversa do que de súplica. Se os mais jovens identificavam-se com essas coisas novas, os mais velhos e tradicionalistas viam-nas com estranheza, sendo compreensível que as descrevessem como canções bobas e ingênuas, não obstante a sofisticação harmônica e rítmica.

José Estevam Gava. *A linguagem harmônica da Bossa Nova*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

143 Unesp 2011 Seguindo as lições do fragmento apresentado sobre as características temáticas de cada gênero musical, aponte quais dos quatro seguintes exemplos fazem parte de letras de sambas-canções.

I. *Não falem dessa mulher perto de mim, / Não falem pra não me lembrar minha dor*

(Cabelos brancos, de Marino Pinto e Herivelto Martins).

II. *Doce é sonhar / E pensar que você / Gosta de mim / Como eu de você*

(Este seu olhar, de A. C. Jobim).

III. *Eu não seria essa mulher que chora / Eu não teria perdido você*

(Castigo, de Dolores Duran).

IV. *Ah! se eu pudesse te mostrar as flores / Que cantam suas cores pra manhã que nasce*

(Ah! se eu pudesse, de Roberto Menescal e Ronaldo Boscoli).

- (a) I e II. (d) I, II e III.
 (b) I e III. (e) II, III e IV.
 (c) II e III.

144 Unesp 2011 A leitura do fragmento como um todo permite concluir que, para o autor:

- (a) o samba-canção era um gênero superior ao da Bossa Nova, pelo fato de explorar temas mais sérios e adultos.
 (b) a Bossa Nova buscava agradar ao público jovem com letras simplórias e melodias bastante pobres.
 (c) tanto a Bossa Nova quanto o samba-canção foram gêneros secundários, sem qualquer influência relevante para a música popular brasileira.
 (d) o samba autêntico, tradicional, tinha muito mais qualidade e autenticidade que a Bossa Nova e o samba-canção.
 (e) samba-canção e Bossa Nova representaram desenvolvimentos autênticos do samba tradicional, cada qual com temática própria e estrutura melódica e musical distinta.

► Instrução: A questão **145** toma por base o texto seguinte.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público brasileiro. De origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados.

Ana Beatriz Barbosa Silva. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*, 2010. (Adapt.).

145 Unifesp 2011 De acordo com o texto:

- (a) os estudantes mais fortes usam de sua prepotência e do constrangimento e intimidação dos mais frágeis, com o objetivo de se divertirem.
 (b) as ações violentas, praticadas no ambiente escolar, são invariavelmente frequentes, involuntárias e motivadas por sofrimentos dos agressores.

- (c) o sofrimento proveniente das manifestações violentas na escola pode demandar tratamentos dispendiosos, porém eficientes.
 (d) em geral, as agressões sofridas pelos alunos não são gratuitas e possuem causas cada vez mais claramente identificáveis.
 (e) a humilhação e o medo a que são submetidas as vítimas do bullying são consequências naturais da sociedade contemporânea.

► Instrução: Leia o texto para responder às questões **146** e **147**.

Nos últimos três anos foram assassinadas mais de 140 mil pessoas no Brasil. Uma média de 47 mil pessoas por ano. Uma parcela expressiva destas mortes, que varia de região para região, é atribuída à ação da polícia, que se respalda na impunidade para continuar cometendo seus crimes. São 25 assassinatos ao ano por cada 100 mil pessoas, índice considerado de violência epidêmica, segundo organismos internacionais.

Se os assassinatos com armas de fogo são uma face da violência vivida na nossa sociedade, ela não é a única. Logo atrás, em termos de letalidade, estão os acidentes fatais de trânsito, com cerca de 33 mil mortos em 2002 e 35 mil mortes por ano em 2004 e 2005. Isto, sem falar nos acidentados não fatais socorridos pelo Sistema Único de Saúde, que multiplicam muitas vezes os números aqui apresentados e representam um custo que o IPEA estima em R\$ 5,3 bilhões para o ano de 2002.

A lista da violência alonga-se incrivelmente. Sobre as mulheres, os negros, os índios, os gays, sobre os mendigos na rua, sobre os movimentos sociais etc. Uma discussão num botequim de periferia pode terminar em morte. A privação do emprego, do salário digno, da educação, da saúde, do transporte público, da moradia, da segurança alimentar, tudo isso pode ser compreendido, considerando que incide sobre direitos assegurados por nossa Constituição, como tantas outras formas de violência.

Silvio Caccia Bava. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ago. 2010. (Adapt.).

146 Unifesp 2011 Segundo o texto,

- (a) as formas de violência mais difíceis de eliminar são aquelas relacionadas aos assassinatos e aos acidentes fatais de trânsito.
 (b) os assassinatos com armas de fogo, nas periferias, constituem a face perversa da impunidade exercida pela polícia.
 (c) nossa Constituição assegura direitos restritos aos negros, aos índios e aos gays e, assim, eles costumam também ser alvo de muita violência.
 (d) como causa de mortalidade, os acidentes de trânsito são quase tão importantes quanto os assassinatos, no ranking da violência no Brasil.
 (e) o conjunto das mortes pela violência – assassinatos, acidentes de trânsito e constrangimentos a vários grupos sociais – onera os cofres do Estado.

147 Unifesp 2011 Considere as afirmações.

- I. A falta de empregos, a baixa remuneração e o déficit habitacional raramente são compreendidos como forma de violência.
 II. O não oferecimento de educação, saúde e transporte público a toda a população também pode ser visto como uma forma de violência.
 III. Uma briga de bar que resulta em morte é um ingrediente a mais a engrossar o caldo da violência no país.

As ideias apresentadas no texto encontram-se em:

- (a) I, apenas. (c) I e III, apenas. (e) I, II e III.
 (b) I e II, apenas. (d) II e III, apenas.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **148**.

Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da **Shindô-Renmei** na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar “impiedosamente”, na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Oswaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da Shindô-Renmei, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um “paraíso racial”. Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

Matinas Suzuki Jr. Folha de S.Paulo, 20 abr. 2008. (Adapt.).

Shindô-Renmei foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

148 Unifesp 2011 O texto permite afirmar que:

- (a) o antigo e pernicioso sentimento de intolerância entre brasileiros e japoneses, cultivado há quatro décadas, recrudescer no pós-guerra.
- (b) a ideia de um “paraíso racial”, cristalizada no mundo das letras, foi bastante benéfica para o desenvolvimento do país.
- (c) a ideologia, de um lado, e o pragmatismo, de outro, criaram condições para uma fase de silêncio sobre a intolerância anti-nipônica.
- (d) as motivações racistas do assassinato do caminhoneiro Pascoal pelo caminhoneiro Kababe, em 1946, desencadearam as hostilidades entre brasileiros e japoneses.
- (e) a violência dos atentados da Shindô-Renmei reprimiu a intolerância dos brasileiros contra os japoneses.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **149**.

Crescia naturalmente
Fazendo estripulia,
Malino e muito arguto,
Gostava de zombaria.
A cabeça duma escrava
Quase arrebentei um dia.

E tudo isso porque
Um doce me havia negado,
De cinza no tacho cheio
Inda joguei um punhado,
Daí porque a alcunha
De “Menino Endiabrado”.

Prudêncio era um menino
Da casa, que agora falo.
Botava suas mãos no chão
Pra poder depois montá-lo:
Com um chicote na mão
Fazia dele um cavalo.

Varrezi Nascimento. Memórias póstumas de Brás Cubas em cordel

149 Unifesp 2011 Compare o trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com o fragmento do poema *O navio negreiro – tragédia no mar*, de Castro Alves (questão **190**). Indique a alternativa que apresenta aspectos observáveis nos dois textos.

- (a) Tema da escravidão, contensão expressional, exploração do ritmo da frase, visão crítica da realidade.
- (b) Ironia, exploração do ritmo da frase, intertextualidade explícita, denúncia de problemas sociais.
- (c) Tema da escravidão, visão crítica da realidade, exploração do ritmo da frase, representação do homem como objeto do homem.
- (d) Estilo apurado, visão crítica da realidade, representação do homem como objeto do homem, intertextualidade explícita.
- (e) Tema da escravidão, tom arrebatado, visão crítica da realidade, estilo apurado.

► Instrução: A questão **150** toma por base o fragmento seguinte.

As provocações no recreio eram frequentes, oriundas do enfado; irritadiços todos como feridas; os inspetores a cada passo precisavam intervir em conflitos; as importunações andavam em busca das suscetibilidades; as suscetibilidades a procurar a sama das importunações. Viam de joelhos o Franco, puxavam-lhe os cabelos. Viam Rômulo passar, lançavam-lhe o apelido: mestre-cuca!

Esta provocação era, além de tudo, inverdade. Cozinheiro, Rômulo! Só porque lembrava culinária, com a carnosidade bamba, fofada dos pastelões, ou porque era gordo das enxúndias enganadoras dos fregistas, dissolução mórbida de sardinha e azeite, sob os aspectos de mais volumosa saúde?

[...]

Rômulo era antipatizado. Para que o não manifestassem excessivamente, fazia-se temer pela brutalidade. Ao mais insignificante gracejo de um pequeno, atirava contra o infeliz toda a corpolência das infiltrações de gordura solta, desmoronava-se em socos. Dos mais fortes vingava-se, resmungando intrepidamente.

Para desesperá-lo, aproveitavam-se os menores do escuro. Rômulo, no meio, ficava tonto, esbravejando juras de morte, mostrando o punho. Em geral procurava reconhecer algum dos impertinentes e o marcava para a vindita. Vindita inexorável.

No decorrer enfadonho das últimas semanas, foi Rômulo escolhido, principalmente, para expiatório do desfastio. Mestre-cuca! Via-se apregoado por vozes fantásticas, saldas da terra; mestre-cuca! Por vozes do espaço rouquenhadas ou esgançadas. Sentava-se acabrunhado, vendo se se lembrava de haver tratado panelas algum dia na vida; a unanimidade impressionava. Mais frequentemente, entregava-se a acessos de raiva. Arremetia bufando, espumando, olhos fechados, punhos para trás, contra os grupos. Os rapazes corriam a rir, abrindo caminho, deixando rolar adiante aquela ambulância danada de elefantase.

Raul Pompeia. O Ateneu.

150 Unifesp 2011 Indique a alternativa em que os fragmentos selecionados exemplificam, respectivamente, a manifestação clara do ponto de vista do narrador e a opinião do grupo, a propósito de Rômulo.

- (a) *Cozinheiro, Rômulo! – Vindita inexorável.*
- (b) *Vindita inexorável. – Cozinheiro, Rômulo!*
- (c) *Mestre-cuca! – Vindita inexorável.*
- (d) *Cozinheiro, Rômulo! – Mestre-cuca!*
- (e) *Mestre-cuca! – Cozinheiro, Rômulo!*

132 Fuvest 2012 Considere as seguintes afirmações sobre os quatro períodos que compõem o texto:

- I. Tendo em vista as relações de sentido constituídas no texto, o primeiro período estabelece uma causa cuja consequência aparece no segundo período.
- II. O uso de orações subordinadas, tal como ocorre no terceiro período, é muito comum em textos dissertativos.
- III. Por formarem um parágrafo tipicamente dissertativo, os quatro períodos se organizam em uma sequência constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- IV. O procedimento argumentativo do texto é dedutivo, isto é, vai do geral para o particular.

Está correto apenas o que se afirma em:

- (a) I e II.
- (b) I e III.
- (c) III e IV.
- (d) I, II e IV.
- (e) II, III e IV.

► Texto para a questão **133**.

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior. *Evolução política do Brasil*. (Adapt.).

133 Fuvest 2012 Infere-se da leitura desse texto que Portugal não foi uma potência colonizadora como a antiga Grécia, porque seu:

- (a) peso político-econômico, apesar de grande para o século, não era comparável ao dela.
- (b) interesse, diferentemente do dela, não era conquistar o mundo.
- (c) aparato bélico, embora considerável para a época, não era comparável ao dos gregos.
- (d) objetivo não era povoar novas terras, mas comercializar produtos nelas obtidos.
- (e) projeto principal era consolidar o próprio reino, libertando-se do domínio espanhol.

► Texto para a questão **134**.

RECEITA DE MULHER

*As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na
[República Popular Chinesa].
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e
[que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro
[minuto da aurora.
Vincius de Moraes.*

* "haute couture": alta costura.

134 Fuvest 2012 No conhecido poema "Receita de mulher", de que se reproduziu aqui um excerto, o tratamento dado ao tema da beleza feminina manifesta a:

- (a) oscilação do poeta entre a angústia do pecador (tendo em vista sua educação jesuítica) e o impudor do libertino.
- (b) conjugação, na sensibilidade do poeta, de interesse sexual e encantamento estético, expresso de modo provocador e bem-humorado.
- (c) idealização da mulher a que chega o poeta quando, na velhice, arrefeceu-lhe o desejo sexual.
- (d) crítica ao caráter frívolo que, por associar-se ao consumo, o amor assume na contemporaneidade.
- (e) síntese, pela via do erotismo, das tendências europeizantes e nacionalistas do autor.

► Instrução: A questão **135** toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

UMA CAMPANHA ALEGRE, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.*

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

*E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num chouto** tão triunfante!*

Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].

* Pela: bola.

** Chouto: trote miúdo.

135 Unesp 2012 Considere as frases com relação ao que se afirma na crônica de Eça de Queirós:

- Os que estão no poder não querem sair e os que não estão querem entrar.
- Quando um partido ético está no poder, tudo fica melhor.
- Os governantes são bons e éticos, mas vivem a trocar acusações infundadas.
- Os políticos que estão fora do poder julgam-se os melhores eticamente para governar.

As frases que representam a opinião do cronista estão contidas apenas em:

- | | |
|--------------|-------------------|
| (a) I e II. | (d) I, II e III. |
| (b) I e III. | (e) II, III e IV. |
| (c) I e IV. | |

► Instrução: A questão **136** toma por base um artigo de Don Tapscott (1947-).

○ FIM DO MARKETING

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tomando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

[...]

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tomando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos.

[...]

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

[...]

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou marketplace) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou marketspace). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a marketface – a interface entre o marketplace e o marketspace.

[...]

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

Don Tapscott. O fim do marketing. INFO, São Paulo, Editora Abril, jan. 2011, p. 22.

136 Unesp 2012 A leitura atenta deste instigante artigo de Don Tapscott revela que o tema central de sua mensagem é:

- O advento do comércio via internet subverteu as teorias tradicionais de *marketing*.
- O comércio via internet confirma todas as teorias de publicidade e *marketing* vigentes.
- A aplicação dos princípios tradicionais de *marketing* se tornou vital para o sucesso do comércio *online*.
- O comércio realizado em lojas físicas é ainda preferível ao realizado *online*.
- A lei da oferta e da procura não influencia de nenhum modo o comércio via internet.

► Instrução: As questões **137** e **138** tomam por base fragmentos de um livro do búlgaro Tzvetan Todorov (1939-), linguista e teórico da literatura.

○ A LITERATURA EM PERIGO

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. Como já o disse, essa ideia não é estranha a uma boa parte do próprio mundo do ensino; mas é necessário passar das ideias à ação. Num relatório estabelecido pela Associação dos Professores de Letras, podemos ler: “O estudo de Letras implica o estudo do homem, sua relação consigo mesmo e com o mundo, e sua relação com os outros.”

Mais exatamente, o estudo da obra remete a círculos concêntricos cada vez mais amplos: o dos outros escritos do mesmo autor, o da literatura nacional, o da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, nos é efetivamente dado pela própria existência humana. Todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão.

O que devemos fazer para desdobrar o sentido de uma obra e revelar o pensamento do artista? Todos os "métodos" são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos. [...]

[...]

[...] Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender com esses mesmos professores do que com os manuais preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das ideias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos.

Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário, o qual não serviria mais unicamente à reprodução dos professores de Letras, podemos facilmente chegar a um acordo sobre o espírito que o deve conduzir: é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. "É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura", escrevia Paul Bénichou. A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor.

Tzvetan Todorov. *A literatura em perigo*. 2 ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 89-94.

137 Unesp 2012 Observe as seguintes opiniões referentes ao ensino de literatura.

- I. O estudo de obras literárias na escola tem como objetivo fundamental ensinar os fundamentos da Linguística.
- II. A análise das obras feita na escola deve levar o estudante a ter acesso ao sentido dessas obras.
- III. O objetivo do ensino da literatura na escola não é formar teóricos da literatura.
- IV. De nada adianta a leitura das obras literárias sem a prévia fundamentação das teorias literárias.

Das quatro opiniões, as que se enquadram na argumentação manifestada por Todorov em seu texto estão contidas apenas em:

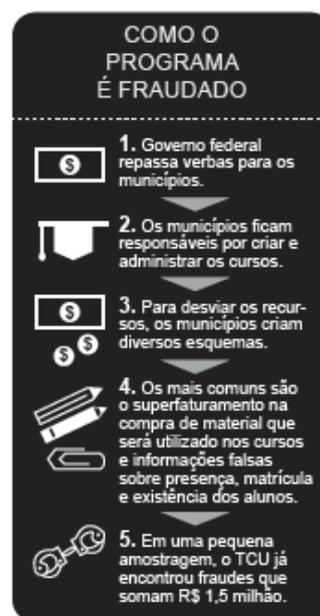
- (a) I e II.
- (b) I e III.
- (c) II e III.
- (d) I, II e III.
- (e) II, III e IV.

138 Unesp 2012 Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?

Esta questão levantada por Todorov, no contexto do terceiro parágrafo, significa:

- (a) O conhecimento enciclopédico desses autores, manifestado em suas obras, equivale a um verdadeiro curso universitário.
- (b) Por se tratar de autores de nacionalidades e épocas diferentes, a leitura de suas obras traz conhecimentos importantes sobre seus respectivos países.
- (c) Esses autores escreveram com a intenção fundamental de passar ensinamentos para seus contemporâneos e a posteridade.
- (d) A leitura das obras desses autores, que focalizam admiravelmente o homem e o humano, seria de excepcional utilidade para os estudantes de relações humanas.
- (e) A leitura desses autores não acrescenta nada de excepcional ao ensino.

139 Unifesp 2012 Considere o texto.



lucf, 18 maio 2011.

O objetivo do texto é:

- (a) ironizar a ação do TCU no combate às fraudes.
- (b) mostrar os mecanismos de desvio de recursos.
- (c) sugerir a manutenção das verbas destinadas aos municípios.
- (d) explicar como é difícil desviar verbas.
- (e) ressaltar a qualidade da educação apesar das fraudes.

► Instrução: A questão **140** baseia-se no texto a seguir.

O crack vicia para sempre na primeira vez em que seus componentes químicos inundam o cérebro do usuário. A pessoa passa a roubar e matar, se preciso, para satisfazer as demandas psíquicas e físicas impostas pela abstinência. Famílias inteiras são tragadas pelas assustadoras crises dos viciados, _____ fúria desfaz os laços domésticos mais estáveis, renega as normas básicas da convivência social e anula mesmo a educação mais primorosa.

_____ isso, as autoridades em Brasília sentem-se modernas e libertárias ao atender a anseios dos organizadores das “marchas da maconha”. Tudo a favor da liberdade de expressão, mas sem esquecer que as drogas leves são a porta de entrada para o crack e sua trágica rota sem volta.

Vejo, 22 jun. 2011. (Adapt.).

140 Unifesp 2012 Analisando-se as informações, fica evidente que a argumentação desenvolvida no texto:

- (a) enaltece as decisões tomadas pelas autoridades em Brasília.
- (b) defende a necessidade de liberação das drogas leves.
- (c) desvincula a ideia de que se usa o crack depois da maconha.
- (d) condena a liberdade de expressão e o uso de drogas.
- (e) questiona o consentimento governamental às marchas da maconha.

► Instrução: As questões de **126 a 128** tomam por base dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias, permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa pri-

vativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

Alexandre Oliva. *Software privativo é falta de educação*. <<http://revista.espiritoivre.org>>.

126 Unesp 2013 De acordo com a argumentação do especialista Alexandre Oliva, a principal característica de um *software livre* consiste em:

- (a) não permitir que o usuário o copie para outro computador ou para terceiros.
- (b) apresentar grande facilidade de instalação e uso.
- (c) revelar qualidade superior e maior velocidade de desempenho.
- (d) ser sempre muitíssimo mais barato que o *software privativo*.
- (e) dar liberdade de acesso e manipulação do código-fonte ao usuário.

127 Unesp 2013 Conforme aponta o autor no terceiro parágrafo, um dos problemas dos programas privativos é:

- (a) sofrerem rápida defasagem, necessitando de atualizações constantes.
- (b) exigirem contrapartida para instalações em outros computadores.
- (c) apresentarem preço extorsivo para o usuário em ambiente doméstico.
- (d) trazerem a marca registrada ou de fantasia da empresa.
- (e) não poderem ser devolvidos em caso de ineficácia.

128 Unesp 2013 Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam.

No contexto em que surge, no último parágrafo, esta frase aponta um fato que reforça o argumento de Alexandre Oliva, segundo o qual:

- (a) seria altamente educativo que as escolas utilizassem programas sem limitações de acesso ao seu funcionamento.
- (b) a educação brasileira necessita, urgentemente, de teorias que estimulem ainda mais a curiosidade infantil.
- (c) tanto faz usar um tipo de programa como outro, desde que as crianças sejam consultadas primeiro.
- (d) tanto faz usar *software* privativo como livre, que as crianças sempre dão um jeito de desmontá-lo.
- (e) os programas privativos, apesar dos problemas que apresentam, são mais indicados para a educação.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **129**.

O silêncio é a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não verbal) e significação. Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significativa fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o “império do verbal” em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significativa distinta da linguagem.

Eni Orlandi. *As formas do silêncio*, 1997.

129 Unifesp 2013 A ideia comum entre o poema de Drummond e o texto de Eni Orlandi diz respeito ao fato de que o silêncio:

- (a) consiste em repressão ao diálogo.
- (b) é sinônimo de ausência de sentido.
- (c) é também uma forma de comunicação.
- (d) permite a interpretação mais objetiva.
- (e) reconstrói a comunicação verbal.

► Texto para as questões 130 e 131.

CIÊNCIA CARA = BOM INVESTIMENTO

Um mundo sem ciência ambiciosa fica privado de conhecimento novo e das aplicações das descobertas.

Fazer pesquisa é caro, mas vale a pena. Vamos pensar apenas na ciência de base, ou seja, a ciência que não tem o objetivo imediato de ser “útil”, via aplicações tecnológicas ou gerando riqueza, cuja meta é investigar a natureza. Quanto um país deve investir nesse tipo de pesquisa?

Quando se discute como equilibrar o orçamento da União, é crucial questionar como os fundos vindos do contribuinte devem ser usados. Afinal, existem necessidades críticas em educação, infraestrutura de transporte, modernização de hospitais, atendimento médico para milhões de necessitados etc.

Num ensaio recente na New York Review of Books, uma prestigiosa publicação americana, o prêmio Nobel Steven Weinberg afirma que a solução nunca deve ser tirar dinheiro de áreas necessitadas para financiar pesquisa de base (ou qualquer outra). Por outro lado, o investimento na pesquisa de base deveria ser uma opção óbvia para qualquer país que pretende ter uma posição de liderança internacional.

No início do século 20, físicos lidavam com um modo inteiramente novo de interpretar a natureza. Einstein forçou uma revisão dos conceitos de espaço, tempo e energia. Planck, Bohr, Schrödinger e Heisenberg nunca poderiam ter imaginado que suas ideias revolucionárias sobre a física do átomo efetivamente redefiniriam o mundo em que vivemos. Deles veio a revolução quântica, que gerou incontáveis aplicações tecnológicas, incluindo todos os equipamentos digitais, dos computadores aos raios laser, fibras ópticas e tecnologias nucleares.

Em seu ensaio, Weinberg mostra sua preocupação com o futuro da ciência de grande porte, projetos que alcançam bilhões de dólares. Recentemente, o sucessor do Telescópio Espacial Hubble, o Telescópio Espacial James Webb, teve seu orçamento cortado. Após muito drama, o financiamento foi restituído, mas ficou a insegurança. No mundo das partículas, a bola está com a Europa e seu mega-acelerador, o LHC. Cientistas americanos se juntaram ao projeto depois de perceberem a possibilidade de seu acelerador nacional desaparecer.

Na minha opinião, cortar o fomento à pesquisa de base, incluindo projetos bem definidos de alto custo, é inadmissível. Um mundo focado no imediato, no pragmático, pode ser eficiente, mas é extremamente monótono. Imagine um mundo sem as descobertas sensacionais que andam sendo feitas sobre o Cosmo e os mistérios da matéria; um mundo sem estrelas explodindo, sem galáxias colidindo e buracos negros.

Pior, imagine um mundo sem o que ainda não conhecemos e que nunca poderemos descobrir sem nossos instrumentos de exploração. Ademais, perderíamos todas as possíveis aplicações das descobertas.

Uma possibilidade é a de incluir cada vez mais países com fortes economias emergentes, como a China, a Índia e o Brasil, no fomento aos grandes projetos. Esse é um dos argumentos a favor da inclusão do Brasil como país-membro do ESO (Observatório Europeu do Sul), uma discussão que deixo para depois.

Quando vejo as enormes quantias sendo gastas na defesa nacional, eu me pergunto se nossas prioridades estão no lado criativo ou no destrutivo. Quando deixamos de investir no novo, ficamos condenados a só olhar para o velho.

Marcelo Gleiser. *Jornal de Ciência*, 03 set. 2012. (Adapt.).

130 UFPE 2013 A tese defendida pelo autor – em torno do conceito de “ciência de base” – se apoia nos argumentos de que esse tipo de ciência:

- () tem como objetivo desenvolver possibilidades de aplicações tecnológicas e gerar riqueza.
- () procura investigar a natureza, levada pela pretensão de explorar o ainda não descoberto.
- () é focada na necessidade da eficiência, conforme as exigências pragmáticas do mundo atual.
- () inclui meios de se descobrir aplicações para descobertas já realizadas.
- () implica investimentos em projetos bem definidos de alto custo.

131 UFPE 2013 Uma análise de como as ideias e informações se distribuem pelos sucessivos parágrafos do texto nos faz perceber que:

- () o primeiro e o segundo parágrafos – sobretudo este último – são fundamentais, pois apresentam o núcleo da questão a ser tratada.
- () no quarto parágrafo o tema é visto sob perspectivas opostas, uma opção que é literalmente declarada pelo autor.
- () no quinto e no sexto parágrafos, predominaram dados históricos, que sustentam a relevância da tese defendida.
- () no sétimo e no oitavo parágrafos, ocorrem expressões que denotam, obviamente, pontos de vista do próprio autor.
- () no final do último parágrafo, a linguagem usada pelo autor é contundente, conclusiva e explicitamente objetiva.

► Leia o texto para responder à questão **123**.



Pegamos os nossos 24.253 km de fronteiras e os esticamos em uma linha reta. Assim, fica possível entender o que acontece em cada canto desse Brasilão: _____ invasões de terra, _____ de drogas e cenários de tirar o fôlego.

(<http://supecabril.com.br>. Adaptado.)

123 Unifesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 1

De acordo com o texto, é correto afirmar que

- belos cenários estimulam grandes problemas nas fronteiras do Brasil, cuja maior parte está em terra.
- problemas contrastam com belos cenários nas fronteiras do Brasil, cuja maior parte está em terra.
- belos cenários convivem com a gravidade dos problemas nas fronteiras do Brasil, cuja maior parte está em mar.
- problemas se sobrepõem a cenários de grande beleza nas fronteiras do Brasil, cuja maior parte está em mar.
- problemas e lugares exóticos se equilibram nas fronteiras do Brasil, as quais também estão em equilíbrio em extensão.

► Leia o texto para responder à questão **124**.

POETAS E TIPOGRAFOS

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe recebeu exercícios físicos, para "canalizar a tensão". João Cabral seguiu o conselho. Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal "ginástica poética", como a chamava, tornou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, "Editores Artesanais Brasileiros", de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos assinantes (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto "Com o Vaqueiro Mariano" (1952), de Guimarães Rosa. E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor.

João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas vale.

(Ruy Castro. Folha de S.Paulo, 17/08/2013. Adaptado.)

124 Unifesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 1

As informações do texto permitem afirmar que

- a venda de uma edição artesanal se dá com um grande volume de livros, razão pela qual desperta grande interesse comercial e cultural dos editores no Brasil.
- os livreiros normalmente têm pouco interesse por livros artesanais, como os de Manuel Bandeira e Cecília Meireles, por considerarem-nos uma forma menor de expressão artística.
- as edições artesanais, como as de João Cabral de Melo Neto, raramente se destinam à produção de obras literárias para pessoas dos círculos íntimos de convivência dos autores.
- a edição artesanal é uma realidade específica do Brasil, retratando a dificuldade que autores como Vinicius de Moraes e Guimarães Rosa tiveram para publicar suas obras.
- a edição artesanal, como a praticada por João Cabral de Melo Neto, permitiu que a cultura nacional fosse enriquecida com obras de expressivos escritores.

125 Unifesp 2014 Leia os textos enviados a uma revista por dois de seus leitores.

Leitor 1: O alto número de óbitos entre as mulheres fez com que os cuidados com a saúde feminina se tornassem mais necessários. Hoje sabemos que estamos expostas a muitos fatores; por isso, conhecer os sintomas do infarto é fundamental.

Leitor 2: Os médicos devem se aprofundar nos estudos relacionados à saúde da mulher.

A paciente, por sua vez, não pode deixar de se prevenir. Nesse processo, a informação, os recursos adequados e profissionais capacitados são determinantes para diminuir os infartos.

(Cartas. IstoÉ, 04.09.2013. Adaptado.)

A comparação dos textos enviados pelos leitores permite afirmar corretamente que

- duas mulheres escrevem à revista para falar da prevenção dos infartos, mais incidentes no sexo feminino.
- duas pessoas escrevem à revista para expressar sua indignação com a falta de recursos destinados à saúde da mulher.
- dois profissionais da saúde escrevem à revista para reforçar a necessidade da medicina preventiva.
- duas pessoas escrevem à revista para ressaltar a importância dos cuidados com a saúde da mulher.
- dois leitores escrevem à revista para informar a falta de conhecimentos sobre o infarto feminino.

► Texto para as questões 119 e 120.

A BUSCA POR VIDA FORA DA TERRA

Um sinal eletrônico é emitido pelo Laboratório de Propulsão a Jato (JPL, sigla em inglês) da NASA, em Pasadena, Califórnia, e viaja até um robô fixado na parte inferior da camada de gelo de 30 centímetros de espessura em um lago do extremo norte do Alasca. O holofote do robô começa a brilhar. "Funcionou!", exclama John Leichy, um jovem engenheiro do JPL, que está em uma barraca perto do lago congelado. Embora não pareça uma grande façanha tecnológica, esse talvez seja o primeiro passo para a exploração de uma lua distante.

Mais de sete mil quilômetros ao sul do Alasca, no México, a geomicrobióloga Penelope Boston caminha por uma água turva que bate em seus tornozelos, em uma gruta, cerca de 15 metros abaixo da superfície. Como os outros cientistas que a acompanham, Penelope carrega um respirador pesado, além do tanque adicional de ar, de modo que possa sobreviver em meio ao sulfeto de hidrogênio, monóxido de carbono e outros gases venenosos da caverna. Aos seus pés, a água corrente contém ácido sulfúrico. A lanterna no capacete ilumina a gotícula de uma gosma espessa e semitranslúcida que escorre da parede. "Não é incrível?", exclama.

Esses dois locais (um lago congelado no ártico e uma gruta nos trópicos) talvez possam fornecer pistas para um dos mistérios mais antigos e instigantes: existe vida fora do nosso planeta? Criaturas em outros mundos, seja em nosso sistema solar, seja em órbita ao redor de estrelas distantes, poderiam muito bem ter sobrevivido em oceanos recobertos de gelo, como os que existem em um dos satélites de Júpiter, ou em grutas fechadas e repletas de gás, que talvez sejam comuns em Marte. Portanto, se for possível determinar um procedimento para isolar e identificar formas de vida em ambientes igualmente extremos aqui na Terra, então estaremos mais preparados para empreender a busca pela vida em outras partes do Universo.

Adaptado de Michael D. Lemonick, A busca por vida fora da Terra. National Geographic, jul. 2014, p. 38-40.

119 **Unicamp 2015** A partir da leitura do texto, pode-se afirmar que:

- (a) O robô está presente tanto no lago congelado no ártico como na gruta nos trópicos.
- (b) O jovem engenheiro do JPL e a geomicrobióloga carregam respiradores para ajudá-los a respirar.
- (c) O jovem engenheiro do JPL e a geomicrobióloga estão executando suas pesquisas sozinhos.
- (d) O holofote do robô é ligado a partir de um sinal emitido pelo laboratório JPL.

120 **Unicamp 2015** Assinale a alternativa que resume adequadamente o texto.

- (a) Estudos sobre formas de vida em ambientes extremos podem preparar os cientistas para enfrentar a questão da busca pela vida fora da Terra.
- (b) A partir de uma caverna no Alasca, um robô revela pistas sobre outras formas de vida no nosso sistema solar.
- (c) os trabalhos científicos desenvolvidos em qualquer lugar da Terra permitem compreender formas de vida em outros planetas.
- (d) Cientistas, trabalhando em ambientes extremos, desenvolveram procedimentos capazes de detectar vida fora da terra.

► A questão 121 focaliza uma passagem de um artigo de Cláudia Vassallo.

ALIADAS OU CONCORRENTES

Alguns números: nos Estados Unidos, 60% dos formados em universidades são mulheres. Metade das europeias que estão no mercado de trabalho passou por universidades. No Japão, as mulheres têm níveis semelhantes de educação, mas deixam o mercado assim que se casam e têm filhos. A tradição joga contra a economia. O governo credita parte da estagnação dos últimos anos à ausência de participação feminina no mercado de trabalho. As brasileiras avançam mais rápido na educação. Atualmente, 12% das mulheres têm diploma universitário – ante 10% dos homens. Metade das garotas de 15 entrevistadas numa pesquisa da OCDE¹ disse pretender fazer carreira em engenharia e ciências – áreas especialmente promissoras.

[...]

Agora, a condição de minoria vai caindo por terra e os padrões de comportamento começam a mudar. Cada vez menos mulheres estão dispostas a abdicar de sua natureza em nome da carreira. Não se trata de mudar a essência do trabalho e das obrigações que homens e mulheres têm de encarar. Não se trata de trabalhar menos ou ter menos ambição. É só uma questão de forma. É muito provável que legisladores e empresas tenham de ser mais flexíveis para abrigar mulheres de talento que não desistiram do papel de mãe. Porque, de fato, essa é a grande e única questão de gênero que importa.

Mais fortalecidas e mais preparadas, as mulheres terão um lugar ao sol nas empresas do jeito que são ou desistirão delas, porque serão capazes de ganhar dinheiro de outra forma. Há 8,3 milhões de empresas lideradas por mulheres nos Estados Unidos – é o tipo de empreendedorismo que mais cresce no país. De acordo com um estudo da EY², o Brasil tem 10,4 milhões de empreendedoras, o maior índice entre as 20 maiores economias. Um número crescente delas tem migrado das grandes empresas para o próprio negócio. Os fatos mostram: as empresas em todo o mundo terão, mais cedo ou mais tarde, de decidir se querem ter metade da população como aliada ou como concorrente.

(Exame, outubro de 2013.)

¹ OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

² EY: Organização global com o objetivo de auxiliar seus clientes a fortalecerem seus negócios ao redor do mundo.

121 **Unesp 2015** Em sua argumentação, a autora revela que a importância da presença das mulheres em atividades empresariais se deve, entre outros, a um motivo de ordem estatística:

- (a) elas revelam maior sensibilidade e uma intuição aguçada para os negócios.
- (b) elas representam um contingente considerável de metade da população do mundo.
- (c) elas são capazes, em comparação com os homens, de acumular inúmeras tarefas.
- (d) elas se formam em média com rendimento maior que os homens nas universidades.
- (e) elas aumentam significativamente a produção das empresas em que atuam.

► Leia o texto para responder à questão 122.

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.)

122 Unifesp 2015 Em sua argumentação, o autor estabelece que

- o fenômeno cultural está contido no natural. Dessa forma, a boa comunicação diz respeito ao uso que cada pessoa faz, de acordo com as necessidades cotidianas.
- a palavra escrita se espelha na palavra falada. Dessa forma, a boa comunicação implica reconhecer que fala e escrita são de mesma natureza.
- os fenômenos naturais precedem os culturais. Dessa forma, a boa comunicação depende de ajustar aqueles às especificidades destes.
- fala e escrita são domínios distintos. Dessa forma, a boa comunicação implica conhecer e empregar os recursos específicos de cada um deles.
- as diferenças entre fala e escrita são muitas. Dessa forma, a boa comunicação está relacionada ao valor cultural da linguagem.

► Examine este cartum para responder às questões 126 e 127.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

126 Fuvest 2016 Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

127 Fuvest 2016 No contexto do cartum, a presença de numerosos animais de estimação permite que o juízo emitido pela personagem seja considerado

- incoerente.
- parcial.
- anacrônico.
- hipotético.
- enigmático.

► Texto para a questão 128.

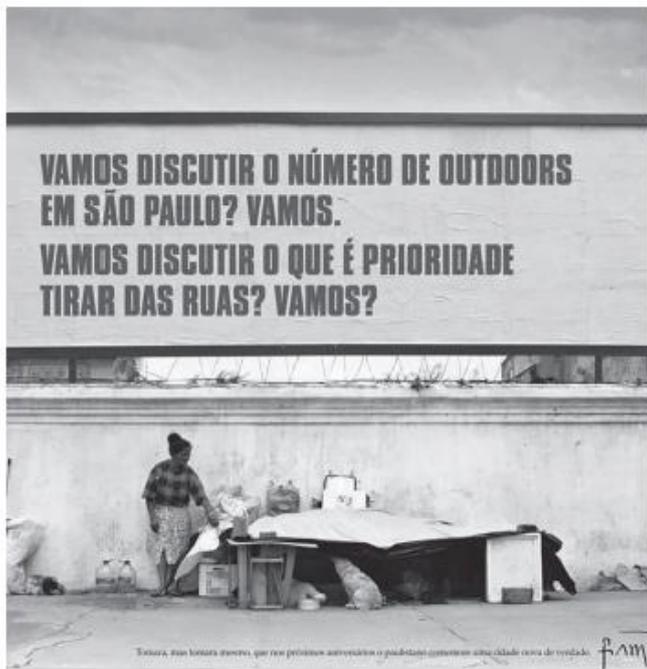
A ARMA DA PROPAGANDA

O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo mas minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia a dia de alguma esperança nesses anos de prosperidade econômica. A repressão acabou com o primeiro setor, enquanto a propaganda encarregou-se de, pelo menos, neutralizar gradualmente o segundo. Para alcançar este último objetivo, o governo contou com o grande avanço das telecomunicações no país, após 1964. As facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava a 40%. Por essa época, beneficiada pelo apoio do governo, de quem se transformou em porta-voz, a TV Globo expandiu-se até se tornar rede nacional e alcançar praticamente o controle do setor. A propaganda governamental passou a ter um canal de expressão como nunca existira na história do país. A promoção do "Brasil grande potência" foi realizada a partir da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), criada no governo Costa e Silva, mas que não chegou a ter importância nesse governo. Foi a época do "Ninguém segura este país", da marchinha Prá Frente, Brasil, que embalou a grande vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970.

Boris Fausto, *História do Brasil*. Adaptado

128 Fuvest 2016 A estratégia de dominação empregada pelo governo Médici, tal como descrita no texto, assemelha-se, sobretudo, à seguinte recomendação feita ao príncipe – ou ao governante – por um célebre pensador da política:

- "Deve o príncipe fazer-se temer, de maneira que, se não se fizer amado, pelo menos evite o ódio, pois é fácil ser ao mesmo tempo temido e não odiado".
- "O mal que se tiver que fazer, deve o príncipe fazê-lo de uma só vez; o bem, deve fazê-lo aos poucos (...)".
- "Não se pode deixar ao tempo o encargo de resolver todas as coisas, pois o tempo tudo leva adiante e pode transformar o bem em mal e o mal em bem".
- "Engana-se quem acredita que novos benefícios podem fazer as grandes personagens esquecerem as antigas injúrias (...)".
- "Deve o príncipe, sobretudo, não tocar na propriedade alheia, porque os homens esquecem mais depressa a morte do pai que a perda do patrimônio".



A publicidade acima foi divulgada no site da agência FAMIGLIA no dia 24 de janeiro de 2007, véspera do aniversário de São Paulo, no período em que foi proposta a campanha "Cidade Limpa". Na base da foto, em letras bem pequenas, está escrito: *Tomara, mas tomara mesmo, que nos próximos aniversários o paulistano comemore uma cidade nova de verdade.*

Considerando os sentidos produzidos por esse anúncio, é correto afirmar:

- As duas perguntas e as duas respostas que configuram o texto do *outdoor* na publicidade acima pressupõem que os paulistanos estão discutindo o número de *outdoors* e também o abandono de muitos dos moradores da cidade.
- O texto escrito em letras pequenas tem a função de exortar os paulistanos a refletir sobre as próximas eleições e sobre como fazer para que seja estabelecido um conjunto de prioridades socialmente relevantes para toda a sociedade.
- A publicidade pretende levar os leitores a perceber que as prioridades estabelecidas pela gestão municipal da cidade não permitem que os paulistanos enxerguem os verdadeiros problemas que estão nas ruas de São Paulo.
- A publicidade, composta de texto verbal e imagem, tem como objetivo principal encampar o projeto "Cidade Limpa" elaborado pela gestão municipal e também propor a discussão de outras prioridades para a cidade.

► Para responder à questão 129, leia a crônica "Anúncio de João Alves", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

FIGURA O ANÚNCIO EM UM JORNAL QUE O AMIGO ME MANDOU, E ESTÁ ASSIM REDIGIDO:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) João Alves Júnior.

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.

Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo "de todos os seus membros locomotores". Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser "muito domiciliada nas cercanias deste comércio", isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: "tudo me induz a esse cálculo". Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos "notícia exata ministrar", será "razoavelmente remunerado". Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soube descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se leses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoado, 2012.)

129 Unesp 2017 O cronista manifesta um juízo de valor sobre a sua própria época em:

- (a) "Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira." (3^o parágrafo)
- (b) "Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó." (2^o parágrafo)
- (c) "Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido." (1^o parágrafo)
- (d) "Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida." (7^o parágrafo)
- (e) "Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência." (7^o parágrafo)

130 Unicamp 2017



(Fernando Gonsales, Niquel Náusea. Disponível em <http://www2.uol.com.br/niquel>. Acessado em 15/07/2016.)

Na tira, o autor retoma um célebre lema retirado do Manifesto Comunista (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels: "Operários do mundo, uni-vos!".

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que nela se lê

- (a) uma apologia ao Manifesto Comunista, atenuada pela onomatopeia que imita o som ("zzzzzz") das abelhas.
- (b) uma paródia do lema do Manifesto Comunista, baseada na semelhança fonética entre "uni-vos" e "zuni-vos".
- (c) uma parábola para explicar o Manifesto Comunista por meio da semelhança fonética entre "uni-vos" e "zuni-vos".
- (d) uma fábula que recria o lema do Manifesto Comunista, com base na linguagem onomatopaica das abelhas ("zzzzzz").

75 Unicamp 2018 Numa entrevista ao jornal *El País* em 26 de agosto de 2016, o jornalista Caco Barcellos comenta uma afirmação sua anterior, feita em um congresso de jornalistas investigativos, de que novos profissionais não deveriam "atuar como porta-vozes de autoridades".

Tenho o maior encanto e admiração e respeito pelo jornalismo de opinião. O que critiquei lá é quando isso vai para a reportagem. Não acho legítimo. O repórter tem o dever de ser preciso. Pode ser até analítico, mas não emitir juízo. Na reportagem de rua, fico imbuído, inclusive, de melhor informar o meu colega de opinião. Se eu não fizer isso de modo preciso e correto, ele vai emitir um juízo errado sobre aquele universo que estou retratando. E não só ele, mas também o advogado, o sociólogo, o antropólogo e mais para frente o historiador [...] Por exemplo, essa matança que a

polícia militar provoca no cotidiano das grandes cidades brasileiras – isso é muito mal reportado pela mídia no seu conjunto. Quem sabe, lá no futuro, o historiador não passe em branco por esse momento da história. Não vai poder dizer "olha, os negros pobres do estado mais rico da federação estão sendo eliminados com a frequência de três por dia, um a cada oito horas". Se o repórter não fizer esse registro preciso e contundente, a cadeia toda pode falhar, a começar pelo jornalista de opinião.

(*"Caco Barcellos: 'Emos históricos nascem da imprecisão jornalística'.* *El País*, 26/08/2016. Entrevista concedida a Camila Moraes. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html. Acessado em 13/07/2017.)

De acordo com a posição defendida por Caco Barcellos com relação a seus leitores, uma reportagem exige do jornalista

- (a) conhecimento preciso do assunto, uma vez que seu objetivo é convencer o leitor a concordar com o que escreve para evitar que ele cometa erros.
- (b) investigação e precisão no tratamento do assunto, porque ela vai servir de base a outros artigos, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões.
- (c) investigação e precisão na abordagem dos fatos, já que ele também emite seu juízo sobre o assunto, conduzindo o leitor a aceitar a história que narra.
- (d) conhecimento preciso dos fatos tratados, para que, no futuro, o leitor seja levado a crer que o repórter registrou sua opinião de forma equilibrada.

76 Unicamp 2018

Caneta Desmanipuladora
October 17, 2016 · 🌐

Olhando assim a manchete parece que o prejuízo já é enorme e a mineradora já contribuiu bastante com a sua parte, certo? Só que não. Esses R\$655 milhões gastos até agora correspondem a 1/30 do que foi homologado na justiça.



(*"Caneta Desmanipuladora." Facebook.* 17/10/2016. Disponível em <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/>. Acessado em 15/07/2017.)

Em relação ao post adaptado da página do Facebook "Caneta Desmanipuladora", é correto afirmar que a "desmanipulação" (substituição de "já" por "só" e acréscimo de "até agora") explicita a tentativa do jornal de levar o leitor a pensar que

- (a) ainda falta muito a ser pago pela mineradora e há atrasos no pagamento.
- (b) a Samarco teria pago uma grande parte do que devia e o prazo provavelmente está sendo cumprido.
- (c) a Samarco já quitou o que devia, conforme valor homologado na justiça.
- (d) a mineradora não deveria arcar sozinha com a despesa da tragédia de Mariana.

77 Unicamp 2018 Em maio deste ano, uma festa do 3^o ano do Ensino Médio de uma escola do Rio Grande do Sul propôs aos alunos que se preparavam para o vestibular uma atividade chamada "Se nada der certo". O objetivo era "trabalhar o cenário de não aprovação no vestibular", e como "lidar melhor com essa fase". Os alunos compareceram à festa "fantasiados" de faxineiros, garis, domésticas, agricultores, entre outras profissões consideradas de pessoas "tracassadas". O evento teve repercussão nacional e acirrou o debate sobre a meritocracia. Para Luis Felipe Miguel, professor de ciência política, "o tom de chacota da festa-recreio era óbvio", e teria sido mais interessante "discutir como se constrói a hierarquia que define algumas ocupações como subalternas e outras como superiores; discutir como alguns podem desprezar os saberes incorporados nas práticas dessas profissões (subalternas apenas porque contam com quem as faça por eles); discutir como o que realmente 'deu certo' para eles foi a loteria do nascimento, que, na nossa sociedade, determina a parte do leão das trajetórias individuais".

(Adaptado de Fernanda Valente, Dia do 'se nada der certo' acende debate sobre meritocracia e privilégio. CartaCapital, 06/06/2017. Disponível em <https://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/06/dia-do-se-nada-der-certo-acende-debate-sobre-meritocracia-e-privilegio/>. Acessado em 08/06/2017.)

As alternativas a seguir reproduzem trechos de uma entrevista do professor Sidney Chalhoub (Unicamp e Harvard) sobre o mito da meritocracia.

(Manuel Alves Filho, A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades, diz Sidney Chalhoub. Jornal da Unicamp, 07/06/2017.)

Assinale aquela que dialoga diretamente com a notícia acima.

- (a) É preciso promover a inclusão "e fazer com que o conhecimento que essas pessoas trarão à Universidade seja reconhecido e disseminado".
- (b) Com a adesão da Unicamp ao sistema de cotas, um "novo contingente de alunos colocará em cheque vários hábitos da universidade".
- (c) "As melhores universidades do mundo (que servem de referência) adotam a diversidade no ingresso dos estudantes há bastante tempo".
- (d) "O ideal seria que todos aqueles que tivessem condições intelectuais e interesse em entrar na universidade obtivessem uma vaga".

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 7

- 141. E
- 142. D
- 143. B
- 144. E
- 145. A
- 146. D
- 147. D
- 148. C
- 149. C
- 150. D
- 132. E
- 133. D
- 134. B
- 135. C
- 136. A
- 137. C
- 138. D
- 139. B
- 140. E
- 126. E (Unesp 2013)
- 127. B (Unesp 2013)
- 128. A (Unesp 2013)
- 129. C (Unifesp 2013)
- 130. F; V; F; V; V (UFPE 2013)
- 131. V; V; V; V; F
- 123. B
- 124. E
- 125. D
- 119. D
- 120. A
- 121. B
- 122. D
- 126. E (Fuvest 2016)
- 127. B (Fuvest 2016)
- 128. B (Fuvest 2016)
- 129. C (Unicamp 2016)
- 129. D (Unesp 2017)
- 130. B (Unicamp 2017)
- 75. B
- 76. B
- 77. A

LIVRO 1 - Questões objetivas

**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 8**

► Texto para a questão **170**.

A ROSA DE HIROXIMA

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
5 Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
10 Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
15 A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.*

Vinícius de Moraes. *Antologia poética*.

170 Fuvest 2011 Os aspectos expressivo e exortativo do texto conju- gam-se, de modo mais evidente, no verso:

- (a) "Mudas telepáticas". (V. 2)
- (b) "Mas oh não se esqueçam". (V. 9)
- (c) "Da rosa da rosa". (V. 10)
- (d) "Estúpida e inválida". (V. 14)
- (e) "A antirrosa atômica". (V. 16)

165 UEG 2013 Compare a imagem e o trecho literário para responder à questão.



THOMAZ. Brasil é a 6ª economia mundial. Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/brasil/brasil-6-economia-do-mundo-64-no-idiv/>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

Acudiro. Nhola tinha ânsia, tonteira, celeração, corpo largado, não via nada, nem a lampa da candeia. Dei chá de goiabeira. Esperei clareá o dia, bandiei o corgo, fui na casa da Delfria. Ai falei:

– Delfria, me proveu um insonso de sal, Nhola tá ruim...

Delfria me proveu o sal.

Eu fiz um engrossado de farinha de milho, Nhola comeu, descansou, miorou e falou:

– Nunca comi comesinho tão bão. Louvado seja Deus.

Nóis demos gaitada... Ai correu mundo que Nhola teve vertige de fraqueza, falta de cumê... A casa se encheu de vizinho. Cada um trazendo uma coisa pra nós. Até pedaço de capado e cuia de sal; café pilado e açúcar branco.

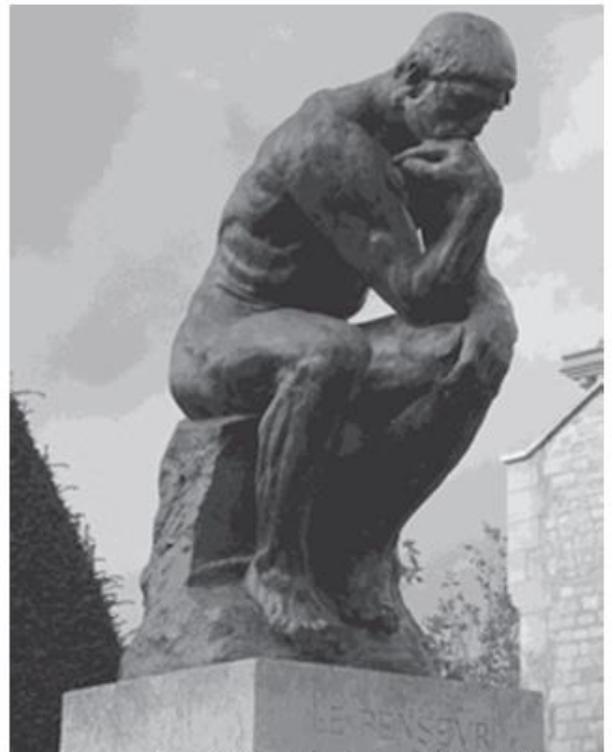
Nóis ficuemo tão contente... Nhola dava gaitada... virou uma infância.

Com Coralina. "Quadrinhos da vida". In: *Estórias do casa velha da ponte*. 13 ed. São Paulo: Global, 2006. p. 39-40.

A temática da pobreza

- (a) é abordada de maneira análoga nos dois textos, pois o primeiro sugere ajuda humanitária entre as classes sociais, e o segundo explicita um drama de ordem moral.
- (b) é tratada de modo igual em ambos os textos, uma vez que os problemas aos quais aludem não são minimizados por quaisquer ações governamentais.
- (c) surge associada a um problema de impossível solução nos quadrinhos e a uma questão político-religiosa no excerto literário.
- (d) surge associada a uma questão político-social nos quadrinhos e a um entrave social suavizado pela caridade no texto de Cora Coralina.

► Compare a imagem e o poema para responder às questões **166 e 167**.



Auguste Rodin. O Pensador. In: Graça Proença. *Descobindo a história da arte*. São Paulo: Ática, 2005. p. 135.

O PENSADOR DE RODIN

*Apoiado na mão rugosa o queixo fino,
O Pensador reflete que é carne sem defesa:
Carne da cova, nua em face do destino,
Carne que odeia a morte e tremeu de beleza.*

*E tremeu de amor, toda a primavera ardente,
E hoje, no outono, afoga-se em verdade e tristeza.
O "havermos de morrer" passa-lhe pela mente
Quando no bronze cai noturna escuridão.*

*E na angústia seus músculos se fendem sofrendores.
Sua carne sulcada enche-se de terrores,
Fende-se, como a folha de outono, ao Senhor forte
Que o reclama nos bronzes. Não há árvore torcida
Pelo sol na planície, nem leão de anca ferida,
Crispados como este homem que medita na morte.*

Manuel Bandeira. *O pensador de Rodin*. In: *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 408.

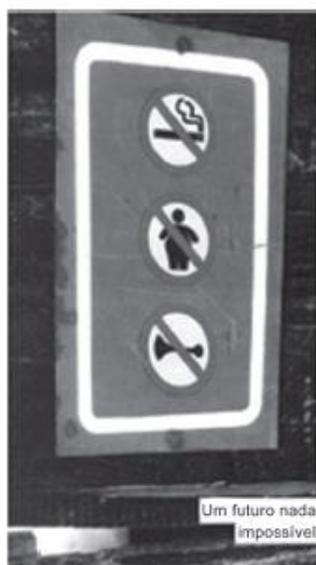
166 UEG 2013 No poema, Manuel Bandeira faz referência à escultura "O pensador", realizada por Auguste Rodin, em 1889. Em relação à referida escultura, o poeta sugere uma interpretação sob o viés do contraponto entre:

- (a) a idealização da existência e o racionalismo da morte.
- (b) a subjetividade da escultura e a objetividade da vida.
- (c) o racionalismo do pensar e a angústia da reflexão.
- (d) o romantismo do ser humano e a exaltação da natureza.

167 UEG 2013 A escultura e o poema:

- (a) aludem, poeticamente, às várias fases da vida do ser humano.
- (b) mesclam aspectos realistas em seu arranjo.
- (c) valorizam aspectos formais clássicos em sua composição.
- (d) veiculam, poeticamente, noções de plenitude e liberdade humanas.

► Texto para as questões 168 e 169.



*O gordo é o novo fumante.
Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito
contra gordos.*

*De um lado, o que há por trás é uma positiva discussão sobre saúde.
Por outro, algo de podre: o nascimento de uma nova eugenia.*

Super Interessante, 306 ed., jul. 2012. (Adapt.).

168 UEL 2013 Com base no texto, assinale a alternativa correta.

- (a) Ao relacionar o termo "podre" ao termo "eugenia", o enunciador revela um argumento e, conseqüentemente, uma opinião em relação ao assunto.
- (b) A palavra "podre" foi empregada inadequadamente, uma vez que o conteúdo verbal, aliado à imagem, revela aspecto científico.
- (c) O termo "eugenia" refere-se a "podre" devido à carga negativa expressa na base de ambos os vocábulos, independentemente do contexto.
- (d) O vocábulo "eugenia" refere-se aos dois lados, positivo e negativo, da discussão, muito presente na atualidade, em torno da saúde.
- (e) Tanto o termo "podre" como o termo "eugenia" produzem efeito de sentido positivo, pois revelam um novo tipo de preconceito.

169 UEL 2013 Em relação ao texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O código não verbal, principalmente no que se refere ao segundo desenho, revela o discurso preconceituoso e, conseqüentemente, um aspecto ideológico.
- II. O sentido de proibição é captado por meio da intertextualidade estabelecida entre os códigos não verbais a qual, por sua vez, revela aspectos ligados ao gênero do humor.
- III. O conteúdo expresso na placa revela que, futuramente, indivíduos obesos sofrerão ainda mais discriminação social.
- IV. O efeito de sentido expresso pelo conteúdo não verbal serve para reforçar o caráter polissêmico da placa.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

LIVRO 1

**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 8**

- 170. B
- 165. D
- 166. C
- 167. C
- 168. A
- 169. D

194 Unifesp 2012 Leia a charge.

ONDE ESTÁ O SUJEITO?



<www.newtonsilva.com>

É correto afirmar que a charge visa:

- (a) apoiar a atitude dos alunos e propor a liberação geral da frequência às aulas.
- (b) enaltecer a escola brasileira e homenagear o trabalho docente.
- (c) indicar a deflagração de uma greve e incentivar a adesão a ela.
- (d) recriminar os alunos e declarar apoio à política educacional.
- (e) criticar a situação atual do ensino e denunciar a evasão escolar.

► Instrução: Leia os versos do poeta Manoel de Barros para responder à questão 195.

1
Descobri aos 13 anos que o que me
dava prazer nas leituras não era a
beleza das frases, mas a doença delas.

2
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu* de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.

Versos extraídos de *O Livro dos Ignorâças*.

*tolo

195 Unifesp 2012 Os versos transcritos em 2, no tocante à referência às "oralidades", permitem inferir que o eu lírico alude a uma linguagem de:

- (a) circulação cotidiana, como a dos homens simples.
- (b) preocupação estética, como a dos literatos.
- (c) natureza formal, como a dos jovens acadêmicos.
- (d) investigação de linguagem, como a dos gramáticos.
- (e) viés ideológico, como a dos políticos.

190 Unifesp 2013 Examine a tira *Niquei Náusea*, do cartunista Fernando Gonsales.



Folha de S. Paulo, 18 out. 2011.

Com a fala – *É o novo Drummond* –, no último quadrinho, a personagem revela-se:

- (a) extasiada, pois considera que os versos declamados pelo amigo são líricos.
- (b) raivosa, pois considera que o amigo e Drummond são péssimos poetas.
- (c) irônica, pois sugere que os versos do amigo são de má qualidade.
- (d) perplexa, pois considera que os versos do amigo são arte legítima.
- (e) desdenhosa, pois sugere que Drummond é um poeta sem atrativos.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão 191.

Quando o falante de uma língua depara um conjunto de duas palavras, intuitivamente é levado a sentir entre elas uma relação sintática, mesmo que estejam fora de um contexto mais esclarecedor.

Assim, além de captar o sentido básico das duas palavras, o receptor atribui-lhes uma gramática – formas e conexões. Isso acontece porque ele traz registrada em sua mente toda a sintaxe, todos os padrões conexionais possíveis em sua língua, o que o torna capaz de reconhecê-los e identificá-los. As duas palavras não estão, para ele, apenas dispostas em ordem linear: estão organizadas em uma ordem estrutural.

A diferença entre ordem estrutural e ordem linear torna-se clara se elas não coincidem, como nesta frase que um aluno criou em aula de redação, quando todos deviam compor um texto para outdoor, sobre uma fotografia da célebre cabra de Picasso: "Beba leite de cabra em pó!". Como todos rissem, o autor da frase emendou: "Beba leite em pó de cabra!".

Pior a emenda do que o soneto.

Rávia de Barros Carone. *Monfossintaxe*, 1986. (Adapt.).

191 Unifesp 2013 Assinale a alternativa que traz uma explicação plausível para o riso dos alunos.

- (a) As expressões "de cabra" e "em pó" são regidas pelo mesmo termo – "leite" – e, da forma como são empregadas, geram enunciados ambíguos.
- (b) As expressões "de cabra" e "em pó" estão empregadas em sentido figurado, referindo-se ao mesmo termo regente – "leite".
- (c) O verbo da oração – "Beba" – pode admitir dois complementos, havendo a falsa ideia de que "de cabra" seja um deles.
- (d) O contexto da oração é insuficiente para recuperar o referente das expressões "de cabra" e "em pó", potencialmente referentes a "Beba" e "leite".
- (e) O emprego da expressão "em pó" em sentido figurado cria duplo sentido ao enunciado, interpretando-a como complemento do verbo – "Beba".

192 UFG 2013 Leia o texto a seguir.

PREFÁCIO

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm a doçura dos seus cânticos de amor.

É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço.

Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, – como isso dou a lume essas harmonias. São as páginas despedaçadas de um livro não lido...

E agora que despi a minha musa saudosa dos véus do mistério do meu amor e da minha solidão, agora que ela vai seminua e tímida por entre vós, derramar em vossas almas os últimos perfumes de seu coração, ó meus amigos, recebei-a no peito, e amai-a como o consolo que foi de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor – esses dois raios luminosos do coração de Deus.

Álvares de Azevedo. Livro dos vinte anos. In: *Obra completa*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 120.

Se ao invés de usar períodos compostos como em “É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço”, o autor tivesse escolhido períodos simples: “É uma lira sem cordas. É uma primavera sem flores. É uma coroa de folhas sem viço.”, a imagem construída a respeito de sua obra não seria a mesma, porque:

- (a) o pressuposto produzido pelo uso do termo sem indica a impossibilidade de os poemas retratarem a completude das coisas do mundo.
- (b) a oposição entre os objetos naturais e os produzidos pelo homem autoriza a interpretação de que a natureza seja a musa inspiradora dos poemas.
- (c) o subentendido produzido pelo uso do mas leva o leitor ao entendimento de que a obra é comparada a produções rudimentares.
- (d) a contradição marcada pelo uso do mas permite a compreensão de que a essência das coisas se mantém mesmo quando lhes falta o atributo principal.
- (e) a antítese instaurada na comparação entre realidade e ficção produz a ideia de que a poesia deva realçar a aparência das coisas.

193 Uerj 2013 Leia o texto a seguir.

NÓS, ESCRAVOCRATAS

Há exatos cem anos, sala da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

Cristovam Buarque. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com>>. 30 jan. 2000. (Adapt.).

Releia o trecho a seguir.

Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

- (a) ativistas têm abraçado muitas causas
- (b) intelectuais costumam resistir à ação
- (c) políticos ousam pensar a respeito de tudo
- (d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão

► As questões **183** e **184** focalizam uma passagem do romance *Água-Mãe*, de José Lins do Rego (1901-1957).

ÁGUA-MAE

*Jogava com toda a alma, não podia compreender como um jogador se encostava, não se entusiasitava com a bola nos pés. Atirava-se, não temia a violência e com a sua agilidade espantosa, fugia das entradas, dos pontapés. Quando aquele **back**¹, num jogo de subúrbio, atirou-se contra ele, recuou para derrubá-lo, e com tamanha sorte que o bruto se estendeu no chão, como um fardo. E foi assim crescendo a sua fama. Aos poucos se foi adaptando ao novo Joca que se formara nos campos do Rio. Dormia no clube, mas a sua vida era cada vez mais agitada. Onde quer que estivesse, era reconhecido e aplaudido. Os garçons não queriam cobrar as despesas que ele fazia e até mesmo nos ônibus, quando ia descer, o motorista lhe dizia sempre:*

– Joca, você aqui não paga.

*Quando entrava no cinema era reconhecido. Vinham logo meninos para perto dele. Sabia que agradava muito. No clube tinha amigos. Havia porém o antigo **center-forward**² que se sentiu roubado com a sua chegada. Não tinha razão. Ele fora chamado. Não se oferecera. E o homem se enfureceu com Joca. Era um jogador de fama, que fora grande nos campos da Europa e por isso pouco ligava aos que não tinham o seu cartaz. A entrada de Joca, o sucesso rápido, a maravilha de agilidade e de oportunismo, que caracterizava o jogo do novato, irritava-o até ao ódio. No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas. Viram-no chorando, e por isso concentrou em Joca toda a sua raiva. No entanto, Joca sempre o procurava. Tinha sido a sua admiração, o seu herói.*

(Água-Mãe, 1974.)

¹Back: Beque, ou seja, o zagueiro de hoje.

²Center-forward: Centroavante.

183 Unesp 2014 Com a expressão *fugia das entradas*, no primeiro parágrafo, o narrador sugere que o jogador Joca manifestava em campo:

- (a) preguiça.
- (b) covardia.
- (c) despreparo.
- (d) esperteza.
- (e) ingenuidade.

184 Unesp 2014 Atitude que, no último parágrafo, melhor sintetiza a reação do antigo *center-forward* ao sucesso de Joca:

- (a) rancor.
- (b) cavalheirismo.
- (c) colaboração.
- (d) admiração.
- (e) indiferença.

► A questão **185** toma por base uma passagem do artigo *Os operários da música livre*, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos torrents, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação on-line – tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas majors, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuíam a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção – o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa “produção máxima” é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

“Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo”, opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. “Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados mainstream”, continua.

“Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de business. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular.”

(Galileu, março de 2013. Adaptado.)

185 Unesp 2014 Em seu depoimento no artigo, o músico Lucas Santtana sugere que o grande mercado talvez não passe da *imposição de uma máfia*. O termo *máfia*, nesse caso, foi empregado no sentido de

- (a) domínio dos partidos políticos sobre o mercado musical, privilegiando tudo o que interesse apenas ao poder público.
- (b) organização criminosa com origem na Itália, com poderosas ramificações pelo mundo inteiro.
- (c) sindicato de grandes músicos brasileiros que visa impedir a ascensão e o sucesso de músicos mais jovens.
- (d) grupos anarquistas constituídos para tumultuar e desmoralizar os músicos mais jovens e a música popular brasileira.
- (e) organização que emprega métodos imorais e ilegais para impor seus interesses em determinada atividade.

► Para responder à questão **186**, leia o fragmento de um texto publicado em 1867 no semanário *Cabrião*.

São Paulo, 10 de março de 1867.

Estamos em plena quaresma.

A população paulista azafama-se a preparar-se para a lavagem geral das consciências nas águas lustrais do confissãoário e do jejum.

A cambuquira e o bacalhau afdalgam-se no mercado.*

A carne, mísera condenada pelos santos concílios, fica reduzida aos pouquíssimos dentes acatólicos da população, e desce quase a zero na pauta dos preços.

O que não sobe nem desce na escala dos fatos normais é a vilania, a usura, o egoísmo, a estatística dos crimes e o montão de fatos vergonhosos, perversos, ruins e feios que precedem todas as contrições oficiais do confissãoário, e que depois delas continuam com imperturbável regularidade.

É o caso de desejar-se mais obras e menos palavras.

E se não, de que é que serve o jejum, as macerações, o arrependimento, a contrição e quejandas religiosidades?

O que é a religião sem o aperfeiçoamento moral da consciência?

O que vale a perturbação das funções gastronômicas do estômago sem consciência livre, ilustrada, honesta e virtuosa?

Seja como for, o fato é que a quaresma toma as rédeas do governo social, e tudo entristece, e tudo esfria com o exercício de seus místicos preceitos de silêncio e meditação.

De que é que vale a meditação por ofício, a meditação hipócrita e obrigada, que consiste unicamente na aparência?

Pois o que é que constitui a virtude? É a forma ou é o fundo? É a intenção do ato, ou sua feição ostensiva?

Neste sentido, aconselhamos aos bons leitores que comutem sem o menor escrúpulo os jejuns, as confissões e rezas em boas e santas ações, em esmolas aos pobres.

(Ángelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. *Cabrião*, 10.03.1867. Adaptado.)

***Cambuquira**: iguaria constituída de brotos de abóbora guisados, geralmente servida como acompanhamento de assados.

186 Unesp 2014 Segundo os autores, os pecados declarados no confissãoário

- (a) representam uma autorização para voltar a pecar.
- (b) não tornam a ser cometidos pelos crentes.
- (c) deixam de ser pecados nas próximas vezes.
- (d) não são tão graves que mereçam confissão.
- (e) voltam a ser cometidos como sempre.

► Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder à questão **187**.

Onde estou? Este sítio desconheço:

Quem fez tão diferente aquele prado?

Tudo outra natureza tem tomado;

E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço

De estar a ela um dia reclinado;

Ali em vale um monte está mudado:

Quanto pode dos anos o progresso!

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

187 Unifesp 2014 No contexto em que estão empregados, os termos *sítio* (1º verso), *tímido* (4º verso) e *perpétua* (10º verso) significam, respectivamente,

- (a) lugar, receoso e eterna.
- (b) acampamento, imaturo e permanente.
- (c) fazenda, obscuro e frequente.
- (d) imediação, inseguro e duradoura.
- (e) campo, fraco e imprescindível.

► Leia o poema para responder à questão **188**.

O NADA QUE É

*Um canavial tem a extensão
ante a qual todo metro é vão.*

*Tem o escancarado do mar
que existe para desafiar*

*que números e seus afins
possam prendê-lo nos seus sins.*

*Ante um canavial a medida
métrica é de todo esquecida,*

*porque embora todo povoado
povoa-o o pleno anonimato*

*que dá esse efeito singular:
de um nada prenhe como o mar.*

(João Cabral de Melo Neto. *Museu de tudo e depois*, 1988.)

188 Unifesp 2014 Nos versos iniciais do poema – *Um canavial tem a extensão / ante a qual todo metro é vão.* –, *metro* é concebido como

- (a) forma de se medir corretamente um canavial.
- (b) meio de se medir a extensão de um canavial com precisão.
- (c) tradução subjetiva da extensão de um canavial.
- (d) meio de se dizer mais de um canavial do que só sua extensão.
- (e) forma ineficaz de se medir a extensão de um canavial.

► Leia o texto para responder à questão **189**.

A SENSÍVEL

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando “sentia” que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. *Os melhores contos de Clarice Lispector*, 1996.)

189 Unifesp 2014 O emprego do adjetivo “sensível” como substantivo, no título do texto, revela a intenção de

- priorizar os aspectos relacionados aos sentimentos, como conteúdo temático do conto e expressão do que vive a senhora.
- ironizar a ideia de sentimento, então destituído de subjetividades e ambiguidades na expressão da senhora.
- dar relevância aos aspectos subjetivos das relações humanas, pon-do em sintonia os pontos de vista da senhora e da bordadeira.
- explorar a ideia de liberdade em uma narrativa em que o efeito de objetividade limita a expressão dos sentimentos da senhora.
- traduzir a expressão comedida da senhora ante a vida e os senti-mentos mais intensos, como na relação com a bordadeira.

► Texto para a questão **174**.

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, “Dez livros para entender o Brasil”. *Teoria e debate*. Ed. 45, 01/07/2000.

174 Fuvest 2015 Traduz uma ideia presente no texto a seguinte afirmação:

- O efeito de um livro sobre o leitor é condicionado pela quantidade de informações que o texto veicula.
- A recepção de um livro pode ser influenciada pela situação vivida pelo leitor.
- A verdadeira erudição não dispensa a leitura dos bons manuais escolares.
- A leitura de um livro a qual tem finalidades meramente práticas prejudica a assimilação do conhecimento.
- O reconhecimento do valor de um livro depende, primordialmente, dos sentimentos pessoais do leitor.

175 Unicamp 2015

‘ROBÓTICA NÃO É FILME DE HOLLYWOOD’, DIZ NICOLELIS SOBRE O EXOESQUELETO.

Robô comandado por paraplégico foi mostrado na abertura a Copa. Equipamento transforma força do pensamento em movimentos mecânicos.

Em entrevista ao G1, o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis comentou que inicialmente estava previsto um jovem paraplégico se levantar da cadeira de rodas, andar alguns passos e dar um chute na bola, que seria o “pontapé inicial” do Mundial do Brasil. Mas a estratégia foi revista após a Fifa informar que o grupo teria 29 segundos para realizar a demonstração científica.

Na última quinta-feira, o voluntário Juliano Pinto, de 29 anos, deu um chute simbólico na bola da Copa usando o exoesqueleto. Na transmissão oficial, exibida por emissoras em todo o mundo, a cena durou apenas sete segundos.

O neurocientista minimizou as críticas recebidas após a rápida apresentação na Arena Corinthians: “Tenham calma, não olhem para isso como se fosse um jogo de futebol. Tem que conhecer tecnicamente e saber o esforço. Robótica não é filme de Hollywood, tem limitações que nós conhecemos. O limite desse trabalho foi alcançado. Os oito pacientes atingiram um grau de proficiência e controle mental muito altos, e tudo isso será publicado”, garante.

Adaptado de Eduardo Carvalho, “Robótica não é filme de Hollywood”, diz Nicolelis sobre o exoesqueleto. Disponível em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/06/robotica-nao-e-filme-de-hollywood-diz-nicolelis-sobre-o-exoesqueleto.html>. Acessado em 18/06/2014.

Considerando a notícia transcrita acima, pode-se dizer que a afirmação reproduzida no título (“Robótica não é filme de Hollywood”).

- reitera a baixa qualidade técnica das imagens da demonstração com o exoesqueleto, depreciando a própria realização do experimento com voluntários.
- destaca a grande receptividade da demonstração com o exoesqueleto junto ao público da Copa, superior à dos filmes produzidos em Hollywood.
- aponta a necessidade de maiores investimentos financeiros na geração de imagens que possam valorizar a importância de conquistas científicas na mídia.
- sugere que os resultados desse feito científico são muito mais complexos do que as imagens veiculadas pela televisão permitiram ver.

176 Unicamp 2015 Dados numéricos e recursos linguísticos colaboram para a construção dos sentidos de um texto. Leia os títulos de notícias a seguir sobre as vendas do comércio no último Dia dos Pais.

**VENDA PARA O DIA DOS PAIS
CRESCEU 2% EM RELAÇÃO AO ANO PASSADO.**

Adaptado de O Diário Online, 15/08/2014. Disponível em <http://www.odiarionline.com.br/noticia/26953/>.
Acessado em 20/08/2014.

**SÓ 4 EM CADA 10 BRASILEIROS
COMPRARAM PRESENTES NO DIA DOS PAIS.**

Época São Paulo, 17/08/2014. Disponível em <http://epoca.globo.com/regional/sp/Consumo>. Acessado em 20/08/2014.

Podemos afirmar que:

- (a) As informações apresentadas nos títulos fornecem análises convergentes sobre as vendas.
- (b) A avaliação sobre as vendas expressa no segundo título é confirmada pela proporção apresentada no primeiro título.
- (c) Uma avaliação pessimista das vendas no Dia dos Pais é apresentada no segundo título.
- (d) O crescimento de 2% mencionado no primeiro título garante que as vendas este ano foram satisfatórias.

► As questões 177 e 178 abordam um texto de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

CORRIDA – PROVA 1 500 METROS RASOS

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um sprint nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://treino-de-corrida.flcf.com.br>)

177 Unesp 2015 Pela própria descrição da corrida no texto, verifica-se que o termo "rasos", incluído na denominação da prova, significa, tecnicamente, que

- (a) é uma corrida sem barreiras em seu curso.
- (b) os atletas largam de raia diferentes e convergem para a raia interna.
- (c) é proibido correr na raia externa.
- (d) todos os atletas correm numa única raia.
- (e) a decisão da prova só ocorre nos últimos 200 metros.

178 Unesp 2015 Ao empregar a expressão *sprint*, o autor do texto refere-se a

- (a) dosar melhor a respiração.
- (b) atingir grande velocidade.
- (c) assumir postura vitoriosa.
- (d) aumentar a extensão das passadas.
- (e) impedir com o corpo ultrapassagens.

► Leia o texto para responder às questões 179 e 180.

VOCE CONSEGUIRIA FICAR 99 DIAS SEM O FACEBOOK?

Uma organização não governamental holandesa está propondo um desafio que muitos poderão considerar impossível: ficar 99 dias sem dar nem uma "olhadinha" no Facebook. O objetivo é medir o grau de felicidade dos usuários longe da rede social.

O projeto também é uma resposta aos experimentos psicológicos realizados pelo próprio Facebook. A diferença neste caso é que o teste é completamente voluntário. Ironicamente, para poder participar, o usuário deve trocar a foto do perfil no Facebook e postar um contador na rede social.

Os pesquisadores irão avaliar o grau de satisfação e felicidade dos participantes no 33.º dia, no 66.º e no último dia da abstinência.

Os responsáveis apontam que os usuários do Facebook gastam em média 17 minutos por dia na rede social. Em 99 dias sem acesso, a soma média seria equivalente a mais de 28 horas, que poderiam ser utilizadas em "atividades emocionalmente mais realizadoras".

(<http://codigofonte.uol.com.br>. Adaptado.)

179 Unifesp 2015 De acordo com os pressupostos da campanha holandesa, o usuário do Facebook

- (a) dedica um tempo exíguo à rede social e tem pouca motivação para atividades mais realizadoras.
- (b) supera as suas barreiras emocionais na rede social e garante uma existência com mais felicidade.
- (c) gasta tempo na rede social e deixa de se dedicar a momentos mais significativos em sua vida.
- (d) vivencia experiências únicas na rede social e a tem como forma de ser mais equilibrado emocionalmente.
- (e) emprega o seu tempo na rede social para trabalhar a emoção e entender melhor suas questões de vida.

180 Unifesp 2015 Uma informação possível de se concluir da leitura do texto é:

- (a) O Facebook realizou experimentos psicológicos sem o consentimento de seus usuários.
- (b) O tempo gasto na rede social potencializou perturbações psicológicas em seus usuários.
- (c) O grau de satisfação e felicidade de uma pessoa independe de seu estado emocional.
- (d) Os usuários do Facebook sentem-se mais felizes quando não acessam a rede social.
- (e) Os estudos da ONG holandesa têm o propósito de criar uma nova rede social.

► Para responder à questão **181**, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

TEXTO 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Néida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 2

É melhor que o sujeito comece a ler através de uma adaptação bem feita de um clássico do que seja obrigado a ler um texto ilegível e incompreensível segundo a linguagem e os parâmetros culturais atuais. Depois que leu a adaptação, ele pode pegar o gosto, entrar no processo de leitura e eventualmente se interessar por ler o Machado no original. Agora, dar uma machadada em um moleque que tem PS3, Xbox, 1000 canais a cabo e toda a internet à disposição é simplesmente burrice.

(Ronaldo Bressane. <http://entretenimento.uol.com.br>)

TEXTO 3

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de "sagacidade". Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

181 Unifesp 2015 Examine a passagem do texto 2:

"e eventualmente se interessar por ler o **Machadão** no original. Agora, dar uma **machadada** em um moleque"

Os dois termos em destaque, derivados por sufixação, reportam a Machado de Assis. Tal recurso atribui aos substantivos, respectivamente, sentido de

- (a) simpatia e ironia.
- (b) ironia e simpatia.
- (c) tamanho e humor.
- (d) humor e reverência.
- (e) pejo e intimidade.

182 Unifesp 2015 "A pessoa é presa por pirataria – e aí a cadeia mostra filmes piratas?", denunciou o americano Richard Humprey, condenado a 29 meses de prisão por distribuir conteúdo pirateado na internet. O presídio onde ele está, em Ohio, foi pego exibindo uma cópia ilegal do filme O lobo de Wall Street.

(Superinteressante, julho de 2014.)

A fala do condenado revela

- (a) a falta de critérios mais específicos para condenar uma pessoa por piratear conteúdos livres da internet.
- (b) o seu desencanto com a vida do crime, já que até mesmo na cadeia é obrigado a conviver com a pirataria.
- (c) a sua deliberação pessoal para pagar pelas contravenções e lutar contra a pirataria em todos os setores.
- (d) a sua vontade de livrar-se da contravenção, o que se torna impossível a ele com a pirataria na prisão.
- (e) o seu inconformismo com a contradição entre o que se prega como certo e o que se pratica, no caso da pirataria.

► A questão **171** tomam por base uma crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A INVASÃO

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

(O Estado de S. Paulo, 31.05.2015.)

171 Unesp 2016 Com a frase "No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores" (2ª parágrafo), o cronista sugere que

- (a) o interesse pela leitura, a longo prazo, tenderá a desaparecer.
- (b) o livro se transformará numa antiguidade para colecionar.
- (c) os objetos de decoração serão, aos poucos, substituídos por livros.
- (d) a decoração de interiores garantirá a sobrevivência do livro.
- (e) a decoração de interiores continuará existindo em função dos livros.

► Para responder à questão **172**, leia o seguinte verbete do *Dicionário de comunicação* de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

CRÔNICA

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “pairo” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

172 Unesp 2016 O termo “dogmatismo”, no contexto do verbete, significa:

- (a) desprezo aos acontecimentos da atualidade.
- (b) obediência à constituição e às leis do país.
- (c) ausência de ideologia nas manifestações de opinião.
- (d) opiniões assumidas como verdadeiras e imutáveis.
- (e) conjunto de verdades religiosas.

► Para a questão **173**, leia o texto abaixo.

É POSSÍVEL FAZER EDUCAÇÃO DE QUALIDADE SEM ESCOLA

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrevido” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certeira: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

(Qsocial, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/portofolio/e_posivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/.)

173 Unicamp 2016 A partir da identificação de várias expressões nominais ao longo do texto, é correto afirmar que:

- (a) As expressões “pedagogia do abraço”, “pedagogia da roda”, “pedagogia do sabão”, “pedagogia do brinquedo”, “oficinas de cafuné” são referências a terminologias educacionais de caráter técnico.
- (b) As expressões “biscoito escrevido”, “processo de ensinagem” e “folia do livro” são neologismos criados por meio da manipulação de processos de formação de palavras.
- (c) A expressão “escola” está entre aspas porque se refere aos espaços de aprendizagem diferentes da escola tradicional de hoje e que não serão encontrados no futuro.
- (d) A expressão “processo eletivo”, compreendida no texto como exclusão social, pressupõe a existência de um projeto educacional que tem por objetivo a uniformização da aprendizagem.

► Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à questão **174**.

O TABULEIRO DE XADREZ PERSA

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado "Morte ao rei" é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro *dessa quantia* no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10¹⁸. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

174 Unifesp 2016 Considerado em seu contexto, o trecho "A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado 'Morte ao rei' é um mistério." (2º parágrafo) sugere que

- (a) o caráter misterioso das regras do xadrez decorre de sua ligação com a esfera política.
- (b) a satisfação do rei com um jogo que visa sua morte é algo difícil de ser explicado.
- (c) a alusão à morte presente no nome do jogo não foi compreendida pelo rei.
- (d) as origens do jogo de xadrez ainda precisam ser esclarecidas.
- (e) o próprio rei parecia desconhecer o funcionamento do jogo de xadrez.

► A questão **175** focaliza uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*fendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias (1833-1844)*, 2007.)

175 Unifesp 2016 O efeito cômico produzido pela leitura do requerimento decorre, principalmente, do seguinte fenômeno ou procedimento linguístico:

- (a) paródia.
- (b) intertextualidade.
- (c) ambiguidade.
- (d) paráfrase.
- (e) sinonímia.

► Texto para a questão **162**.

Veja também em:

Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 2

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afincamento e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do "escrever bem", o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schneiderman, *Dostoiévski Prosa Poética*.

162 Fuvest 2017 Tendo em vista que algumas das recomendações do autor, relativas à prática da tradução, fogem do senso comum, pode-se qualificá-las com o seguinte termo, de uso relativamente recente:

- (a) dubitativas.
- (b) contraintuitivas.
- (c) autocomplacentes.
- (d) especulativas.
- (e) aleatórias.

163 Unicamp 2017



Disponível em via@mtesperon. Acesso em: 26 jul. 2016.

Assinale a alternativa correta.

- A pergunta lançada no último quadrinho ("Você sabe quem inventou o avião?") remete-nos a Santos Dummont, portanto confirma o que se diz no primeiro e segundo quadrinhos.
- A pergunta lançada no último quadrinho ("Você sabe quem inventou o avião?") retifica a afirmação do primeiro quadrinho ("Não há lei que o brasileiro não burle.").
- A afirmação do segundo quadrinho ("Há a lei da Gravidade.") refere-se a uma lei da física que nenhum brasileiro é capaz de burlar, como se admite no primeiro quadrinho.
- A pergunta lançada no último quadrinho ("Você sabe quem inventou o avião?") é retórica, já que não há uma resposta para ela nem no primeiro nem no segundo quadrinhos.

91 Fuvest 2018 Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo, 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- semelhança entre a língua de origem e a local.
- falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

► Leia o excerto do "Sermão do bom ladrão", de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão 92.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?". Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

92 Unesp 2018 Em um trecho do "Sermão da Sexagésima", Antônio Vieira critica o chamado estilo cultista de alguns oradores sacros de sua época nos seguintes termos: "Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?"

Palavras "em fronteira com o seu contrário", contudo, também foram empregadas por Vieira, conforme se verifica na expressão destacada em:

- "Os **outros ladrões** roubam um homem, estes roubam cidades e reinos" (3ª parágrafo)
- "Saibam estes **eloquentes mudos** que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem" (2ª parágrafo)
- "Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um **filósofo estoico** se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero" (2ª parágrafo)
- "Navegava Alexandre [Magno] em uma **poderosa armada** pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia" (1ª parágrafo)
- "O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais **alta esfera**" (3ª parágrafo)

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 9

194. E
195. A
190. C
191. A
192. D
193. B
183. D
184. A
185. E
186. E
187. A
188. E
189. A
174. B (FUVEST 2015)
175. D (Unicamp 2015)
176. C
177. A
178. B
179. C
180. A
181. A
182. E
171. D
172. D
173. D
174. B (Unifesp 2016)
175. C (Unifesp 2016)
162. B
163. A
91. D
92. B

LIVRO 1 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 10

► Texto para a questão 211.

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna.

5 *O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.*

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

10 *— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.*

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

15 — *Então já sabe até demais.*

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

20 *Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.*

25 *Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.*

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*.

211 Fuvest 2011 A linguagem de cunho popular que está presente tanto na fala das personagens quanto no discurso do narrador do romance de Manuel Antônio de Almeida, está mais bem exemplificada em:

- (a) "quando tem pouco que fazer"; "cumpria sabê-lo aproveitar".
(b) "Foi a sua salvação"; "a que o marujo pertencia".
(c) "saber fazer render a nova posição"; "Chegaram com feliz viagem ao seu destino".
(d) "puxar conversa"; "entendedor do riscado".
(e) "adoeceram dois marinheiros"; "sólida reputação".

► Texto para a questão 212.

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

— Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

— Agora você me pegou, retruca, rindo. Há, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Linsket. *Estrangeiros em casa: um caminho pela selva urbana de São Paulo*. National Geographic Brasil. (Adapt.).

212 Fuvest 2011 Ao reproduzir um diálogo, o texto incorpora marcas de oralidade, tanto de ordem léxica, caso da palavra "garra", quanto de ordem gramatical, como, por exemplo:

- (a) "lanço à queima-roupa". (d) "Bogotá é muito feiosa".
(b) "Agora você me pegou". (e) "é algo que me toca".
(c) "deixa eu ver".

O BUMBA-MEU-BOI

Entre os autos populares conhecidos e praticados no Brasil – pastoreio, fandango, chegada, reisado, congada, etc. – aquele em que melhor o povo exprime a sua crítica, aquele que tem maior conteúdo jornalístico, é, realmente, o bumba-meu-boi, ou simplesmente boi.

Para Renato Almeida, é o “baillado mais notável do Brasil, o folguedo brasileiro de maior significação estética e social”. Luís da Câmara Cascudo, por seu turno, observou a sua superioridade porque “enquanto os outros autos cristalizaram, imóveis, no elenco de outrora, o bumba-meu-boi é sempre atual, incluindo soluções modernas, figuras de agora, vocabulário, sensação, percepção contemporânea. Na época da escravidão mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo. Chibateava a cupidez, a materialidade, o sensualismo de doutores, padres, delegados, fazendo-os cantar versinhos que eram confissões estertóricas. O capitão-do-mato, preador de escravos, assombro dos moleques, faz-sono dos negrinhos, vai ‘caçar’ os negros que fugiram, depois da morte do Boi, e em vez de trazê-los é trazido amarrado, humilhado, tremendo de medo. O valentão mestiço, capoeira, apanha pancada e é mais mofino que todos os mofinos. Imaginem a alegria negra, vendo e ouvindo essa sublimação aberta, franca, na porta da casa-grande de engenho ou no terreiro da fazenda, nos pátios das vilas, diante do adro da igreja! A figura dos padres, os padres do interior, vinha arrastada com a violência de um ajuste de contas. O doutor, o curioso, metido a entender de tudo, o delegado autoritário, valente com a patrulha e covarde sem ela, toda a galeria perpassa, expondo suas mazelas, vícios, manias, cacoetes, olhada por uma assistência onde estavam muitas vítimas dos personagens reais, ali subalternizados pela virulência do desabafo”.

Como algumas outras manifestações folclóricas, o bumba-meu-boi utiliza uma forma antiga, tradicional; entretanto, fá-la revestir-se de novos aspectos, atualiza o entrecho, recompõe a trama. Daí “o interesse do tipo solidário que desperta nas camadas populares”, como o assinala Edison Carneiro. Interesse que só pode manter-se porque o que no auto se apresenta não reflete apenas situações do passado, “mas porque têm importância para o futuro”. Com efeito, tendo por tema central a morte e a ressurreição do boi, “cerca-se de episódios acessórios, não essenciais, muito desligados da ação principal, que variam de região para região... em cada lugar, novos personagens são enxertados, aparentemente sem outro objetivo senão o de prolongar e variar a brincadeira”. Contudo, dentre esses personagens, os que representam as classes superiores são caricaturados, cobrindo-se de ridículo, o que torna “o folguedo, em si mesmo, uma reivindicação”.

Sílvio Romero recolheu os versos de um bumba-meu-boi, através dos quais se constata a intenção caricaturesca nos personagens do folguedo. Como o Padre, que recita:

Não sou padre, não sou nada
 “Quem me ver estar dançando
 Não julgue que estou louco;
 Secular sou como os outros”.

Ou como o Capitão-do-Mato que, dando com o negro Fidélis, vai prendê-lo:

“CAPITÃO – Eu te atiro, negro
 Eu te amarro, ladrão,
 Eu te acabo, cão.”

Mas, ao contrário, quem vai sobre o Capitão e o amarra é o Fidélis:

“CORO – Capitão de campo
 Veja que o mundo virou
 Foi ao mato pegar negro
 Mas o negro lhe amarrô.”

CAPITÃO – Sou valente afamado
 Como eu não pode haver;
 Qualquer susto que me fazem
 Logo me ponho a correr”.

Luiz Beltrão. Comunicação e folclore. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

213 Unesp 2011 Quem me ver estar dançando. – Mas o negro lhe amarrô.

Nos dois versos acima, do exemplo de estrofes de um bumba-meu-boi recolhidas por Sílvio Romero, as formas *ver* e *lhe* caracterizam um uso popular. Se se tratasse de um discurso obediente à construção formal em Língua Portuguesa, tais formas seriam substituídas, respectivamente, por:

- (a) *vir, o.*
- (b) *vir, a.*
- (c) *vesse, a.*
- (d) *visse, te.*
- (e) *vir, o.*

► Textos para as questões 214 e 215.

TEXTO 1

[...]

Um dos tipos de fatores que produzem diferenças na fala de pessoas são externos à língua. Os principais são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão etc. Ou seja: as pessoas que moram em lugares diferentes acabam caracterizando-se por falar de algum modo de maneira diferente em relação a outro grupo. Pessoas que pertencem a classes sociais diferentes, do mesmo modo (e, de certa forma, pela mesma razão, a distância – só que esta é social) acabam caracterizando sua fala por traços diversos em relação aos de outra classe. O mesmo vale para diferentes sexos, idades, etnias, profissões. De uma forma um pouco simplificada: assim como certos grupos se caracterizam através de alguma marca (digamos, por utilizarem certos trajes, por terem determinados hábitos etc.), também podem caracterizar-se por traços linguísticos.

[...]

Sílvio Possenti. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: ALB – Mercado Aberto, 2005, p. 34.

TEXTO 2

Eu botei o som na caixa e testei o microfone no capricho mas
 o som saiu chiado chuleta na chapa

Eu tentei fazer um xote, um chorinho ou um maxixe mas não
 sei quem foi que disse que o que eu fiz era xaxado

Ó xente, vixe! Um xaxado diferente, de repente tá chegando
 pra ficar

Resolvi dar uma chegada lá no Sul pra mostrar o meu xaxado
 porque achei que lá embaixo iam gostar

Chinelo, chapéu, xampu

Enchi minha mochila e parti pro Sul

Encaixei um toca-fitas no chevette e achei o meu cassete do
 Raul

Na estrada eu nem parei na lanchonete porque eu tinha pou-
 co cash e esperei até chegar

Em território gaúcho só pra recheiar o bucho de chuleta na
 chapa na churrascada de lá

Ó xente, vixe! É o xaxado é o maxixe!
 Não se avexe, chefe, chega nesse show só de chinfra
 Ó xente, vixe! É o xaxado é o maxixe!
 Não se avexe, se mexe, meu chefe, chama na xinxal
 Uai, sô! Que trem doido sô! Que som doido sô! Que troço
 doido é esse?
 Uai, sô! Que trem doido sô! Que som doido sô! Que trem bôo!
 [...]

Xaxado Chizado. Gabriel O Pensador/André Gomes

214 UFRN 2011 Com relação ao uso diferenciado da língua:

- no texto 1, discutem-se os vários fatores que provocam as diferenças na fala. Essas diferenças são ilustradas nas linhas 21 e 22 do texto 2.
- no texto 2, o uso repetido de palavras com "ch" e "x" provoca uma sonoridade. Essa repetição compromete o propósito comunicativo do texto.
- no texto 2, essas diferenças revelam a classe social e o nível de escolaridade dos autores da canção. Isso se comprova nas linhas 21 e 22 desse texto.
- nos textos 1 e 2, apresenta-se um conteúdo que reforça o preconceito quanto às diferentes formas de falar. Esse preconceito é, predominantemente, regional.

215 UFRN 2011 Considerando o tema apresentado no texto 2, os autores:

- ao utilizarem a expressão "chuleta na chapa" (linhas 15 e 16), caracterizam o modo de falar da região de origem do sujeito apresentado no texto.
- ao mesmo tempo em que tratam da aproximação entre diversos ritmos musicais, também apresentam a diversidade linguística regional.
- ao escolherem o título da canção, pretendem mostrar que o resultado do seu trabalho de composição musical é genuinamente nordestino.
- ao usarem a expressão "Não se avexe, chefe" (linha 18), revelam a formalidade da fala do sujeito apresentado no texto diante de seu superior.

216 Unemat 2011

AS MARIPOSA

As mariposa quando chega o frio
 Fica dando vorta em vorta da lâmpida pra si
 isquentá
 Elas roda, roda, roda, dispois se senta
 Em cima do prato da lâmpida pra discansá
 [...]

Adoniran Barbosa.

Levando em conta o processo da variação linguística, assinale a alternativa correta.

- Os "erros de concordância" nos permitem dizer que o narrador faz uso de uma variedade errada da língua.
- A troca das vogais "e" por "i" em casos como isquentá, si e discansá ocorrem porque as pessoas falam sempre de forma errada.
- O texto explora uma variedade da língua diferente da padrão ou culta.
- O vocábulo vorta é um exemplo grosseiro de erro de ortografia.
- Do ponto de vista da norma-padrão ou culta, não há erro de concordância no título do texto.

► Texto para a questão 217.

[...]
 O povo em São Saruê
 tudo tem felicidade
 passa bem anda decente
 não há contrariedade
 não precisa trabalhar
 e tem dinheiro a vontade (sic)
 Lá os tijolos das casas
 são de cristal e marfim
 as portas barras de prata
 fechaduras de "rubim"
 as telhas folhas de ouro
 e o piso de cetim
 Lá eu vi rios de leite
 barreiras de carne assada
 lagoas de mel de abelha
 atoleiros de coalhada
 açudes de vinho do porto
 montes de carne guisada
 As pedras em São Saruê
 são de queijo e rapadura
 as cacimbas são café
 já coado e com quentura
 de tudo assim por diante
 existe grande fartura
 Feijão lá nasce no mato
 maduro e já cozinhado
 o arroz nasce nas várzeas
 já prontinho e dispoldado [sic]
 peru nasce de escova
 sem comer vive cevado
 [...]

Manoel Camilo dos Santos. *Vagem a São Saruê*. MEC/PRONASEC. RJRAL - SEC/PB/UFPB/FUANPE, 1981.

217 UFRN 2011 Com relação ao texto, evidencia-se:

- a predominância, na segunda estrofe, do modo narrativo de organização textual, próprio da tradição oral de um povo.
- a importância do cordel como manifestação cultural, por ser uma fonte de preservação da memória e da identidade de um povo.
- a expressão de um ponto de vista imparcial do sujeito frente à realidade regional por ele apresentada nesse texto.
- a descrição da fartura de alimentos resultante do trabalho coletivo do povo de São Saruê.

► Texto para a questão 208.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. (Adapt.).

208 Fuvest 2012 Depreende-se do texto que uma determinada língua é um:

- conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

209 Unifesp 2012 Leia a charge.



No contexto apresentado, o personagem expressa-se informalmente. Se sua frase fosse proferida em norma-padrão da língua, assumiria a seguinte redação:

- Fazemos o seguinte: a gente ressuscita o Bin Laden e lhe matamos de novo.
- A gente faz o seguinte: ressuscita o Bin Laden e lhe mata de novo.
- Nós faremos o seguinte: ressuscitamos o Bin Laden e matamos ele de novo.
- Façamos o seguinte: a gente ressuscitamos o Bin Laden e matamos de novo.
- Façamos o seguinte: nós ressuscitamos o Bin Laden e o matamos de novo.

210 Unifesp 2012 Leia a charge.



Gazeta do Povo, 18 jun. 2010.

Análise as afirmações.

- O efeito de humor da charge advém da ideia de engano na ligação, decorrente das diferentes formas para enunciar o mesmo nome.
- Em determinados contextos comunicativos, *Wilson* e *Wirso* podem ser usados como formas equivalentes, dependendo da variante linguística de que se vale o falante em sua enunciação.
- A frase – *NÃO. É O WILSON.* – manteria o sentido com a omissão do ponto após o advérbio *não*.

Está correto o que se afirma em:

- I, apenas.
- III, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II e III.

► Texto para a questão **202**.

V – O SAMBA

À direita do terreiro, adumbra-se na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento. [...]

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os crioulinhos que esperneiam no cangote das mãos, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro formido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. [...]

José de Menezes Til.

Adumbra-se: delinea-se, esboça-se.

202 Fuvest 2013 Para adequar a linguagem ao assunto, o autor lança mão também de um léxico popular, como atestam todas as palavras listadas na alternativa:

- saracoteio, brasido, rabanar, senzalas.
- esperneiam, senzalas, pincham, delírio.
- saracoteio, rabanar, cangote, pincham.
- fazenda, rabanar, cinzas, esperneiam.
- delírio, cambalhotas, cangote, fazenda.

► Instrução: A questão **203** toma por base um texto de Millôr Fernandes (1924-2012).

OS DONOS DA COMUNICAÇÃO

Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas.

Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "velculos" deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem?

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfrio, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

Millôr Fernandes. Que país é este?, 1978.

203 Unesp 2013 As repetições, o uso de palavras e expressões populares, a justaposição fluente de ideias, dispensando vírgulas, e as ironias constantes atribuem ao texto de Millôr Fernandes:

- tom descontraído e bem-humorado.
- dificuldade de leitura e compreensão.
- feição arcaica e ultrapassada.
- estilo agressivo e contundente.
- imagens vulgares e obscenas.

204 Unifesp 2013 Examine a tira.



Disponível em: <<http://bdoo.bloguol.com.br/>>.

Bastante comum na fala coloquial, o modo de se empregar o pronome na fala da personagem – *Maneiro encontrar tu!* – também ocorre em:

- Aquele livro era para nós uma joia, pois tinha sido de nosso avô e de nosso pai.
- Era uma situação embaraçosa e para eu me livrar dela seria bastante difícil mesmo.
- Todos tinham certeza de que ela ofereceria para mim o primeiro pedaço de bolo.
- Quando o pessoal chegou na frente do prédio, viu ali ele com a namorada nova.
- A todos volto a afirmar que entre mim e ti não existem mais rancores nem tristezas.

205 UFRN 2013 O texto a seguir é uma peça da campanha educativa para o carnaval de 2011. Essa campanha foi promovida pelo Ministério das Cidades e teve circulação restrita aos bares de três capitais: Recife, Rio de Janeiro e Salvador.



Disponível em: <www.eusoulegalnotransito.com.br/>. Acesso em: 6 jul. 2012. (Adapt.).

Sobre a linguagem do texto, é correto afirmar que:

- o tom de informalidade e a exploração dos vários sentidos do verbo pegar prejudicam a eficácia do propósito comunicativo, pois comprometem a coerência.
- o tom de informalidade e o uso de elementos verbais e não verbais colaboram para a eficácia do propósito comunicativo, uma vez que estão adequados ao público-alvo.
- os elementos verbais contribuem para a eficácia do propósito comunicativo, entretanto os não verbais não se relacionam com o tema do texto.
- os elementos verbais colaboram para a eficácia do propósito comunicativo, embora haja infrações à norma-padrão da língua portuguesa que não se justificam.

206 UFPA 2013 Leia o texto a seguir.

ZE LINGUÇA

Pode até não ser uma verdade comprovada pela história, mas ninguém discute que se trata de uma belíssima ideia. Na Roma antiga, quando um grande general voltava de uma campanha vitoriosa no estrangeiro, fazia-se uma fabulosa procissão triunfal pelas ruas da cidade, o "triumfo", para exibir diante do mundo a glória do comandante vencedor, e homenagear a grandeza que ele trazia à pátria. Era a honra máxima que um cidadão romano podia obter, e dava um trabalho danado chegar lá. Ele tinha de ter matado em combate pelo menos 5000 soldados inimigos. Tinha de mostrar, presos, os chefes derrotados. Tinha de ter enfrentado um exército pelo menos equivalente ao seu. Tinha, sobretudo, de trazer sua tropa de volta para casa. O problema, nisso tudo, é que os romanos da Antiguidade eram gente que tinha em altíssima conta a modéstia pessoal – e, em consequência, fechava a cara para qualquer demonstração de soberba. O que fazer, então, na hora em que o gene-

ral vitorioso desfilava perante a multidão como se fosse um rei? É aí que aparece a ideia mencionada acima. Logo atrás do “triumfador”, no mesmo carro puxado por quatro cavalos que ele conduzia, ficava um escravo que, de tanto em tanto tempo, lhe dizia baixinho ao ouvido: “Memento mori”. Ou: “Lembre-se de que você vai morrer um dia”. Nada melhor, provavelmente, para baixar o facho de qualquer alta autoridade que começa a se achar.

Esse procedimento poderia ser o tipo da coisa útil no governo brasileiro de hoje. Seria uma beleza, por exemplo, se o chanceler Antonio Patriota, ao desfilar pelo planeta com a sua bela pasta de couro, distribuindo em nome da presidente Dilma Rousseff as advertências do Brasil para os grandes, médios e pequenos deste mundo, tivesse algum recurso parecido – naturalmente, com as adaptações necessárias às nossas realidades atuais. Um oficial de chancelaria, digamos, andaria sempre atrás dele; só que, em vez do severo aviso romano, ficaria repetindo ao seu ouvido: “Lembre-se do Zé Linguíça”. Deveria ser o suficiente para o dr. Patriota cair bem depressa na real. Ele se lembraria imediatamente de que vem do país do Zé Linguíça – e ninguém, nem a presidente Dilma, consegue transformar em potência mundial um país que chega a ter no centro do maior espetáculo jurídico da sua história, mesmo por um momento fugaz, um cidadão chamado Zé Linguíça. Quem acompanha o julgamento do mensalão pode estar lembrado desse Zé Linguíça – o elo perdido entre um dos réus e a mala preta do professor Delúbio Soares, o tesoureiro do PT. Mas falar dele justo nesta hora, na suprema corte da nossa terra, em seus dias de solenidade máxima? Bem no momento em que cada ministro quer ser, no mínimo, um Cícero, e outros são capazes de escrever mais de 1000 páginas para dizer se um cidadão é culpado ou inocente? Pois é – aí vem o Zé Linguíça, e com um personagem desses não há pose que resista. Some, na hora, o Brasil Grande. Aparece o Brasil de verdade.

Falou-se do ministro Patriota, mas o aviso ao pé do ouvido vale para qualquer grão-duque do poder público brasileiro, e para a própria presidente da República, quando começam a imaginar que são o rei Luís XV de França. Quanto à mensagem dos lembretes, então, há uma infinidade de coisas a dizer além do Zé Linguíça. A voz poderia lhes recordar, por exemplo: “Todo ano há 50000 homicídios no Brasil”. Em três anos, com 150000 cadáveres, é o equivalente a uma bomba de Hiroshima. Ou: “O ensino médio brasileiro, pelos dados oficiais de 2011, tem nota 3,7, numa escala que vai de 0 a 10”. Seria possível lembrar que as dez entradas de São Paulo, a cidade mais rica e possante do Brasil, formam uma das mais pavorosas sucessões de favelas de todo o mundo; nosso desenvolvimento, em qualquer lugar do país, tem o dom de atrair miséria. Também seria útil que nossas autoridades, em seus acessos de grandeza, lembrassem que a população brasileira está proibida de frequentar áreas inteiras das grandes cidades, tomadas por bandidos, vadios e predadores diversos, como se vivesse sob o toque de recolher imposto por um exército de ocupação. Como essa gente que está no governo pode dormir em paz num país assim?

Esse pesadelo não foi criado pelo governo da presidente Dilma, nem será resolvido por ela. Mas então, como o rei da Espanha recomendou tempos atrás ao coronel Hugo Chávez, por que não se calam? Por que se metem na vida do Paraguai ou dão palpites na economia da Europa? Por uma questão de decência comum, e em nome do senso de ridículo, todos deveriam fazer, já, um voto de silêncio.

Revista Veja, 29 ago. 2012.

O trecho em que o autor, ao relatar fatos, expressa sua opinião valendo-se de uma expressão coloquial é:

- “[...] no mesmo carro puxado por quatro cavalos que ele conduzia, ficava um escravo que, de tanto em tanto tempo, lhe dizia baixinho ao ouvido: ‘Memento mori’. Ou: ‘Lembre-se de que você vai morrer um dia’. Nada melhor, provavelmente, para baixar o facho de qualquer alta autoridade que começa a se achar”. (linhas 18 a 22)
- “Um oficial de chancelaria, digamos, andaria sempre atrás dele; só que, em vez do severo aviso romano, ficaria repetindo ao seu ouvido: ‘Lembre-se do Zé Linguíça’. Deveria ser o suficiente para o dr. Patriota cair bem depressa na real”. (linhas 29 a 33)
- “Bem no momento em que cada ministro quer ser, no mínimo, um Cícero, e outros são capazes de escrever mais de 1000 páginas para dizer se um cidadão é culpado ou inocente? Pois é – aí vem o Zé Linguíça, e com um personagem desses não há pose que resista. Some, na hora, o Brasil Grande. Aparece o Brasil de verdade”. (linhas 42 a 46)
- “Falou-se do ministro Patriota, mas o aviso ao pé do ouvido vale para qualquer grão-duque do poder público brasileiro, e para a própria presidente da República, quando começam a imaginar que são o rei Luís XV de França”. (linhas 47 a 50)
- “Esse pesadelo não foi criado pelo governo da presidente Dilma, nem será resolvido por ela. Mas então, como o rei da Espanha recomendou tempos atrás ao coronel Hugo Chávez, por que não se calam? Por que se metem na vida do Paraguai ou dão palpites na economia da Europa?” (linhas 66 a 70)

207 UEL 2013 Leia o texto a seguir extraído do conto A hora e vez de Augusto Matraga.

Já Nhô Augusto, incansável, sem querer desperdiçar detalhe, apalpava os braços do Epifânio, mulato enorme, de musculatura embatimada, de bicipitalidade maciça. E se voltava para o Juruminho, caboclo franzino, vivo no menor movimento, ágil até no manejo do garfo, que em sua mão ia e vinha como agulha de coser:

– Você, compadre, está-se vendo que deve de ser um corisco de chegador!...

E o Juruminho, gostando.

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui...

E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo pico, para desarmar gente em agressão.

Nhô Augusto se levantara, excitado:

– Opa! Oi-ai!... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinhas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, pra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até-ologo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!...

Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento; suspirou e perguntou:

– Mais galinha, um pedaço, amigo?

– ‘Tou feito.

– E você, seu barra?

– Agradecido... ‘Tou encaçado... ‘Tou cheio até à tampa!

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto.

E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das papo-amarelo, para ver:

– Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...

– Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...

– Deixa a criaçõzinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...

Fez fogo.

– Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro!

João Guimarães Rosa. *Sogororo*. 71 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.394-395.

Um dos aspectos distintivos de João Guimarães Rosa é seu trabalho laborioso com a linguagem.

A esse respeito e com base no texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O termo "bicipitalidade" é um exemplo de neologismo. Colocado ao lado do adjetivo "maciça", expressa a ideia da grande força muscular de Epifânio.
- II. O trecho "com o pau escrevendo e lendo" constitui um exemplo de recriação de um dito popular cujo sentido original é: o não cumprimento do combinado ocasionará punição.
- III. A expressão "Ferrugem em bom ferro!" caracteriza-se como uma construção poética que exprime, através dos termos "ferrugem" e "ferro", a falta de destreza do protagonista com a arma de fogo.
- IV. As expressões "chover sem chuva" e "homem mudo gritando" configuram-se como exemplos de inadequação vocabular, e seu uso revela o baixo nível cultural do protagonista.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

► A questão 201 toma por base uma passagem do artigo *Os operários da música livre*, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos torrents, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação on-line – tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas majors, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuíam a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção – o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados

à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa "produção máxima" é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

"Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo", opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. "Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados mainstream", continua.

"Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de business. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular."

(Galvão, março de 2013. Adaptado.)

201 Unesp 2014 Numerosas palavras da língua inglesa são adotadas no mundo todo em jornais, revistas e livros especializados, por terem sido incorporadas aos vocabulários da indústria, do comércio, da tecnologia e de muitas outras atividades. Levando em consideração o contexto do artigo, assinale a alternativa em que a palavra da língua inglesa é empregada para designar algo ou alguém que caiu no gosto do público, com vasta disseminação pela mídia:

- (a) majors.
- (b) mainstream.
- (c) torrents.
- (d) sites.
- (e) business.

► Texto para a questão 198.

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, "Dez livros para entender o Brasil". *Teoria e debate*. Ed. 45, 01/07/2000.

198 Fuvest 2015 Constitui recurso estilístico do texto

- I. a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- II. a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- III. o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- (a) I.
- (b) II.
- (c) I e II.
- (d) III.
- (e) I e III.



(Folha de S.Paulo, 30.09.2014. Adaptado.)

Considerando-se a situação de comunicação entre Garfield e seu dono, a frase, em linguagem coloquial, que preenche o balão do último quadrinho é:

- (a) Tenho de saboreá-lo bem?
- (b) Eu tenho de saborear bem ele?
- (c) Convém que eu o saboreie bem?
- (d) Devo saborear a ele muito bem?
- (e) Saboreá-lo-ei muito bem?

► Leia o texto para responder à questão 200.

A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

(Fernando Pessoa. *A língua portuguesa*, 1999. Adaptado.)

200 Unifesp 2015 De acordo com o autor, "ao falar, temos que obedecer à lei do maior número". Atendendo a esse princípio, para o português oral contemporâneo, está adequado o enunciado:

- (a) Caso assistisse a um filme e esquecesse teu livro... Sentir-te-ias magoado com esse meu comportamento?
- (b) Me esqueci de trazer seu livro, porque fiquei assistindo um filme. Cé não tá chateado por causa disso, né?
- (c) Nós ia lê o livro na aula, mais fiquei veno TV, sistino um firme e isquici dele. Ocê tá chateado cumigu não né?

- (d) Olvidei-me de trazer seu livro. Assistia a um filme deveras interessante. Você não se sente chateado por isso, não é mesmo?
- (e) Cara, @\$%*...! Demorô!!! O fdm nem tchum... E pá... ☹ E o livro... Nem... ☹ Que m***a!!!

199 Unicamp 2016 Leia com atenção o texto abaixo.

NUNCA CONHECI QUEM TIVESSE SIDO TÃO FELIZ COMO NAS REDES SOCIAIS

[...] *Eu tenho inveja de mim no Instagram.*

[...] *Eu queria ser feliz como eu sou no Instagram.*

Eu queria ter certeza, como eu tenho no Facebook, sobre as minhas posições políticas.

E no Twitter, bem, no Twitter eu não sou tão feliz nem certa e é por isso que de longe essa ganha como rede social de mi corazón.

E quanto mais eu me sinto angustiada (quem nunca?), mais eu entro no Instagram e vejo a foto das pessoas superfelizes. E mais angustiada eu fico. Por mais que eu saiba que aquela felicidade é de mentira.

Outro dia uma editora de moda que faz muito sucesso no Instagram escreveu em uma legenda: "até que estou bem depois de tomar um stillnox e um rivotril." (!!!!! Gente!) Mas ufa, ela assumiu. Até então, seus seguidores talvez pudessem achar que ela era uma super-heroína que nunca tinha levado porrada (nem conhecido quem tivesse tomado). Ela viaja de um lado para o outro, acorda cedo, mas tem uma decoração linda na mesa, viaja de país em país. Trabalha loucamente. Mas ela sempre está disposta e apaixonada pelo que faz.

Escuta! Quanta mentira! Nenhuma de nós está apaixonada o tempo todo pelo que faz. Eu, hoje, escrevi esse texto com muito esforço. Eu, hoje, estou achando que eu escrevo mal e que perdi o jeito para a coisa. Quem nunca? Quem nunca muitas vezes?

Quem estamos querendo enganar? A gente. Mas tem vezes, como agora, em que não dá. Eu queria muito voltar no tempo quando as redes sociais não existiam só para lembrar como era... Às vezes eu acho que, com todas as vantagens da vida em rede..., talvez a gente se sentisse melhor. Sério. "Estou farto de semideuses. Onde é que há gente nesse mundo?"; grita o Fernando Pessoa lá do túmulo.

Adaptado de Nina Lemos, disponível em: <<http://revistapm.uol.com.br/blogs/betimmandavisar/2015/07/13/nunca-conheci-quem-tivesse-sido-tao-feliz-como-nas-redes-sociais.html>>.

Considerando os recursos linguísticos e discursivos presentes na configuração do texto, é correto afirmar que:

- (a) "Nunca conheci quem tivesse sido tão feliz como nas redes sociais / Eu tenho inveja de mim no Instagram" é um enunciado que se espelha nos versos "Nunca conheci quem tivesse levado porrada / Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo", do *Poema em Linha Reta*, de Fernando Pessoa, por meio do recurso ao paralelismo de estruturas sintáticas.
- (b) No texto de Nina Lemos, alguns recursos linguísticos e discursivos são mobilizados de modo a promover um tipo particular de interação entre o produtor do texto e seus leitores por meio de diálogos entre personagens, pontuação com funções estilisticamente diversas, um léxico de natureza coloquial e perguntas retóricas.
- (c) Baseado no *Poema em Linha Reta* de Fernando Pessoa, o texto de Nina Lemos apresenta argumentos para convencer seus leitores de que ela tem uma vida difícil em relação à de outras pessoas felizes que conhece pelo *Instagram*, e de que é possível mostrar a essas pessoas que a vida não é tão boa quanto parece.

(d) O texto de Nina Lemos apresenta uma organização textual e sintática típica da esfera jornalística, que se caracteriza pelo uso de marcas de oralidade como o recurso das sequências de diálogos ("Quem estamos querendo enganar? A gente."), o uso de marcadores discursivos ("bem", "sério") e de enunciados inseridos ("quem nunca?").

► Texto para a questão 191.

A adoção do cardápio indígena introduziu nas cozinhas e zonas de serviço das moradas brasileiras equipamentos desconhecidos no Reino. Instalou nos alpendres roceiros a prensa de espremer mandioca ralada para farinha. Nos inventários paulistas é comum a menção de tal fato. No inventário de Pedro Nunes, por exemplo, efetuado em 1623, fala-se num sítio nas bandas do Ipiranga "com seu alpendre e duas camarinhas no dito alpendre com a prensa no dito sítio" que deveria comprimir nos tipitis toda a massa proveniente do mandiocal também inventariado.

Mas a farinha não exigia somente a prensa – pedia, também, raladores, cochos de lavagem e forno ou fogão. Era normal, então, a casa de fazer farinha, no quintal, ao lado dos telheiros e próxima à cozinha.

Carlos A. C. Lemos, *Cozinhas*, etc.

191 Fuvest 2017 Além de "tipitis", constituem contribuição indígena para a língua portuguesa do Brasil as seguintes palavras empregadas no texto:

- (a) "cardápio" e "roceiros". (d) "sítio" e "forno".
(b) "alpendre" e "fogão". (e) "prensa" e "quintal".
(c) "mandioca" e "Ipiranga".

192 Unicamp 2017 No dia 21 de setembro de 2015, Sérgio Rodrigues, crítico literário, comentou que apontar no título do filme *Que horas ela volta?* um erro de português "revela visão curta sobre como a língua funciona". E justifica:

"O título do filme, tirado da fala de um personagem, está em registro coloquial. Que ano você nasceu? Que série você estuda? e frases do gênero são familiares a todos os brasileiros, mesmo com alto grau de escolaridade. Será preciso reafirmar a esta altura do século 21 que obras de arte têm liberdade para transgressões muito maiores?

Pretender que uma obra de ficção tenha o mesmo grau de formalidade de um editorial de jornal ou relatório de firma revela um jeito autoritário de compreender o funcionamento não só da língua, mas da arte também."

Adaptado do blogue Melhor Dizendo. Post completo disponível em: <<http://www.melhordizendo.com/a-que-horas-ela-volta-em-que-ano-estamos-mesmo/>>.

Acesso em: 08 jun. 2016.

Entre os excertos de estudiosos da linguagem reproduzidos a seguir, assinale aquele que corrobora os comentários do post.

- (a) Numa sociedade estruturada de maneira complexa a linguagem de um dado grupo social reflete-o tão bem como suas outras formas de comportamento. (Mattoso Câmara Jr., 1975, p. 10.)
(b) A linguagem exigida, especialmente nas aulas de língua portuguesa, corresponde a um modelo próprio das classes dominantes e das categorias sociais a elas vinculadas. (Camacho, 1985, p. 4.)

- (c) Não existe nenhuma justificativa ética, política, pedagógica ou científica para continuar condenando como erros os usos linguísticos que estão firmados no português brasileiro. (Bagno, 2007, p. 161.)
(d) Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua. (Geraldí, 1996, p. 64.)

Os excertos são adaptados de textos dos autores referenciados abaixo:

BAGNO, Marcos. *Moda na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Editorial, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. *O sistema escolar e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Alfa, 29, p. 1-7, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da Linguística*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

► Texto para a questão 116.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.*

10 *Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.*

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

15 *— Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?*

Aluisio Azevedo, *O cortiço*

* **ensarilhar-se**: emaranhar-se.

** **rezinga**: resmungo.

116 Fuvest 2018 Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- (a) "mas um só ruído compacto" (L. 2-3).
(b) "ouviam-se gargalhadas" (L. 5).
(c) "o prazer animal de existir" (L. 8-9).
(d) "gritou ela para baixo" (L. 14).
(e) "bata na porta" (L. 15).



www.combustivellegal.com.br

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo "legal" pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- (a) lícito e bom.
- (b) aceito e regulado.
- (c) requintado e excepcional.
- (d) viável e interessante.
- (e) jurídico e autorizado.

LIVRO 1

**GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 10**

- 211. D
- 212. C
- 213. A
- 214. A
- 215. B
- 216. C
- 217. B
- 208. A
- 209. E
- 210. C
- 202. C
- 203. A
- 204. D
- 205. B
- 206. A
- 207. A
- 201. B
- 198. C
- 199. B
- 191. C
- 192. C
- 116. E
- 117. A

LIVRO 1 - Questões objetivas

**PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 11**

► A questão **228** toma por base um fragmento do livro *Comunicação e folclore*, de Luiz Beltrão (1918-1986).

O BUMBA-MEU-BOI

Entre os autos populares conhecidos e praticados no Brasil – pastorel, fandango, chegança, reisado, congada, etc. – aquele em que melhor o povo exprime a sua crítica, aquele que tem maior conteúdo jornalístico, é, realmente, o bumba-meu-boi, ou simplesmente boi.

Para Renato Almeida, é o "bailado mais notável do Brasil, o folguedo brasileiro de maior significação estética e social". Luís da Câmara Cascudo, por seu turno, observou a sua superioridade porque "enquanto os outros autos cristalizaram, imóveis, no elenco de outrora, o bumba-meu-boi é sempre atual, incluindo soluções modernas, figuras de agora, vocabulário, sensação, percepção contemporânea. Na época da escravidão mostrava os vaqueiros escravos vencendo pela inteligência, astúcia e cinismo. Chibateava a cupidez, a materialidade, o sensualismo de doutores, padres, delegados, fazendo-os cantar versinhos que eram confissões estertóricas. O capitão-do-mato, predador de escravos, assombro dos moleques, faz-sono dos negrinhos, vai 'caçar' os negros que fugiram, depois da morte do Boi, e em vez de trazê-los é trazido amarrado, humilhado, tremendo de medo. O valentão mestiço, capoeira, apanha pancada e é mais mofino que todos os mofinos. Imaginem a alegria negra, vendo e ouvindo essa sublimação aberta, franca, na porta da casa-grande de engenho ou no terreiro da fazenda, nos pátios das vilas, diante do adro da igreja! A figura dos padres, os padres do interior, vinha arrastada com a violência de um ajuste de contas. O doutor, o curioso, metido a entender de tudo, o delegado autoritário, valente com a patrulha e covarde sem ela, toda a galeria perpassa, expondo suas mazelas, vícios, manias, cacoetes, olhada por uma assistência onde estavam muitas vítimas dos personagens reais, ali subalternizados pela virulência do desabafo".

Como algumas outras manifestações folclóricas, o bumba-meu-boi utiliza uma forma antiga, tradicional; entretanto, fá-la revestir-se de novos aspectos, atualiza o entreccho, recompõe a trama. Daí "o interesse do tipo solidário que desperta nas camadas populares", como o assinala Édison Carneiro. Interesse que só pode manter-se porque o que no auto se apresenta não reflete apenas situações do passado, "mas porque têm importância para o futuro". Com efeito, tendo por tema central a morte e a ressurreição do boi, "cerca-se de episódios acessórios, não essenciais, muito desligados da ação principal, que variam de região para região... em cada lugar, novos personagens são enxertados, aparentemente sem outro objetivo senão o de prolongar e variar a brincadeira". Contudo, dentre esses personagens, os que representam as classes superiores são caricaturados, cobrindo-se de ridículo, o que torna "o folguedo, em si mesmo, uma reivindicação".

Sílvio Romero recolheu os versos de um bumba-meu-boi, através dos quais se constata a intenção caricaturesca nos personagens do folguedo. Como o Padre, que recita:

*Não sou padre, não sou nada
"Quem me ver estar dançando
Não julgue que estou louco;
Secular sou como os outros".*

Ou como o Capitão-do-Mato que, dando com o negro Fidélis, vai prendê-lo:

*CAPITÃO – *Eu te atiro, negro
Eu te amarro, ladrão,
Eu te acabo, cão.**

Mas, ao contrário, quem vai sobre o Capitão e o amarra é o Fidélis:

*CORO – *Capitão de campo
Veja que o mundo virou
Foi ao mato pegar negro
Mas o negro lhe amarrou.*

CAPITÃO – *Sou valente afamado
Como eu não pode haver;
Qualquer susto que me fazem
Logo me ponho a correr.**

Luiz Beltrão. *Comunicação e folclore*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1971.

228 Unesp 2011 Aponte a alternativa que indica, entre os quatro termos relacionados a seguir, apenas os que, no fragmento apresentado, são empregados pelos folcloristas para referir-se ao bumba-meu-boi.

- I. Bailado.
 - II. Ritual.
 - III. Brincadeira.
 - IV. Folguedo.
- (a) I e II.
(b) II e III.
(c) I, II e III.
(d) I, III e IV.
(e) II, III e IV.

► Instrução: A questão **229** toma por base o fragmento:

[...] Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!" – ao que eu retorquia: "Cala a boca, besta!" – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opinático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

229 Unifesp 2011 Indique a frase que, no contexto do fragmento, ratifica o sentido de *o menino é o pai do homem*, citação inicial do narrador.

- (a) *[...] fui dos mais malignos do meu tempo [...]*
(b) *[...] um dia quebrei a cabeça de uma escrava [...]*
(c) *[...] deitei um punhado de cinza ao tacho [...]*
(d) *[...] fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado [...]*
(e) *[...] alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.*

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **230**.

*De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Cobs velinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni*

Chico Buarque. *Geni e o zepelim*.

230 Unifesp 2011 A partir do início do fragmento selecionado, uma série de versos consecutivos vai caracterizando a personagem Geni numa mesma direção semântica e segundo uma mesma lógica, até que um determinado verso provoca uma ruptura significativa nessa trajetória, criando uma intensa oposição de sentido no poema. Esse verso está transcrito em:

- (a) *Dá-se assim desde menina.* (d) *Joga pedra na Geni.*
(b) *É a rainha dos detentos.* (e) *Ela dá pra qualquer um.*
(c) *Ela é um poço de bondade.*

► Texto para a questão 231.

**HOLLYWOOD NEGOCIA PARA TRANSFORMAR THRILLER, DE
MICHAEL JACKSON, EM FILME**

O clipe *Thriller* de Michael Jackson deve ir para as telonas de Hollywood pelas mãos da produtora GK Films, que negocia a aquisição dos direitos para realizar o projeto, informou nesta quarta-feira o blog "The Playlist". O cineasta Kenny Ortega, amigo do "rei do pop" e responsável pelo musical póstumo "This is It" (2009), e o roteirista Jeremy Garelick ("Separados pelo casamento", 2006) realizarão o longa.

A produção, que deve contar com um orçamento de cerca de US\$ 50 milhões, explorará a história da música "Thriller" e seu memorável vídeo musical de quase 14 minutos com zumbis dançando pelas ruas.

O disco *Thriller* (1982) foi reeditado em 2008 para comemorar os 25 anos de seu lançamento e é o trabalho fonográfico mais vendido na história, com mais de 100 milhões de cópias no mundo todo.

O LP ganhou oito Grammy e cerca de 60 discos de platina, o que rendeu a Michael Jackson o título de "rei do pop". O cantor morreu no dia 25 de junho de 2009 por causa de uma intoxicação aguda de anestésicos.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/hollywood-negocia-para-transformarthriller-de-michael-jackson-em-filme/impprimir>>. Acesso em: 28 de out. de 2010.

231 UFRR 2011 Acerca dos elementos de coesão no texto, é correto afirmar que:

- (a) em "O disco *Thriller* (1982) foi reeditado em 2008 para comemorar os 25 anos de seu lançamento e é o trabalho fonográfico...", o vocábulo "trabalho" não faz referência ao "disco *Thriller*".
- (b) em "O clipe *Thriller* de Michael Jackson deve ir para as telonas de Hollywood pelas mãos da produtora GK Films, que negocia a aquisição dos direitos para realizar o projeto," o vocábulo "projeto" refere-se a "mãos da produtora GK Films".
- (c) no fragmento "A produção, que deve contar com um orçamento de cerca de US\$ 50 milhões," o vocábulo "que" refere-se à "produção".
- (d) em "pelas mãos da produtora GK Films, que negocia a aquisição," o termo "que" refere-se a "mãos".
- (e) no trecho "O disco *Thriller* (1982) foi reeditado em 2008 para comemorar os 25 anos de seu lançamento", o vocábulo "seu" refere-se a Michael Jackson (título).

► Texto para a questão 232.

[...]

Um dos tipos de fatores que produzem diferenças na fala de pessoas são externos à língua. Os principais são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão etc. Ou seja: as pessoas que moram em lugares diferentes acabam caracterizando-se por falar de algum modo de maneira diferente em relação a outro grupo. Pessoas que pertencem a classes sociais diferentes, do mesmo modo (e, de certa forma, pela mesma razão, a distância – só que esta é social) acabam caracterizando sua fala por traços diversos em relação aos de outra classe. O mesmo vale para diferentes sexos, idades, etnias, profissões. De uma forma um pouco simplificada: assim como certos grupos se caracterizam através de alguma marca (digamos, por utilizarem certos trajes, por terem determinados hábitos etc.), também podem caracterizar-se por traços linguísticos.

[...]

Sírio Possenti. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: ALB – Mercado Aberto, 2005. p. 34.

232 UFRN 2011 Quanto à coesão textual observada no texto:

- (a) a repetição do termo "pessoas" (linhas 2, 3 e 5) torna redundantes as informações apresentadas no texto, comprometendo a progressão do tema.
- (b) a expressão "assim como" (linha 10) tem valor conclusivo, podendo ser substituído, sem comprometimento do sentido, pela expressão "por conseguinte".
- (c) a expressão "Ou seja" (linha 3) tem valor explicativo, introduzindo informações específicas acerca do que é afirmado nos períodos anteriores.
- (d) a utilização dos parênteses (linhas 11 e 12) se justifica como recurso coesivo que demarca a supressão de parte do texto.

233 PUC-PR 2011 Leia atentamente o texto a seguir e responda ao que se pede.

A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecemos, tal como o conhecia Gutenberg e tal como o conheciam os homens da Idade Média. Este livro é um rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la. Ele faz aparecer trechos distribuídos em colunas. Assim, um autor não pode escrever ao mesmo tempo que lê.

Ou bem ele lê, e suas duas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira a leitura.

Ou bem ele escreve durante sua leitura, mas então ele necessariamente fechou o rolo e não lê mais. Imaginar Platão, Aristóteles ou Tito Lívio como autores supõe imaginá-los como leitores de rolos que impõem suas próprias limitações.

Roger Chartier. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. SP: Editora Unesp, 1999.

Assinale a alternativa que apresenta uma análise inadequada do emprego dos recursos de coesão no texto de Roger Chartier.

- (a) A expressão "tal como", empregada três vezes na primeira frase do texto, significa "de acordo com, conforme".
- (b) Na oração "Ou bem ele lê" (2º parágrafo), o pronome "ele" refere-se a "autor".
- (c) No período "e suas duas mãos são mobilizadas para segurar o rolo" (2º parágrafo), o pronome possessivo "suas" equivale à expressão "do autor".
- (d) Na expressão "Este livro é um rolo" (2ª frase do texto), o pronome "este" faz referência ao livro tal qual era conhecido pelos homens da Idade Média.
- (e) No final do 1º parágrafo, a expressão "ao mesmo tempo que" significa "simultaneamente".

226 Unifesp 2012 O que o excesso de gordura tem a ver com problemas de memória? Tudo, segundo estudos recentes. O último foi feito na Kent State University (EUA) e mostrou que pacientes submetidos à cirurgia bariátrica exibiram melhora na capacidade de armazenar informações 12 semanas depois da operação. "Estamos acompanhando esses indivíduos para checar se a performance continuará a mesma um ano e dois anos depois", disse à ISTOÉ John Gunstad, líder da pesquisa. Na sua experiência clínica, o médico Roberto Rizzi, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica, já havia observado a associação. "Percebe-se que após uma grande perda de peso há melhora no poder de se lembrar das coisas", diz.

IstoÉ, 22 jun. 2011. (Adapt.).

Um título adequado ao texto é:

- (a) Emagrecer faz bem à memória.
- (b) Médico brasileiro contesta estudo americano.
- (c) Gordura em excesso potencializa a memória.
- (d) Memória fica inalterada até dois anos após cirurgia.
- (e) Cirurgia traz perda de peso e de memória.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **227**.

Quando a grávida usa crack ou cocaína, o bebê costuma nascer hiperexcitado, irritado, choroso. É sinal de que a droga chegou ao cérebro e pode ter provocado alterações de desenvolvimento. Mas o resultado desse contato precoce só pode ser observado anos depois, quando a criança começar sua vida escolar.

[...]

A grande preocupação em relação ao crack e à cocaína é o desenvolvimento futuro da criança. "As drogas alteram a arquitetura cerebral do feto. Elas mudam a formação de sinapses, conexões e circuitos. Ao final, podem provocar alterações cognitivas que prejudicam a vida social e escolar da criança. Sua capacidade de entender conceitos abstratos e fazer associações pode ser comprometida", diz Ruth Guinsburg, professora de pediatria neonatal da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Época, 20 jun. 2011. (Adapt.).

227 Unifesp 2012 As alternativas contêm trechos extraídos da revista *Língua Portuguesa*, n.º 79, de abril de 2011. Assinale aquela em que a relação de causa e efeito expressa pelos termos destacados no trecho – *Quando a grávida usa crack ou cocaína, o bebê costuma nascer hiperexcitado, irritado, choroso.* – também ocorre.

- (a) Os poetas são os seres iluminados que se cansaram da formalidade das palavras e buscam (re)vesti-las de outras significações...
- (b) O poeta recria a seu bel-prazer o mundo já tão conhecido pelos outros homens que apenas veem o visível...
- (c) E quando tudo parece já estar acomodado em seus devidos lugares é que vem, lá do Pantanal Mato-Grossense, um cidadão chamado Manoel de Barros.
- (d) Ele foi chegando devagar, com a fala mansa, com os versos curtos e com um jeito bem diferente de escrever.
- (e) Antes que alguém perguntasse quem era ele, ele se apresentou, bem a seu modo.

222 Uema 2013 O mulato, de Aluísio Azevedo, é considerado a obra inicial do Naturalismo brasileiro. O fragmento a seguir é referência para responder ao que se pede.

[...]

O padre Diogo, pois era dele a outra voz, não tivera tempo de fugir e caíra, trêmulo, aos pés de José. Quando este largou das mãos a traidora, para se apossar do outro, reparou que a tinha estrangulado. Ficou perplexo e tolhido de assombro.

Houve então um silêncio ansioso. Ouvia-se o resfolegar dos dois homens. A situação dificultava-se; mas o vigário, recuperando o sangue-frio, ergueu-se, concertou as roupas e, apontando para o corpo da amante, disse com firmeza:

— *Matou-a! Você é um criminoso!*

— *Cachorro! E tu?! Tu serás porventura menos criminoso do que eu?*

— *Perante as leis, decerto!, porque você nunca poderá provar a minha suposta culpa e, se tentasse fazê-lo, a vergonha do fato recairia toda sobre a sua própria cabeça.*

[...]

O assassino ficou aterrado e abaixou a cabeça.

— *Vamos lá!... disse o padre afinal, sorrindo e batendo no ombro do português. Tudo neste mundo se pode arranjar, com a divina ajuda de Deus... só para a morte não há remédio! Se quiser, a defunta será sepultada com todas as formalidades civis e religiosas... [...]*

Aluísio de Azevedo. *O mulato*. São Paulo: Saraiva, 2010.

A conexão entre as palavras, expressões ou frases, manifesta-se por elementos que assinalam o vínculo entre os componentes do texto. O segmento cujo verbo sublinhado está empregado em função anafórica é:

- (a) [...] porque você nunca poderá provar a minha suposta culpa e, se tentasse fazê-lo, a vergonha do fato recairia toda sobre a sua própria cabeça.
- (b) [...] mas o vigário, recuperando o sangue-frio, ergueu-se, concertou as roupas e, apontando para o corpo da amante [...]
- (c) O padre Diogo, pois era dele a outra voz, não tivera tempo de fugir e caíra, trêmulo, aos pés de José.
- (d) Quando este largou das mãos a traidora, para se apossar do outro, reparou que a tinha estrangulado.
- (e) Vamos lá!... disse o padre afinal, sorrindo e batendo no ombro do português.

223 Uema 2013 O texto a seguir, adaptado de matéria jornalística publicada recentemente, em revista de circulação nacional, é referência para responder ao que se pede.

Aos olhos de um brasileiro, pode parecer um milagre, mas a obra é dos homens. [...] A experiência americana mostra que, para evitar o desperdício de vidas jovens, não é preciso invocar milagre. A educação preventiva sobre os riscos do álcool é um imperativo no sistema americano. Os especialistas dizem que a colaboração da comunidade, e sobretudo do país, é outro fator decisivo. Além disso, a sociedade americana sabe que há duas possibilidades diante da lei: cumpri-la ou ser punido por ela.

Veja. São Paulo: Abril, 11 jul. 2012.

Considerando que alguns elementos linguísticos não só fazem ligações entre orações, períodos e frases no texto, mas também constituem marcas importantes no plano semântico-discursivo, pode-se afirmar que o termo "Além disso", na sexta linha,

- (a) opera como elemento de gradação, usando um argumento menos forte para atenuar as ideias anteriores.
- (b) estabelece uma relação disjuntiva entre as ideias, introduzindo um argumento oposto ao da frase anterior.
- (c) introduz uma explicação da orientação argumentativa, justificando o que foi apresentado, no período anterior.
- (d) indica uma progressão discursiva, acrescentando um dado novo no processo argumentativo.
- (e) faz uma retomada de ideias, repetindo, com outras palavras, os mesmos argumentos.

224 UFPE 2013 Leia o texto a seguir.

CIÊNCIA CARA = BOM INVESTIMENTO

Um mundo sem ciência ambiciosa fica privado de conhecimento novo e das aplicações das descobertas.

Fazer pesquisa é caro, mas vale a pena. Vamos pensar apenas na ciência de base, ou seja, a ciência que não tem o objetivo imediato de ser "útil", via aplicações tecnológicas ou gerando riqueza, cuja meta é investigar a natureza. Quanto um país deve investir nesse tipo de pesquisa?

Quando se discute como equilibrar o orçamento da União, é crucial questionar como os fundos vindos do contribuinte devem ser usados. Afinal, existem necessidades críticas em educação, infraestrutura de transporte, modernização de hospitais, atendimento médico para milhões de necessitados etc.

Num ensaio recente na New York Review of Books, uma prestigiosa publicação americana, o prêmio Nobel Steven Weinberg afirma que a solução nunca deve ser tirar dinheiro de áreas necessitadas para financiar pesquisa de base (ou qualquer outra). Por outro lado, o investimento na pesquisa de base deveria ser uma opção óbvia para qualquer país que pretende ter uma posição de liderança internacional.

No início do século 20, físicos lidavam com um modo inteiramente novo de interpretar a natureza. Einstein forçou uma revisão dos conceitos de espaço, tempo e energia. Planck, Bohr, Schrödinger e Heisenberg nunca poderiam ter imaginado que suas ideias revolucionárias sobre a física do átomo efetivamente redefiniriam o mundo em que vivemos. Deles veio a revolução quântica, que gerou incontáveis aplicações tecnológicas, incluindo todos os equipamentos digitais, dos computadores aos raios laser, fibras ópticas e tecnologias nucleares.

Em seu ensaio, Weinberg mostra sua preocupação com o futuro da ciência de grande porte, projetos que alcançam bilhões de dólares. Recentemente, o sucessor do Telescópio Espacial Hubble, o Telescópio Espacial James Webb, teve seu orçamento cortado. Após muito drama, o financiamento foi restituído, mas ficou a insegurança. No mundo das partículas, a bola está com a Europa e seu mega-acelerador, o LHC. Cientistas americanos se juntaram ao projeto depois de perceberem a possibilidade de seu acelerador nacional desaparecer.

Na minha opinião, cortar o fomento à pesquisa de base, incluindo projetos bem definidos de alto custo, é inadmissível. Um mundo focado no imediato, no pragmático, pode ser eficiente, mas é extremamente monótono. Imagine um mundo sem as descobertas sensacionais que andam sendo feitas sobre o Cosmo e os mistérios da matéria; um mundo sem estrelas explodindo, sem galáxias colidindo e buracos negros.

Pior, imagine um mundo sem o que ainda não conhecemos e que nunca poderemos descobrir sem nossos instrumentos de exploração. Ademais, perderíamos todas as possíveis aplicações das descobertas.

Uma possibilidade é a de incluir cada vez mais países com fortes economias emergentes, como a China, a Índia e o Brasil, no fomento aos grandes projetos. Esse é um dos argumentos a favor da inclusão do Brasil como país-membro do ESO (Observatório Europeu do Sul), uma discussão que deixo para depois.

Quando vejo as enormes quantias sendo gastas na defesa nacional, eu me pergunto se nossas prioridades estão no lado criativo ou no destrutivo. Quando deixamos de investir no novo, ficamos condenados a só olhar para o velho.

Marcelo Gleiser. *Jornal da Ciência*, 03 set. 2012. (Adapt.).

Considerando os sentidos atualizados nas construções sintáticas em que ocorrem as palavras do texto, podemos fazer as seguintes observações:

- () No trecho: "Quando se discute como equilibrar o orçamento da União, é crucial questionar como os fundos vindos do contribuinte devem ser usados", os dois conectivos sublinhados estabelecem um nexo de comparação.
- () A conexão entre o sétimo e o oitavo parágrafos é de natureza comparativa e é feita com base no uso de um adjetivo na forma superlativa.
- () No oitavo parágrafo, o sentido hipotético implicado no verbo "imagine" justifica o uso dos verbos no tempo futuro ("podemos" e "perderíamos").
- () Na referência a: "países com fortes economias emergentes", a palavra sublinhada constitui uma alusão metafórica a "economias rijas".
- () Em: "Quando deixamos de investir no novo, ficamos condenados a só olhar para o velho", o advérbio "só" poderia ser deslocado, sem alteração de sentido, como em "só ficamos condenados".

225 UEL 2013 Leia o texto a seguir.

Numa prova de português do Ensino Fundamental, ante a pergunta sobre qual era a função do apóstrofo, um aluno respondeu: "Apóstrofos são os amigos de Jesus, que se juntaram naquela jantinha que o Leonardo fotografou".

A frase, além de alertar sobre os avanços que precisamos na excelência da educação, é didática quanto aos cuidados no uso da Língua Portuguesa, precisidade que herdamos dos lusos, do galego e do latim.

[...]

Por falar em vírgula lembrei-me de caso ocorrido numa cidade paulista. O vereador proponente lia seu "improviso" na cerimônia de outorga do título de cidadania a um professor de português. A iniciativa deveu-se ao fato de o mestre ter alfabetizado o nobre edil e outros munícipes no curso de adultos. O exaltado orador disparou: "Este grande letrista me transformou num competente palavrista, pontuador e virgopalense".

O constrangido catedrático, ao discursar, agradeceu, mas recusou a homenagem. "Não a mereço", frisou! Em tempo: virgopalense é o gentílico do município de Virgem da Lapa, localizado no Vale do Jequitinhonha (MG).

Ao não dar explicações sobre o óbvio, o velho membro do magistério evitou a redundância, esse vício que polui o idioma, como ilustra o ato de assinatura de convênio para projeto de piscicultura numa cidade do interior gaúcho: “Vamos vender nossos peixes em todos os países da Terra”, bradou o prefeito, num arroubo de entusiasmo. “Questão de ordem, Excelência, mas só nos da Terra? Por que não também nos países de Marte, Vênus e até Saturno?” – ironizou o líder da oposição na Câmara Municipal.

O poder da vírgula e o das palavras é tão importante que, no passado, o artifício do veto à pontuação foi usado para mudar o teor das leis contra os interesses da sociedade.

J. G. Silva. “O poder da vírgula”. Folha de S. Paulo, A2 Opinião, 2 set. 2012. (Adapt.).

No texto, para evitar a repetição de professor de português e vereador, o autor recorre, respectivamente, aos elementos de coesão a seguir.

- I. Catedrático e edil.
- II. Letrista e virgopalense.
- III. Mestre e letrista.
- IV. Membro do magistério e orador.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

► Texto para a questão 221.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquivada que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traçoieira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhava-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

221 Fuvest 2015 O conceito de hiperônimo (vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro) aplica-se à palavra “planta” em relação a “palmeira”, “trevos”, “baunilha” etc., todas presentes no texto. Tendo em vista a relação que estabelece com outras palavras do texto, constitui também um hiperônimo a palavra

- (a) “alma”.
- (b) “impressões”.
- (c) “fazenda”.
- (d) “cobra”.
- (e) “saudade”.

► Para a questão 220, leia o texto abaixo.

É POSSÍVEL FAZER EDUCAÇÃO DE QUALIDADE SEM ESCOLA

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrito” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certa: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.” Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

(Qsocial, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/portofolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/)

220 Unicamp 2016 Em relação ao trecho "E ainda colocou em uso termos como 'empodimento', após várias vezes ser questionado pelas comunidades: 'Pode [fazer tal coisa], Tião?' Seguida da resposta certa: 'Pode, pode tudo'", é correto afirmar:

- (a) A expressão "Seguida da resposta certa" indica a elipse de uma outra expressão.
- (b) A criação da palavra "empodimento" é resultado de um processo: sufixação.
- (c) A repetição do verbo no enunciado "Pode, pode tudo" exemplifica o estilo reiterativo do texto.
- (d) O discurso direto presente no trecho tem a função de dar voz às comunidades.

► Leia o soneto "Aquele triste e leda madrugada", do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão 125.

*Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.*

*Ela só, quando amena e marchetada
safa, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.*

*Ela só viu as lágrimas em fio
que, de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.*

*Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.*

Sonetos, 2001.

125 Unifesp 2018 Observa-se a elipse (supressão) do termo "vontade" no verso:

- (a) "viu apartar-se de uma outra vontade," (2ª estrofe)
- (b) "cheia toda de mágoa e de piedade," (1ª estrofe)
- (c) "quero que seja sempre celebrada," (1ª estrofe)
- (d) "Ela só viu as lágrimas em fio" (3ª estrofe)
- (e) "que puderam tornar o fogo frio," (4ª estrofe)

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 11

- 228. D
- 229. E
- 230. D
- 231. C
- 232. C
- 233. D
- 226. A
- 227. A
- 222. A
- 223. D
- 224. F; V; V; F; F
- 225. B
- 221. B
- 220. A
- 125. A

LIVRO 1 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 12

► Instrução: As questões 240 e 241 tomam por base um fragmento de uma peça do teatrólogo Guilherme Figueiredo (1915-1997).

A RAPOSA E AS UVAS

(Casa de Xantós, em Samos. Entradas à D., E., e F. Um gongo. Uma mesa. Cadeiras. Um "clismos". Pelo pórtico, ao fundo, vê-se o jardim. Estão em cena Cleia, esposa de Xantós, e Melita, escrava. Melita penteia os cabelos de Cleia.)

MELITA: — (Penteando os cabelos de Cleia.) *Então Rodópis contou que Crisipo reuniu os discípulos na praça, apontou para o teu marido e exclamou: "Tens o que não perdeste". Xantós respondeu: "É certo". Crisipo continuou: "Não perdeste chifres". Xantós concordou: "Sim". Crisipo finalizou: "Tens o que não perdeste; não perdeste chifres, logo os tens". (Cleia ri.) Todos riram a valer.*

CLEIA: — *É engenhoso. É o que eles chamam sofisma. Meu marido vai à praça para ser insultado pelos outros filósofos?*

MELITA: — *Não; Xantós é extraordinariamente inteligente... No meio do riso geral, disse a Crisipo: "Crisipo, tua mulher te engana, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha!" E aí os discípulos de Crisipo e os de Xantós atiraram-se uns contra os outros...*

CLEIA: — *Brigaram? (Assentimento de Melita.) Como é que Rodópis soube disto?*

MELITA: — *Ela estava na praça.*

CLEIA: — *Vocês, escravas, sabem mais do que se passa em Samos do que nós, mulheres livres...*

MELITA: — *As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.*

CLEIA: — *É verdade. Gostarias de ser livre?*

MELITA: — *Não, Cleia. Tenho conforto aqui, e todos me consideram. É bom ser escrava de um homem ilustre como teu marido. Eu poderia ter sido comprada por algum mercador, ou algum soldado, e no entanto tive a sorte de vir a pertencer a Xantós.*

CLEIA: — *Achas isto um consolo?*

MELITA: — *Uma honra. Um filósofo, Cleia!*

CLEIA: — *Eu preferia que ele fosse menos filósofo e mais marido. Para mim os filósofos são pessoas que se encarregam de aumentar o número dos substantivos abstratos.*

MELITA: — *Xantós inventa muitos?*

CLEIA: — *Nem ao menos isto. E aí é que está o trágico: é um filósofo que não aumenta o vocabulário das controvérsias. Já terminaste?*

MELITA: — *Quase. É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm. Xantós beija os teus cabelos? (Muxoxo de Cleia.) Eu admiro teu marido.*

CLEIA: — *Por que não dizes logo que o amas? Gostarias bastante se ele me repudiasse, te tornasse livre e se casasse contigo...*

MELITA: — *Não digas isto... Além do mais, Xantós te ama...*

CLEIA: — *À sua maneira. Faça parte dos bens dele, como tu, as outras escravas, esta casa...*

MELITA: — *Sempre que viaja te traz presentes.*

CLEIA: — *Não é o amor que leva os homens a dar presentes às esposas: é a vaidade; ou o remorso.*

MELITA: — *Xantós é um homem ilustre.*

CLEIA: — *É o filósofo da propriedade: "Os homens são desiguais: a cada um toca uma dádiva ou um castigo". É isto democracia grega...*

É o direito que o povo tem de escolher o seu tirano: é o direito que o tirano tem de determinar: deixo-te pobre; faço-te rico; deixo-te livre; faço-te escravo. É o direito que todos têm de ouvir Xantós dizer que a injustiça é justa, que o sofrimento é alegria, e que este mundo foi organizado de modo a que ele possa beber bom vinho, ter uma bela casa, amar uma bela mulher. Já terminaste?

MELITA: — *Um pouco mais, e ainda estarás mais bela para o teu filósofo.*

CLEIA: — *O meu filósofo... Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...*

Guilherme Figueiredo. Um deus dormiu lá em casa, 1964.

Clismo: espécie de cama para recostar-se.

240 Unesp 2013 Entre as frases, extraídas do texto, aponte a que consiste num raciocínio fundamentado na percepção de uma contradição:

- (a) *Tenho conforto aqui, e todos me consideram.*
- (b) *As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.*
- (c) *É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm.*
- (d) *Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...*
- (e) *Xantós é extraordinariamente inteligente...*

241 Unesp 2013 [...] *a injustiça é justa – o sofrimento é alegria*. O impacto estilístico destas duas frases de uma das falas de Cleia se deve à utilização expressiva de _____ entre conceitos. O termo que preenche corretamente a lacuna é:

- (a) refinamento. (c) contradição. (e) similaridade.
- (b) liberação. (d) semelhança.

► A questão **239** aborda um poema de Raul de Leoni (1895-1926).

A alma das cousas somos nós...

*Dentro do eterno giro universal
Das cousas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual
Nada mais, na verdade,*

5 *Nunca mais se repete exatamente...*

*Sim, as cousas são sempre as mesmas na corrente
Que no-las leva e traz, num círculo fatal;
O que varia é o espírito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,
10 Que sempre as vive diferentemente,
E, assim, a vida é sempre inédita, afinal...*

*Estado de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e trêmulos, nuanças
Suscetíveis, sutis, que fogem no íris*

15 *Da sensibilidade furta-cor...*

*E a nossa alma é a expressão fugitiva das cousas
E a vida somos nós, que sempre somos outros!...
Homem inquieto e vão que não repousa!
Para e escuta:*

20 *Se as cousas têm espírito, nós somos*

*Esse espírito efêmero das cousas,
Volúvel e diverso,
Variando, instante a instante, intimamente,
E eternamente,*

25 *Dentro da indiferença do Universo!...*

(Luz mediterrânea, 1965.)

239 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 9

No último verso do poema, o eu lírico conclui que

- (a) os espíritos mostram-se insensíveis ao volúvel Universo.
- (b) o Universo acompanha de perto a alma ou espírito.
- (c) o Universo é indiferente à relação entre o espírito e as coisas.
- (d) a variação das coisas é indiferente ao espírito que as sente.
- (e) as coisas têm espírito, mas o Universo não tem.

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 12

240. B

241. C

239. C

LIVRO 1 - Questões objetivas

PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 13

► Texto para a questão **265**.

A ROSA DE HIROXIMA

- Pensem nas crianças*
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
5 *Pensem nas mulheres*
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
10 *Da rosa da rosa*
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
15 *A rosa com cirrose*
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinícius de Moraes. Antologia poética.

265 **Fuvest 2011** Dentre os recursos expressivos presentes no poema, podem-se apontar a sinestesia e a aliteração, respectivamente, nos versos:

- (a) 2 e 17. (d) 9 e 18.
(b) 1 e 5. (e) 14 e 3.
(c) 8 e 15.

► As questões **266** e **267** tomam por base o seguinte fragmento do diálogo *Fedro*, de Platão (427-347 a.C.).

FEDRO

SÓCRATES: – Vamos então refletir sobre o que há pouco estávamos discutindo; examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o que seja recitar ou escrever mal.

FEDRO: – Isso mesmo.

SÓCRATES: – Pois bem: não é necessário que o orador esteja bem instruído e realmente informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

FEDRO: – A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal – pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

SÓCRATES: – Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir no que ela significa. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

FEDRO: – Tens razão.

SÓCRATES: – Examinemos, pois, essa afirmação.

FEDRO: – Sim.

SÓCRATES: – Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum de nós sabe o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: “Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas”...

FEDRO: – Isso seria ridículo, querido Sócrates.

SÓCRATES: – Um momento. Ridículo seria se eu tratasse seriamente de persuadir-te a que escrevesse um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitíssimo prático comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para vários outros misteres.

FEDRO: – Isso seria ainda ridículo.

SÓCRATES: – Um amigo que se mostra ridículo não é preferível ao que se revela como perigoso e nocivo?

FEDRO: – Não há dúvida.

SÓCRATES: – Quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho, – nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

FEDRO: – Não pode ser muito bom fruto.

SÓCRATES: – Mas vejamos, meu caro: não nos teremos excedido em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: “que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém – dirá ela – que ignore a verdade a aprender a falar. Mas quem ouve o meu conselho tratará de adquirir primeiro esses conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições a posse da verdade de nada servirá para engendrar a persuasão”.

FEDRO: – E não teria ela razão dizendo isso?

SÓCRATES: – Reconheço que sim, se os argumentos usuais provarem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é isso, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônio declara: “não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa”.

Platão. *Diálogos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

266 **Unesp 2011** Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir no que ela significa.

Nesta frase, Sócrates, para rotular o tipo de discurso que acaba de ser sugerido por Fedro, emprega *palavra hábil* com o sentido de:

- (a) discurso prolixo e ininteligível.
(b) pronúncia adequada das palavras.
(c) habilidade de leitura.
(d) expressão de significados contraditórios, absurdos.
(e) discurso eficiente em seus objetivos.

267 Unesp 2011 ...que frutos a retórica poderá colher daquilo que ela semeou?

Esta passagem apresenta conformação alegórica, em virtude do sentido figurado com que são empregadas as palavras *frutos*, *colher* e *semeou*. Aponte, entre as alternativas a seguir, aquela que contém, na ordem adequada, palavras que, sem perda relevante do sentido da frase, evitam a conformação alegórica:

- (a) alimentos – colher – plantou.
- (b) resultados – produzir – prescreveu.
- (c) lucros – contabilizar – investiu.
- (d) textos – apresentar – negou.
- (e) efeitos – causar – menosprezou.

► A questão **268** toma por base uma passagem do romance regionalista *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

CONTAS

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezeros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Foijara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrendeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

268 Unesp 2011 Quem é do chão não se trepa.

Fabiano emprega duas vezes este provérbio para retratar com certo determinismo sua situação, que ele considera impossível de ser mudada. Há outros que poderiam ser utilizados para retratar essa atitude de desânimo ante algo que parece irreversível. Na relação de provérbios a seguir, aponte aquele que não poderia substituir o empregado por Fabiano, em virtude de não corresponder àquilo que a personagem queria significar.

- (a) Quem nasce na lama morre na bicharia.
- (b) Quem semeia ventos colhe tempestades.
- (c) Quem nasceu pra tostão não chega a milhão.
- (d) Quem nasceu pra ser tatu morre cavando.
- (e) Os paus, uns nasceram para santos, outros para tamancos.

► Instrução: Leia o texto para responder à questão **269**.

*Por causa do assassinato do caminhoneiro Pascoal de Oliveira, o Nego, pelo – também caminhoneiro – japonês Kababe Massame, após uma discussão, em 31 de julho de 1946, a população de Osvaldo Cruz (SP), que já estava com os nervos à flor da pele em virtude de dois atentados da **Shindô-Renmei** na cidade, saiu às ruas e invadiu casas, disposta a maltratar “impiedosamente”, na palavra do historiador local José Alvarenga, qualquer japonês que encontrasse pela frente. O linchamento dos japoneses só foi totalmente controlado com a intervenção de um destacamento do Exército, vindo de Tupã, chamado pelo médico Oswaldo Nunes, um herói daquele dia totalmente atípico na história de Osvaldo Cruz e das cidades brasileiras.*

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o eclipse do Estado Novo e o desmantelamento da Shindô-Renmei, inicia-se um ciclo de emudecimento, de ambos os lados, sobre as quatro décadas de intolerância vividas pelos japoneses. Do lado local, foi sedimentando-se no mundo das letras a ideia do país como um “paraíso racial”. Do lado dos imigrantes, as segundas e terceiras gerações de filhos de japoneses se concentraram, a partir da década de 1950, na construção da sua ascensão social. A história foi sendo esquecida, junto com o idioma e os hábitos culturais de seus pais e avós.

Matinas Suzuki Jr. Folha de S.Paulo, 20 abr. 2008. (Adapt.).

Shindô-Renmei foi uma organização nacionalista, que surgiu no Brasil após o término da Segunda Guerra Mundial, formada por japoneses que não acreditavam na derrota do Japão na guerra. Possuía alguns membros mais fanáticos que cometiam atentados, tendo matado e ferido diversos cidadãos nipo-brasileiros.

269 Unifesp 2011 No texto, os termos *à flor da pele* e *eclipse* trazem as ideias de, respectivamente:

- (a) irritação e ressurgimento.
- (b) ódio e obscurecimento.
- (c) vingança e desaparecimento.
- (d) nervosismo e recrudescimento.
- (e) ultrasensibilidade e final.

► Instrução: Leia o excerto para responder à questão **270**.

*Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...*

*Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
E assim roubados à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisãol...*

Castro Alves. Fragmento de *O navio negreiro* – tragédia no mar.

270 Unifesp 2011 Nesse fragmento do poema,

- (a) o poeta se vale do recurso ao paralelismo de construção apenas na primeira estrofe.
- (b) o eu poemático aborda o problema da escravidão segundo um jogo de intensas oposições.
- (c) os animais evocados – leão, jaguar e serpente – têm, respectivamente, sentidos denotativo, denotativo e metafórico.
- (d) o tom geral assumido pelo poeta revela um misto de emoção, vigor e resignação diante da escravidão.
- (e) os versos são constituídos alternadamente por sete e oito sílabas poéticas.

► Instrução: A questão **271** toma por base o fragmento:

[...] Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – "ai, nhonhô!" – ao que eu retorquia: "Cala a boca, besta!" – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemtor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

271 Unifesp 2011 Para reforçar a caracterização do "menino diabo" atribuída ao narrador, é utilizado principalmente o seguinte recurso estilístico:

- (a) amplo uso de metáforas que se reportam aos comportamentos negativos do menino.
- (b) seleção lexical que emprega muitos vocábulos raros à época, particularmente os adjetivos.
- (c) recurso frequente ao discurso direto para exemplificar as traquinagens do garoto.
- (d) utilização recorrente de orações coordenadas sindéticas aditivas.
- (e) emprego significativo de orações subordinadas adjetivas restritivas.

► Instrução: A questão **272** toma por base o fragmento.

[Sem-Pernas] queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) que vivera sazinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família. Vivera na casa de um padeiro a quem chamava "meu padrinho" e que o surrava. Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um caninho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua pema coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A pema coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto.

João Amado. *Capitães do arde*.

272 Unifesp 2011 O emprego da figura de linguagem conhecida como "prosopopeia" (ou "personificação") põe mais em evidência a principal razão pela qual Sem-Pernas é estigmatizado. O trecho que contém essa figura é:

- (a) *A pema coxa se recusava a ajudá-lo.*
- (b) *Em cada canto estava um com uma borracha comprida.*
- (c) *[...] depois, não sabe como, as lágrimas secaram.*
- (d) *E a borracha zunia nas suas costas [...]*
- (e) *Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora.*

Cogito

*eu sou como eu sou
pronomes
pessoal intransferível
do homem que iniciarei
na medida do impossível
eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dantes
sem novos segredos dentes
nesta hora
eu sou como eu sou
presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim
eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranquilamente
todas as horas do fim.*

Torquato Neto. "Cogito". In: *Os cem melhores poemas do século*. Italo Moriconi (Org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 269.

Os versos "pronomes/pessoal intransferível" (v. 2-3) evidenciam:

- (a) uma anáfora, pela repetição marcada da ideia de individualidade.
- (b) uma hipérbole, através da ênfase expressiva da condição existencial do eu poético.
- (c) uma metonímia, por meio da substituição do indivíduo em sua inteireza por uma classe gramatical.
- (d) um paradoxo, pela contradição presente no conceito experimentado pelo eu e o conceito teórico de pronomes pessoais.
- (e) uma metáfora, na relação de semelhança da percepção do eu em função de sua existência e o conceito e a função do pronomes pessoais.

► Texto para a questão 274.

METÁFORA

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: LATA
Pode estar querendo dizer o incontível
Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: META
Pode estar querendo dizer o inatingível
Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível
Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

Disponível em: <<http://letras.tema.com.br/gilberto>>.

274 Ufac 2011 Na música "Metáfora", a definição de linguagem também é encontrada na alternativa:

- (a) "O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais."
Carlos Drummond de Andrade.
- (b) "O bonde passa cheio de pernas."
Carlos Drummond de Andrade.
- (c) "[...] beijou sua mulher como se fosse lógico"
Chico Buarque.
- (d) "Milagrosa aquela mancha verde, e úmida, macia, quase irreal"
Augusto Meyer.
- (e) "[...] toda gente homenageia Januária na janela"
Chico Buarque.

► Textos para a questão 275.

TEXTO 1

[...]
*O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a vontade (sic)
Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de "rubim"
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim
Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada
As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura
Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e dispoldado [sic]
peru nasce de escova
sem comer vive cevado
[...]*

Manoel Camilo das Santas. *Viagem a São Saruê*. MEC/PRONASEC RURAL - SEC/PB/UFPA/FUANPE, 1981.

TEXTO 2



Cândido Portinari. Retirantes. 1955.

275 UFRN 2011 Com relação ao ponto de vista expresso em cada um dos textos, é correto afirmar que:

- (a) os dois textos, como diferentes manifestações artísticas, desconsideram a realidade vivenciada pelo homem em situações adversas.
- (b) o texto 1 constrói uma realidade idealizada, e o conjunto das imagens do texto 2 pode ser compreendido como uma antítese em relação a essa realidade.
- (c) os conteúdos expressos nos dois textos são antagônicos, embora sejam manifestações do mesmo tipo de linguagem e de organização temática.
- (d) o texto 2, por ser organizado somente com imagens, impossibilita a construção de interpretações sobre seu conteúdo.

276 Ufpel 2011

A FELICIDADE

- 1 Tristeza não tem fim
Felicidade sim
A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
- 5 Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar
A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
- 10 A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei ou de pirata ou jardineira
Pra tudo se acabar na quarta-feira
- 15 Tristeza não tem fim
Felicidade sim
A minha felicidade está sonhando
Nos olhos da minha namorada
É como esta noite, passando, passando

20 Em busca da madrugada
Falem baixo, por favor
Pra que ela acorde alegre com o dia
Oferecendo beijos de amor

Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/tom-jobim/53/>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

No verso *A minha felicidade está sonhando* (verso 17), a figura de linguagem utilizada é:

- (a) prosopopeia.
- (b) metonímia.
- (c) hipérbole.
- (d) pleonasmo.

► Texto para a questão 277.

*O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.*

*Vejo-o puro
E afável ao paladar
Como beijo de moça, água
Na pele, flor
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
Não foi feito por mim.*

*Este açúcar veio
Da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono
[da mercearia.]*

*Este açúcar veio
De uma usina de açúcar em Pernambuco
Ou no Estado do Rio
E tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
E veio dos canaviais extensos
Que não nascem por acaso
No regaço do vale.
Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.
Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema.*

- 277** IME 2011 Com base no texto, responda à questão seguinte. A respeito da figura de linguagem utilizada na última estrofe do texto, podemos afirmar que:
- (a) é uma antítese e revela um contraste social.
 - (b) é uma autonomásia e expressa as péssimas condições de trabalho dos canavieiros.
 - (c) é um eufemismo e ressalta o valor dado por um elemento de classe média alta carioca ao trabalho nos canaviais.
 - (d) a cor branca e a pureza são metáforas que expressam a admiração do poeta pelo ato de adoçar o café matutino.
 - (e) há uma catacrese em "com que adoço meu café esta manhã em Ipanema" expressando parte do ritual de tomar café.

► Texto para a questão **253**.

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tomava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. [...]

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tomar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo. O cortiço.

253 Fuvest 2012 Ao comparar Jerônimo com uma crisálida, o narrador alude, em linguagem literária, a fenômenos do desenvolvimento da borboleta, por meio das seguintes expressões do texto:

- I. "transformação, lenta e profunda" (L. 4);
- II. "reviscerando" (L. 5);
- III. "alando" (L. 5);
- IV. "trabalho misterioso e surdo" (L. 6).

Tais fenômenos estão corretamente indicados em:

- (a) I, apenas. (c) III e IV, apenas. (e) I, II, III e IV.
- (b) I e II, apenas. (d) II, III e IV, apenas.

► Instrução: As questões **254** e **255** tomam por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

UMA CAMPANHA ALEGRE, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma pela que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.*

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

*E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num chouto** tão triunfante!*

Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].

* Pela: bola.

** Chouto: trote miúdo.

254 Unesp 2012... *cheios de fel e de tédio...*

Nesta passagem do sexto parágrafo, o cronista se utiliza figuradamente da palavra *fel* para significar:

- (a) rancor.
- (b) eloquência.
- (c) esperança.
- (d) medo.
- (e) saudade.

255 Unesp 2012 Considerando que o último parágrafo do fragmento representa uma ironia do cronista, seu significado contextual é:

- (a) Portugal vai muito bem, apesar de seus maus governantes.
- (b) A alternância dos grupos no poder faz bem ao país.
- (c) O país experimenta um progresso vertiginoso.
- (d) O país vai mal em todos os sentidos.
- (e) Portugal não se importa com seus políticos.

► Instrução: A questão **256** toma por base um artigo de Don Tapscott (1947-).

O FIM DO MARKETING

A empresa vende ao consumidor – com a web não é mais assim

Com a internet se tomando onipresente, os Quatro Ps do marketing – produto, praça, preço e promoção – não funcionam mais. O paradigma era simples e unidirecional: as empresas vendem aos consumidores. Nós criamos produtos; fixamos preços; definimos os locais onde vendê-los; e fazemos anúncios. Nós controlamos a mensagem. A internet transforma todas essas atividades.

[...]

Os produtos agora são customizados em massa, envolvem serviços e são marcados pelo conhecimento e os gostos dos consumidores. Por meio de comunidades online, os consumidores hoje participam do desenvolvimento do produto. Produtos estão se tomando experiências. Estão mortas as velhas concepções industriais na definição e marketing de produtos.

[...]

Graças às vendas online e à nova dinâmica do mercado, os preços fixados pelo fornecedor estão sendo cada vez mais desafiados. Hoje questionamos até o conceito de “preço”, à medida que os consumidores ganham acesso a ferramentas que lhes permitem determinar quanto querem pagar. Os consumidores vão oferecer vários preços por um produto, dependendo de condições específicas. Compradores e vendedores trocam mais informações e o preço se torna fluido. Os mercados, e não as empresas, decidem sobre os preços de produtos e serviços.

[...]

A empresa moderna compete em dois mundos: um físico (a praça, ou marketplace) e um mundo digital de informação (o espaço mercadológico, ou market-space). As empresas não devem preocupar-se com a criação de um web site vistoso, mas sim de uma grande comunidade online e com o capital de relacionamento. Corações, e não olhos, são o que conta. Dentro de uma década, a maioria dos produtos será vendida no espaço mercadológico. Uma nova fronteira de comércio é a marketface – a interface entre o marketplace e o market-space.

[...]

Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder. As comunidades online perturbam drasticamente esse modelo. Os consumidores com frequência têm acesso a informações sobre os produtos, e o poder passa para o lado deles. São eles que controlam as regras do mercado, não você. Eles escolhem o meio e a mensagem. Em vez de receber mensagens enviadas por profissionais de relações públicas, eles criam a “opinião pública” online.

Os marqueteiros estão perdendo o controle, e isso é muito bom.

Don Tapscott. *O fim do marketing*. INFO, São Paulo, Editora Abril, jan. 2011, p. 22.

256 Unesp 2012 *Publicidade, promoção, relações públicas etc. exploram “mensagens” unidirecionais, de um-para-muitos e de tamanho único, dirigidas a consumidores sem rosto e sem poder.*

Nesta passagem do quinto parágrafo, ao empregar a expressão *consumidores sem rosto e sem poder*, o autor sugere que:

- (a) nas compras via internet, o consumidor é sempre anônimo.
- (b) no sistema de *marketing* tradicional, pensa-se nos consumidores como massa, e não como indivíduos personalizados.
- (c) a identidade e a opinião do consumidor não interessam a nenhum comerciante, mas apenas as vendas.
- (d) o anonimato é o princípio fundamental de todo tipo de comércio.
- (e) o poder do consumidor é proporcional ao dinheiro que possui.

► Instrução: As questões **257** a **260** tomam por base um fragmento de uma elegia de Vinicius de Moraes (1913-1980).

ELEGIA NA MORTE DE CLODOALDO PEREIRA DA SILVA MORAES, POETA E CIDADÃO

*A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.*

De repente não tinha pai.

*No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor tua
[lembrança*

*Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância
Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino
Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna
Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta
De Augusto geralmente procrastinava a tarde.*

*Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho
Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...*

*Dizíamos: “É-vem meu pai!” Quando a curva
Se acendia de luzes **semoventes**, ah, corríamos
Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes
Mas ser **marraio** em teus braços, sentir por último
Os doces espinhos da tua barba.*

*Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e paciência
Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura*

*De quem se deixou ser. Teus ombros possantes
Se curvavam como ao peso da enorme poesia*

*Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos
Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios*

*Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo
Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras*

*Mirando o mar). Dize-me, meu pai
Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance*

*Que nunca revelaste a ninguém?
Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta
[exausto no último lance da maratona.*

*Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais
Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa humilde*

*A um gesto do mar. A noite se fechava
Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.*

*Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando o mar
Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios*

*Buscavam ilhas, outras ilhas... – as imaculadas, inacessíveis
Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar*

*E trazer – depositar aos pés da amada as joias fulgurantes
Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles
Dos mais **provectos**. Muitas vezes te vi, comandante
Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência
De vastos e noturnos oceanos
Sem jamais.
Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste*

*A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar
Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor
Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas
Teu amor inventou. Financiaste uma lancha
Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia
Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.
Doze luas voltaste. Tua primogênita – diz-se –
Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas
[águas-marinhas.*

Vinícius de Moraes. *Antologia poética*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.

Semovente: "Que ou o que anda ou se move por si próprio."

Marralo: "No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primetro a grita, o direito de ser o último a jogar."

Provecto: "Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre."
Dicionário Eletrônico Houaiss

257 Unesp 2012 O barbante cortava teus dedos / Pesados de mil embrulhos:

O emprego da expressão *mil embrulhos* no verso mencionado caracteriza-se como figura de linguagem denominada hipérbole, porque:

- é uma imagem exagerada, mas expressiva, do fato referido no verso.
- "barbante" aparece personificado, com atitudes humanas.
- ocorre uma comparação entre um fato real e um fato fictício.
- o eu poemático tenta precisar metonimicamente o que não é preciso.
- há uma relação de contiguidade semântica entre "dedos" e "embrulhos".

258 Unesp 2012 Marque a alternativa cujo verso contém um pleonasmo, ou seja, uma redundância de termos com bom efeito estilístico.

- De repente não tinha pai.*
- Rangia nos trilhos a muitas praias de distância..*
- Se curvavam como ao peso da enorme poesia*
- Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.*
- Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste*

259 Unesp 2012 Quando a curva / Se acendia de luzes semoventes, Esta imagem significa, nos versos em que surge,

- o mar ao longe refletia as luzes da cidade.
- o bonde se aproximava todo iluminado.
- a lua despontava no horizonte, trêmula e brilhante.
- as luzes dos postes se acendiam, ao anoitecer.
- a curvatura do céu todo estrelado aparecia à noite.

260 Unesp 2012 Partiste um dia / Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.

O emprego da palavra *brasil* com inicial minúscula, no poema de Vinícius, tem a seguinte justificativa:

- O eu poemático se serve da inicial minúscula para menosprezar o país.
- Empregar um nome próprio com inicial minúscula era comum entre os modernistas.
- O eu poemático emprega "brasil" como metáfora de "paraíso", onde crê estar a alma de seu pai.
- O emprego da inicial maiúscula em nomes de países é facultativo.
- Na acepção em que é empregada no texto, a palavra "brasil" é um substantivo comum.

► Instrução: As questões **261** e **262** tomam por base fragmentos de um livro do búlgaro Tzvetan Todorov (1939-), linguista e teórico da literatura.

A LITERATURA EM PERIGO

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. Como já o disse, essa ideia não é estranha a uma boa parte do próprio mundo do ensino; mas é necessário passar das ideias à ação. Num relatório estabelecido pela Associação dos Professores de Letras, podemos ler: "O estudo de Letras implica o estudo do homem, sua relação consigo mesmo e com o mundo, e sua relação com os outros." Mais exatamente, o estudo da obra remete a círculos concêntricos cada vez mais amplos: o dos outros escritos do mesmo autor, o da literatura nacional, o da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, nos é efetivamente dado pela própria existência humana. Todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão.

O que devemos fazer para desdobrar o sentido de uma obra e revelar o pensamento do artista? Todos os "métodos" são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos. [...]

[...]

[...] Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tomará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender

com esses mesmos professores do que com os manuais preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das ideias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos.

Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário, o qual não serviria mais unicamente à reprodução dos professores de Letras, podemos facilmente chegar a um acordo sobre o espírito que o deve conduzir: é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. “É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura”, escrevia Paul Bénichou. A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor.

Tzvetan Todorov. *A literatura em perigo*. 2 ed. Trad. Galo Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 89-94.

261 Unesp 2012 Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios?

Com base no fato de que a palavra “imersão”, usada na expressão *uma imersão na obra*, caracteriza uma metáfora, indique a alternativa que elimina essa metáfora sem perda relevante de sentido:

- (a) uma imitação da obra.
- (b) uma paráfrase da obra.
- (c) uma censura da obra.
- (d) uma transformação da obra.
- (e) uma leitura da obra.

262 Unesp 2012 No segundo parágrafo do fragmento apresentado, Todorov afirma que *Todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tomarem fins em si mesmos*. O autor defende, com essa afirmação, o argumento segundo o qual o verdadeiro valor de um método de análise literária:

- (a) consiste em ser exato e perfeito, superior a todos os demais.
- (b) está em ser completo: quando terminar a análise, nada mais deve restar a explicar.
- (c) consiste em servir de instrumento adequado à análise e interpretação da obra.
- (d) reside no fato de que, depois de aplicado, deve ser substituído por outro melhor.
- (e) é mostrar mais suas próprias virtudes que as da obra focalizada.

► Instrução: Leia os versos do poeta Manoel de Barros para responder à questão **263**.

1
Descobri aos 13 anos que o que me
dava prazer nas leituras não era a
beleza das frases, mas a doença delas.
2
Respeito as oralidades.
Eu escrevo o rumor das palavras.
Não sou sandeu* de gramáticas.
Só sei o nada aumentado.

Versos extraídos de *O Livro das Ignorâncias*.

*tolo

263 Unifesp 2012 Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss*, paradoxo é uma “aparente falta de nexos ou de lógica; contradição”. Nos versos de Manoel de Barros, exemplifica-se a definição do dicionário com:

- (a) Descobri aos 13 anos...
- (b) ... não era a beleza das frases...
- (c) Respeito as oralidades.
- (d) Não sou sandeu de gramáticas.
- (e) Só sei o nada aumentado.

264 Insper 2012 Ah, Scarlett, mulher sinestesia, seu nome tem o som da cor dos seus lábios: Scarlett, scarlet, escarlate.

Álvaro Pereira Júnior, em referência à atriz Scarlett Johansson. *Folha de S.Paulo*, 17 set. 2011.

O que melhor explica o aposto “mulher sinestesia” atribuído à atriz é o(a):

- (a) jogo de palavras com apelo sonoro ao final do período.
- (b) enumeração ascendente que intensifica a ideia relacionada à cor vermelha.
- (c) junção de planos sensoriais diferentes numa só impressão.
- (d) modo exagerado e dramático como o autor se refere à beleza da atriz.
- (e) personificação dos lábios da mulher, atribuindo-lhe vida própria.

250 Unifesp 2013



Disponível em: <www.witturnusgareil.com.br>.

O efeito de humor da tira advém, dentre outros fatores, da:

- (a) ironia, verificada na fala da personagem como intenção clara de afirmar o contrário daquilo que está dizendo.
- (b) paronomásia, verificada pelo emprego de palavras parecidas na escrita e na pronúncia, à moda de um trocadilho.
- (c) metáfora, verificada pelo emprego de termos que podem se cambiar como formas sinônimas no enunciado.
- (d) metonímia, verificada pelo emprego de uma palavra em lugar de outra por uma relação de contiguidade.
- (e) onomatopéia, verificada pelo recurso à sonoridade das palavras, que atribui outros sentidos ao enunciado.

251 UFPA 2013 Leia o texto a seguir.

Os planos do dr. Juca agradaram à parentela. Todos entrariam na sociedade. E fizeram a usina Bom Jesus, com as ferragens adquiridas de uma outra, que se desfizera de ferro-velho para aumentar de capacidade. O dr. Juca achou o negócio ótimo. As caldeiras, o vácuo, as turbinas, a moenda tinham sido comprados por um preço muito baixo. Se fosse ferro novo seria uma fortuna.

Fizeram festa na botada. Os jornais da Paraíba deram notícias, falando no progresso que entrava para a várzea do Paraíba, no gênio empreendedor do dr. José de Melo, na riqueza que seria para o estado um empreendimento daquele gênero.

O Santa Rosa se encheu de convidados. A velha casa, onde o velho José Paulino vivera os seus oitenta e tantos anos, se reformara também. Ali na cozinha, nas portas largas por onde entravam e saíam os moradores e as negras, tinham posto grades de ferro. A sala de visitas se enfeitara de poltronas, como as que se viam nas casas da cidade. Os

quartos de dormir se forraram. O grande casarão tomava assim outras cores, outro jeito, outras maneiras de receber os que chegavam. Aquele ar bonacheirão, aquelas portas abertas, a cozinha sempre cheia de gente, tudo que era tão natural e tão seu, se fora. A casa-grande da usina não podia continuar a ser uma casa-grande de engenho. O dr. Juca cuidara de dar-lhe uma cara mais decente. Aquele banco do alpendre de paubruço, aonde o velho José Paulino dava as suas audiências, fora substituída, desaparecera para um canto qualquer. Ali agora brilhava a palha branca de umas cadeiras de vime. A rua, a antiga senzala dos negros, não podia ficar bem defronte de uma residência de usineiro. Botaram abaixo. E as negras tiveram que procurar abrigo mais para longe. Avelina, Luísa, Generosa, Joana Gorda que fossem arranjar os seus teréns lá para o alto.

D. Dondon, mulher do dr. Juca, estranhou aquilo. Falou com o marido, que aquilo não se fazia, que as negras não podiam ser tratadas como cachorros. Eram do engenho, o velho criara aquela gente. E fazer o que faziam com elas era uma ruindade sem tamanho. Então o dr. Juca deixou que o povo ficasse na velha casa de d. Inês, lá para as bandas do curral grande. Era uma casa abandonada há anos, por onde ninguém quisera habitar, com medo dos mal-assombrados. Limparam, deram-lhe uma tinta nova, dividiram em quartos e para lá se mudou a rua, com os baús velhos, os cacarecos que há mais de cem anos vinham mudando de dono mas ficando sempre pelos mesmos cantos.

Agora a casa-grande da usina não tinha mais para lhe tomar a frente o arruado feio de taipa, com aquelas negras sentadas pelo chão, tirando as suas sestas. A casa-grande brilhava livre daquela feiura. No dia da botada da Bom Jesus houve festa de arrombar, veio banda de música, gente de toda a parte, parentes do Itambé. E até o governador mandara o seu representante. O povo lá por fora, os cabras de eito, os agregados olhavam o acontecimento de boca aberta. Os antigos moradores, os João Rouco, estavam também animados com a mudança. Os paredões do engenho haviam crescido, o telheiro baixo de antigamente subira. Folhas de zinco cobriam a maquinaria, uma chaminé de tijolo vermelho mostrava-se nova em folha, dominando tudo com aquela ponta fina dos para-raios. O povo pobre olhava para a usina embevecido. Mulheres tinham vindo de longe para ver. Usina para elas era uma coisa de um poder extraordinário. Queriam ver de perto aquele monstro. Mas não devia haver tanta coisa de extraordinário para contentar aquelas imaginações. A maquinaria estendia-se, as moedas grandes, a roda gigante, e a esteira puxando cana. Tudo muito maior que o engenho, mas nada com o grandioso que diziam. Os que já tinham visto a Goiana Grande se desapontavam com o tamanho da Bom Jesus. Aquilo era mais um meio aparelho.

José Lins do Rego. Usina. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 89-91.

No texto, a personificação é um recurso linguístico utilizado pelo narrador para descrever a reforma do casarão.

Nesse sentido, identifique os fragmentos em que ocorre esse recurso:

- I. "A sala de visitas se enfeitara de poltronas, como as que se viam nas casas da cidade." (linhas 14 a 16)
- II. "Aquele ar bonacheirão, aquelas portas abertas, a cozinha sempre cheia de gente, [...]" (linhas 18 e 19)
- III. "O dr. Juca cuidara de dar-lhe uma cara mais decente." (linha 21)
- IV. "A casa-grande brilhava livre daquela feiura." (linha 41)

Estão corretos apenas os fragmentos:

- (a) II, III e IV
- (b) I, II e III
- (c) I e II
- (d) I e IV
- (e) III e IV

252 UEA 2013 Considere a tirinha em que se veem os amigos Cebolinha e Magali, após a realização de uma pescaria.



Maurício de Sousa. O Estado de S.Paulo.

Como um dos recursos para provocar humor, o artista serviu-se da figura de linguagem:

- (a) eufemismo, pois Magali age dissimuladamente mostrando indiferença, quando na verdade pretendia comer o peixe sozinha.
- (b) metáfora, porque ocorre uma comparação entre o peixe inteiro, no primeiro quadrinho, e o peixe consumido por Magali, no segundo.
- (c) hipérbole, visto que é inviável, na prática, uma criança como Magali consumir um peixe nas proporções do que é retratado na cena.
- (d) antítese, já que, no segundo quadrinho, há oposição entre a irritação de Cebolinha e o entusiasmo de Magali.
- (e) onomatopeia, quando a personagem Cebolinha pronuncia incorretamente a palavra "fotográfica".

245 Unesp 2014 No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas.

Segundo o contexto, a imagem como se tivesse perdido as duas pernas revela, com grande expressividade e força emocional,

- (a) sensação de estar sendo injustiçado pela torcida.
- (b) certeza de que ainda era melhor jogador que o novato.
- (c) sentimento de impotência ante a situação.
- (d) vontade de trocar o futebol por outra profissão.
- (e) receio de sofrer novas contusões e ficar incapacitado.

► Para responder às questões de **246 a 248**, leia o fragmento de um texto publicado em 1867 no semanário *Cabrião*.

São Paulo, 10 de março de 1867.

Estamos em plena quaresma.

A população paulista azafama-se a preparar-se para a lavagem geral das consciências nas águas lustrais do confissãoário e do jejum.

A cambuquira* e o bacalhau afidalgam-se no mercado.

A carne, mísera condenada pelos santos concílios, fica reduzida aos pouquíssimos dentes acatólicos da população, e desce quase a zero na pauta dos preços.

O que não sobe nem desce na escala dos fatos normais é a vilania, a usura, o egoísmo, a estatística dos crimes e o montão de fatos vergonhosos, perversos, ruins e feios que precedem todas as contrições oficiais do confessionário, e que depois delas continuam com imperturbável regularidade.

É o caso de desejar-se mais obras e menos palavras.

E se não, de que é que serve o jejum, as macerações, o arrependimento, a contrição e quejandas religiosidades?

O que é a religião sem o aperfeiçoamento moral da consciência?

O que vale a perturbação das funções gastronômicas do estômago sem consciência livre, ilustrada, honesta e virtuosa?

Seja como for, o fato é que a quaresma toma as rédeas do governo social, e tudo entristece, e tudo esfria com o exercício de seus místicos preceitos de silêncio e meditação.

De que é que vale a meditação por ofício, a meditação hipócrita e obrigada, que consiste unicamente na aparência?

Pois o que é que constitui a virtude? É a forma ou é o fundo? É a intenção do ato, ou sua feição ostensiva?

Neste sentido, aconselhamos aos bons leitores que comutem sem o menor escrúpulo os jejuns, as confissões e rezas em boas e santas ações, em esmolas aos pobres.

(Angelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. *Cabral*, 1003.1867. Adaptado.)

***Cambuquira**: iguaria constituída de brotos de abóbora gulsados, geralmente servida como acompanhamento de assados.

246 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 9 / Português - Livro 1 - Frente 1 - Capítulo 2

A cambuquira e o bacalhau afidalgam-se no mercado.

Ao empregar o verbo "afidalgar-se" (tornar-se fidalgo, enobrecer; assumir ares de fidalgo, tornar-se distinto), os autores do texto sugerem, com bom humor, que a cambuquira e o bacalhau

- (a) são muito pouco encontrados no comércio para compra.
- (b) são alimentos venerados e honrados por sua reconhecida fidalguia.
- (c) tomam-se no período produtos de grande procura e preços elevados.
- (d) não podem ser consumidos pela população plebeia.
- (e) são considerados iguarias que agradam ao imperador e à nobreza.

247 Unesp 2014 [...] *fica reduzida aos pouquíssimos dentes acatólicos da população.*

Na expressão *dentes acatólicos*, a palavra "dentes" é empregada em lugar de "pessoas", segundo uma relação semântica de

- (a) símbolo pela coisa significada. (d) causa pelo efeito.
- (b) parte pelo todo. (e) todo pela parte.
- (c) continente pelo conteúdo.

248 Unesp 2014

Veja também em:

Interpretação de texto - Livro Único - Frente Única - Capítulo 9

Pois o que é que constitui a virtude? É a forma ou é o fundo? É a intenção do ato, ou sua feição ostensiva?

Marque a alternativa cuja passagem responde à questão levantada pelos autores no trecho em destaque.

- (a) *A carne [...] desce quase a zero na pauta dos preços.*
- (b) *[...] tudo esfria com o exercício de seus místicos preceitos de silêncio e meditação.*
- (c) *A população paulista azafama-se a preparar-se para a lavagem geral das consciências [...].*
- (d) *É o caso de desejar-se mais obras e menos palavras.*
- (e) *[...] a quaresma toma as rédeas do governo social [...].*

► Leia o texto para responder à questão **249**.

POETAS E TIPÓGRAFOS

Vice-cônsul do Brasil em Barcelona em 1947, o poeta João Cabral de Melo Neto foi a um médico por causa de sua crônica dor de cabeça. Ele lhe receitou exercícios físicos, para "canalizar a tensão". João Cabral seguiu o conselho. Comprou uma prensa manual e passou a produzir à mão, domesticamente, os próprios livros e os dos amigos. E, com tal "ginástica poética", como a chamava, tomou-se essa ave rara e fascinante: um editor artesanal.

Um livro recém-lançado, "Editores Artesanais Brasileiros", de Gisela Creni, conta a história de João Cabral e de outros sonhadores que, desde os anos 50, enriqueceram a cultura brasileira a partir de seu quarto dos fundos ou de um galpão no quintal.

O editor artesanal dispõe de uma minitipografia e faz tudo: escolhe a tipologia, compõe o texto, diagrama-o, produz as ilustrações, tira provas, revisa, compra o papel e imprime – em folhas soltas, não costuradas – 100 ou 200 lindos exemplares de um livrinho que, se não fosse por ele, nunca seria publicado. Daí, distribui-os aos subscritores (amigos que se comprometeram a comprar um exemplar). O resto, dá ao autor. Os livreiros não querem nem saber.

Foi assim que nasceram, em pequenos livros, poemas de – acredite ou não – João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima e até o conto "Com o Vaqueiro Mariano" (1952), de Guimarães Rosa. E de Donne, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, Keats, Rilke, Eliot, Lorca, Cummings e outros, traduzidos por amor. João Cabral não se curou da dor de cabeça, mas vale.

(Ruy Castro. *Folha de S.Paulo*, 17/08/2013. Adaptado.)

249 Unifesp 2014 Com a frase – *tomou-se essa ave rara e fascinante* – (1.º parágrafo), o autor vale-se de uma

- (a) ironia para questionar João Cabral como editor artesanal.
- (b) hipérbole para sugerir que João Cabral melhorou após a prensa.
- (c) metonímia para atribuir uma ideia de genialidade a João Cabral.
- (d) redundância para afirmar que João Cabral poderia dispensar a prensa.
- (e) metáfora para externar uma avaliação positiva de João Cabral.

► Texto para a questão 244.

Capítulo CVII

BILHETE

"Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela."

Capítulo CVIII

QUE SE NÃO ENTENDE

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

244 Fuvest 2015 Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- (a) Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- (b) Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
- (c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- (d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- (e) Eufemismo: palavra, locução ou aceção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

► A questão 241 toma por base uma crônica de Luís Fernando Veríssimo.

A INVASÃO

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibemética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibemética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(O Estado de S.Paulo, 31.05.2015.)

241 Unesp 2016 Em "falta lombada" (2^o parágrafo), o cronista se utiliza, estilisticamente, de uma figura de linguagem que

- (a) representa uma imagem exagerada do que se quer exprimir.
- (b) se baseia numa analogia ou semelhança.
- (c) emprega a palavra que indica a parte pelo todo.
- (d) emprega a palavra que indica o todo pela parte.
- (e) se baseia na simultaneidade de impressões sensoriais.

► Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder às questões de 242 e 243.

○ TABULEIRO DE XADREZ PERSA

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado "Morte ao rei" é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro *dessa quantia* no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64^o quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10¹⁸. Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptada.)

242 Unifesp 2016 No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- (a) "O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós." (4^o parágrafo)
- (b) "Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?" (4^o parágrafo)
- (c) "Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu." (1^o parágrafo)
- (d) "Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga." (1^o parágrafo)
- (e) "Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras." (3^o parágrafo)

243 Unifesp 2016 O eufemismo (do grego *euphemismós*, que significava "emprego de uma palavra favorável no lugar de uma de mau augúrio", vocábulo formado de *eu*, "bem" + *femi*, "dizer, falar", designando, pois, "o ato de falar de uma maneira agradável") é a figura de retórica em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptada.)

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte trecho:

- (a) "se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*" (4^o parágrafo).
- (b) "O número de grãos começa bem pequeno" (3^o parágrafo).
- (c) "pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado" (2^o parágrafo).
- (d) "De qualquer forma, aconteceu há muito tempo" (1^o parágrafo).
- (e) "admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro" (2^o parágrafo).

► Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder à questão **244**.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: "Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida."

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

244 Unifesp 2016 Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- (a) "mas não servia ao pai, servia a ela,"
- (b) "passava, contentando-se com vê-la,"
- (c) "para tão longo amor tão curta a vida,"
- (d) "porém o pai, usando de cautela,"
- (e) "lhe fora assi negada a sua pastora,"

► Leia o excerto da crônica "Mineirinho" de Clarice Lispector (1925--1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder a questão 245.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traçar sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu". Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matará. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salva. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

¹facinora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

245 Unifesp 2016 A gradação presente no terceiro parágrafo tem a função de

- (a) justificar a necessidade da violência policial.
- (b) ressaltar a desproporção da ação policial.
- (c) enfatizar a legitimidade da justiça humana.
- (d) realçar o caráter vingativo da justiça divina.
- (e) ironizar o mandamento "Não matarás".

► Texto para a questão 224.

CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento;

— era o que dizia, e era verdade.

- 5 *Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse*
- 10 *crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, — coitadinha, — trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, — breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de*
- 15 *uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, — uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, — vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo*
- 20 *mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.*

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

224 Fuvest 2017 Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- (a) metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- (b) hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- (c) alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- (d) sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- (e) prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).

225 Unicamp 2017 Em depoimento, Paulo Freire fala da necessidade de uma tarefa educativa: "trabalhar no sentido de ajudar os homens e as mulheres brasileiras a exercer o direito de poder estar de pé no chão, cavando o chão, fazendo com que o chão produza melhor é um direito e um dever nosso. A educação é uma das chaves para abrir essas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda que eu ouvi de um educador, camponês de um grupo de Sem Terra: *pela força do nosso trabalho, pela nossa luta, cortamos o arame farpado do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, vimos que havia outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância. Então eu percebi que quanto mais inocentes, tanto melhor somos para os donos do mundo.* (...) Eu acho que essa é uma tarefa que não é só política, mas também pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isso."

(Adaptado de Roseli Salete Galdart, *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 172.)

No excerto adaptado que você leu, há menção a outros arames farpados, como "o arame da nossa ignorância". Trata-se de uma figura de linguagem para

- (a) a conquista do direito às terras e à educação que são negadas a todos os trabalhadores.
- (b) a obtenção da chave que abre as portas da educação a todos os brasileiros que não têm terras.
- (c) a promoção de uma conquista da educação que tenha como base a propriedade fundiária.
- (d) a descoberta de que a luta pela posse da terra pressupõe também a conquista da educação.

226 Unicamp 2017

CALIGRAFIA

Arte do desenho manual das letras e palavras.

Território híbrido entre os códigos verbal e visual.

A caligrafia está para a escrita como a voz está para a fala.

A cor, o comprimento e espessura das linhas, a disposição espacial, a velocidade dos traços da escrita correspondem a timbre, ritmo, tom, cadência, melodia do discurso falado.

Entonação gráfica.

Assim como a voz apresenta a efetivação física do discurso (o ar nos pulmões, a vibração das cordas vocais, os movimentos da língua), a caligrafia também está intimamente ligada ao corpo, pois carrega em si os sinais de maior força ou delicadeza, rapidez ou lentidão, brutalidade ou leveza do momento de sua feitura.

Amaldo Antunes

Adaptado de: <<https://www.amaldoantunes.com.br>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

Em "Caligrafia", o autor

- (a) estabelece uma relação de causa e efeito entre caligrafia e voz.
- (b) sugere uma relação de oposição entre caligrafia e voz.
- (c) projeta uma relação de gradação entre caligrafia e voz.
- (d) apreende uma relação de analogia entre caligrafia e voz.

► Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão **227**.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantém como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

227 Unifesp 2017 No primeiro parágrafo, o autor recorre a uma construção paradoxal em:

- (a) "condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar".
- (b) "somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra".
- (c) "timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil".
- (d) "enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisíveis".
- (e) "o fato dominante e mais rico em consequências".

► Texto para as questões de 129 a 130.

SARAPALHA

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
 — É um instantinho e passa... É só ter paciência...
 — É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de
 5 olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram prós infernos!...
 — Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
 10 — Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a bênção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
 — O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é
 15 bom variar...
 — Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
 — O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça
 20 pra ir se fugir com ele!...
 — Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
 — Prima Luísa...
 25 — Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
 — Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
 — Não é mesmo não...
 — Pois então?!
 30 — Conta o resto da estória!...
 — ..."Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio..."

Guimarães Rosa, *Sagarana*.

129 Fuvest 2018 No texto de *Sarapalha*, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- (a) "No rio ninguém não anda" (L. 10).
- (b) "só a maleita é quem sobe e desce" (L. 10-11).
- (c) "O senhor já sabe as palavras todas de cabeça" (L. 17).
- (d) "e com a viola enfeitada de fitas" (L. 19).
- (e) "ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa" (L. 32).

130 Fuvest 2018 Tendo como base o trecho "só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a bênção...", o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- (a) causador da malária.
- (b) causador da febre amarela.
- (c) transmissor da doença de Chagas.
- (d) transmissor da malária.
- (e) transmissor da febre amarela.

► Leia o trecho do livro *Bem-vindo ao deserto do real*, de Slavoj Žižek, para responder à questão 131.

Numa antiga anedota que circulava na hoje falecida República Democrática Alemã, um operário alemão consegue um emprego na Sibéria; sabendo que toda correspondência será lida pelos censores, ele combina com os amigos: "Vamos combinar um código: se uma carta estiver escrita em tinta azul, o que ela diz é verdade; se estiver escrita em tinta vermelha, tudo é mentira." Um mês depois, os amigos recebem uma carta escrita em tinta azul: "Tudo aqui é maravilhoso: as lojas vivem cheias, a comida é abundante, os apartamentos são grandes e bem aquecidos, os cinemas exibem filmes do Ocidente, há muitas garotas, sempre prontas para um programa – o único senão é que não se consegue encontrar tinta vermelha." Neste caso, a estrutura é mais refinada do que indicam as aparências: apesar de não ter como usar o código combinado para indicar que tudo o que está dito é mentira, mesmo assim ele consegue passar a mensagem. Como? Pela introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada.

(*Bem-vindo ao deserto do real*, 2003.)

131 Unesp 2018 A "introdução da referência ao código, como um de seus elementos, na própria mensagem codificada" constitui um exemplo de

- (a) pleonasma.
- (b) hipérbole.
- (c) eufemismo.
- (d) intertextualidade.
- (e) metalinguagem.

► Leia a crônica "Premonitório", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão 132.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só: o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melódico de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?"; e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma virumque cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um cademinho e anotou qualquer coisa. Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trançou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?"

Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor... " Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu salsse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

70 Histerinhas, 2016.

¹ *arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia Enéida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Enéias).

132 Unifesp 2018 *Metonímia*: figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade [vizinhança, proximidade], material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2009.

LIVRO 1

GABARITO - PORTUGUÊS – INTERPRETAÇÃO DE TEXTO FRENTE ÚNICA – CAPÍTULO 13

- 265. C
- 266. E
- 267. B
- 268. B
- 269. E
- 270. B
- 271. D
- 272. A
- 273. E
- 274. A
- 275. B
- 276. A
- 277. A
- 253. E
- 254. A
- 255. D
- 256. B
- 257. A
- 258. E
- 259. B
- 260. E
- 261. E
- 262. C
- 263. E
- 264. C
- 250. B
- 251. B
- 252. C
- 245. C
- 246. C
- 247. B
- 248. D
- 249. E
- 244. C (Fuvest 2015)

- 241. C
- 242. E
- 243. A
- 244. C (Unifesp 2016)
- 245. B (Unifesp 2016)
- 224. C
- 225. D
- 226. D
- 227. B
- 129. B
- 130. D
- 131. E
- 132. B